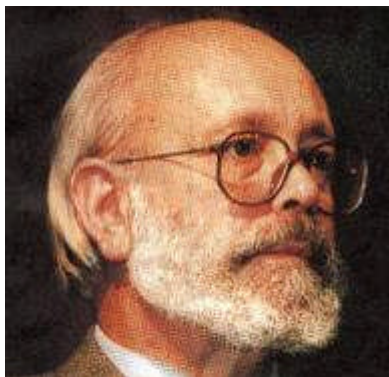


A GUERRA CIVIL

Álvaro Guerra





ÍNDICE

PRIMEIRA PARTE

1828 - 1831

Miguel Arcanjo

Histórias de família

Os ventos da Europa

O terror e os exílios

SEGUNDA PARTE

1832 - 1834

De Belle-Isle ao Porto

O cerco

O caminho de Évora-Monte

Gritos e suspiros

NOTA BIBLIOGRÁFICA

PRIMEIRA PARTE - 1828-1831

SÃO MIGUEL ARCANJO «Lembro-vos, Senhor, o signo debaixo de que nasceste - e seja este o último suspiro do meu afecto: nasceste no dia em que morreu o Rei dos Reis e Monarca Supremo do Mundo, para dar exemplo de morrer a príncipes.»

António Vieira, História do Futuro Os dois emigrantes, a bordo da escuna Le Dragon zarpando de Belém, sabem que os príncipes ainda não aprenderam o exemplo de bem morrer.

Para trás fica o passado. E nada mais para levar nos olhos que essas duas silhuetas sob a poalha da chuvinha - Rita da Silva e seu filho João. Ninguém mais arrostara com o medo dos cacetes carcundas, nem os amigos do Castelo e de Alfama, nem os companheiros, encafuados os que sobraram dos alentos trazidos pelo Belfast, em esconderijos protectores do físico ou cosidos com as sombras onde escurenta a esperança liberal. Rita da Silva e seu filho João - eis o que resta, além da espuma lambendo a beira do Tejo picado do Sudoeste pela brisa molhada, no adeus de Raimundo da Anunciação e Filipe Maldonado Villepin, malhados emigrando, neste Dezembro triste, imerso em cinzas.

Raimundo vê os píncaros dos Jerónimos furando como puas aqueles céus fechados que testemunharam mais partidas que chegadas, desde que os portugueses viraram as costas à terra onde sempre deixavam depositado o coração, na esperança de voltarem para o resgatar, à custa de sangue e de saudade. Tanto quis ver mundo, para educar os olhos noutras maravilhas que lhe guiassem a mão de artista, e afinal olha para a sua terra a fugir-lhe à popa do navio, com duas silhuetas escuras a esboçarem um adeus aflito. Não foi assim que sonhou ir ao mundo, mas aprendera há muito que só na ponta dos pincéis assestados às telas se constróem os sonhos, que os das noites são pesadelos de vida a minguar com muito de vivido, bom e mau, em todo o caso, aquém dos projectos,

como acontece a quem tem de todos os dias a ânsia da novidade e da fantasia.

Filipe tem os olhos secos e mais pretos que de seu natural, a boca cerrada, as mãos fincadas no rebordo da amurada, os caracóis dos cabelos loiros desordenados pelo vento e pela chuva. É uma estátua de revolta espessa, dura, polida por um ódio novo ao mundo velho que fica para trás. As chibatadas miguelistas que lhe traçaram vergões nos ombros, nas correrias loucas da chegada do usurpador, furiosamente celebrada pelos realistas absolutos, essas chibatadas marcaram-lhe o destino.

Filipe sabe que há-de voltar. Raimundo não.

E aí vão os dois, prosseguindo uma partilha começada há vinte anos - um, moço na flor da vida; outro, homem no Outono das ilusões.

Rita da Silva aconchega-se no xale empapado e passa pela face um lenço de chita que nada seca da chuva e do pranto. Atira uma derradeira mirada para o chumbo do horizonte, a ver as velas da escuna a reduzirem-se a pontos brancos, no rumo da barra e do nunca mais. Seu filho João puxa-a mansamente pelo braço.

- Vamos lá, minha mãe... - E, com a mão livre, trombeteia a venta e sacode o monco dos dedos grossos. Rita da Silva não interrompe o responso, pontoados de suspiros, quando vira as costas ao Tejo escuro e inimigo que lhe leva os seus.

- Os nossos... Ora, ora, minha mãe! Um padrinho e um irmão de leite que nos deixam à beira da miséria e que a senhora serviu por nada estes vinte anos...

Assim está falando o seu João, quando ela ainda revê o mestre Raimundo e o menino Filipe a acomodarem-se no escaler da escuna sacudido pelo rio picão. Que são a família deles, responde a Rita. E o filho, contrafeito e reticente, misturando entoações de tristeza e despeito:

- Pois sim... Mas abandonam-nos como criados.

A chuvinha pára e eles vão, lado a lado, chapinhando as chancas

na lama, regelados por dentro e por fora. Antes de Alcântara têm de saltar para o abrigo dum portal, para escaparem sem empeno aos tombos desarvorados duma sege puxada por uma parelha de mulas a galope, perseguida por uma matilha de rafeiros a ladrar. João da Silva desabafa pragas e maldições e a mãe persigna-se e invoca a Virgem Santíssima.

Filipe Villepin permanece à amurada, único passageiro da escuna a querer olhar a última sombra da terra a sumir-se.

Tem vinte anos e já algumas contas a acertar com o destino. Vê Raimundo coxeando, a recolher-se ao abrigo da camarata, e mantém-se firme a desafiar a intempérie.

Não olha aquele jovem apenas a saudade a afogar a terra já escondida no horizonte, no baloiço do mar que se faz grosso, levando mais uma vaga de fugitivos do despotismo acirrado pelos frades e pelos picadores do Miguel. Aos quinze anos começara a dança das furtas, escondendo o nome paterno que, por francês, o fazia suspeito, para escapar às primeiras escaramuças dos apaniguados do infante, fiéis discípulos da rainha Carlota Joaquina, na sequência da rebeldia de Vila Franca contra a Constituição.

A abrilada fora pior. A corja do Miguel ensandecera, atropelando em correrias de campinos, arruaças de fadistas, galopadas de estribeiros e moços fidalgos, à aventura, desabando fúrias sobre os pedreiros-livres, os moderados suspeitos, os liberais, em rusgas selvagens, invadindo casas e espancando quem calhava. Era uma pandilha boçal investindo como toiros sobre um maçã distraído ou um letrado com dois livros entalados no sovaco. Primeiro, tinham morto o marquês de Loulé. Depois, já nas cavalgadas entre Queluz e Lisboa, espantaram para uma nau inglesa o conde de Suberra, prenderam o Palmela, o Parati, e deram ao cacete em tudo o que se parecesse com atrevimento moderno e ideias lá de fora. Foi então que Raimundo, protegido do Suberra, para quem pintava um fresco, levou por tabela e denúncia uma sova em que participaram o José Veríssimo e o Sedevém, companheiros das montarias aos liberais chefiadas

por D. Miguel em pessoa, de pampilho entalado na sela, boné de pala, casaca verde, calção e botas altas de tacão, à toureiro. Daquilo saíra o Raimundo com uma perna quebrada e mancando para o resto da vida.

Raimundo, o pai Raimundo, como lhe chamava desde que titubeara os primeiros sons e separara dos saíões da mãe Rita os passos periclitantes... Para quem não tinha pai nem mãe foi o destino pródigo em providenciar um afecto tão desvelado e constante como o do pintor do bairro do Castelo, espremendo o talento nos frescos da Ajuda e nos retratos de fidalgos da melhor estirpe e fazenda que na capital haviam sobrado dos exércitos que espadeiravam os franceses de Massena e Soult, esses companheiros do capitão Villepin varado por uma bala inglesa na batalha do Vimeiro, de quem Filipe usara o nome, entremeado de Mældonado, que era o apelido da mãe infeliz que morrera do parto e do desgosto.

Quem o visse, fincado à amurada da escuna Le Dragon, veria nele uma expressão de rebeldia e tristeza. Mas por baixo desses sentimentos esconde-se o amor que fica em terra, a resgatar, ainda que seja preciso mudar o mundo inteiro. É que o amor e o ódio são os gémeos mais parecidos que se acoitam na alma humana, aguilhoam por igual e igual calor espalham no sangue esquentado por destinos vários.

Na alma de Filipe não há desesperança que os apague.

Rita da Silva puxa pela corrente da sineta da porta de serviço da mansão dos senhores Almeidas, buscando na ombreira protecção para a chuva que recomeçou.

Repontara o seu João quando ela tomara o caminho da Lapa, separando-se ele, que ia em demanda da tasca de Alfama onde passa o mais do tempo em jogos de cartas entremeados com púcaros de vinho. Que ainda lhe haviam de dar muitos trabalhos aqueles recadinhos de alcoviteira - dissera. A mãe ofendera-se - que não se desgraçasse ele nalguma briga de taberna. Com modos de amuo, viraram-se as costas, cada um para seu lado.

Entreabre-se a porta, a mostrar a senhora Francisca cozinheira, de coifa e avental muito alvos, xale cruzado por cima dos vastos peitos. Que entre Ti Rita, que está toda ensopadinha. E demandam a cozinha imensa onde a Rita sempre imagina albergue para família numerosa, com seus tanques de pedra, a grande mesa de mármore, a chaminé que sobe em cone, quase cúpula de igreja, os cobres muito acendrados a brilharem nas paredes caiadas onde se cruzam as sombras dos ferros dos janelões rectangulares. O criado resmunga as boas tardes, sentado num banco a engraxar as botas altas do patrão, e a Maria, uma moçoila que ri por nada, criada de quartos, guincha-lhe simpatias despropositadas, pega nas asas da braseira com os carvões bem ateados e, delambida, abalando para os aposentos dos amos, desboca-se:

- Desculpe, Ti Rita, mas está na hora de ir aquecer os cuses das minhas senhoras.

- Mais respeito, minha alevantada! - censura a Francisca. - Uma xícara de café, Ti Rita... E deixe cá ver esse xale para secar aqui ao pé do fogo, que vossemecê ainda me apanha algum sopro de peitorreira, a andar assim à chuva.

- Lá foram, enfim... - suspira a Rita. - Venho agora de Belém onde fui despedi-los.

A Francisca não se mostra compungida.

- Que Deus os ajude, que hão-de precisar - diz, de repelão, juntando uma censura. - Quem os mandou andar abandonados com os hereges que querem mal ao senhor D. Miguel, que é um santinho dos pobres, devoto e defensor da santa religião?!

- E valente como só ele - acrescenta o criado, que, dando as botas por prontas, se retira com elas pela porta da copa. - Se o vissem picar um touro como eu vi...

Só então Rita da Silva extrai da algibeira do avental um sobrescrito amarrotado. Passa-o para a mão da Francisca, que logo o faz desaparecer pela gola do vestido. Nenhum cuidado é de mais, que vão por

aquela casa tratos e choros por via da teima da menina Margarida; falam em metê-la em convento, se não deixar a cisma pelo Filipe e não casar com o primo.

- Uma menina de tantas prendas, perder-se assim,- e a cozinheira funga na ponta do lenço o sentimento do drama adivinhado.

Logo choramingam ambas a desgraça, uma encarecendo as virtudes do moço, a outra as da menina. Tudo por causa dos Anticristo com quem mestre Raimundo andou conspirando. Que não, criatura, protesta a Rita, que mestre Raimundo está inocente e foi tudo por causa das invejas de artistas do mesmo ofício e do nome francês do Filipe. Mas que não deixe a Ti Francisca de entregar a cartinha à menina. Que há-de ser de despedida, está claro.

Estão nos adeus, chega a ama das chaves, escanifrada, mandona e adamada, boas tardes por cima da burra e que os senhores querem a ceia mais cedo, que vão de viagem muito de manhã.

Rita da Silva traça o xale húmido no peito, ajeita o lenço no alto das grenhas. E até depois, Ti Francisca, minha senhora...

Um arreeiro com fama de ter justiciado uma das mulas malhadas da carruagem de D. Miguel quando do acidente da estrada de Queluz, há pouco mais de um mês, pega na banza do Chico Faria, fadista de pergaminhos no bairro de Alfama, pica o corrido e desata a cantiga:

«Venha cá senhor malhado Meta a mão nesta gaveta Diga - Viva D. Miguel!

Senão quebro-lhe a corneta.»

Gargalha, alvar, a companhia, e João da Silva atreve os verdes anos na galhofa avinhada com outro arremedilho: «D. Miguel é bonito É bonito e bem feito Quebrou uma perna Ficou sem defeito.» Na rodada das tigelas de tinto há zombarias ao moço João por se ter visto livre daqueles malhados como as mulas malvadas, com quem vivia e agora fogem por esse mar fora, lá para a terra dos hereges e dos jacobinos onde se reza ao Diabo, estão mancos os tronos e as mulheres vão aos botequins.

João entontece a moína nos vapores do vinho e dos descantes, a esquecer um remordimento que, apesar de tudo, o aguilhoa e vem das lembranças de vinte anos de vida sob o tecto dos exilados. Olha à sua volta e, naquela choldra de moínantes, não distingue um capaz de juntar duas letras. Puxara-o para aquelas antecâmaras das cavalariças o despeito das luzes que Raimundo lhe porporcionara mas se lhe não mostravam prestadias, a ele, filho de ama e criada, pai incógnito, ao rebolo dos favores de quem pagava, vestia alfenim e dizia mal-educado em vez de cavalgadura. E, no entanto, crescera como irmão do Filipe, mesmas sopas e trato, mesmos mestres. Mas ainda antes da puberdade percebera como aquele mano postiço, que mamara na mãe Rita o mesmo leite, lhe passava o pé na esperteza e doutorice de letrado com pretensões de fidalgo. Mestre Raimundo dava privilégio ao Filipe, de quem se arvorava pai, deixando-lhe a ele a graça de afilhado. Mas sempre se sentara à mesma mesa, comera o mesmo pão, recebera os mesmos cuidados nas maleitas de criança e os mesmos bonitos do irmão de leite.

Por isto e mais, respinga uma espécie de remorso, fazendo coro com as ameaças dos cocheiros, dos fadistas, dos criados, dos faquistas, contra os inimigos de el-rei D. Miguel, protector de todos, desde o balcão da taberna ao altar da igreja, São Miguel Arcanjo empunhando a lança de São Jorge para picar os doutores das ideias de fora. Digam lá o que disserem, o Filipe é filho dum oficial da tropa do Junot, irmão espúreo de que é preciso afogar as saudades e aquele sentimento de abandono que o assusta, ao ver a casa de todos os dias vazia de protecção.

Emborca a vinhaça da tigela - é sangue de Cristo. E, com boa garganta arranhada pelo fel das incertezas, arranca dentro do tom:

«Os malhados já estão presos Com sentinelas à vista A dizerem uns aos outros:

Oh! Quem fora realista!”

E o Chico, mais tenor, a completar:

«O rei chegou, o rei chegou!

E em Belém desembarcou;

Na Barra não entrou, C'o papel o cu limpou!» Nenhum deles fazia a menor ideia do que dizia o «papel», mas todos estavam certos de que essa tal Constituição era obra do Diabo, dos franceses e do Pedro brasileiro.

Vem a criada espevitar o pavio do velador e a mecha do candeeiro de Argand, sem pressa, como se desfrutasse a interrupção que provocou na conversa dos patrões. José de Almeida está muito direito na cadeira império, mãos abertas para o calor da braseira saindo das rendas dos punhos a sobrem da casaca cinzenta. Leonor amarfanha nos dedos brancos, sobre o regaço, um lenço de cambraia humedecido pelas lágrimas.

Quando a criada sai, rompem a pausa breve com palavras simultâneas, de sentido diferente, que logo calam, olhando-se, inseguros, perplexos. José afaga as vastas suíças, salpicadas de brancas, que lhe emolduram o carão atravessado pela cicatriz ganha nas guerrilhas contra a tropa do Junot. É um gesto de impaciência e de complacência - que sim, que passado o Natal se há-de ver. Leonor põe muita esperança naquele ténue amolecimento do marido, e insiste - que a companhia das primas do Gradil fará muito bem a Margarida. E a eles também, que Lisboa é aquele tûmulo de convenções, onde só se respira uma lufada de ar no caminho entre a casa e a igreja, aos domingos e dias santos. Logo se arrepende daquela ousadia, pois José reage desabridamente, perguntando-lhe se ela inveja o deboche das cortesãs de Paris ou, para não ir tão longe, os saraus heréticos da marquesa de Alorna. - Depois do Natal, se a nossa filha persistir na desobediência de recusar o casamento com o primo Mendonça, espera-a o convento - conclui.

Calam-se, face a face, tudo dito. O coronel José de Almeida escarafuncha na caixa do rapé, funga uma pitada nas costas damão. Leonor recomeça a enrolar nos dedos o lenço de cambraia, olhando pensativa os carvões da braseira. O serão está acabado, as penas não.

Longa será a noite de Margarida, relendo uma vez mais, à luz da

vela do castiçal, à cabeceira, a letra direita de Filipe Maldonado Villepin - «...e se o teu coração puder suportar a espera, derrotarei todas as hidras da reacção, todos os poderes absolutos e, por cima dos destroços do mundo de preconceitos em que nascemos, virei libertar-te.» Freme Margarida, jurando às sombras da noite encerradas no seu quarto fidelidade eterna àquela paixão.

Se o vento ajudar, uns onze dias... Se não... Palpite de viajante forçado, repetindo a informação do capitão da escuna Lê Dragon, em previsões de jornada até ao Havre - Raimundo amarelento, sofrendo um enjoo de virar as tripas só de olhar os nacos de carne salgada e a salada de batata da ceia, entontecido pelo embalo das ondas, sentindo ranger o esqueleto do navio a que, muito justamente, chamam cavername. E dizem-lhe que, para tempo de Inverno, até está de bonança. Pode ser que sim, mas o baloiço e o friacho intenso, húmido, salgado por aquela poalha que sobe das águas a misturar-se com a que cai do céu enovelado de cinzento, estão a derrancar-lhe o resto do moral.

Filipe, pelo contrário, parece marinheiro experimentado. Conforta o companheiro e encoraja-o a vir cá para fora, arejar, para aproveitar uma aberta, que é coisa rara em frente da Galiza, uma mancha escura a barrar o horizonte. Sentam-se ambos nas escadas do castelo da popa e Raimundo acha-se mais animado pela brisa regelada. Remói um lamento:

- Quem haveria de prever que a pátria nos haveria de expulsar assim... Para ti talvez seja o futuro, já que demandamos o asilo da terra de teu pai. Quem sabe...

Filipe volta, uma vez mais, a cabeça para as bandas da terra que a noite engoliu.

- Deixo além o coração...

E revê alguns lances da sua vida, curta mas passional - talvez arremede à mãe nesse destino esboçado, pensa ele, recordando o que mestre Raimundo revelara, à beira daquela campa do cemitério de Mafra, junto à Igreja de Santo André, que visitara pela primeira vez aos treze

anos, uma laje onde o canteiro gravara umas letras grosseiras: «Mariana Maldonado Villepin, 1785-1808». A vida, paixão e morte de seus pais conhecera-as em episódios que Raimundo da Anunciação lhe contara, mais explícitos à medida que ele crescia. Se o entendimento lhe dava acesso às coisas misteriosas dos corações despedaçados. Era a história dum amor breve, tumultuoso, fulminante e fatal dum capitão de dragões do exército de Junot e duma burgue-sinha éclairée, à sombra esmagadora dum palácio-convento erguido à beira do quase nada.

Imaginara lances do drama, interrogando pedras e lugares, quando lá tinham voltado mais tarde, cinco anos depois, durante uns poucos dias de Primavera. Na realidade, refugiavam-se das primeiras ameaças semeadas contra os liberais, quando da morte de D. João VI, que muitos diziam ter sido envenenado com a merenda de Belém. Não viera ainda do Brasil aquele grande sopro de esperança, defendida pela espada do general Saldanha - mais ilusões desfeitas pela chegada de D. Miguel arvorado em rei. Haviam peregrinado pelas ruas daquele punhado de casas, detendo-se à porta dos Maldonados, onde Filipe nascera quando a mãe lhe morria, de outros donos agora, depois que o tio Manuel Maldonado largara amarras para o Brasil, no ano de 1809, com uma certa Juliana da Ericeira, viúva dum capitão da Armada. Ao lado, a estalagem do Pipa virara residência de lavrador. Raimundo verificara com nostalgia o estado de abandono dos jardins do palácio dos marqueses de Ponte de Lima, lugar de debates amorosos com uma madame Juliette, partenitente das bagagens dum coronel de infantaria de linha do famigerado Exército de Observação da Gironda. No convento buscaram um frei Martinho, amigo de Raimundo, que baptizara Filipe e João com a mesma água benta. Descobriram-no cego e esclerosado, misturando o certo e o inventado, enquanto desfiava com os dedos nodosos as camáldulas de ébano e marfim. Identificando Raimundo pela voz, atirou-lhe uma chufa brejeira sobre os favores da francesa, confundindo o ontem com o hoje. E deixou cair duas lágrimas e um resmoneio melado quando Raimundo disse ter ali

a seu lado um moço de dezoito anos, filho daquela infeliz Mariana do largo da Estalagem e do francês morto no Vimeiro. Talvez frei Martinho entrevisse, nos fundos da sua cegueira, o cadáver da mãe que encomendara a Deus e o pimpolho a quem servira o sal e fizera cristão. Não se percebeu mais que isto, por ter o monge caído em muda prostração com o peso destas recordações que mais o separavam do mundo.

Tosse o Raimundo da Anunciação, covo e aos arrancos, denunciando os efeitos daquelas humidades marinhas inimigas dos brônquios esforçados por maus tabacos. Por isso dá mecha a um cigarro, a provocá-los. Aquela chateza oceânica, prenhe de perigos escondidos no cinzento do céu e na prata baça da água, onde a quilha da escuna deixa um rasto espumante de ameaças ultrapassadas, não lhe está inspirando tela. Se vai meditabundo é por via do balanço que dá à vida, à sua e à do rapaz cuja paixão por Margarida de Almeida fora a gota de água que os transbordava para fora do reino.

Era inchar de mais a realidade apelidá-los de mações, pedreiros-livres, hereges e outros epítetos que lhes valeram tapona rija e talvez os tivessem condenado a coisas piores. Que a razão e as leituras sempre o inspiram a viver de olhos abertos para as ideias novas que propõem mudanças, lá isso é verdade. Que nas suas relações havia membros notórios da Loja Regeneração e, entre os clientes, vultos destacados da Maçonaria, também não desmente. Mas daí até o acossarem como delegado dos infernos conspirando para incendiar o trono e o altar ia a sua distância. Não pintara ele com muito empenho, respeito e rigor vários retábulos para as capelas da nobreza? Últimas ceias, ascensões, descidas da cruz, milagres bíblicos contavam-se, numerosos, na obra que lhe deu alguma fama de bom artista e atestavam a sua reverência à religião. Não terá sido alguma ousadia alegórica num painel de ninfas mui pouco vestidas, que pintara numa mansão à Estrela, coisa bastante para lhe criar outra fama, a de malhado. Seria por causa duma samaritana de peito mais bojudo que o pote que levava à fonte de Jacob? É certo que

pintara nua a Juliette do coronel, em Mafra, nos seus verdes anos, mas essa obra que lhe deixara tantas saudades, não só artísticas, vogara para França a bordo das naus que haviam levado o saque do Junot e não podia confirmar os rumores circulados pelos integristas saloios, ia para vinte anos.

Raimundo ruma as suas nostalgias e conclui que está instintivamente a responsabilizar pelo exílio aquele filho adoptivo, ali a seu lado, com os olhos da paixão a afogarem-se nas ondas. Metendo a mão na consciência, sem rodeios, não lhe custa encontrar a raiva aos absolutistas, feros inimigos do progresso e dessa luz fracamente bruxuleante que sempre anda a iluminar-lhe o túnel da vida e para a qual não encontra nome melhor que o de liberdade. Por ela estão pensando também alguns amigos nas prisões miguelistas.

Chupando uma baforada no cigarro a sumir-se ateado pela brisa, considera que a paixão vale a pena daquela aventura, se houver esperança de endireitar um destino, onde quer que ele tenha lugar. Não soubera ele, por experiência própria, que tudo se pode desprezar, a começar pela própria vida, quando chega um amor capaz de enfrentar todas as armadilhas deste mundo?

Fora-lhe a sina madastra, naquela vila de Mafra da sua juventude, de onde saíra com os fumos da tragédia que lhe botaram luto para o resto da vida e fizeram dele um eremita dentro da cidade, trajando de preto, que era como a sua alma se vestira. Como mudara aquele jovem Raimundo com reputação de mestre em damas e pinturas, por igual, subtil no atrevimento e naturalmente elegante na corte a saias que estivessem ao alcance da sua condição e mais acima!

Que não cisme naquele amor que ficou em terra, diz Raimundo a Filipe, vendo-o devaneando em sonhos e recordações. Há que preparar o futuro, que é o único modo de temperar a esperança.

- Em má hora aceitei aquela encomenda de D. José de Almeida, que havia de revelar aos teus olhos a beleza proibida da filha - desabafa o

pintor.

- Não diga isso, pai Raimundo, que de tudo quanto lhe devo na vida é o que nunca poderei pagar-lhe - responde o moço de olhos brilhantes, contendo as lágrimas.

- Não me debes nada, homem - diz Raimundo, chegando à cara o canhão da manga do gibão preto, para esconder a emoção e o embaraço de, pela primeira vez, lhe chamar homem em lugar de filho.

Ouvira o João chegar mais tarde, aos tropeços nas mobílias mancas pela devassa miguelista de semanas antes, quando desembocara das sombras da noite uma tropa de cocheiros e moinantes, escaqueirando os tarecos e sovando os lombos do Filipe a quem chamavam liberal, Anticristo e nomes que a Rita não repete, por mais difíceis e vernáculos. Agora, está a mirar o filho de borco sobre o catre, uma bota calçada, outra descalça, meio vestido, caindo-lhe do ronco uma baba pegajosa e o hálito de mau vinho que alcança abafar o cheiro rançoso do suor destilado debaixo das mantas. Resmoneia, a acordar o madraço, que não tarda nada perde o emprego e o ofício que o padrinho lhe arranjou e que pratica irregularmente na Typographia Fernandina das Portas de Santo Antão. O rapaz abre um olho, solta uns grunhidos e passa pela testa pesada a mão com dois dedos escalavrados.

- Que foi isso?

- O quê? Os dedos? - volve o moço, com a voz pastosa, estremunhado. - Entalei-os nas toeiras da viola.

E ela:

- Que tal era a brezunda!

Com um suspiro arrancado às profundas do peito, Rita da Silva vai à lida da casa, com pouca esperança de ter tirado o filho para fora da enxerga. Que vai ser deles? Raimundo deixou-lhe metade das moedas poucas que possuía e aquela casita do bairro do Castelo. Mas a sua generosidade não dará para as sopas de muitos meses, se o galdério do João virar costas ao trabalho.

A Rita tem agora, na concha das mãos, uma tigela de café a fumer, o qual sorve devagarinho a pensar nas voltas da vida, quando lhe entra pela cozinha o matulão do rapaz a alisar a cabeleira com as mãos húmidas da água com que mal chapinhou a cara. Bate os pés no soalho a espantar o frio e, antes que a mãe o recrimine pelo atraso na demanda do emprego, joga-lhe uma decisão inabalável:

- Minha mãe, vou para soldado...

Rita da Silva, a tremer, poisa a malga do café na mesa de pedra e, muito pálida:

- Para soldado?...

Que sim, por certeza de vida folgada, comer e vestir, autoridade e moedas para quem souber governar-se.

- Como sei ler e escrever - acrescenta -, daqui a um ano estou furriel e daqui a dois ou três sargento.

Quem lhe meteu aquilo na cabeça? Que foi o Pinto, cabo dos lanceiros da Ajuda, onde haveria de ir alistar-se nessa tarde.

A mãe fica muda e queda, a engolir a mágoa com o café e as palavras com que não quer reconhecer que também o filho a abandona, naquela curva do destino, vislumbrando lá para trás uma courela nos aforas de Mafra, de onde os irmãos a enxotaram quando, há vinte anos, deu o mau passo que o tempo transformou naquele homem especado à frente do seu desgosto - o filho João Silva.

Pedro de Almeida recebe o irmão ao portão da Quinta do Gradil, com muito agasalho, num fim de tarde de céu azul e frio de rachar. Não o via desde que fora a Lisboa à chegada de D. Miguel, em Fevereiro, mais por curiosidade que por empenhamento político. Voltara a Lisboa no Verão, mas nessa altura andava o mano a cascar nos liberais do Belfast, incorporado na cavalaria do general Póvoas, enxotando para o mar o Palmela, o Saldanha e quejandos e para a Galiza o peixe miúdo.

José espeta o dedo na barriga do irmão mais novo a significar-lhe aquilo que ele muito bem sabe, que não pára de engordar.

Que por aí se vê como a lavoura vai próspera, diz-lhe.

- Lá isso... - concorda Pedro. - Sou bem melhor no campo dos trigos que no das batalhas.

E vão subindo as escadas de pedra da mansão, no cimo das quais já pairam as três filhas de Pedro com a prima Margarida, e se abraçam Leonor e Bernardina, que esmaga a cunhada no torno dos braços possantes e a entala contra o vasto peito de rústica, incólume a três partos e dezanove anos de casamento. Há lamentações pela ausência de António de Almeida, o irmão mais velho de Margarida, que está na guarnição do Porto, capitão de artilharia. Pedro despede o mano para os aposentos, que vá preparar-se, pois está a arrefecer a água quente que lá mandou pôr numa celha, enquanto ele espera na sala, à beira dum fogo de azinho que mofa do Macho. E as senhoras o mesmo, que não tardem, porque está aí um peito de vitela a assar, à espera dessas fomes que a viagem há-de ter espevitado.

Posto isto, instala-se junto do tão gabado fogo da lareira, fazendo horas a ler O Realista Portuense que o irmão trouxe na bagagem e que do Norte lhe mandou o filho artilheiro. A data - 29 de Novembro de 1828 - acusa umas três semanas de idade naquelas notícias que são, quase exclusivamente, de cerimónias religiosas, preces, Te Deum e missas pelo restabelecimento de S. M. El-Rei Nosso Senhor D. Miguel I, que, aquando daquela publicação, ainda tinha por soldar a perna quebrada. A destoar das manifestações sacras, umas linhas dão-lhe conta de que até num teatro do Porto o entusiasmo realista «se desenvolveu a ponto tal que não nos he possível descrevello. Cantando-se por differentes vezes o Hymno Real, apparecendo a Regia Effigie de S. M. F. D. Miguel I, e levantando o Exc. Conde de S. Lourenço os vivas aos caros objectos de seus corações.» Tirante isto, que o fez bocejar, o que mais despertou a atenção e o interesse de Pedro de Almeida foi uma local de Cádiz, datada de 27 de Setembro, que informava: «Morreu com 104 annos e 10 mezes de idade em Porto Real, provincia de Cadiz, Maria Mestre, viúva natural de Barcelona;

dez meses antes ainda ia à missa, do que a privou uma queda.» Por aqui se vê não correr o lavrador do Gradil às cavalhadas da política, que assim designa as incidências da disputa do trono que dividem o País e as famílias.

Mais tarde, triturado o repasto largo e empanzinante, amolecem as senhoras, as de visita das fadigas da jornada e as anfitriãs da lambarice que lhes está tornando os corpetes demasiado justos e pesados os estômagos nas voltas da digestão. E os bocejos e enfartamentos adiam para amanhã as conversas, mesmo as mais urgentes.

Só Margarida, muito pálida, escapou aos efeitos do festim para que contribuiu muito modestamente; suspira levemente e em silêncio, bela como um pagem renascentista, tossindo amiúde por via dum resfriado que se agravou na viagem. Retiram-se todas, D. Bernardina demandando a sua botica privada, em busca do xarope de alcaçus para a sobrinha tomar à deita.

Pedro e o irmão mais velho atardam-se um bocado palestrando, à boca da lareira. José desafoja diatribes sobre os constitucionais, com particular verrina ao «traidor Palmela», mas transbordando confiança na derrota definitiva da pedreirada evaporada na Galiza e com o Belfast rombo, acostado ao cais de Plymouth.

- O senhor D. Miguel, que Deus guarde, está firmemente chumbado ao trono.

- Antes isso - murmura o irmão, por desfastio. E encadeia o relato da excelente colheita e do número de pipas de vinho arrecadadas este ano e os moios de trigo que tenciona arrotear no próximo.

Sempre assim foi. Nos quarenta e tantos anos de vida que levam, sempre falaram linguagens diferentes - o Pedro lavrador, capitão de dragões à força no tempo dos franceses, por parecer mal outro destino, o José pegado de estaca ao trono e ao altar, a quem empresta braço forte e valoroso, desde o tempo das guerrilhas do Tua contra o maneta Loison, passando pela glória do Bussaco e das Linhas de Torres, até às

escaramuças dos anos 20 contra os liberais.

- Sabe o mano que sua majestade me fez cavaleiro da Ordem de São Miguel da Ala?

- Antes assim - repete Pedro, no quilo, cruzando as manâpulas no bojo do estômago.

Mas estão para vir temas de mais melindre, que ambos esperam e adiam. É José quem rompe hostilidades, espetando o queixo para o quadro colgado por cima da lareira, o qual representa o irmão fardado de capitão da Cavalaria Real.

- Foi o tal bigorrilha que pintou essa coisa, não foi? - atira com desprezo. - O mano já deve ter notícia que o afilhado desse borra-tintas malhado teve artes de dar a volta à cabeça da minha Margarida.

- A Bernardina falou-me... Por alto. Parece que recebeu uma carta de sua mulher.

- Pois felizmente lá foram barra fora, cagados de medo, numa escuna francesa, esses dois malhados de má morte! E levaram que contar, que antes de se porem a mexer os mandei sovar pelos criados. A moça, não sei se reparou, anda a arremedar a Maria Madalena.

Diz que antes quer o convento que casar com o filho do nosso primo Ayres de Mendonça para quem está destinada. Há-de passar-Lhe a tineta!

- Antes assim, está bem de ver - replica o irmão. - Esse rapaz que me pintou o retrato, um tal Raimundo, sempre me pareceu atilado e esperto, e mereceu a confiança dos nossos pais que Deus tenha em descanso.

Esbraveja o José:

- Pois em má hora mo recomendou para pintar o retrato de Margarida.

- Quem pudera adivinhar - conforma-se o outro. - E o moço, o tal afilhado, quem é ele?

- Nasceu ali em Mafra - esclarece José. - Filho duma perda de

casa duns Maldonados e dum francês do Maneta.

- Agora me lembro - diz o mano, franzindo a testa num grande esforço de memória. - Foi caso que deu brado. Ele morreu na batalha do Vimeiro, que lá o vi estendido e lhe fechei os olhos, e ela de parto, dias depois. Tinham casado na Basílica, com o padre na mira das pistolas francesas, segundo a lenda, há uns bons vinte anos. Como o tempo passa, mano José, como o tempo passa...

Desce outro silêncio sobre o desencontro daquelas duas almas. Mas, se Pedro está absorto nas recordações e com uma fimbria de sono a pesar-lhe nas pálpebras, José está de nervo e irritadiço, por causa daquele pasmo, e vai-se ao sossego do irmão sem meter por atalhos.

- E notícias do nosso mano renegado? Tem-nas recebido? Com tanta amnistia e perdão desperdiçados, lá continua aferrado à França, a conspirar com os mações nossos inimigos! Não tem remédio.

- Notícias poucas - balbucia Pedro. - Lá lhe vou mandando a terça dos rendimentos.

- As nossas moedas a financiarem os Anticristo! E ainda lhe respeitamos o morgadio!

- A terça, mano, só a terça... E isso dos Anticristo... Não será tanto assim, mano José, que tenho por seguras informações de que nosso irmão e a família vão pontualmente à missa dominical em Saint-Sulpice, que também consta que as dizem numerosas lá na França do rei Carlos X.

Sem darem por concluídos estes graves assuntos de família, despedem-se e recolhem aos quartos, onde os espera um sono reparador e o cantarolar dos pardais à alvorada, fazendo naturalmente mais efeito às visitas de Lisboa que aos anfitriões, já impermeáveis ao bucolismo quotidiano.

O Sr. Jácome Fernandes, proprietário e mestre da Typographia Fernandina, aturou mais uma ausência e dois atrasos do aprendiz João da Silva, desde aquele dia em que ele entalara os dedos nas toeiras da viola. E isto pela consideração que dedicava ao pintor Raimundo da Anunciação,

padrinho do madraço. Mas, nas vésperas de Natal, ao vê-lo cruzar às onze da manhã, pimpão e com cara de noite em branco, a entrada da oficina das Portas de Santo Antão, cortou-lhe o passo e comunicou-lhe sem cerimónias que fosse concluir a aprendizagem para o olho da rua. Bastavam-lhe as contrariedades de ver interditas pela Real Mesa Censória duas obras encomendadas pelo livreiro Francisco Rolland, já com a composição a meio, e ter atrasada a entrega do catálogo à Viúva Bertrand & Filhos.

- Muito se rala vossemecê com essa corja da pedreira - comentou o João, virando as costas e deixando o Sr. Jácome Fernandes ainda mais perplexo com a dúvida que trazia consigo há uns bons vinte anos: se os livreiros eram perseguidos por serem franceses ou por editarem livros.

Quer isto dizer que João da Silva não cumprira ainda aquela decisão tão bruscamente anunciada de ir alistar-se nos Lanceiros da Ajuda. Agora, empurrado pela severidade radical do proprietário e mestre da Typographia Fernandina, mete pés ao caminho do primeiro quartel, a assobiar «O rei chegou».

À ceia, remexendo com a colher o caldo de couves, informa a mãe que só veio para arrebanhar a trouxa dos pertences, já é soldado, alistou-se nessa tarde, na Infantaria, porque a pé não se cai de tão alto - acrescenta com um trejeito de humor azedo, perante a aflição da Rita a adivinhar a solidão do futuro.

Do caldo à tasca do Zé Redondo é um salto, feito mais curto pela ânsia de desabafar, nem que seja junto de piteiros trescalando a vinhos duvidosos.

A matula molha a entrada do João na carreira das armas, com ditos pesados e o objectivo comum de incitar o moço a correr malhados à ponta da espada. Gafado pela companhia, João da Silva bolsa um acervo de suspeitas sobre o homem da Typographia Fernandina, onde se fabricam

aqueles livros que dão volta à cachimónia dos pedantes e espalham ideias¹ liberais. Alguém acrescenta que certamente lá se reúne alguma dessas lojas com um mestre no cadeirão,

os irmãos com os trastes de pedreiros e os aprendizes de olhos vendados, todos a rezarem ao Diabo. Logo outro sugere uma expedição punitiva, a meio duma rodada despejada pelo Zé Redondo, na qual se afoga a urgência dos desígnios justiceiros, adiados para quando lhes picar a mosca de outra inspiração ou lhes chegar recado do Sedevém, do Teles Jordão ou até de mensageiros do apostólico conde de Basto, Intendente da Polícia.

A escuna Le Dragon, tendo a bordo Raimundo da Anunciação e Filipe Villepin, consegue enfim atracar ao cais da alfândega do porto do Havre, após pairar dia e meio ao largo, batida pela borrasca que a impedia de manobrar, na tarde de 19 de Dezembro de 1828. Foram essas as horas mais penosas da viagem do pintor, que se desfez então do resto da bília e de outros líquidos não identificados, em arrancos que pareciam a ponto de lhe virar as entranhas do avesso. Pisando terra firme ao cabo de duas semanas de tortura, dá graças a Deus e jura que, se um dia regressar a Portugal, há-de ser por terra e mesmo a pé, se preciso for. Esta disposição, confirmada pela extrema amarelidão do rosto e pelos primeiros passos vacilantes no molhe do Havre, não lhe permite avaliar de imediato que está chegando a outro planeta.

Passada a alfândega, onde lhes espiolharam até os cós da roupa, quedam-se pasmados a admirar a airosa solidez do casario, enquanto os moços dos hotéis lhes disputam as bagagens. Cedem por fim ao que lhes parece menos malandro e os conduz, com mais dois que empurram um

¹ Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.

carro de mão com as malas empilhadas, através daquele turbilhão de ruas pejudadas de movimento de carros e pessoas, lojas fornidas, damas e cavalheiros a gozarem a bonança, tudo tão diferente, novo e povoado, que Raimundo, mal recuperado das vertigens e enjoos sofridos a bordo da Le Dragon, banzado, exclama:

- Ó Filipe, isto tem mais gente que Lisboa em Quinta-Feira Santa! O que fará Paris...

Logo enfiam por uma rua estreita, com matronas coifadas de panos brancos em bicos, debruçadas das janelas, num fugaz lagartar ao sol de Inverno, e moços de lenço vermelho ao pescoço, boné de pala dura, colete preto, calças afiambreadas e sapatorros ferrados, que rolam barris e alombam com caixas e fardos para dentro de vastos armazéns. Adivinha-se que o abrigo de passagem não será nenhum grande hotel, o que confirmam quando os moços de fretes empurram as bagagens para o portal estreito dum pátio, debaixo dum letreiro de latão que diz «Auberge à la Lanterne», nome justificado por um candeeiro de ferro forjado pendente dum bico de águia incrustado na parede.

Filipe, espremendo o seu francês escolar, com o modesto auxílio do Raimundo nada prático nesse exercício, consegue acertar preços que parecem exorbitantes e obter vagas informações sobre o sistema de transportes para Paris, com o precioso recurso a uma obra que o Sr. Jean Joseph Bertrand, livreiro, vendia no seu estabelecimento do Senhor Jesus da Boa Morte, em 1758, e muitos anos depois adquirida por Raimundo, quando iniciava a educação do afilhado equipando-o para ler os enciclopedistas no original, matéria pouco contemplada no programa dos Oratorianos das Necessidades. Tinha a obra um título vasto e ambicioso: Nouveau Dictionnaire des Langues Française et Portugaise, tire dès meilleurs Auteurs & des Dictionnaires de l'Academie, de Trevaux, de Feputiere, de Tachará, de Richelet, de Daner, de Boyer & C. Avec les noms des Nations, des Royaumes, des Provinces, des Villes, des Contrées, des Rivières du Monde, & les noms d'Hommes, & de Femmes, & C. Par le

Pretre Joseph Marques. Como o dicionário, útil mas de consulta pouco prática, se desdobrava em dois gordos volumes, um transportado por Filipe, o outro por Raimundo, a comunicação arrastou-se por algum tempo, um consultando palavras até ao j e o outro do j para a frente.

Após breve repouso, num quarto acanhado, com duas camas duras, Filipe deixa o companheiro amodorrado e vai em demanda da posta, a informar-se das partidas da diligência para Paris, dispensando desta vez o contrapeso do dicionário do padre Marques.

Toda a novidade que o envolve como uma vertigem, nessas praças e ruas do Havre, é vista por Filipe como num sonho em que os seus olhos fossem também os olhos de Margarida e com ela estivesse partilhando o que a vida lhes servisse no seu infinito capricho. O coração não viajou até às costas da Normandia, está ancorado em Lisboa, numa mansão da Lapa, ou onde quer que o absolutismo dos preconceitos decidisse encafiar o amor condenado. Vogando como um barco sem leme no labirinto daquelas fauces da Europa que o engolem no anonimato, sofre já das saudades, que se fundem com um sentimento de solidão temperada de angústia, uma desconfortável insegurança, uma nova pele começando já a revestir a que lhe cobre a carne, veias, músculos, ossos - a pele de estrangeiro. E nasce-Lhe simultaneamente a esperança que o nome do pai o ajude a sobreviver naquele planeta diferente, ainda que a ele aborde com o coração pulsando a milhares de léguas, muito ao sul dessa ténue esperança de se resgatar à condição de acochado pelo absoluto que os homens extorquiam ao poder de Deus.

À volta, encontra Raimundo sentado na borda do catre, chupando o fumo da pirisca. Às novidades perguntadas responde com economia e grande poder de síntese:

- Diligência para Paris só na segunda-feira, que não há lugares para amanhã e depois. Quanto ao resto... já aqui se não usam estes chapéus de bico arredondado, mas uns mais altos e de abas mais largas e direitas, tão-pouco estas botas de canhão virado por fora das calças, nem

estas casacas e coletes. As damas já têm a cintura dos vestidos onde a têm de verdade, saias menos compridas, estolas de peles e botinas atacadas. Sabe que mais, pai Raimundo? Fazemos aqui a mesma figura que faria um indígena da serra do Barroso a chegar a Lisboa de abarcas nos pés e capote de surrobeco.

Filipe exagera, mantendo frente a Raimundo a lhana superfície² das coisas, para que ele não lhe leia na cara quão pesado e sofrido se perfila um futuro de coração ausente.

Lá fora desata-se uma chuva para durar, tamborilando na vidraça da janela o ritmo daqueles nostálgicos receios.

A Missa do Galo na igreja do Gradil foi, neste ano da graça de 1828, particularmente cuidada pelo padre Casimiro, pela Confraria de São Silvestre e pelo Terço da Caridade de que é protector D. Pedro de Almeida. Moveram o pároco poderosos motivos que transvazavam as habituais solenidades da celebração do nascimento de Jesus, a saber: a perna quebrada de el-rei, a pedir preces de completo restabelecimento, e a presença na quinta dos fidalgos do ramo mais absolutista, o senhor D. José, audaz coronel realista herói da batalha de Cavez sobre o Tâmega e cavaleiro da Ordem de São Miguel da Ala. Daí que o padre Casimiro se esmerasse e tivesse mobilizado os irmãos da Confraria e os membros do Terço, pondo todos numa fona na preparação de festões e luminárias que davam foros de acontecimento ao adro e arredores da igreja. Despachou emissários a Torres Vedras a arrebanhar quantidade de grisetas, velas de cera e tigelinhas de barro com o respectivo pavio, conseguindo à última hora que o capitão-mor daquela vila lhe desencantasse uma gravura do senhor D. Miguel, em meio-corpo e muito condecorado, a qual foi

² Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.

rapidamente esquadriada entre ripas pelo carpinteiro de carros da Calçada Velha. Este elemento iconográfico foi içado sobre o portal do templo, engrinaldado de flores e alumiado por quatro lamparinas. As pequenas dimensões da gravura tornaram sua majestade irreconhecível cá de baixo, pormenor desculpável pelo elevado simbolismo da iniciativa.

A função foi, na verdade, muito brilhante, a ela concorrendo não só o povo do Gradil como o de muitas aldeias em redor, tendo os sinos da igreja repicado insistentemente, de hora a hora, desde as avé-marias até ao início da cerimónia.

José e Pedro de Almeida tomaram lugar, com as respectivas esposas, em cada um dos lados do altar, sentados em quatro cadeirões de estofos de couro pregueado trazidos do seu solar. Era profusa a decoração floral da capela-mor e, entre as colunas salomónicas da parte de Epístola, lia-se num cartaz de cartolina a palavra Fidelidade e, da parte do Evangelho, outro com a palavra Justiça, ambas traçadas em cursivo esforçado pelo punho diligente do Nicolau sacristão. Toda a cornija estava guarnecida de bambolins de papel vermelho e azul, com um pote de flores em cada apanhada.

A prática do padre Casimiro nada ficou a dever, ao menos no conteúdo, a oração de pregador régio, sublinhando a fidelidade do povo do Gradil ao senhor D. Miguel I e encarecendo-lhe as qualidades sublimes, que foram do devoto ao varonil e do justiceiro ao piedoso, para apenas citar algumas.

Margarida e as primas suportaram galhardamente, diante dos genoflexórios da primeira fila, a extensão da cerimónia e os intensos odores da cera, do incenso e dos suores e bafios do povo miguelista apinhado no templo.

No dia seguinte houve distribuição de pão, vinho e broas oferecidos pelo Terço da Caridade, ou a bem-dizer pelo seu protector, aos pobres do Gradil e arredores, piedosa acção em que participaram as senhoras Almeidas e se desenrolou no adro onde os festões periclitavam,

meio desfeitos, por os ter metralhado um aguaceiro de granizo caído de madrugada, o que também quebrou algumas lamparinas das luminárias e engelhou el-rei na gravura do capitão-mor de Torres.

Reúne-se enfim a família na sala de jantar, tendo como convidado o padre Casimiro, muito cumprimentado pelo fulgor que conferira ao cerimonial sacro da quadra e pelo fervor realista da sua prédica.

Acomodam-se todos à rija mesa de carvalho, atacando generosas virtualhas de que avultam o peru imenso, o cabrito, o lombo de porco e a doçaria farta com destaque para as trouxas-de-ovos, o arroz-doce, as broas, as filhós, a abóbora chila, e as frutas secas com as passas de diagalves em primeiro plano, tudo regado com o tinto espesso das encostas de Monte Touro, atestado com copinhos de abafado, anisete e aguardente de bagaço. O pároco e Pedro de Almeida disputam renhidamente o lugar do mais gargantão, seguidos de perto por D. Bernardina e o cunhado. Anda ali o dedo inconfundível da dona da casa e da tradição de seus pais, lavradores dos campos das Caldas da Rainha, que puderam alcandorar a filha a sólido lugar na escala social logo que sentaram à sua mesa, rústica mas farta, o vago primo Pedro de Almeida quando este andava em busca do exército de Bernardim Freire, nas vésperas dramáticas e incertas da batalha do Vimeiro. Bernardina, com umas pérolas de suor brilhando no buço aloirado, trinchando energicamente o peru recheado de castanhas, revela ter aprendido a receita «em casa dos meus ricos paizinhos que Deus tenha» e que ela mesmo embebedou o bicho com aguardente de pêra antes do criado lhe cortar a goela. A cunhada distancia-se daquelas rusticidades, considerando silenciosamente os contrastes protocolares daquele repasto com o banquete que el-rei oferecera, meses atrás, a alguns oficiais da sua confiança. Mas, se não tem o espírito naquelas boçalidades, concede o reconhecimento da excelência pantagruélica de Bernardina.

O padre Casimiro, esticando a beíça para o rebordo da xícara de loiça da China, sorve o moca perfumado e fumegante, ruidosamente.

Entremeia dois goles de café com um de anisete e, ao terceiro entremeio, ergue o copito com o resto do néctar branco e oleoso e, sacolejando a pança a fazer espaço entre ela e a mesa, levanta-se com esforço, dominando o flato com uma careta, a suster o arroto um pouco acima da maçã-de-adão, e propõe um brinde «à saúde e longa vida do nosso santo rei e salvador, o fidelíssimo senhor D. Miguel I». O gesto e as palavras desencadeiam um trovejar de cadeiras a arrastarem-se, no súbito movimento dos convivas para de pé responderem, empunhando os cálices, com um viva unânime mas pouco afinado ao «viva D. Miguel rei absoluto» com que o cura decide rematar a comezaina, antes do Deo gratias definitivo logo sufocado pelo trombetear das grossas ventas no lenço tabaqueiro.

Digestões e sextas são agora perigosamente ameaçadas pela determinação de D. Bernardina em pôr à prova os dotes das suas meninas, perante o refastelar dos senhores nas cadeiras do salão onde os toros de azinho, que o mordomo escarafuncha, estão custosos de pegar.

Adamância, dezanove primaveras, Bebiana, dezoito, e Cunegundes, dezassete, as três graças de D. Bernardina, saúdam com vénias solenes o enfartado auditório. A primeira senta-se ao piano, peça mandada vir do Milanês há três anos e que constitui o mais moderno património musical entre Mafra e Torres, desdobra uma partitura muito manuseada, enquanto as manas se colocam ao lado do instrumento, de mãos cruzadas à frente dos vestidos cor-de-rosa, drapeados e de mangas tufadas em balão, à espera dos acordes solfejantes que, de surpresa, estremunham o padre Casimiro, que estava mesmo às portas dum sono beatífico. Lutando contra o martelar sacudido de Adamância, Bebiana e Cunegundes garganteiam um solau anterior ao vintismo, que aborda um tema bucólico em que entram pastoras e brancas o velhinhas.

Margarida, que remói num canto solitário o medo pelo fim daquele Natal, disfarça o riso nervoso que a toma, pesem embora as penas de amor que a consomem. José aprova com a cabeça ao compasso da

musicata, desejando que a provação seja breve. Pedro remexe no cadeirão o vasto traseiro, incomodado com aquele ritual que a mulher não dispensa. Leonor afivela um sorriso de circunstância mais falso que o beijo de Judas. Bernardina resplandece, de mãos enclavinadas sobre o vasto peito como um soprano do São Carlos, o rosto sadio, largo como um pão de milho, aberto num sorriso franco de dentes tão brancos e puros como o seu orgulho de mãe. O padre Casimiro, limpando os queixos ao tabaqueiro, dispensa ao quadro um olhar seráfico e um pouco nublado pelas consequências dos álcoois, lembrando-se do baptismo daquelas três criaturas e do arrevesado dos nomes, escolhidos pela mãe, que em tudo queria as filhas diferentes e também ordenadas segundo o alfabeto, plano que acabou caprichosamente ao terceiro parto, quando já destinara o nome para o próximo - Desidéria ou Desidério, conforme o sexo.

Adamância, Bebiana e Cunegundes exprimem em mais um número os seus talentos, mostrando com algumas desculpáveis notas falsas tudo o que aprenderam com o organista e mestre de música do Convento de Mafra, que ali se desloca a leccioná-las duas vezes por semana.

Extintos os aplausos e os elogios, insiste Bernardina para que a sobrinha exhiba os seus dotes, que a ouviu tocar em Lisboa umas bonitas peças de músicos modernos. Margarida pede escusa, não está de humor, não trouxe partituras, falta-lhe inspiração. Os restantes procuram demovê-la, quanto mais não seja por delicadeza, e até a prima Cunegundes vai puxá-la por um braço como quem agarra na pega duma caçarola. José impõe a autoridade paterna e ordena. Margarida, muito pálida, senta-se finalmente ao piano e executa, com boa técnica e pouco sentimento, a parte mais nostálgica duma sonata de Beethoven.

Retiram as senhoras, ficando os cavalheiros em conversa empastelada sobre o estado da nação, entre excomungos à Carta e louvores ao realismo triunfante e absoluto, exercício pouco participado por Pedro de Almeida, a pensar que o granizo lhe deve ter dado uma cresta nas

macieiras.

O cura, pastoso, repete com ênfase que o povo é todo por D. Miguel, em quem vê as virtudes dum verdadeiro pai. E José de Almeida desenvolve o tema:

- Tem basta razão, padre Casimiro, que andou o povo órfão estes anos todos, fueirando os franceses, aturando os ingleses, com um rei no Brasil que voltou para ser envenenado com a merenda de Belém, um primogénito imperador das araras e muitos abutres da estranja a afiarem os bicos para a carniça dos que arroteiam a nossa terrinha. É verdade, senhor padre Casimiro, estávamos órfãos e bem órfãos!

O padre empurra obstinadamente para o fundo da memória o facto de os sinos da sua igreja também terem repicado dois anos antes, no dia em que o juiz, os vereadores e os outros oficiais juraram a Carta, conforme a vontade do defunto rei D. João VI, que também os mandara «compreender e avaliar justamente a extensão da magnanimidade real», concretizada na «Carta Constitucional que Foi servido Dar e Mandar jurar nestes Reinos». Considerava confusamente o pároco, às voltas com o quilo do jantar, que os reis assim como mandam também desmandam, e que D. Miguel é tão soberano como o senhor seu pai.

João da Silva é soldado de Infantaria 16. Antes de lhe darem licença para correr à consoada com a mãe e às trapalhadas dos rufias de Alfama e Castelo, põem-no a cardar o cavalo do capitão, a ensebar os arreios e a arear os metais. Como ele disse à mãe no dia do alistamento, não tem que cair de muito alto sendo infante, mas afinal tem que gramar os cavalos, porque parece não haver oficiais sem eles.

Duas semanas de caserna moeram-lhe mais o corpo e a cabeça que um ano de caprichos do patrão da Typographia Fernandina. E que o equipamento completo, com a mochila e o resto, pesa mais que um tabuleiro de granel. E ainda não atina com o manejo correcto do espingardão inglês - o «arrobas», como lhe chama -, cuja pólvora da caçoleta lhe enfarrusca as bochechas, entopindo a cada dois tiros no

treino da carreira.

Um sargento chamado Francisco Alves achou-lhe graça e tomou-o sob protecção. Andara dois anos na Espanha com a Divisão Realista Portuguesa comandada pelo marquês de Chaves e pela tonta da marquesa e, salvo algumas incursões no Norte contrariadas pelas tropas do Saldanha, passara quase todo o tempo no depósito de emigrados de Villa Nueva de La Serena. Embora a sua unidade original fosse o 17 de Estremoz, conseguira transferência para o 16, onde acabara de chegar, por ser esse o modo melhor de conhecer a capital do reino. Apoiaram-se o soldado João e o sargento Alves em interesses complementares, um sábio das velas, o outro sábio da tropa, dispostos a trocarem segredos dos seus mundos respectivos.

Atravessam os dois os frios, pardacentos e enlameados dédalos da parte baixa da cidade, cruzando cães raquíticos atarefados com ossos que escasseiam e lixos que abundam, frades aforrados de hábitos nodoentos nas andanças da véspera de Natal, bandos de pedintes rotos, roxos de crostas e torcidos de aleijões, estendendo-lhes a mão adunca ou o coto engelhado, saloias de sapatos de cordovão e muita saia puxando a arreata do burro entalado nas cangalhas, meninas retardatárias que correm a abrigar do relento das varandas papagaios guinchando palavrões, pretos apregoando fava-rica e tremoços, mulheres embiocadas em panos negros entre a casa e a igreja, aguadeiros com o barril pingando amortecido pela almofada atada ao ombro, alguma carruagem de casa nobre com o cocheiro de rabicho e chicote alçado e segas de aluguer do Férin com o boleeiro encarrapitado no assento, de jaqueta e esporas de latão nas botas altas.

O sábio das velas cicerona que ali era a Patriarcal, antes do Terramoto, está claro. E o sábio da tropa derrama a vista pelas ruínas e montes de entulho onde mija um galego. E mais além, as obras de São Francisco, que são ruínas também e desordenadas pilhas de cantaria e pedra bruta. Abisma-se enfim o sargento com a largueza da Rua Augusta e

o fausto do Terreiro do Paço, gelado pela brisa, aberto para o Tejo onde bóiam umas poucas manchas escuras de barcos fantasmagóricos onde se imaginam cicatrizes indianas e brasileiras. Chapinham depois nas ruas pobremente animadas com craveiros e sardinheiras às janelas, no labirinto que sobe a encosta da Sé, onde o sargento periclita ao escorregar na rodela viscosa duma bosta de boi. Enfiam depois pelos buracos de agulha de ruelas tão estreitas que nem lhes permitem marchar lado a lado, descendo já da Calçada do Castelo e prosseguindo o serpenteio entre casas escalavradas, até Alfama, que o mesmo é dizer até à tasca do Zé Redondo.

Diante duma tigela de tinto, com a barretina prantada ao lado, o sargento Francisco Alves, sábio da tropa e veterano das hostes realistas, remoendo a excursão pela capital do império, desabafa para o soldado João da Silva, sábio das vielas:

- Nunca se me dera ver tanta casa junta, carago! Muito mais que Villa Nueva de La Serena, Estremoz e Évora somados. Mas também nunca me passara pela vista e pelos narizes tanta merda e tanto fedor!

Aportaram bem avinhados ao abrigo da Ti Rita da Silva, que, numa aflição por não contar já com Natal nenhum, muito menos com duas bocas à hora da ceia, improvisou uns chouriços assados e baptizou a sopa de couves até bastar para três malgas. Munira-se o hóspede com dois quartilhos da pinga do Redondo, para não chegar de mãos a abanar à família que naquele Natal lhe calhava, por ter perdido a sua de vista nas voltas das sublevações miguelistas e dos trapejos militares nas fronteiras da Beira. Noite dentro, jurou à Rita da Silva que havia de levar o filho dela à glória e à fortuna. A mulher não se alivou das ralações, vendo aquele quarentão bazófias das guerras muito pelintra para cumprir tão avantajadas promessas.

Raimundo da Anunciação e Filipe Villepin embarcaram na diligência Havre-Paris, no dia 22 de Dezembro de manhã cedo. Espantou-os a dimensão e o relativo conforto da carruagem, puxada por três parelhas, que acomodava vinte passageiros. Nos preliminares da

partida tiveram feliz encontro com um Luís Araújo, filho do velho Araújo, abastado importador de açúcar do Brasil e especiarias da Índia, com armazém na Rua da Cordoaria e mansão às portas de Algés, o qual reconheceu o patricio Raimundo que executara obra para seu pai havia um bom par de anos. Este Araújo estava também exilado e perdera já a memória olfactiva do pau de canela e do gergelim, produtos que, no entanto, ainda lhe garantiam as cartas de crédito que a família transferia regularmente através do banco dos senhores Odier. Era um dandy, ou melhor, assim presumia, adoptando as modas com a indiscrição dum parvenu. Regressava de Londres onde fora de correio com mensagens dos de Paris para o marquês de Palmela. E dava muitas esperanças aos compatriotas, garantindo-lhes que a Terceira continuava firme nas mãos dos liberais, para logo os confundir com os obstáculos que estavam pondo à causa os governos de Wellington em Londres e o de Carlos X em Paris.

Como a viagem dura dois dias e uma noite, sobra-lhes tempo para se iniciarem nas manigâncias dos interesses dos Estados e cozerem a insegurança no caldeirão das intrigas em que fervem os emigrados portugueses. Luís Araújo, à mesa dos albergues das estações da posta, bolsa insinuações antipáticas sobre o Silva Carvalho, que estará administrando muito mal os restos do exército chegado da Galiza, aboletados nuns barracões de Plymouth, e desconfia do Palmela, um mole, que montou uma corte muito elegante em Londres depois de fugir do Porto a bordo do Belfast. Combina com muita harmonia o snobismo amaneirado com o saldanhismo espadeirente que há-de decepar a hidra absolutista. Mas disserta com maior cópia de detalhes sobre os lodgings dos chefes estacionados na Inglaterra do que acerca dos padecimentos dos soldados que apodrecem em Plymouth, condenados ao exílio e a catorze shillings por mês. E come com um apetite de comerciante da Rua da Cordoaria.

Embora de posse duma carta de recomendação para o jovem marquês de Fronteira, Raimundo e Filipe aceitam de bom grado as promessas de ajuda do Luís Araújo, que os submerge de conselhos e lhes

marca as balizas dos bons e dos maus emigrados. Pelo seu falar, Paris afigura-se um coió de ladrões e malfeitores atentando contra as bolsas estrangeiras com particular ferocidade, onde luzem algumas ilhas de elegância e civilização - os salões de Monsieur e de Madame de... e os cafés dos revolucionários, dos artistas e dos jornalistas, onde se prepara o triunfo do liberalismo, que, obviamente, começará com a imposição dos direitos da rainha menina e de seu ilustre pai, o senhor D. Pedro, no trono de Lisboa. E recomenda-lhes o banco Odier, está claro.

Raimundo, que vai somando de cabeça as parcas moedas de ouro e prata que transporta numa bolsa cosida ao forro da sobrecasaca, põe cara de caso, perguntando-se quantos dias de comer certo aquilo renderá.

Reconhecendo com muita admiração a largueza das estradas que os levam à capital da França, que mais os envergonham das sendas esburacadas da pátria, acham-se porém derreados quando vislumbram finalmente, ao começo da noite, as primeiras luzes de Paris. Entram pela Barrière de l'Étoile, desembocam na imensa amplidão dos Campos Elísios, que lhes parecem grandemente iluminados, com um movimento de luxuosa romaria e toda a casta de carruagens e gente, subindo até à amplidão da Praça Luís XV.

A ajuda de Luís Araújo limitou-se, de momento, a recomendar-lhes uma estalagem de preço módico, no Bairro de Montorgueil, numa transversal de Rua Saint Denis, chamada Rua de La Cossonerie, e a marcar-lhes encontro num café do Palais Royal para depois do Natal. E, a bordo dum cabriolé decrepito que lhes custou os olhos da cara, cumprem a jornada da estação da posta, na Rua Jean-Jacques Rousseau, até ao albergue.

Apesar do cansaço da viagem, rematado com o arrastar das malas até às águas-furtadas do Auberge des Innocents, assim chamado por se encontrar ao pé do mercado do mesmo nome, Filipe não consegue conciliar o sono, naquele catre empestado pelo cheiro da latrina, que fica

por baixo, e atravessado por uma lâmina de frio que um fogão de coque pouco alivia, enquanto Raimundo não cessa de se remexer na cama, provavelmente às voltas com a complicada digestão da espessa sopa de cebolas que lhes serviram à ceia.

Filipe dá balanço à vida que o trouxe à terra de seu pai e, calcando as saudades que já o aguilhoam, projecta-a com uma determinação que renega a pobreza anónima que os ameaça na chegada a França. Crivou de perguntas - antigas e novas - o pai Raimundo, sobre a sua ascendência e vai traçando dentro do escuro da noite, onde se acendem as fátuas luzinhas do cansaço, o retrato, esboçado e incompleto, que o auxilie a reconhecer-se tão bem quanto possível, para melhor grimpar na selva do mundo e adregar a salvação dum amor que tudo parece condenar. Das respostas de Raimundo, algumas muitas vezes repetidas, conclui ter herdado do pai a tez muito branca e o loiro dos cabelos, e da mãe a construção sólida e os olhos pretos. De Mariana Maldonado veio-lhe aquele modo apaixonado, a mirada possessiva até ao fundo das coisas, o inconformismo; do capitão Villepin tem a obstinação, a decisão perante o perigo e o sentido crítico que, sem o desviar dos objectivos, lhe empresta a falsa serenidade que esconde mal o orgulho. Imagina o casarão de Mafra onde nasceu, rasoirado pela morte, com Raimundo teimando em salvar o fruto do amor amaldiçoado pela vila inteira e calando a parte inconfessável da sua dor. Porque Filipe adivinhou há muito essa paixão subjugada que tremeleia na voz de Raimundo ao pronunciar o nome de Mariana. Por isso se fizera um pai exemplar e lhe dera, com sacrifícios, uma educação digna, com a ajuda dos frades oratorianos do Hospício das Necessidades, que lhe embutiram os latins, a teologia, e lhe deram as luzes de francês que a prática daqueles dias vai timidamente acendendo.

Conciliado o sono por umas escassas horas, a antemanhã encontra-o a pé, à beira do óculo gradeado por onde entram os primeiros alvares, extraíndo duma bolsa de couro o espólio de seu pai que Raimundo

lhe entregou no dia em que completou dezoito anos. Tirante o relógio de ouro que usa na algibeira do colete sem a ostentação da châtelaine, estão lá a madeixa de cabelos pretos de sua mãe, o lenço com o seu monograma, o caderno com uma frase de Voltaire e a gravura da mansão com a legenda Manoir de Villepin. Depois, retira da mala um masso de meia dúzia de cartas - as cartas de Margarida. Desfaz o laço da fita do veludo azul que as envolve, leva-as aos lábios e procura o rasto dum perfume. Enxuga nas costas da mão uma lágrima, sentindo Raimundo a despertar, por via do rolar dos carros na calçada e da algazarra dos vendedores a caminho do mercado. Que faz ali, já a pé, tão madrugador? Que nada, responde ao pai Raimundo, por não lhe ocorrerem palavras para dizer que está revendo o passado com olhos de futuro. Como poderia ele não ser um liberal, mesmo sem as cacetadas dos pandilhas absolutistas, se o mundo tinha que dar uma volta para que ele pudesse dar uma volta à vida?

Padre Domingos Correia, capelão e confessor da família de José de Almeida, questionado pelo coronel, que, regressado do Gradil, está determinado a meter a filha num convento, aconselha o de Chelas que «tem uma santa prelada, monjas devotas e acolhe muitas senhoras da nossa melhor nobreza».

D. Leonor seca o pranto e ensaia uma última tentativa para demover o marido, brandamente, para não espevitar a irritação com que José sempre impõe a sua vontade nas justas conjugais. Assim mesmo, ele respinga, que tudo o que não seja ámen o deixa arrelioso. A decisão está tomada por teimar a menina em resistir às ordens paternas e rejeitar o casamento com Luís de Mendonça.

O clérigo, a pôr água na fervura do desgosto de D. Leonor, augura um mero par de meses até que a Margaridinha esqueça aquela infeliz obstinação que lhe meteu no juízo «um jacobino, desses possuidores de um espírito maligno e de uma moral a mais estragada e corrompida, que propagam as suas infernais extravagâncias contra o nosso santo rei D. Miguel I e com elas procuram iludir as pessoas da mais sublime

hierarquia, tanto em Portugal como em reinos estrangeiros». O padre Domingos reproduz nesta tirada, quase *ipsis verbis*, o parágrafo dum dos artiguinhos com que costuma ornar as folhas realistas em que activamente colabora. Fanhosea um «Deus nos ajude», entre duas fungadelas de rapé e assegura que o Convento de Chelas tem muito bons cómodos e que os rigores do claustro não impedem as visitinhas e os mimos de casa. Esbraveja ainda José de Almeida, purpurino, a veia do pescoço inflada - que o que ela precisa é de rigores mais severos. Mas que aceita Chelas, ali a dois passos da cidade, só para mitigar as penas da mulher, mais uma vítima da impiedade dos mações minando a integridade das famílias; que mesmo no convento há-de trazer a filha ebaixo de olho, que ele bem sabe o que anda alapardado nas falinhas seráficas de muito frade e freira, que às vezes as armam tão boas como os rufias e as cróias do partido do brasileiro. Engasga-se o padre Domingos, espalhando pela venta uma chuvinha preta de rapé, e ousa considerar que uma ovelha gafa não faz o rebanho.

Escurenta o aposento no cinzento que acaba o dia. O padre pede escusa, escapulindo-se a mais anfibologias e zangas do sanguíneo. E D. Leonor, que o acompanhou ao vestíbulo, vai percutir com os nós dos dedos a porta do quarto de Margarida, que ali se defende dos vivos debates sobre o seu destino, pretextando enxaqueca e vertigens. Que a senhora mãe a deixe preparar sozinha a alma para Deus. E que não abre.

Nada menos certo que aquela conformação murmurada por Margarida através da porta, interrompendo uma frase da carta que está escrevendo a um emigrado liberal que se acoita em França. A carta vai repassada de juras e molhada de lágrimas, anunciando a reclusão próxima no Convento de Chelas. Está bem subentendida a esperança insensata que também exalta Filipe no exílio de Paris, acrescentada pela previsão do tempo em que hão-de encontrar-se com absoluta certeza.

Assim se confirma que a lógica da paixão escapa à regra socrática e ao tratado do Sr. Descartes, deixando ao engenho dos amantes

a faculdade de fabricar conclusões impensáveis.

Rita da Silva é uma engrenagem essencial do mecanismo montado pelos ardis dos amorosos. De quando em vez atravessa Lisboa de lés a lés, da Alfama à Lapa, e volta, com desvio à estação da posta, se é caso disso. A outra peça do estratagema é a cozinheira da casa dos Almeidas, que engendrou um sistema com uma lavadeira que faz serviço às noviças de Chelas. Estas boas vontades são motivadas por uma fidelidade ternurenta aos moços que viram a luz naqueles braços plebeus, os primeiros a embalá-los, Filipe e Margarida nos colos generosos da Rita e da Francisca quando jovens de destinos ganchados pela servidão. A sina delas é dar tudo àqueles a quem chamam seus meninos, elas que nada têm, a Rita advogada de Filipe, a Francisca procuradora de Margarida.

A primeira carta do rapaz chegou às mãos da Rita em meados de Fevereiro de 1829 e levou um mês e meio a atravessar a França e a Espanha. A mulher teve que demandar o quartel de Infantaria 16 para que o filho viesse à porta de armas ler a missiva, que lhes dava novas dos emigrados e pedia que fizessem chegar a Margarida de Almeida a carta junta.

Funcionou perfeitamente aquele complicado mecanismo de correios, embora as primeiras cartas se cruzassem, desencontrando as notícias da chegada a Paris e da ida para o convento. Onde elas não se desencontravam era nos transportes apaixonados que trocavam, os dela serenos e determinados, os dele inflamados e rebeldes, ambos ancorados na estranha certeza de que Deus e a espada haviam de cortar o caminho ao infinito.

O soldado João da Silva voltou a recriminar a mãe por aquele desatinado vaivém de inculcadeira, que bem podia dar para o torto, se ela viesse a ser descoberta como agente de malhados que andavam a forjar conspirações num reino estrangeiro. Dobrou-se de maus modos aos rogos da mãe, escrevendo umas letras do que ela lhe ditou para o menino Filipe e para mestre Raimundo, de acompanhamento à primeira carta que a

lavadeira trouxe do convento, entregou à Francisca e esta passou à Ti Rita, com tremeliques de medo, de emoção e de remorsos.

Andava então assanhada a comoção do povo, afluindo aos templos a rezar por D. Miguel e a jurar pela pele dos hereges que ainda sobravam e estavam praticando muitas malfeitorias na ilha Terceira.

O sargento Francisco Alves, que prepara o arvoredo do João a cabo, é grande leitor do Mastigóforo, famosa folha dum frei Fortunato, e usa essas grossas verdades in 4.º para aperfeiçoar a educação política do protegido. Apoia decididamente o caminho que o frade aponta ao Governo - «Expulsar a pedreira de todos os empregos» - e oferece galinhas, extorquidas em razias de impostos inventados às vendedeiras da Ribeira, à mulher do brigadeiro Teles Jordão, alentada lavadeira de outros tempos em que não sonhava influências de generala que poderão abrir o trilho às carreiras militares do Alves e do Silva, o que a seu tempo se verá, se a paciência do leitor suportar as tralhas e malhas que faltam para lá chegar.

Filipe e Raimundo maravilharam-se, cada um a seu modo, à descoberta da cidade estrangeira. A grandiosidade dos monumentos, o seu número incontável, a amplidão dos boulevards, a altura das casas, o borbulhar industrioso duma população imensa encandearam-lhes os olhos e o espírito, habituados que estavam à escala duma Lisboa que avaliavam retrógrada, beata, inimiga e mesquinha.

Em breve moderaram o fascínio entusiástico, quando os mendigos e estropiados se lhes mostraram muito mais numerosos e agressivos, o descaro das rameiras lhes perturbou a discrição e a dureza do trato do homem da rua lhes fez os passos mais prudentes.

Tomaram o hábito, nesses primeiros dias de reconhecimento do «novo planeta» - como dizia o Raimundo -, de descerem a Rua de Saint Denis, atravessarem o Quartier des Marches até à Praça do Châtelet, inflectindo para a direita, junto ao Louvre. Filipe, intrigado com aqueles grandes N rodeados pela coroa de louros gravados em relevo sob a cantaria das janelas, questionou um transeunte sobre o seu significado. De onde

tinham eles caído? Do céu ou do inferno? - escandalizara-se altivamente o homem, um pernalta de suíças fartas a sobrar debaixo do chapéu alto - C'est le monogramme de l'Empereur, voyons!. Julgava ele, na sua inocência, que Waterloo e Santa Helena tinham enterrado Napoleão e o Império. Enganava-se. Passou a ser mais comedido na curiosidade.

Também flanavam pelas imediações das Tulleries, cruzavam o Sena no Pont Royal, percorriam o Quartier Latin, passeavam por Saint-Germain, rondavam com reverência a massa de pedra cinzenta da Sorbonne, esse lendário templo do saber, que julgavam inacessível e não o era para José Silvestre Ribeiro, aprendendo História com Guisot, Filosofia com Cousin, História Literária com Villemain, ou Rebelo de Carvalho enfronhando-se nas Ciências Naturais, ou o conde de Linhares, aplicado discípulo do curso de Química de mestre Thénard. Mas para os recém-chegados tudo era ainda mistério.

Em certas ocasiões, optavam por calcorrear a Rua de Rivoli, sob as arcadas, passavam a Praça Vendôme, desembocavam na Praça Luís XV e desciam os Campos Elísios, mais basbaques que os outros, a admirarem a opulência das carruagens, a elegância das damas e cavalheiros, envoltos em vastos casacões de peles, que vinham pavonear-se mal o permitia uma aberta no Inverno inclemente, gélido. A perna manca de Raimundo obrigava-os a pausas de repouso, no abrigo de algum Bistrot, a recato do frio e da neve que ambos viam pela primeira vez.

O pintor, admirando, extasiado, as estátuas do Luxemburgo e os quadros do Louvre e dos marchands do Faubourg Saint-Germain, suspirava para o afilhado:

- É demasiado tarde para mim, demasiado tarde... Também excursionaram pelo norte, explorando as vias perigosas para lá de Montorgueil, de Saint-Merci, dos Enfants Trouvés, de muito má fama. E chegaram à ousadia de tomar um omnibus de Madeleine à Bastilha, tremendo de emoção ao constatarem a existência dos lugares onde eclodira a revolução de 89 e as tragédias de 93.

Assistiam, deslumbrados, ao espectáculo da rua e eram instintivos clientes do mundo marginal que tinha arraiais no Pont Neuf, no châtelet, em Saint-André des Arts, ou nas imediações do Palais Royal, onde avultavam inúmeros saltimbancos, truões, músicos, cantores populares, ilusionistas, arrancadores de dentes, vendedores de pós maravilhosos, adelos, nigromantes. O famoso Moreau, com o seu imenso boné de seda, acolitado pelo inseparável Papillon, fê-los perder dois francos num jogo de escamoteio com três copinhos de folha e uma noz-moscada. Estiveram a um passo de comprar uma caixa de pó «persa», garantia contra as dores de dentes, que lhes quis impingir um tal Miette de muitas e malas artes. E escaparam à justa de outros charlatães de berliques e berloques, capazes de extorquirem moedas a mais pintados do que eles.

Ao cabo de duas semanas, tendo aguardado em vão resultados da carta de recomendação entregue ao marquês de Fronteira, e apesar de reduzirem algumas refeições a batatas fritas e uma espécie de coscurões dos vendedores ambulantes, deitaram contas às economias e ficaram mais alarmados do que já estavam.

Filipe, trincando uma côdea de reserva no escuro do quarto do Auberge des Innocents, repete o nome de Margarida e reconstrói incansavelmente a sua imagem, quando ela pousava para o pai Raimundo no caramanchão do jardim da casa da Lapa, os caracóis de mel caindo sobre os ombros, o sorriso que era um beijo prometido. E o hálito dos seus murmúrios, durante a missa na igreja de Santos-o-Velho, vem maravilhar dolorosamente a sua noite estrangeira onde se repete o frémito das mãos entrelaçadas, das palavras que ficavam aquém dos sentimentos e se atropelavam na pressa de aproveitarem uma distracção de mestre Raimundo, duma trégua de todas as vigilâncias. A fome é nada, se comparada com a dor que lhe magoa o corpo inteiro como que manietado num casulo muito justo, a dor duma recordação que é uma presença imperiosa e se dissolve na alma com o sabor dum beijo trocado e roubado

ao mundo.

O pintor pressente a insónia do afilhado e cala-se, aflito. Que irá ser deles naquela terra estranha? Nessa tarde ganhou o seu primeiro dinheiro francês, uns magros cinco francos. Comprara há dias um banquinho, cavalete, telas e o mais necessário, e pusera-se a pintar meandros daquele «planeta», aqui e além, em raras saídas, ao sabor duma réstea de sol pálido que vinha amenizar aqueles gelos. Estava a traçar a carvão um esboço do Arco do Carroussel, um senhor de idade parou a observá-lo e acabou por comprar a obra que ainda estava nos retoques. O caso animou-o, mas não sabe como poderá sustentar duas bocas à mercê dos caprichos de um ou outro passante. A sua esperança vai toda para um encontro marcado para amanhã com uns emigrados portugueses, no Café du Danemark, na Rua Saint Honoré. Foi o Luís Araújo, que nunca aparecera ao encontro ajustado e chocara com eles por acaso, ao sair duma orchataria da Rua de Vaugirard, quem lhes fixou esse contacto. Mas com tal pássaro, sabe-se lá qual é a cantiga.

No fundo da noite, Raimundo reza a Deus para que a sua asa protectora se materialize na solidariedade da causa, de que ainda não conhece os meandros sugeridos pelos mexericos do Araújo, que, por meias palavras, lhes confidenciou já desconfiar também do general Saldanha, desde que ele voltara da expedição aos Açores sem conseguir desembarcar a tropa. Diz que a frota inglesa não o permitiu, mas vá-se lá saber ao certo... E abalara deixando no ar estas reticências suspeitas.

Margarida entrara para o Convento de Chelas vestida de luto, sendo acompanhada até ao vestíbulo por sua mãe, que a ela se abraçou debulhada em pranto. Tinham-se feito transportar na carruagem da casa, que ia de cocheiro, trintanário e boleiro, com fardas de cerimónia, estando as parelhas atreladas com os arreios chapeados de prata do tempo do avô António de Almeida.

A jovem tem estatuto secular, como muitas outras senhoras que, por razões de família e coração, se acolheram à austeridade daquelas

paredes, sujeitas às menores severidades da regra. Mostrou muita serenidade e pouca compunção, durante o exórdio da madre superiora que a instruiu sobre os limites e hábitos da sua nova condição. Cumpre sem nenhum alarde o dia-a-dia, envergando obstinadamente uma casula preta com que procura afeiar-se, o que não consegue por o resto manter a beleza de seu natural e lhe saltar dos olhos um fogo inextinguível que as trezenas e jejuns não afroixam. Conhece o leitor por quem arde este fogo dos olhos de Margarida, mas não sabe ainda que se lhe ajuntaram as achas duma sereníssima devoção. É que ela sente que a sua pequenez, em meio de tanta adversidade, precisa dum bordão a que se arrime a esperança insensata num futuro muito terreno a que toda a ajuda será pouca.

Reza à Virgem e ao santo do dia pelo emigrado e jura a si própria que só por ele trocará a cela do seu retiro.

Não se julgue que as senhoras ali recolhidas seguem à risca lendárias austeridades. Nada disso. Recebem cópia de visitas, muitas virtualhas de fora, tocam, dançam, organizando as mais dadas às belas letras alguns outeiros poéticos, em que se produzem rimas nem sempre angélicas, com uma ou outra contribuição monástica. E até namoram, se é caso disso e generosa a tença.

Ainda hoje vieram ver Margarida a tia Bernardina e as primas do Gradil, que estão em Lisboa a renovar guarda-roupa e a mostrarem-se à sociedade. Trouxeram um grande tacho de arroz-doce, um cabaz de pêros rosados e um bentinho com uma lasca do santo lenho. Adamância, Bebiana e Cunegundes fizeram grande bulha descrevendo à prima os bailes do senhor conde da Ponte e de outras casas fidalgas e, ao trautearem uma área que ouviram no São Carlos ao tenor da moda, respondeu-lhes o coro dumas damas e noviças que também estavam no parlatório em animada assembleia. Bebiana, a mais gárrula, atreveu-se a aconselhar Margarida que «deixasse aqueles amores à trágica, que os homens são todos a mesma corja». Adamância, com modos de seresma, moderou aquela rudeza saloia, opinando que o primo Mendonça era muito

bem-apessoado. E Cunegundes, a mais moça e abarroada, disse que «ai, prima, com esses crepes todos está bem para sacristoa do nosso abade Casimiro». E D. Bernardina que «então, então, meninas!...”

Margarida sorriu brandamente e não deu o troco que as primas lhe pediam. Mal elas partiram correu à cela a reler a primeira carta que Filipe lhe mandou de Paris. Já as lágrimas se lhe secam nos olhos, como o espírito se endurece a curtir uma vontade mais férrea que as grades da janela, onde a vista se perde em horizontes forâneos.

Em casa, José de Almeida proibiu que se fale da filha, a não ser quando ela recobrar o juízo. Pedro deu-lhe molemente a notícia de que a cunhada falecera em Paris. De tísica, informara, muito lacónico. O que Pedro continua a esconder, ou melhor, a calar, ao longo daqueles anos, é o simbolismo do envio para França da terça de Carlos. Há muito que ele singrara nos meios financeiros de Paris, enriquecera e estaria atribuindo ao que lhe chegava de Portugal nenhuma importância, a não ser o que isso representa como elo com a pátria e família. Não é certo que José de Almeida se não tenha já apercebido da situação, mas o seu orgulho obsta a que tome conhecimento oficial, o que o obrigaria a quebrar o derradeiro fio que ainda liga os três filhos de D. António de Almeida, que, na hora da morte, os fez jurar que ao menos isso salvariam.

Pedro de Almeida está já insistindo, ao cabo de dez dias, com a mulher e as filhas para que regressem ao Gradil. Lisboa enfastia-o e está na hora de preparar as sementeiras. D. Bernardina protesta - que assim nunca há-de casar as filhas com fidalgos de ao pé da corte e terá que se contentar com os de ao pé da porta, que montam mulas em vez de cavalos e têm calos nas mãos em vez de luvas de pelica.

- Genro pechisbéu não empa nem vindima - resmunga o marido, muito farto daquela seca.

O sargento Alves e o soldado João foram designados para o contingente da escolta aos presos da conspiração liberal do brigadeiro Moreira, que hão-de ser justiciados no Cais do Sodré, onde os carpinteiros

já martelam as tábuas do patíbulo.

Como toda a razão é boa para as suas fadistices, vão preparar os ânimos na ronda pelas tascas galegas da Mouraria. Desviaram os seus favores de Alfama desde que uma loureira mulata da Travessa do Quebra-Costas engraçou com o soldado e se deu à sua protecção. Por causa desses vínculos já houve bernarda, em viela seral, com dois marujos da Brigada da Marinha que se insinuaram de atracção à mulata Gracinda. Houve passinhos fadistas, fugas à patrulha e roupa rasgada, que foi do mal o menos.

Pois é como lhe diz o sargento Francisco Alves, seu amigo e protector, batendo a caneca vazia na tábua do mostrador, a pedir mais - quando, depois de amanhã, virem aqueles ranhetas pendurados pelo pescoço a estrebucharem, terá o João as divisas de cabo garantidas. E mais que isso, logo se verá. Ou pensa ele que estas despensas para bater a noite e encostar-se com a Gracinda são pelos seus lindos olhos? O sargento mira à sua volta, misterioso, a fiscalizar, e baixa a voz para segredar ao companheiro que o nosso general Teles Jordão, com quem andou nas guerras da Beira, está vai não vai para lhes dar serviço de gente fina, a bem da causa. Subindo o tom, remata garantindo que da pedreira não há-de escapar nem um, que se lhes acabará com a raça.

A verdade é que nem o segredo nem a bazófia são muito necessários, àquelas horas mortas, tasca vazia e o patrão meio adormecido ao balcão, com o queixo metido na concha da mão.

Então, aponta a Gracinda a moldura da porta, agarrando as asas duma panela de arroz de bacalhau, com um sorriso triunfante de alvíssimos dentes a contrastar com a escuridão das bochechas borradas de carmim.

- Ó senhor Armindo, arrebite essa moina, bote lume ao fogão pra dar uma quentura no pitéu que me sobrou da ceia e bem nos há-de passar na gorja.

- A uma hora destas! - reponta o tasqueiro.

- Não há cá hora nem meia hora. - regateia ela. - Ó João, ó sargento, façam aí lugar numa mesa, que temos petisco. E esquadilha no caminho da cozinha, muito lampeira, a rebolar o grande traseiro, com a saia apanhada até às buchas das pernas.

Daí a pouco estão a deglutir o manjar requentado e a baldear do tinto, com gabos de boca cheia, já a acertarem outra patuscada para depois de esganarem os malhados na forca do Cais do Sodré. Que já estão a pregar as vigas - informa a mulata, cuspidando uma pedra do arroz.

Raimundo e Filipe disfarçam a impaciência, passeando em frente da fachada do Café du Danemark, onde chegaram com considerável avanço sobre a hora marcada pelo Luís Araújo. Esmeraram-se, com escova e ferro, a minorar o surrado das sobrecasacas que, tendo já muito uso da Lísia, atravessaram heroicamente um Inverno de rigores setentrionais.

Com os primeiros ares da Primavera, as moedas esportuladas com os desenhos do Raimundo, de preços mais ajustados à tabela do mercado, começaram a render um pouco mais, o suficiente para os manter à tona, com uma semana de atraso no pagamento ao Auberge des Innocents. Mas não confessam um ao outro o que os mói de ralações e de esperanças vagas, naquela sentinela montada na Rua de Saint-Honoré.

Pára enfim diante do café uma berlinda, abre-se a portinhola e dela se extrai o Araújo a colocar o chapéu alto sobre a cabeleira rala. Segue-se um sujeito dos seus trinta anos, elegantemente vestido de luto carregado, estatura média, suíças farfalhudas, óbvio proprietário da traquitana.

Feitas as apresentações, conclui-se que o cavalheiro se chama Diogo de Almeida e é um veterano de Paris.

À mesa, junto à vidraça de onde se desfruta o movimento da rua, aprofundam conhecimento com alusões a episódios do percurso que os trouxe à emigração.

Diogo de Almeida chegou a França com sete anos de idade, fugindo com os pais e o irmão à caça aos jacobinos, subsequente à derrota

do Junot pelo exército inglês, em 1808.

Está no negócio de exportações de manufacturas para a América, um dos ramos dos negócios do pai. Perdeu a mãe há um par de meses e está casado com uma senhora da aristocracia de Besançon, de quem tem dois filhos.

Foram estes dados arrebanhados pela atenção febril de Filipe das deixas do Araújo e de frases de Diogo, em que avulta o sotaque gaulês, os quais estão agora abordando a questão da legitimidade do acesso ao trono da filha do senhor D. Pedro, uma menina de rara beleza que está em Londres tratada como rainha e é a esperança da causa liberal. Filipe, porém, paira noutras recônditas lucubrações, alertado por algumas coincidências emocionantes. Será que Diogo de Almeida?... E procura-lhe na fisionomia sinais que confirmem a suspeita, o carnudo da boca, a amplidão da fronte... Eis senão quando, Raimundo questiona a despropósito:

- Será, vossa excelência, por acaso, parente duns senhores Almeidas do Gradil, entre Mafra e Torres Vedras?

- Sim, tenho dois tios em Portugal, um deles, aliás, arrebatado realista, activo nas hostes do usurpador. Enfim, famílias divididas, como o reino, meus senhores, como a ilustre Casa de Bragança...

E o Raimundo:

- Pois olhe o que são as coisas... Vai para vinte anos, pinte seu tio, o senhor D. Pedro de Almeida, no solar da sua excelentíssima família, no Gradil. A bem-dizer, pinteio-o até por duas vezes. Uma com a farda da Legião Alorna e a outra, depois de ter desertado, com o uniforme da Cavalaria Real.

Filipe esforça-se para que não lhe leiam na cara a emoção de estar conversando num café de Paris com um primo direito de Margarida. E pigarreia, a camuflar o embaraço, que não quer que passe por timidez provinciana, confirmando com modéstia bem medida os pergaminhos da sua instrução, que Raimundo está inflando com orgulho de pai. E conclui

dando imagem de ponderada reflexão:

- Por isso sou liberal e perseguido, senhor D. Diogo.

- E súbdito dum rei legítimo... - acrescenta, intencional, o Almeida.

- E por uma Constituição que nos dê as liberdades e os direitos - pontua o Raimundo, menos prudente.

E o Araújo, a agradecer a Diogo:

- Mas sem essas tranqüibérnias do Saldanha e do Pizarro, que andam agora acirrados contra o senhor marquês de Palmela e metidos com os revolucionários do Globe e do Constitutionel que propagandeiam as igualdades republicanas!

Abismam-se os emigrados novos, lembrando-se do saldanhismo do homem na primeira vez que o viram viajando entre o Havre e Paris.

Diogo de Almeida poisa o copo da limonada sobre o mármore da mesa e pontifica:

- Moderação, realismo e legalidade. São estas as bases do triunfo das ideias liberais que nos hão-de trazer a expansão económica. Isto nada tem que ver com o modo como alguns querem mostrar-nos, como radicais Anticristo e antitrono. Não, meus senhores, não somos o que os ultramontanos do Drapeau Blanc querem mostrar à opinião pública. Nem escravos ambiciosos, nem velhacos sanguinários! O venerando senhor de La Fayette e o talentoso Thiers atestam a nossa honradez. Não confundamos a aventura com o progresso.

Esta tirada seca o debate. Raimundo e Filipe, embora procurem muitos significados daqueles enigmas da política estrangeira embrincada com a portuguesa, esperavam ver mais ousadia em gente criada na terra da grande revolução. Subitamente, Diogo fixa Filipe de frente, a avaliá-lo, e desfecha:

- Quer o senhor ser preceptor de meus filhos por 800 francos, alojamento e alimentação? Precisam de aprender o português, de que apenas conhecem meia dúzia de palavras, um bocado de latim, de teologia,

de história...

Filipe empalidece, confundido pelas emoções que lhe causam a repentina solução dos problemas imediatos da sobrevivência e a perspectiva de vir a ser preceptor dos primos de Margarida. A sua reacção, porém, comove o pintor.

- Sim, senhor D. Diogo, muito me honra esta proposta, que farei por merecer. Mas... e mestre Raimundo?

Cada assunto de sua vez. A pouco e pouco, usando as suas relações, Diogo de Almeida promete clientela, sobretudo entre as novas fortunas da Chausseé d'Antin.

As cartas de Filipe - três desde que partiu - são para Margarida mais sagradas que os livros santos que as irmãs lhe fornecem como alimento do espírito. Sabe que, no fundo da sua alma, o pecado se confunde com a esperança, que há malícia quando põe as mãos e reza a Deus pela salvação de Filipe. Atormenta-se por crer no Altíssimo e no amor dum homem com a mesma fé. Assiste à missa e cumpre todos os preceitos, em estado de pecado farisaico, segundo os cânones de Santa Madre Igreja. Isto mesmo lhe confirmou o confessor, frei Bartolomeu, receitando padres-nossos, avé-marias,

prescrevendo penitências, absolvendo-a pelo arrependimento que ela, de facto, não alberga na alma fustigada pela contradição. Sente-se à beira dos abismos do inferno e, mais que a tentação, aí a prende a vontade de querer de Deus outra justiça que os seus ministros têm por herética. Queimou, uma a uma, as cartas do amante na braseira que ameniza as longas noites da cela húmida e gelada. Não para exorcizar o sentimento que a prende à vida e a traz em pecado, mas pelo perigo de que a polícia da fé e da família as apreendam. Vendo os papéis lidos mil vezes, decorados, premidos contra o peito, explorados pelo tacto, pelo olfacto encarquilharem-se sobre as brasas e pegarem fogo, em pequenas e rápidas labaredas, correm-lhe pelo rosto lágrimas de pena e duma dor cuja pureza Deus testemunhará com a misericórdia que não mostram os seus

oficiantes. Uma a uma, as cartas de Filipe tornam-se cinzas, que uma leve corrente de ar ou um simples gesto mais brusco levantam e espalham, e que é preciso apanhar e misturar nas cinzas da braseira, para que não reste delas o menor vestígio além do que fica na memória, a mesma memória que a faz repetir as orações, o mesmo espírito que procura a luz, até nos livros das religiosas, na vida de São Francisco de Borja, nos suplicios dos Mártires do Japão, na obra missionária de São Francisco Xavier, no Libro de La Vida de Teresa de Jesus. E pergunta-se se a raiz do pecado estará na sua obstinação de crer igualmente em Deus e na vida.

Margarida não partilha os recreios das suas companheiras, não entra nas rodas, nos coros, nos jogos das mais novas, que cochicham desdêns quando ela passeia no claustro de ar ausente e melancólico. Não agrada às mais pias, feridas por algum incurável desgosto e com o coração retirado do mundo, nem às que expiam outras faltas ao código da sociedade, nem às gárrulas, nem às penitentes. Tanto isolamento cria-lhe hostilidades. E vai aprendendo que não há como a diferença para gerar ódios.

Por razões pouco canónicas, pretende José de Almeida que o padre Domingos Correia continue a ser o confessor da filha. Meteu influências, aumentou a tença ao Convento de Chelas, mas esbarra com a regra e com a oposição de Margarida. É que não lhe basta o apartamento da rebelde - quer vigilância e severidade que lhe dobrem a vontade, que a tragam ao redil.

O abade Domingos, apêndice da casa, traz-lhe notícias da palestra com frei Bartolomeu, que, respeitando os segredos do confessional, sempre adiantou que Deus e o demónio ainda batalham pela alma de Margarida de Almeida. José, a estas palavras do pároco,

olha macambúzio para o prato do cozido. Está um bom bocado a reflectir, com a mirada fixa nas rodela do chouriço, perante a angústia do padre a ver arrefecer aquele manjar divinal, e de Leonor, murmurando uma prece para que não saia daquela meditação mais alguma pena a

acrescentar às que a filha e ela já sofrem.

- Mas Deus não ganha sempre?

- Sim - replica prontamente o abade. - Mas a luta é, por vezes, cruel e longa.

- Como a que nos move a maçonaria estrangeira - conclui José de Almeida, levando finalmente à boca uma garfada de couves.

O padre Domingos responde pressuroso àquele sinal, atirando-se ao petisco antes que ele esfrie, a alma limpa por estar ganhando bem os generosos favores daquela casa que serve zelosamente há mais de quinze anos.

Sexta-Feira, 6 de Março de 1829.

Desde manhã cedo que o povo anda no rasto do sangue e da morte, pistando o percurso dos condenados que irá fatalmente desembocar no cadafalso montado no Cais do Sodré. Vendedores ambulantes armam as bancas com muita estratégia, peixeiras da Ribeira aceleram o canastrar com especiais urgências, marujos de narças mal cosidas fazem horas em estancos de café rançoso e de muita borra, aguadeiros de barril ao ombro informam as amas que é pegar ou largar, que mais logo estão ocupados, adelas desbocadas afinam os dichotes e enfarpelam-se de dia santo, as quitandeiras do mercado despacham os negócios abreviando o regateio, bandos de frades dão-se pressa ruminando preces ao castigo e ao perdão, matilhas de arreeiros, alquiladores, criados, ferradores, almocreves, misturados com rascoas de cravo na orelha e rufias de boné para os olhos e polegares nas algibeiras das jaquetas, demandam o lugar da execução. Como num delta de muitos braços, correm para o mar da morte, o caudal engrossando com pandilhas de garotos descalços, mendigos, aleijados, que hoje desertam os portais das igrejas, sabendo que a caridade se há-de mudar para a beira do patíbulo.

Desde o Verão passado, quando supliciaram os nove estudantes de Coimbra, que não têm aquele espectáculo que lhes paga ilusoriamente a miséria que encontra os culpados que pode, aqueles que lhes dão os

senhores do reino e do destino, que tudo isso é D. Miguel absoluto, o rei do povo que desafia um touro com o mesmo pundonor com que enfrenta a corja finória aliada à estranja. Valente e santo, inflamante e purificador, devoto, regenerador do que o povo entende como raça e como pai, pai de todos, D. Miguel na boca do povo. Não foram apenas os esbirros do conde de Basto e a austeridade total dos juizes da Coroa quem abriu o caminho da força aos cinco desgraçados de hoje. Foi o povo de Lisboa, também, porque precisa de cevar na tragédia a desforra das suas frustrações, da sua miséria, da sua indefesa. São os mesmos dos vivas à Carta e das archotadas de anos atrás, quando o Saldanha era o redentor e o imperador D. Pedro outro desejado. São os mesmos que misturam a sede de sangue com as lágrimas de aflição, os que clamam vingança e choram de compaixão, os que conspurcam os mortos e lhes rezam pelas almas. É o povo-desespero e o povo-esperança, o dos infernos horrendos e do Deus misericordioso, o povo-bonifrate nas mãos dos poderosos e o povo-déspota de si mesmo.

«Fora malhado Chucha judeu!

Acabou-se a guerra, D. Miguel é rei!» Quando despontam do lado do Alfeite as carroças dos condenados, aproadas ao mar de gente apinhada no Cais do Sodré, um silêncio terrível sufoca a algazarra, que a morte mete medo e põe em muitos lábios o murmúrio de preces instintivas.

No primeiro carro vêm os seis degredados para toda a vida na costa de África, no segundo os cinco condenados à morte, todos de alva branca com capuz para as costas, descalços, de pulsos atados, o brigadeiro Moreira, o Braga, o Scarnichia, o Perestrelo, o Chaby. O povo decorou-lhes os nomes, nas semanas do processo, porque a memória é a mesma para o rancor e a paixão.

A certa distância da força, fazem-nos descer dos carros, forma-se a procissão, à frente o destacamento de Infantaria, com os nossos Francisco Alves e João da Silva, impantes de marcialidade tola, depois a irmandade da Sé, longa fila de opas com o pendão alçado, seguida de duas

alas de frades cantando a Miserere. Pairam sobre o cortejo as nostalgias da Inquisição, dos autos-de-fé purificadores, dos feros fervores medievos. Parece o tempo a recuar para as profundas obscuridades do passado.

As janelas do casario circundante estão peçadas de gente. São as damas e cavalheiros da pequena nobreza que resta, da burguesia fiel a quem está, dos parasitas que medram à sombra populista dos caciques do miguelismo. Há chá e bolinhos nos salões privilegiados pela localização do suplício, óculos de teatro assestados à força, risinhos nervosos, diatribes para boas consciências, ditirambos a sua majestade fidelíssima, e à senhora sua mãe, D. Carlota Joaquina, rainha de Queluz, lago do filho, soprando radicalismos, implacável, fulminadora.

Mais se excitam ainda com o rufar sinistro dos tambores, os padres erguendo as cruzes diante dos olhos dos condenados, os meirinhos escrevendo as laudas dos autos, os carrascos à espera da sua hora, os padres salmoneando o De profundis, todos dentro do quadrado formado pelos soldados de baionetas caladas tendo por centro o cadafalso.

Cinco vezes se repetiu a acrobacia grotesca dos carrascos, subindo as escadas com o condenado, já de cabeça tapada pelo capuz até aos queixos, atando-lhe as panturrilhas, passando-lhe a corda, ajustando-a aos gorgomilos, saltando-lhe sobre os ombros e empurrando a escada com o pé. Ficavam os dois a baloiçar, numa estranha comunhão, o morto e o matador, que de longe se assemelhavam a um duende cavalgando um trapo. Então, o rufar das caixas e o cantochão dos frades eram submersos pelo rugido aterrador do povo. Nas sacadas dos prédios, respeitáveis senhores soltavam graves vivas a D. Miguel e à santa religião, enquanto as senhoras, muito excitadas, davam gritinhos e abriam as mãos enluvadas de rendas diante dos olhos, espreitando por entre os dedos o sinistro baloiço dos mortos.

Cinco vezes se repetiu a cena, perante o olhar esbugalhado dos condenados à deportação, postados na primeira fila do quadrado, entre os quais se destacava o choro silencioso e patético do filho do brigadeiro

Moreira.

Ninguém arredou pé antes do fim do ritual, concluído com a degola do cadáver do brigadeiro e o cravar da cabeça numa pua, virada para o Tejo, perante os olhos do filho já enevoados pela demência.

À noite, houve vigílias nas igrejas, bailes nos salões e fadistices nas tabernas.

O sargento Alves e o soldado João peregrinaram a Alfama, primeiro, a recolher os louros dos seus préstimos militares, entre os seus, na taberna do Redondo; e, mais tarde, bateram para a Mouraria, para a orgia rasca da Gracinda e da sua legião de cróias e meliantes. Na tasca do Pêras, a mulata Gracinda, nos joelhos do João, de saio sofraldado, muito orgulhosa, mostra à canalha uma mancha escura no punho da camisa do soldado: «É sangue de malhado, seus coisos! Sangue de malhado!» E, uma vez mais, João da Silva tem de explicar que foi do que esguichou da goela do Moreira quando lhe cortaram a cabeça. E ela levantando-se, com derrengues e bamboleios, vai por mais vinho, para cortar o rexió da madrugada, e o Caraça pica na guitarra a Cruel Saudade, uma modinha do Vidigal que anda na boca do povo.

Um regatão do bairro do Castelo contou à Rita da Silva, com toda a cópia de pormenores, os enforcamentos do Cais do Sodré, sem esquecer que um dos justiciados parecia um menino, não teria mais que os seus 19 anos. Que lá vira o filho dela, todo importante de escupeta nas unhas, mesmo à beirinha dos coitados. A Rita escutou em silêncio, que só ela sabia como se lhe partia o coração a ouvir aqueles contos. De noite, teve suores frios, palpitações e insónias atravessadas por uma visão: o filho a apertar o laço da corda ao pescoço do menino Filipe.

HISTÓRIAS DE FAMÍLIA

«Creio que Deus é Deus, e os homens livres»

Quando Filipe Villepin se apresentou em casa de Diogo de Almeida, no Boulevard des Italiens, já este tinha mandado atrelar o cabriolé. Sem dar tempo nem ocasião para apresentar o preceptor a madame e aos pupilos, Diogo desceu com ele ao pátio e fê-lo entrar em sua companhia para a carruagem, puxada por uma bela égua inglesa e conduzida por um cocheiro de gibão, colete, plastrão e chapéu alto. Trotaram até à Madeleine, passaram a Ópera.

Era uma bela manhã de começo da Primavera e o arvoredo dos Campos Elíseos, vislumbrado fugazmente à direita quando atravessavam a Praça Luís XV, mostrava uma pujança verde de início de ciclo, onde se sentia o fim da cidade e o começo do campo. Como que confirmando esta impressão, Diogo de Almeida perguntou a Filipe, apontando para as âleas arborizadas que desciam para a Barrière da Étoile, se ele sabia que a menos de meia légua, para os lados da planície Monceau, se atirava às perdizes e aos coelhos. Explicou-lhe também que aquele pedestal rodeado de erva, no meio da praça, diante do Jardim das Tuileries, tivera em cima a estátua do rei Luís XV, derrubada durante a revolução, que agora há quem diga que se prepara o molde para lá pôr a de sua majestade Carlos X.

Passaram à margem esquerda pela Ponte Luís XVI, desembocaram diante da Câmara dos Deputados e tomaram à esquerda a direcção do Faubourg Saint-Germain. Estacaram enfim diante dum amplo portal ladeado de colunas de pedra, unidas em cima por um pórtico triangular muito divulgado durante o Império. Dava acesso a um edificio rodeado de altos muros que deixavam ver no interior as copas das árvores frondosas. Era um hotel particulier, dos vários que existiam naquela parte da cidade.

Só então, ao descerem do cabriolé, Diogo revelou o objectivo daquela excursão matinal através de Paris.

- Quero que meu pai o conheça.

O aviso tinha uma entoação tão intencional que Filipe entendeu imediatamente que ia ser sujeito a uma espécie de exame patriarcal. Não se enganava.

Ao fundo do salão, mobilado rigorosamente no estilo império, junto de uma janela que dava sobre o jardim, estava sentado a uma secretária um homem de cinquenta e poucos anos, de cabelos e suíças brancos, mergulhado na leitura de papéis empilhados numa pasta de marroquim verde. Depois de lhe beijar a mão com reverência, Diogo indicou com um gesto discreto a presença de Filipe.

- Aqui está o jovem de que lhe falei - disse em francês. E foi sentar-se numa poltrona ao lado da secretária.

Carlos de Almeida retirou o pincenez, colocou-o sobre os papéis, e Filipe confrontou-se com uns olhos castanhos-claros, percussores e vivíssimos. Após observá-lo um bocado, minuciosamente, colocou-lhe com método uma série de perguntas em português - nome, naturalidade, habilitações, filiação.

- Villepin, Villepin... - murmurou, pensativo. - De que região era oriundo o seu pai?

- De Orleães, senhor.

- Villepin, de Orleães... Não, não me diz nada - concluiu finalmente, encadeando a despropósito dois versos em latim.

Assumindo com muita seriedade a sua condição de examinando, Filipe acrescentou mais dois versos do mesmo poema, que identificou com uma ode de Horácio. Carlos de Almeida moderou um meio sorriso de agrado e mandou-o sentar.

A solicitação do dono da casa, Filipe descreveu as perseguições miguelistas que o tinham empurrado para fora do reino, escolhendo cuidadosamente as palavras e calando com toda a prudência as suas razões de coração. Estava diante do tio de Margarida e isso exigia-lhe sangue-frio suplementar para passar o cabo daquele julgamento que lhe

parecia estar mudando o rumo da vida. Dissimulou alguma discordância das considerações de Carlos de Almeida, quando este afirmou que o que convinha àquele fúnebre Portugal era um rei decente, que a Constituição era apenas um detalhe, um complemento da solidez das instituições duma monarquia moderna.

- Do que nós precisamos - repetiu - é de um rei decente. E o filho acrescentou:

- Não dum tonto mal-educado como o infante D. Miguel, que disparava tiros de pistola da janela do quarto sobre os carneiros que pastavam no pátio do Hotel Maurice, quando aqui passou em 24, a caminho de Viena. Até chamava a sua alteza Luís XVIII, à frente de quem estivesse, o Ginja. Uma vergonha!

Alargou-se Carlos de Almeida em comentários sobre a agitação política que reinava em Paris contra a «augusta pessoa do rei Carlos X», entremeando conselhos de moderação e extrapolando elogios aos tempos do imperador, que vira a harmonia da civilização por cima das fronteiras europeias e tinha do mundo uma ampla visão que conferira aos ideais, estragados pela «escória da revolução», uma incomparável grandeza. Aqui, Filipe retrincou as suas convicções, adaptando-as às conveniências.

- Não sei, senhor, que mais quer da liberdade o povo desta grande nação. Tenho visto nesta cidade ruas com o nome de grandes escritores, como Rousseau e Voltaire, cujas obras estão proibidas em Portugal, sendo a sua posse motivo de devassa.

- Il a de l'ésprit - comentou Carlos de Almeida, a meia voz, dirigindo-se ao filho. Estendeu a mão a Filipe, despedindo-o, e sublinhou a grande responsabilidade que lhe cabia ao ser-lhe confiada a educação dos netos.

À saída, quando Diogo e Filipe se aprestavam a tomar lugar no cabriolé, refreava o trote dum imponente cavalo branco um jovem de bota alta por fora das calças cinzentas, capa preta à lorde Byron sobre o colete creme com botões de madrepérola, um alfinete com uma coralina espetado

na gravata de seda. Tirou o chapéu com elegância e tratou Diogo, não sem leve ironia, por «ilustre mano». Saltou agilmente do cavalo e entregou as rédeas a um criado. Era Nuno, o filho mais novo de Carlos de Almeida. Após as apresentações, deitou a Filipe uma mirada sorridente que escorria vivíssima duns fundos olhos pretos.

- Mais um liberal português... Daqueles que juram pelo imperador D. Pedro ou pela liberdade?

A provocação embarçou Filipe, mas não o suficiente para lhe impedir um rápido gambito:

- Um e outra são o mesmo, senhor.

E Nuno, com um gesto largo que fez esvoaçar a capa à Byron:

- Mais non, monsieur, ce n'est pas le même. On en reparlera. Não é o mesmo lutar por um rei contra outro e lutar pela liberdade contra um rei qualquer.

Riu, traçou a capa por cima do ombro.

- Au revoir, monsieur. Au revoir, monfrère.

Matutava Filipe sobre aquela família, com um patriarca bonapartista, um filho cauteloso monárquico constitucional e outro filho revolucionário, muito provavelmente republicano, quando Diogo o tirou da meditação prevenindo-o contra o dandismo romântico e utópico do irmão, a que conviria dar desconto e distância, em nome do sã equilíbrio das suas novas funções de preceptor de seus filhos.

Dias depois, ao encontrar-se com o pai Raimundo, este informou-o que Carlos e Diogo davam dinheiro para a causa, mas impondo como condição que se deixassem à margem o Saldanha e os seus, enquanto Nuno acamaradava com eles e com o que de mais radical conspirava nos cafés do Palais Royal e nas redacções dos jornais da oposição.

Raimundo fizera conhecimentos, sobretudo com um Roland, jornalista do Globe, com alguns emigrados portugueses, com artistas de teatro dos grandes Boulevards, alguns dos quais, postados ao balcão do

Café Hardy, já o tratavam por le peintre portugais. Mirando o afilhado enfarpelado de novo, assobiava-lhe a elegância. E Filipe explicava:

- Umas camisas lavadas, uns sapatos polidos e uma sobrecasaca bem cortada fazem mais pela causa que uma cabeça cheia de generosas ideias liberais.

- Estás a aprender depressa - retorquiu Raimundo, entre prazenteiro e irónico, entendendo como era postiço aquele cinismo.

Mas a verdade é que Filipe aprendia tão depressa quanto era possível os modos de atalhar para a libertação duma menina fechada no Convento de Chelas e de uma pátria encerrada no obscurantismo fradesco e na rusticidade retrógrada representada por um rabejador de touros a caçar carneiros parisienses.

Antes fora só isso, suspirava Raimundo, mais instruído nas intrigas e corrupções da causa liberal, afogada pelos juros dos banqueiros, pela ambição dos inúteis e pela indisfarçável hostilidade dum povo que aclamava nas ruas e nas igrejas um rei absoluto que era a irrisão da Europa.

«... e não conto as horas que nos separam, elas apenas passam por mim nestes crepúsculos muito tristes, enquanto descubro um sabor estranho nas palavras que escrevo, imaginando que é o gosto dos nossos beijos. Estas cartas são uma espécie de baluarte que vou levantando neste cerco que fizeram ao nosso amor. Eu não creio afastar-me dos caminhos de Deus, como dizem a abadessa e o confessor. O dever de obediência que me pregam não basta para sufocar a verdade de querer-me sempre fiel ao nosso amor, que isso é também o que Deus quis. Sinto-me muito sozinha a resistir dentro destas paredes, e tiro a força das lembranças que as tuas cartas reavivam, de tal modo que até tenho orgulho nesta paixão. Mais um pecado.

Relendo estes dias a Vida de Santa Teresa de Jesus, que, não tendo outras leituras, me ajudam a ver o que se passa no íntimo, retive esta passagem: De mi sé decir que si el Señor no me descubriera esta

verdad y diera médios para que yo mui ordinário tratara cón personas que tienen oracion, que cayendo y levantando iba a dar de ojos en el Infierno. Porque para caer habia muchos amigos que me ayudasen; para levantar-me, hallábame tan sola que ahora me espanto como no me estaba siempre caída, y alabo la misericórdia de Dios, que era El solo que me dava la mano. A minha vida também está nas mãos de Deus, e quis ele que conserve mais forte a vontade da paixão do que a obediência que me ordenam, estando eu também muito só à mercê da sua onipotência. Os que dizem querer ajudar-me estão sempre a mostrar-me as portas do Inferno, enquanto Ele vai permitindo a fé no futuro contigo, seja quando for. Aos olhos deles isto são heresias, que muito lhes convêm para manterem o mundo parado e os corações mais fechados do que os portões deste convento. Não sabem o que é amar.

Meu irmão António, que estava no Porto capitaneando uma bateria, voltou a Lisboa. Veio ver-me e, falando primeiro mansamente numa perlenga muito utilitária, logo se pôs aos gritos no parlatório, fazendo grande escândalo, mais iracundo que meu pai. Jurou que te havia de matar. A esta jura, aqui na Casa de Deus, não vi ninguém ir-lhe à mão e dizer que pecava.

Que custoso, meu Filipe, estarmos assim tão apartados, a conviver com uma justiça que parece aferida pelos caprichos de um louco. Que Deus me perdoe. Como é diferente o mundo de que me mandas novas deste onde nada é novo, de modo que só de dentro de mim posso tirar de que te dizer...”

O capitão António de Almeida é o vivo retrato do pai, mas ampliado - mais um palmo de altura, e exaltado, violento.

- Pena eu não estar por cá! Em vez de o mandar sovar, mandava matá-lo! Minha irmã que pusesse luto, como agora, mas ao menos teria havido morte de homem - esbraveja, calcorreando o sobrado do salão, de olhos chamejantes e bufando muito.

O pai contempla aquela indignação e modera-lhe o excesso,

convencido de que Margarida, mais tarde ou mais cedo, reconsiderará.

- Aquele diabo do Palmela - insiste o capitão - lá vai arranjando maneira de expedir mais armas e gente para a Terceira, mesmo depois do fracasso do Saldanha perante os ingleses. Aquilo é obra dos judeus e dos mações da França e da Inglaterra, dos barões do Brasil, de bolsas abertas a financiar a traição. Dinheiro de Judas...

José de Almeida exagera a confiança:

- Já se lhes acaba a ousadia. Sua majestade ordenou que se aparelhe a esquadra para ir bater aquele coió de jacobinos. Uma pequena ilha no meio do Atlântico, eis o reino brasileiro...

O filho, porém, acha a causa de D. Miguel merecedora de mais empenho, que são túbios muitos dos que se dizem a seu lado, até os tories, que vão contemporizando com honrarias à filha de D. Pedro.

- Essa criança... Rainha de quê?! O Wellington, à frente do Governo de Londres pode opor-se ao truão do Saldanha em frente da Terceira, mas vai transigindo aos salamaleques dos traidores emigrados em Inglaterra.

O pai sintetiza:

- É um político.

E o capitão furibundo:

- Então, está esquecendo a honra do grande militar que foi! Os políticos... São uma espécie de lesmas que amolecem até o nosso excelente rei e o vão afastando da firmeza da senhora sua mãe, a nossa excelsa rainha D. Carlota Joaquina. A Ajuda alberga ainda muitas víboras, meu pai. E eu penso muitas vezes naquele grito dos verdadeiros portugueses quando o rei chegou, «viva D. Miguel, se o merecer».

- E não merece ele, António?! - replica o pai. - livrou-nos da Carta, derrotou a corja do Belfast, meteu os mações nas enxovias...

- Nem todos, meu pai, nem todos, que ainda por aí vejo impunes muitos que deviam estar pagando pelas suas ideias corruptas e malvadas conspirações. Isto ainda está a pedir uma grande barrela!

Assim se surpreendia José de Almeida, perante tanto ardor absolutista, sentindo-se afinal menos papista que o papa e também minado pelo balancear da política e pela estultícia dos que pretendem ver as dúbias alianças dos reinos estrangeiros como inamovíveis defesas das razões que só ao País dizem respeito. Vendo, pensativo, aquela bravura nos olhos e no porte marcial do filho, parado à sua frente, José de Almeida resume um estado de alma onde aflora alguma incerteza:

- Se for preciso, havemos de nos bater novamente, ambos, na primeira linha.

Termina, porém, a conversa em assunto mais pragmático - a correspondência com o visconde de P. sobre o contrato de casamento da filha com o capitão António de Almeida.

O cabo João da Silva e o sargento Francisco Alves estão enfim dispensados do convívio com a choldra da soldadesca de Infantaria 16. Só uma vez ao mês se metem no uniforme e demandam o quartel a receberem a soldada, quase nada, se comparada com as moedas que lhes dá a secretaria do Intendente da Polícia que se mostrou muito receptivo à recomendação do Teles Jordão.

Sem abandonarem as tascas preferidas da Mouraria e de Alfama, rondam de ouvidos alerta os cafés do Rossio, O Nicola e o Parras, as salas de bilhar e a porta das boticas onde se jogam o whist e o gamão. São lugares onde almas ingênuas se desbocam com imprudente à vontade, quanto baste para que os espões do conde de Basto justifiquem o soldo fazendo crescer a população das prisões.

Rita da Silva constata uma relativa prosperidade do filho, mas desconfia dos modos como o sargento Alves está cumprindo, em parte, a promessa de fazer do João alguém. Ela sabe muito bem que os santos da sua devoção não descem habitualmente a estes milagres mesquinhos. E o súbito respeito que envolve a parelha formada pelo João e pelo Alves assemelha-se muito a um medo misterioso que também está nas miradas que as vizinhas lhe deitam de través, pelos cantos dos olhos.

A Rita suspeita e, puxando por um orgulho súbito, avisa o filho de que estas novas fidalguias de vestir casaca e calçar sapato de fivela não mudam em nada a fidelidade do seu afecto por mestre Raimundo e pelo menino Filipe. O bufo responde-lhe que tenha lá cautela com as cartinhas entre o Convento de Chelas e o Paris da França.

E assim se enfrentam, quando ele passa por casa para que ela lhe lave as camisas de bofes, desconfiando um do outro, com muitos silêncios.

Depois de mudar do Auberge des Innocents para umas águas-furtadas da Rua de La Coutellerie, esquina com a Rua Jean l'Épine, no Bairro de Areis, Raimundo da Anunciação passa com frequência à porta dum prédio burguês da Rua Saint-Jacques, junto à Praça do Châtelet, na qual há um letreiro de latão, sempre muito bem acendrado, que diz À la Mode - Chez Madame Juliette - 1.er Étage. Sempre que olha aquela porta, o pintor cisma nas aventuras de há vinte anos, quando era aprendiz da escola de Mafra, o rei fugira e tinham chegado os franceses do maneta Loison, com uma pérola escondida nos furgões, justamente chamada Juliette. Relembra os sustos passados a enganar o coronel que a trouxera na bagagem, quando a pintava desnuda, reclinada numa otomana rodeada de braseiras, numa sala deserta do palácio dos marqueses de Ponte de Lima. «Vénus em palácio vazio», assim titulara essa obra, a primeira de que verdadeiramente se orgulhara e que viajara para França na cambulhada do saque do Junot. Uma ponta de saudade vem aguilhoar-lhe o coração magoado pelas arolas da vida, levando-o nas asas da melancolia ao tempo em que amara de paixão secreta aquela Mariana do Largo da Estalagem, enquanto desempenhava com pundonor um papel de libertino nos braços da francesa. Andava a curar no corpo as penas da alma, medita, enquanto se aproxima da turbulência do Palais Royal e, pouco depois, cruza a entrada do Café Lamblin, poiso dos mais arrebatados bonapartistas e liberais de Paris.

Filipe, de braço erguido por entre uma floresta de chapéus altos,

no meio da bruega da freguesia, chama-o para a mesa onde o está esperando.

Ali estão agora contando um ao outro o que a vida lhes tem servido naquela babilónia de tanta tentação e perdição, de tantos prazeres e misérias, que lhes parece Lisboa uma aldeia.

Filipe vai ganhando a confiança de Diogo de Almeida e da esposa, paciente com os meninos, um rapaz de dez anos e uma rapariga de oito, discreto, aprendendo o cerimonial e as maneiras com muito tacto. Já se senta à mesa da família, à ceia. Passa muito do seu tempo livre na biblioteca da casa, bem fornida de clássicos franceses, mas com lacunas significativas que o levaram a demandar um gabinete de leitura da Rua Rivoli, quando quis ler as Memórias de Vidocq, esse avesso do mundo colocado na ribalta das consciências, e o célebre prefácio do Cromwell de Victor Hugo fazendo explodir os cânones da criação artística - *Disons le donc hardiment. Le temps est venu, et il serait étrange qu'à cette époque, la liberté, comine la lumière, pénétrât partout, excepté dans ce qu'il y a de plus nativement libre ao monde, les choses de la pensée. Mettons le marteau dans les théories, les poétiques et les systèmes. Jetons bas ce vieux plâtrage qui masque la façade de l'art! Il n'y a de règles, ni modèles.*

- Não, pai Raimundo, aqui não se está a passar a briga dinástica que nos fez emigrar. Aqui desenrola-se a subversão absoluta que é o prelúdio das revoluções.

Raimundo nota o brilho do olhar do afilhado, reconhecendo nele os impulsos clandestinos da sua juventude, ainda que calados e abafados pela ordem de outros tempos e outros lugares. Rejubila mas receia as consequências daquela vivacidade tumultuosa que o planeta onde aterraram lhe está imbuindo pela osmose das leituras e pela ousadia das ideias conversadas de alto.

Filipe fala-lhe agora de Nuno de Almeida, que, à revelia do irmão e do pai, o encaminha para a ronda das artes e da noite, levando-o à Ópera a ouvir a incomparável Mariette Garcia, ao Théâtre des Funambules

em cuja troupe avulta a genial anã Carolina Laponne, ao Odéon, à Ópera Cômica, acabando as noites entre os boémios do Lapin Blanc, ao som da música dos vagabundos, brindando pela liberdade, ou bebendo o ponche dos Frères Provinciaux, e até arriscando algumas moedas e o físico no biribiri, no creps, na roleta dos casinos tolerados do Palais Royal, ou nos bilhares do Café-Français. Mas eis que vai percebendo uma sombra de apreensão no rosto de Raimundo.

- Eu sei, pai Raimundo - antecipa-se. - Eu sei que não devo iludir-me porque a minha condição está muito abaixo da pequena nobreza dos senhores Almeida, muito polida pelo brilho do dinheiro. Mas Nuno é um radical, um revolucionário...

Raimundo, porém, franze a testa e diz da sua reserva:

- Lorde Byron também era um liberal, romântico e revolucionário e nunca deixou de ser lorde... Sê prudente, meu Filipe, mais prudente que o senhor Nuno de Almeida, porque ele tem a imunidade social da linhagem e da fortuna e tu não.

Filipe é um espelho que reflecte os seus próprios sentimentos -escurecem-se-lhe mais os olhos como a tonalidade tenebrosa de lagos ameaçados pela tormenta, os lábios tremulam.

- Talvez... Talvez esteja confundindo uma amizade com uma esmola. Seja como for, o meu coração não se afastará um passo daquela que expia num convento o crime da paixão proibida, nem do que nos espera ainda para levar à nossa terra a luz da liberdade.

Não o viram chegar. Erguem agora, surpresos, as cabeças para o som daquela voz bem timbrada, desenvolta, altiva.

- Filipe Villepin, vous voilà en!

E Nuno de Almeida está já a sentar-se à mesa do Lamblin, apartando cuidadosamente as abas da sobrecasaca para cada um dos lados da cadeira, extraíndo com muita elegância as luvas de pelica cinzenta. Apresentações - que tem finalmente o prazer de conhecer o padrinho de Filipe, o pintor. E logo umas urgências quase frenéticas,

moderadas pelo hábito dos salões, mas picadas por um temperamento irrequieto. Que procurou Filipe no Beauvilliers, no Sauvage, pois trazia grandes novidades. Pedira ao pai que usasse as suas relações na investigação das origens da família Villepin e encontrara-se finalmente um rasto. Um amigo de Carlos de Almeida, o velho coronel Goriot, conhecera dois irmãos Villepin, um major de hussares tombado em Smolensk e um capitão de dragões morto na primeira campanha da Península. Faltava agora prosseguir a investigação, seguir aqueles vestígios até Orleães, farejar os arquivos da Grande Armée, os registos das Mairies.

Filipe empalidece, sob o olhar perscrutador de Raimundo, que o vê a afastar-se para um passado que possivelmente o está roubando. Mas Filipe recobra o sangue-frio, agradece a diligência de Nuno de Almeida - que é muita a bondade de se empenhar assim na busca de ascendência dum modesto preceptor de seus sobrinhos. Que o está ofendendo com o seu orgulho, replica Nuno, que o preza como amigo e não como criado. E interrompe aquela afectuosa indignação para cumprimentar uma estranha figura que passa junto deles, um sujeito maciço, dos seus trinta anos, melenas mal acamadas, bigode pouco aparado, aparentando um dandismo negligente, olhar agudo plantado no contraste do carão que a papada faz mais redondo.

- É o senhor Honoré de Balzac - explica. - Um talento que até agora produziu um romance chamado *Le dernier des Chouans* e que se intitula a si mesmo o Napoleão da literatura. Não é um habitué deste café, mas pode bem ser que tenha mudado para fugir aos credores.

Sem transição, extrai do bolso da sobrecasaca dois bilhetes para a *première* do *Otelo*, na versão de Alfred de Vigny.

- Vamos com o grupo do marquês de V., gente de muito espírito - diz, dirigindo-se a Filipe e logo rectificando, com um gesto de afectada delicadeza. - Não sabia que ia encontrar o nosso ilustre pintor...

De regresso às águas-furtadas da Rua de La Coutellerie, Raimundo volta a passar diante do letreiro de latão de *Chez Madame*

Juliette. Novamente devaneia pelo passado e, depois, mistura confusamente os sentimentos que lhe avessam a alma ao matutar no que está mudando a vida do afilhado e o empurra, a ele, para uma solidão ainda mais estrangeira e nostálgica.

- Se os Mendonças decidiram casar o Luís com a nossa sobrinha Bebiana, talvez a nossa filha possa...

José de Almeida corta cerce aquele manso prenúncio de sugestão adivinhada nas palavras da esposa:

- O cautério ainda não produziu efeitos de arrependimento, que eu saiba.

E o padre Domingos reforça seraficamente aquela recusa de amnistia:

- Frei Bartolomeu fez-me saber que D. Margarida não se mostra disposta a deixar o convento, mesmo que liberta do noivado com seu primo...

José ergue-se do cadeirão, iracundo.

- Pois quê?! A tanto lhe monta o orgulho?! Que apodreça lá no catre de Chelas como os jacobinos apodrecem nas enxovias de São Julião da Barra!

Leonor, com muitas lágrimas, forra-se a mais iras, demandando os aposentos onde se acha quase tão sozinha como a filha no convento.

Ficam José de Almeida e o abade num silêncio aborrecido que o clérigo rompe para dizer que já reza todos os dias pela esquadra de el-rei, que está aparelhando para ir recuperar esse pedaço da pátria perdido no Atlântico. O fidalgo diz que irá tudo raso, com preces ou sem elas, e enumera o avultado contingente: vinte e quatro navios, com a nau, as duas corvetas e quantidade de brigues, escunas, charruas e canhoneiras, 340 bocas-de-fogo e 3500 homens só de tropa de desembarque.

- O que é difícil de derrotar - considera o fidalgo - é a insídia da propaganda que trazem os paquetes estrangeiros e a diligência da posta entrando à vontade pela porta aberta de Badajoz, com panfletos

produzidos por letrados traiçoeiros e impressos na estranja. Como este que aqui tenho...

José exhibe à curiosidade servil e grave do pároco um papel impresso na Officina de L. Thompson, Great St. Helens, o qual se vende «em casa de D. Vicente Salva, livreiro em Regent Street». O padre Domingos está soletrando o título: «Apostilhas à enormíssima sentença condenatória que sobre o suposto crime de rebelião, sedição e motim, foi proferida em Lisboa aos 26 de Fevereiro de 1829, e ahí executada no dia 6 de Março seguinte.»

- Mas isto é ainda sobre o caso da conspiração do brigadeiro Moreira Freire!

Que sim, confirma José de Almeida, e que o papel está crivado de falsidades torpes e de insultos a sua majestade. Que o povo se ausentou, espavorido, e que nos poucos que restavam se via tristeza e mágua...

- Assim mentem estes escribas capadócios àqueles que testemunharam a justa indignação da multidão contra os traidores. E vão ao ponto, padre Domingos, de pompear a maior hipocrisia, mostrando-se compungidos por a execução se ter feito numa sexta-feira de Quaresma, dia de penitência e de religião. Aqueles hereges a darem-nos lições de devoção!

- Grandes salafrários e fariseus! - condena o abade, enrubescendo, a molhar o dedo gordo na saliva para virar as páginas daquela hedionda prosa.

João da Silva e Francisco Alves alargam as vigilâncias aos molhes onde atracam os barcos vindos de fora. Se já tinham ordens para desconfiar de tudo e de todos, estão agora instruídos especialmente contra o contágio pedreiral por via marítima. Qualquer bípede nacional ou estrangeiro que, vindo de outros reinos, atraque a cais da capital é um suspeito. Não bastam os rigores da Alfândega, executados por funcionários muito compreensivos para quem lhes azeite a pata com umas moedas

escorregadas por entre os pertences vasculhados, e são capazes de confundir uma caixa de pó-de-arroz francês com um filtro de veneno borgiano, ou uns panfletos subversivos com receitas de cozinha. Alguns viandantes de pinta mais finória passam no crivo dos dois sócios dispensados por Infantaria 16, assim também ocupados no controlo aduaneiro das ideias que possam vir perverter espíritos menos firmes na defesa do trono e do altar. Raramente espremem destas diligências um hipotético culpado, que todos vêm prevenidos com informações tranquilizantes sobre o fim próximo dos malhados, que terão sido expulsos de Plymouth e de Brest, ou presos como carbonários conspiradores no Castelo de SantAngelo, ou povoam os cárceres de Antuérpia, ou vogam para o Brasil, ou pura e simplesmente mendigam nas vielas de Londres e Paris. Outros menos avisados que os nossos Alves e Silva tomariam por bons estes salvatérios e talvez concluíssem ter-se extinto matéria para inquéritos e devassas. Porém, nunca a esta dedução eles hão-de chegar, pois tal significaria o fim das benesses que estão tirando como escoras do regime.

Mas têm os excessos de zelo as suas armadilhas e numa delas caíram os nossos forros da tropa de infantaria, ao conduzirem Limoeiro um recém-chegado de Paris que lhes pareceu trazer vérmina liberal, sob a capa duma risonha arrogância e alegadas informações para um primo muito influente. Apurou-se depois que o tal parente, embora afastado, era o conde de Basto em pessoa, que com essa peça estava melhorando a sua rede secreta de agentes no estrangeiro. Desfeito o equívoco com muitas desculpas, conseguiram os zelotas locais reforçar o perdão pelos incómodos fazendo ao homem o agasalho de ceia copiosa numa casa de comidas da Rua dos Condes.

Bem atestado, o conviva começa a enredar histórias de patrícios fugidos à justiça de el-rei D. Miguel. Mordido pela curiosidade e desembaraçado da prudência pelo vinho bravo que regou o ágape, João da Silva pergunta ao homem se por lá viu um rapazola desempenado, loiro, de

olho preto e com nome estrangeiro, na companhia dum borra tintas mancando da perna esquerda. Não conhece ele outros tunantes, exclama o colega de espia, que um se chama Filipe Villepin e o outro Raimundo da Anunciação, e que já bebem do fino, sobretudo o primeiro, que está aboletado em casa duns emigrados antigos e ricos, de apelido Almeida. Palpite puxa palavra, fica o João ciente de serem esses Almeidas do ramo degenerado daquela apostólica família da Lapa que o seu irmão de leite quis perverter, galando uma menina de rara formosura que ora se encontra retirada no Convento de Chelas.

O João não revela à mãe o despeito de saber Filipe de boa vida e protegido por fidalgos traidores do tempo do Junot. Apenas endurece as ameaças, intimando-a a cessar o serviço de correio, futricando denúncia da cozinheira de casa de José de Almeida, se a coisa não se acabar duma vez por todas. Arrepela-se a Rita contra o traste do filho e roja-se-lhe aos pés, implorando-lhe que não desgrace a Ti Francisca.

O bigorrilha, com foros da buface que vai aperfeiçoando, afeiçoa o plano de trocar as letras que a mãe lhe dita para os emigrados, enganando-os com a invenção de casamento ou mesmo de morte de Margarida.

Rita da Silva, muito avisada e tendo visto mais que o malandro do filho, está destilando o contraveneno que salve a correspondência e o futuro da Francisca cozinheira. Jura-lhe que acabará definitivamente com as cartas, mas vai cruzando os dedos em figas para empanar a jura, e chora desabaladamente, não de medo ou arrependimento, mas de desgosto por ver o filho algoz dos seus e sabe lá de quantos mais.

Há quem chame ao canto mais escuro do parlatório «o desvão dos namorados», se bem que outras de mais verrina o apelidem secamente «a Roda».

Referem estas últimas contos antigos e novos, segundo os quais alguns meninos que ali se fabricaram em noviças e seculares que sucumbiram a tentações de fora, passaram directamente ao hospício dos

enjeitados conhecido vulgarmente por «Roda». É que a vigilância das monjas segue critério semelhante ao dos funcionários da Alfândega já referidos, com a atenuante das tenças e óbulos que comprem favores suplementares reverterem maiormente para o cofre da Ordem. Tudo isto é naturalmente absolto na grelha do confessional, com mais ou menos penitências, de modo que não há interveniente nos processos do desvão que não tenha salvação assegurada.

«Não posso contar-te, meu Filipe, factos que aqui se passam e que, se eu tivesse uma ponta de hipocrisia, diria que atentam contra a minha inocência. Não me julgues a mais virtuosa das reclusas de Chelas, porque em pensamento te vejo meu marido e senhor, sem que ainda nos tenham sagrado o matrimónio. Repugnam-me, porém, os fingimentos de algumas que parecem muito íntimas dos santos, muito fervorosas no desfilar do terço, muito piedosas em obras e pensamentos, e que albergam afinal almas perversas a quem é preciso comprar o silêncio.

A lavadeira que fazia entrar e sair as nossas cartas foi denunciada por uma dessas. A pobre mulher perdeu o trabalho, o que me atormenta de remorsos e de angústias por temer que se repitam armadilhas que possam impedir a nossa comunicação e prejudicar mais alguém. Por ora, como vês, consegui arranjar modo de iludir estas vigilâncias mesquinhas, mas sufoco de medo cada vez que mando ou recebo carta. Felizmente que o amor me dá coragem e engenho.

Assim me parece que quase tudo na vida tem artifício e nem as orações dos santos escapam, se se lerem atentamente os seus involuntários ensinamentos: Pues ya queda dicho con el trabajo que se riega este vergel, y cuán a fuerza de brazos sacando el agua del pozo. Digamos ahora el segundo modo de sacar el agua, que el Señor del huerto ordeno para que con artifício de con un torno y arcaduces sacase el hortelano más agua y a menos trabajo, y pudiese descansar sin estar confino trabajando. Pues este modelo aplicado a la oración que llaman de quietud... É novamente Santa Teresa de Jesus. Espero que não aborreças

estes trechos que não são certamente os que melhor alimentam o teu espírito de combatente e o coração que dizes ter-me entregue, como o meu te pertence também, pulsando pela hora da união quando Deus achar que a merecemos.

Entretanto, as famílias contrataram o casamento da minha prima Bebiana com o primo Mendonça que me haviam destinado. Uma palavra minha libertar-me-ia provavelmente da cela do convento, que trocariam pela vigilância de meu pai e meu irmão, que não tardariam a encontrar-me outro pretendente da sua escolha. Prefiro a quietude do torno e dos alcatruzes que tiram a água das minhas penas e me mantêm apartada do mundo e das suas ciladas, puramente pronta para o nosso amor.”

Recebeu Filipe esta carta simultaneamente com outras duas. Uma, garatujada em letra grosseira e sem nenhum cuidado ortográfico, era da sua boa ama Rita, que pedira «a um sujeito com estabelecimento de mercearias no Castelo e que muito me estima» o favor de botar por escrito o que ela ditara e no essencial resumia - que não acreditasse em nada do que visse saído do punho do seu João por «serem mentiras malvadas, que ele tem o coração metido em fel, anda em más companhias e muitas moedeiras me tem dado». Na outra, reconheceu Filipe a letra irregular, incertamente arredondada, do seu irmão de leite. Fazia passar a prosa por ditado da Rita e informava que Margarida cedera aos pais, casara com um fidalgo castelhano e saíra para Espanha. E mais juntava ser aquela a última carta por não quererem continuar a comprometer-se, a Rita e o filho, com correspondência para um reino estrangeiro.

Filipe ocultou estas trapaças do João a mestre Raimundo, para não o apoquentar com a conduta do afilhado que criara e educara e sempre dera motivos para ralações. Lanhava-se-lhe o coração, imaginando as brechas que andaria tramando o companheiro dos primeiros jogos a quem nunca conseguira torcer o carácter cruel e desconfiado. Aquelas más companhias a que a Rita se referia calculava ele serem as joldas das

tabernas, com muitos homens de mão do Miguel, para quem tendia já o João antes de eles terem deixado Portugal.

Escreveu uma longa carta a Margarida renovando o ânimo da sua paixão, na qual descrevia as diligências que estava empreendendo para apurar a sua ascendência, pelo que deveria partir daí a poucos dias para o vale do Loire, com licença que lhe haviam concedido os seus benfeitores. A identidade destes ainda a ocultava Filipe, receoso de que a carta caísse em mãos inimigas.

Nessa mesma tarde foi recebido pelo coronel Pierre Goriot, a quem Carlos de Almeida o recomendara e teria alguma vaga notícia dos Villepin. Encontrou uma personagem soturna e solene, mais marcada por algum secreto desgosto íntimo que pelas cicatrizes das batalhas que travara nas campanhas de Portugal. Recordou que devia a vida a umas excelentes pessoas de ao pé de Braga que o recolheram, trataram e esconderam da fúria das guerrilhas. E que lá deixara também o coração... Outras chagas que o causticavam e não queria remexer. Revelou-se bonapartista incorrupto, dos poucos oficiais do Império que não se tinham vergado na Restauração. Conhecera Pierre-Henri de Villepin, capitão de hussares, na batalha de Wagram, o qual tombara como um bravo em Smolensk. Sabia que ele tivera um irmão mais novo, capitão de dragões, de cujo nome não se lembrava e lhe haviam dito ter sido morto na batalha do Vimeiro. Confirmou que os Villepin eram da região de Orleães, mas mais não adiantou, além duma exortação moralista sobre a responsabilidade de Filipe em honrar o ilustre nome de dois heróis caídos ao serviço de Napoleão.

Depois de se despedir de Raimundo e da família Almeida, Filipe partiu para o Loire na diligência da posta.

Se Raimundo da Anunciação, sentado diante da tela e do cavalete, não estivesse tão inteiramente entregue ao tratamento da luz e da sombra do fim da tarde na fachada principal de Nôtre-Dame, teria talvez reparado numa senhora vestida com exuberante elegância que, acabada de

sair da última missa dominical, estacara a meio da escadaria e o observava, imóvel, sob uma sombrinha verde-alface orlada de rendas pretas.

Enquanto o pintor retocava o sombreado da cantaria do pórtico, a senhora, que aparentava quarenta anos, desceu lentamente o resto das escadas, fez um longo desvio circular para se furtar ao campo de visão do artista e foi depois aproximando-se muito devagar, com pequenos passos que gradualmente revelavam uma crescente emoção. A sua sombra projectou-se enfim, por trás de Raimundo, na tela onde avultavam já o portal e a rosácea que o encima. O artista virou-se e encarou a dama, pondo a mão em pala sobre os olhos a proteger-se do sol que brilhava desse lado.

- J'ai plus de mémoire et de cœur que vous, mon ami.

Ele empalideceu ao ouvir aquela voz que soava como um cântico do passado. Ergueu-se tremendo, fazendo tombar o banco.

- Juliette!

Abraçaram-se longamente, molhando com algumas lágrimas a emoção feliz daquele encontro. Identificavam o cristal dos risos ecoando na abóboda dos anos transcorridos - vinte, recordavam sem o dizer para tornarem mais nítido aquele momento em que recusavam avaliar os estragos do tempo. E constataavam, quase sem espanto, encarecendo uma experiência desigual do mundo e da vida, que a cumplicidade construída à sombra do Convento de Mafra, lá nos confins de parte nenhuma, parecia incólume.

Caminharam lado a lado, ao longo do Sena, até à Ponte Suspensa, onde atravessaram para a margem direita, ela aceitando o braço de Raimundo ajoujado com os trastes das artes. Viviam o picante de uma nova timidez, disfarçando-a com a desordem da narrativa de tanto tempo, que afinal lhes parecia pouco e fugaz, como o que mediara entre dois encontros nos jardins dos marqueses de Ponte de Lima, cuja recordação voluptuosa lhes esmaltava o discorrer pelos seus destinos.

Juliette era a viúva respeitada dum major da Grande Armée morto em Waterloo, «não aquele Foucault que enganávamos em Mafra, e lá me levou e trouxe aos sacolejos dos furgões das bagagens, por aqueles horríveis atalhos da Península, mas un homme charmant que me amou de paixão».

Raimundo procurava-lhe os olhos e vislumbra neles sinais da antiga chama, espiava-lhe o seio vasto amparado pelo corpete e imaginava sob a seda das mangas aqueles braços poderosos que o haviam ganchado nas justas amorosas. Que importava o que a charrua do tempo lavrara sob o carmim empoado das faces, uma ténue flacidez na pele do pescoço, um andar menos ágil, meia dúzia de fios brancos a riscarem a cabeleira preta? Ele revia nela o modelo e a amante, a «Vénus em palácio vazio» e a amie du coeur, e encontrava, emocionado, as frases que relatavam vinte anos de vida quase nada. Haviam já percorrido, numa caminhada que lhes pareceu ter durado um instante, a Rua da Vannerie, da Praça do Hotel de Ville à Rua des Areis, viraram à esquerda na Rua da Boucherie até à Rua Saint-Jacques, e detiveram-se naquela esquina situada num dos ângulos do Châtelet, à porta onde havia uma placa de latão que dizia À la Mode - Chez Madame Juliette - 1.er Étage. Ele falou-lhe das vezes sem conta que ali tinha passado pensando nela. E Juliette, com um límpido sorriso de quem ainda se maravilhava com os caprichos do destino:

- Julgamos que estas coisas só acontecem nos romances, mas a vida é muito mais que um romance.

E convidou-o a subir.

A sala sugeria um ninho de recordações muito variadas, um aconchego de cores quentes, veludos grená, drapeados nos vãos das janelas, tapetes egípcios, rendas sob biblots de Saxe, ícones russos, cristais de Murano e até aquela otomana sobre a qual Juliette pousara para Raimundo, agora forrada de damasco. Quase se podia traçar, no mostruário acumulado entre aquelas quatro paredes, o itinerário dos exércitos imperiais.

Tomaram chá e petit fours, Juliette e Raimundo, experimentando

um pudor que não haviam sentido tantos anos antes, receosos do que havia sido transformado ou tragado nos vagados do tempo. Ela quis mostrar-lhe a casa, um vasto andar dividido drasticamente entre os negócios e a residência. Na ala direita, deserta por ser domingo, visitaram a oficina de costura, a sala de provas, o escritório, tudo belamente ordenado. Na ala esquerda, passaram em revista a cozinha e a copa, a sala de jantar, os aposentos dos convidados e, finalmente, o quarto dela. Quando Raimundo viu, colgado na parede fronteira à cama de dossel, o quadro que pintara havia vinte anos, a sua «Vénus em palácio vazio», enquadrado pela bela talha dourada de frei Álvaro, encheram-se-lhe os olhos de lágrimas, pegou com incontido transporte nas mãos de Juliette, beijou-as com muita emoção, cingiu-a pela cintura e, aproximando os seus lábios dos dela, murmurou:

- Temos outra vez vinte anos, Juliette.

E ela, abandonando-se e mirando-lhe o fundo dos olhos:

- Essayons, mon ami. L'amour n'a pás d'age.

O comerciante do castelo que contou à Rita da Silva, com muitos pormenores escabrosos, a execução dos condenados da conspiração Moreira e a presença nela de seu filho João, derriça-a às claras. É grande a bisbilhotice das vizinhas, por não conhecerem àquele homem maduro, pisa-verdes e meio belfo, nenhum arreganho com mulher, nem outra companhia além do cachorro escanifrado, o mais do tempo enroscado a dormir na soleira da loja, se é Verão, ou entre as sacas de feijão, se é Inverno. A Rita, que nunca foi de falatórios nem de provocá-los, aparenta conformar-se com os que está desatando por dar conversa ao falinhas, sendo mulher de brios e passado limpo no bairro onde chegou já com o pecado despachado. As beldas da vizinhança só lhe fazem moessa no humor, que não no orgulho, que tem rijo e assanhado e só amolece nas entaldas do filho.

As razões do troco que a Rita dá ao senhor Inácio, que esta é a graça do merceeiro, só as conhece ela e o Altíssimo por intermédio do

padre Branco, vigário da igreja da Madre de Deus, onde se confessa e comunga pontualmente todas as sextas-feiras.

Esta batota que é o romance autoriza o autor a tirar da manga o trunfo das confissões das suas criaturas, sem comprometer o secretismo sagrado que lhe sai da pena tão naturalmente como aquilo que outras santas almas que percorrem o conto não ousariam confessar a si mesmas. Assim se revela que a Rita concede atenção, até ver inconsequente, ao senhor Inácio, pisa-verdes e belfo, para lhe extorquir as letras das cartas quando precisa de mandar recados ao menino Filipe e a mestre Raimundo, ou quando simplesmente a apertam as saudades deles.

Arrancou do homem descontos no bacalhau e a garantia de confidencialidade, que ele respeita por considerar que aqueles riscos podem ter compensação. E mais: apraz à Rita, cruzando o Tejo na barca dos viajantes da posta, para entregar as cartas, as dela e as de Margarida, à portinhola da diligência que de Almada parte para Espanha e dali para outros reinos, evitando o perigo de escrutínio pelos esbirros da Intendência de Polícia, João da Silva incluído. Outra modalidade a considerar é a dos marujos de fora que vêm curar-se dos males do mar nas tabernas ribeirinhas, os quais tanto podem ser bons correios como bêbados e tratantes.

Até agora, Rita da Silva está vencendo o filho no despique das manhas, até porque tem estado ele ocupado com tarefas administrativas na prisão de São Julião da Barra, interrogando presos com muita diligência e particular deleite por se tratar, na maioria, de doutores, fidalgos e burgueses, que obrigavam a senhoria se andassem cá por fora e ali se tratam de escória para baixo. Os nomes sonantes abafam-se com alcunhas reles e a proa dos pergaminhos afunda-se nas celas onde entra a água da maré cheia. Títulos e fortuna são nada perante a justiça de el-rei, castigando os hereges por obras ou intenções de se lhe oporem. D. Miguel coloca-os sob a bota dos plebeus que promove a polícias e capitães da tropa. Nunca se viu soberano mais popular e nacional, e tão desprezador

das imunidades do sangue e do dinheiro.

João da Silva, sempre com o sargento Alves ao lado, aplaude a mãos ambas o zelo sádico dos meirinhos confiscando os bens dos presos e dos emigrados, assunto que comenta e louva, batendo nas tábuas gordurentas dos balcões das tascas a chelpa ganha a caçar malhados.

A grande armada de D. Miguel deixou na praia da Terceira milhares de balas dos seus canhões e para cima de quatrocentos prisioneiros. Deu meia volta e volveu. A compensar o fiasco chegaram notícias da fraqueza alheia - a filha de D. Pedro, que os apaniguados queriam rainha, ia de regresso para o Brasil, sem que a sua presença em Londres tivesse convencido Wellington a apoiar a causa liberal. José de Almeida aplacou o desgosto da Vila da Praia com o desaire dos adversários de Londres. E mandou fazer as malas para ir a Vila Real ao casamento da sobrinha com o Mendonça primitivamente prometido à filha. Ia a família toda menos Margarida, claro, que se aferrava ao convento. O pai e o irmão viam naquilo uma forma de desforra e protesto, já que não lhes convinha acreditar que ela havia de ficar enrabichada toda a vida pelo emigrado.

A viagem foi o tormento previsto, de barco até ao Porto e daí até Vila Real por sendas enoveladas nos flancos das serranias, numa procissão de liteiras, com escalas em Penafiel e Peso da Régua. Ali, estavam alinhadas à beira da ponte as mulas de tiro de casa dos Mendonças, com o pessoal de estrebaria capitaneado pelo noivo Luís Ayres de Mendonça e mais dois irmãos, com os melhores cavalos que se conheciam para riba do Douro. Os moços pareciam gerados pelos rudes alcantis do Marão, de faces e corpos como que saídos do maço dum canteiro e aprumados como os pinos que subiam as encostas e ralavam nos cumes das serras.

José reviveu, com chibanças que o rejuvenesciam, as malhas belicosas que tinham atirado o maneta Loison e a sua tropa para lá do Douro, no Verão de 1808, quando naquelas paragens o padre-mestre Rocha, com o hábito branco salpicado de sangue herege e cartucheiras a

tiracolo, levantava o pendão da religião santa esgrimindo um grande sabre.

Mais se apertou o curvejar do caminho, subindo para Vila Real, por Penaguião e Parada. E ao cabo de oito dias desde a saída de Lisboa, viram com alívio desdobrar-se, no fim duma volta do Vale Corgo, o casario da capital maronesa encimado pelos dentes das muralhas. Passaram a ponte de Torneiros na direcção da Torre de Quintela, nas imediações da qual se erguia o solar dos Mendonças. A família Almeida vinha espapaçada, empoeirada, encalmada e zonzá de tanto jornadasear, naqueles primórdios dum Setembro ainda quente, embora José acompanhasse com brio os ímpetus do filho - queriam ir de imediato à capela de São Brás para se recolherem junto ao túmulo do Espadeiro, companheiro de armas de D. Afonso Henriques.

Persuadiram-nos os anfitriões que a patriótica romagem podia esperar pelo dia seguinte.

Pedro de Almeida também lembrava, à ceia, a sua fugaz passagem pelas guerrilhas de Vila Real, da Régua e de Lamego, quando desertor da Legião Alorna recolhia de Salamanca à casa paterna, a esperar que aparecessem regimentos em formatura regulamentar nos quais pusesse em prática a guerra dos compêndios.

- Ó mano! Ó primo! Vocês pareciam azoinados em 1808. E o primo Mendonça, pai dos mocetões:

- Santa zoina era aquela, que levámos de reboião por essas serras abaixo os malandros dos franceses.

Perdiam-se nas recordações de 1808, de 1809 com o general Silveira, de 1810 na sangueira do Buçaco, e também não achavam conto nos copinhos de porto cozido muitos anos nos cascos de carvalho da adega conventual, salvo dos franceses por milagre e da revolução de 20 porque tudo esbarrava nas fragas do Marão, baluarte incomparável de bandoleiros e patriotas.

Casaram Bebiana e Luís ao cabo de quatro dias de vastos preparativos gastronómicos, na igreja do antigo Convento de São

Domingos, puramente gótica e com quatro séculos. Houve Te Deum, antes da cerimônia nupcial e, à saída do templo, os noivos passaram entre festões e grinaldas, misturando-se o estouro dos foguetes com o hino real entoado em coro pelos convivas e pelos clérigos.

O acontecimento juntou na Quinta dos Mendonças o melhor da fidalguia rural entre Mondim e Guiães, o senhor bispo e grande afluência de frades dominicanos e padres das freguesias vizinhas, tendo redundado numa grande manifestação de devoção e fidelidade a D. Miguel I, rei absoluto.

Adamância dardejou lânguidos olhares sobre um dos novos cunhados, ao que este não foi insensível, respondendo com miradas lampejantes que visavam sobretudo os avantajados peitos da morgada do Gradil. O seu rústico romantismo não dispensou um comentário de escassa subtileza e abundante lubricidade, ao ouvido do irmão mais novo, o qual estabelecia bucólica comparação com as tetas das vacas leiteiras da manada da casa. Ao que o mano respondeu que não se lhe dava ordenhá-la. Acabaram Adamância e Tomás por chegar às falas, muito monossilábicas e pausadas, mas suficientemente promissoras para as aspirações pecuárias do jovem Mendonça.

Cunegundes, mais dada a estouvances arrapazadas, andou cavalgando uma égua pelos prados de beira Corgo em camaradagem

com moços fidalgos que a ajudaram a manejar as pistolas de pedreneira, que ela ensaiou com sucesso fazendo alvo dum salgueiro a vinte passos de distância.

D. Bernardina parecia ir explodir de corada saúde, alimentada a febras de cerdo, alheiras, chavianos, salpicões e incontáveis cristas-de-galo e orelhas-de-abade. Apontou receitas da comadre nova para entremear futuramente, nas ementas da famosa mesa da Quinta do Gradil, aquelas substanciais especialidades transmontanas e durienses. E para completar o quadro dos seus entusiasmos, adquiriu grande quantidade de barros de Bizalhães.

Foram sete dias de pândega muito centrada na actividade gastronómica, que enxotaram as preocupações da política e o fantasma liberal, que, com a Terceira ou sem ela, parecia evaporar-se, voluteando em abstracção distante que não assustava ninguém.

No caminho do regresso, José de Almeida debruçou-se na portinhola da liteira e apontou um vertiginoso precipício, logo a seguir ao Peso da Régua.

- Foi ali que a montada escabreou e rolámos por aí abaixo, naquele tombo que me rasgou este gilvaz.

E afagava a cicatriz, entre a fonte e o sobrolho, que era um sublinhado das suas primeiras glórias.

Margarida de Almeida tem uma amiga no Convento de Chelas. Chama-se Joana, tem mais trinta anos que ela e recolheu ao claustro pouco depois da volta de D. Miguel, logo que o marido e o filho caíram no pegão dos beleguins reais e foram encarcerados na Torre de São Julião.

«O sofrimento de D. Joana envergonha-me do meu porque, não tendo ainda vivido quase nada, vivo de te esperar e da força dessa esperança.» Isto escrevia a moça para França, quando a família excursionava a Vila Real para casar a prima Bebiana.

D. Joana tem aquela doçura amadurecida que antecipa a velhice e se encontra já no patamar das coisas sem retorno. O afecto que subsiste no seu coração lacerado encontra objecto na juventude e na séria obstinação de Margarida. «Ela adoptou-me com amor de mãe, ao menos segundo a ideia de compreensão liberta de preconceitos que eu faço da mãe, que não é a minha por causa da submissão conformada ao código granítico de meu pai e dos homens como ele.» A amiga de Margarida não tem já aquela esperança de que ela vive, porque não vê à sua frente o tempo do reencontro incólume com os seus.

A crueldade a que eles estão sujeitos nas enxovias da Torre colmatam aquela fresta de luz que ainda ilumina uma réstea de futuro aos que puderam fugir para o estrangeiro. «Ela mostrou-me a resposta a um

requerimento enviado ao general Teles Jordão, que é quem agora manda em São Julião, no qual implorava humanidade e alívio dos bárbaros tratos que ali dão aos presos liberais. Essa réplica dizia assim: 'Neste reino e nos mais civilizados não se põem em prática as leis da Natureza, mas sim d'El-Rei N.S.'. Isto fez com que eu agradecesse logo a Deus o privilégio de te ver longe das masmorras governadas por uns brutos desalmados que tratam os presos contra a Natureza, os espancam, insultam e sujeitam às mais vis torturas, entre aquelas paredes limosas de humidade e salmoura que minam os corpos até aos ossos. Bendita a hora em que partiste e bendita seja esta fé no teu regresso a salvo.”

Aí está, portanto, Margarida a desfolhar os dias, agora ao amparo duma amiga que já não conta as penas pelas folhas do calendário, mas que suaviza as alheias com uma generosa ideia do futuro.

Filipe trouxe do Loire uma partícula. Segundo os registos da Mairie de Orleães tinha direito ao de, por descendência do avô, Henri-Jacques de Villepin, feito cavaleiro pelo rei Luís XV. E foi justamente a troco dum luis que fez copiar e autenticar o que os empoeirados catrapázios contavam sobre os descendentes de Henri-Jacques, por se perder o antes numa obscura aldeia da Savoie onde esse avô nascera. Assinalavam os autos o nascimento duma Amélie, dum Pierre-Henri e dum Philippe, por esta ordem, entre 1776 e 1779, todos filhos do citado Henri-Jacques de Villepin e de sua mulher Celeste Vilèlle, de Villepin par le mariage. Devidamente averbados estavam os óbitos de Henri-Jacques e Celeste e dos dois filhos varões, estes por comunicação dos serviços do Exército, sendo o de Philippe lacónico e com uma incorrecção ortográfica na toponímia: Dispam dans la bataille de Vimiero pendant la campagne du Portugal le 21 Aôut 1808. Da tia Amélie não havia rasto necrológico.

Escabichou Filipe em dois sentidos - o paradeiro da tia e o destino da mansão Villepin, cuja gravura trazia com o minúsculo espólio dos pais de que nunca se separava. Umas moedas aceleraram a pesquisa dum pequeno funcionário da Mairie, um pouco troquilha, o qual ceou uma

semana inteira nas melhores mesas da cidade por conta de Filipe. A casa fora vendida pela tia Amélie, que recolhera a convento, a um burguês que fizera fortuna durante a Restauração.

Filipe alugou uma sege, trotou menos duma légua na direcção de Châteauneuf e identificou à beira do Loire, entre chorões, a mansão onde o pai nascera. Apeou-se da carruagem, saíram-lhe ao caminho dois mastins e um caseiro façanhudo com um fuzil nas unhas. Contentou-se em contemplar de longe a massa rectangular do edificio, os barracões da lavoura e a adega. Retirou-se com um nó na garganta e seguiu viagem até ao Convento das Carmelitas, onde os olhos papudos e inimigos duma monja o espreitaram pelo postigo gradeado e uma voz de cana rachada lhe disse, sem a menor piedade cristã ou outra, que Amélie de Villepin estava, havia mais de dois anos, na paz do Senhor. O viajante invocou o parentesco e obteve com renitência e enervante demora uma audiência com a abadessa. A tia Amélie não se contentara com dar a alma ao Criador, também lhe dera o que restava do património dos Villepin de que era óbvio beneficiário o Carmelo.

E assim regressou Filipe a Paris, com um de atrás do apelido. Não será, porém, aquela partícula uma ninharia, contrariamente à avaliação do interessado relatando a Nuno de Almeida a expedição a Orleães que quase lhe exauriu as economias.

- E achas pouco? - indignou-se, endireitando o vinco das calças de cheviote inglês. - Imagina a diferença de um mordomo a anunciar a entrada num salão dum monsieur Villepin e dum Monsieur de Villepin!

Filipe protestou:

- Será isso coerente com o entusiasmo que dedicas às ideias dos teus amigos Prudhomme e Béranger?

Nuno olhou-o pensativo e confessou com alguma ironia:

- Esses são a minha razão, mas talvez o meu coração bata pelo senhor de La Fayette... Sou pela liberdade e pela igualdade, mas com as maneiras do senhor marquês.

Estava-se em meados de Agosto de 29 e a remodelação que Carlos X acabara de fazer no Governo encontrava-se sob o fogo da imprensa. O rei, caricaturizado segundo a morfologia da girafa que o paxá do Egipto mandara para França, era já apodado de *la plus grande bete du Royaume*. Nuno inflamava o discurso, à mesa do café Sauvage, rodeado pelos escribas do Globe e pelos desenhadores de La Lorgnette, contra o beato ultramontano que estava de volta ao ministério, o príncipe de Polignac, que ele designava desdenhosamente por Jules.

Livre dos deveres de preceptor, por ter a família de Carlos de Almeida retirado em vilegiatura para Deauville, Filipe acompanhava Nuno na ronda dos cafés, dos teatros.

- Há um novo cabaret nos boulevards, vamos até lá exercer o nosso encanto liberal - ordenava sem margens para recusa, generoso, elegante e belo homem.

E lá iam. Nuno convidava as bailarinas para o champanhe, metendo à cara de Filipe os atractivos de uma ou de outra, anunciando-o como o seu amigo de *la grande passion mystérieuse*. E acrescentava que estavam até a preparar uma campanha militar para irem arrancar uma dama sequestrada pelos apostólicos dum reino estrangeiro, gracejando sem saber sobre uma senhora da sua própria família. O sorriso triste que aflorava aos lábios de Filipe afogava-se na taça de champanhe e era uma ruga irrelevante na lisura das gargalhadas fáceis das donzelas ornadas com muita casquilhice, vermelhão nas faces, decotes vertiginosos e braços nus, rufiando as saias nas danças que não entravam nos salões.

Um dia, no rapar da ressaca da boémia, Nuno de Almeida enfiou o amigo no cabriolé. Trotaram até à Praça Vendôme e apearam-se à porta de um dos mais caros alfaiates de Paris. Filipe saiu de lá com duas redingotes distintíssimas - para os salões que se lhe abriam, explicou Nuno - e com umas botas altas de couro da Rússia, pingalim e chapéu alto, porque estava assente que ia aprender equitação a partir do dia seguinte. Com um cinismo jovial, o mais jovem dos Almeidas concluía:

- Como te disse à tua chegada de Orleães um de ainda é uma gazua para as portas deste século das grandes mudanças. Profitons en! E Filipe aproveitava por considerar que cada passo que dava no caminho daquele absurdo fantástico o aproximava, com lentidão exasperante, da «grande paixão misteriosa» pela prima daquele louco encantador que se entusiasmava igualmente pelo corte da sobrecasaca e pela *conspiration des égaux*.

Uma pequena aguarela, finalmente enquadrada numa moldura de teca com rosetas de metal nos ângulos, está agora pendurada sobre o toucador de madame Juliette. Nota-se-lhe a sobriedade delicada do sentimento que guiou as mãos de Raimundo da Anunciação, que a quis sem nenhum enfeite e apenas reproduziu o rosto, os ombros nus e o colo que se esbate numa sombra neutra por altura dos seios. É a antítese da pompa ambiciosa da «Vénus em palácio vazio» e, mais que obra do artista, é uma homenagem do amante num tempo de emoções mais saborosas que ardentes. A serenidade da face ainda fresca e picante do modelo nada lhe rouba ao carácter temperamental, que ressalta nos olhos de ver fundo e direito e nas asas levemente levantadas do nariz fino sobre o acerejado dos lábios sensuais; os ombros redondos sugerem uma macieza de sensibilidade à flor da pele que comunica o cumprimento de todas as promessas. Mas tudo isto mais nocturno que febeu, com os lances da paixão dominados pelo terno afecto de pessoa experimentada nas voltas do pior e do melhor. Raimundo vem duas vezes por semana, às terças e sábados, pelo fim da tarde, depois de as costureiras e aprendizas terem arrumado as ferramentas, varrido bagochos e linhas, ordenado os tecidos e os moldes. Às vezes, raras, Juliette recebe-o no escritório, se não tem ainda conferidas as facturas, apontadas entrevistas, retocados esboços de modelos novos. Raimundo, com ousadia moderada e diletante, dá uma ou outra sugestão, traçando num papel de embrulho uns riscos de mão sábia, ensaiando uma cor mais atrevida, um talhe menos convencional. Juliette sorri da ingenuidade daqueles gestos e, depois, desfaz o sorriso e fica

meditando, com os olhos nalgum traço que lhe acende a centelha da inspiração. Que ele tem queda para os desenhos de moda, concede, mas que lhe falta ainda a experiência do mundo das elegantes. Mas, pouco a pouco... E devaneia, esquadrinhando aquele carão ossudo e comprido onde coruscam uns olhos muito pretos, intactos desde o tempo em que se conheceram. Antecipam blandícias demoradas que os conduzem devagar até ao outro lado da casa, à cama de dossel onde o corpo dela, tantos anos passados, ainda suporta galhardamente o desafio daquele que Raimundo eternizou, ostensivamente pendurado na parede em frente deles.

Depois, ela põe os pontos nos seus is, muito coquette, lembrando que são livres e se devem todas as verdades que comportam o que o passado ofereceu e o que o futuro trouxer.

- Só sei amar sem laços que me prendam - alerta ela. - Por isso cortei com o marquês de S., que não me queria de modista e pretendia oferecer-me um cottage em Neuilly e carruagem às ordens. Raimundo não contesta aquele critério, lembrando-lhe sobriamente que é um artista.

Mal regressou do Loire, Filipe procurou mestre Raimundo nos cafés do Palais Royal e nas águas-furtadas da Rua da Coutellerie. Em vão. Teve que meter um bilhete debaixo da porta da mansarda. Raimundo e Juliette tinham ido passar o fim da semana a Épinal, num albergue muito aninhado entre flores e arvoredos, à beira do Sena, que ali dava uma grande volta a caminho de Argenteuil.

Acabaram por encontrar-se dias depois, no Lamblin. Filipe percebeu uma luz nova na cara sorridente de Raimundo que se lhe acendera semanas antes por alguma razão que lhe escondia. Que ali havia dente de coelho era mais que certo, e o jovem não resistiu à tentação de atirar uma chufa àquela felicidade suspeitada. Que o pai Raimundo o estava confundindo com pelóticas secretas. Seriam de alcova? Pela primeira vez na sua vida viu o mestre corar. Tinha acertado. E ouviu, com carinhosa admiração, os contos de madame Juliette, que começavam numa sala vazia do palácio dos marqueses de Ponte de Lima, em Mafra, no

ano de 1808.

Foi então a vez de Filipe relatar as diligências genealógicas, que Raimundo ouviu austeramente e disfarçando quanto podia uma certa frieza.

- Deve ser esta a primeira ocasião em que um fidalgo chama pai a um plebeu... - moralizou o pintor, ciente das transformações que lhe estavam empurrando o filho adoptivo para lonjuras aristocráticas.

Protestou o jovem, jurando pragmatismos transitórios e fidelidade à causa na sua pureza mais libertária que gladiava as jerarquias injustas. Raimundo noticiou-lhe a vitória da Vila da Praia contra a esquadra inteira do tirano e reavivou furores combatentes que lhe faziam esquecer a perna manca, que não as voluptuosas tardes de Juliette.

Ambos aplicavam o bálsamo dos ideais com uma leve aguilhoada dos remorsos pelo que os estava apartando das ásperas sendas do exílio e do regresso. Sem uma palavra, saíram do Lamblin e foram caminhando lado a lado, na direcção da Rua Saint Martin onde, numa baiuca sem fama nem proveito, se reuniam alguns emigrados portugueses dos mais expostos aos baldões da sorte, marujos do Belfast fugidos dos barracões de Plymouth, que tinham recusado abalar para o Brasil, soldados confinados a Brest que haviam falhado com o general Saldanha o desembarque nos Açores, pobres de pedir que, esgotados, fintavam as rugas do novo prefeito Mangin e a má sina roaz que lhes devorava a confiança nos chefes e a esperança de reverem a pátria.

Lançado nas vias fétidas da polícia de opinião e repressão, prosperando com uma esperteza que vai boiando no quotidiano sem nunca ir ao fundo de qualquer sabença, João da Silva perdeu a companhia do patrono, o sargento Francisco Alves. Atascou-se este na ganância, ao meter a mão longe de mais em espólios de presos e expropriação de bens de desterrados e revéis liberais. Com a atenuante de leais serviços, foi recambiado para o quartel de Infantaria 16.

João tirou da vida a Gracinda, acarraçando-a a uma parte de

casa na Rua Fresca a São Bento, bem longe da croiagem contagiante da Mouraria. Ali, a mulata perde o gorgieio natural de ave despassarada, em gaiola de alpista certa e triste. Faz-se seresma a contar as horas daquela prisão vigiada pelos ciúmes do João, arriscando-se a beldar da janela com os padeiros do número 11, à noite, quando eles vêm acender o forno, se as missões do amásio o retardam muito para além da ceia. Estes atrasos do João nem sequer são obra do ofício, que ele não dispensa a estróina das tascas do Castelo e dos botequins reles da Mouraria de onde desviou a mulata.

Compensa o tunante a reclusão da amiga com passeios dominicais a Belém, acrescentados de patuscadas em tabernas do cais, ou às Amoreiras onde costumam pairar cáfilas de ciganos saltimbancos que montam espectáculos de acrobacia, danças de pandeireta, tambor e bandolim, em que participava um urso desdentado e muito rapado de pêlo. Uma vez levou-a ao baile espanhol do Teatro do Salitre, onde também viram jogos malabares com bolas e pratos, um egípcio que engolia espadas e gomitava fogo e uma mágica em um acto. A mulata expunha a dentadura em duas gargalhadas alvares e logo aborrecia aquelas truanices, muito nostálgica das piratices fadistas e das pândegas rascas da Mouraria.

Vai assim aumentando o papaguear da Gracinda, à sacada da Rua Fresca, com os da padaria do 11, que, em noites de palestra, desmazelam o lume e atrasam o padejar.

Desta feita, está ela inspirada, tendo rebatido a ceia com copinhos de ginja e soletrado uma vez mais as fantasmagorias de cordel, que a encantam e atemorizam, sobretudo as histórias de monstros que arrebanha nas feiras, mal as vislumbra pendendo do barbante ou as ouve apregoar pelos cegos, como esta «Relação verdadeira da espantosa fera que há tempos a esta parte tem aparecido em as vizinhanças de Chaves: os estragos que tem feito, e diligências que se fazem para a apanharem, segundo as notícias participadas por cartas de pessoas fidedignas daquela província». E, por causa daqueles medos que não pode dispensar, talvez

por lhe circularem no sangue magias de manipanços e outros fetiches do sertão, e também por a animar a ginjinha garrafal, põe-se a contar aos padeiros as pavorosas maldades do bicho de Chaves, lá de cima do primeiro andar, os braços cruzados em cima do ferro da sacada e, sobre eles, inflando, os globos dos peitos sob o algodão estampado da blusa, liberta de corpetes, barbas de baleia, cintas, saiotes, anáguas e outra aparelhagem da elegância feminina.

A Rua Fresca, àquelas horas mortas e calmosas do Estio, é dela e do auditório da padaria, que entremeia apartes soezes bem mais pesados e picantes que os da plateia do teatro da Rua dos Condes. E as gargalhadas da mulata, desmanchando-se nos contos horrendos da criatura escameada e vampira que atormenta os chavianos, e as dos três matulões cá em baixo, de aventais e carapuços alvos, enchem a rua, ainda que contidas e cochichadas para não interromperem os sólidos sons dos vizinhos. Então, um dos padeiros, por certo o mais informado, enreda-se em circunlóquios acerca das cortesãs e suas brejeirices, entremeando citações, muito deformadas e aprendidas de ouvido, das poesias burlescas e satíricas do poeta Bocage, tudo amassado numa grande tranqüibérnia que acaba na sugestão de mostrar a Gracinda por inteiro as virtudes que debruça da sacada. Recuando um passo na varanda, após fazer-se rogada com mui pouca convicção, ela desabotoa um a um os botões da blusa e, jogando-a lá para dentro, dá de pasto à manada dos alvos espectadores os dois imponentes seios que, com brio profissional, um deles compara a broas de milho de dois quilos ou mais. Está agora virando-lhes o traseiro reboludo, remexendo-o ao ritmo de imaginado batuque e sofraldando as saias.

Eis senão quando, avança do fundo da Rua Fresca, fracamente iluminada pela Lua em quarto minguante e por um anémico lampião, um vulto.

- Desandem que vem aí o fulano! - alerta um dos padeiros.

E todos se somem num tropel trapalhão pela porta do 11,

deixando a mulata indefesa, de costas, a badalar os peitos e a rebolar as nádegas em dança cafreal, possuída pelo espírito de algum antepassado lunda ou maconde.

João da Silva, que ainda vislumbrou uns vultos esbranquiçados a desaparecerem na porta do 11, os quais não confundiu com fantasmas, está no meio da rua, de mãos nos quadris, à espera que a Gracinda no batuque se dê conta que mudou de auditório. Quando ela repara que se abriu em baixo um vácuo de silêncio, volta-se já com os braços cruzados a cobrir o peito e, muito afogueada, suspira - que veio para o fresco por não poder aturar os calores.

- Eu já te dou os calores! - ameaça o João, investindo escada acima com instintos fatais e urgentes.

O rebuliço da sova, cujo estrondo que sai pela varanda ultrapassa em muito o da sessão de batuque, estremunha os vizinhos, que vêm, interrogativos, espreitar às janelas e às frinchas das portas.

Já surge cá fora o João da Silva, de pistola engatilhada, arremetendo para a entrada da padaria que escancara com uma patada raivosa. Visa o primeiro que aparece de cara mais branca que a farinha que o empoa, muito apavorado, perante o percutir do cão na espoleta que afinal se esgota num inofensivo clique de avaria imprevista. O que está ao forno atira instintivamente à cabeça do João uma pazada cheia de gana e de medo que estende o inimigo nas lajes.

Com a vizinhança às portas comentando os sucessos, chega a patrulha da Guarda Municipal, alertada pelo chinfrim, e leva de cana a padaria inteira e para o hospital o João de cabeça rachada, seguido pelos guinchos da mulata com um olho mais preto que o seu natural e um fio de sangue escorrendo do lábio fendido.

O João está ressuscitando no hospital, que o tinham dado por morto, não contando com a rijeza córnea do parietal que acabou resistindo à pazada. Anda muito apapricado pela Rita, que cedeu aos harpejos das fibras do coração de mãe, e, a horas desencontradas, pela mulata

Gracinda, que uma leve cicatriz na beíça de baixo nada desfeou.

Tomaram o hábito de se sentarem, durante as longas horas da tarde, à sombra duma velha oliveira na cerca do convento, conversando serenamente, um livro sobre o regaço. Assim, Joana e Margarida atravessaram a Primavera e aquele Verão que estava chegando ao fim com vagas perspectivas de trovoada e uma brisa que varria as primeiras folhas caídas.

Joana alevantava os olhos, rodeados pelas sombras escuras do sofrimento e da insónia, para além dos muros da cerca, suspirava e retomava os contos dumas tardes longínquas nos ramalhais duma quinta de Sintra visitada pelo rei D. João VI e onde pernoitara um elegante inglês chamado Beckford, que contava como ninguém aventurosas deambulações pelos atalhos do mundo.

Falava Joana algumas vezes da senhora marquesa da Alorna, que, quando jovem, se sentava também sob aquela árvore, ensaiando os futuros cenáculos arcádicos, nos anos em que ali estivera reclusa como elas. E queria consolar Margarida com os versos de Alcipe, assim invocada no lugar onde se rendera à poesia:

«De que sou feita? De terra, Nela me hei-de converter;

Se amor arder em meu peito É da essência do meu ser.» Era como se estivessem repetindo a lição de frei Alexandre da Sagrada Família, professor da marquesa, rectificando-lhe a métrica do primeiro versejar debaixo daquela mesmíssima oliveira. E, aludindo discretamente às origens daquele amor contrariado que atirara Margarida para o recolhimento de Chelas, D. Joana recitava:

«Mas tu dura etiqueta, tu condenas Quanto inspira a suave humanidade, Sem alterar as condições terrenas.» Margarida retinha as lágrimas para as verter na solidão da cela, por respeito pelo sofrimento da amiga que se afligia com as dores alheias como com as suas e as do marido e do filho padecendo na Torre as crueldades dum bando de energúmenos que, às vezes, capitaneava o pimpolho do Teles Jordão,

puxando pelos pêlos das barbas brancas de veneráveis anciãos banidos pela tirania, com quem também se divertia urinando-lhes na sopa.

De loba surrada e nodoenta, o cabeção com a mancha de suor alastrando no vinco esmagado contra o cachaço e a papada, chapelão de abas largas, resfolgando ao ritmo do passo estugado, padre Domingos Correia precipita-se ao chamado de José de Almeida que mandou por ele à capela dos beneditinos nas Janelas Verdes. Cancelou a confissão de três beatas, que entretinham a espera a desfiar as camáldulas, e abalara, sem outra explicação senão a de que os pecados, se os tinham, haviam de esperar absolvição até ao dia seguinte.

O pároco encontrou o fidalgo muito agitado, castigando o soalho da sala com largas passadas, de ponta a ponta, e respondendo-lhe aos cumprimentos apajeados com muita má catadura e monossílabos regougados.

- Sente-se e leia isto - comandou.

Padre Domingos desdobrou a folha de papel grosseiro escriturada em letra redonda e irregular. Era uma carta anónima que denunciava o grande escândalo de estar vivendo em Paris «na casa de D. Diogo de Almeida, sobrinho direito de V. Exa., um notório maçã fugido à justiça d'El-Rei N. S., de nome Filipe Villepin, que julgo saber ter pretendido desonrar a nobre família de V. Exa».

O abade mira e remira a missiva, revira o papel entre os dedos grossos, muito embaraçado e ganhando tempo na busca das palavras que é suposto proferir em tão grave transe, acabando por ouvir-se num salvatério elementar - que pode ser invenção forjada por algum inimigo.

- José de Almeida escabuja e, gesticulando bravamente, diz que os mafarricos malhados têm artes de piolho em costura e que está em crer não ser aquilo invenção nenhuma.

A divina luz da Providência ilumina subitamente o padre, saltando como uma faísca salvadora das suas meninges que, de tanto esforço, se lhe está vendo no rosto congestionado a diligência com que as

espreme:

- Vossa excelência pode talvez pedir ao vosso excelentíssimo irmão, o senhor D. Pedro, que escreva para Paris a saber da veracidade desta infeliz notícia e avisando o outro... - aqui padre Domingos hesita no adjectivo, dada a condição jacobina de Carlos de Almeida. -...O outro irmão de vossa excelência acerca do modo vil como esse tal Villepin quis introduzir o mal nesta santa família.

É que o padre sabe muito bem que José rompeu com o mano degenerado há mais de vinte anos e nem a afronta do sedutor da filha, instalado sob o tecto dum Almeida, o faria arredar-se da afronta maior de ter Carlos servido os inimigos que ele desancara entre o Tâmega e o Douro.

Que não lhe parece má a ideia, diz José, parando o passeio de fera enjaulada, que deve ainda restar no espírito transviado de Carlos alguma centelha da velha honra da família. E discorre depois, com muita indignação, sobre a perversidade dos constitucionais que levam as conspirações ao mais íntimo e sagrado da organização social.

Provavelmente terá já o meu paciente leitor identificado a letra escolar de João da Silva naquele papel amarrotado pelas mãos suadas do abade Domingos. Esteve ele matutando muito, durante a convalescença, na melhor maneira de traduzir o despeito pelo sucesso do irmão de leite lá naquela França inimiga. A ideia tortuosa germinada por trás do parietal amolgado prova à saciedade a rijeza óssea que lhe protege a bossa da ruindade.

Entretanto, o padeiro da pazada está secando no Limoeiro, até que dê na bolha ao malsim que já regressou à casa da Rua Fresca, onde a Gracinda mostra excessos de arrependimento e desvelo, aplicando-lhe pachos de água fria na cachimónia, várias vezes ao dia, deitando olhares muito melancólicos à janela da sacada que está proibida de abrir.

O ranger do saibro sob as rodas das carruagens no pátio do hotel particulier do duque de L. e o rufiar das saias das damas, colocando o pé no estribo oscilante e apeando-se, apoiadas no antebraço dum cavalheiro,

são sons da fortuna e do poder cantarolando aos ouvidos de Filipe de Villepin, confusamente, a timidez fazendo-lhe subir à garganta o apressado pulsar do coração.

Eis que se lhe abriam os salões, gazuados pelo de e pelos empenhos de Nuno de Almeida. Azoadado pelas miríades de luzes dos lustres multiplicados pelos espelhos, brilhando no dourado das talhas e nos mármore das mísulas, pelo alarido dos murmúrios, pelo voltejar dos pares e pelos ecos da gavota tocada pelos músicos que prolongavam a vigência das cabeleiras e das meias brancas do século passado, Filipe sentia-se perdido naquilo que Nuno saudava, jovialmente e com espirituoso diletantismo, como assalto legítimo à poderosa velharia europeia, temperada pelo volteio de alguns jovens talentosos e redimida por algumas belas mulheres.

Pacientemente treinado pelo amigo, com o mesmo zelo com que o iniciava na equitação, na esgrima e no uso das pistolas, Filipe de Villepin entrou no cotillon e nas ambíguas conversas dos senhores, enfrentou com galhardia alguns olhares tentadores de belas herdeiras dos nomes mais sonantes de França, sugerindo inteligência e aura de mistério, porque falava pouco e os seus puros olhos pretos se apresentavam velados por uma melancolia sob a qual cintilavam reflexos de meditação acicatada pelo azogarre de misterioso desgosto. Circulando pelas salas, com uma cigarrilha das que Nuno importava da Holanda entalada nos dedos, conheceu feros apoiantes do senhor de Polignac, que gostariam de ver enterrada a Constituição e não desdenhariam pôr a guilhotina a trabalhar para ao direito divino dos príncipes, advogados da monarquia constitucional com Carlos X e sem Carlos X, defensores dum liberalismo monárquico mas anti-dinástico, como o que engendrava o senhor de Talleyrand nos seus conciliábulos do Hotel do Infantado, e viu muitos outros, mações, republicanos diletantes e conspiradores de diverso gabarito, debaixo daqueles lustres faiscantes, sob a barragem tão depressa suave como tonitroante da orquestra, envolvido pelo rodopio da dança e

pelo ranço dos suores sufocados pela louvável actividade da próspera indústria francesa de perfumaria.

No vão duma janela, recolheu-se uns instantes, olhando a chuva que perlava os vidros de grossas lágrimas, pensando em Margarida no convento, na distância que os separava e na nova arquitectura do mundo que fatalmente haveria de contemplar a sua união.

Tirou-o daquele devaneio um homem maduro, pequeno e moreno, com uns grandes olhos amendoados, o qual parecia adivinhar-lhe a solidão. Apresentou-se como Giacomo Morelli, dizendo-lhe sem o menor rodeio que «aquele circo dos salões se desfrutava melhor à distância». Desfazendo o esboço duma cumplicidade, Nuno surgiu perto deles, limpando a testa ao lenço bordado, apresentando-lhes uma mademoiselle Christine de Sauvigny, vistosa jovem de cabelos ruivos que o acompanhava.

- Morelli, mon ami! - exclamou Nuno. - Vejo que já fizésteis conhecimento com Filipe de Villepin. É um bom liberal português que há-de ir comigo expulsar o tirano que está envergonhando o nosso país. Vou raptá-lo um instante, já o devolvo, mas quero apresentá-lo a umas pessoas muito devotadas à nossa causa.

Rompendo entre os grupos que enchiam o salão, de braços dados a Christine de Sauvigny e a Filipe de Villepin, Nuno revelava que aquele Giacomo Morelli era um aristocrata italiano, ex-carbonário, um dos poucos sobreviventes do Batalhão dos Homens Livres que, em 23, tinham tentado deter no Bidassoa a invasão da Espanha pelo exército do duque de Angoulême que corria em socorro de Fernando VII para esmagar a insurreição constitucional comandada por Riego. Mademoiselle de Sauvigny, menos versada na história contemporânea, não se lembrava do episódio e perguntou quem era esse Riego. Nuno de Almeida, muito desenvolto, explicou-lhe cruamente:

- O senhor Rafael del Riego foi. Fernando VII, liberto pelas tropas do duque de Angoulême, fê-lo enforcar e depois esquartejar, cabendo a

cabeça a San Juan e os quartos a Sevilla, Málaga, Léon e Madrid, porque só havia quatro.

- Taizes-vous, mon cher! Quel horreur! - cortou Christine, com um gesto de repulsa.

- Ne vous en faite pás, ma chère. Só uma vez é que cortaram a cabeça ao rei - atalhou ele.

E a jovem Sauvigny, compondo um caracol ruivo que lhe caía sobre a orelha, diluiu o horror num malicioso sorriso e chamou a Nuno méchant, cynique e charmant.

Aproximavam-se de um grupo formado por Diogo de Almeida e mais dois senhores que visivelmente se ocupavam, com adequada solenidade, dos destinos da França e do mundo onde, por gentileza conjuntural, se incluía o reino de Portugal. Nuno seguiu a sua deambulação com Christine, depois de apresentar Filipe, que mais se couraçou na sua reserva de timidez, por causa da presença do provedor da sua subsistência. Um dos cavalheiros, revolteando entre as mãos onde avultavam um anel de brasão e uma tabaqueira de prata,

dissertava sobre o projecto que se armava numas reuniões no castelo de Rochecotte, residência da duquesa de Dino, sobrinha de Talleyrand, que renunciavam o aparecimento dum novo jornal de oposição, menos reservado que o Constitutionnel e o Globe. Agitou-se o perfil adunco do segundo cavalheiro, competindo no detalhe daqueles públicos segredos - que até já tinha nome, seria Le National, dissera-lhe o Mignet, que para isso estava trabalhando com o senhor Thiers. E, enfim, Diogo de Almeida, melhor informado ainda, adiantava que a sede seria na livraria do Sautelet, Rua de Richelieu, mas que evidentemente o financiamento era assegurado pelo banqueiro Laffitte e pelo barão Dalberg. O da tabaqueira insinuou que eles estariam pretendendo encostar-se ao prestígio de Chateaubriand, que se demitira de embaixador em Roma como protesto contra a entrada de Polignac para o Ministério. O de perfil adunco, com muita urbanidade, contemplou a presença de Filipe com uma

referência à «questão portuguesa», que, aliás, confessava conhecer pela rama, a não ser que havia um problema de refugiados em Brest e que as lojas de Orange estavam fazendo muito em Inglaterra pelos liberais lusitanos. Diogo de Almeida adiantou que a recente remodelação que o rei Carlos X fizera no Ministério era prejudicial aos constitucionais portugueses, sobretudo por causa do afastamento de Hyde de Neuville, que lhes dedicava alguma simpatia. Aqui Filipe ousou murmurar que era uma grande infelicidade ver o futuro das pequenas nações dependente dos interesses das grandes potências. Diogo deitou-lhe um olhar onde crepitava uma censura. E o da tabaqueira de prata, que inspirava uma pitada de simonte, interrompeu-a para afirmar que as pequenas nações podiam dar grandes exemplos, dos bons e dos maus, como o da desgraçada Grécia, que, chegada à independência, estava gemendo sob uma ditadura que não precisava de ser monárquica. Filipe cedeu às conveniências, calando o rebate daqueles cepticismos geridos pelos interesses das fortunas.

Surpreendentemente, Christine veio tirá-lo daqueles embaraços. Queria dançar e Nuno trocara-a por uma discussão sobre os cavalos do duque de Orleães. E que não tinha compromisso anotado no carnet de baile. Os olhos dela brilhavam e a sua cintura moldava-se harmoniosamente no antebraço de Filipe, quando se cruzavam nos encontros da quadrilha. Ele sentia-se devassado pela obstinação do olhar dela, no qual se misturavam curiosidade, malícia e ironia, que iam gradualmente empurrando-o para as fronteiras perigosas do desafio. Revoluteavam ao acelerar da música,

numa espécie de vertiginosa embriaguez, e o sorriso que se abria como resposta no rosto de Filipe mostrava os laivos picantes duma altivez nova que simultaneamente o pompeava de prazer e o fustigava de pudor.

A música parou finalmente e Filipe arqueou a vénia da praxe, exagerando. Ambos arfavam, olhando-se com uma firmeza ambígua, e demandaram no salão contíguo uma conversadeira onde se sentaram,

quedando-se a três quartos um do outro, como dois pugilistas a medirem-se.

- Então, monsieur de Villepin, sempre é certo que tenciona ir lutar contra o seu soberano na companhia de monsieur de Almeida? - interrogou ela, num tom zombeteiro.

Filipe encarava-a firmemente, detendo-se no caracol ruivo, um pouco desmanchado, humedecido por umas pérolas de suor que lhe desciam da nuca.

- Não é o meu soberano - respondeu.

- E tem outro? Ou prefere uma república como na América? E ele, firmando finalmente a voz que antes vacilava de emoção contida:

- Prefiro o que me levar de volta ao meu país.

- E tem lá alguém à sua espera? - perguntou ela, desdobrando o leque em frente do rosto. - Monsieur de Almeida disse-me que era órfão...

Filipe tinha vinte anos, mas mal se iniciava nos salões. Procurava as palavras ajustadas às regras daquele jogo, lutando canhestramente com os sentimentos confusos que o empecavam. Queria dizer a verdade e temia o ridículo e um juízo radical sobre a sua ingenuidade. Escolheu uma saída épica:

- Sim, tenho à minha espera todos os que estão penando encerrados pelo tirano nas prisões e nos conventos.

- Nos conventos também?... - perguntou Christine, mostrando nos olhos o sorriso malicioso que escondia no leque.

- Sim, nos conventos também - sussurrou Filipe, furtando-se ao olhar dela.

Parecia, portanto, que Nuno andara falando daquela paixão fechada atrás dos muros de Chelas, continuando a desconhecer que se tratava de sua prima. Filipe propôs de súbito que fossem dançar novamente, antes que Christine prosseguisse aquela impertinente pesquisa de sentimentos com que queria pô-lo à prova, presa pelo capricho feminino de despicar paixões alheias. Era assim que ele interpretava

aquela espécie de duelo não declarado, sem estar absolutamente seguro do bem fundado do seu julgamento, vendo-a agora recusar o convite à dança, afastar-se, hesitar e voltar-se um instante para o contemplar com o primeiro olhar onde perpassava uma doçura inesperada que o deixou perplexo e suspenso no seu veredicto. Filipe dava também os primeiros passos nos caminhos travessos da lógica feminina e apertava-se-lhe o coração, comprimido pelo esforço da vontade com que defendia a límpida simplicidade do amor aferrolhado numa promessa inabalável. E descobria, com dor e fascínio, que a alma humana vasqueja em labirintos secretos sem nunca desvendar todas as saídas.

Nada abalava a sua paixão por Margarida, naquele baile do duque de L., mas o seu pensamento oscilava como um pêndulo imparável entre ela e Christine, aplacando-lhe a consciência a ilusória separação das coisas da matéria e do espírito, essa divisão inevitável, dúbia mas austera e fatal entre o bem e o mal.

«Meu irmão veio persuadir-me, em vão, a ir ao seu casamento. Perante a minha recusa de deixar esta prisão, irou-se e fez algazarra, mas eu senti sob aquele escabujar a pureza dum afecto escurentado por um orgulho de caserna. Reconheceu que, cada um a seu modo, somos nós os ramos mais fortes da família e que a nossa turra é do mesmo quilate. Voltou a jurar que te há-de matar, o que muito atormenta estas minhas longas noites de Outono.»

De facto, também Margarida parece mais afeita para golpe de machado que para arquejos ao sabor dos ventos. Inalterável na vontade, vai somando os dias do exílio interior, alimentado pela paixão que não esmorece e pelos exemplos que lhe estão próximos ou de que lhe chegam notícia.

«D. Joana ampara-me, se me vê fraquejar na esperança terrena e virar-me excessivamente para a mística do céu, que só me tenta quando a tristura aperta. Ela é aparentada à senhora condessa de Ficalho, D. Ana da Câmara, que também está encerrada no Convento do Grilo, com outras

senhoras, por reunirem com liberais no Palácio dos Caetanos, o que foi tido por um clube de conspiradores. Aqui estou eu também olhada como jacobina, por te amar e ter por companheira esta santa a quem roubaram a liberdade, o filho e o marido.”

Viam-se períodos como este escritos em letra mais fina, raspando fundo o papel pela determinação rabiosa que se transmitia à pena. Seria simples a interpretação dos grafólogos desta escrita direita de Margarida de Almeida, que um leigo decifrava à primeira vista,

até nas entrelinhas onde ela calava o que de pior se passava no alastrar da tirania. Depois vinha um oásis de afecto melancólico, como se ela estivesse medindo as suas forças, mas nunca abandonando o digno empertigamento duma férrea coerência.

«Agradou-me muito o que contaste sobre a tua viagem ao Loire, por teres encontrado os vestígios dos teus antepassados. O de que agora te alegra o nome não mudou em nada o que antes éramos e o que havemos de ser um para o outro. Nunca me foram precisos pergaminhos para legitimar o nosso amor. Mas se dizes que eles podem ser úteis à nossa união, só posso felicitar-me e dar graças a Deus, que tão mal servido anda por estes caprichos de casta ditando a conduta dos homens que perante Ele se dizem iguais.”

Não me custa imaginar - e comigo o leitor atento - que a têmpera de Margarida de Almeida, tão transparente nestas cartas, se está tornando no bordão mais sólido, a que se arrima o emigrado nos safanões que a sorte, grata e traiçoeira, lhe está dando nos seus dias de França. No *cherchez la femme* deveria apurar-se *mademoiselle de Sauvigny*, que se debruça sobre um mistério que só ela quer que o seja, para lustro do orgulho galante com que agora mesmo está endereçando a *monsieur de Villepin* convite para um sarau de música de câmara na mansão da família.

Adamância voltou a cruzar cúpidos olhares com o primo Tomás de Mendonça, durante os dias em que privaram no antes e depois do

casamento de António de Almeida com a filha do visconde de R, que se realizou com muita pompa na casa da Lapa. Não lhes fazem moosa os silêncios atravessados por algum pachorrenento comentário sobre o estado do tempo e a excelência do vinho que veio do Gradil em barris. Estão bem um para o outro, também nos físicos que somam umas boas arrobas e se estão ajustando para fartos recontros.

Cunegundes, vivo demónio, scandalizou um grupo de donzelas nobres, estimando que aquele par renderia gordas moedas na feira de Mafra, se fossem gado a vender a peso. Aos seus dotes de enérgica abarroada acrescentou o jogo do pau em que os moços fidalgos a iniciaram no pátio da mansão, tão bem ou tão mal que amolgou a omoplata dum jovem morgado com uma arrochada imparável. Conquistou merecidamente o petit nom de Caceteira, que as moças pronósticas sussurravam umas às outras entre risinhos e exclamações guinchadas.

Foram as duas mais a mãe Bernardina ao parlatório de Chelas visitar a prima. Palraram muito sobre a festa do casamento,

em coloridos e confusos relatos paralelos que Margarida ouviu, divertida e complacente, como se estivesse em camarote de teatro e não conhecesse a peça e os actores.

Cunegundes, muito logradora, lançou algumas chufas contundentes a Adamância, por causa da mútua contemplação com Tomás Mendonça, considerando que «os primos tinham almas gémeas, ambas de peso». Adamância enxofrou-se e, muito partazana, levantou-lhe as costas da mão à altura dos narizes, sendo detida em última instância pela mãe, que lhe cortou o ímpeto com um autoritário safanão. Adamância arreganhou à mana uma careta inimiga e disse-lhe que ela devia ter vergonha de andar a jogar às cartas com os rapazes, de saias apanhadas pelo meio das pernas como as lavadeiras saloias. Que saloia era ela, que nunca fora capaz de aprender o rosa rosae do padre Casimiro. E à outra de se virar na réplica de nunca a mana ter podido repetir o solfejo do mestre de música de Mafra. Um tonitroante berro de D. Bernardina ecoou na

vetusta nave, espantando as outras visitas e pondo termo à discussão e ao teatro que Margarida desfrutava no seu camarote.

Às despedidas, Cunegundes não resistiu a incitar a prima a deixar aquela madureza de trágica grega que lhe estava comendo as cores e curtindo as carnes, naquele tempo excitante em que havia um rei toureiro e picador, belo homem, que estava restaurando as virtudes duma raça que aborrecia o melaço das novelas e a perfidia dos filósofos.

- Salta cá para fora, menina - rematou. - Verás como é belo o mundo que Deus Nosso Senhor fez e os reis guardam em seu nome.

Margarida sorriu e não respondeu, por não pertencerem aquelas falas ao mundo que architectava e já habitava em imaginação.

Neste entrementes, na casa da Lapa, José e Pedro de Almeida estavam discutindo com o padre Domingos a forma perigosa como oscilava o partido Tory na Câmara dos Comuns, com os trastes da oposição ameaçando a estabilidade do Governo de Wellington.

- Daí as hesitações em reconhecerem sua majestade D. Miguel I - deduzia José.

- Mas a América, os Estados Unidos da América já reconheceram - acudia o abade.

E José, depreciando:

- Uma república... Péssimo exemplo!

E via, nas brumas confusas daqueles tempos de borrascas equívocas, a sombra da guilhotina e cascos satânicos rascando as lajes dos parlamentos lá de fora que faziam a chuva e o bom tempo.

À chuva e ao bom tempo estava deitando contas Pedro de Almeida, emaranhando de cabeça as conveniências meteorológicas para o preparo das terras. A despropósito, informou o irmão que já escrevera ao mano Carlos sobre aquele caso do afilhado do pintor Raimundo, havia mais de um mês, mas resposta nada. Queixaram-se todos do péssimo estado das estradas, causa principal dos deficientes serviços da posta e dos incômodos das viagens.

- E como vai o meu amigo Casimiro? - perguntou o abade a Pedro
- Éramos muito chegados no tempo do seminário, mas há anos que o não vejo. Muito próspero deve estar com aquelas fartas prebendas do Gradil, lugar muito próprio para um grande garfo como ele, bom homem, muito devotado à casa de Deus, rijíssima memória que muitas vezes nos evitava as consultas ao Flos sanctorum, cabeçudo como só ele, Rara avis in terris...

Pedro de Almeida pelava-se por picar estas intrigas clericais e contestou com o ponto de vista do padre Casimiro, tantas vezes repetido nos serões do Gradil - que os clérigos de Lisboa estavam pondo a religião de rastos, muito ligeiramente mundanos, manobrando cortezas, metendo influências na composição dos cabidos, apadrinhando nomeações com tráfico de favores, rezando pouco, enquanto os das aldeias haviam de contentar-se com missas a pataco.

- Ai o salafrário! - indignou-se o cura. - Que lá está engordando à mesa de vossa excelência e, consta-me, com uma riquíssima horta, opíparos abadágios e metendo a unha em casamentos e baptizados! Não que eu tenha razão de queixa do agasalho que me faz o senhor seu irmão, que é quem me vale, que nem para a roupa chegam os óbulos dos cristãos desta cidade de muita perdição - protestava, arrepanhando o saio da batina, a exhibir o surro e dois buracos de traça.

José, entretanto também a desfrutar, fingiu ofensa:

- Ó padre Domingos, não me diga que a minha mesa é pior que a de meu irmão! Olhe que a julgar pelos resultados...

O pároco, já arrependido de ter provocado aqueles melindres, com as belfas muito vermelhuscas tremendo como dois pudins, abanava a cabeça.

- Não, senhor D. José, que ideia! Vossas excelências equivalem-se em generosidade, In verbo sacerdotis!

E já se levantavam, caminhando para o jantar, dispostos a tirar meças daquela equivalência em que o padre Domingos empenhava o Verbo sacerdotis.

É justamente a palavra de sacerdote que mantém Rita da Silva entre o céu e o inferno. Ao aproximar das sextas-feiras, levanta-se o espectro do padre Branco de igreja da Madre de Deus, assombrando-a, emboscado no confessionário. Vejamos porquê.

O Sr. Inácio decidiu-se, com muitos circunlóquios e salamaleques, a propor mancebia à Rita. Perante os obstáculos que ela lhe pôs diante, firme mas moderada nas falas para não perder o escriba das cartas e intermediário dos postilhões, o Sr. Inácio belfou uma rectificação de fundo, substituindo mancebia por casamento. Na Sé, se ela fizesse questão. A Rita, nem sim nem não, tem o homem em suspenso, dando-lhe a trela que baste, por interesse.

O problema, porém, é que o vigário Branco enreda as faltas todas no mesmo novelo, atenazando-a com novenas e responsos infindos, sancionando-a pelo fariseísmo das suas relações com o comerciante do Castelo e, pior que tudo, por estar movendo a correspondência com pedreiros-livres, assim atentando contra a fidelidade devida ao senhor D. Miguel I, que o mesmo é dizer contra o trono e o altar. Instintivamente, a Rita da Silva sempre esperava mais compreensão pelo afecto que a liga a quem criou e serviu, tendo da piedade e caridade cristãs uma ideia ingénua de quem desconhece que, nos tempos da Santa Inquisição, condenado à fogueira que se arrependesse ganhava o privilégio de ser garrotado antes de ser dado de pasto às chamas. Privilégio comparável só se aplica agora às almas prevaricadoras que se branqueiam na confissão, não sem que lhes acenem com a hipótese das altas temperaturas do inferno.

Os pavores semeados pelo padre Branco à grelha do confessionário, aplacados por renitentes absolvições, não emendam a mão do Sr. Inácio nos vagarosos ditados da Rita para os emigrados e a convivência com o hortelão de Chelas no vaivém das cartas de e para o convento.

Quanto ao João, distraído pelos gatimanhos da mulata que lhe

retomou o lugar no coração, tendo-o reconquistado primeiro na alcova da convalescença, voltou aos giros de espião, rondando no Rossio o Nicola e o Parras e a botica do Feliciano, em cuja tertúlia já faltavam algumas caras conhecidas, umas ausentes nas cadeias, as outras na emigração, como entre os literatos que o beleguim vigiava, fingindo farejar as estantes do alfarrabista Henriques no estabelecimento do Arco de São Roque. Desprezou um bocado a tramóia das cartas de Filipe e de Margarida, considerando cumprido o melhor do seu dever com a denúncia anónima a José de Almeida.

Que se aviessem. Como o sargento Francisco Alves, relegado para o esquerdo direito da parada de Infantaria 16 de onde o tirara para aquela posição, que lhe dava se sobra para casa e pucarinho onde até pingava genebra de contrabando, bebida muito do agrado da mulata Gracinda, néctar que lhe punha dentro calores tropicais quando fora geava nas cruas noites de Novembro. Com duas goladas ficava possessa e oferecia ao João da Silva o mesmo espectáculo de batuque cafre real que dera aos padeiros do 11, melhorando as lascívias resultantes da cruz dos primitivismos tribais com os derrengues chulos dos marujos do Império. Eram felizes. Ou quase, que ela ainda tinha recaídas melancólicas, ao morderem-na as nostalgias da choldra da Mouraria e dos cantos ao fado, sobretudo quando se evolavam os vapores da genebra.

Carlos de Almeida fez esperar Filipe de Villepin, na antecâmara do seu escritório, três quartos de hora bem medidos.

Recebe-o agora atrás da secretária, fechando a pasta de marroquim verde e colocando a pena no tinteiro de prata. Enfiando o pincenez na algibeira superior da sobrecasaca, contempla Filipe com minúcia e gravidade e só depois lhe oferece a cadeira em frente dele.

- Convoquei-o, monsieur de Villepin, para lhe colocar duas perguntas simples, para as quais exijo respostas simples e verdadeiras, certo que minha sobrinha se encontra encerrada no Convento de Chelas por sua causa? Para além de assegurar a sua subsistência em terra

estrangeira, moveram-no também os designios de se introduzir aqui junto da família dessa senhora?

Filipe empalidece, empertiga-se na cadeira, enfrenta sem vacilar os olhos penetrantes de Carlos de Almeida.

- A resposta à primeira pergunta é sim. E à segunda, não. Nunca! As mãos espalmadas sobre o tampo da secretária império, o fidalgo apura a mirada e demora-se numa pausa que a Filipe parece durar uma eternidade, dizendo finalmente:

- Acredito na veracidade das suas respostas. Mas era dever de lealdade informar-me dessa situação. Os meus filhos também a não conhecem certamente, caso contrário ter-me-iam posto ao corrente. A distância e a política separaram-me de meus irmãos, mas os vínculos da nossa família são indestrutíveis e seremos sempre solidários em questões de honra. Compreende?

Filipe de Villepin, procurando dominar a tensão que lhe embarga a voz:

- Compreendo. Mas quero afirmar solenemente que não atentei contra a honra da família de vossa excelência na pessoa de vossa sobrinha Margarida. Ambos desafiámos, é certo, por via da paixão que partilhamos, o código cruel da jerarquia social. E é honra também o sermos fiéis aos nossos mais caros e generosos sentimentos. Tem vossa excelência muita razão quanto ao facto de ter eu omitido essa ligação, quando o senhor D. Diogo me ofereceu o lugar de preceptor e me abriu as portas de sua casa. Talvez no meu íntimo me atormentasse o receio de que tal ofendesse vossas excelências e fui adiando essa confissão. Depois de ter apurado a minha ascendência, que, aos olhos da sociedade, equivale, digamos assim, a uma espécie de promoção, mais difícil se me afigurou a revelação da minha ligação amorosa com Margarida. Pareceria que eu estava esperando essa... essa promoção para o fazer. Carlos de Almeida, imperturbável:

- Espero, monsieur Villepin, que o seu evidente romantismo se mantenha nos limites das conveniências e da ordem natural das coisas.

Os seus pergaminhos recuperados não alteram a sua condição de preceptor de meus netos, nem os deveres de respeito ao código da minha família. Seria estultícia da minha parte ordenar-lhe que deixe de amar minha sobrinha, e tão inútil como dar-lhe esperanças. Não informarei meus filhos sobre esta notícia que recebi de Portugal. Penso que a si mesmo compete revelar o que lhes ocultou. É mais uma prova de confiança que lhe dou. Não a desaproveite.

Ao sair do hotel particulier de Carlos de Almeida, Filipe respirou fundo o ar gelado soprado pelo vento que ramalhava as árvores do Faubourg Saint-Germain. Caminhando na direcção da Ilha da Cité, revolia no seu íntimo, com raiva e confusão, esses famosos dogmas do sangue e da fortuna. Era como se montasse dois cavalos indomáveis, um que mordida o freio da segurança que lhe dera aquele de trazido de Orleães, e outro que retezava as rédeas das igualdades românticas. Nessa confusão dilemática, só havia de firme um amor distante. As palavras austeras de Carlos de Almeida misturavam o veneno com o contraveneno, isto é, a nobreza dos sentimentos com a do sangue. Mas Filipe recusava-se a escolher entre a vida e a morte, que era o simbolismo radical em que naufragavam as suas convicções e os seus afectos. Ah, como o mundo era mais complexo do que o confronto linear entre a tirania e a liberdade! Como ele gostaria de ter dito a Carlos de Almeida que era o mesmo homem, antes e depois de ter sabido de um avô feito cavaleiro pelo rei de França. Mas seria essa ainda a verdade?

Precipita-se, antes de tudo, para o pai Raimundo, que, sem dificuldade, encontra no atelier de Juliette onde passa agora o mais do tempo, a desenhar modelos de vestidos que Filipe há-de encontrar nos salões e que já apareceram gravados nas páginas de publicações da especialidade.

- É um homem honrado - considera Raimundo, referindo-se a Carlos de Almeida. - Devias tê-lo prevenido. Mas estás a tempo de recuperar a confiança de quem ta deu com tanta generosidade. E tem

cautela com as armadilhas mundanas dos salões que são ninhos de víboras.

Diogo de Almeida reagiu com meia de espanto e outra de reserva, muito moralizante, dando razão ao tio José, que não se lembrava de ter visto alguma vez, mas aceitando as desculpas do preceptor a quem reconhecia a competência de ex-aluno dos Oratorianos das Necessidades nos resultados obtidos com os filhos, sobretudo no português, no latim e na história. E que não se distraísse muito com as estouvances perigosas do irmão.

Por fim, Filipe encontra Nuno de Almeida amesendado no Café Sauvage, com gente do National, cuja aparição está prevista para os primeiros dias do ano. Apresenta-lhes Filipe como se ele fosse a alma dos jovens liberais portugueses no exílio e augura próximas vitórias da causa, transformando a ilha Terceira num baluarte constitucional às portas de Lisboa. Concede uns instantes a Filipe, recolhendo-se com ele a um espaço livre no mostrador do café. E ao receber aquela revelação rodeada de tanta confidencialidade, exclama:

- Eis-nos, portanto, quase primos, meu Filipe! Mais uma razão para irmos talhar o dragão que te está sequestrando a donzela. Para quê tanto mistério sobre a bem-amada, se me estavas retardando o gosto de te ver entrar na família?

Que não quis comprometê-lo com um segredo não revelado ao pai e ao irmão, justificou-se Filipe, que também lhe conta detalhadamente a conversa com Carlos de Almeida.

- Et la petite Sauvigny! - pergunta Nuno, de chofre. - Já meio Paris mundano murmura sobre o seu béguin pelo jovem português filho dum oficial da Grande Armée.

- Grande entala é essa - desabafa Filipe. - Que nada fiz para merecer as preferências com que me distingue e as ironias com que me fere.

E o amigo avisando-o:

- Não a substimes, meu caro. Sobretudo que não te embarace a fidelidade à paixão pela minha prima, em que eu piamente acredito. Olha que uma mulher atingida no seu orgulho é pior que um tigre mal ferido ou um inimigo mortal.

E está já levando Filipe pelo braço de regresso à mesa dos do National, da qual se aproxima um cavalheiro de estatura mediana, meio aloirado, patilhas fartas unidas ao bigode e óculos de finos aros metálicos. É a primeira vez que Filipe Villepin vê o general Saldanha, defensor da Carta Constitucional, esperança militar dos liberais portugueses e amigo do senhor marquês de La Fayette, vindo do exílio da Bretanha de visita à capital de França.

O padre Domingos, trazendo muito choroso à mansão da Lapa a notícia confirmada do falecimento da rainha Carlota Joaquina, resumiu, de modo abstruso mas altamente simbólico, esse evento tão infausto para o absolutismo:

- Morreu a mãe do nosso direito divino.

O atarantado clérigo estabelecia de forma exorbitante e inédita a maternidade daquele direito, já por si mesma muito pouco científica e ainda por cima contraditória com o carácter divino com que o adjectivava. As histórias de maternidade da progenitora dos infantes e infantas circulavam pelo reino desde o tempo de seu marido, o senhor D. João VI, que constava ter para elas contribuído pelo menos no caso do imperador D. Pedro. Do marquês de Marialva ao caseiro do Ramalhão se inculcavam à boca pequena decisivos auxílios para a prole numerosa gerada pela rainha. E, sem papas na língua, os liberais cantavam muito perversos, lá no baluarte da Terceira ou onde não corressem o risco de ser ouvidos:

«O D. Miguel não é rei Nem filho de D. João É filho dum guarda cabras Da quinta do Ramalhão»

À malícia acrescentavam injustamente a despromoção do feitor do Ramalhão, que tão dedicadamente servira a soberana.

Num gélido dia de começos de Janeiro de 1830, o féretro solene

vijou do Palácio de Queluz para o Panteão de São Vicente de Fora, onde D. Carlota Joaquina repousa agora ao lado do marido, que ali a precedeu há quatro anos.

Em vida detestaram-se, nem sequer gentilmente. Que descansem finalmente em paz.

Caiu um luto pesado e agoirento no casarão da Lapa, onde as braseiras andam numa fona a lutar contra o friacho húmido. José de Almeida meteu-se de preto rigoroso, lamentando com toda a legião do integrismo realista a perda irreparável da inspiradora da morte da Carta e a mais implacável inimiga da pedreirada herege.

Apertam as rezas do terço e os responsos no oratório da família Almeida, a esconjurar o vazio que a rainha deixou naquelas almas órfãs, que timidamente receiam que se junte àquele sinal fulminante algum abalo na firmeza de D. Miguel I, filho dilecto de quem se dizia já não ouvir, nos últimos tempos, os avisados conselhos de sua mãe com o mesmo zelo e prontidão com que os pusera em prática em 1823.

João da Silva cata minuciosamente na húmida cabeleira da Lísia os últimos piolhos liberais. Deu voz de prisão a dois comerciantes que vinham de cear no Polido e, alegretes da pinga, garganteavam de brincadeira o proscrito hino da Carta. E mandou os meirinhos apreenderem ao Henriques algumas edições voltairianas importadas durante o caos do vintismo, pelas quais fingira interessar-se, numa das expedições em que se disfarçava de letrado. Os ignorantes trocaram tudo e, em vez do *Candide* e das *Lettres Philosophiques*, trouxeram obras de Bossuet, que sempre era abade, e de Retz, que era cardeal. A rotina e a Gracinda vão amolecendo o João, que está precisado duma boa conspirata que lhe encha as bufas velas que caem, pandas, na alcova da Rua Fresca, ou estrincadas por brisa inócua nas tascas onde o fado lhe parece mais melancólico e menos picante. A mulata esforça-se honestamente por lhe acordar os ímpetos do tempo das patuscadas na taberna do Quebra-Costas, onde pairava um marranita que dizia de cor a Carta a

Alzira e outros versos proibidos do poeta Bocage. Desenfastia-se na genebra e na leitura lentissimamente soletrada de mais um folheto que comprou a um cego do Largo de São Paulo. Sobre um monstro, está claro, mas desta vez estrangeiro, para variar. Chama-se «Emblema vivente ou notícia de hum Portentoso Monstro, que da Província da Anatólia foy mandado ao Sultão dos Turcos. Com a sua figura, copiada do retrato, que delle mandou fazer o Biglarbey de Amafia, Recebido de Alepo, em huma carta escrita pelo mesmo autor da que se imprimiu o anno passado.» Demora-se mais na contemplação do retrato que nas palavras difíceis de que não conhece o significado - tem braços e pernas como as pessoas, mas nascem-lhe dos ombros duas cabeças de águia, os membros de baixo são penudos nas coxas e meio escamados junto aos pés de pássaro e a carantonha tem tudo do bicho homem mas em maior, menos as orelhas, que embicam para cima, torneadas como as colunas do guarda-loiça.

Nos serões em que a invernia empurra o João para casa a horas decentes, a Gracinda põe-lhe perguntas sobre o vocabulário monstruoso, no intervalo dos tagatés.

- Ó João, o que é um grão-visir?

- É uma espécie de rei dos turcos - esclarece ele, pachorrento e pouco rigoroso.

- Diz que tem olhos da cor do alambre...

- Quem?

- O monstro da Anatólia. Que cor tem o alambre?

- A dos burros quando fogem.

- Ora... - reponta ela, dando de ombros. - E o que é um cerralho?

- Sei lá! Mas rima com uma coisa que tu sabes muito bem o que é e estás mesmo a pedir.

E assim desperta o João com esta inspiração poética, arrimando-se à mulata que logo dá de barato o soletrar do folheto. No ajustar da rima ela chama-lhe idolatrado. E ele, muito desconfiado:

- Onde é que aprendeste isso? E ela, muito rápida:

- É o que a vizinha do segundo costuma chamar ao papagaio. Está mentindo, que o seu João zangado é pior que o monstro da Anatólia e que o bicho de Chaves.

A Rita anda meio assarapantada com a volta que a vida lhe está dando. Afinal, revelou-se-lhe o Sr. Inácio menos pisa-verdes do que parece e, sem moderar os gestos amaneirados e belfando mais por via do nervoso, meteu-a entre a espada e a parede, exigindo-lhe o sim ou o não, sem mais salvatérios. A mulher embatucou perante a inesperada energia do comerciante, que resfolgava muito, puxando o cóis das calças para cima da barriga, solenemente especado entre a tulha do feijão e a talha do azeite. Que era pegar ou largar no muito que dela gostava, e que não servia só para espremer as letras na ponta da pluma para os que se puseram a monte para reinos estrangeiros, arriscando a reputação, o negócio e a sua própria pessoa.

- Que isto, Ti Rita, é porque lhe tenho amor sério, e também porque a mim ninguém põe canga sem molhelha – rematou assoprando esta profunda filosofia de raízes rústicas, por descender de camponeses beirões cuja prole começara a descer para a cidade quando já não cabia na courela.

O Sr. Inácio, homem prudente e meticoloso, está alfaiando de novo o primeiro andar por cima da loja e causou o espanto da vizinhança, quando quatro galegos desembarcaram dum carroção à porta dele uma cama de bilros que parecia coisa do Paço da Ajuda, mais um armário de nogueira e um lavatório de loiça branca com armação de ferro e os respectivos balde e jarro.

Quando a Rita, entalada pelo ultimato e tendo medido os benefícios daquela segurança bem assente nos secos e molhados, lhe deu o sim, o Sr. Inácio confirmou que o casamento seria na Sé, como prometido.

Rita da Silva considera também as vantagens dos serviços de correios de e para França, que assim ficam igualmente garantidos. Lá terá

que aturar o homem, que, não sendo nenhuma beleza, lhe parece ter bom fundo e mãos largas, ao menos para ela, já que os fregueses se queixam de as ter ele leves nos pesos e medidas. Assarapantada é que ela anda, que se julgava forra das brincadeiras dos homens e aos quarenta e picos anos é que há-de ir deitar-se acompanhada. Mas seja o que quiser Deus, que, segundo o padre Branco, está agora mais macio com ela por via da próxima sagração do casamento, embora se mantenham as reservas derivadas da correspondência com os hereges.

Nas cartas que ditou para França com a notícia do casório, achou-se no dever de informar que o Sr. Inácio era «um homem de bem, com uma rica loja de mercearias, muito delicado e meu amigo, que até me deu um par de arrecadas de ouro fino e uma corrente com uma cruz também de ouro para pendurar ao pescoço». Aqui, o estanqueiro comoveu-se e, depois entusiasmou-se, largou a pena de pato e, errando o beijo que apontara à bochecha da Rita, acertou-o no pescoço abaixo da orelha.

- Ó Sr. Inácio, olhe que ainda o padre não nos abençoou! - protestou a Rita.

E o homem, corando mais do que ela, riu-se muito feliz:

- Trate-me só por Inácio, que vossemecê já não é freguesa de balcão.

«Quanto me alegrou saber que vives em casa de meu primo e protegido pela família que te considera e reconhece os teus méritos e qualidades. Porque tardaste tanto em dar-me esta alegria, a mim que a procuro em todas as coisas que me sugerem a tua existência? Bendigo o privilégio de guardares as minhas cartas, de poderes pousar nelas os lábios e relê-las sempre que o coração te pede. Do mesmo estou eu privada, que, para me subtrair às severidades que meu pai acrescenta às regras do convento, tenho de queimar as tuas às ocultas, depois de as ter decorado, porque só a memória não tem outros guardiões além do nosso espírito. Penso que talvez seja esse o segredo da eternidade, a chave da

imortalidade e a autêntica identificação de Deus. Por causa destas reflexões e outras de idêntico jaez me diz D. Joana que estou ficando teóloga da paixão. Não acho que isto diga respeito à Paixão de Cristo, mas é certo que, arrostando com a blasfêmia, comparo com a minha a Paixão, como tortura, dor, sofrimento, a que se segue a redenção prometida. A julgar pelas histórias dos séculos passados, estaria eu bem encaminhada para a fogueira da Inquisição, onde parece que arderam muitas paixões. No entanto, dizem as escrituras 'felizes os aflitos, que serão consolados. Porque haverá a fé de ser tão pouca que nos faça passar pela morte para que se cumpram as promessas de Deus? Que estranho verificar que é aqui, nesta casa de Oração, que eu estudo e cultivo a paixão e descubro a força de, magoada e aflita, crer na redenção terrena. Que Deus me perdoe pela minha excessiva fé.

Minha mãe vem ver-me invariavelmente todos os domingos, depois da missa. Olha-me atrás das grades, através delas beija-me, põe as suas mãos nas minhas e já não ousa pedir-me que ceda à vontade de meu pai. Sou eu quem a consola, quando a pena a faz verter lágrimas de desgosto e de impotência, como se viesse chorar sobre o túmulo da filha. Os afectos, meu Filipe, quando não são paixão (aí volto eu ao meu tema), parecem-me dever sempre quase tudo a uma das partes, como acontece com a ligação dessas plantas trepadeiras que intimamente se enlaçam ao forte tronco das faias.

Ontem foi domingo e fez um ano, dia após dia, que aqui me encerraram. Minha mãe esqueceu-se de assinalar este triste aniversário. Mas procurou afectuosamente as minhas mãos, como a hera enroscando-se na faia.”

Nas recepções, nos camarotes dos teatros e até assomando à portinhola da carruagem que acompanha o trote do cavalo que Filipe monta, exibindo nos Campos Elíseos os progressos de ginete, Christine de Saugvigny transforma-se numa presença demasiado frequente. Se chega à fala, parece desvalorizar essa espécie de perseguição, como que

apercebendo-se subitamente que está atentando contra o seu próprio orgulho. Mas, vendo Filipe aceitar a sua ironia quase hostil como a regra de um jogo em que o seu coração feminino está tão empenhado, transfigura-se em humildades que vão contra a sua natureza mas que não logram alterar o comportamento distante de Filipe.

- Vous êtes un monstre d'égoïsme! - segreda, ao entregar-lhe uma taça de champanhe, no salão de sua casa cheio de convidados.

- Ocupo-me de vós, dou-vos toda a atenção de convidado especial... E que tenho como paga? A vossa melancolia malsã e os vossos suspiros românticos.

Filipe, com um gesto de desalento:

- É certo, mademoiselle, que sou um mau objecto da vossa gentileza. Não mereço que me adocem as nostalgias de estrangeiro.

- Estrangeiro?! - admira-se ela. - Como ousa dizer tal coisa, numa casa nobre que lhe abre as portas, o filho dum oficial do Exército de Napoleão?

- Sou português, de nacionalidade e de coração - contesta Filipe.
- E emigrado liberal.

Ela vai encaminhando os passos de ambos para a biblioteca, distribuindo cumprimentos e sorrisos, com uma graciosidade tão natural como mecânica, devido ao exercício repetido.

- Vê aquele dandy de redingote cinzento que está falando à dama de vestido azul? - interroga ela. - É o senhor de Lamartine, poeta, liberal. E aquele outro de traje démodé, metendo à boca um pedaço de tarte, é o senhor Alexandre Dumas, protegido do duque de Orleães, que secretamente aspira a tomar o lugar de sua majestade Carlos X. Acha que não somos suficientemente livres para recebermos nos nossos salões os que aspiram a substituir-nos nos privilégios? E aquele além, pequeno e gordo, o das suíças grandes e de óculos, é o senhor Thiers, que está escrevendo diariamente no National diatribes contra o soberano e contra os ministros.

- A prodigalidade só é praticável por quem é privilegiado - responde Filipe.

- Vous m'agassez, mon cher - diz Christine, abrindo a porta da biblioteca que fecha atrás de si depois de Filipe entrar.

Dos espaços deixados vagos pelas prateleiras dos livros ricamente encadernados espiam as sombras austeras de alguns Sauvigny do passado e, sobre a lareira, emoldurada em talha destaca-se uma batalha com um hussar em primeiro plano, de sabre desembainhado, montando um enorme cavalo branco escabreando, jarretes retesados, grossos músculos salientes no pescoço, veias entumescidas, ventas dilatadas. Um epígono de David, pensa Filipe.

- É um Sauvigny da guarda pessoal do imperador - esclarece Christine. - Estivemos em todos os campos, na bancada de Robespierre, nos exércitos falhados dos emigrados realistas na Alemanha, em Austerlitz e Waterloo com Napoleão, na Restauração, com Luís XVIII. E estaremos com os Bourbons, com os Orleães ou com a República. Os Sauvigny são inextinguíveis. As vossas ilusões são respeitáveis, monsieur de Villepin, mas são ilusões.

Ela está extraordinariamente bela, a boca de lábios vermelhos e húmidos, as cascatas de cabelos ruivos caindo sobre os ombros, olhar faiscante, arfando, as mãos contendo-se, enclavinadas sob os seios subidos, imóvel sob as patas do cavalo branco do hussar de Napoleão. Filipe morde os lábios para não dizer que nada tem para trocar pelas suas ilusões, traindo-lhe o silêncio, em que fervem as palavras indizíveis e perigosas, as áscuas que crepitam nos seus olhos.

- Odeia-me assim tanto, Filipe? - diz ela, enrubescendo levemente, por ser a primeira vez que pronuncia aquele nome despojado do apelido.

- Não é ódio - murmura ele, vendo-a avançar lentamente, estender os braços e, enfim, puxá-lo para ela, aflorar-lhe o rosto com os lábios e os cabelos. As suas bocas entreabrem-se, muito próximas, como

se fossem aplacar a sede dum com a sede do outro. E, então, a porta escancara-se bruscamente, eles separam-se, escondendo um embaraço que parece indiferente a um grupo de jovens que invade a biblioteca, empunhando as taças de champanhe e brindando tempestuosamente a qualquer coisa de ininteligível, talvez à vida, a um instante, à eternidade, ao amor, ou às três faces do tempo de que se consideram ainda amos e senhores. Christine solta uma gargalhada estrídula, junta-se a eles e trespassa Filipe com um daqueles olhares irônicos e cheios de malícia com que tempera a perversidade de promessas a cumprir.

A figura de Margarida perfila-se diante de Filipe, sob o caramanchão do jardim da Lapa, com uma nitidez que parece abolir as distâncias e as fronteiras da realidade. Ele imagina-se rebentando as grades do convento, tomando-a nos braços, mitigando a sede dos dois e galopando para o desconhecido no cavalo branco do hussar Sauvigny, com ela à garupa, enlaçando-lhe o peito. Odeio-vos, Christine! Mas é apenas um pensamento, no meio do grupo de jovens que o rodeiam, discutindo tumultuosamente, até que alguém grita um viva à liberdade, a que outro responde um viva ao rei. E todos, rindo muito, clamam alegremente vive la liberté et le roi! Mas logo abafam essas vozes jovens da flor da vida, para regressarem aos salões onde vigiam os senhores que riem pouco e não gritam coisa nenhuma.

Um riquíssimo industrial da Chaussée d'Antin é o primeiro cliente de Raimundo da Anunciação. Recomendado por Diogo de Almeida, o pintor recebeu a encomenda do retrato a meio-corpo e, em duas sessões, avançou o suficiente para desabafar junto de Juliette:

- Fraco modelo... Bochecha flácida, olho papudo, grosso de nariz, umas orelhas de abano, que estou fazendo mais pequenas, e um estômago que arredonda mal o peito acaba e que hei-de esvaziar. O homem ficará mais elegante. Mais airoso é impossível, senão ninguém o reconheceria.

Juliette sorri e apresenta-lhe umas amostras de seda da China, estendendo o braço sobre a secretária - se ele tem alguma ideia do que se

poderá fazer com aquilo. Raimundo avalia a textura amarrotando o tecido entre os dedos, observa as cores e palpita que lhe parece adequado a vestidos de passeio para a Primavera. Juliette medita, enrugando a testa, pouco convencida.

Grande é a mudança no viver do Raimundo, agora desenhador de modas com vinte por cento de interesses nos negócios de madame Juliette, pois nem um nem outro aceitaram vínculo de patronato, por respeitarem muito a liberdade em geral e as liberdades em particular, que com muito aprazimento praticam em conjunto.

Com frequência ela procura persuadi-lo a não desperdiçar o muito talento que lhe sobra dos esboços dos figurinos. E quer que ele concorra aos salons dos mestres.

Raimundo depura o estilo e os temas, regressa à vida que o tentara há vinte anos, quando pintou um tríptico a que chamou O Barro, no qual os três estados surgiam em toda a sua crueza visceral e conflituosa, simbolizados pelo fidalgo, o frade e o oleiro fabricando o canjirão que estava vazio na sua mão e cheio nas dos outros. Ninguém se apercebera, felizmente para ele, da grave simbologia do tríptico precursor. Agora, saíam-lhe das pontas dos dedos essas sombras do grande contraste com a luz que empurra os povos para as revoluções. E eram coisas que só pareciam acessíveis aos artistas, isto é, aos solitários, pintores, escritores, poetas da visão deformada que lhes entrava pelos olhos e cegava os dos outros. O grande pátio medieval dos milagres escancarava-se

diante de Raimundo - o belo deixava de ser o motivo e a finalidade únicos das suas obras. Deixou de pintar santos e catedrais, e ficava mal consigo mesmo quando, como agora, aceitava compor as belfas moles dum burguês rico como Cresso. Postado à saída da missa de Notre-Dame, aponta esboços de mendigos e leprosos, de garotos andrajosos e abandonados, de vagabundos desfigurados pelo absinto, de peregrinos escaveirados estendendo a garra misteriosa para a manga de benfeitores enojados, essa multidão que haveria de encher as páginas dos

romances e as telas dos pintores.

Quando Juliette lhe faz sentir que aquele caminho dificilmente o conduzirá às salas das grandes exposições, ele rebela-se e assanha-se-lhe a velha verrina contra os mestres de classicismos inabaláveis. Desata a ira sobre mestre Sequeira, esse Domingos António, famoso em Lisboa e retratista em Roma, que os críticos tinham enxotado de Paris, ao constatarem que a sua Morte de Camões era a croûte mais detestável mostrada no salon de 1824, o que em português se diria amavelmente bosta e cruamente merda. Ele acha bem justificada tanta severidade, apesar de ditada por outros dogmáticos, mas implacável para com aquele gosto sabujo do Sequeira, pintando alegorias épicas à esquerda e à direita, ao Junot e ao Wellington, segundo o que ditava a sorte das armas ou o santo do dia, como aquele São Bruno, suspenso sobre as lajes e de mãos postas, literalmente mergulhando na oração. Que ele, Raimundo da Anunciação, não precisa de ostentar as medalhinhas votivas do reconhecimento dos clássicos petrificados nos cânones e nas conveniências.

Raimundo tem destes acessos arreliosos quando lhe sangram a veia da arte. Logo se derrete chamando musa a Juliette, que lhe está destapando a essência da inspiração com a volúpia de carícias que o fazem renascer na carne e ressurgir na alma, porque não há como o amor para repor as criaturas no seu autêntico destino.

Aproveita bem a zelosa vigilância das alfândegas o matreiro João da Silva. Insinuou-se em sociedade com um escrivão e um fiel de armazém e está colocando no mercado, com lucros muito interessantes, cangalhadas apreendidas por conta própria e da súcia que organizou. A candonguice vai prosperando, mas sem consequências de estadões escandalosos.

Depois do casamento da mãe, abastece-se por inteiro de secos e molhados no padraço, reclamando descontos chorudos e arredondamentos nas quantidades. E vai isto obtendo com muita

jactância, dando a entender, quando acha preciso, que está ao corrente do papel do Sr. Inácio na correspondência com a França, ao que vai fechando os olhos por «razões de família».

O jeito para o negócio não o fez forreta, pródigo com roupas das finas para si e para a mulata, ceias no Polido, mágicas no Teatro dos Condes e passeios de sege a Pedrouços e mais longe.

A Gracinda anda radiosa e gárrula, arremedando a burguesa, entalada em espartilhos franceses, vistosos chapéus no alto da coca, sedas ruflantes e botinas pontiagudas com saltos que cambam à segunda saída por não ter perdido o passo gingão, parte imprescindível dos seus encantos. Está disputando à mulher do Pires, um que destila em Alcântara álcoois de elevado calibre, o lugar de primeira dama da Rua Fresca. Ninguém tem nada a apontar-lhe, nem mesmo os pedreiros do 11. E se recebe, de quando em vez, um rapagão de dois metros, que, a julgar pelo branco avermelhado do carão narigudo, deve ter caído do ramo europeu daquela genealogia, é porque é seu mano e ninguém tem nada com isso. Pelo desbragamento do incesto custa a crer na versão da mulata, surpreendendo muito que o João não tenha ainda praticado investigação, que é coisa do seu pelouro, naquele caso atrapalhado por um novelo de bastardias que nem a secreta acharia ponta por onde o desenrolar.

Acrescente-se a estes dados colocados ao julgamento do leitor o facto de a vizinha do segundo só ter começado a chamar «idolatrado» ao papagaio depois de os seus ouvidos terem captado esse picante adjectivo numa despedida de escada da Gracinda ao que faz passar por mano. Diga-se também, em abono da verdade, que a mulata segue com rigor as instruções do João da Silva, envergando nos dias de festa um vestido folhudo e tufado de seda azul e vermelha, as cores do miguelismo, que em coisas de absoluto não há quem lhe leve a palma. E informe-se ainda que a queda para os monstros dos folhetos e as fraquezas da carne, fortes pela herança de exuberâncias escaldantes que lhe correm nas veias com a impetuosidade de rios tropicais e pujanças diluvianas, a não desviam da

devoção que pratica nas igrejas de Lisboa onde se recolhe, quando a puxa a mística inquinada de animismo ancestral, com necessidade de santos variados, numerosos, ao sabor do capricho, sem dias ou horas certas, com uma instintiva preferência por São Sebastião, o mais desvestido, no seu martírio de alanceado, eriçado de setas como um paliteiro de prata que ela viu na Rua do Ouro, numa loja fornecedora da casa real, imagem muito gentílica na sua tanga pintada, e muito abandonado no seu olhar oblíquo para os altos céus, sugerindo êxtases que distraem a mulata das boas intenções do seu fervor religioso. Tem pruridos em calar estes devaneios na confissão da Páscoa, aliviando só o fardo do factos, que as fantasias que lhe atravessam a mona davam para toda a Quaresma.

OS VENTOS DA EUROPA

*«Le bleu manteau des rois pouvait gêner vos pás. Lapourpre vous
vá mieux. Le sang n'y paraît pás.»*

Victor Hugo, Hernani.

Chegou finalmente ao Gradil carta de Carlos de Almeida. Pedro, com vagares de Inverno, alcançado o fim da leitura, recomeçou do princípio. Vinte anos de França tinham alterado o sestro de comunicar ao emigrado, já muito divorciado das ruralidades simples que rodeavam o irmão. Às fórmulas dos cumprimentos e agradecimentos pela carta anterior seguiam-se considerações sobre a «evolução social da Europa» e o seu reflexo nas relações entre as pessoas que, a seu tempo, fariam dos conventos «lugares próprios para monges e monjas ou nem isso» e, pouco a pouco, deixariam de ser «uma espécie de cárceres de almas condenadas pelas convenções e pelas conveniências das famílias. Enumerava as virtudes de Filipe de Villepin, bem como a sua ascendência senhorial recentemente confirmada. Mas compreendia «os escrúpulos de José», embora não partilhasse as razões políticas que acrescentavam ao assunto maior dramatismo. Esclarecia que o moço já fora leal com ele e que era

excelente preceptor dos netos, que já podiam, graças a ele, recitar de cor «boa parte da Dedicatória dos Lusíadas, algumas composições de poetas latinos e muitos versículos da Santa Bíblia». Filosofava seguidamente sobre as virtudes do tempo e seu transcurso e do muito que ele solucionava «coligado com a distância», em casos de coração, «sempre muito renitentes à limpidez da lógica». Acrescentava que tivessem paciência e estivessem certos que ele respeitava os cânones ancestrais da família, mas não via razão para despedir Filipe, «sendo a sua conduta irrepreensível e muito proficiente na educação e instrução das crianças». Pedro de Almeida ficou matutando naquelas contumélias literárias, concluindo que o mano José as tomaria por insulto soez e por mais uma traição do transviado. De momento, decidiu escamotear a missiva, pelo que foi depositá-la prudentemente num cofrete de segredo que jazia no gavetão debaixo do contador indo-português, cuja chave andava sempre aninhada no cotão da algibeira do colete.

Ninguém notara o postilhão com a carta. Cunegundes, que de tudo dava fé, andava monteando com vizinhos do termo de Torres, Adamância cozia no quarto, enevoados por vastas fumigações, um forte resfriado, e D. Bernardina punha o pessoal da cozinha de esquerdo em linha por terem deixado «entrar o bispo» na sopa do jantar. Ao lusque-fusque, voltou Cunegundes da montaria nas brenhas da serra escoltada por três mocetões de morgadios da vizinhança, mais uma tropa de criados seguidos por uma mula transportando, atravessado no dorso, um grande javali de goelas abertas ao qual ladrava uma matilha de podengos. Ninguém diria que ela tinha dezassete anos e era donzela, vendo-a montada num baio de muito nervo, calça justa e bota de cano revirado, casaca castanha com botões de latão, camisa de folhos manchada de sangue e terra, chapéu de três ventos, os cabelos negros apanhados atrás por uma fita de gorgurão preto, cavalo-marinho, facão de mato entalado num largo cinto de cabedal.

Cunegundes, também conhecida por Caceteira, regressava

aureolada por um feito que muito lhe ampliava a fama, o qual foi relatado pelos morgados com grandes exclamações admirativas aos senhores do Gradil. O javali, um macho potente, fora mal ferido por um primeiro tiro de Cunegundes, que estava mais próxima que os companheiros, atirou-se ao animal em plena carreira e cravou-lhe o facalhão nos gorgomilos com inaudita destreza. Rolaram os dois num chão de sarças e cardos, tão enrolados que os outros queriam ajudar e não podiam, até que a donzela ficou por cima, cavalgando o estertor do bicho a bolsar sangue da pescoceira e do focinho orlado de duas grandes presas. Um criado acrescentou, muito sério, que por força a senhora dona tinha acertado facada na veia do grunhir, porque o cerdo dava urros como nunca ele ouvira.

Pedro e Bernardina agasalharam os morgados que não findavam as loas à nossa Cunegundes, que, entretanto, ferrava o dente numa perna de pato, perdigotando uma deixa imperativa:

- Não deixem esfriar o marreco com tantas louvaminhas.

Os morgados fizeram-lhe a vontade de bom grado, mas, entre duas garfadas, juntavam pormenores e até uma conclusão épica - se aquela menina tivesse ido na esquadra dos Açores, já nem sombra de malhados haveria na ilha Terceira!

D. Bernardina interveio, repetindo o pato:

- Se Deus me tivesse dado um filho varão não haveria ele de me causar mais sustos que esta menina.

E um dos convivas, extraíndo de entredentes um ossículo da ave:

- Nem mais glórias, senhora D. Bernardina, nem mais glórias...

Pedro de Almeida, muito prosaico, pensava que corajoso havia de ser o noivo que aceitasse aquela barroa.

Quando monsieur Firmin, na pele do nobre salteador Hernani, desafiava em linguagem muito chã monsieur Michelot feito Carlos V, sobre as tábuas do palco do Théâtre-Français, Filipe de Villepin estremecia de emoção, esquecendo-se mesmo de responder aos apupos dos camarotes

com aplausos e bravos, como fazia Nuno de Almeida e os jovens da plateia. Filipe estava assombrado por aquela métrica arrítmica das deixas de mademoiselle Mars-Dona Sol e de monsieur Joanny-D. Ruy Gomez de Silva, em versos que estilhaçavam as regras e vestiam o escândalo dum proscrito rivalizando com um imperador na disputa do coração duma mulher. Exaltado, era Hernani exclamando *En attendant, je n'est reçu du ciel jaloux! Que l'air, le jour et l'eau, la dot qu'il donne à tous.* Via Margarida em Dona Sol arrancada à sua paixão, repetindo *Je vous suivrais, je vous suivrais.* E subiam-lhe as lágrimas aos olhos ouvindo Hernani *-Je n'ai plus que l'amour dans l'ame -* e retratava-se nele em dois versos que o trespassavam - *Si tu sais ce que c'est que le bonheur suprême! D'aimer, d'avoir vingt ans, d'épouser quand on aime...* Ele era Hernani e Margarida Dona Sol suspirando *Nous allons tout à l'heure ensemble ouvrir nos ailes! Partons d'un vol egal vers un monde meilleur.* Desperto de tanta emoção pela pateada que recomeçava e pelos bravos e aplausos que a contestavam, Filipe repetia num murmúrio soturno e furioso o que decorara: *Le bleu manteau des rois pouvait gêner vos pâs. La pourpre vous vá mieux. Le sang n'yparaitpas.* Havia já um tumulto na sala e Nuno de Almeida trocava enérgicos safanões com um burguês indignado que vociferava ser aquilo um escândalo e uma troça às pessoas de bem. No foyer andaram aos murros, entre guinchos de damas, bengaladas de cavalheiros e insultos indiscriminados. Nessa noite de 25 de Fevereiro de 1830, a da estreia do Hernani, Victor Hugo era o mais odiado e o mais adulado dos parisienses. Filipe, entrando no fiacre que Nuno conseguira fazer parar, no meio do rebuliço que continuava à porta do Théâtre-Français, continha dificilmente as lágrimas. E o amigo consolava-o:

- Somos mais e melhores que os idiotas que querem parar o relógio da História!

E Filipe, a voz embargada pela raiva e pela paixão, murmurava muito desconsolado:

- Temos que nos bater para que respeitem os nossos vinte anos!... Não te parece que nos estão empurrando para uma revolução?

E Nuno, muito diletante:

- Uma revolução é uma grande seca, além de devorar os amigos de cambulhada com os inimigos. Mas, se vier, cá estarei para participar, porque uma revolução não é um drama de teatro a que se assiste sentado numas cadeiras altamente desconfortáveis...

O espírito revolucionário de madame Juliette está muito mais virado para a tecnologia. Perante as cépticas resistências de Raimundo, tem marcada uma demonstração da máquina de coser que monsieur Thimonnier, seu inventor, está tentando comercializar. O pintor duvida muito que uma máquina possa substituir as mãos hábeis das costureiras, rematar bainhas, debruar, casear, para não falar em operações mais complicadas. É um adepto do progresso, claro, com outra excepção para além da costura - a fotografia, inventada por um tal Niepce em 24, que mais valia deixasse de se meter com a Natureza, que é incomparável e matéria para os artistas. De resto, crê na máquina a vapor do Sr. Fulton, na caldeira tubular do Sr. Séguin, na turbina hidráulica do Sr. Fourneyron e no motor eléctrico do Sr. Barlow. E até admite que um dia se possa viajar pelos ares e por baixo da terra, fantasias de que se ri Juliette, muito esperançada que a máquina de monsieur Thimonnier possa aumentar o ritmo de produção e consequentes lucros do atelier, que, mesmo sem ela, está famoso e conta clientes na grande nobreza de França, incluindo uma fidalga íntima da extravagante duquesa de Berry. Neste caso concreto, Raimundo lavra um protesto, por ser essa senhora duquesa possessa notória do direito divino dos reis e inimiga jurada das constituições e dos direitos dos povos. Juliette contesta restabelecendo as fronteiras entre a política e os negócios, afirmando com pétrea convicção que é esse o verdadeiro segredo do progresso. Raimundo faz-lhe uma carícia na face, ao que Juliette responde com um sorriso agaiatado, promissor, e uma visão de raro alcance:

- Pois olha que eu imagino uma grande fábrica com cem máquinas de coser a trabalharem ao mesmo tempo. E a Europa mais a América vestida pelas Usines Juliette-Mundo. Mundo c'est beau, c'est très beau... ça veut dire Monde. N'est ce pas? Tu est mon monde, Mundo!

E a partir deste dia em que o progresso tecnológico dá entrada nos projectos de madame Juliette, Raimundo passa a ser Mundo. Na intimidade.

«Tem razão teu padrinho, que me dizes classificar essa terra como outro planeta. Mesmo coisas que me contas como triviais são, vistas daqui, muito extraordinárias. Não sei, por exemplo, meu Filipe, como imaginar o que tu chamas liberdade de imprensa, que dizes cortada e sufocada pelas pesadas multas, suspensões e prisão de jornalistas, porque apesar disso estão esses jornais fazendo tremer o trono do rei de França e, com ele, todos os outros. Como sabes, aqui a imprensa ou é Régia ou com licença do Desembargo do Paço. Apreciei muito aquela citação do senhor Chateaubriand, que viste um dia a jantar no restaurante Véry do Palais Royal - "O governo representativo sem a liberdade de imprensa é o pior de todos: mais valeria o divã de Constantinopla".

Para uma pobre de Cristo metida num convento de Portugal, tendo por companhia uma virtuosa senhora a quem a tirania do soberano por direito divino demoliu a família, a liberdade a que aspira é a do coração, a de te estreitar nos braços, a de ver sagrada junto ao altar uma união para toda a vida. A liberdade de poder ser tua será mais modesta que a liberdade de que me falas com tanto entusiasmo, a qual por certo há-de começar por romper as cadeias dos que sofrem no corpo e na alma o despotismo dos preceitos.

Não creio que devas atormentar-te com remorsos por ser desigual o modo como vivemos agora. Não és tu também prisioneiro nos salões de Paris? Não foi a força das perseguições que te empurrou para o exílio? Assim tu guardes na tua alma como eu guardo na minha a força deste amor jurado e sofrido que nos faz iguais no sentimento. O ciclo das

estações nem ao de leve embacia a tua imagem visitando-me, inalterável, como a oliveira da cerca que volta a oferecer-me sombra nestes primeiros dias de Primavera, que já prometem flores e encurtam o tempo que ainda nos separa.

Aumenta-me, porém, os cuidados o sofrimento em que vejo a minha amiga Joana, por lhe ter chegado notícia de estar seu marido gravemente doente e sem assistência adequada naquele covil de algozes de São Julião, onde anda o menino do tal brigadeiro Jordão a dar tarefa nos presos com um cacete à sua medida.

As notícias destes ódios desatados indignam-me e assustam-me pelos muitos perigos que terás um dia que passar, para vires colher esta paixão estreme,

acalentada na espera, como um fruto que só amadurecerá nas tuas mãos.”

O coronel José de Almeida e seu filho António foram honrados por companhia d'el-rei D. Miguel em caçada no couto de Almeirim. A distinção coloca-os no pedestal dos mais fiéis servidores e permitiu-lhes verificar as qualidades intactas de monteiro e ginete do soberano, «apanágio de guerreiro pronto para o futuro e de enérgico comandante empunhando as rédeas do presente» (Esta última frase é respigada duma crónica épica do padre Domingos Correia assinada «Justo», num número do «Mastigóforo» naturalmente esgotado).

Os Almeidas, pai e filho, puderam nessa privança de dois dias confirmar a essência sublime das virtudes pátrias encarnadas pelo senhor D. Miguel I, amado pelo povo que o aclamava nas ruas e nos campos, simples e rude como ele, avesso aos salamaleques dos cortesãos e às formalidades das chancelarias. Eram instintivas e bruscas as suas vassouradas no cerimonial - ele próprio descera do cavalo para acabar com a adaga um corço ferido, enquanto o pagem lhe segurava a montada pela guarda-faceira.

Ao segundo dia, picara garraios bravos em cavalgadas

arreganhadas pelas campinas lezirãs da beira-Tejo. E, a campo descoberto, dominara um novilho, rabejando-o com chibanças toureiras. No piquenique organizado num choupal, quisera experimentar a navegação num catrafuço, enterrando o croque com donaire no lodo das margens ainda empapadas, nesse Abril de impulsos criadores.

Eram coisas que o povo rústico testemunhava, banzado, e que nunca vira fazer a reis e a filhos de algo, por já não ter memória do nascimento da nação, quando fora gerada por gente como ele. E adoravam-no, naturalmente.

Os que de mais perto rodeavam o rei adulavam-no e faziam-no crer que a cápsula popular que o envolvia era bastante para que se lhe atarrachasse a coroa com um parafuso sem fim. Poderiam fazer daquele estilo uma revolução e, afinal, transformavam as convicções em verdade eterna. E assumiam esse erro como algozes, perante a História, mais vocacionados para suas vítimas menores, porque ficavam à superfície da tirania e não a legitimavam com os instintos do povo - por isso estavam à mercê dos seus caprichos que só conhecem bem a lei dos mais fortes; e por isso inchavam o peito do rei-toureiro, ajudando-o a desprezar o resto do mundo, orgulhosamente, porque rabejava bem a nação e esta gostava da rudeza simples deste domínio, aplaudia, posternava-se e submetia-se à duplicidade de quem se colocava ao seu nível mas só prestava contas a Deus, que tudo aquilo abençoava por intermédio duma legião de clérigos mais arreçados das novidades que tementes da Divindade.

João e António de Almeida não eram dos mais íntimos do soberano, mas eram da raça destes e embeveciam-se com aquela exibição dos valores tradicionais que restauravam a rusticidade contra as máquinas trituradoras e imparáveis da revolução industrial que, visivelmente, não sabiam o que era. Daí que vivessem, em encantamento, uma felicidade plena de que não conheciam os riscos.

Voltaram do couro de Almeirim numa beatitude de eleitos e tão seguros da vitória do céu sobre o inferno que António, com mais de que

molhar a guelra, dizia a seu pai, muito alvoroçado: - Temos rei para cem anos!

- Olhe, Ti Rita, vamos aqui conversando, enquanto tempero esta perna de gamo que o amo trouxe duma caçada nos campos do Ribatejo, onde andou com o rei nosso senhor. Isto de cozinhar caça não é para qualquer, que um descuido desmancha os sabores silvestres e mão pesada a escangalha com lume de mais ou de menos. Pois muito me conta, Ti Rita, que me tinham chegado notícias do seu casamento, e eu até nem dei fé por não me ter vossemecê prevenido. Mas muito folgo. E que seja feliz - debita, ligeira, a cozinheira da mansão dos senhores Almeidas.

Rita da Silva explica ter hesitado muito em vir cumprir o gosto daquela visita, por via dos ruins ouvidos do mundo, que passavam para as bocas muito ligeiramente coisas que... que ela sabia muito bem e lhes tinham ferrado aqueles sustos, ia para um ano ou mais.

- E a menina? Lá continua, a pobrezinha - perguntou e respondeu a Rita, que sabia tão bem ou melhor que a outra as incidências do tema.

Francisca inculcou logo as culpas àquele valdevinos herege que estava lá na França armado em alfenim. A Rita amuou. E ambas repetiram o exercício de defesa dos seus meninos, sem desfalecimentos.

- O que eu sei... - adiantou a cozinheira, botando quatro folhas de louro na vinha-d'alhos. - O que eu sei é que alguém anda a fazer de alcaiota em vez da gente, da gente quer-se dizer... que eu falo só por mim, que houve aí (e aponta para cima, para os aposentos dos amos) uma fona de discussões,

que meteram o menino António mais o padre Domingos. Descobriram que continua o carteio entre Chelas e a França, pediram contas à abadessa do convento e o patrão falou em mudar a minha rica menina para o Grilo ou para outro recolhimento longe da cidade. Eu cá para mim, desculpe Ti Rita, o moço meteu-lhe mau olhado, que só um berzebu tinha força para dar à minha menina tamanha teima.

- Ó Ti Francisca, credo! - exclamou escandalizada a Rita da Silva.
- Um rapaz tão escorreito e com tantas letras, a fiar-se em artes de mafarrico!...

- Ora, ora, Ti Rita, esses às vezes são os piores, afiançou-me frei Joaquim das Chagas, que eles lêem cartilhas lá deles, que são livros que estão no índice.

E a outra, nos prenúncios da enxofração:

- Olhe que o padre Branco, que não há-de ser menos beato que o seu e até é vigário da Madre de Deus, nunca me falou de tal coisa, nem desse índice de má morte.

- Lá se o seu confessor é melhor que o meu não sei dizer - retorquiu a Francisca metendo os punhos na cintura. - Mas que os hereges que querem mal ao senhor D. Miguel também falam latins para se esconderem misturados com os crentes, lá isso sei. E que o demónio se mascara com muitos disfarces para atufar de espinhos as almas mais puras também sei. E sanhudo e teimoso que ele é, que eu todos os dias rezo para o fazer sair de dentro da menina Margarida, umas rezas especiais a São Cipriano, São Marcos, São Manso e aos quatro evangelistas. E nada.

Despegando a mão direita do quadril, a Francisca traçou no ar uma grande cruz que ia da testa à barriga, mais parecendo estar a abrir um azeiro contra os fogos do inferno.

- Sabe que mais, senhora Francisca? - repontou a Rita. - vossemecê é muito crendeira das manhas do Berzebu e sabe rezas que eu nunca ouvi nenhum padre dizê-las.

A cozinheira levantou o mento inimigo, muito encarniçada:

- Tal está a prática! Pois vossemecê é que anda ao serviço do Satanás, a alcovitar amores de pecado e vem para aqui armar em santinha! Ou julga que eu não sei quem leva e traz as cartas de Chelas?!

- E vossemecê? - azedou a Rita. - Não alcovitou?! Até andou para aí cagada de medo que eu desse à taramela. Não se esqueça disso, que é

melhor para si. Sua bruxa rascoa!

Trocaram mais algumas insídias do vocabulário custoso do zaragatear definitivo, no caminho da porta, agora com o acompanhamento do cocheiro, da criada dos quartos e da ama chaveira, num grande chinfrim que, por muita sorte, não chegou aos ouvidos dos amos. Do meio da rua, ainda a Rita catapultou três figas enérgicas contra a tropa inimiga. E retirou, toda a tremer, maldizendo a ideia daquela visita que, à partida, era de amizade mais ou menos desinteressada. Julga a gente benzer-se e quebra o nariz, dizia de si para consigo, muito arreliada.

Na loja, deu com o filho a encher dois cabazes de compras, regateando ao padraço o brinde de um litro de azeite - por vias do transporte, que da Rua Fresca até ali era longe pra burro. E o Sr. Inácio, muito bufante, pedia com os olhos a intercedência da Rita, que, no rescaldo da zanga, aventava com maus modos o xaile para cima do balcão.

- Um raio que parta filhos, enteados e afilhados! - explodiu. -Dá lá o azeite ao rapaz e seja em desconto dos nossos pecados.

E o João, muito pimpão e sorridente:

- Também o pode descontar nas medidas dos fregueses.

O Sr. Inácio foi abrir a torneira da talha, muito infeliz e intrigado com os humores da Rita, rosnando desforra do bigorrilha que, com tantos abusos e descaros, o estava fazendo liberal silencioso.

Sua alteza real o duque de Orleães dá um baile aos soberanos de Nápoles de visita a Paris.

Ao crepúsculo do dia 31 de Maio de 1830, colunas de carruagens, salpicadas de librés e penachos, atravancam as Ruas de Rivoli, de Richelieu, a Praça de l'Oratoire e as artérias adjacentes. Um pedreiro e um canteiro, à volta do trabalho, contornando o labirinto dos carros e roçando os corvejões dos cavalos dos gendarmes, vozeam.

- Abaixo os aristocratas!

Ninguém os contradiz. Um comerciante, fechando as portas de ferro do seu estabelecimento, clama:

- Viva o senhor duque de Orleães!

Mais vivas se ouvem, naquela embocadura da Rua de Rivoli com o Palácio das Tulleries, justamente à porta do rei a quem hostilizam, o rei que está saindo para a festa do palácio em frente.

No meio da multidão que se adensa, formando as paredes dum corredor por onde passa a nata da aristocracia de França, Filipe e Raimundo, entalados, espreitam com curiosidade os elegantes que descem das caleches diante do Palais Royal.

Sinal dos tempos é aquela mistura de adversários do ministério e do rei, manhosamente convidados pelo duque, escritores, artistas, banqueiros liberais como o senhor Laffitte, jornalistas, deputados da oposição, com os realistas mais empedernidos. Nas fileiras do povo murmuram-se comentários benévolos e apupa-se a senhora duquesa de Berry.

Christine de Sauvigny, acompanhada pelo pai, apeia-se de uma das carruagens, olha à sua volta e parece reconhecer no meio da turba Filipe de Villepin. Cruzaram-se os olhares? Nada de mais incerto naquela confusão que cresce. O povo apinhado ondula, vislumbrando o rei numa varanda iluminada, e mal ele vira costas, encrespa-se com vivas ao duque de Orleães. Alguém escaqueira contra o empedrado uma cadeira do jardim, outros seguem o exemplo e algumas voam na direcção dos gendarmes. O povo ruge. E já as chamas se elevam duma pira de cadeiras, estrondeia o correr das portadas das lojas, os cascos dos cavalos e os berros esganiçados de oradores de ocasião tecendo louvores à Carta, denunciando a conspiração da realeza contra a Câmara de Deputados e as eleições que se aproximam, logo submersas essas vozes solistas por clamores de «Abaixo os ministros!», «Abaixo Polignac!», «Viva o duque de Orleães!». Chegam reforços do quartel de Saint-Martin, carregam a multidão. Filipe e Raimundo refluem com ela, partículas duma vaga que, desfeita, abandona a praia. Vão dar ao Café Sauvage, onde pululam inflamadas discussões sobre revoluções que vêm ou não vêm, sobre a expedição à Argélia que

desembarca ou não, as eleições que hão-de ou não ser sabotadas, sobre o artigo 14 da Carta que servirá ou não para liquidar a liberdade de imprensa.

Os emigrados dão de caras com outros dois, o Ferreira do Vale e o Costa Cabral, que, muito sério, murmura cheio de esperança que a coisa há-de ir e que não tardam aí os liberais no Poder.

Então, uma figura fantasmagórica, poeta dos cafés, melena desgrenhada, gesticular trágico e voz estrídula, sobe para uma cadeira e debita, com arrancos cavernosos, a sua versão da visão de Thomas Moore, segundo a qual um súbito sol brilhante derretia o palácio de gelo do rio Neva e os povos surgiam, avançando em cortejo, de archotes flamejantes, acendendo a luz da liberdade.

No dia seguinte, um laçao dos Sauvigny vem entregar a casa de Diogo de Almeida um bilhete endereçado a Filipe de Villepin.

«Monsieur, vi-vos ontem no meio do povo. Não é esse o vosso lugar, a menos que estejais disposto a renegar a herança de vosso pai. Espero-vos hoje às quatro horas, para o chá.

Christine.”

Filipe acabara de ministrar a lição de latim aos seus pupilos. Libertou-os mais cedo, os passos levaram-no aos seus aposentos e, mecanicamente, começou a toilette. Compondo os punhos arrendados da camisa, olhou-se no espelho e reconheceu, para além da sua imagem, um vulto que se perfilava no passado, bramando «Abaixo os aristocratas!» Deveria entender que já não era o mesmo? Ou que a história nunca se repete?

Daí a pouco, na rua, mandou parar uma sege de aluguer e seguiu para casa dos Sauvigny.

Com um gesto solene, levemente teatral, Raimundo da Anunciação pega com dois dedos num pedaço de veludo e larga-o, ou melhor, repele-o sobre a mesa de corte do atelier.

- Trapos... - diz ele, silabando espaçadamente um sentido

desdém.

A arguta Juliette diagnostica num relance:

- Deves vir agora das arruaças que se armaram no Palais Royal contra o rei.

- Arruaças, não, mon amie! Era o povo exigindo a liberdade - protesta ele.

E ela, com um sorriso diletante de quem viu mais de uma vez vidas por um fio, quando não quebrado:

- O povo, meu Mundo, o que ardentemente deseja é o pão a dois sous e o vinho a quatro... Que as revoluções inventam-nas os filósofos e escangalham-nas os políticos.

E Raimundo, com superior jactância:

- Ah, Juliette! Tu não viste como eles gritavam à bas les habits dores!

E saboreando aquela pausa pejada de intenções sociais, repete, com uma mirada de esguelha ao corte de veludo:

- Trapos...

Juliette impacienta-se e reage, enfim, lembrando-lhe que aquilo que ele trata com tanto desprezo é o que lhes permite viver dignamente e sem sobressaltos, que aquelas futilidades dão emprego a milhares de operários; que não está para aturar caprichos de demagogos. E remata, magoada:

- Fui criada no tempo da guilhotina. Tinha então nove ou dez anos, quando houve aqui uma revolução e nem sempre encontrava uma côdea para roer. Vi morrer muitos homens, da Áustria à Península, da Itália à Polónia, e jurei que a vida haveria de me pagar com juros esses rios de sangue à beira dos quais estive desde a mais tenra idade. Tenciono cumprir essa jura até ao fim dos meus dias. E nunca mais passarei fome, nem à beira dos rios de sangue, nem em qualquer outro lugar.

Posto isto, virou as costas a Raimundo e abalou para a residência. O pintor seguiu-a, manquejando, muito preocupado e com uma

ponta de arrependimento picando-lhe o coração.

O arrufo durou um quarto de hora, durante o qual, separados pelo espaldar da causeuse, trocaram argumentos que Raimundo transformava gradualmente em renovada declaração de amor, demonstrando-lhe que nada de mais permanente existia na alma humana além desse sentimento, imune a todas as convulsões da sociedade. Ela retorquiu afirmando que, nessa matéria, nada tinha a aprender, que ao amor dera o melhor de si mesma e que a sua vida era a história dessa dádiva: Lembrou-lhe os tempos de Mafra e citou a propósito uma frase de Racine que decorara em Estrasburgo, havia muitos anos, quando ali estava com um coronel da guarnição que a levava ao teatro - Je t'ai mais inconstant, qu'aurais-je fait fidèle?

Por fim, Raimundo venceu o espaldar da causeuse e convenceu-a com beijos. Na cama de dossel, amaram-se com renovado ardor. E conversaram, depois, recordando o palácio de Mafra, as loucuras, os riscos, os caprichos. Diante deles, a «Vénus em palácio vazio» era o orgulho dos dois, a reprodução dum momento em que aquele corpo vibrante e a sua imagem se tinham tornado perenes, como que a pedir contas à sua condição de mortais. Amaram-se comovidamente, indiferentes ao imparável avanço dos povos com os archotes da liberdade e ao palácio de gelo derretendo ao sol.

Christine estava sozinha em casa, isto é, os criados não contavam, seu pai, que era viúvo, partira nessa manhã para a vilegiatura de Verão nas terras de Saumur, e sua tia fora passar uma semana com os parentes de Argenteuil. Jogava uma partida de triquetraque contra si mesma, quando Filipe foi introduzido na biblioteca. Ele beijou-lhe a mão e ela quis finalizar com ele o jogo do gamão, fazendo com que escolhesse as brancas, que estavam em desvantagem, e ganhou, claro. O mordomo precedeu a criada que transportava o tabuleiro do chá, um serviço de prata italiano com chávenas de Limoges. Quando os criados saíram ela levantou-se, muito rápida, fazendo rufiar as saias, foi fechar a porta à

chave e, duma cristaleira dissimulada numa estante, trouxe uma garrafa de Murano e veio verter um gole em cada uma das chávenas.

- É um costume eslavo - explicou. - Eles misturam álcoois fortes com o chá.

O rasto do conhaque raspou a garganta de Filipe, sublimado pelo chá quente afogado naquele sabor intenso.

- Dizia-me, no bilhete que me mandou, que eu deveria renegar a herança de meu pai, por me ter visto no meio do povo - começou ele. - Meu pai foi soldado da liberdade. Não tenho que renegar essa herança.

Christine olhou-o por cima do rebordo da chávena que levava aos lábios.

- Engana-se, mon cher. O corso fez-se imperador, sequestrou o papa porque não podia sagrar-se sem bênção, criou a sua própria dinastia e restaurou as hierarquias demolidas pela revolução que o fizera cônsul - pontificou ela, duma forma que roçava a arrogância.

- Podia-se ser plebeu e general aos vinte e cinco anos...

- Só até Austerlitz... Até derrotar dois imperadores de sangue. Depois... Mas não vos convidei para...

- Se não é aquele o meu lugar, no meio do povo, qual é o meu lugar quando um monarca usurpador me escorraçou do meu país?

- O seu lugar é junto de um rei legítimo, moderado por leis justas. A República não vos convém, porque já não sois tão virtuoso como obrigava a condição de exilado despojado e sem nome. A virtude da Restauração já passou, já não é moda e, se isto augura mudanças, elas ficarão muito aquém das aspirações dum punhado de revolucionários.

- Fala pela boca do senhor visconde de Chateaubriand...

- Não. Porque se sou, como ele, fiel à monarquia, não a compenso com o amor à liberdade, a não ser a que me basta para ir reformando os costumes de minha casa...

Servindo novamente o chá e o conhaque, ela aproximou-se mais, as suas saias cobriam já os joelhos de Filipe e revelava-lhe num murmúrio

uma verdade impertinente - que o seu coração batia com mais firmeza pelo orgulho que pela fidelidade. O perfume dela e os vapores do álcool quente inebriavam-no e ele aceitava a recordação de Margarida juntamente com a tentação, convertida numa imagem atravessada pelos gestos sensuais que lhes uniam os rostos, os lábios. As palavras de amor surgiam, naturais, de muito repetidas no silêncio de noites solitárias, insones. E as mãos dele percorriam caminhos que pareciam conhecer desde sempre, hábeis a desfazer os laços do corpete, os atacadores do cimo do espartilho, aflorando com os dedos o globo de um seio e sentindo enrijar um mamilo entre a linha da vida e a do coração. Filipe pairava suspenso no tempo e no espaço, entregue à crueza deliciosa do corpo, ágil nas sendas escabrosas que abria à sua passagem, com um rigor valoroso e a instintiva habilidade do sonho e o domínio viril da entrega e do abandono. Margarida? Christine?... Nem o coração era agora mais do que o acelerado pulsar dum músculo e a consciência apenas um pego onde saborosamente mergulhava, uma volúpia líquida e prolongada com alguma perversidade, imprevisivelmente sábia, tão íntima e distante como uma saudade aplacada num instante de esquecimento, no encontro efêmero do passado e do futuro, que é a não existência ou a eterna abstracção do presente, do que não foi ainda e deixou já de ser.

Eles estavam enlaçados, sobre o tapete persa, olhados pelo hussar montado no gigantesco cavalo branco, apontando o sabre para o cenário da batalha de Wagram. Ajustavam as ondas do desejo nos recônditos e misteriosos lugares onde a pele era a fonte e a sede que saciava, os poros húmidos e as fibras que cobriam, a superfície e o fundo, a alma e o invólucro, a perdição e a redenção.

Amaram-se naquela tarde cálida, vendo o lento escurentar do crepúsculo velar de sombras o casulo onde já borboleteava o efêmero. E quando ela se soergueu, compondo muito levemente a sua meia nudez, disse-lhe com desconcertante brusquidão:

- Monsieur de Villepin, je vous aime.

Era como se estivesse ditando uma ordem. E ele surpreendeu-se, no limiar duma cortesia nova, ouvindo-se responder:

- J'en suis très touché, mademoiselle de Sauvigny.

«Acabei, enfim, as cento e cinquenta avé-marias do salteiro com que me castigou o confessor. E venho já merecer mais responsos pelo pecado de te escrever, que parece não haver outro que mais provoque as iras dos delegados do Céu e de meu pai.

Não sei porque vias, mais uma vez descobriram que continuamos a escrever-nos, pesem embora estes hiatos largos impostos pelas cautelas e pelas irregularidades da posta.

Meu pai fez-me saber que me mudará para mosteiro de regras mais apertadas, se não cessar a correspondência. Jurei falso - como vês - à abadessa que as cartas acabariam, porque não quero perder a companhia de D. Joana, sem a qual me parece difícil suportar este ou outro cárcere. A prudência é agora tanta que só pela calada da noite, à luz duma vela, me atrevo a redigir estas linhas que terei de esconder no seio para, pela manhã, passar a carta à minha amiga, que é agora quem se ocupa de a pôr lá fora com segurança. Mal termine estas letras, terei que raspar do tampo da mesa da minha cela os pingos de cera que nele coagularam, para não levantar suspeitas nenhuma nas inspecções com que as madres devassam a minha intimidade. As tuas palavras de esperança não têm ainda eco em factos nenhuns de que aqui nos chegue conhecimento, mas bastam para me manter à tona das orações, envolvendo Deus e todos os Santos da Corte dos Céus enquanto fervorosamente lhes rezo por nós dois. E, sendo a fé sólida, também me não falece a força da nossa razão.”

Filipe recebeu esta carta de Margarida aproximadamente um mês depois da primeira sessão de chá e conhaque. Primeira porque houve outras, já não concluídas sobre o tapete persa e com o hussar por testemunha, mas na alcova de Christine, a horas mortas e à custa dum percurso de furtas que metia uma escada de mão, um cavalgar de

varanda, uma janela do boudoir mal fechada e uma topada no toucador, até conhecer o caminho de cor e às escuras.

Regressava ele nessa noite duma aventureira excursão às portas de Paris, com um grupo de jovens aristocratas, para irem ver uma dança escabrosa ainda inédita e interdita nos teatros e nos cabarets da cidade - o cancan. A ideia impulsionara-a a Sauvigny e materializara-a Nuno de Almeida. O absinto clandestino da baiuca, onde umas donzelas de pouca virtude e muita agilidade pulavam, guinchavam e se escanchavam perigosamente no soalho, ao som duma banda de muito estardalhaço e pouca música, o absinto, dizia, abria talvez não brechas mas, ao menos, subtis rímulas no verniz aristocrático, valendo no aperto a sobriedade dos cocheiros dos faetontes e berlindas, numa briga em que luziram as lâminas curtas da canalha e as longas que os senhores dissimulavam na alma das bengalas, tudo felizmente sem consequências de sangue.

Filipe chorou de desespero e de remorsos, lendo e relendo aquela prosa de Margarida, volatilizando-se entretanto os vapores do absinto. Achava-se o mais refecido dos mortais, por lhe não ser fiel e por saber-se pronto a recair nos braços de Christine, que era onde melhor suportava as penas do passado e os sobressaltos do futuro. Encheu três laudas trágicas confessando a traição, mas logo as rasgou, substituindo-as por duas páginas de mentiras piedosas embebidas de amor muito sincero que, curiosamente, era mais sentido e ardente que nunca. Viu os alvares de domingo aclararem o quarto e, extinto o pavio do candeeiro, deitou-se na cama de través, muito desanimado consigo e ganhando coragem para se desfazer do visco do suor, lavar-se, empoar-se, revestir-se, a tempo de se apresentar na missa de Saint-Sulpice com a família Almeida.

Esse mês de Junho passara como uma cavalgada sem freio, ao ritmo de quadrilhas e gavotas, pontuado de piqueniques na mata de Bologne e nos aforas de Villeneuve de La Garenne, à beira do Sena, equitação em Vincennes, caprichos do amor nocturno de Christine, libações as mais variadas e excitantes, do champanhe ao calvados, do

punch ao pousse-café, às rincettes e até a um néctar importado da Escócia, uma moda nova, o whyski, que se bebia com trejeitos snobes que disfarçavam o gosto a remédio.

As eleições haviam redundado numa derrota dos realistas que estavam manobrando para minorar as consequências, as tropas do general Dourmont tinham desembarcado em Sidi-Feruch e, após muitas incertezas e notícias contraditórias, os canhões dos Invalides puseram-se a troar, justamente na véspera da expedição ao cancan - Argel rendera-se aos franceses.

Nunca Filipe se sentira tão longe de Portugal, a que parecia prendê-lo agora apenas o fio puxado do Convento de Chelas, a imagem comovente de Margarida, que surgia a lembrar-lhe que as suas horas não eram plenas e que o seu coração não saía de Lisboa. Então, revessava os factos do dia-a-dia e redescobria os ímpetos liberais, procurando os círculos dos emigrados acamaradando com os jornalistas e intelectuais mais revolucionários, inventando planos que reanimassem a causa, resgatando com declarações inflamadas uma militância que se ia sumindo no seio fofo de Christine de Sauvigny, do seu cinismo, das suas ironias e das suas dulcíssimas carícias. Dessas justas saía muito irritado consigo mesmo e com ela, e era ainda Nuno de Almeida quem lhe tranquilizava a consciência, entrepondo a barreira da sua diletância entre o contingente e o essencial, o transitório e o definitivo, temperando o seu mundanismo com utopias generosas a que prometia oferecer o vigor da espada, ao lado de Filipe, visionando assaltos épicos aos baluartes miguelistas, o que, a falar verdade, parecia desígnio cada vez mais distante.

Numa das palestras, que iam rareando, com o pai Raimundo, Filipe devaneou pelas recordações:

- Que será feito da Rita? Do João?

O pintor informou-o do casamento da ama, sabendo do filho dela quase nada. Filipe admirou-se. E constatou que, na sua memória, avultavam mais as duas silhuetas a minguaem no cais de Belém que os

anos de brincos, com muitas guerras simuladas, nas íngremes vielas do Castelo.

Quando, na primeira segunda-feira de Julho, João da Silva se apresentou no quartel de Infantaria 16 para receber o soldo de cabo, gota a juntar aos rendimentos da secreta e da candonga, informaram-no ter sido promovido a furriel. Estava, portanto, triunfando em todas as frentes, incluindo na carreira das armas, ascendendo sem guardas, sem recrutas, sem rondas, sem marchas, sem nada.

O sargento Alves quase chocou com ele à porta do comando e, muito sarcástico, disse-lhe que guardado estava o bocado... E que bons olhos o vissem, desde que era doutor nas polícias. E, sem disfarçar o despeito, perguntou-lhe se já era mesário da Confraria de São Bento. O gabiru não se deu por achado, tratou o Alves por «meu sargento» e respondeu-lhe que mesário ainda era só da mesa da casa da Rua Fresca, onde havia lugar para ele sempre que quisesse. Se a Gracinda ainda fazia aquele arroz de bacalhau que eles petiscavam, no tempo em que se desfraldava pelos tascos da Mouraria. Que sim, rosnou o João, farsanteando um seráfico respeito, mas que os «desfraldares» se tinham acabado ao mudar de companhias. O Alves comentou que ele estava muito finório e ameaçou que, se o apanhasse outra vez intramuros de Infantaria 16, havia de lhe fazer da pele um tambor. E o outro, encantante e manhoso:

- Se a guerra não for amanhã, cá hei-de voltar já sargento, se não alferes... Depois a gente vê...

O veterano de Villa Nueva de La Serena e das hostes apostólicas sentiu subir-lhe à coca a parte mais ruim do sangue, mas mordeu o freio, salvo seja, por já temer as malas'-artes do velhaco que se safara melhor que ele nos ajustes das espoliações dos mações fugidos à justiça. Ainda arrebanhou coragem para uma réplica rasca, mais ruminada que sonora:

- Pois, pois... Pode ser que me vejas pelo olho do cu, que hás-de marchar à minha frente.

Virou as costas. E a uns dez passos ajuntou mais bravura, deu meia volta e recitou-lhe:

- Cu por cu antes o da mulata, que, mesmo sem guerra, te está armando com chavelhos do tamanho de espadas.

O João deu de ombros, arrecadou o soldo e tomou aqueles despropósitos por derrancamento de inveja. Mas ficou de olho naquele parrana.

Contou à Gracinda os arremedos do Alves, omitindo a aleivosia final. Ela observou que não esperava aquelas desfeitas do sargentola, que até tinha por bom homem, e suspirou vendo morrer a manilha de trunfo debaixo do ás do dito. Não andava com grande sorte, nem nos naipes com o João, nem no resto, visto que o irmão de fantasia voltara a embarcar na carreira do Brasil e tinha seca para muitos meses. Queixando-se por ter acabado a genebra, foi pelo rum que o narigudo trouxera na despedida, e fez uma momice cafreal quando passou nas costas do João. A pacatez da Rua Fresca bolia-lhe com os nervos e não resistiu à saudade que lhe subia à garganta.

- Ó João... E se fôssemos a uma fadistice ao Quebra-Costas? Era aquela a primeira vez que punha o passado à frente do resto, desde que se tinha «ajuntado». O João replicou com severidade:

- Ao Quebra-Costas não vão senhoras.

A mulata mirou-se no espelho, de relance, acomodou melhor os peitos no corpete, riu-se com muitos dentes, voltou à mesa com o rum e dois copinhos, encheu-os, pôs-se a baralhar as cartas, e questionou com muito cepticismo:

- Senhora e preta? Nunca vi nenhuma. E ele, muito didático:

- Preta, não. Mulata. E mulatas são muitas senhoras brasileiras.

Logo se arrependeu do exagero, não fosse a Gracinda empreender em virtudes do Brasil, terra de onde podia vir o irmão inimigo do senhor D. Miguel para lhes estragar os serões.

O criado aventa para riba da mula o gualdrape, enfia-lhe o freio

na boca, ajusta-lhe a cabeçada, ata-lhe uns restos de sacas velhas aos guarda-cascos para não bulharem no empedrado do pátio, junta as mãos ambas em concha ao pé da barriga da muar, a fazer estribo onde calca a bota da Caceteira, a escarranchar-se em pêlo, muito ligeira. Escorregam duas moedas para os dedos calosos do servo, a untarem o silêncio. Cunegundes dá aos calcanhares nos vazios da mula e cruza o portão da quinta, sumindo-se na noite de quarto crescente, que está calmosa, e à qual uiva um podengo tresnoitado.

Trota que trota, adivinhando o caminho, de cor e salteado, com desvio das casas do Gradil, sendeando por aquilo do Farrajota e pela atafona do Vieira branqueando como um fantasma impávido ao latir de outro perro, desemboca no caminho de Enxara do Bispo por onde já parece que leva asas. Se leva as asas metafóricas que nos romances assinalam as urgências, não posso garantir. Asseguro, sim, que leva o cio assanhado, contrariado toda a Primavera, explodindo à boca do Verão, mais tarde que o apetite das corças e o rebentar dos botões das árvores, coisa natural, dolorosa e doce, que a guia pela noite fora gualdrapando a mula, até ao moinho abandonado da Cotovia.

Pois que seja bicho-do-mato, arrapazada nos jogos e montarias, pois que seja Cunegundes, a Caceteira, cognome de fama e proveito, mas então que seja também aquele extremo da sua natureza, renegando os contratos para a união de macho e fêmea que encruam os arreganhos mais genuínos. Já lhe chega aos ouvidos, muito afeitos aos ruídos silvestres, o assobio do seu macho, alapardado atrás dum cômodo, espiando a meio caminho do atalho entre a estrada e o moinho. É o Manuel de Sousa, morgado da quinta do Pereiro, outro que tal a zunir cajado e a varar um melro com bala de pistola, a trinta passos.

Agora estão ambos a subir a colina, enlaçados e abafando risos de pura alegria, levando a mula pela arreata até ao moinho, onde o Manuel já preparou uma cama de folhelho coberta com o xairel do cavalo, que escarva atado pelas rédeas à argola de ferro embutida na parede.

Uma hora antes da antemanhã, marcada pelo piar duma coruja que tem poleiro no pinheiro manso, ali à beira, Cunegundes e Manuel arrebanham os pertences, saciados, compõem figura de ver gente, trocam gordos beijos. E até outro dia, quando der na gana, quando o corpo pedir e o coração mandar.

A família Almeida, menos Nuno, partiu para Deauville. A casa do Boulevard des Italiens está entregue a Filipe, que conquistou a confiança de Diogo e de seu pai. Durante os preparativos da viagem, receou que o convidassem a acompanhá-los e que não encontrasse pretexto para recusar o convite. Razões para ficar tinha-as de sobra - Christine só partiria para Dieppe em Agosto e Nuno farejava, ou desejava, um Verão agitado no confronto entre os liberais e o rei que veraneava em Saint-Cloud.

No domingo 25 de Julho, pela manhã, Filipe despedira-se de Diogo, da esposa e das crianças, e recebera as últimas instruções sobre o governo da casa. Já fora a Saint-Germain na véspera, apresentar cumprimentos de despedida a Carlos de Almeida, que lhe dera uma bolsa de veludo com quinhentos francos, recompensa suplementar por aqueles primeiros meses de instrução dos netos.

À noite, fora ao baile do marquês de V. e brilhara na polca, com Christine. Procuraram moderar os sinais exteriores da sua ligação, já objecto de comentários, quando corriam rumores sobre o próximo noivado de mademoiselle de Sauvigny com o barão de T. A sua cumplicidade tinha-se apurado e a fase da conquista, que naturalmente não dispensara as fintas galantes dos salões, tinha passado e revestia-se agora duma grande discrição pública compensada nos assaltos nocturnos, agora facilitados pelo suborno do jardineiro do hotel particulier dos Sauvigny.

Na madrugada de 26, Filipe voltara à casa do Boulevard des Italiens. Dormira até tarde e, passava do meio-dia, já o calor penetrava a semiobscuridade do quarto, Nuno de Almeida irrompeu pelos aposentos, agitando um exemplar do Moniteur.

- Traz o golpe de Estado do rei! - anunciou com voz estentória. - A conspiração contra a Constituição directamente vomitada do Palácio de Saint-Cloud! Temos bernarda.

De facto, a folha oficial exhibia os decretos reais que dissolviam a Câmara de Deputados recém-eleita e revogavam a lei da imprensa, restabelecendo a censura.

Nuno queixou-se de lhe ter custado aquela folha a exorbitância de dez francos e admitiu que já se venderia àquela hora por quinze ou mais a quem tivesse a desdita de a encontrar. Nunca o Moniteur valera tanto nem ostentara tão imundas pusilanimidades.

A primeira reacção de Filipe foi de contrariedade, não saberia dizer se pelo calor que lhe colava ao corpo a roupa acabada de vestir, se por aquelas notícias, que o empurravam para o regresso à lógica da esperança, por oposição ao indiferentismo hedonista sublimado na ligação com Christine. Envergonhou-se logo destes sentimentos, com Nuno perseguindo-o até à sala de banho, voltando atrás dele para o quarto e, pelo caminho, invectivando o rei, Polignac e o prefeito da Polícia de Paris que determinava: «Todo o indivíduo com gabinete de leitura, café, etc., que aí dê a ler ao público jornais e outros escritos em contradição com o decreto de 26 deste mês sobre a imprensa será perseguido como cúmplice dos delitos que esses jornais e escritos possam constituir e o seu estabelecimento será provisoriamente encerrado.»

O céu de Paris ostentava um raro azul cegante de luminosidade, o sol abrasava, derramando um calor vasto, seco, bafejante, meridional.

Nuno e Filipe tomaram uma sege, choutaram para o Palais Royal, centro óbvio das novidades. Estacando à esquina da Rua de Richelieu, o cocheiro, de camisa esgargalada, recolhendo as moedas, disse com ambígua entoação, que o tempo não parava de aquecer e que, por aquele andar, ainda havia de pegar fogo àqueles papéis que os letrados andavam discutindo à porta dos jornais.

Nuno, muito céptico, comentou a deixa do cocheiro por mostrar

ela como o povo andava divorciado dos seus direitos e não se poder, assim, fazer revolução nenhuma. Posto o que foram comer um gelado ao Tortoni.

Por essa altura, já Raimundo da Anunciação rondava as imediações do National, à mistura com liberais de vários matizes, estudantes, letrados, gente dos cafés do Palais Royal, burgueses, alguns tipógrafos de emprego ameaçado, uns poucos caixeiros, vigiados por piquetes de gendarmes discretamente reforçados. Trocam-se protestos, indignações - que é preciso recusar o pagamento do imposto, apelar aos tribunais, repor a legalidade. Repetem-se variantes do editorial do National, que se publicou apesar da proibição, condenando o ministério que «acaba de derrubar todas as leis que a França aprendeu a praticar, a respeitar, a aplicar há quinze anos».

O pintor vislumbra o Luís Araújo, em suores, calva ao léu, abanicando o rosto esbraseado com o chapéu, entre a excitação e o susto, considerando que aquilo «ainda há-de dar para o torto», separando-se logo do atropelo da Rua de Richelieu, pretextando uma importante reunião com amigos do general Saldanha e outros emigrados. O Sol a pique vai derretendo o entusiasmo do Raimundo, que demanda o fresco de madame Juliette, mancando da perna sujeita ao esforço de calcorrear o rasto ténue da rebelião, que não anda nem desanda. Rosto vincado pela apreensão, afogueada pelo embaraço, Juliette franqueia a porta de casa ao derreado Raimundo - que dispensou as costureiras, as mandou para casa, à cautela, por via das tranqüibérnias que se armam nas ruas. Mas não é esse o motivo de tão inusual perturbação de Juliette, que está estorcegando os dedos, muito pálida, a voz entrecortada.

- Está lá dentro meu tio... É um pouco bizarro... Peca por defeito, Juliette, constata o assombrado Raimundo, ao deparar na sala com uma personagem de tragédia, um velho esquálido, vestido de preto da cabeça aos pés, longo gibão abotoado até aos queixos, calça justa caindo sobre o sapato ferrado, sem fivela -um corvo soturno, de bico branco arvorado em nariz adunco, rosto pergaminhado na cor e nas rugas, olhos de globos

avermelhados onde flutuam umas pupilas azeviche, no fundo das órbitas a arremedar a cavernas, tudo sombreado por um chapelão de clérigo sob o qual se adivinha um crânio descarnado.

- C'est mon onde... - repete Juliette, ao sabor dum mal-estar que não disfarça.

- Citoyen... - sopra em voz cava o ancião, por entre os lábios finos na comissura dos quais secam fios de saliva. - Minha sobrinha disse-me que sois exilado e liberal. Algum prazer vos dará também assistir ao regresso da Louissette... Sabeis o que é a Louissette! Assim chamava o citoyen Marat à guilhotina.

Um esboço de sorriso acrescenta uns dentes raros e um trejeito perverso àquele rosto lúgubre.

- Há quase quarenta anos que espero a volta da Louissette.

- Basta, meu tio! Só saís do vosso buraco quando vos cheira aos horrores do passado.

- Mais respeito, ma petite Juliette - torna ele, em tom ameaçador e solene. - Mais respeito pelos mortos que não mataram o bastante. Não há revolução sem pavor. Não há pavor sem que rolem as cabeças dos reis. O trabalho não está acabado. Ainda oiço o clamor do equívoco de Chateaufort-Randon ecoando na sala da Convenção: «A morte de Luís, o Último!» Afinal foram até ao décimo oitavo e os Carlos celerados já vão no décimo. Bem podia Mercier gritar que «todos os reis sentiram nas nuças o 21 de Janeiro». Palavras... Falas-me de horror, petite Juliette... Horror era a tua pobre mãe mendigando uma côdea à porta dos aristocratas, enxotada pelos lacaios, morrendo para te dar a vida. Os meus ouvidos e a minha memória estão cheios daquela tirada de Bernardin de Saint-Pierre: «Tenho horror à efusão de sangue humano, mas o sangue dum rei não é o sangue dum homem. À morte!»

- E eram reis Danton, Robespierre, Saint-Juste? - interrompe Juliette.

- Corromperam-se e traíram o povo. Eram iguais perante a lei. O

ancião abre os braços, como um corvo que prepara o voo, e as suas garras de antigo predador tremem de emoção, preparadas para novos extermínios.

Raimundo, siderado e silencioso, lança a Juliette um olhar interrogativo, que ela devolve com outro de aflição.

- Nem sequer é certo que haja uma revolução, monsieur arrisca o pintor.

- Citoyen! Pás monsieur. Citoyen Jacques Pomeret, dit Jacot la Lanterne, dit Jacques Couperet, dit l'Echèle, dit Faccionaire des Bourreaux, huissier à la Convention dans l'an II, attaché à la guillotine de la Place de La Révolution dans l'an III,

conspirateur de Vatentai de la Rue Saint-Nicaise dans l'an X, ermite dans la Forêt de Pontoise, ennemi de la société par amour des hommes. Retire du monde, saufquand...

Os olhos vermelhuscos erguem-se, sonhadores, para o tecto da sala da sobrinha, como a invocar o auxílio dum deus vingador. Fantasma sobrevivente dum mundo de fantasmas, Jacot la Lanterne deixa-se cair, fatigado, num cadeirão império, ocultando sob as pálpebras engelhadas as áscuas fuzilantes onde cintilavam reflexos de lâminas ensanguentadas, um esgar molhado de cuspo na boca estreita, um leve tremor nas mãos espalmadas sobre as cabeças de águia douradas dos braços das cadeiras.

Juliette pousa um dedo nos lábios, pedindo silêncio a Raimundo. Condu-lo pelo braço, pé ante pé, até ao quarto, detendo umas lágrimas rebeldes que lhe luzem nos cantos dos olhos e lhe não molham a palidez por orgulho.

- É louco!... A vida real parou para ele com a revolução e o terror. Mas criou-me, se assim se pode dizer... Irmão de minha mãe, que não cheguei a conhecer, deu-me o primeiro pão e ensinou-me a ler à sombra dos cadafalsos. A minha primeira dança foi a Carmagnole, o meu primeiro chapéu foi a coifa duma marquesa guilhotinada. Arrepiame pensar nisso hoje...

- Não precisas de pensar - diz Raimundo passando-lhe o braço pela cintura.

- Espera. Vou dar uma tisana ao tio Jacot, a ver se acalma. Só vem a Paris quando fareja alguma insurreição. A última vez foi em 27.

Raimundo segue-a. E quando regressam a sala está deserta, nem sinal do tio Jacot la Lanterne, aliás, Jacques Couperet, aliás, PÉchelle, aliás, Faccionaire des Bourreaux.

Pela janela entreaberta chega o ruído dos cascos dos cavalos de um destacamento de cavalaria. E um grito isolado: «Vive la Charté!) E um outro, como um eco cavernoso vindo das escuridões do passado: «Mort au roil!» Raimundo e Juliette entreolham-se, crendo reconhecer a voz de Jacot la Lanterne.

Terça-feira, 27 de Julho.

A noite da véspera produziu um texto, caldeado por um punhado de jornalistas e redigido por Thiers, impresso em quatro jornais rebeldes que, publicando-se, vão desafiar o decreto do rei. O texto é claro: «... O regime legal está portanto suspenso, o da força começou. Na situação em que somos colocados, a obediência deixa de ser um dever.

Os primeiros cidadãos chamados a obedecer são os que escrevem os jornais, eles devem ser os primeiros a dar o exemplo de resistência à autoridade que se despojou do espírito da lei. Hoje o Governo violou a legalidade. Estamos dispensados de obedecer.» Seguem-se quarenta e quatro assinaturas, outras tantas cabeças em perigo, para usar a fórmula do redactor Coste do Globe no bilhete mandado a Benjamim Constant: Ami, il se joue ici unjeu terrible; nos têtes servent d'enjeu, venez vite apporter la vôtre. Constant põe a sua no cepo, como os outros.

Os quatro jornais são Le National, Le Globe, Le Journal du Commerce e Le Temps.

Quando a composição se fazia e as prensas se preparavam, recolhiam a casa Nuno de Almeida e Filipe de Villepin, recém-saídos do Théâtre-Français onde assistiram à representação do Barbeiro de Sevilha.

A cidade parecia calma, sob o céu estrelado.

Agora, a manhã traz o grito dos ardinas, dos tipógrafos, distribuindo gratuitamente os jornais do protesto pelos cafés, pelas lojas, pelos gabinetes de leitura, pelos transeuntes.

Nuno e Filipe dormem.

Juliette acorda nos braços de Raimundo. A cama do quarto de visitas está intacta, por abrir - o tio Jacot la Lanterne não voltou, deve ter encontrado na noite de Paris sombras evocadoras da Louisette. Raimundo prepara-se para sair, catarrando ao sabor da bronquite -vai farejar o ambiente dos cafés do Palais Royal.

Pelas onze horas, Nuno e Filipe encontram-se como combinado no Café Lamblin. Ambos se detiveram, antes, nas imediações, a ouvir a arenga de Auguste Blanqui, empoleirado numa cadeira, rodeado duma pequena multidão. As ruas assumem um ambiente de festa e drama, como nos raros momentos em que a História acontece ao virar das esquinas, cruzadas por grupos de estudantes, operários, lojistas, caixeiros, burgueses, ex-guardas nacionais, mulheres, crianças.

- Afinal, há gente para a revolução - afirma Nuno de Almeida, pondo a mão no ombro de Filipe. - É o que costuma faltar aos letrados que a sonham e a escrevem.

Os eventos não os impedem de se precaverem com uma refeição frugal. Para fazerem face «aos altos desafios do espírito e às baixas fraquezas do ventre», segundo ironia do jovem Almeida.

Depois, partem ambos à aventura das ruas - Nuno com a alegria diletante da novidade e do perigo; Filipe compenetrado, num transporte de esperança, represando ânsias de emendar o destino do mundo e o seu.

Logo se acham no torvelinho dum tumulto nos jardins do Palais Royal que a polícia faz evacuar à força. As lojas começam a fechar as portas e as arruaças a subir de tom. Acossados pelos gendarmes, os dois companheiros refluem com os magotes de povo para o espaço mais amplo da praça e, seguidamente, perdem-se de vista, algures na esquina da Rua

de Valois.

Filipe procura o companheiro, em vão. Percorre entre encontrões a Rua de Rohan. Na Rua de Richelieu um grupo assalta a espingardaria Lapage, de onde saem armas brandidas como troféus ameaçadores. As vagas de povo são mar encapelado sem praia onde se desfaçam, sob um sol esbraseante, dardejando lá do alto dum azul vertiginoso e sulista.

Subitamente, no ângulo da Rua Saint-Honoré e da Rua des Pyramides, o estampido sibilino dos tiros.

Tornam-se uivos os gritos das criaturas. E os guinchos das mulheres, fugindo para o esconso das portas, são as notas agudas, lancinantes, do rugir colectivo que atemoriza mais que o estralejar do tiroteio dos guardas. As quedas, aqui e além, não se entende se são do tropel apavorado, se das balas das espingardas que espirram nas cantarias. E quando espipa o primeiro sangue o rugido é de feras espicaçadas, os morras afogando os vivos. A turba espalha-se no dédalo das ruelas, adensa-se em redemoinhos mais miúdos, para engrossar de novo, envergonhando uns os medos dos outros, teimando contra a força. Passam palavra de mortos e feridos, num rastilho que ninguém apaga, um rastilho ateadado pelo sangue do povo, a consumir-se até à explosão inevitável.

Um moço de talho, um gigante muito jovem, ergue da calçada o cadáver duma mulher, um fio de sangue pingando da fronte atingida por um tiro. Levanta-o e quase o agita como um espantalho, acima da cabeça, aponta, à frente dum cortejo espontâneo e turbulento, ao Boulevard Saint-Honoré, precedido por um ancião todo vestido de preto clamando com voz cava, de baixo: Vengeance! E a multidão, a cada sopro daquele segredo de antigas visões, responde: Vengeance!

Filipe escuta a sua voz a engrossar o coro, olhos fixos na mulher morta que muito se parece com a sua Rita do bairro do Castelo, no azeviche dos cabelos do carrapito a desfazer-se, na amplidão da fronte riscada de escarlata, na carnação dos braços baloiçando como pêndulos

loucos, ao ritmo do passo do moço de talho gritando vingança, como ele. Ressumbram-lhe nos olhos umas lágrimas de aflição e talvez de remorso.

Marchando no meio deste féretro maltrapido e rosnante, revê-se garoto das vielas num miúdo enfarruscado que, a seu lado, lhe não chega ao sovaco e o ultrapassa no furor. Passam-lhe no espírito memórias fulminantes em que avultam a ama e os seus cuidados maternais, mirando o cadáver da mulher como que flutuando sobre as cabeças da multidão. E, espontânea, rompe-se-lhe mentalmente uma ladainha agoirenta que começa por «mãe Rita que estais no céu, santificado seja o vosso nome». A imagem da ama evocada perante aquele cadáver transformado em bandeira mistura-se com a de Margarida encarcerada no convento, e todo este confuso devaneio que a morte lhe traz ao espírito transporta-o ao passado dos afectos essenciais e dos sofrimentos autênticos, como se aí ganhasse novo impulso para saltar sobre o futuro. Vengeance! Ele é outra vez o emigrado enxotado pelos esbirros do despotismo, ensaiando um regresso triunfante, reassumindo a sua condição de estrangeiro e a sua razão libertária. Ouve gritar o seu nome, procura ansiosamente a voz familiar e vê Raimundo às carreiras, manquejando, vindo na sua direcção.

- Pai Raimundo! Meu pai... Venha daí, que estamos no caminho da liberdade!

E abraça um amor reencontrado, molhando de lágrimas a face do pintor e apertando-o contra o peito.

- Ora vamos lá, meu Filipe - diz-lhe Raimundo, disfarçando a comoção. - Daqui para a frente só paramos no Rossio de Lisboa limpo de realistas!

E seguem o cortejo até à Praça das Vitórias onde o moço gigante depõe o cadáver na base do pedestal da estátua de Luís XIV.

- Conheço aquele velho todo vestido de preto... O que vinha à frente - informa Raimundo, com uma dose de orgulho e outra de conspiração. - É Jacot la Lanterne, tio de Juliette...

Daí a pouco estão ajudando a erguer a primeira barricada, na confluência das ruas de Saint-Honoré, de Richelieu e de Rohan, sob a ameaça dos soldados duma companhia de linha que, afinal, se recusam a fazer fogo. Um brado saúda-os: Vive la Ligne! La Ligne ne tire pás! La Ligne est à nous!

Mas já se avizinhava o galope dum pelotão de lanceiros à carga sobre a retaguarda da barricada.

Desde que assistira, nas primeiras vagabundagens pela serra da Lobagueira, ao voo fulvo da águia picando sobre o lâparo desatento e rasteiro, Cunegundes de Almeida, aliás, Caceteira, decidiu que seria loba por não poder voar. Era esta a sua maneira de aderir à ordem natural dos mais fortes que Deus achara boa para bichos e outras criaturas, de tal modo que contemplava com respeito e admiração as regras da selecção natural, materializadas no eriçar do pêlo do lobo uivante abocanhando o anho, no assanhar da raposa pilhando uma ninhada de perdigotos e, mais que tudo, no império alado da águia planando o seu domínio por cima dos montes e dos matos.

Enganava os pais, trocando por excursões solitárias pelas serranias as montarias com vizinhos de confiança que às vezes não existiam, entalando entre as pernas os ilhais do cavalo baio com a mesma gana com que as enlaçava nos rins do Manuel de Sousa, nos fogosos encontros do moinho da Cotovia. Ia aprender sozinha as leis dos combates naturais pela vida e a vitória dos mais fortes. Pouco a pouco, conheceu o rasto dos corços, as luras das lebres, os ninhos das perdizes, as tocas dos raposos, e também as falas deles, do sibilo da víbora ao pio do milhafre, do bramido do gamo ao assobio do melro. Passou a distinguir, num relance, o estorninho pelo acobreado verde-azul do voo, a coroa escura das poupas, o martinete alvo e negro dos gaios, o peito amarelo dos tordos. Conhecia as pistas dos javalis, sabia dos abrigos penugentos onde as pombas punham os ovos tão bem como os estorninhos que os iam debicar. E iniciava-se nos itinerários nómadas dos lobos, onde acamavam, se cevavam e pariam,

dominando os sustos do baio que transformava de palafrém em cavalo de combate que só a ela obedecia. Fragueira e rebelde, preparava armadilhas e engodos, com laços e molas, dispensando a clavina que reservava para as montarias, usando a navalha, o facão de caça e as tenazes das mãos. A cainçada de coelheiras ficava no canil, de reserva para as caçadas com os morgados. A golpes de sacho cavou fojos estratégicos, dissimulando-lhes a boca com ramos de pinho, urzes e giestas, no caminho dos lobos que a fascinavam, olhando o voo da águia a que não podia chegar. Investigava as alcateias, com muita paciência e astúcia, nas lutas raivosas e nos amores bravos, no fariscar prudente daquelas alimárias e nas ousadias da fome que lhes faziam mais ágeis e elásticas as pernas compridas assentes nas almofadas das patas aceradas de unhas pretas. E, um dia, conseguiu o que secretamente acalentava - caiu-lhe num cadoz tapado com gravetos e folhagem de eucalipto um lobinho ainda por desmamar. Aconchegou no seio a ferazinha que bufava, mostrando o arremedo das presas futuras, muito tremulenta e arisca. Remontou o baio e desceu pelas sendas que só ela conhecia, até ao caminho que se encostava ao muro da tapada e galopou para casa.

Fabricou bonecas de estopa que adaptava a um frasco para compota cheio de leite misturado com água, e com ele amamentava o lobinho com desvelos maternais. Instalou-o no quarto, enfretando o regougar da mãe, fez-lhe cama numa cesta amaciada a flanela, junto à sua que tinha colchão de palha centeia como os dos camponeses, em vez de penas ou lã carneira como os dos fidalgos. O animalito cedo começou a obedecer ao seu chamado, a lambar-lhe os dedos de mistura com a estopa da teteira, a saltar-lhe à fimbria da saia de Holanda que, pelos calores, usava por casa. Quis chamar-lhe Miguel, com muita intenção. Os pais opuseram-se, proibiram e, de mau cenho, lá consentiram que o baptizasse Soberano, apodo mais neutro e descomprometido.

Na selva das cidades, com excepção dos raros instantes em que a história se mostra nas ruas, reinam os répteis em vez das águias e as

toupeiras em lugar dos lobos, a manha substituindo-se à força, o disfarce à camuflagem, as trevas à luz. Se Cunegundes, a Caceteira, é rainha nos matagais da Lobagueira, João da Silva é rei nas vielas de Lisboa.

Despacha agora com o facinoroso polícia José Veríssimo, mal-sim muito do agrado do intendente e do próprio rei com quem terá privado, como companheiro de correrias de campo e boémias pícaras na capital, segundo consta.

Estão apurando os modos de apertar a tarraxa das comunicações dos malhados de fora com os de dentro, que não há maneira de se acabar com os recados conspiratórios e as agitações dos folhetos e brochuras fabricados na Inglaterra, como aqueles apreendidos a um lojista da Rua da Prata que já está a ferros nos calabouços da Torre, os quais ostentavam por título «Manifesto dos Direitos de Sua Majestade Fidelíssima, a Senhora Dona Maria Segunda; e exposição da Questão Portuguesa. Impresso por Richard Taylor, Red Lion Court, Fleet Street». Ao João, que tem letras e fama de esperto, se está encomendando mais apertada e prioritária vigilância a estas propagandas.

Saído da conferência, ainda acalorado pelos entusiasmos do serviço, relampeja-lhe na ideia a determinação de fazer exemplo com a correspondência entre o Filipe e a menina Almeida, que está certo de continuar com o conluio da mãe e do padrasto. Mas levantam-se-lhe no lugar da alma uns escolhos de engulho, umas raspas de sentimento sobradas do tempo em que tivera algum tino de família, e empurra da cachimónia para fora aquela tentação de perder a mãe, que não se safaria da cambulhada das cartinhas, se ele levasse o dever tão longe.

Naquelas meditações, levam-no os passos à tasca do Quebra-Costas, de cuja entrada saem umas grossas falas avinhadas, garganteadas por voz conhecida. Estaca, arrimado à cantaria da ombreira, fora do rectângulo de luz esquadriado pela porta aberta, paralisado pelo instinto de chatim, à escuta. É um monólogo de balcão, de que é ele próprio o tema, com muitos predicados apostos também a terceiras

peessoas do maior gabarito, a saber, o brigadeiro de São Julião, o intendente da Polícia e o próprio rei. O solista atropela a tirada, empapada de vinhaça, acusando as autoridades de desprezarem os leais serviços de homens de bem, como ele, com carreira de guerra ao serviço dos apostólicos, exílio na Espanha, tapona nas Beiras ao mando do senhor marquês de Chaves, e preterido a súcios e garotos adoutorados, sem nenhum passado e com muita ganância. Que as injustiças desacreditam D. Miguel e a sua corja, favorecem os impostores e abrem a porta aos inimigos da nação. O discurso é áspero, brutal, e o vocabulário chamorro e abundante em farfalhices vernáculas, com ofensas à realeza.

Recostado na ombreira da taberna, João da Silva experimenta primeiro um afogueamento de sentimentos, uns arrancos aziumados de arrifar-se a explicações, mas logo esfria, muito profissional, armando uma entrada natural, sossegada. E isto faz, com toda a calma e exclamando para o autor do solilóquio, com uma grande surpresa:

- Olha o meu sargento Alves! Há quanto tempo o não via! O outro disfarça mal, fica petrificado, com o copo na mão entre o mostrador e a boca. Engulhado, dá-lhe umas boas-noites gaguejadas e frouxas. A assistência é escassa, mas boa para testemunhar - o tasqueiro Armindo, amparando os queixos na forquilha das mãos que rematam os espeques dos braços assentes nos cotovelos plantados no balcão, o Marques carpinteiro de carros escarafunchando a cárie com o dedo mínimo e duas frangalhonas ex-colegas da Gracinda, que refreiam um bufar de riso, perante a cena patética daquela entrada farsante. No instante de silêncio que se segue, ouvem-se uns borborignos saídos da pança do Alves, coisa combinada pela fritura dos carapaus, a má pomada do Armindo e o susto. O João oferece-lhe de beber, ele recusa, fazendo com a mão um gesto raso ao copo, sinal de atestado. E, sem mais aquelas, rosna umas despedidas, aponta à porta e saiu de cabeça levantada, mas de passo incerto e abanando como um vime varejado pela brisa.

Batendo duas rodas na tábua de uma mesa, o João pede meio

quartilho e enceta conversa com a companhia. No meio das falas está preparando a cama onde há-de deitar o sargento, desfeito dos pruridos de antigo companheiro tornado em ameaça da vertente militar da sua movimentada carreira.

De regresso à Rua Fresca, entra em casa. A mulata já recolheu à alcova onde dorme pesadamente. O João abanca à mesa de comer, pranta à sua frente duas folhas de papel de linhas, o tinteiro de vidro grosso e a pena. E começa compondo, apurado na letra, demorado, o auto de participação do sargento Francisco Alves, de Infantaria 16. Nomeadas as testemunhas e adiantando o vivo do assunto, emperra a redacção do vernáculo do prevaricador, à cata de palavras escrevíveis em prosa oficial. Depois de muitas dúvidas e hesitações, encontra enfim a forma de exprimir a afronta mais grave, que ficou lavrada assim: «Proferiu o dito sujeito uma blasfêmia herética, das que usam os mais reles dos pedreiros-livres e mações, muito injuriosa e afrontosa contra S.M. El-Rei D. Miguel I, que até se não pode escrever por palavras vulgares; e foi que ele fazia a sua evacuação imunda pelo orifício posterior para S. M. El-Rei, a quem nomeou apenas pelo nome, sem qualquer reverência.»

Está ele na fórmula do lugar e da data quando entra a Gracinda, desperta do primeiro sono, muito enfartada do feijão da ceia. Arrota, careteando de muita azia, e vai pela genebra que, entre tantas qualidades, também é digestiva, gorgoleja um copinho dela, espalma a mão na barriga acima do umbigo, solta um ai de alívio, boceja e fica especada diante do João, pés firmes nos chinelos de ourelo, acalcanhados e surrados, de touca branca na carapinha, pingando-lhe o camisão da prateleira dos seios até às canelas. Esfrega os olhos enevoados, põe-se a enrolar nos dedos o trancelim que usa ao pescoço, no qual andam penduradas uma cruz de ouro e uma figa de corno, e reponta:

- Escrevências a horas mortas! Deves estar tramando algum birbante...

- Não tenhas dúvidas. Quem mas faz paga-mas.

O João sente-se um juiz, apondo a assinatura que já florescia a partir da perna do a de Silva, e assenta uma palmada feliz, quase carinhosa, na nádega rija da Gracinda que se aproxima, com muito dengue e bamboleio, animada pela genebra que lhe queima os tubos da digestão e espalha outros calores em lugares mais sensíveis.

Quando Filipe de Villepin ajudava a erguer a barricada da Rua de Saint-Honoré, escrevia-lhe Margarida mais uma carta, ditada pelas saudades.

Andava muito amolecida de ânimo, por não ter a esperança muito em que se firmar, desgastada pelo rosário dos dias, das semanas, dos meses. Moderava, porém, esta disposição, dizendo-lhe que ia bem e apontando para planos de futuro incerto, muito vagos, com a consistência de castelos no ar, mas apoiados pelo orgulho de não quebrar perante os recados que o pai lhe mandava pelo confessor, às ocultas da mãe e do mano António, para não dar parte de fraco - que lhe perdoava a teima e podia voltar para casa, na condição única de se desengajar do chamorro fugido na França. Tinham estas mensagens efeito avesso, pois que lhe reforçavam o pundonor. E rezava à corte dos céus pelos liberais, sem nenhuns receios das prometidas penas do inferno e do que deles diziam os folhetos do padre José Agostinho de Macedo, frade egresso dos eremitas calçados de Santo Agostinho, pregador régio e recém-nomeado substituto do cronista do Reino por decreto de D. Miguel, os quais pareciam ditados pela voz do Diabo, ao invés. Fingiam a prelada e as monjas não darem conta de circularem aqueles papéis pelas mãos de umas e outras, por ser o vocabulário mui pouco cristão, mas bem desculpado pelo miguelismo assanhado do homem que chamava ao imperador «o Pedro das Secretarias». Deixara de haver outra coisa que ler, além da vida dos santos, os Evangelhos, muita teologia, ou então os referidos textos do padre Macedo «escritos do Demo ao serviço da religião», como dizia D. Joana, arcando com a sua cruz e a dos seus. A madre, picada de fora, andava severa, fizera devassar baús, arrombar gavetas, remexer roupas, à

cata de material herético que era todo o que não servisse a causa apostólica. Por junto, represou um volume de cartas de D. Francisco Manuel de Melo, pouco reverentes para com a justiça dos reis, um folheto de xistes de Pato Moniz e algumas poesias galantes de reclusas ou a elas dedicadas. A magreza do saque não descuroou os cuidados, os da madre na vigilância, os das recolhidas na clandestinidade com que prosseguiram namoros contrariados, trocas de versos picantes do Bocage e romances de cordel.

Prudente, Margarida arдилava, dissimulava com muitas devoções, e continuava a corresponder-se com Filipe, embora muito espaçadamente.

«Pelo muito amor que te tenho, digo que não debes voltar à pátria sem a livrares da mesquinhez dos déspotas que a têm a ferros, com as almas por reféns da ignorância e com mais medo dos infernos que amor a Deus.» Isto escrevia ela, na sua revolta que não deixava de ser cristã e patriótica.

Filipe, esse, joga às fintas com os gendarmes, acompanhado difficilmente pelo menos ágil Raimundo. Fugiram da carga da cavalaria para as ruas transversais onde ela não podia manobrar e viram como da obra dum prédio em reconstrução os patriotas respondiam à tropa, com pedradas. Habitua-se aos tiros intermitentes e passam por valentes. Voltam a erguer outra barricada e Filipe, no calor insurrecto que o escandece tanto como a brasa do Sol, crava na mão esquerda uma grande farpa de madeira que lhe abre um lenho entre o polegar e o indicador. Pinga sangue, carreando tralha, de camisa esgargalada, empapado de suor, mas sempre de sobrecasaca e chapéu alto, ombreando com os que vestem blusa e jaqueta, tapam as grenhas com bonés muito plebeus e são a larga maioria.

Raimundo observa-o, emocionado, reconhecendo-o com olhos de pai e companheiro, descobrindo-lhe as duas faces que tantas vezes coincidem num indivíduo e naquele são a do aristocrata e a do homem do povo, o neto de um cavaleiro de França e o garoto maltrapido das vielas de

Lisboa, o filho-família e o filho do seu coração, que pulsa de orgulho, o privilegiado e o renegado - tudo concentrado num construtor de barricadas para a defesa da liberdade, ao lado de outros homens que nada têm a perder, a não ser a vida que jogam.

- Estás a sangrar muito. Isso pode infectar - diz o Raimundo, muito esbodegado, enrubescido pelos esforços e pelas emoções, tomando o braço do afilhado.

Propõe que demandem uma farmácia. Filipe resiste, fazendo coro com os vivos à Carta e os mortos ao ministério, mas acaba por ceder, que a ferida, arrefecendo, lhe morde bravíssimas guinadas. Topam uma farmácia na Rua de Saint-Honoré, a do Cadet-Gassicourt, que Filipe sabe afecto à causa da liberdade e frequentador das tertúlias dos jornais. Tem as portas corridas, mas o Raimundo atira-lhe umas sonoras punhadas, até que espicham da janela do primeiro andar duas cabeças e uma voz a perguntar o que querem.

- Um ferido! Há aqui um ferido da barricada da Rua de l'Échelle! Amontoam-se mais umas cabeças nos rectângulos das janelas, a quererem ver a vítima dos realistas.

- On descend. Attendez.

Um ajudante do Sr. Gassicourt vem abrir a porta, mete-os dentro, trata da mão com competência. O rasgão é fundo. O práctico limpa-o com água bórica, desinfecta, eteriza a zona, fecha-a com três pontos muito habilidosos, aplica-lhe um unguento anti-inflamatório, pensa a chaga e aperta-a com uma ligadura que remata enlaçando-a no pulso.

Durante esta operação chega do andar de cima o vozear de inflamadas discussões, como se lá esteja funcionando uma secção da câmara de Deputados ou duas mesas de voltarete. O ajudante de farmácia esclarece que estão lá reunidos eminentes vultos da oposição, que o patrão é «muito progressivo e voltairiano». Ao dar o último nó na ligadura, ecoa ao longe uma salva nutrida. De fora, alguém alerta que a tropa está a bloquear o bairro e avança a partir da Praça do Palais Royal. Daí a pouco,

atropelam-se à saída umas dezenas de conspiradores que atulhavam o primeiro andar do Sr. Cadet-Gassicourt, partindo a dispersar-se pelas ruas laterais como também fazem Raimundo e Filipe, que, assim, se tornam íntimos por instantes dos vultos eminentes a que o prático se referia, retirando taticamente na ilustre companhia dos senhores Thiers, Barrot, Gisquet, Bastide e outros de menor nomeada, como o ex-carbonário Giacomo Morelli que aperta a mão sã de Filipe, com fervor revolucionário, segredando-Lhe que, de facto, é preciso trocar as assembleias loquazes dos burgueses pelas barricadas radicais onde se joga o futuro da França e da Europa. Dito o que se some nas sombras do crepúsculo, certamente com destino perigoso e secreto.

Os dois emigrados estão moídos de fadiga. A noite cai, percorrida por soldados, adivinhando-se mais escura porque grupos de populares começam a destruir os lampiões de iluminação pública. Eles acham por bem fazer uma pausa naquela guerra, que está esmorecendo com o anoitecer, e escamoteiam-se às patrulhas num percurso complicado, de atalhos e furtas. Conseguem arribar a porto seguro, isto é, a casa de madame Juliette, que abriga já o tio Jacot e prepara a ceia, prevendo a chegada de Raimundo.

A essa mesma hora, à porta do coronel Gourgaud, junta-se um magote de homens maduros, populares, com gabarito de sobreviventes e dominando mal os murmúrios com que se saúdam, subversivos, fariscando derradeiras aventuras na curva descendente da vida. São ex-soldados de Napoleão, nostálgicos da Grande Armée e do Império, que atravessaram a Restauração e a cangalhada do regresso dos reis a sério com muito estoicismo e serões de lembranças. Esperam ao relento o fim do parlatório que, em casa do coronel, demora outros sobreviventes, os também coronéis Dufays, Dumoulin, Plavet-Gaubert e o major Bacheville.

No meio do ajuntamento, paira um zarolho muito gesticulante, curto e entroncado, pernas arqueadas, de cavaleiro, seus cinquenta e picos, mas desempenado, de taramela ligeira.

Está amassando o passado com o presente, misturando a campanha do Egito com a da Itália, Austerlitz com Smolensk, entremeando tudo com as peripécias do dia nas ruas de Paris. No centro da roda dos veteranos de Napoleão, o homem afoga as melancolias de guerras perdidas e ganhas com promessas de novas sabradas e contos que correm a cidade, acontecidos ou não, de verdade ou de fantasia, mas tão saborosos na sua boca que parece ter ele a ubiquidade de uma testemunha total.

Que mortos são mais de cinquenta, afirma, e que o fogo ateadado à esquadra da Bolsa está pegando às casas, ao bairro todo, que o povo já arrancou aos soldados mais de duas mil espingardas e anda a desempedrar as ruas, a tropa não terá rações no dia seguinte porque a Manufatura dos Víveres da Rua de Cherche-Midi foi saqueada, o 15.o Ligeiro passou-se para o lado bom, o duque de Ragusa, que o rei pôs à frente da repressão, já decretou a lei marcial e que, enfim, todos esperam não se sabe o quê do senhor marquês de La Fayette.

- Na Rua de Saint-Denis, as donas de casa bombardearam um destacamento de cavalaria com vasos de flores atirados das janelas. Sacrebleu! Se vocês vissem o efeito! Um cabo com um ramalhete de cravinas ao ombro e o cavalo aos pinchos e um tenente com três crisântemos enfiados no capacete que até parecia o chapéu da minha patroa quando casámos a nossa Geneviève em Menilmontant. Mafoi! Ah, se eu escrevesse como o senhor Voltaire e pintasse como o senhor David!... Uma ocasião, estava o nosso esquadrão aquartelado em Mafra, que é uma aldeia em Portugal, com um palácio maior que o Louvre...

De casa do coronel Gourgaud começam a sair os antigos oficiais de Napoleão. Passam palavra aos seus homens. Encontro às primeiras horas da amanhã na Praça dos Petit-Pères. Que cada um traga os seus amigos e as armas que puder. On vá se battre...

O zarolho palrador perfila-se diante do coronel Dumoulin, que lhe põe no ombro uma manápula fraternal.

- A vos orares, mon colonel.

E volta a ser o sargento Jeannot, aliás, le Bavard, veterano dos dragões, não desses granadeiros pandilhas, que se bandearam com armas e bagagens para servirem a Guarda Real. Parte de alma nova e lavada, a assobiar a Marselhesa proibida, que interrompe à vista duma patrulha de gendarmes, prosseguindo, rumo ao dia seguinte.

Na sala de jantar de madame Juliette, os convivas Jacot la Lanterne, Raimundo da Anunciação e Filipe de Villepin esburgam as últimas febras dum frango à Marengo que está de repica-ponto. O tio Jacot, embora rosnando contra o epíteto imperial do petisco, não o desdenha, mastigando em silêncio, a tomar energia e balanço para descrever eventos semelhantes aos relatados pelo sargento le Bavard à porta do coronel Gougard, mas com detalhes mais trágicos que metem enxurradas de sangue, escuridões fantasmagóricas e previsões fatais. Este exercício inicia-o ele à sobremesa, muito sóbrio e soturno, recusando o conhaque, como se estivesse garantindo aos presentes um sono carregado de pesadelos e difíceis digestões de frango à Marengo.

- Acusam-nos de ter usado muito a guilhotina. Mas afinal andam por aí muitas cabeças sobre os ombros que deviam ter caído na cesta.

Só Juliette o enfrenta directamente. Com uma careta de reprovação e horror, pergunta:

- Quantas cabeças mais acha que seriam precisas para os seus projectos?

- Os bonapartistas também se batem contra Carlos X - observa Raimundo. - E que foi que lhe roubaram, citoyen!

- A bandeira tricolor, a Marselhesa e a República. Acha pouco? Mas devo acrescentar que há uma coisa, pelo menos, que ninguém pode roubar a ninguém. Essa coisa é a utopia...

Filipe acode, entusiasmado, fascinado pelo discurso daquele homem emergindo do passado mítico que conhecera Robespierre, Marat e Danton:

- Eu quero e creio na utopia, mas não tenho a experiência do seu fracasso. Enquanto vós...

Jacot sobressalta-se, abre os braços como uma negra aventesma e, com sonoridades muito graves, replica:

- Fracasso, não! Demos à França as leis do progresso e os escravos tornaram-se homens livres. Éramos ninguém, em 89, e rematámos uma história de mil e quinhentos anos que jamais voltará a ser o que foi. Para isso foi preciso crer mais na alma que sentia que nos olhos que viam. Os que apenas consideravam crimes o castigo dos criminosos tinham a cegueira na alma e o passado nos olhos. O invisível era sublime, o visível horroroso. A utopia, jeune homme, não morrerá nunca. Foi por ela que hoje vertesteis o vosso sangue e por ela haveis de vos bater amanhã. A utopia é eterna porque nós somos imperfeitos, incapazes de a consumir, e também porque somos as únicas criaturas do universo que sonham. Nunca nada está acabado por causa dos limites que não podemos transpor e por causa de não haver limites. Não creio na religião, jeune homme, mas creio no paraíso e no inferno,

porque eles existem dentro de nós próprios. Não tenho remorsos pelo sangue que fizemos correr em 93, porque era também o meu sangue e o dos meus, o sangue do corpo social que sobrevivia mais saudável depois do bisturi lhe rebentar o tumor pútrido. Nós éramos, mon jeune ami, os cirurgiões da civilização...

Reflexos minazes cintilam no fundo das órbitas de Jacot la Lanterne, aliás Jacques Couporet, aliás l'Échelle, aliás Faccionaire des Bourreaux, Jacques Pomeret de seu nome. O monólogo continua, muito dramático, acompanhado de gestos vastos que põem a dançar nas paredes sombras inquietantes, projectadas pela luz de dois candeeiros de Argand a que Juliette espevita os pavios, de quando em quando, até que começa toscaneando, depois de considerar inútil teimar - que não gosta de crueldades nenhuma, sejam elas de ontem ou de hoje.

Filipe sente-se arrebatado pelos devaneios de Jacot, que acha

duma lógica pétrea e duma chama esfuziante. Remorde-se pela ligação com Christine de Sauvigny, pelo de pescado nos arquivos de Orleães, pela estróina bafada por Nuno de Almeida, pelas equitações exibidas nos Campos Elíseos. Salva-se Margarida no Convento de Chelas, tão fiel a ele como à causa.

Percebe Raimundo os efeitos embriagadores que o discurso do Tio Jacot produz no juvenil sentimentalismo do pupilo, exposto a costumes frandunas, novos, ousados, e sem a distância crítica com que os anos ajudam a separar trigos e joios, muito tocado pelas leituras românticas que moralizam o passado, redimido num jogo de pau de dois bicos. Adivinha Filipe em idade de sezões do espírito e do coração, que vão e vêm, mas bem defendido pelo quinino do amor à espera num convento. Acha que o tio Jacot diz aquelas coisas de arrepiar, muitas delas certas, com a mística convicção dum iluminado que conserva a palavra no formol da solidão. É um fantasma arrastando as grilhetas da memória - impressiona mas não pode sair da prisão do passado, contradizendo o progresso que fez repicar como aleluia e soa como toque de finados.

Mas Filipe está inteiro na emoção de viver a história num dos seus arranques de mudança.

- Sabe, citoyen... - diz ele. - Já vi hoje a bandeira tricolor banida pela realza, no Quai de FÉcole. E também estive junto ao Teatro des Nouveautés quando Étienne Arago ali entrou com os seus amigos, para interromper uma peça chamada La chate blanche, bem aborrecida, diga-se de passagem, clamando: Fermez les théâtres! On égorge dans les rues de Paris!

E, decretando a revolução em marcha, insiste em regressar a casa, ir pelo par de pistolas que lhe deixou à guarda Diogo de Almeida antes de partir para Deauville. Tentam demovê-lo e conseguem, invocando os inúteis perigos duma noite tão incerta como aquela. Juliette recompõe-se momentaneamente da breve passagem pelo sono, decide que ele ficará no sofá da sala, coberto com uma manta de lã. Que amanhã

também é dia.

Passa da uma hora. A anfitriã ergue-se, anuncia que recolhe à alcova e pergunta, muito irónica, a disfarçar a apreensão, a que horas querem que ela acorde a revolução.

Jacot e Filipe fecham o cenho ao sarcasmo, um muito profeta, o outro muito paladino. Só Raimundo sorri, contrafeito, pois também ele teme que os dias seguintes não mereçam aqueles xistes.

O tio Jacot, no escuro do quarto que calcorreia em grandes passadas, vela. De quando em quando, pára junto da janela, arrepanha a bainha do cortinado de repes e sonda a noite. Quantos homens estarão a atravessar as trevas, nesse momento silencioso e grave, no vaivém clandestino que prepara a nova aurora em que as toupeiras vingadoras se apresentem como príncipes da liberdade!

Os sonhos mágicos do tio Jacot são construídos pela razão. Sonha sempre durante as vigílias.

Sentou-se no chão de lajes, junto ao rodapé de cantaria, recostado à parede, a cal seca pelos calores esbranquiçando-lhe as manchas de suor da camisa. Apertou a cabeça com as mãos, a ver se espremia a ideia do que lhes estava acontecendo, a ele, Francisco Alves, sargento de Infantaria 16, que pertencera à guarda do Estado-Maior do senhor marquês de Chaves nas guerras de 26 contra os constitucionais, internado na Espanha, informador da secreta do senhor conde de Basto, dispensado por intrigas dum recruta que arvorara cabo, podia ser seu filho e como tal tratara, e agora levado pelo meirinho, entre dois gendarmes, já noite cerrada, do quartel para aquela cadeia do Limoeiro, de má fama.

Sem mais nada para poder extrair da cachimónia, alongava a vista pelo corredor onde passeavam dois polícias e um carcereiro, à luz mortíça dum velador, esperando que alguém tomasse conta do seu destino e lhe dissesse porque raio lhe estava acontecendo aquela desfeita. Portas bateram e pontoaram os estrondos uns gritos aflitos, um escrivo estremunhado surgiu não se sabia de onde, sobraçando uns papéis, falou

ao carcereiro que veio, depois, de candeio na mão, 3 lento e de olhar torvo, ordenar-lhe que o seguisse. Meteu-o numa enxovia muito povoada de homens adormecidos sobre enxergas, atirou-lhe uma manta e cerrou a porta chapeada de ferro. Tropeçou, perdido naquele breu bafejado pelos cheiros fétidos de suores azedos e imundícies das fraquezas humanas. Respondeu-lhe um resmungo a ele, tacteando o espaço com intuição de cego, arrimou-se à parede, fez um ninho no lajedo com a manta dobrada ao meio, sentou-se nela, encolheu as pernas, de joelhos à boca, poisou neles a cabeça e sentiu correr pela aspereza da barba mal rapada duas grossas lágrimas de desespero e de raiva. Era homem nado e criado nos rudes fraguedos das encostas serranas, ao pé da Guarda, e não se lembrava de ter chorado senão uma vez, quando se perdera, no meio dum nevão, mais o rebanho de ovelhas que guardava nos alcantis de entre Varelos e Belmonte, teria uns treze anos incompletos, muitas fomes e frios passados e umas grandes ânsias de sair daquelas brenhas para o mundo desconhecido que pior não podia ser. Certo era que, depois de o demandar, não parara de aprender as malfeitorias que medravam em toda a parte, por muita ronha que tivesse intuído e muita servidão que tivesse aturado, e que nada disso o livrara das malhas da rede da maldade, que nunca vira tanta a nascer na certeza de ter virado vítima do beleguim João da Silva, que protegera no esquerdo-direito e a quem abrira a fresta dum futuro.

Pela alva que surdia das grandes janelas começaram remexendo-se os presos no despertar, que eram mais de cinquenta de diferente condição. Um façanhudo de muito mau pêlo, gilvaz enviesado por cima dum sobrolho, de quem o Alves ficara vizinho, dirigiu-lhe um vozeirão temeroso:

- Tu és novo aqui no estarim... És malandro ou malhado?
- Sou realista e militar.

Espicharam-se uns risos bufados, de troça. E um que se percebia ser cavalheiro, pelos bofes da camisa e pela voz polida, concluiu:

- Está visto que é malandro. E dos grandes.

O Alves ia replicar, com modos de partasana de parada e caserna, mas sentiu a vararem-no aqueles muitos pares de olhos inimigos que lhe mataram o troco na garganta.

Rançou a chave na porta e esta nos gonços. O carcereiro gritou-Lhe o nome e levou-o para fora.

O coronel José de Almeida e a mulher cumpria sem entusiasmo a peregrinação estival ao Gradil. Era a tradição,

praticada com algum rigor, juntar-se à família pelos calores do Verão e pelos friachos do Natal, mas desta feita reduzira-se o ramo de Lisboa ao casal, ausentes as vergôntes, a moça no convento e o rapaz com os sogros de veraneio em Algés.

Também os do Gradil tinham os seus diminuídos duma presença, a Bebiana, que dera à luz um moço, lá naquelas penedias maronesas, domínios dos Mendonças para onde tudo apontava o destino de Adamância, que se carteava com o primo Tomás, disposto a arrebatá-la também para além-Douro.

- E a nossa Cunegundes? - indagou Leonor.

- Pressa nenhuma... - suspirou Bernardina.

- Ora, minhas senhoras!... - fanfou a moça, muito rebolona. -Já cá faltava a prelenga dos jugais! Não há-de ser fácil aparecer quem me ferre o resenho e me ponha o bridão. Estou bem de poldra sem aparelho.

A tia pôs a mão no osso do peito, como se lhe faltasse o fôlego, ainda a tentar traduzir aquele vocabulário equídeo. E a mãe repreendeu-a - que se deixasse daquele palanfrório de cocheira, falasse como uma menina de linhagem com parentes na corte. E ela, muito pontuda, anunciou que ia dar de comer ao Soberano, retirando em pé de vento.

Estava-se na hora do chá e tisanas que a rebelde, passando pela cozinha, trocava por um pedaço de casqueiro barrado de toucinho, desembuchado com um púcaro de água que refrescava na bilha de barro. Levava o lobinho para o pátio e arrepelava-o com brincadeiras por certo

semelhantes em braveza às que lhe faria a mãe loba se o não tivesse perdido. Entretinha-se, depois, gozando a brisa que ramalhava nos castanheiros de galhos estendidos sobre os muros de pedra, ao pôr do Sol, com ocupações de armeiro, açacalando o facão, limpando e untando a escupeta, enchendo buchas, os dedos enferruscados de pólvoras e óleos, numa aplicação muito dinâmica que mostrava o seu temperamento desassossegado.

Entrementes, na sala, o padre Casimiro juntava-se às senhoras, muito sorrabante, gabando-lhes as últimas obras pias e a excelência do branco seco, no qual molhava a ponta dum biscoito, por lhe provocar o chá uma azia esquisita.

Pedro e José percorriam a propriedade, cavalgando a passo, escoltados pelo feitor, trocando palpites de colheitas que o segundo entremeava de elogios às tendências agrárias que vislumbrava na política de D. Miguel. O irmão não dava guita a esses devaneios, por não estar afeito a experimentar políticas que em Lisboa lhe tratassem das searas e lhe vindimassem as vinhas.

O Portugal rústico, entre o bucólico e o rude, vegetava numa trégua retocada pelo alaranjado do poente e pelo desbarretar dos da jorna à passagem dos senhores, muito humildes e suados, de volta ao casebre de alvenaria e colmaço onde fervia uma eterna sopa de couves. O repique das avé-marias no sino da igreja do Gradil compunha o quadro da grande conformidade com os desígnios de Deus, abençoando as desigualdades da vida com a igualdade da morte.

Quem poderia admitir que o mundo era mais vasto que o sossego daquele rincão, onde a noite chegava entre o oloroso fumegar dum lume de sarmentos e o tilintar do chocalho duma vaca ruminando o último calracho de mais um dia pachorrento?

Quarta-feira, 28 de Julho.

Filipe de Villepin rompe do sono pelas quatro e pouco da manhã, picados os nervos pelas urgências de revolucionar Paris para chegar

depressa a Chelas e à liberdade. Ergue-se com prudência, para não despertar a casa de madame Juliette, atufada de sobressaltos dormentes. Acende uma vela e, mal enfia os sapatos nos pés, vê perfilar-se à sua frente a sombra esguia, hirta e fantástica do tio Jacot, que, forte em prolóquios de tragédia, lhe garante, num segredo cavernoso, que «nunca dorme quando a juventude madruga para ir resgatar o passado com a espada do futuro». Considerando, de si para consigo, que as pistolas de Diogo de Almeida também podem servir para o efeito, Filipe desce as escadas a passo furtivo e alcança a rua e o fresco da antemanhã.

Forrando-se aos piquetes de gendarmes e estugando a marcha, chega a casa de Diogo de Almeida antes das cinco horas, quando um ténue alvor começa desenhando as silhuetas cinzentas da cidade habitada por incontáveis vigílias e intensas expectativas.

Nuno de Almeida antecipou-se. Está na sala, instalado na certeza de que Filipe viria por ele e pelas pistolas cujas fecharias e canos brilham à luz do velador, sobre a mesa de mogno, dentro do estojo forrado de veludo grená.

- Uma para ti, outra para mim - diz-lhe muito calmamente, à laia dos bons dias que serão de aventura, certamente. - Que foi isso na mão?

- Uma esfoladela sem importância.

- Quando nos perdemos, ontem, dei com o Alexandre Dumas na Rua Richelieu, vestido de caçador, a preceito, espingarda em bandoleira e polvorinho à cintura. Andámos a flaino em busca de campo de batalha,

demos com o Cairel e o Charras à porta do National, fomos a casa do banqueiro Laffitte, ver de que lado sopravam aqueles ventos. O porteiro deu-nos com a porta na cara. Acabámos a noite em casa do actor Fresnoy, na Rua Fossées-du-Temple. Ah! Esquecia-me de te dizer que também ajudei a botar fogo à esquadra da Bolsa...

Detêm-se Nuno e Filipe, brevemente, no relato de peripécias da véspera. Envergam as sobrecasacas para melhor esconderem as pistolas entaladas à cinta, metem nas algibeiras os pequenos polvorinhos de corno

com embutidos prateados, partilham igualmente as balas que são só seis. E partem ao despontar do dia. Para a Praça da Bolsa, a admirar as cinzas da véspera e a fariscar a livraria de Charles Teste, La Petite Jacobinière, coió de republicanos, cruzando bandos de operários de blusas esbragadas, garotos de pé descalço, caixeiros e carregadores de bonés surrados e lenços vermelhos atados ao pescoço, que vão destruindo com fúria e método tudo o que é símbolo monárquico - flores-de-lis, coroas, bandeiras, insígnias de fornecedores da casa real. Gritos de «às armas», «morte aos Bourbons», «viva à Carta», animam os construtores de barricadas, arrancando as pedras da calçada a golpes de pé-de-cabra, sob os aplausos de matronas de mangas arregaçadas, debruçadas nos parapeitos das janelas.

Testemunham os dois amigos a chegada à Petite Jacobinière de um cortejo encabeçado por Etiènne Arago, transportando uns grandes cestos cheios de velhas espingardas e sabres - são os adereços da peça Le Sergent Mathieu, há pouco estreada no seu teatro, o Vaudeville.

Um grupo, vindo da Praça dos Petits-Pères onde a Mairie acaba de ser ocupada, berra «Viva a República!», «Viva o imperador!» -são os bonapartistas convocados na véspera pelo coronel Gourgaud, aos quais se misturam já alguns guardas nacionais. À frente deste grupo, brandindo um sabre, vem um cinquentão baixinho, moreno, ágil, pala preta sobre o olho esquerdo, envergando o velho dólman dos dragões do império com as divisas de sargento e a Legião de Honra ao peito, ensaiando o coro dos outros, que nem todos conhecem aquela ária provocante, popular, incendiária:

Que demande un rrrépublicain Que demande un rrré-publicain?
Dufer, du plomb et puis du pain Dufer, du plomb e puis du pain!

- Vamos com estes - alvitra Filipe, ansioso de acção - Porquois pas! - acede Nuno.

À pergunta de Filipe sobre o rumo que levam responde o velho sargento, de taramela ligeira:

- Vamos à busca de fuzis, de pólvora, de balas. E depois vamos pôr-nos às ordens do nosso coronel Dufays, para deitarmos a baixo os Bourbons, os monarcas todos e exterminarmos os ratos do duque de Ragusa que se julgam soldados. Eu estive em Austerlitz, jeune homme! E em Marengo, em Iena, no Vimeiro...

- No Vimeiro - titubeia Filipe. - Em Portugal?

- Em Portugal, pois! E na Espanha, na Rússia, no Egipto!...

- Eu sou português... Liberal e emigrado.

- Comment vous appelez, vous?

- Filipe de Villepin.

O sargento estaca, muito pálido, deixando cair ao longo do corpo o braço que erguia o sabre.

- Philippe de Villepin!... Nom de Dieu! Nom de Dieu! C'est pás vrail!...

E escancara a boca de espanto, o sargento da Grande Armée, empurrado pelos que vêm atrás dele. Retomando a marcha, pergunta, com a voz embargada:

- O vosso pai não era, por acaso, capitão de dragões do exército do general Junot?

- Sim, sim. Morreu na batalha do Vimeiro.

Pára de novo o sargento, como que fulminado. E, enxugando ao punho do dólman umas lágrimas que, espontâneas, lhe inundavam o único olho, exclama:

- Morreu a meu lado, o vosso pai. Era um bravo, o meu capitão de Villepin! Sou o sargento Jeannot, a quem também chamam le Bavard. Et pour cause...

E abraça, tremendo, aquele jovem que o transporta às regiões do passado e das glórias, de onde lhe vem aquela desenvoltura valente e a emoção duma torrente de recordações. Sob o olhar comovido de Nuno de Almeida, choram abraçados o filho do capitão Villepin e o sargento que o acompanhou na última carga dos dragões nas colinas pedregosas do

Vimeiro, há vinte e dois anos.

Juliette destampa-se, muito afogueada e aflita, tentando proibir a saída de casa de Raimundo da Anunciação, que, por ter acordado tarde, não logrou ausentar-se à sorrelfa como Filipe e o tio Jacot, cada um para seu lado.

Ela leva-o à janela da sala, que dá para o Châtelet e para a Ponte au Change, da qual se avista à esquerda a torre de Notre-Dame onde flutua uma bandeira tricolor. O matraquear das fuzilarias, o rufar dos tambores, o repique do carrilhão da Catedral e os gritos da turba insurrecta invadem aquele abrigo bonançoso afeito aos arrulhos de amantes e às serenias cavaqueiras inspiradas em aventuras juvenis e desvaneios serôdios. Mostra-lhe ela o espectáculo de Paris descomposto, riscado de barricadas, pontuado de tiros, macerado pelos cascos de cavalos à carga, salpicado de sangue.

Em vez de desencorajar Raimundo com a exibição de tantos perigos, Juliette acicata-lhe a determinação. Que não pode a revolução passar sem ele, afirma, que é emigrado, banido e perseguido por uma monarquia absoluta.

- És louco! - brada Juliette, muito nervosa. - Se saíres vivo desta aventura, não encontrarás mais lugar nesta casa. Olha que não és um soldado, que não os aceitam mancos...

É de fel puro esta última gota a transbordar o vaso da impaciência de Raimundo. E ela, muito enrubescida, de olhos brilhando de afecto e de zanga, não quer, por orgulho, arrepender-se da ofensa que o está fustigando.

- Pois se me julgas um inválido para que me queres?! Deixa-me! Que te vou mostrar como um português coxo vale mais que um francês déspota e rei!

E, com um arremedo de indignação e de arreganho nacionalista, liberta-se o pintor do empecilho daquele amor possessivo, dirigindo-se para a porta, seguido por uma Juliette em pânico temperado pela raiva de

não poder detê-lo.

O calor é tremendo e as ruas são um pandemônio de correrias, atropelos, fugas e combates, sob o toque dos sinos e o estouro dos tiros. O Cais de Gèvres está repleto de soldados que defendem as pontes. A coluna do general Quinsonnas, formada por infantaria da guarda e lanceiros, investe pela Rua de Saint-Denis pondo a multidão em debandada. Raimundo vai na onda, às carreiras, até conseguir refugiar-se no dédalo do Marche des Innocents, nas imediações daquele albergue em que passou os primeiros e tristes dias de emigrado. Abrem-se portas para recolher os feridos e os fugitivos e, em plena Rua Saint-Denis, escancaram-se janelas de onde se bombardeiam os lanceiros e infantas com cadeiras, cómodas, bancos, vasos, garrafas; cavalos de freio nos dentes galopam sem tino, apavorados, sem cavaleiro, resvalando no empedrado, saltando sobre os corpos que jazem na calçada.

Raimundo segue uma bandeira tricolor até ao fundo da Rua Saint-Denis, até um ponto onde se abatem árvores, se acumulam pedras, escadas, um churrião virado, traquitanas, numa imensa barricada que se ergue na Porta Saint-Denis - e também na Porta de Saint-Martin - na qual aparecem a bandeira prosrita e um cartaz com letras grosseiras La Charte ou la Mort. O pintor empunha finalmente uma arma, o sabre dum lanceiro caído do cavalo, atordado, incapaz de se erguer da soleira dum portal.

Na embocadura da Rua Planche-Mibray, quando os canhões do general Saint-Chamans dispararam através da Ponte Suspensa sobre as hordas do povo, conseguiu o sargento Jeannot fazer ao filho do capitão Villepin o que não pudera com o pai - salvar-lhe a vida. Vendo as colunas da guarda real afastarem-se subitamente para os parapeitos da ponte, compreendeu de imediato que estavam desemboscando os canhões ocultos pela massa dos soldados. Curtido pela experiência de muitas batalhas, saltou sobre Filipe com agilidade felina e acachapou-se em cima dele, ambos deitados junto à esquina da Rua de La Tannerie, quando o estrondo dos disparos os ensurdeceu, abafando o rufo das caixas, e lhes esfuziaram

por cima os obuzes, que abriram vastas brechas sangrentas e causaram muitos mortos e feridos. Menos lesto, Nuno de Almeida escapou com um lenho na testa, provocado pela lasca duma das pedras arremessadas pelo impacto dum projectil.

Retiram agora, com muitos outros, pela Rua de La Boucherie e, chegados ao Châtelet, propõe Filipe o abrigo de madame Juliette, ali ao pé, onde será, ao menos, possível tratar da ferida do companheiro.

- Ah, monsieur de Villepin! Quel chance! Vous avez échapez la belle! Et vous aussi, monsieur...

- Devo-lhe a vida, monsieur Jeannot - diz Filipe, emocionado, amparando Nuno ainda azoado pela artilharia do general Saint-Chamans, enquanto esperam que se abra a porta salvadora de madame Juliette.

- Trate-me por sargento... Que assim terei o gosto de vos tratar por capitão de Villepin e descontar vinte anos de vida de gostos e desgostos.

Eis a casa de Juliette, que já fora de noite acampamento, transformada em enfermaria. Regougando contra aquelas loucuras, está atando à cabeça de Nuno de Almeida, antes passada a vinagre de estragão, uma ligadura feita dos destroços dum lençol cortado à pressa para estancar o sangue que lhe salpicou a otomana.

- Et, en plus, vous abimez mes meubles!

- Madame, lá em baixo morre-se pela liberdade!... - exclama Filipe, moderando o tom do protesto.

- Não podeis imaginar, mon jeune ami, quantas mortes testemunhei em nome da liberdade. E vós deveis entender bem o que vos digo, visto que o vosso pai... O sacrifício acaba sempre traído pelos vencedores e incompreendido pelos vencidos.

Juliette recupera as cores e a desenvoltura dos seus verdes anos para contrariar o romantismo dos verdes anos daqueles novos combates. Mas quem lhe responde é o sargento veterano:

- Madame, se me permite... A morte faz parte do meu ofício.

Passei a vida a enganá-la e também vi muita morte inútil. Mas a honra dos homens não morre, madame.

Com um gesto teatral e o calor acrescentado por uns tragos de excelente vinho de Bordéus que a generosa Juliette colocou à disposição, Filipe, emocionado, avança um testemunho trágico:

- Vi há pouco, na Ponte Suspensa, um rapaz de catorze ou quinze anos levar uma bandeira tricolor à frente do povo, a gritar: «Vou mostrar-vos como se sabe morrer, lembrai-vos que me chamo Arcole!» (*)

- Conheci muitos valentes e vós sabeis de que lado estou. Mas... Estas reticências de Juliette escondem o inconfessável que ela tenta camuflar, muito feminina e orgulhosa. Mas cede num apelo que tudo explica, no qual se adivinham as lágrimas contidas, a ansiedade e um amor sincero:

- Mas... Se encontrarem monsieur Raimundo, tragam-no de volta, são e salvo.

De novo na rua, debaixo do sol abrasador, o sargento Jeannot com o seu sabre, Filipe com uma das pistolas e sem munições, Nuno de cabeça atada, camisa aberta até meio do peito, com a outra pistola e uma só bala, consultam-se. Decidem passar à margem esquerda, o Almeida aposta em alguns dos seus amigos da Escola Politécnica, no Charras, no Millot, no Labeuf, que devem andar activos para os lados do Odéon. Mas as pontes estão guardadas pela tropa e os desvios são problemáticos, demasiado longos.

- Vamos passar à mesma - informa o sargento, sem dúvidas nenhumas.

(*) Quando se construiu uma ponte de pedra no lugar da suspensão, foi-lhe dado o nome de Arcole, em memória do garoto que ali morreu em 1830, ele próprio crismado com o nome da ponte conquistada pelo exército de Napoleão na primeira campanha de Itália.

Os outros entreolham-se, incrédulos, avaliando os uniformes vermelhos dos suíços, do lado do Louvre, e as fardas azuis da guarda real,

do lado do Hotel de Ville, de onde chega o eco de fuzilaria nutrida. Le Bavard, porém, sabe de Paris o que não se aprende nos salões e nos cafês.

- Se os senhores se dignarem seguir-me... - insiste o sargento, ladino e seguro de si, aproximando-se da grelha dum esgoto situada numa viela confinante com a Praça do Châtelet, chamada Rua de La Vieille Lanterne.

Abordam-nos, então, dois populares, de aspecto mazombo e tímido, meio encarvoados, bonés na cabeça, jalecos pretos, abarcas de marítimos nos pés. São dois marujos portugueses escapados de Brest, onde estavam secando desde a volta da expedição frustrada aos Açores, que ouviram Filipe e Nuno trocar umas palavras na sua língua. Que não conseguiram chegar ao Cais da Ferralha - que assim chamam ao Cais de la Ferraille - onde se estão juntando os emigrados portugueses sob o comando do coronel Pizarro, braço direito do general Saldanha, que esse anda no rasto do marquês de La Fayette, em tratos de políticas com os banqueiros Laffitte e Périet. E, como lhes disseram que a questão é de arrocho nos realistas, estão por esse programa, onde quer que se possa cascar neles.

São cinco atrás da chama bruxuleante duma vela de que se muniu o sargento, serpeando no ventre de Paris, até que aportam a outra grelha através da qual vêem o azul do céu às riscas; conseguem forçá-la e imergir para o calor de fornalha que um dos marinheiros, o Armando, já viajado ao Brasil, compara aos calores de entre a Linha e o Trópico. Estão quase de pés no Sena, entre a Ponte au Change e a Ponte Nova, face à massa imponente e severa da Concièrgerie -por cima, o vozear dos soldados, por baixo, as águas acinzentadas do rio e um batelão acostado que o Jeannot aborda sem cerimónia nenhuma. Depois das conversações com o patrão da barcaça, metem-se os cinco numa chalupa, com o amigalhaço do sargento aos remos, tapados com uns cestos e sarapilheiras para se forrarem à curiosidade dos soldados que patrulham o Cais do Louvre. Contornam a ilha da Citè, pela banda de jusante. Ao cabo duma

meia hora, põem pé no Cais des Agostins, perto do Instituto, e dirigem-se, muito decididos, para as imediações da Sorbonne.

Se não fosse uma prisão de corpo e alma, o Convento de São Félix dos Mártires, mais conhecido por Convento de Chelas,

atribuído às Cónegas Regrantes de Santo Agostinho, seria aos olhos de Margarida um formoso lugar de meditação e repouso. Mas revessava-lhe a beleza a amargura das que ali pagavam o preço da paixão e dos ideais, que nem a amenidade daquele vale de muitas quintas e pomares, com seus laranjais e hortas, aprazia quem tuteava saudades e suspirava penas.

Quando não buscava a sombra da oliveira de Alcipe campeando na cerca, Margarida, com a inseparável D. Joana, vinha sentar-se em sua companhia num dos bancos revestidos de azulejos que rodeavam o pequeno lago do jardim, rodeado de roseiras onde despontavam botões vermelhos, tendo à volta o airoso claustro em arcaria sustentada por colunas de pedra branca, com o soco acepillado de azulejos de padrão.

E, sendo poético o cenário que os pardais frequentavam, mais amavelmente que as vertiginosas andorinhas traçando riscos negros nos ares, Margarida e Joana liam uma à outra versos que lhes mantinham o espírito à flor duma lucidez que a longa reclusão parecia ameaçar, estiolando a vontade estreme, na tristeza das longas noites solitárias turbadas pelo toque das matinas, atroando os corredores ainda mergulhados na mais soturna escuridão.

Folheando um volume do Romancero General, leitura profana que uma freira espanhola guardava contra a regra, quedou-se uma tarde Margarida nas endechas de Boscán que assim recitou:

Aunque con semblante airado me mireis, ojos serenos, no me negareis al menos, ojos, que me hábeis mirado. Si no os hubiera mirado, no penara, pêro tampoco os mirara.

Marejaram-se-lhe os olhos, a rever de memória aqueles que eram a sua desgraça e a sua esperança, mortificada pelos sentimentos

contrários e contrariados. E D. Joana, de cor, começou a ditar-lhe um romance aprendido com uma camponesa de Sintra, anos passados:

«Ai! Que saudades me apartam Pela casa de meu pai!»

E choravam ambas, mãos nas mãos. Até que Margarida, enxugando as bagas que lhe molhavam a cara, sobressaltou-se num acesso de rebeldia e afirmou, com súbita arrogância e secura, que era preciso odiar com força igual à da paixão, para equilibrar os destinos do mundo e esperar que os homens o mudassem, já que Deus os abandonava.

O sargento Francisco Alves foi levado para a prisão da Torre de São Julião da Barra no dia seguinte a ter dado entrada no Limoeiro. Foi de sege e algemado, sendo isto o que mais o incomodava por não poder coçar-se das ferroadas das pulgas que trazia da primeira cadeia e se mostravam mais bravas que os carcereiros, que todos eram criminosos perdoados por empenhos, denúncias e espertezas várias e, por tanto, promovidos à autoridade que usavam sobretudo para extorquirem quantas moedas podiam aos prisioneiros, mercadejando pequenos favores que eles próprios promoviam.

O caso do Alves era de notória excepção. Habitualmente, os presos de Estado transferidos para a Torre passavam no Limoeiro ou no Castelo várias semanas, meses e até anos, e seguiam em levadas de três ou quatro. Fez-se a excepção mais notória quando, chegado ao revelim do forte, em vez de dar entrada na prisão grande, foi ele conduzido a uma dependência da casa da guarda onde o esperava o alferes Cunha Maia, esbirro famoso e terror daqueles lugares.

Aos protestos de inocência e de mal-entendido por via dumas palavras proferidas em piteira de taberna, denunciadas por um rapaz que, por sinal, lhe devia uma posição na vida, contestou o Maia com a afirmação brusca e mordaz de não haver ali equívocos nenhuns, declaração que sublinhou com o zunir da badine rente às orelhas do preso. E mais acrescentou saberem ter ele distribuído panfletos dos traidores

emigrados no quartel de Infantaria 16. O Alves, a quem tinham tirado as algemas, enrijou a posição de sentido, disse que, «com sua licença, meu alferes», aquilo eram mentiras inventadas por inimigos e invocou os seus serviços, sob as ordens do senhor marquês de Chaves e do brigadeiro Jordão, contra a tropa dos pedreiros-livres, bem como as missões na secreta do senhor conde de Basto por influências do senhor brigadeiro que agora comandava o forte e que certamente havia de desfazer aquelas confusões e devolvê-lo ao quartel. Sanhudo e minaz se fez o semblante do alferes, assegurando que lhe arrancaria a pele, se ele falasse do forte para dentro de qualquer ligação com o comandante, que muito a propósito o mandou chamar a palestra, dando-lhe alento novo e um sorriso de alívio que levou o Maia a desejar-lhe os infernos.

O brigadeiro Teles Jordão, um machucho grosseiro e de poucas letras, lapuz de caserna, valente soldado mas oficial de acaso e favor, queria simplesmente fazer dele seu bufo dentro da cadeia, que lhe reportasse os ditos e manigâncias dos presos malhados, lhes desatasse a taramela e os pilhasse em malfetorias e ruins intenções. O sargento estrebucha, achando que não merece cadeia, e o brigadeiro respinga, muito arrelioso - que ou ele colabora, ou começa já a estada pelo segredo das caves e há-de ter vida de inferno para sempre. Amacia, depois, prometendo interceder junto dos juizes, pena leve, trato de privilégios, costal direito. Nas entalas, o Alves diz que sim, sem ver mais remédio, amaldiçoando no íntimo o aleivoso João da Silva, causa da sua desgraça.

Na prisão grande do revelim, onde o encerram, dispõe-se a iniciar o desempenho da peça encomendada pelo Teles Jordão, declarando-se liberal e perseguido, muito assanhado contra D. Miguel e seus birbantes. Eram os companheiros de enxovia maiormente malhados, que bom agasalho lhe fizeram, e misturados com eles alguns malandros, que o miraram com malvadez e escárnio. Entre uns e os outros estava o descrime em serem os últimos correços e condenados de direito comum, por mortes e roubos, enquanto os primeiros pecavam por adversários de D.

Miguel, gostarem da liberdade e acharem D. Pedro mais legítimo que seu irmão. Não se ficavam nisto as diferenças, como veremos, quando seguirmos o sargento do 16 nos seus tempos da prisão grande do revelim, quando não nas celas do subterrâneo, simples ou de segredo.

Folgava, entretanto, o João da Silva, numa excursão à Outra Banda com a Gracinda, para a qual arrastara também a mãe e o padrasto, este muito contrariado por ser parte daquela jolda, mas persuadido da conveniência de não desagradar ao pandilha mais à mulata.

Saíram pelo fresco da manhã, que estava de azul luminoso, na barca dos irmãos Chulas, conhecidos das andanças nas tascas de Alfama, com provisão de galinhas para churrascar, depois da caldeirada aprazada com os marítimos. Bolinaram até ao mar da palha, correndo com a brisa, e aportaram ao cais de Aldegalega, com alguns sustos da Ti Rita e reservas do Sr. Inácio, muito matuto, por pouco afeito a empresas de marinharia. A Gracinda, essa, dava guinchos de euforia, toda virada ao vento que parecia ourá-la de prazeres bíblicos e sertanejos, saltando em terra com ligeireza de antílope, sofraldando saia e guarda-pé, escandalizando a Rita e envergonhando o Sr. Inácio, que via, em terra, os pescadores, os roçadores de tojo e os marnotos, muito pascácios, a aguarem dos sabores e saberes da mulata, muito zabaneira, a esbamboar-se, às gargalhadas, respondendo com dengue ao olhar guloso dum arganaz da beira-rio que assobiava uma tirana muito desafiante.

Sob a canícula que começava a apertar, acelerou a companhia para as ruas poeirentas de Aldegalega, encabrestando a Gracinda para longe da audiência do cais. Os manos Chulas carregavam a panela da caldeirada, cada um à sua asa, com um garrafão na mão livre, calça arregaçada e gingar varino. Os outros alombavam com o resto do farnel, sob a mirada dos farsolas muito gozadores daqueles bisnaus de Lisboa.

A Tia Rita teimou em parar na igreja - que era domingo, falhara a missinha, tinha de ir prestar contas a um santo qualquer. A Gracinda entrou com ela, compondo um lenço de ramagens no alto da coca. Era tal

a companhia que a Rita resumiu a devoção a um padre-nosso e uma avé-maria, pedindo desconto nos pecados da outra que deviam ser de absolvição complicada.

Estenderam a manta num pinhal dos aforas da aldeia, num outeiro de onde se avistavam as salinas de Alcochete e, para além da prata do rio, o distante casario de Lisboa, todos braseados por um sol de fogo a caminho do zénite. Os Chulas ateavam um lume de gravetos por baixo da trempe onde pousava a panela da caldeirada, o João escanhotava nas imediações a arrebanhar combustível, o Sr. Inácio, sentado na caruma, de costas arrimadas ao tronco dum pinheiro manso, bufava a apaziguar os bofes inflados pela escalada, a Rita dispunha as tigelas, os pratos, os púcaros, os garfos e as colheres. E a Gracinda, trincando uma lasca de pinho verde, descalça, fazia riscos fantasiosos no chão arenoso com o dedo grande do pé direito.

Tanto bucolismo estava pedindo a comezaina pingue que se seguiu, bem regada com o carrascão, primeiro a caldeirada rica das especiarias do Sr. Inácio, depois os frangos, um bocado mascarrados por excesso de lume. O Sr. Inácio, muito enfartado, marasmou, abandonando a luta inglória contra o exército de formigas que avançara sobre aquele acampamento pantagruélico, encostado ao pino, boca entreaberta e pernas esticadas, roncando uma sesta abacial. Despertou, estremunhado, com os acordes picados da mandora do Chula mais novo, a que se juntou a voz estridente da Gracinda, gesticulando como as marafonas dos teatros, numa chula de harmonia pobre e, depois, numa malaguenha com que fizera sucesso nos botequins de onde o João a havia sacado. Dançou, em seguida, o regadinho com o amásio, os cordões do justilho lassando e o bojo dos peitos a livrar-se para fora, ondeando as ancas, vascolejando o traseiro, de braço na cintura do João muito esbragado, escorrendo suor, sem jeito nem gabarito para tanto ritmo e remeximento.

A Rita pôs os olhos no chão juncado de ossos de galinha e espinhas de fataça, benzeu-se mentalmente, dando o filho por perdido e

condenado sem remissão às penas do inferno. E o Chula mais velho deitava um olhar, entre hipnótico e bovino, às buchas das pernas e ao sacolejo dos peitos da mulata.

Embora atontado pelos vapores do carrascão e pela caloraça, o João achou por bem interromper as lupercais do outeiro de Aldegalega e, à laia de fim de festa e para repor o respeito, pôs-se a berrar a cantilena do «rei chegou» desafinado com a bandurra do Chula.

Arrebanhadas as alfaias, desceram, proceccionais, impantes e muito moles, à aldeia e ao cais, vacilando no reembarque da tralha e deles próprios, encetando um regresso muito lento, por ter caído a brisa, amodorrados pela calma e pela zangurrina que o Chula insistia em repicar no instrumento.

Reclinada no colo do João, a Gracinda, de braço esticado, traçava com a ponta do dedo indicador um rasto na superfície das águas e, de olhos iluminados, exclamava:

- Havemos de vir mais vezes. Oh João! Oh Ti Rita!

- Pudera não - dissimulava a outra, muito ansiosa de pôr pé em terra e trotar para o Castelo.

Quinta-Feira, 29 de Julho.

Eram cinco, chamavam-se Filipe, Nuno, Jeannot, Armando e Salvador, também conhecido por Peniche. Não viram tudo daqueles dias que ficariam na história como les trois glorieuses, mas viveram algo do que apodrece e floresce no pântano e no jardim da alma humana. E ao findar a última jornada quando, um a um, foram sentar-se no trono de Carlos X, no Palácio das Tulleries ocupado pelo povo, tinham apenas uma Nação - o seu nome era Liberdade. Feliz ou infelizmente não era tudo.

Nenhum deles tinha alcançado os seus objectivos. Com excepção do sargento do império, permaneciam estrangeiros, proscritos pela pátria, sustentados por uma esperança escandecente e vaga, enconchada entre o milagre e a aventura. Testemunharam apenas uma parcela daquela totalidade de paixão e ódio, nas ruas juncadas de homens e cavalos

mortos, apodrecendo, pestilentos, despojados por uma jorra de ciganos e marginais a coberto da noite da véspera.

Viram certamente a capitulação do quartel de l'Éstrapade onde conquistaram cada um sua espingarda. Participaram na imensa moxinifada do Odéon, onde as mulheres enchiam cartuchos com a pólvora apreendida no paiol do Jardim das Plantas e toda a casta de papel defenestrado sobre a praça em resposta ao apelo dos rebeldes; viram a chegada do canhão tirado à guarda, descendo pela Rua Fossés-Monsieur-le-Prince; ouviram os esbraseados discursos de Charras e Hostel, o rufar ininterrupto dos tambores, os gritos de «Viva a República!», «Viva a Carta!», «Morram os Bourbons!», «Viva o imperador», e a Marselhesa em coros de centenas de vozes, vinda das vascas da memória, arrepiante, imponente, arrebatadora; e até experimentaram a visão patética do imperador, encarnado por um tal Chopin que dirigia o picadeiro do Jardim do Luxemburgo, entrando na praça montado num cavalo branco, de chapéu de três bicos, casaca abotoada e mão no peito.

Como poderiam eles estar nas cinco mil barricadas erguidas nas ruas de Paris? Como haveriam de contar os dois mil mortos e os seis mil feridos, os cadáveres despejados no Cais de Greve para as barcas que os levavam para o Champs-de-Mars, para Grenelle? E quantos patriotas e guardas suíços jaziam nas duas valas separadas abertas nos jardins das Tulleries? Ali se armara a grande feira trágica e carnavalesca onde vagueavam ao fim da tarde, entre homens e garotos descalços e de tronco nu, bandeiras tricolores, farrapos vermelhos dos uniformes estraçalhados dos suíços pendurados na ponta dos espontões, dos chuços, dos sabres, no cano das espingardas, entre os gritos dos vendedores de fruta, de água de coco e outros refrescos insuficientes para aplacar a grande sede colectiva nas gargantas secas pela canícula, pelo medo, pela morte, pela euforia, quando as primeiras burguesas surdiam entre os castanheiros, sob as suas umbrelas coloridas, em romagem aos lugares do heroísmo e do horror.

O sol, a poeira, os mortos, o sangue, o fedor da decomposição dos corpos, o assobio das balas, a explosão dos tiros da artilharia, o matraquear dos cascos dos cavalos, o rolar dos tambores, as arengas, as proclamações, os sinos a rebate, as faixas azuis-brancas-vermelhas, as cocardes, as espingardas, e as alabardas, os arcabuzes, o fuzil do cardeal Richelieu, as lanças, os escudos, o casco de Godofredo de Bulhão, a lança de Francisco I, produtos do saque do Museu de Artilharia - tudo isso viram, ouviram, sentiram os nossos cinco companheiros. Mas não assistiram à aparição burlesca do engenheiro Chevallier na Torre do Relógio, solicitado pela multidão para informar quanto media o calor - Chevallier! Chevallier! Dis-nous le degré du thermomètre!, e o engenheiro, surgindo à janela da torre, muito rápido, de boné na mão, Il est 32. E, durante o fragor da batalha em que participaram e de que escaparam com vida por mero acaso, na Ponte des Arts, não vislumbraram por estar debaixo deles, oculto pelos arcos, o pescador que lançava a linha ao Sena, muito indignado, protestando contra o barulho que lhe afugentava os peixes.

Quem comandara o motim transformado em insurreição? O povo, seminu e enfurecido, tinha reacções instintivas mas vindas do fundo das vivências, como rebanho à procura de pastor, e entregava a chefia a quem estivesse mais bem vestido, um burguês de chapéu, um estudante da Politécnica, um antigo oficial, um desconhecido que aguentava os trinta e tal graus anunciados pelo engenheiro Chevallier de sobrecasaca e nagalho ao pescoço. A coluna do Odéon, em que se integraram os nossos Nuno, Filipe, Jeannot, Peniche e Armando, mudou de comandante três vezes num quarto de hora - primeiro, Charras, que declinou no jovem Lothon porque este estava a cavalo, o qual Lothon se viu em palpos-de-aranha para passar o cargo a um capitão reformado porque estava este apeado e nunca se vira um comandante-chefe sem cavalo.

No Hotel de Ville ocupado pelos insurrectos mandava o general Dubourg. Ninguém sabia quem era Dubourg, nem tão-pouco se era ou não

general. Mas mandava, obedeciam-lhe e ele começava a emitir proclamações patéticas que começavam por Concitoyens! Vous m'avez par une universelle acclamation élu pour votre general..., e acabavam Le rendez-vous general est à l'Hotel de Ville. Nous avons de la poudre!

Dos nossos cinco amigos nenhum ficara apto para comandar. Filipe e Nuno tinham abandonado na véspera as sobrecasacas, combatiam de camisas desabotoadas, manchadas de suor, de terra, de pólvora, enferruscados, ferozes como os mais maltrapidos e ligeiros como os mais ladinos dos garotos. O mais bravo foi Nuno de Almeida, o diletante, o que mais tinha a perder, ou talvez não... Cabelos crespos, revoltos, empastados, sob a ligadura que lhe envolvia a cabeça, implacável mas sereno, aparecia nas primeiras linhas inflamando os bandos ao assalto, o talabarte branco tirado a um suíço cruzava-lhe o peito do ombro direito à anca esquerda, espingarda levantada no ar, animando as hordas com palavras de vitória; poderia com toda a honra ter inspirado uma das figuras da «Liberdade guiando o povo» que haveria de sair da paleta de Eugène Delacroix. Se ele era a determinação competente, Filipe era só temperamento, impulso, fúria sem estratégia, a sorte por única defesa - Nuno salvou-o por duas vezes de morte certa, frente ao Instituto de França e à entrada da Ponte des Arts, arrebatando-o do campo de tiro para trás do leão de bronze do lado da Rua Mazarine, onde se encontrava abrigado Alexandre Dumas. Foram os restantes bons soldados também. O experiente Jeannot revelou-se um atirador preciso, eficaz, apenas ajustando o tiro pela certa e abatendo, pelo menos, três suíços e um couraçeiro. Os marujos tresmalhados da tropa de Pizarro comportaram-se galhardamente, o Peniche à base de força física, muito parrana, alapando-se ao terreno conquistado, regougando grossos palavrões do vernáculo português, a meia voz, o Armando mais galopim, retrincado, com espertezas imaginosas, um bocado farsola, ágil como um gato. Foi este último quem, na vigília do dia decisivo, no pátio dum hotel particulier da Rua des Écoles, onde um estudante de Medicina tratou das feridas de

Filipe e Nuno, pediu que lhe escrevessem em português o Pater National, que circulava em folhas volantes e que ficou assim, na versão de Nuno de Almeida: «Nosso rei que estais em Saint-Cloud, que o vosso nome seja detestado; que o vosso reino acabe já; que a vossa vontade seja nula assim na província como em Paris; deixai-nos os nossos jornais quotidianos; perdoai-nos as nossas vitórias como nós perdoamos os vossos crimes e aqueles que os cometeram; e não nos deixais cair sob as balas dos suíços; mas livrai-nos da vossa presença para sempre. Ámen.» Dobrando religiosamente o papel com esta prosa, confidenciou que era para se escrever coisa parecida em intenção do malandro do Miguel, quando fizessem vela para Portugal.

E Raimundo? E Juliette? E o tio Jacot la Lanterne?

Cada um com suas razões, sabiam o que tinham feito, que nem todos poderiam dizer o mesmo. O pintor bateu-se na zona compreendida entre o Marche des Innocents, a Rua de Saint-Denis e a Porta do mesmo nome, onde se verificou grande mortandade e menor frequência de burgueses e estudantes, sendo muito gabadas as mulheres que vinham à rua, nas raras tréguas, encher cabazes com pedras da calçada para bombardearem das janelas as colunas que o duque de Ragusa mandava ao assalto das barricadas. Acabou comandando uma trintena de operários das pedreiras de Montrouge. E uma das últimas balas disparadas no Bairro de Montorgueil varou-lhe o ombro esquerdo.

Mal tinham começado a rarear os tiros e os rumores do sucesso da insurreição a ganhar consistência, Juliette deixou o reduto da Rua Saint-Jacques e pôs-se à cata de Raimundo.

Um alfaiate da Rua de Avignon, que os conhecia, garantiu tê-lo visto na véspera a fugir à frente dum esquadrão de lanceiros, Rua de Saint-Denis acima. Ela foi nesse rasto, fiada no instinto e naquela vaga informação. Dava-se, pouco a pouco, conta da extensão do drama daqueles três dias, transpondo os destroços que juncavam a Rua de Saint-Denis e as transversais, meio desempedradas, da violência do

furacão louco que tinha passado por ali, com o seu cortejo de mortos jazendo junto das paredes e no sopé das barricadas que homens descamisados, alvares, possessos duma alegria mórbida e festiva, e mulheres desgrenhadas, agitando-se numa espécie de lascívia vitoriosa e medieva, ajudavam a que ela escalasse, ou abriam passagem nessas barragens trastejadas de paus, pedras, ferros, pedaços torcidos ou quebrados de coisas já sem nome, agindo com uma cortesia mimetizada e farsante, com bichancros grotescos, agitando bandeiras, farrapos, troféus arrancados a inimigos mortos ou em fuga, num tresvario de cânticos, clangorosas chibanças, danças trapalhonas. Um jovem muito encarvoado, tronco nu, seco mas de músculos apolíneos, um chapéu de jornal posto à facaia na cabeleira negra de muitos caracóis veio pregar-lhe ao peito uma cocarde, com uma vénia de circo, muito jubiloso e íntimo. Era a festa pagã, no meio dos mortos, farriscados por mulheres aflitas à procura dos seus, fedendo à podridão acelerada pelo calor e aos vapores da pólvora. Ela relanceava os cadáveres, muito ansiosa, no pânico de identificar aquele a quem buscava, num frenezim crescente, saltando sobre a pata dum cavalo esventrado, roçando-lhe as entranhas com a fimbria do vestido.

Por alturas da Rua aux Fers, viu enfim aproximar-se um grupo de homens armados de espingardas e sabres que amparavam um dos seus, que parecia ferido mas caminhando, vacilante, pelo seu pé, arrimado a um guarda nacional de velho uniforme desbotado e a um rude operário de blusa em farrapos. O ferido era Raimundo da Anunciação. Juliette precipitou-se para ele, segurou-lhe na mão pegajosa e quente do sangue que lhe correrá do ombro, ao longo do braço, e sem uma palavra deixou escorregar pela face umas lágrimas grossas, mas serena, apaziguada, sem sobressalto aparente.

Numa traquitana arvorada em ambulância tomou lugar ao lado do ferido, rumo ao Hospital de La Charité. Só então depôs na fronte suada de Raimundo um beijo quente, carinhoso, e lhe perguntou sem esperar resposta:

- Mon Mundo... Porque me fizeste isto?

Ele olhou-a como um náufrago arrancado à tormenta, com uma emoção viva:

- Amo-te.

Juliette virou o rosto, ocultando o pranto que voltava com igual mansidão. A imagem dos mortos nas ruas, inimigos confundidos, obcecava-a e digladiava-se contra a alegria de ter recuperado o seu homem. E a antiga companheira dos exércitos pensava, uma vez mais, como lhe acontecera na babugem do rescaldo das batalhas do Império, que o bem estava, para uns, no futuro, para os outros, no passado, mas certamente nunca no presente de sangue e morte. O seu olhar cruzou-se com o olhar febril dum pedreiro deitado no chão da sege, a seus pés, uma perna esfacelada por altura do joelho, e ela interrogou-se a si mesma, com uma angústia muito lúcida, porque é que um homem analfabeto jogava a vida para que se escrevessem livremente jornais que não poderia ler, que justiça misteriosa explicava a morte dum pobre de pedir na luta por um poder que nunca chegaria verdadeiramente a disputar. E voltando de novo a cara para o seu Raimundo, disse-lhe, com uma ternura nova, mofando de todas as conclusões da lógica:

- Fizeste bem. Amo-te. E... orgulho-me de ti.

A caminho de casa, com paragem no Hôtel de Ville para assistir à chegada triunfal do marquês de La Fayette, aclamado pela mul tidão, Filipe vai dando balanço àqueles dias em que jogueteou com a morte e com o provir. Imagens tumultuosas atravessam-lhe o espírito e, sobre todas, a da morte adiada e consumada que o rentou por entre o fumo da pólvora e o zunir das balas - não se deliram as sau dades da terra e de Margarida, mas o vermelho do sangue colora agora o futuro prometido a si próprio e aos outros. Timidamente, compara a eminência do calvário e a grande redenção; e, sem forçar resposta nenhuma, sabe que cumprirá o seu destino - se não escolhendo o trajecto, ao menos decidindo do pundonor com que há-de percorrê-lo. Os boulevards estão irreconhecíveis. Todas as

árvores foram derrubadas para deter os assaltos do monarca que oscila no pedestal de Saint-Cloud, enquanto saem dos buracos os planeadores respeitáveis da ordem que se segue. Em casa, encontra cada coisa em seu lugar próprio, os criados de libré, os cavalos na cocheira e certamente os lençóis de linho no leito. Só o porteiro e o mordomo se descompõem, muito perturbados, quase escandalizados, ao verem cruzar a porta do Sr. Diogo de Almeida, em vilegiatura em Deauville, aquele maltrapilho, fedendo a suor e ao povo em que hesitam reconhecer-se no quotidiano da abundância burguesa e da sua sina de criados.

Filipe sorri à ironia daquela recepção reservada e contrafeita, e recebe as mensagens numa bandeja de prata. Há uma carta de Margarida e três lacônicos bilhetes de Christine, um por cada dia de combate. O último começa assim: Si vous êtes encore vivant...

Que terá feito Christine durante as trois glorieuses? Filipe imagina-a impaciente, febril, subindo ao terraço e assestando os binóculos de madrepérola, que usa no teatro, ao grande palco de Paris ardendo de paixão, arquitectando o cinismo sibilino com que saudará todas as vitórias e derrotas.

E os que montaram essa peça trágica, romântica, preme de esperanças e desesperos? E os que a não quiseram, sem abandonar os camarotes e sabotando os bastidores?

O rei Carlos X e a sua corte não sacrificaram sequer uma missa e uma partida de whist, enquanto muitos morriam por eles. Polignac rezava e animava os seus ministros garantindo milagres. O marechal Marmont, duque de Ragusa, comandava os seus soldados que matavam e morriam e, ele mesmo, provocou os últimos tiros da revolução, ao pé do inacabado Arco do Triunfo da Étoile, para que lhe rubricassem um epitáfio mais honroso - sem sucesso. O prefeito Mangin, muito seral, ciscava-se de noite.

O duque de Orleães escamoteava-se do seu pavilhão de Neuilly, forjando um refúgio em Raincy, enquanto lhe arrumavam um trono

discreto, «como a aranha espera o moscardo que se prende na sua teia», diria mais tarde Chateaubriand, que entretanto acudia de Dieppe, à janela da sua casa da Rua d'Enfer, a tempo de ver passar as hordas rebeldes, e escrevia bilhetes a madame Recamiér, como quem escreve memórias. Talleyrand ditava as suas ao secretário, no seu hôtel da Rua Saint-Florentin. Victor Hugo assistia ao nascimento da filha, Adèle como a mãe, na segunda das «jornadas gloriosas», espiadas com ansioso fervor no n.º 11 da Rua Notre-Dame-des-Champs, interrompendo a redacção de Os Miseráveis para compor uma Ode à la jeune France. Henry Beyle, ainda mal Stendhal esperava a nomeação como cônsul, concluía *Le rouge et le noir* e anotava os rumores da revolução nas margens do *Mémorial de Saint-Hélène*, cerrando as janelas do quarto do Hôtel de Valois quando a fuzilaria crepitava na Rua de Richelieu. Thiers e Mignet aguardavam algures que os acontecimentos anulassem a ordem de prisão que os visava. O banqueiro Laffitte, a prata mais cintilante do liberalismo, pioneiro do reino burguês que armava o seu trono, torcia um pé, recebia no fundo do seu fauteuil, de Béranger ao lado, o Paris político que farejava a queda dos Bourbons. Casimir Périer, outro cresos, jogava também um pleno liberal.

E o tio Jacques Pomeret, aliás l'Échèle, aliás Jacot la Lanterne, aliás Jacques Couperet, também conhecido por Faccioneiro des Bourreaux, evolava-se com as primeiras sombras da noite, o reino para onde sempre regressava, o seu reino, sem deixar outro rasto que não fosse o da promessa de se materializar sempre que a raiva, o desespero e a inumanidade da raça humana voltassem a amassar o cimento do sangue para lhe reconstruir a quimera e redimir o passado.

Fulgia lá fora um solão agressivo, um luzeiro que reverberava nas lajes da praça do revelim, se se quisesse levar a cara à altura das grades da prisão grande e gozar com os olhos uma luz que não chegava ao corpo afeito a humidades malsãs. Francisco Alves, após espreitar o estio criador, voltou a sentar-se no catre, ao lado do Rocho comerciante de

vinhos e do Silva Lopes que era letrado, repegando no fio da conversa cuja ponta vinha de fora, em bilhetes clandestinos que davam conta da revolução liberal em França.

- E quê quisso muda cá prà gente? - perguntou, a fazer-se mais gebo de que seu natural.

O Rocho retrucou, muito vivo e intencional:

- Sempre fica mostrado que se pode substituir um rei por outro...

Mais didáctico, o Silva Lopes completou:

- O povo saiu a defender a Carta Constitucional. E o rei novo já o não é da França mas dos franceses.

A subtilidade fez efeito de estroengo e empanou os comentários, que se resumiram a um fundo suspiro do comerciante de vinhos.

Um cheiro bafiento, acrescentado pelos miasmas da latrina, reinava sobre a modorra da hora do meio-dia. Francisco Alves matutava em silêncio no que faria com aquela doutorice do Silva Lopes, pouco substancial para as exigências, do Teles Jordão, que andava azedo com ele, por não espremer o limão das intrigas da cadeia e repelir as tropelias dos condenados comuns que faziam mais negra a vida dos malhados.

Ouviram então tocar a morto. O silêncio do cárcere ganhou uma espessura de chumbo, socavada por uma angústia retratada nos rostos amarelentos.

- Foi o Seixas - murmurou o Rocho.

- Por certo - palpitou o Silva Lopes.

Tinham-no visto voltar do segredo, duas semanas antes, hidrónico, macilento, um pelém, arrimado a um bordão. Souberam dos desprezíveis despachos do baxá Jordão e do estúpido cirurgião-mor, que mais não fizera que apalpar-lhe o pulso e mirar-lhe a língua, para concluir não ser grave a doença daquele ainda jovem ajudante de milícias de Tavira que já estava morrendo, com sofrimentos atrozes, até decidirem operá-lo no que chamavam hospital da Torre, um catre sem instrumentos nem mundícia.

Um preso chegou-se às grades, questionou a sentinela que cochilava na minguada sombra do ângulo duma parede. O soldado confirmou - era o Seixas.

Uma voz pungente atirou um desesperado «filhos da puta!» em intenção de toda a corja de carcereiros. O João Reis, um malandro desertor de Infantaria 5, ao serviço do brigadeiro Jordão, levantou as fuças da banca de sapateiro que, com todas as ferramentas lhe haviam permitido armar, e escabujou:

- Filhos da puta são vossemeces?

- Mais respeito, seu safado! - responderam-lhe do mais sombrio da enxovia.

Saltou o moinante de sovela em punho, olhos injectados, espumando furor assassino. Tentaram agarrá-lo, juntou-se-lhe o Zé Maria, marinheiro e ladrão, agarrando num banco. O Rocho levou a mão à cara e trouxe-a com um risco de sangue, que a sovela já lhe traçara na maçã do rosto. Choveram punhadas sem norte. Até que rodou a porta chapeada nos gonzos, entraram os grilhetas e o tenente Cunha Maia a distribuir chibatadas a torto e a direito, protegendo os malandros informantes.

- Ó meu tenente, olhe quaquele gajo tem uma sarda escondida debaixo do espalde da cama! - exclamou o Zé Maria, apontando D. Cristóvão Jurado.

O Maia desfez o leito e sacou, triunfante, um pequeno canivete de lâmina romba, com que o fidalgo andava a talhar um jogo de xadrez. Xingou-o de vernáculo e deu-lhe na cabeça com o cabo da badine. Ordenou que o metessem no segredo com o Rocho. E saiu a perguntar se eles pensavam que ali era Paris de França.

O Francisco Alves sentiu uma tenaz a estorcegar-lhe as entranhas e apertou as mãos em punhos para não as abrir na cara dos tratantes. De políticas não entendia nada e se guerreara pelo realismo absoluto fora por fidelidade ao senhor marquês de Chaves. Com tineta de

serrano

e tempero de ronha camponesa, estava prometendo a si mesmo que daquela boca para fora, ao brigadeiro Teles Jordão, só enganos. Não era nenhum santo, mas com aqueles diabos não queria nada. Não mereciam! Tinham-no enganado.

- Como não bastassem os desvarios da França, aí temos em Londres o Palmerston em vez do Wellington - queixava-se o capitão António de Almeida, suando as estopinhas dentro do dólman, abanicando o rosto congestionado com a Gazeta, esparramando-se num cadeirão, recém-chegado a casa de seu pai da missa dominical em Santos-o-Velho.

José de Almeida esboçou um gesto de fadiga, também ele bufando contra os excessos daquele calor retardado, serôdio.

- E agora resta saber - acrescentou às preocupações do filho - se o empréstimo da casa Goldsmith se vai realizar, conforme contratado pelo conde da Lousã. Os banqueiros lá de fora deram todos em liberais.

- E será isso um bem ou um mal?! - protestou o capitão. - Com o peso daqueles juros e a hipoteca de tantos rendimentos, da Alfândega do Porto, da Casa da Carne da Alfândega de Sete Casas, da ilha da Madeira e mais não sei quantas receitas do Estado. Era um contrato leonino. A ruína!

O pai voltou a soprar contra a canícula, agitou a campainha de prata, encomendou uma limonada com água do poço e considerou, muito céptico, que só aceitava contratos daqueles quem estava de corda na garganta, às aranhas para pagar aos funcionários públicos uns tratamentos de miséria. O filho, muito sanguíneo, vociferou que nem que tivessem de fazer-se salteadores dos caminhos haviam de sopear a dissolução que gangrenava a Europa, bater o pé à maçonaria, à pedreirada reles que fazia dos reis reféns, pregando heresias; pobres mas honrados, ali estavam os portugueses de estirpe para mostrarem ao mundo as virtudes intocáveis do direito divino e a fé na religião apostólica.

Chegou o padre Domingos Correia, à aproximação da hora da

janta, empapando as bagas de suor no lenço tabaqueiro que repassava como um esfregão por cima do cachaço, o cabeção encardido deformado pelo dedo indicador, que entalava amiúde entre aquela coleira áspera e a papada flácida, a tentar inutilmente alargar uma fisga que o arejasse. Ouvira ainda a tirada épica do capitão, sublinhada pelos coriscos dum olhar de chama nacionalista, antiga, com relâmpagos de cruzada e intransigências visionárias que pareciam querer desenterrar os programas purificadores de Santo Inácio de Loyola. Lançou o cura umas santas tardes, muito untuosas, e engrossou o enxurro daquelas patrióticas indignações com uma confiança:

- O padre José Agostinho de Macedo está preparando mais uma folhinha das suas, há-de chamar-se «Desengano» e promete mais taponas nos malhados que a «Besta Esfolada» de boa memória.

José de Almeida remexeu-se no assento, inconforme:

- Valha-nos, pois, as irreverências dum egresso que lhe vão desculpando as boémias...

O filho contestou-lhe a ironia, pressuroso:

- Sempre é o pregador régio e cronista do reino!

- Uma inteligêcia!... - rematou o abade, esticando a beíça, num trejeito que acrescentava gravidade aos épodos em que transformava as mais comuns banalidades. Assim se furtava a juízos mais fundos sobre o padre Macedo, de quem corriam bastas histórias de mancebias, desvios de bens do mosteiro onde tomara ordens, calotes à esquerda e à direita, até blasfémias, redimindo-se de tudo a zupar convictamente os liberais.

Juntaram-se-lhes as senhoras, D. Leonor e a nora, uma moça austera saída de casa fidalga do Alentejo, muito devota e escorrida de carnes. E foram-se ao jantar, rezingando contra os calores, muito firmes contra os políticos e os banqueiros da França e da Inglaterra que já incluíam na baderna dos emigrados conspiradores.

Soberano era já um adolescente de gabarito, andando pela envergadura dos podengos que se arriçavam, a rosar inimizadas, quando

não a uivar, se ele ia espreitá-los ao canil, impante da liberdade e da companhia de Cunegundes. Portanto, o lobinho já metia medo aos outros bichos, com as felizes exceções de dois cavalos, o baio da sua dona e o murzelo do Manuel de Sousa, parecendo privilegiar os instintos amorosos, precocemente despertos no faro apurado com que seguia as justas fulgurantes em que se enredavam os corpos brilhantes de suor do morgado e da Caceteira, sobre o xairel estendido em cima da mota de palha do moinho da Cotovia. Seguia, assim, de focinho esticado e olhos coruscantes perfurando as obscuridades secretas das noites de estio, a revelação do sexo, que antecipava a insubstituível sabedoria do instinto. A sua fidelidade era obsessiva e selvagem, discriminando aqueles dois humanos e as respectivas montadas, em contraste com o ódio e o temor que parecia comprazer-se em espalhar à sua volta.

De facto, era como se o seu corpo emitisse ameaças mortais que atingiam, fulminantes, os bolbos raquidianos dos perros, que passavam do rosnar ao latir aflito e, do latir, ao uivo apavorado, ao confrontarem-se com o olhar de aristocrático desprezo dum antepassado mais renitente na linhagem das bestas livres. Os muares, se passava perto o Soberano, exibindo o seu passo elástico e exalando talvez algum eflúvio perigosamente silvestre, inflavam os grandes globos oculares, dilatavam as narinas fumegantes, davam repuxões aos tirantes das cabeçadas, produziam zurros terríveis e escouceavam desatinados os tapigos da cocheira. O lobinho afilava as orelhas, parava a olhá-los com uma calma arrogante, sobranceiro, e ia enroscar-se aos pés de Cunegundes. Hostilidade propriamente dita reservava-a para os humanos, arreganhando a pele das maxilas e mostrando a promessa dos caninos implantados nas mandíbulas negras, eriçando o pêlo do dorso, patas dianteiras esticadas e espinha arqueada. Dos da casa elegera inimigo principal o padre Casimiro, parecendo muito sensível aos bafios da sotaina e aos bafos do incenso que lhe andavam apegados, represado apenas pela autoridade indiscutível da Caceteira ditando-lhes ordens imperativas que

lhe reduziam a fúria a trejeitos minazes. Como resposta e defesa, o padre benzia-se, muito impressionado e atreito aos rumores que os camponeses faziam correr - que a menina da quinta dos senhores Almeidas andava a domar o Diabo -, rumores que cresciam em lendas geradas por esse conflito ancestral que une e separa o homem e a besta, a natureza e a superstição, lendas segundo as quais o lobo da Caceteira fora visto a uivar ao cruzeiro das imediações do Gradil e que, em noite de lua cheia, bebera o azeite da griseta do nicho da Senhora da Conceição. Radicava-se assim, pouco a pouco, a convicção generalizada de que o Belzebu lhe vestira a pele para se acoitar à protecção de Cunegundes de Almeida, outro anjo caído, com modos e arremedos arrapazados, matadora de javardos, maltesa das serras, companheira do Diabo.

Temperava esta fama a lhaneza populista da moça, muito admirada pelos povos, devido à braveza e simplicidade dos seus costumes, ao abarroado directo das suas falas, à generosidade dos seus gestos. Mas a este apreço juntava-se agora, por via do lobo, um temor de estroenga que já andava nas lengalengas das benzedadeiras e mulheres de virtude, nos serões fumarentos dos casebres saloios, nas voltas da praça e do mercado.

Entretanto, o Soberano, lobo jovem, dava asas de águia à Caceteira, que, por não poder voar, o elegera guardião e companheiro da sua própria lenda, que nascia naquele alfobre de almas simples inseparáveis dos mistérios.

Quando Raimundo da Anunciação, ainda de braço ao peito, deixou o Hospital de La Charité, onde Juliette lhe tornara os dias mais suportáveis, já se instituíra a nova monarquia, apadrinhada pelo velho general marquês de La Fayette como «a melhor das repúblicas», com Luís-Filipe de Orleães feito rei dos franceses em vez do rei de França Carlos X, deposto, a caminho de Inglaterra, essa grande ilha estrangeira, tão próxima e distante, assemelhando-se a uma esponja sempre capaz de absorver todo o passado.

Entre a Rua de La Coutellerie e a Rua Saint-Jacques, a ferida do

pintor construía-lhe algum prestígio popular, tomando mais republicano o seu liberalismo e menos moderada a sensibilidade com que ele agitava a causa dos exilados pelo realismo miguelista. Regressou ao atelier de Juliette e aos pincéis, mesmo antes da mão esquerda dar o seu normal contributo ao que sombreava a direita com a memória dos mortos nas barricadas de Saint-Denis, deglutida pelos rijos estômagos de banqueiros e políticos, encruando o gosto duma liberdade provada com a inocência dum sonho puro. Mas como as raízes estivessem na pátria, o que ele buscava agora nos cafés dos burgueses da nova ordem e nas redacções da imprensa política era um pojo em que assentasse a esperança do regresso e a liberdade em Portugal. Ocultava aos que se achavam ainda traídos pela revolução entupida que lhe bastaria um rei dos portugueses em lugar do absolutíssimo rei de Portugal. E buscava na corte de La Fayette, que muito agasalhava o general Saldanha, com os seus acólitos Passos, Pizarro, José Liberato, o impulso que os pusesse no caminho de volta, ultrapassando as diversões aristocráticas da camarilha do Palmela, que, em Londres, continuava apontando tibiamente as luzes foscas dum credo constitucional que, redigido em 26, ainda fazia fé e começava assim: «Creio em hum só Rei Supremo, Beneficiente e Poderoso, que he o Senhor D. Pedro IV, respeitável por suas Virtudes, Justo, Recto, Piedoso e Magnânimo...”

Juliette observava-o com a ternura velada pelo receio de o perder e descobria, muito vidrenta, a incomodidade dum amor que lhe tolhia no íntimo uma independência que sempre fora sua honra e divisa. Furtava-se ao confronto entre o presente e o futuro, mirava-se no espelho de moldura império, geométrica e dourada, e via que o tempo estava a passar mais depressa sobre o seu rosto e que nos olhos se esboçava a aquosa melancolia das recordações acumuladas e uma inevitabilidade fatal que o seu carácter sempre mantivera afastada da vista e do coração.

Sentia Raimundo mais perto de si, como nunca, mas isso tornava mais clara a ameaça dum afastamento para o qual ele trabalhava

com um frenezim de quem corria atrás do tempo.

Filipe de Villepin emergiu das vascas dos sonhos e pesadelos das jornadas de Julho e do mercandejar político que se lhe seguiu, nos braços de Christine de Sauvigny, não sem que postasse primeiro uma carta a Margarida, inflamada, jorrando esperanças e projectos da fonte da revolução de Paris.

Preparavam-se as bagagens de mademoiselle, que o pai mandara buscar por pessoa de confiança, logo que as barreiras da capital passaram das mãos dos patriotas para a reconstituída Guarda Nacional.

Não foi mais que uma ambígua despedida o encontro na biblioteca do hôtel particulier dos Sauvigny, com beijos furtivos entremeando os espinhos de ironias e asperezas de dois orgulhos de estilos divergentes.

- Parabéns! Conseguiu ajudar a fazer rei o duque de Orleães, trocando um Bourbon velho por um Bourbon novo.

- O senhor duque de Orleães foi chefe dos jacobinos e defensor de Marat. Se já não é um príncipe republicano, ainda é um príncipe cidadão... - contrapôs Filipe.

Ela tinha nos olhos um fulgor diferente que reflectia mais que a usual ironia que soava ainda na lâmina faiscante das palavras, agitando um leque bordado junto ao rosto afogueado de onde se evolavam os suaves eflúvios do sândalo das varetas e do perfume de ervas da Provença. Filipe adivinhava-lhe a macieza húmida da pele, de poros dilatados pelo calor, muito branca no cimo dos seios comprimidos pelo corpete e na sombra da depressão onde se uniam, como os cômoros duma minúscula paisagem habitada por saudades gémeas. Debatiam-se ambos no fustigo das ondas que se levantavam nos seus corações, à tona espumosa dos seus melhores sentimentos, cumprindo os seus percursos traçados e aceites pelas infalibilidades da razão e do acaso.

- Caso-me daqui a um mês, em Saumur. Voltarei madame de T... Enlaçavam as mãos, ocultando-as das vistas dos criados que empa

cotavam alguns livros que ela seleccionara nas estantes, olhando-se sob a vigilância marcial do hussar montado no cavalo branco apontando o sabre para a batalha de Wagram. Ela parecia à beira de uma revelação, que detinha mordendo a polpa dos lábios acerejados, retrincando palavras já construídas mas afogadas num invisível naufrágio de orgulho e de coragem, aguçando um mistério qualquer que cortava, uma a uma, as fibras da distância em que Filipe enredava um embaraço comovido e curioso.

- Ainda aqui estarei, provavelmente, quando voltares...

- Espero vivamente que não - disse ela, contrariando com a vontade o que o coração lhe ditava. - Tens outro rei para depor e a porta dum convento para abrir.

Libertou-se das mãos que já a prendiam, virou as costas e correu para fora da biblioteca, a esconder as lágrimas que lhe saltavam dos olhos, como pérolas arrancadas às profundas dum mar de solidão em que pela primeira vez mergulhava.

Filipe retirou-se, remordendo contradições, atascado na lava dum vulcão que lhe abrasava o peito, confundindo a memória de Margarida com a memória em que começava a transformar-se Christine de Sauvigny. Zunia-lhe na consciência o tagante de dois remorsos zurdindo sobre dois amores, um adiado, outro desprezado.

Depois duma revista geral em princípios de Outubro passaram, por descuido dos guardas, para dentro da prisão grande do revelim da Torre mais notícias dos sucessos de Paris.

Francisco Alves escutou eufóricos sussurros e viu rostos sorridentes à sua volta, coisa tão rara entre aquelas paredes como a piedade dos carcereiros que só se alcançava, de quando em quando, à força de moedas que metessem na enxovia alguns mimos de comer e vestir. Comentários muito esperançosos e previsões de que a aclamação de Luís Filipe e o juramento da Carta Constitucional iriam mudar a face da Europa, trazendo a liberdade a Portugal, trocaram animadamente os

presos cuidando que eles não chegassem aos ouvidos dos espias. O Francisco, postado no limbo, entre uns e outros, continuava a negligenciar a missão encomendada pelo Teles Jordão, tendo concluído que os pedreiros-livres não eram afinal monstros-de-sete-cabeças, nem rezavam ao Diabo. Já passara pelo segredo do subterrâneo, uma dezena de dias, por rixa com o malandro João Reis, desertor de Infantaria 5, e estava decaindo da matilha do brigadeiro baxá para o bando liberal perseguido. Manhoso, ia fintando as razões de uns e outros, mas privilegiando uns fumos de liberalismo que ia assimilando nos convívios, jurando as mais cruéis desforras aos que o meteram a ferros.

Um dia, enviaram para o subterrâneo um preso que recebera uma manta para a invernia, por ter as cores da bandeira liberal que os emigrados haviam decretado no seu gesticular londrino.

Estava declarada a guerra das cores.

Azul e vermelho eram as do sangue. Arvoravam os miguelistas esta duplicidade cromática tão cara aos soberanos, cujo simbolismo era elevado, se analisado pelo olho crítico do escriba malévolo - a linhagem nas veias e a paixão no que corre dentro delas.

Por isso, o Teles Jordão, ou o seu compadre Cacada, ou o Maia capitão, capangas cerebrinos, tiveram a luminosa ideia de arrancar os azulejos da capela da Torre de São Julião por serem azuis e brancos, cores que o brasileiro e os hereges tinham posto na sua bandeira nova. E esborrataram tudo de vermelho e azul, a rudes golpes de brocha, para que os presos vissem durante as missas as cores do paraíso absoluto.

João da Silva, sempre na primeira linha dos mais arrevesados préstimos, prontificou-se a fornecer um alvanel e dois aprendizes para a tarefa que se decidiu, por feliz coincidência, numa ocasião em que ele se deslocou a São Julião da Barra. Fora ali para ser ouvido a propósito da detenção dum fogueteiro de Xabregas, que denunciara pela cedência duns cartuchos de pólvora a um companheiro numa loja maçónica que estaria envolvido num projecto de sabotagem do Arsenal da Marinha. Como o

Maia falasse naquela patriótica obra, logo o João se improvisou gerente da mesma, lembrando-se do conhecimento com um tal Roque Esquadria, também chamado Fio-de-Prumo, por ser magrinho e direito, o qual acudia a telhados e fendas de paredes nas casas do Castelo e colmatara com umas pazadas de massa um rombo no forno da mãe Rita.

Foi a estas fúrias azuis e vermelhas do Teles Jordão que o João ficou a dever a iniciação numa actividade de empreiteiro de obras públicas, que acumula com as de furriel de Infantaria dispensado à secreta. Está inflando lucros interessantes com a reparação e escora duma empena do Limoeiro, tendo prometidas adjudicações que ultrapassam a modéstia destes primeiros biscates. Entrementes, oferece serviços de limpa-chaminés, transformando o Fio-de-Prumo em pau para todas essas obras, a troco duma manchinha de moedas da mancheia que vai arrecadando. Não admira que esteja requintando o absolutismo, esmaltando-o com leituras mais elaboradas que as das gazetas louvaminheiras. Para firmar os cabocos teóricos da sua instrução, gasta parte dos serões a ler em voz alta à entediada mulata passagens da nova folha de José Agostinho de Macedo, «O Desengano», periódico político e moral, estampado na imprensa régia, «por ordem superior».

A Gracinda, de genebra ao pé, esbogalha os olhos para que não se lhe vejam o sono e os sonhos que a estão tomando, fingindo atenção esforçada ao que o João lhe explica sobre os malefícios da revolução de França, para que ela entenda o sentido da diatribe do padre Macedo, no n.º 10 de «O Desengano».

- «Antes de findar o ano de 1831 os Tártaros Calmucos e os cossacos cruzarão as ruas de Paris, e todas as armas da Europa tocadas do Sol reverberarão dentro de todos os limites da França; e tempo talvez virá em que o viajante atónito diga, olhando para um montão de ruínas aquilo mesmo que diz, olhando para os restos dispersos de Babilónia e Palmira: - Aqui existiu Paris, assim o dizem esses montões de pedras. - Sem que eu escreva a História do Futuro, estes vaticínios são filhos do

Presente. Pouca previsão é precisa para antever esta verdade.» Isto é que é falar!

- Lá isso... - concorda a mulata para lhe fazer gosto, sem atinar em quem serão esses tártaros calmucos e admitindo passado brejeiro às tais palmyras e babilonas arruinadas por revoluções monstruosas. Mas, monstros por monstros, continua a preferir os de cordel, para ela mais autênticos e fascinantes que os saídos das arolas das políticas. De modo que, ao som das catilinárias do padre Macedo esforçadamente declamadas por João da Silva, vai compondo de memória a «Relançam de hum prodígio sucedido em huma das cidades da Província do Paraguay», que foi o aparecimento nela duma horrenda criatura que «Teria ao nosso parecer nove varas de altura; o rosto de homem, mas tão disforme que causava horror: o peito largo, a pele como concha de tartaruga, antes de polida. As pernas compridas e delgadas, os pés de unha fendida como de boi, porém tão grandes que, deixando-os estampados na terra, medidos depois os seus vestígios, se achou em cada um a terça duma vara de comprimento.»

E, entrementes, o João, inflamado e sonoro: «...porque há uma distância infinita entre os dois pontos, o da elevação e o do abatimento, entre o rei de França, e dois sórdidos banqueiros que logo se disseram membros do Governo Provisório, que é sempre a primeira palavra que se dá em todas as revoluções...» «... Um rabo como às vezes se costuma pintar o Demónio, comprido, cabeludo, e cheio de nós. Trazia na mão direita uma pena, e na esquerda uns cadernos de papel escritos...»

E será preciso maior desengano para os portugueses? Uma raça de víboras entre nós não deixa de conjurar em nossa ruína e com tanta contumácia como estamos vendo...

«... O monstro (ou Demónio conforme se entende) arrojando no meio da praça o papel, e a pena, voltou com passo vagaroso, olhando para os circunstantes, que de longe apareciam a uma e outra parte, lançou com brados horríveis: Eu sou a figura dos pecadores do P'araguaí...» «... Ao eco deste trovão medonho, e que devia encher de horror estes mesmos

diabólicos maquinadores, quantos rostos festivos, cheios de maligna satisfação apareceram logo, e vão continuar a aparecer diante de nós!”

- Com rabos compridos, peludos e cheios de nós - acrescentou Gracinda encaixando o devaneio na indignação do padre Macedo -citada pelo João da Silva. - Como o monstro do Paraguai, que todos tinham por pregoeiro do fim do mundo.

O João não apreciou a comparação. E rosnou, agastado:

- Grande monstra me saíste tu, que não entendes népia dos malefícios dos humanos!

- Ora que não! - protestou ela, lembrando muitos episódios do passado proibido. - Desses sei eu mais que tu, os tártaros, as babilonas e as palmiras todos juntos!

O TERROR E OS EXÍLIOS «Eh, Monsieur, um roman est un miroir qui se promène sur une grande route. Tantôt il reflète à vos yeux l'azur des cieux, tantôt la fange des boursiers de la route. Et l'homme qui porte le miroir dans sa hotte sera par vous accusé d'être immoral! Son miroir montre la fange, et vous accusez le miroir!» Stendhal, Le rouge et le noir.

O DESENGANO, PERIÓDICO POLÍTICO, E MORAL POR JOSÉ AGOSTINHO DE MACEDO. N.º 10.

Saltes Populi suprema Lex esta.

Insolencia da Revolução.

COMBATER OS Pedreiros Livres, isto he, os inimigos de Deos, e do genero humano, he cousa muito necessaria, e ao mesmo tempo he cousa que se tem tornado por extremo difficultosa: eu desejava que se exterminassem, como se exterminarão os Lobos em Inglaterra, isto he, que se matassem todos n'huma só montaria: em Inglaterra não houve mais Lobos, porque conto era cousa, que comia, e não rendia, nem .entrava no calculo dos interesses dos subditos Britanicos, ninguein quiz (por especulação mercantil), ninguem quiz levar para lá lium casal destas boas prêas, basta que de lá saião. Não haja, com este rerrcedio, Lobos em

Portugal. He verdade que a minguada população do Reino de que tanto se queixão, ficaria como depois do São Miguel huma vinha vindimada, cacho aqui, bago acolá, porque o rabisco levava tudo, e a seára he immensa ! A idéa de montaria, he com effeito original! Veríamos cahir á bala, o que virão os Judeos no Deserto, nuvens, e nuvens de Codornizes cahir dos ares para saciar a sua fome, nuvens de Pedreiros em terra para satisfazer o nosso desejo, e saciar o nosso appetite. E que O abade Casimiro regalou-se na leitura de «O Desengano» nº 10, chegado às suas mãos pelos bons officios do alferes de milícias de Torres, carcunda ferrenho, e meteu pés ao caminho do Gradil,

direito à quinta dos Almeidas, desafiando o chubaréu de janeiro, a patinhar poças e lama, com a mesma decisão com que o José Agostinho pregava a montaria aos pedreiros-livres e aos lobos, levando as folhas de «O Desengano» a espreitar da algibeira da batina.

Pregueou-se de rugas paralelas a testa de Pedro de Almeida, a ler a prosa que lhe prantara diante o diligente abade, coisa que nele mostrava contrariedade e embaraço. Pigarreou e devolveu o opúsculo ao fim do segundo parágrafo, que era extensíssimo, evitando as áscuas brilhando nos olhos do padre Casimiro, a avaliar o effeito daquelas verdades no semblante do fidalgo.

- Felizmente não somos ingleses - disse este, sem malícia, sinceramente chocado pela montaria defendida pelo cronista do reino, admitindo que o cura estava resgatando com prosa alheia a muita raiva e temor que tinha ao lobo da sua filha Cunegundes.

- O nosso santo rei em pessoa também já fez montaria aos pedreiros, na abrilada. E o seu illustre mano também caçou os franceses do Junot na guerrilha do padre Rocha.

- Pois sim, pois sim - atalhou Pedro, desviando a vista para a vidraça da janela salpicada pela morrinha. - Mas eu não sou rei, nem tão-pouco o meu irmão José. Não aprecio essas salsadas da política e muito menos quando fazem correr sangue. No tempo dos franceses era

diferente, invadiram-nos o país, escaqueiraram e roubaram. Por isso desertei da Legião Alorna e me alistei no nosso exército. Mas agora...

Prudente, o padre argumentou com mansidão:

- Agora, senhor D. Pedro, também são os estrangeiros e os traidores que ameaçam a nação e o rei legítimo.

- Ora!... Com umas missas e, quando muito, umas arrochadas eles entram na ordem. Então Deus não está ao lado de el-rei D. Miguel?! Não é preciso andar por aí a montear mações, que quase todos estão fugidos em Inglaterra e na França. Ora lembre-se do milagre da Senhora da Rocha...

O padre lembrava-se. E avivava outras memórias em práticas sorumbáticas, invocando a Virgem como aliada do miguelismo, tal como ficara provado no rescaldo da abrilada, quando nos matos de Carnaxide a Conceição aparecera a um caçador, ao seu cão e ao coelho que perseguiram, e todos três, homem, cão e coelho, haviam caído de joelhos perante a maravilha da Senhora Aparecida ou da Conceição da Rocha, como ficara conhecida no imaginário popular, embora seja difícil imaginar a postura dum cão e dum coelho ajoelhados.

- Um milagre é um sinal aos crentes - estrebuchou o padre, seco de mais argumentos, a pensar que a metáfora dos lobos caíra mal ao fidalgo por causa da fera domada pela filha, que, de tanto o atemorizar, o fazia desejar que se importasse de Inglaterra a senha exterminadora. Lembrando-se do extremo miguelismo da moça, ainda esteve para seduzir Pedro de Almeida pela via da moderação, observando que havia lobos e lobos. Mas pareceu-lhe a alusão arriscada, decidiu-se pelo copinho de aguardente e desandou para a paróquia com fúria evangelizadora, por não ser dia de jantar com os senhores Almeidas. Fazendo-se esquecido, deixou despicientemente «O Desengano» sobre a mísula de mármore, na esperança de que o fulgor absolutista do padre Macedo viesse a produzir efeitos naquela mansão de militância tão amolecida. À saída quase chocou com Cunegundes, que o cumprimentou lambuzando-lhe a mão do anel,

com estouvance, sacudida, rotineira e altiva.

Cunegundes de Almeida, aliás Caceteira, haveria de descobrir o opúsculo de «O Desengano» e lê-lo-ia à hora da sesta, escutando o tamborilar da chuva na janela do quarto e o grosso correr da água nas goteiras. Revoltou-se primeiro contra os ingleses por terem morto todos os lobos e concluiu que Portugal era terra para outros massacres. Na sonolência leve que a prostrou, sonhou com alcateias comandadas pelo seu lobo Soberano ao serviço de D. Miguel I, arreganhando as presas sobre os despojos dos liberais extintos. Ao acordar, murmurou de si para consigo que os padres eram um perigo quando pensavam pelas suas próprias cabeças, sobretudo quando ignoravam as leis da Natureza onde os lobos ocupavam um lugar insubstituível - como os homens e as águias.

Foi no bilhar do Abade, ao Passeio, que João da Silva travou conhecimento com o cabo Rodrigues da banda de Infantaria 4, rapaz faceiro, que abocava com mais gana e afinação os copos do Maneta do Largo do Socorro que o bocal da requinta da música do 4. Em noitada à moda antiga, depois de esfolarem a meias um par de tansos descidos de Aveiro a negócios, numa partida muito alicantina e gárrula, a dois vinténs o ponto, foram encharcar-se no Retiro do Cabeço da Bola onde pontificava o cabo de polícia da Mouraria, conhecido dos dois.

José Rodrigues, o Zeca para os íntimos, ficou ali eleito do nosso próspero beaguim amigo do peito, por cumplicidade ao balcão da tasca e à tabela do bilhar, na companhia rasca de soldados, guardas da Marinha Real, polícias e cróias,

todos discutindo soldos em atraso, carências de uniformes, mas desabando as iras sobre as conspirações pedreirais e os renegados da Terceira. Tudo gente de confiança.

O João levou o Zeca de sege à porta de armas do 4, a Campo de Ourique, quando ele já não dava para o coro da Cruel Saudade, entoado pastosamente pelos sobreviventes da pinga do Retiro. Entregou-o ao sargento da guarda, com recomendações afectuosas reforçadas por

credenciais secretas, para evitar ao cabo da requinta algum percalço regulamentar.

A Gracinda, sentindo-o chegar, ameaçada no torpor do sono, enroscou-se mais na borda da cama, puxando os cobertores até aos gorgomilos, desmobilizadora, por lhe adivinhar o rasto noctívago pelo bafo e pelos gestos desordenados com que se desfazia da roupa e se lhe colava às costas e ao traseiro, com arreganho inconsequente que logo se desfez em sonoro ressona perante a relutância dela.

Nos dias seguintes prosseguiu a pândega de bilhares e tascas da dupla Zeca e João, a que não faltava o picante de mulherio disponível para boémias de gandaia.

Mas veio a intentona de 7 de Fevereiro espicaçar os brios do João da Silva, empurrando-o para a primeira linha da repressão medonha que arrebanhou para cima de setenta presos. O Zeca sumira-se nos deveres de soldado do 4 de Infantaria e só voltou a pôr o nariz de fora quando os tribunais marciais, compostos pelos mais fanáticos dos miguelistas, o Belfort, o Maciel, o Guião, outros mais, sentenciaram sete liberais ao garrote, cinco ao degredo e um à expulsão do reino. A histeria voltou e não dava tréguas ao empenho do João a reboque do José Veríssimo, ex-postilhão do rei e seu companheiro de chibanças, agora porta-bandeira da guarda da Polícia, devassando as residências dos malhados e malhando neles quando os não mandavam à frente dos pontapés e das mocas, de mãos atadas, para as masmorras de São Julião. Na cambulhada daquela dança de São Vito, com morras e orações nas bocas, também frei Fortunato de São Boaventura pregava na sua folha montarias às «animálias do mato grosso do Porto», ao «dragão maçónico» às feras envenenadas pela patifaria bestial do vírus maçónico; e o Alvito Buela, na sua «Defesa de Portugal», bramava também contra as feras, possesso de absolutismo puro: «Que de gentes não irão vê-las! Nem o povo corre aqui com mais avidez à corrida de toiros do Salitre, a ver passar os pedreiros para a forca!» E tinha razão o padre Buela, que o povo de Lisboa foi, aos

magotes vociferantes e dementes, atropelando-se, tentar ver a obra dos carrascos a garrotarem os sete réus, na cerimónia dantesca de 14 de Março.

O Zeca Rodrigues da banda do 4 primou pela ausência, muito ocupado pelos ensaios. Era um indivíduo seral e farsola, amante da boa vida, jogo e mulheres, mas na hora do sangue e da taponia sumia-se, pronunciando-se pela divisão das competências:

- O João, a cada um seu instrumento. Tu com o cacete, eu com a requinta.

O João ria-se. Denunciara o francês Sauvinet, com cervejaria ao Arco de Bandeira, por aliciar para o campo inimigo soldados e marujos implicados no 7 de Fevereiro, delatara o comerciante O'Neill e o cordoeiro Caffary de Pedrouços, que, antes de ser arrastado para a Torre, fora oportunamente desancado pelo Leonardo que mandava nas polícias para lá de Belém. No fecho das tropelias, que internacionalizava, encontrava o Zeca amesendado no Retiro, com duas marafonas, já de grão na asa, muito pontual.

- Ó João, a cada um seu instrumento. Uma para ti, outra para mim.

O João ria-se. E, se o dia seguinte era de chegada do navio de Falmouth, fazia uma directa, desandava para Alcântara, instigando coros de lúcios, a berrar «chegou o paquete, trabalha o cacete». Era a raiva destilada contra as novas de fora, que todas eram adversas e heréticas. Então, o beleguim metia a mão nas bagagens e nos bolsos dos passageiros, interrogava-os com modos insultuosos, ameaçador, e extraía das diligências perigosos folhetos e jornais ingleses e franceses que anunciavam o fim do direito divino dos reis e exigiam reparações pelos danos causados aos seus nacionais e aos interesses dos seus banqueiros. De caminho, o João transigia em matéria de contrabando, benefício certo que não prejudicava a política realista, pagando-se pelos atrasos crescentes dos soldos da secreta. Dava indirectamente razão ao que

imprimiam os carcundas da Hipriática: «O comércio que esperava da sapiência da besta todas as riquezas de Crespo, ficou sendo um revendilhão de trapos e contrabando do pacote... Casem-se lá com a besta e verão os coices que levam!» Nos ócios intercalados, o inefável Zeca, antes de apontar a primeira tacada no bilhar da Rua dos Condes, em partida de pares partilhada com o João, contra dois comerciantes do Poço do Bispo, continuava dividindo funções:

- Ó João, a cada um seu instrumento. A taramela da alicantina para desmoralizar o magrinho, para mim; a pontaria nas bolas para derrotar os pontos do gordo, para ti.

O João voltava a rir-se.

Quem não ria naquelas semanas paludosas, escabujantes, zagorras, era a mulata Gracinda, vítima das ocupações policiais e da recaída boémia do João da Silva. Desferrava-se nos monstros e na genebra que o João agora também contrabandeava, na falta do abastecimento do mano falso que não reaparecia, talvez tragado pelo oceano ou por algum harém de índias amazônicas que lhe estariam varrendo da memória as tardes quentes da Rua Fresca. Já não sabia a mulata quem havia de amar ou odiar; nunca vira os sertões de onde tirava a metade do sangue escandecente que lhe corria nas veias, mas supunha que as tribos dos pretos não haviam de zaragatear com mais crueza que as tribos dos brancos que caceteavam na capital do império, à disputa da banca do soba a que chamavam trono.

O Inverno ia frio e chuvoso. Não dava sequer para que a Gracinda, mais forra das vigilâncias e ciúmes do transviado João, aliciasse da sacada da Rua Fresca algum dos padeiros do 11 com valentia bastante para aceitar os riscos das perspicácias e vinganças do vizinho.

Nas raras abertas, se espreitava um sol pálido, a mulata vinha à janela, dialogava com o papagaio do segundo que já repetia com estridência as primeiras notas duma tirana que ela lhe assobiava e aprendera finalmente a dizer idolatrado com voz fanhosa, de cana rachada.

Era isto bem pouco para a Gracinda, nas ânsias pungentes pelas infidelidades do João, sem ter com quem desabafar as melancolias e amainar os calores de dentro e os friachos de fora. Tinha saudades da Mouraria e da Alfama, onde arribavam fumos tropicais nos corpos e nas almas de marujos vagabundos, a confundirem o destino com o fado das baiucas que as banzas choravam e as gargantas gemiam, toada da nostalgia que os acompanhava no gingo das cobertas, a meio caminho do infinito embalado pelas ondas do mar.

Filipe reviu Christine, em Março de 31, seis meses depois do casamento com o barão de T., quando jantava no Rocher de Concale, Rua de Montorgueil, lugar selecto da elegância e da gastronomia, na companhia de Nuno de Almeida, que festejava o seu aniversário com um grupo de amigos. À volta do anfitrião viam-se alguns dos que se haviam batido pela liberdade nas jornadas de Julho, entre eles Prosper Mérimée, Godefroy Cavaignac e Etiènne Arago, todos três voluntários da artilharia, já dissolvida entretanto, da reconstituída Guarda Nacional, o carbonário Buchez, que preparava a aparição do novo jornal L'Européen, Armand Carrel, chefe do partido republicano, e outros.

A mesa liberal, barulhenta e desafiante, contrastava com a austeridade do lugar e não faltava quem achasse que a escolha do Rocher de Concale era uma provocação aos sentimentos bourbónicos da freguesia nas suas duas versões, a deposta pelo povo e a reinante na pessoa de Luís Filipe I e dos banqueiros a que se atrelavam as ambições dos burgueses e a sobrevivência da aristocracia.

Por alturas do cherne, Christine e o marido entraram e ocuparam uma mesa do canto, relativamente longe daquela onde estavam os amigos de Nuno de Almeida. Filipe só reparou nela quando lhe viu os olhos coruscantes a vararem-no por trás do cardápio aberto que fingia consultar. De longe, adivinhavam-se-lhe os olhos ferocíssimos do tigre, pelo arquear felino dos ombros, as unhas riscando a cartolina da ementa, enquanto nos de Filipe se reflectia o espanto assustado do cavalo atacado,

como na litografia havia tempos apresentada por Eugène Delacroix. Nem a distância física a que se encontravam adoçava a metáfora do tigre filando o cavalo pela garganta, de emboscada, pela ânsia selvagem com que se espiavam, ela ágil e instintiva, ele perplexo e fulminado.

Nuno, vendo o amigo suspenso a meio duma frase demolidora do absolutismo vigente em Portugal, seguiu-lhe o olhar e socorreu aquele embaraço com uma observação plena de malícia:

- O coração é um bom auxiliar dos nossos designios, sobretudo se pulsar ao compasso da nossa razão...

Alguém comentou que o português perdera o fio da conversa nas brumas do sonho da liberdade, mas que todo o sonho era realizável, que eles tinham mudado a França em três dias e bem podiam dar-se ao luxo de levar três anos a mudar o mundo. Outro contestou a transformação da França, afirmando que a divinização do dinheiro haveria de trazer tanta opressão como a que gerara a divinização do trono, e que só a República...

Filipe estava, porém, de espírito ausente, revendo o rosto rosado de Christine e recordando as horas clandestinas e plenas do *hôtel particulier* dos Sauvigny, deliciosas feridas que o frenesim revolucionário dos últimos meses anestesiara sem cauterizar. E, no entanto, era em Margarida que pensava, revolvendo-se nos remorsos que o atenazavam mesclados com esperanças desencontradas, próximas e longínquas, enquanto lhe punham à frente o capão assado. O resto da refeição foi para ele um tormento, mergulhado num devaneio sorumbático, confundido pela troca dardejante de olhares selváticos humedecidos por uma certa nostalgia que parecia embaraçá-lo mais que Christine.

O ágape arrastou-se em brindes regados pelo champanhe, de tal modo que o casal de T. concluiu primeiro a refeição e, retirando-se, passou junto à mesa dos liberais. Nuno ergueu-se e cumprimentou-os com uma vénia cerimoniosa, imitado por Filipe, que só então viu o ventre muito inflado de Christine anunciando um final de gravidez bem próximo. Foi então que os olhos dela perderam o fulgor animal e se detiveram

demoradamente em Filipe de Villepin, de áscuas apagadas por uma fugaz melancolia, como se estivesse acariciando ternamente o passado.

Se perguntassem a Filipe como era o marido de Christine ele não poderia ter respondido. Positivamente não o vira, de modo que, quando Nuno se referiu ao estômago proeminente do barão de T. e ao facto de ele ter mais vinte anos que a mulher mas aparentar a diferença mais de trinta, o amigo pestanejou e discordou com muitas hesitações, achando-se a falar por falar, ou simplesmente a recuperar o uso da voz embargada por uma genuína emoção e muitos cálculos de cabeça que não batiam certos com o volume do ventre de Christine de T.

Achou-se à porta do Rocher de Concale, entre a companhia bulhenta que decidia destino para a noite, adiantando o debate sobre as ilusões perdidas em oito meses de esbracejar inútil, que os traziam de regresso à utopia suspensa pelos que erguiam os muros do Poder e lhes marginalizavam de novo os ideais. Lembravam eles que até o poeta Béranger, cujas canções tanto haviam ajudado a ascensão dos banqueiros e a subida ao trono do novo rei dos franceses, voltara a produzi-las, mas como lamentos que Nuno recitava com muita nostalgia, na Rua de Montorgueil, com os amigos repetindo o refrão:

Chanson, reprends ta couronne! - Messieurs, grand merci!

Te voilà donc restaurée, Chanson, mes amours! Tricolore et sans livrée Montre-toi toujours Ne crains plus qu'on t'emprisonne, Du moins à Poissy... Chanson, reprends ta couronne! Messieurs, grand merci!

E outro declamava, intercalando mais versos recentes de Béranger nas recordações comovidas da revolução de Julho:

Qui découvrit un nouveau monde? Un fou qu'on raillait en tout lieu! Sur la croix, que son sang inonde, Un fou qui meurt nous lègue un Dieu! Si demain, oubliant d'éclore, Le jour manquait, eh bien, demain, Quelque fou trouverait encore Un flambeau pour le genre humain!

Outro dizia-se nostálgico de poemas mais combatentes, Le vieux

drapeau, Souvenir du peuple, Frétillon...

Agarravam-se alguns aos progressos conseguidos com gestos generosos que haviam convencido a Câmara dos Deputados a votar a abolição da pena de morte, à solidariedade para com o abade Châtel, criador duma nova igreja católica, que dizia as missas em francês, casava segundo o Código Civil e, por isso, fora excomungado, posto no índice e declarado herético.

Daquelas memórias recentes acabava por destacar-se um incêndio de esperança numa solidariedade dispersa mas unificada na liberdade, gritando vivas pela Polónia esmagada pelos cossacos, pela Irlanda, por Modena, por Milão, pela Espanha. E por Portugal.

Descendo a Rua de Montorgueil onde se acendiam os lampiões, uma pequena tropa de liberais soltava o coro da Parisienne, hino nascido nas barricadas de Julho.

Filipe de Villepin tentava apagar com aquelas militâncias, consideravelmente platónicas, o perfil arrogante de Christine empinando o ventre e fulminando-o com um olhar que pedia as contas dum equívoco.

E duma paixão?...

Raimundo da Anunciação mudara-se da Rua da Cossonerie para o prédio da Rua Saint-Jacques onde vivia Juliette, logo após as jornadas de Julho. Vagara uma mansarda sobre o atelier de costura e, embora tivesse que arrostar com mais um íngreme lance de escada, conquistara um excelente espaço para a prática da sua arte e passava a partilhar em permanência o tecto de Juliette.

A exposição que apresentara numa galeria de Saint-André des Arts constituíra um sucesso moderado e o seu Calvaire à la Porte Saint-Denis - quadro épico da barricada onde se batera, tendo em primeiro plano a agonia dum pedreiro de Montrouge - recebera gerais elogios e fora adquirido por um banqueiro da Chaussée d'Antan.

Longe ficavam os dias em que iludia a fome com os baignets dos vendedores ambulantes do Pont Neuf e abancava, nos momentos fastos,

na Flicoteaux, diante duma refeição de sessenta cêntimos, pão incluído, na companhia dos estudantes pobres da Sorbonne, de jovens artistas que sonhavam a glória e serventes de livreiros que aspiravam à fama e proveito da notoriedade literária. Frequentava agora o Café Voltaire da Praça do Odéon, no Bairro Latino, e mantinha-se também fiel ao Lamblin, perto de casa e dos jornais a quem vendia, de quando em quando, gravuras que ilustravam artigos da nata do jornalismo e da política.

Quinze dias após o ágape do Rocher de Concale, Filipe escalou os três andares da Rua Saint-Jacques em busca do pai Raimundo. Invadiu-lhe a mansarda, onde avultava o cavalete com o esboço inacabado dum auto-retrato do artista. Deixando-se cair numa poltrona com um fundíssimo suspiro, arfando por via da angústia e da pressa com que galgara as escadas, declarou que queria desabafar do desnorte em que andava por via de lhe estarem partindo o coração dois amores impossíveis.

Raimundo ouviu, com paciente atenção, o desfiar do rosário que empecava a alma do filho adoptivo.

Poupo ao leitor o relato minucioso das relíquias sentimentais que se encastoavam na memória que o jovem Villepin talvez venha a evocar no outono da vida, com uma distante serenidade bem diferente das penas que então o laceravam. Contou ele o encontro silencioso do Rocher de Concale, dramatizando o dardejar dos olhares acerados e cúmplices trocados com Christine, anunciou que ela dera à luz um varão, dias depois, e extraiu da algibeira da sobrecasaca um bilhete amarrotado pelas mãos febris e talvez humedecido por uma lágrima traiçoeira.

O pintor leu o papel, que era muito lacónico e misterioso: «Senhor, conhecestes-me donzela, sendo livre o meu coração. Espero que não desdenheis conhecer-me mãe, sendo o meu coração prisioneiro. Não desespero da vossa bondade ao convidar-vos para o chá, às quatro da tarde, no dia 5 de Abril, no n.º 20 da Chaussée d'Antan, minha nova morada. Christine de T.» Raimundo franziu a testa, devolveu o bilhete e considerou fundadas as suspeitas de que o menino seria filho de Filipe.

- Ora isto, a ser verdade, não muda coisa nenhuma - comentou o artista. - Quando muito, aumenta os perigos de reatares uma ligação condenada desde o início, porque já então não tinhas o coração livre. Ou será que me engano?

O jovem concordou e exprimiu veementes protestos de fidelidade a Margarida, encarecendo no entanto a lonjura e a prolongada separação, a que juntava dúvidas do regresso à pátria.

- Será que perdeste a esperança, agora que a causa liberal tem o apoio político e material da França e da Inglaterra, agora que o Miguel e a sua corja estão mais isolados que nunca, agora que o general La Fayette adoptou o nosso Saldanha e está em vias de nos conseguir financiamento para uma expedição decisiva?!

- Não, pai Raimundo. Não perdi a esperança. Mas... Se Christine é a mãe do... meu filho...

- Christine é a baronesa de T. - cortou, definitivo, Raimundo da Anunciação. - No seu meio e face à sociedade, é só isso que conta.

Filipe penitenciou-se, resfolegou honradas revoltas em que entravam por igual as penas dos conventos e as das masmorras absolutistas. E Raimundo compreendeu que, se aquele sofrimento se estava transferindo do coração para a consciência, continuava Christine a disputar o lugar de Margarida. Alarmou-se porque as suas muitas ilusões não lhe ofuscavam a lucidez de saber muito bem como o amor e a rebeldia eram inseparáveis nas convicções liberais de Filipe.

- Toma cuidado. Christine e a França são a nuvem, Portugal e Margarida são Juno. Tens vinte e três anos e a tua vida está a começar. Não confundas as quimeras com a quimera que provaste na revolução de Julho. Não se compara o valor do que somos capazes de construir nós mesmos com o que os outros fazem por nós. É este o sentido da liberdade e da independência, é esta a razão das nossas vidas. Nem o peso dos meus muitos anos me arredou dum sonho que pertence à humanidade.

- Amo-as a ambas, pai Raimundo - desabafou Filipe,

marejando-se-lhe os olhos, muito distante da moral social que lhe pregava o pintor.

Este entendeu como lhe fraquejavam os argumentos e refreou a vontade de lhe confessar como, nos seus vinte anos, acreditava firmemente que as mulheres eram o diabo - fora isto no tempo em que, amando secretamente Mariana Maldonado de Villepin, se deitava com a vivandeira dum coronel chamada Juliette, quando as expedições do exército do Junot pelo Portugal ocupado afastavam do quartel de Mafra os seus melhores oficiais.

Soaram no soalho umas pancadas cavas, percutidas no tecto da sala de baixo.

- É a minha Juliette a chamar-me para o jantar... Tempo virá, meu Filipe, em que apreciarás os prazeres dum amor consistente e persistente. Então não terás que arrepender-te de nada.

Ergueram-se. E abraçaram-se com aquela antiga amizade que não precisava de palavras nenhuma.

«Os pesadelos da minha solidão são nada, se comparados com a loucura cruel que sai às ruas de Lisboa a caçar estrangeiros e liberais. Aqui me chegam os ecos das perseguições ensandecidas, o manejo do cacete, as prisões cheias, os garrotes de Março, o esbulho dos bens dos emigrados. É como se o governo da pobre Nação se limitasse a gerir os impulsos dos labrotes a quem se dá autoridade e a intimidade de despachos improvisados nas antecâmaras reais e nos salões onde só se lêem as cartilhas legitimistas - «A Besta Esfolada» e outros mimos que também circulam nestes claustros, onde a fúria realista parece desencadear mais devoção que o catecismo e mais fervor que a caridade cristã.

«Meu Filipe, se antes me couracei de firmeza que reguei com muitas lágrimas, amparada à profunda amizade de D. Joana, lanço-te agora um grito de alarme e de revolta. Mau grado a minha vontade inabalável, que ganhou a dureza ao contacto destas paredes frias e

espessas que me têm prisioneira, não sei como suportar muito mais tempo o negrume por onde se escoam os meus dias, sem vislumbrar uma réstea de luz que ilumine o nosso futuro.

«Estou há três meses sem carta tua. Espero que as minhas estejam chegando às tuas mãos, que grandemente receio estarem as dos esbirros e espões interceptando quanto escrevemos, única fibra sensível que me liga ao mundo e à vida, se vida é esperar quando a esperança se consome como a vela que está alumando estas palavras. Com elas te digo da sobrevivência duma paixão, que se confunde com o orgulho que abre exceção para o teu tão prolongado silêncio.»

O dilema amoroso que Filipe vivia em Paris não diminuía em nada a produção epistolar com destino ao Convento de Chelas. O que aconteceu foi terem filado a dedicada Rita da Silva umas febres bravíssimas e misteriosas, resistentes a infusões e emplastros, impávidas perante as práticas da Zulmira curandeira e a ciência dum físico com gabinete a São Domingos, chamado com muita aflição pelo Sr. Inácio, em pânico, quando começaram a crescer uns leicên ços purulentos nas virilhas da sua Rita, que esteve às portas da morte umas duas semanas, macerada por cataplasmas de urgelão e de erva pegamassa, pó de murtinhos, unguentos de massicote, semicúpios de malva e chás de toda a casta, sudoríferos, diuréticos, antiespasmódicos, peitorais, digestivos. O Sr. Inácio chegou a trazer-lhe à cabeceira um cirurgião de renome que praticava no Hospital da Misericórdia, o qual, indeciso entre o fígado e o baço, quis sangrá-la, enquanto a Rita delirava numa algaraviada comprometedora, intermeando o nome de Margarida e o de Filipe que temia não voltar a ver. Que escondessem as cartas e não lhes rompessem as obreias, gemia, de olhos revirados, alternando suspiros com guinchos de dor e de angústia com que lastimava os seus meninos e execrava a secreta do conde de Basto e as malfeitorias do seu João que andava perdido.

O Sr. Inácio enxotava as vizinhas dos delírios, muito ralado,

tossindo grosso para cobrir os desatinos comprometedores da mulher.

O João veio vê-la e testemunhou um daqueles acessos em que avultava a clandestinidade do carteio entre Chelas e Paris. Franziu o sobrolho.

- Ora ponha-se lá boa, que vossemecê está madura para os calabouços do Aljube. Isso foi praga que as bestas dos malhados lhe pegaram. Anda metida com eles, agora queixe-se.

E abalou, não sem amedrontar o Sr. Inácio com ameaças de estarim, por convivência com inimigos do rei legítimo.

A rijeza da Rita, mais que as mezinhas ervanárias e os palpites dos clínicos, derrotou os antrazes, que explodiram, secaram, começaram a cicatrizar; foi-se-lhe a febre, gradualmente. E quando entrou a Primavera, anunciada pelas sardinheiras e pelos craveiros floridos nas sacadas do bairro, a Rita convalescia, muito fraca, empurrando para os gorgomilos, desganada, o caldo de carneiro e a galinha cozida que, muito dedicadamente, lhe dava à boca o Sr. Inácio.

- E as cartinhas dos nossos meninos, homem?... - suspirava.

- Ó mulher, deixa lá as alcovitices! Ainda nos toca alguma coça de cacete, se não pior, por via desses namoros que te hão-de desgraçar!

Mas ela cismava no dever que se impusera, numa teima que fortalecia com os caldos. De tal modo que, arrostando com umas tonturas de debilidade, tremendo-lhe as pernas ainda pouco firmes, escapuliu-se à vigilância do marido e demandou o caminho do quinchoso da irmã do hortelão do convento que ficava para as bandas do Chafariz dos Cavalos.

Era isto nos começos de Abril, em manhã de sol matreiro arrefecido pela brisa encanada pelo Tejo acima, vaporando odores de maresia. A Rita entregou as cartas de Filipe que sempre tivera escondidas debaixo da enxerga, para não comprometer o seu homem, dissimulou as de Margarida entre a blusa e o corpete, e retomou assim o serviço de correio, sentindo a alma limpa, como o sangue que recomeçava a correr-lhe nas veias ao ritmo certo da vida regateada à parca que a

ensombrara.

- Diabos levem a mulher, que nunca vi mais rebelona! - exclamou o Sr. Inácio, à porta da loja, de mãos nas ilhargas e muito esbarrigado, oscilando entre a zanga e a ternura, vendo a mulher muito direita, a fincar os passos na calçada com o exagero de quem ainda não se fiava na firmeza de antes.

Um rebuliço crescia na calçada que descia do Castelo, garotos descalços guinchavam, aos pinchos, rodeando uns mariolas de porta de taberna que jogavam empurrões a uma mulher de meia-idade. Um mais ousado rasgou-lhe o vestido, outro ameaçou-a com o punho, tudo com acompanhamento de palavrões dos mais reles, enquanto gentes espreitavam pelas frinchas das portas com muita prudência.

- Anda para dentro, ó Rita - dizia o Sr. Inácio, muito vermelho, amparando-a pelo cotovelo. - São os caceteiros da tasca do Redondo a cascarem na mulher do Pinto escrivão. Diacho da mulher! Que lhe havia de dar para vir à rua vestida de azul e branco...

a Rita, muito séria, cruzando a porta contravontade:

- Grande corja! E são estes valentões que fazem reinar o Miguel!
Valha-nos Deus!

- Cala-te mulher, que nos desgraças!

o Sr. Inácio empurrava-a vivamente para os fundos da loja, correndo depois a trancar a porta.

Cá fora, uma vizinha comentou, de olhos em alvo:

- A senhora Felícia ouviu?! A Ti Rita, uma mulher tão asseada, a falar por conta dos malhados! a outra, benzendo-se:

- E tão rezadeira que ela era! Aquilo foi o Diabo que lhe entrou no corpo pelos antrazes e ainda não abalou...

Com um vergão na cara e chorando desabaladamente, a mulher do Pinto safava-se para casa, arrependendo os farrapos do vestido azul e branco, a esconder a humilhação e a vergonha das cores inimigas do senhor D. Miguel I.

Noutras paragens, o João, na moína com o Zeca da Infantaria 4, fizera por esquecer as arrelias que a mãe lhe dava. Jogava forte no bilhar. Enquanto a Gracinda, na casa da Rua Fresca, ia trocando a botija da Holanda por um estudante com quarto no sótão do mesmo prédio, por nem a melhor genebra se comparar com os impulsos insaciáveis dum rapaz desempenado, nas primícias da vida. Voltava-lhe a garridice, desabrochava, sem que o tonto do João desse pelo adubo a florir-lhe o canteiro que vinha desmazelando.

O coronel José de Almeida apontou a espada suspensa duns ganchos na parede, por cima da lareira. Tremia-lhe a voz de indignação:

- Cá havemos de o derrotar, mais a sua quadrilha de traidores! Se ousar.

Trouxera-lhe o abade Domingos, mensageiro entre o paquete e a mansão da Lapa, a nova da chegada à Europa do imperador D. Pedro, obrigado a abdicar da coroa do Brasil. E, com isto, mais rumores sobre uma campanha que os liberais preparavam na Terceira contra as outras ilhas do arquipélago.

O padre, secando suores do pescoço com o tabaqueiro, jeremiou:

- Têm sete foles os pedreiros... São tal qual os diabos, como diz José Agostinho na folha de Abril. Uma loja maçónica e o inferno é tudo o mesmo. Não deixam de rebelar-se e de conspirar contra Deus. São o diabo, senhor D. José!

Entrou António, esbaforido, tocado pela notícia que corria célere. Foi depor o ósculo na mão de seu pai e espumou tremenda diatribe contra o brasileiro que, expulso do Rio pelos «macacos, as araras e as mulatas», vinha para escabichar perfidias em Londres e Paris. Era um traidor que até passara cartas de corso contra os navios portugueses quando roubara o Brasil. E vinha coligar-se com os inimigos da pátria que estavam exigindo, com ameaças, pesadas compensações e a libertação de assassinos e hereges estrangeiros condenados à deportação, em vez de terem já estrebuchado nas forcas que não se levantavam em quantidade

bastante, devido ao amolecimento dos palacianos de Queluz e aos mações que andavam disfarçados de amigos e conselheiros do rei.

Preconizava a mobilização dum grande exército e visionava, na sua exaltação, hordas de novos cruzados arriçadas de cruzes e de espadas. Que, em vez disto, rastejavam, muito diplomatas, pelas chancelarias, a pedir clemência, empréstimos, rapalhas, com muita pânria e pouca vergonha. Arrepelava as suíças, acusando os ministros que, segundo ele, nem pareciam homens que pusessem navalha na cara. E prometia-se voluntário para embarcar na esquadra e dar uma tunda nos malhados dos Açores.

- A esquadra já lá foi, há dois anos. Para nada... - lembrou-lhe o pai.

O filho escabujou, insinuando traições, apurando-se a proclamar a urgência de purgas a que só escapassem os fiéis da verdade, numa pátria limpa de estrangeiros, letrados, pretos e judeus.

O padre Domingos benzeu-se, a pensar como aquela santa fúria se comparava à parábola de Jesus a expulsar os vendilhões do templo.

- Os clérigos hão-de estar na primeira linha...

- Se manejarem com mais presteza o fuzil do que a doutrina dos Evangelhos! - rematou António de Almeida, muito exigente.

Quando o sargento Francisco Alves viu o Sr. Rodas ser mandado para o segredo de joelhos, a recitar um acto de contrição ditado pelo capitão Maia - «Pesa-me, meu rei, de vos ter ofendido; prometo nunca mais o fazer...» - e o Fandango jazendo na parada numa poça de sangue, martirizado pelas cacetadas e pontapés do esbirro Almada e do Teles Jordão em pessoa, quando a tudo isto assistiu e ao muito mais que em dez meses de cárcere havia testemunhado, o Francisco proclamou-se a si mesmo liberal como forma melhor de ser inimigo dos algozes e alimentar sonhos de justa e feroz vingança. Tinha perdido a esperança de ser restituído ao quartel de Infantaria 16.

As luzes da sua nova razão acendiam-lhe os senhores Souza

Atayde, pai e filho, penando desde 28, nas masmorras do Castelo e, depois, naquela Torre de má morte onde há meses o agasalhavam com solidariedades de náufragos da doida galé de pedra de São Julião da Barra, repartindo com ele as moedas com que se compravam comida tragável e favores dos grilhetas. Eram estes, respectivamente, o marido e o filho daquela D. Joana encerrada no Convento de Chelas que acarinhava com afectos de mãe Margarida de Almeida.

O sargento Alves personalizava o mais consistente ódio no ex-protégido João da Silva, multiplicando-lhe as vítimas e incluindo no seu número quantos a sua imaginação embravecida era capaz. Falou do João aos Souza Atayde como dum monstro de quem estudara a biografia ao minuto, e imputava-lhe muitas das desgraças que povoavam as masmorras da Torre, as celas dos conventos e as vielas das cidades estrangeiras, generalizando o seu próprio exemplo, o da menina Almeida e a do irmão de leite beleguim, obrigado a emigrar por via das suas delações. Exagerava, nos momentos em que a revolta o submergia. E fazia contrição quando, na sombra das abóbodas do revelim ou do segredo, se julgava punido pela Providência com a privação da luz do Sol nas ruas da cidade e dos candeios de azeite nas tascas da fadistice. Então, confessava as suas faltas aos Souza Atayde, penitenciando-se das cumplicidades com o ultramontanismo do marquês de Chaves e com os bufos do conde de Basto, aguando-se-lhe os olhos de arrependimento e duma grande ânsia de desforras definitivas.

O baxá Jordão, verificando a total improdutividade daquele espião infiltrado contravontade entre os presos liberais, castigou-o primeiro com esquecimento e desprezo mas, ressentindo o fracasso, passou a persegui-lo por traidor, colocando-o entre os primeiros suspeitos de desacatos ao regulamento da prisão que era, sobretudo, o seu arbítrio boçal e brutal. Mandava vará-lo se dava por racha numa lingueta de porta, se ouvia um assobio com vaga semelhança ao hino constitucional, se um malandro denunciava o telégrafo clandestino batido nas paredes de

cárcere para cárcere; e enfiava-o nos segredos da cave, dias a fio, na podridão limosa das paredes húmidas, respirando o fedor do barril por despejar, sem luz nem alma viva.

O sargento Francisco Alves enrijecia, crispava-se, mas falava sozinho à sua solidão em que começaram a entremear-se crises súbitas de misticismo, durante as quais dialogava com a liberdade como se fosse Deus e com Deus como se da liberdade se tratasse. Procurava então o padre Rodrigo Lobo de Meneses, presbítero do Minho, que se encontrava condenado a degredo perpétuo para Caconda, e a ele abria a alma em confissões a sério, encarecendo os pecados que lhe atravancavam a memória realista e deixando cair as lágrimas no peito onde dava vigorosos socos de mea culpa, entaramelando as mesmas orações que rezara antes das escaramuças contra os liberais, sete anos antes.

D. Luís de Souza Atayde e seu filho Fernando consideravam, não sem fundamento, que ao Alves se lhe opilava a razão, pouco a pouco, rentando a loucura perigosamente, nos seus bruscos contrastes de silenciosa meditação com acessos de raiva feroz, nas alternâncias do discorrer sobre vinganças sanguinárias com as melancolias profundas que o prostravam nos braços de Deus, isto é, do presbítero Meneses.

Quando se soube no revelim, pelos gelos do Natal, que morrera na casa do farol o Sr. Pedro de Mello Breiner, à mingua de cuidados e só assistido pelo conde e pela condessa de Subserra, também ambos encarcerados no piso inferior, o sargento Alves pôs-se a entoar o Bendito, com voz de baixo, soturno, horas a fio, indiferente aos rogos dos companheiros para que se calasse, até que veio o filho do Teles Jordão, já feito alferes, tapar-lhe a boca à força de bofetões, transferindo-o depois para o segredo, de anjinhos nos dedos que logo começaram a sangrar por causa dos muitos safanões com que resistiu aos soldados.

Voltou a ingressar nas masmorras da cave, em 22 de Fevereiro, data do aniversário natalício de D. Miguel, por não ter respondido aos vivas da soldadesca que das clarabóias da cela 130, onde então se

encontrava, bombardeavam os presos com pedradas, terra, insultos e os regavam com urina.

A sua compleição era, porém, solidíssima, muito rijo e seco, a arremedar aos granitos da Estrela onde nascera e forjara uma resistência surpreendente às violências a que se expunha. Nas pausas de mansidão, ajudava o coronel Paula, o Nunes Amado e o padre Fabião no passatempo em que se entretinham com pedaços de papelão e farrapos de pano, com que fabricavam caixas, carteiras, papeteiras, toucadores e até tabuleiros de gamão. Dizia então o sargento Alves que estava a afeiçoar as mãos, para que não falhassem quando as deitasse aos gorgomilos do Jordão e sequazes, no grande dia em que a liberdade arrancasse as grades do cárcere e Deus ali descesse com o gládio da sua infinita justiça.

- Sei muito bem quem é - lembrou subitamente Nuno de Almeida, folheando o livrinho que lhe mostrava Filipe. - Esteve aí há uns anos, vindo de Londres... Era então caixeiro da Casa Laffitte no Havre.

Referia-se ele ao autor, Almeida Garrett, que há meses pudera ver editada aquela obra chamada Portugal na Balança da Europa. Nela expunha algumas verdades óbvias e esgrimia pela causa liberal, animado pela «grande vitória da civilização ganha em Paris». O romantismo luso resumia-se ainda a dois poemas que ele escrevera durante o primeiro exílio, em 25 e 26.

O certo é que o moral dos emigrados alcandorava-se até à altura das mais simples ambições que mal sonhavam meses antes: voltar à pátria, derrotar os realistas e proclamar a liberdade que, para a maioria, tinha por bandeira o imperador e sua filha D. Maria da Glória, a quem visionavam no trono empunhando a Carta Constitucional. Tirante alguns que se atreviam a murmurar coisas lunáticas sobre o fim dos reis, todos os outros se contentavam com o grande desígnio de transportarem consigo a solução francesa da monarquia constitucional que o venerando La Fayette consagrara como «a melhor das repúblicas», no rescaldo da revolução de Julho.

O imperador, a imperatriz e a rainha menina estavam já em Londres, no Hotel Clarendon. E os radicais do general Saldanha, contra a corrente, viam em D. Pedro outra edição de seu mano Miguel ou um bonifrate nas mãos do marquês de Palmela a quem dedicavam um ódio militante. O general e os Passos escreviam contra eles panfletos incendiários. Filipe de Villepin, muito descoroçoado por tantas intrigas e divisões, dizia a Nuno de Almeida que «aqueles homens não estavam à altura das ideias». Nuno sorria e empolava um certo cinismo cosmopolita:

- Sempre assim foi, meu caro. E assim há-de ser. As ideias não são pouca coisa para derrubar os déspotas. Mas também são precisos os banqueiros para pagarem as armas e o soldo a quem tem que jogar a vida para a ganhar.

O amigo abanava a cabeça, céptico, levava aos lábios o copo de orchata, à mesa do Café Lamblin, e lamentava a desunião liberal com um romantismo ainda mais aceso do que aquele que percorria a prosa do Sr. Garrett.

A troca epistolar com Margarida retomara a regularidade de antes, mas a aura da esperança era outra, a que lhes insuflava o novo ar de Londres e Paris e os projectos de expedição libertadora.

Christine era o oposto do futuro, uma ilusão que durava enquanto a história não navegasse para Portugal. Porém, numa das ocasiões em que puderam repetir os transportes duma sensualidade recuperada, ela confessou-lhe que o filho era dele e que, se tivera que ceder a dar-lhe o nome dum remoto antepassado do barão seu marido, lhe chamava Filipe com o coração, por ser o nome do pai e do amante ingrato que queria abandoná-la pela ilusão dum reino livre. O seu amor era uma manifestação furial, estranhamente conciliada com as conveniências sociais porque, abaixo da superfície carnal que a enlouquecia, imperava a consciência do impossível que apenas profiava na plenitude dum instante que poderia sempre ser o último. O orgulho de Christine vacilava, portanto, nas mãos de Filipe - apenas resistia no joguetear teatral dos

salões, onde ambos representavam como actores consumados as personagens que em sociedade lhes cabiam.

Saía Filipe destes embates, os da alcova e os dos salões, muito malsinado, avaliando-se cabotino à força, e com uma grande cisma pelo filho, um misto de afeição e remorso, que o deixava insone algumas noites em que também o visitava a imagem, já muito esbatida, de Margarida às grades dum parlatório conventual, expondo a miséria do seu penar como uma condenação de perdão impossível. Jurava então a si mesmo, com muita sinceridade, ir ao arrasto da honra que era o compromisso da jornada entre Paris e Chelas. E negava-se a questionar se ainda era o amor o que o movia, de cambulhada com os projectos guerreiros para implantar a liberdade em Portugal.

Reincidia nos braços de Christine, como que abandonado à atracção dum pego, de onde emergia afogado na vaza tão repelente como era fascinante o impulso do mergulho.

Furtava-se ao pai Raimundo, por não poder seguir os conselhos que ele lhe dava e por vê-lo muito sedento de revoluções, a reboque do general Saldanha, que, na opinião de Filipe, só queria disputar ao Palmela a direcção das hostes liberais.

Discutiam agora, espaçadamente, estas distintas polémicas de amores e políticas. E o pintor, um dia, desabafou com mágua:

- Meu Filipe, os nossos caminhos divergiram quando voltaste de Orleães com a herança dum cavaleiro do rei de França. Eu sublimei a minha condição e tu passaste a usar as sobrecasacas dos alfaiates da Praça Vendôme. Sejam os amigos e respeitemos as nossas toilettes, as que nos resguardam do frio e as que nos vestem a alma.

Voltou Filipe a atordoar-se com as libertinagens para onde Nuno o puxava, casinos, bordéis, cabarés de duvidosa fama, e também os salões mais na berra, o de Lady Morgan, o de Humboldt. Certa noite, improvisaram-se padrinhos dum capitão regressado da Argélia, envolvido num duelo à espada. O moço, embriagado, defendia o nome duma mulher

emporcalhado por uma jolda de jogadores de bilhar do Café Français. Atirara a luva a um deles e acabou com o rosto acutilado, vomitando o vinho da noite, nos braços dos amigos de ocasião que em charola o levaram a casa. Tiveram então a surpresa de verificar que o pai do mancebo era aquele coronel Goriot a quem Carlos de Almeida recomendara Filipe para o ajudar a romper as brumas do passado da família. Também ele voltara do Norte de África com o general Bourmont, muito festejados pela vitória.

O coronel repreendeu o filho - que andava vendendo barata a honra da família, a ponto de se fazer sangrar pela espada do primeiro troquilha, esquecendo o brio militar louvado no assalto ao forte de Argel. E agradeceu a bondade de lhe trazerem a casa aquele boémio. Reconheceu Filipe e, ao identificar Nuno como filho do seu amigo Carlos de Almeida, com quem partilhava ideais bonapartistas, desabafou:

- Meus amigos, prouvera a Deus que o meu filho encontrasse ao menos uma causa nobre em que desafogasse a sua loucura e a sua valentia. É uma alma generosa, um bom soldado, mas uma fraca cabeça.

E recordou, depois, as campanhas da Península com o exército napoleónico, mencionando lugares com nomes portugueses, onde lutara protegendo a retirada das tropas de Massena. Elogiou a bravura dos soldados lusitanos e só rezingou contra o fanatismo cruel dos frades que andavam nas guerrilhas.

Ao deitar-se, Filipe, suando os álcoóis engorgitados, receava aquele pesadelo em que não conseguia emergir do pego sombrio em que mergulhava, incapaz de se libertar dos braços de Christine que empurravam para o fundo simulando querer salvá-lo. Amaldiçoava-a ternamente, agravando-se-lhe o remorso por não estar sofrendo o que devia por Margarida encarcerada.

Quando o João da Silva trouxe certa tarde, sem aviso prévio, o Zeca da música de Infantaria 4 para jantar na casa da Rua Fresca, a catástrofe esteve iminente. Valeram na emergência o bom ouvido da

Gracinda, identificando a voz do João sob a sacada, antes dele empurrar a porta da rua, e a agilidade do estudante, arrebanhando a roupa galgando a escada até às águas-furtadas, praticamente em coiros. Na aflição, deixou para trás uma bota que a mulata arremeçou para debaixo da cama, simulando de imediato uma sesta fora de horas quando o João lhe entrou no quarto a pedir janta para mais um. A Gracinda, com o engulho do susto a pular-lhe à boca, comediou, espalmando a mão direita em cima do coração, sob a cambraia da camisa interior que mal lhe escondia o seio arfante.

- Credo, homem! Que me assustaste!

Não podia ser mais sincera.

Depois, penteou-se, empoou-se, perfumou-se com alfazema, moldou-se ao corpete, enfiou um vestido de seda verde amplamente decotado, coloriu as faces de carmim. E foi cumprimentar o convidado, antes de passar à cozinha a arredondar e ultimar o guisado de coelho, que pusera em lume muito brando para dar tempo à incursão do estudante.

Quando se amesendaram, o Zeca Rodrigues tinha mais gula no olhar derramado no decote da mulata que nas papilas gustativas por onde passavam as febras do coelho e os feijões do acompanhamento. Sensível aos langores do cabo da requinta, avaliando-lhe o fulgor dos olhos pretos, os beiços sensuais e o bigode de pontas enceradas, devolvia-lhe a admiração com miradas picantes e a fresta dum sorriso agaiatado, aproveitando a lambarice do João que só tinha olhos e boca para o guisado.

Entre flatos oriundos do refogado, bebericando o resto do tinto do carvoeiro, que estava de repica-ponto, palestraram sobre a estada do «brasileiro» na Europa, recebido por reis de opereta que lá fingiam reinar, a reboque da pedreirada maçónica. Quem usava este linguajar era o João da Silva, que o outro era mais polido e dizia «D. Pedro», «el-rei Luís-Filipe» e «os liberais». O beleguim zombava deste vocabulário e, com muita bazófia, desafiava essa corja de emigrados traidores a vir meter-se com ele barra do

Tejo adentro, em vez de mandarem a esquadra francesa buscar os facínoras que ele ajudara a prender e estavam condenados ao degredo.

De facto, havia já quinze barcos de guerra franceses, comandados pelo almirante Roussin, alinhados entre Cascais e São Julião. E discutiam-se tratos para lhes dar o dinheiro das reparações que exigiam e mais o que lhes desse na veneta. João da Silva, convicto da força da Marinha portuguesa postada em frente de Lisboa, garantia que os franceses haviam de ir todos ao fundo, se se atrevessem a passar de Belém. Explicava, movimentando copos e talheres, a ratoeira naval que armara o senhor conde de Basto e o modo como a batalha iria decorrer. E, enquanto imaginárias bombardas metiam a pique uma colher e dois garfos, o cabo Zeca piscava o olho à Gracinda, que entreabria mais a fresta do sorriso e logo fingia um grande entusiasmo pela derrota do almirante Roussin.

Foi então que bateu à porta um ordenança, que vinha da parte dos seus chefes convocar com muitas pressas o Sr. João da Silva. Acabou-se, de supetão, a batalha naval, o quilo e o namoro. E os comparsas acorreram ao apelo do dever, o João para as devassas e o Zeca para Infantaria 4, porque o ordenança lhes confidenciara que estava a esquadra francesa a subir o rio e a todo o momento se esperava o combate.

Momentos depois, empunhava a Gracinda a botija da genebra para afogar a súbita solidão, soaram na porta umas tímidas pancadas. Era o estudante, em palmilhas de peúgos muito passajados. Vinha pela bota - que só tinha um par. Ainda lhe tremelicava a voz, muito pálido e assustado. Declinou o convite para entrar, firmemente decidido a resistir à tentação que lhe podia custar o pêlo. A Gracinda devolveu-lhe a bota, trazendo-a suspensa pelos atacadores, entre o indicador e polegar da mão direita, com um olhar zombador e uma careta de muito desprezo por tal cagarola. Tinha a mona ocupada em comparações muito favoráveis ao músico de Infantaria 4 e, ao fechar a porta na cara pasmada do dono da bota, fê-lo com um desdém definitivo de quem se descompromete dum

amanhã eventual.

Os planos do conde de Basto, exemplificados à mesa do lar da Rua Fresca, funcionaram tão bem ou tão mal que quase nem houve tiros.

O governo de D. Miguel pagou o que lhe pediram e ainda se estava discutindo a cedência da esquadra, com as suas 330 peças de artilharia, ao almirante Roussin, herói duma vitória sem combate. Entretanto, o João, com o seu bando de caceteiros, desenfreou -se distribuindo arrochos nos estrangeiros que encontravam, esca queirando o recheio das casas de suspeitos, malhando naqueles que não tinham podido fugir a tempo para os barcos franceses que, segundo alguns mais apavorados, trariam a bordo D. Pedro e partidários. Foram uns dias de zabumba, um tropel de arruaceiros, trezenas nas igrejas, muito vinho consumido pelas coragens de taberna, veladas de armas em salões e casernas, uns arrepelos de fim do mundo no alto dos púlpitos, muitas penitências, boataria, beataria, uns desesperos trágicos e impotentes vingados com bordoadas e maldições. Entrementes, o músico do 4 de Infantaria, aproveitando o patriótico labor do João, escapuliu-se do quartel, muito sorrateiro e hedonista, para o primeiro andar da Rua Fresca, a explorar docemente o vivo fruto do império que, nas justas de alcova, lhe chamava idolatrado com as sobejas razões que faltavam ao papagaio do segundo que, no poleiro da janela, assobiava a melodia do «rei chegou».

Silvavam as balas por cima das muralhas do forte e ecoavam pelas abóbadas os estoiros dos tiros vindos do rio. Os presos da Torre interrogavam-se, postados os que podiam às grades de onde mal divisavam o Tejo, mas das quais viam o susto e a confusão que lavravam na tropa da guarnição, atropelando-se à cata de abrigo, no telheiro, para o lado da casa da guarda, estendendo-se alguns atrás do peitoril da cisterna, sem que houvesse sinal de defesa coerente ou simplesmente alguém que acoresse aos canhões para responder aos disparos. O mais que faziam era zumbar nos tambores e soprar nos clarins o toque de generala, que

parecia aumentar o rebuliço e os medos. Um petardo estoirou de encontro ao murete das escadas da Torre e os estilhaços de pedra fizeram alguma moessa, que se soube depois ter sido de ferimentos ligeiros em duas sentinelas.

Pulsava uma esperança nos corações dos prisioneiros, que, dias antes, tinham avistado manobras duma canhoneira francesa e ouvido tiros de peça para as bandas de Cascais. Acudia-lhes à memória aquele dia recente em que tinham sido vergastados dois carcereiros por os terem informado da chegada de D. Pedro a Cherburgo. Ligavam uns aos outros mais alguns farrapos de notícias e, muito alvoroçados, refreavam o entusiasmo de se imaginarem restituídos à liberdade.

Erguendo os punhos para as grades, Francisco Alves bramava, de olhos injectados, rentando a demência:

- Bendita pólvora! Bendita pólvora, que está a chegar a hora da nossa redenção!

Mandavam-no calar os companheiros, receando as retaliações do desespero e ainda pouco confiantes no desenlace. Mas ele reincidia:

- Viva o imperador D. Pedro! Viva a senhora sua filha D. Maria rainha de Portugal! Chova metralha em cima da corja!

Menos de hora passada parou o retroar e, ainda mal refeitos, os sequazes do brigadeiro carcereiro vomitavam já as suas necessidades pela boca do filho do alferes:

- Venham para cá! Venham para cá e conhecerão que está aqui Teles Jordão. Ao primeiro tiro que acertarem na Torre farei fuzilar esses dois, já que disto são a causa.

Os dois a que se referia o pimpolho eram os presos franceses, Claude Sauvignet e o Edmond Bonhome. E a estas palavras, passado o bombardeamento, mais se obstinavam os encarcerados do revelim a fazer calar o delírio do sargento Alves, que só cedeu aos rogos de Luís de Souza Atayde. Arreceavam-se todos do desespero da jolda do Jordão que desejavam acoessado por uma expedição libertadora.

Dias depois, mal se consolaram, vendo os sofrimentos a eternizarem-se, ao saberem que o ataque naval resultara naquela vergonhosa humilhação do governo do Miguel, que ficava sem 800 mil francos da indemnização aos franceses e sem dois hóspedes da Torre, Bonhome e o Sauvignet, que saíram a rir-se nas faces barbadas do Teles Jordão e no rosto imberbe do seu herdeiro.

Voltou o terror a sufocar a esperança, os insultos, a pancada, o espremer as bolsas dos que ainda tinham de seu e até a caiação dos cárceres tiveram que pagar.

E voltou o sargento Alves para as masmorras do segredo, por ter dado vivas ao «brasileiro».

E o Teles Jordão, muito senhor de si e descansado do susto, rosnava para que todos o ouvissem:

- Ao menos nesta fortaleza há quem governe!

Cunegundes de Almeida, aliás Caceteira, encrespou-se em negros pensamentos, muito sanhuda e sem desabafar, ao conhecer os sucessos de entre a barra do Tejo e Lisboa. Tinha nos olhos cintilações de ferocidade idênticas às do lobo Soberano quando elegia um inimigo.

E combinava com ele, nos matos da serra do Gradil, em monólogos muito determinados, as estratégias para desbaratar todos os exércitos estrangeiros que ousassem pôr pé em rincão português. O Soberano escutava-a com a maior atenção, sentado e fitando-a, de orelhas afiladas, assentindo com curtos ganidos solidários.

Se o Manuel de Sousa, prevenido, se lhes juntava, o lobo, depois de roçar o dorso pelo surrabeco das calças do morgado, deixava o par em intimidades preambulantes e ia vaguear pelos domínios dos da sua espécie, mas solitário e fidelíssimo, com volta marcada pelo acréscimo que Cunegundes lhe inculcara no instinto.

Quem visse o Manuel e a Caceteira, na sua cama de fetos debaixo do dossel da copa dum pinheiro bravo, podia confundi-los com bichos ciosos, esbravejando em contorsões inspiradas, temperando a

natureza humana com a espontaneidade animal. As palavras de amor trocadas em tais ocasiões saíam-lhe sacudidas e cruas, sem metáforas nem amenidades, antes seleccionadas num vocabulário rupestre, inicial, elementar, com muitas onomatopeias e outros sons custosos de catalogar. Expremiavam-se suficientemente com os corpos e, quando muito, cediam à fraqueza de trocarem um ramalhete de mimosas por um punhado de amoras.

Não faziam planos nenhuns para além da guerra pressentida e da defesa do senhor D. Miguel, rei do povo e o mais rude e rústico que se podia achar. Muito austeros e exigentes, criticavam os realistas de salão, os da política e os caciques provincianos, como os Meireles, que estavam a construir no Gradil uma sumptuosa mansão para receberem el-rei que vagamente prometera visitá-los. E também achavam que não seriam as missas, as novenas e as objurgatórias do padre Casimiro baluartes muito eficazes. O que era preciso era substituir as mocas de malhar chamorros por espadas e fuzis, enquadrar hordas que não conhecessem quartel, que não se distraíssem com a rotina dos cómodos, como os terços das ordens antigas ou as hostes dos cruzados. Em vez disso, viam-se os mancebos do campo escapulirem-se para refúgios esconsos quando as autoridades vinham recrutá-los para as milícias e corpos de voluntários que só o eram de nome. À falta de melhor, faziam-se montarias ao lusque-fusque, revistavam-se casebes e palheiros, à caça de lapuzes a quem obrigavam a meia dúzia de paradas, vestiam uma farda, metiam uma espingarda nas unhas, tudo isto à custa de qualquer suspeito liberal à porta do qual colocavam um papel a requisitar os fundos para equipar os soldados. A isto estavam chamando exército.

Cunegundes e Manuel arreganhavam o dente a estes trapejos, por desconfiarem da gente arrebanhada a contragosto e por relutância a disciplina de caserna. Miravam o lobo que regressava da vagabundagem e sonhavam com guerrilhas que se assemelhassem na braveza às alcateias das serranias. E este sonho também nascia do interesse de não se

separarem, mantendo-se fiéis aos desígnios nacionais absolutos.

Ao voltarem aos arrabaldes do burgo, atravessando uma seara em plena ceifa, empinavam os cavalos, aticavam o Soberano e obrigavam os labrustes a interromper a labuta para darem vivas a D. Miguel.

A Caceteira não se iludia e murmurava, muito desdenhosa:

- Corja de saloios! Também haviam de dar vivas à Carta se a gente assim os mandasse.

Antes do Gradil, separaram-se, para atalhar as más-línguas e encurtar os caminhos de suas casas. Por alturas da várzea do Conceição, Cunegundes refreou o baio para dar as santas tardes ao padre Casimiro, que vinha da quinta, arrimado à umbrela e de breviário entalado no sovaco. Arrimou-se à berma, ao abrigo dum choupo, disfarçando muito mal o receio do lobo, que, mal o viu, mostrou as presas, a rosnar baixinho, o pêlo eriçado ao longo do espinhaço. O abade arrebanhou a coragem bastante para lembrar a Cunegundes que há meses se não confessava. Que não tinha pecados novos, respondeu ela, e os que tinha era os da natureza. Volveu-lhe o padre, muito intencional, que esses eram os piores. E ela, respondona e rápida, adivinhando o jantar farto e bem regado que ele engorgitara na quinta, disse-lhe que o pecado da gula, por exemplo, era tão natural e comum como aqueles outros em que ele estava a pensar.

Como o lobo se aproximasse a exhibir os dentes muito brancos e ponteagudos e a fariscar a bainha da sotaina, o abade Casimiro deu a palestra por finda, pedindo à menina que arredasse para lá o bicho. Antes de retomar o caminho, em passo mais estugado, abanou a cabeça, reprovativo. E benzeu-se com gestos mais largos que o usual - estava a exorcizar o Diabo e, assim como assim, a companheira do dito, que, por aquele andar, não tardaria a virar diaba também.

Nuno e Filipe abreviaram a estada em Dieppe no fim daquele Agosto de 1831. O jovem Villepin decidira acompanhar o amigo porque Christine ali passava a sua temporada de vilegiatura. Como o barão de T. também lá se encontrava, Filipe e Christine apenas puderam ver-se em

sociedade, nos bailes do Clube e num serão em casa da marquesa de Angoulême. Só num piquenique junto ao castelo d'Arques puderam trocar algumas palavras em privado que não foram além de ajustes de encontros secretos para quando voltassem a Paris. Sempre que via o filho ao colo da ama, que seguia Christine e a aia, no passeio público, na marginal ou na praia, Filipe sentia o coração oprimido e achava-se a mais infeliz das criaturas, mas, ao mesmo tempo, acarinhava aquele segredo e não podia evitar uma certa reacção de orgulho, dizendo de si para consigo que Deus sabia ser ele o pai daquele menino. Excluía Nuno e Raimundo, que também sabiam, para tornar mais íntima aquela espécie de prazer mórbido que lhe deixava um travo amargo e lhe punha no semblante um ar muito grave e meditabundo.

Fez, entretanto, conhecimento com alguns nobres portugueses emigrados e viu madame Recamier com alguns expoentes da sua corte de Abbaye-au-Bois, os quais se mudavam para Dieppe no Verão, entre os quais Elisa Mercoeur, Sainte-Beuve e Laura Junot, que continuava a ostentar o título de duquesa de Abrantes. Tomou alguns banhos de mar, jogou voltarete e gamão numa sala do Hotel Vatel onde se hospedava boa parte da aristocracia estrangeira. E cedo se aborreceu daquele limbo onde o tempo parecia parado e incólume aos grandes ideais que abriam as portas à liberdade na Europa e que ali pareciam muito menos nítidos que no convívio das tertúlias dos cafés de Paris. De modo que saudou com acrescida alegria o alvoroço causado entre o grupo dos exilados portugueses pela saída do imperador D. Pedro de Londres para França e a confirmação de que se preparava finalmente uma grande expedição para libertar Portugal. Persuadiu Nuno de Almeida a acelerar a partida para Paris onde chegaram no primeiro de Setembro.

As intrigas e divisões entre os emigrados portugueses estavam mais acesas que nunca, como se lhes importassem mais os postos que ocupariam na expedição que os altos desígnios que com ela se procurava alcançar. Filipe encontrou Raimundo da Anunciação muito saldanhista, da

roda do Rodrigo Pizarro, dos Passos, do José Liberato, do Leonel Tavares, plêiade de rousseaunianos, educados na escola do epígono Bentham, resíduos teimosos do jacobismo clássico que estivera na base da revolução de 1820, os quais tratavam como inimigos os adeptos do marquês de Palmela que estava há tempo na Terceira. Defendia o jovem Villepin a necessidade duma unidade orientada contra os inimigos a vencer, no que se revelava mais romântico que os radicais que exacerbavam o romantismo e que os aristocratas que discutiam galões e um lugar na corte de D. Pedro.

A notícia da conquista pelos liberais de todo o arquipélago dos Açores, a partir da Terceira, culminada com a epopeia do combate da Ladeira da Velha que lhes deu a ilha de São Miguel, trazia impantes os emigrados de todos os matizes e os créditos obtidos nos bancos estrangeiros mostravam não ser só eles a apostarem na campanha, igualmente apoiada pelo governo de Paris e muito timidamente pelo de Londres.

Filipe de Villepin viu o imperador pela primeira vez no Théâtre Italien. Tinha vindo de Meudon, onde o rei Louis-Philippe lhe cedera um castelo para residência. Estava num camarote com a imperatriz e a filha, a quem todos já chamavam D. Maria II, uma menina diáfana, com canudos de caracóis loiros caindo pelas fontes até aos ombros, a emoldurarem-lhe um rosto muito branco. De D. Pedro, Filipe fixou a imagem dum homem de estatura mediana, um rosto oblongo de fronte ampla, emoldurado por uma barba preta, que ocultava mal as marcas das bexigas, ralando na mosca, sob o lábio inferior vagamente bourbónico, e por uma cabeleira encaracolada apartada ao meio, e percebeu-lhe um olhar líquido, distante, um pouco melancólico, que contrastava com uma contida rudeza de gestos. Lembrou-se então das confidências dum oficial fidalgo que viera com ele do Brasil e o ouvira dizer ao conde de Barbacena, sobre o filho em quem abdicara: «Este será bem-educado, hás-de ver. Eu e o mano Miguel havemos de ser os últimos malcriados da família.»

Filipe olhava à sua volta as casacas de bom corte, os uniformes, as condecorações, as sedas e as jóias das senhoras, naquele teatro a abarrotar de emigrados que pareciam ensaiar um espectáculo de gala no São Carlos para celebração do triunfo da monarquia constitucional.

Recordava-se dos contos ouvidos aos que conheciam os sofrimentos dos barracões de Plymouth e dos depósitos da Bretanha, e envergonhava-se daquela ostentação e de ser um privilegiado no exílio estrangeiro.

Saiu do teatro e foi cear com Nuno de Almeida e um tal Sequeira que chegara de Lisboa, fugido dos cacetes. Era este Sequeira filho dum próspero cambista da Rua Augusta e estudara em Coimbra onde se ligara ao grupo do Manuel Passos e do irmão, que o mesmo é dizer ao vintismo. Parecia, porém, vacilar nas convicções e impressionou os dois amigos ao traçar-lhes um quadro sombrio daquilo a que chamava Portugal autêntico:

- Uma caterva amorfa de boçais... Incapazes de levantar a cabeça do rego que o arado vai abrindo naquela terra cansada, como hão-de pensar em levantá-la para a liberdade? Enquanto não tiverem umas luzinhas de educação, claro... Agora, amocham diante de quem manda e confundem o Miguel com a Providência, por ele cavalgar como um almocreve, ao sabor da chuva e do tempo. Qualquer procissão os embasbaca, seja a do Corpo de Deus ou a dos condenados ao patíbulo, que ambas fazem parte da liturgia que os padres e os frades praticam e pregam, pintando muito vivas as cores do inferno, que é o maior aliado da ordem miguelista. Se pensam que vão a Portugal de passeio, desenganem-se, meus amigos. Há por aí quem julgue que pondo D. Pedro o pé numa praia portuguesa e gritando-se dois vivas à Carta ficará o País instantaneamente liberal. Pura ilusão. Só se levarem muito mais espingardas do que as que tem o Miguel é que acharão quem lhes não vire as costas, ou pior.

Filipe e Nuno escutavam, incrédulos, estes cepticismos que tinham por traumas da fuga recente. Não estavam ainda convencidos que

tinham uma guerra para vencer, em vez duma excursão portadora da dádiva da liberdade.

Dias depois chegaram-lhes informes lacónicos de mais uma rebelião de tropas em Lisboa, como as outras sufocada e afogada em sangue.

No escuro da noite de 21 de Agosto, salpicada pelas fracas luzes dos lampiões imprimindo manchas amareladas nas esquinas das ruas desertas de Lisboa, ecoava, patética, a música de Infantaria 4 tocando o hino da Carta, rebocando parte do Regimento, com o capitão Bravo à frente, de paisano, empunhando a espada da ordem, a bainha badalando ao lado suspensa do boldrié apertado à pressa, indo ao pé um porta-bandeira em mangas de camisa. Pontoava o esforço da banda o trancar das últimas portas abertas e as sombras das silhuetas apressadas dos passantes que, pelas onze horas, ainda se retemperavam dos calores tropicais do dia. Assim descia de Campo de Ourique a tropa do 4 com a pandorga à frente, que a emoção e o risco desafinavam mais que o costume.

Quem não recolheu a penates, nem para lá acelerou o passo aos acordes provocatórios do hino da Carta foi o João da Silva, que andava alertado por rumores de tabernas frequentadas por soldadesca até furriel, desses que só pagavam meio bilhete no Teatro do Salitre. Ainda nessa tarde estagiara, de olho vivo e ouvido de tísico, na locanda do João dos Carneiros, ao pé do quartel do 4 de Infantaria, contando que por lá aparecesse o cabo da requinta, o Zeca Rodrigues, para o confessar de certas dúvidas que percebera em bater de língua com um soldado do mesmo Regimento, o qual estava comendo e bebendo do fino, à mesa dum paisano finório que pagava tudo, muito pródigo, o qual soldado deixara escapar um mistério: que «em breve haveria de haver uma coisa...”

A «coisa» estava, portanto, na rua, e o João atrás dela, tendo avisado horas antes os chefes dum não sabia o quê que se preparava, sem nomear porém o 4 de Infantaria, por pruridos de dedicação ao compincha

que lá tocava requinta e certamente o avisaria da tramóia, se ela de lá viesse. Enganava-se redondamente, que o Zeca ia na banda e era dos que sopravam com mais crença, nas primeiras filas daquilo que o João classificou primeiro de rambóia e depois de sedição, ao ver os fuzis ao alto, as cartucheiras fornidas e o capitão Bravo a berrar vivas à Carta Constitucional. Sentiu o fel a envenenar-lhe o sangue por causa da traição do Zeca, maior por ter como amigo aquele retrincado que andara a enganá-lo. E ligava tudo - a moderada linguagem ao falar dos malhados, o sumiço quando da intentona de Fevereiro e o enjoado da figura no dia em que garrotaram os cabecilhas. Em quem se podia afinal confiar naquela selva de arioscas entretecidas por súcios disfarçados de pacholas? E com estes pensamentos raiados de vermelha vingança, já ia o João misturado com mirones que, mais ousados, saíam das portas em chinelos de ourelo, ou eram surpreendidos na busca duma brisa para aliviar a canícula, na Rua de São João dos Bem-Casados, descendo para o Rato e embicando para a Rua do Sol onde numa janela se mostrou um cavalheiro, parece que mestre-escola, que confundindo a música e os propósitos da tropa que por ali vinha de roldão, se pôs a gritar vivas ao Senhor D. Miguel, sendo pelo engano rapidamente varado por um tiro, diziam uns que disparado pelo soldado Joaquim Rodrigues e outros pelo furriel Oliveira, em todo o caso apontado com trágico sucesso.

O João da Silva, vigiando à distância, perguntava-se onde raio se metera a Guarda Real da Polícia, que estava prevenida, e obteve resposta quando esta apareceu à boca da Rua de São Bento e saudou a vanguarda rebelde com uma descarga que desencadeou as primeiras fugas e deixou um anspeçada por morto. Viu-se então que o pânico era fácil àquela tropa sem comando, à qual não se juntavam afinal, como prometido, outras unidades infiltradas. Restava alguma raiva desesperada aos que ficavam nas fileiras à força, ou por perdidos, ou por crentes na causa, que estes eram a minoria. A coluna retrocedia então para a Travessa do Pombal, passou à Imprensa Régia, ao Colégio dos Nobres, tentou aliciar a

guarnição do Vale do Pereiro de onde foi rechaçada, respondeu desordenadamente aos tiros adversos nas ruínas da Patriarcal, e os restos, batidos, sem moral nem pulso que os mandasse, escorriam já sem norte pela Rua das Pretas, pelo Largo da Anunciada, e iam desaguar na ratoeira do Rossio, à boca das espingardas fiéis, onde foram massacrados. Mais de duzentos mortos, dizia-se.

O João não assistiu à matança, acarraçado à espia do requinta José Rodrigues, a jurar-lhe pela pele. Viu-o a pousar o instrumento na soleira duma porta, ao pé do Colégio dos Nobres, e a desenfiar-se da cambulhada quando teve a derrota por certa. O beleguim seguiu-o na sombra até à Rua Formosa, viu-o meter-se pela porta entreaberta dum barbeiro que tinha fama de malhado. Aguardou uns minutos, o tempo do barbeiro estremunhado vir do andar de cima até à locanda e pôr-se ao trabalho. Quando o João meteu o ombro e forçou a entrada, estava o figaro de navalha em riste por cima do nariz do Zeca, a rapar-lhe os últimos pêlos do bigode, à luz incerta duma candeia de azeite.

- Estás preso à ordem da polícia real! Bem podias ter guardado a bigodaça, que havia de te ficar muito bem à frente do pelotão de fuzilamento. Mesmo de cara rapada havia de te conhecer, aqui e nas profundas do inferno!

E mostrou-lhe a pistola de cão armado.

Os cabecilhas oficiais e civis escaparam quase todos, a maior parte para a esquadra do almirante Roussin, que ainda não tinha zarpado, com passagem por esconderijos de confiança, como sucedeu a um jovem aluno da Academia de Marinha chamado Alexandre Herculano, que, depois do acoito em casa do morgado de Assentis, se esgueirou para a fragata Melpomène da marinha de guerra francesa.

O epílogo foi trágico para alguns que não puderam escapulir-se e eram, por certo, os de menor gabarito. Na manhã de 10 de Setembro, na parada de Infantaria 4, foram fuzilados os primeiros dezoito, sendo apenas um oficial. Os músicos foram justiciados na segunda leva, que era de vinte

e um condenados, a 24 do mesmo mês e no local das primeiras execuções. Entre eles estava o Zeca da requinta a quem despontava já a sombra do bigode novo.

Quanto à mulata Gracinda, disfarçava o desgosto na presença do João. E, quando ele não estava, mergulhava no soletrar dos contos monstruosos, na galeria dos quais via agora como candidato o homem que se deitava por direito próprio na mesma cama, quando o dever nocturno o não chamava a matar malhados.

O lâtego infamante da maruja francesa derrotando a esquadra zunia, excitando as paixões mais esquentadas pelo episódio trágico da revolta de Infantaria 4. D. Miguel era idolatrado com fantasias míticas e desesperos místicos, como um mártir redentor, agora finalmente reconhecido pelo Papa, ungido e sagrado, adorado nas igrejas de par com a galeria dos santos. Já não era isto sequer a sombra daquela grandeza implacável dos tempos recuados da feitura do Império, quando a cruz se confundia com a espada, mas a nova aliança burlesca da cruz com o cacete, «esse maravilhoso instrumento com que se fustigam os cães e se apalpa o couro dos moleques», segundo a refinada escrita das folhinhas, apelidadas de patrióticas e apostólicas, que destilavam o ranço da decadência e apostavam no milagre e numa grande moca universal.

António de Almeida, capitão de artilharia, incorporava-se à noite na jolda do Veríssimo, demitido de porta-bandeira por imposição do almirante Roussin, mas de carta branca para tosar malhados e recrutar à força a gandaia para os corpos do exército. José de Almeida, fiel a outros conceitos sobre o gabarito da família, censurou o filho, quando soube que aquelas apostólicas quadrilhas também roubavam o que podiam aos parentes dos emigrados e dos presos.

- Mais não faltava que o meu próprio pai me acusasse de ladrão por eu andar ajudando a limpar o reino de traidores!

Coriscavam-lhe os olhos, cravava as unhas nas palmas das mãos, domava uma ira funda que lhe engrossava as veias do pescoço e lhe

avermelhava a parte das bochechas que a barba hirsuta não cobria.

José de Almeida revia-se naquela figura, quando guerrilheiro no Marão perseguindo a coluna do maneta Loison. Mas sentia os anos pesarem-lhe por igual na firmeza do braço e no arreganho da paixão. Ele não era já capaz de ser vil por uma causa nobre. Tudo o que ainda tinha para dar era a própria vida.

- Ver-me-á, se for caso disso, à frente duma carga de cavalaria a galopar para a morte. Mas não me terá por cúmplice das polícias da noite. Deixe a canalha fazer o que lhe compete. E trate de manter limpas a alma dos seus canhões e a sua.

António arrepanhava o rosto numa careta que pretendia ser um sorriso irónico.

- É bem certo que eu podia estadear nos teatros e nos salões, em vez de defender o meu rei nas sombras onde se trama a sua perdição. Mas, que quer, meu pai... O meu divertimento é ser-lhe leal sem distrações.

O pai assentiu, que aqueles sentimentos lhe iam bem, mas que se abstinésse de contemporizar com os saques, sobretudo nas casas das famílias de bem que não deviam pagar por algum parente transviado.

- É perigoso, António, andarem por aí senhoras da nossa melhor nobreza a venderem e a empenharem as jóias e as alfaias, para sobreviverem ou darem de comer e vestir aos filhos e aos maridos que estão nas cadeias...

O capitão artilheiro rangeu uma gargalhada forçada e emendou:

- Quando não andam a distribuir moedas pelos soldados para eles virem para a rua rufar a caixa das rebeliões. Ao fim e ao cabo, os juizes lá enviaram uma catrefa de arraia-miúda para os fuzilamentos, mas não conseguiram apanhar quem pagou e mandou. Esses já vão muito descansados a caminho da França ou da Inglaterra, quando não ficam por aí disfarçados a frequentar a ópera do São Carlos, os salões das pessoas honradas e as quintas de Sintra.

O pai replicou com uma sensatez quase suspeita ao

desarrazoado irracional do fanatismo miguelista:

- Sabe certamente, António, que mesmo após a rendição vergonhosa à esquadra francesa, poderíamos ter recuperado os nossos navios, se lhes tivéssemos entregue os presos de São Julião. Se lhes parecem tíbios os ministros de sua majestade, eu acho-os simplesmente burros porque, caso sejamos atacados por mar pelos malhados e os seus aliados estrangeiros, não poderemos pôr a navegar os encarcerados como se fossem as nossas naus. Burros e cobardes! Porque se mostram muita intransigência com os indefesos são muito humildes diante de quem lhes exhibe a força. O trono merece mais governo e menos cacete!

Calaram-se, então, por decência, à entrada das senhoras que vinham charlando com o padre Domingos. Mostrava-lhes ele, com muita união, uma pagela que corria o País distribuída pelos clérigos, a qual mostrava o senhor D. Miguel, de couraça e armadura anacrônicas, ajoelhado e de mãos postas, em frente dum Cristo crucificado enxameado de anjos transportando na sua levitação o escudo real e a coroa, tendo em rodapé dois versos de Os Lusíadas: «Na qual vos deu por armas e deixou / As que ele para si na cruz tomou.» Muito enlevado e sorrabante, o cura exibia a gravura e pedia aprovação para aquela santidade!...

José de Almeida tomou na mão o papel, leu a legenda que o encimava, *In hoc signo vinces*, e desabafou:

- Venceremos, sim. Mas pouco nos hão-de ajudar os bentinhos, sem um exército bem preparado e a esquadra completa.

O padre Domingos olhou de través aquela pouca fé e António encolheu os ombros a dominar a zanga.

Na pausa que se abriu, as senhoras trocavam impressões sobre os figurinos de Paris que tinham vindo no pacote.

Filipe de Villepin anunciou a Christine de T. o seu alistamento na expedição liberal a Portugal, num encontro fortuito no Bois de Boulogne num domingo de Outono, em que a carruagem dela se colocou a par do cavalo que ele montava, em manobra que obviamente nada tinha de

casual. Ela empalidecera e, após um instante de hesitação, ordenara ao cocheiro que voltasse para casa, a trote largo.

No dia seguinte ela enviou-lhe um exemplar do Vermelho e Negro, que aparecera nos livreiros no fim do ano anterior e tivera um sucesso moderado. Entre as páginas, havia um bilhete que dizia o seguinte:

«Aceitai este presente de adeus. É um romance do cônsul de França em Civita Vecchia que se chama Henry Beyle e assina Stendhal. Também podeis usar este livro como uma máscara, mas sem o equívoco de o confundir com a realidade e ainda menos connosco, que não temos a mesma vocação trágica dos amantes do romance. Os equívocos são o domínio dos escritores, que inventam as suas histórias sem poderem dispensar as mais lamentáveis realidades. Este não escapa à regra, pois são muitas as semelhanças com o escândalo que atingiu a família Michoud de la Tour, há três ou quatro anos, e que culminou na execução dum pobre diabo chamado Berthet, se a memória me não falha. Como vereis, falta-vos a condição camponesa e a ambição de Julien Sorel e a mim falece-me a coragem desesperada de Mathilde. Talvez a nossa história tivesse sido outra sem a descoberta da vossa descendência dum cavaleiro de França, mas sem esse pormenor de mesquinhez grandiosa não teria provavelmente havido história nenhuma. Se um de nós fosse suficientemente romântico e autor de novelas, talvez tivéssemos sacrificado tudo às nossas personagens. Conformemo-nos com a nossa vulgaridade e entreguemo-nos naturalmente ao que a moral social espera de nós. Amei-vos, com paixão.» Naqueles dias, Filipe andava demasiado ocupado com os preparativos da campanha, que achava de excessiva demora, agravada porque D. Pedro decidira aguardar o parto da imperatriz, previsto para Dezembro. Aceitava com relutância as futilidades da corte que, agora que sua majestade mudara para um hotel da Rua do Carroussel, se animava. Entre os despachos com o marquês de Palmela que viera dos Açores com as bandeiras tomadas aos miguelistas, com o

Silva Carvalho, o Mouzinho da Silveira, o Agostinho José Freire e o Cândido Xavier, D. Pedro recebia lições de dança do jovem marquês de Fronteira, do conde da Taipa e do marquês de Loulé, no salão da infanta D. Ana, para não fazer má figura nos bailes que o rei Luís-Filipe oferecia nas Tulleries. Atardava-se ainda o imperador em visitas de pouco conteúdo ao velho marquês do Funchal, decano dos emigrados, no seu poiso do Hotel des Princes, e nos espectáculos líricos dos teatros de Paris. Por influência de Nuno de Almeida, Filipe incorporava-se, de quando em vez, nesta corte de D. Pedro, mas guardando as distâncias dum segundo plano, as que lhe eram impostas e as que mantinha por vontade própria. Depois de ter sido apresentado a sua majestade e de este o ter feito alferes, tal como Nuno, o seu estatuto social modificou-se o suficiente para que os jovens fidalgos portugueses o procurassem para companhia dos ócios, que o entediavam e lhe avivam na consciência muitas questões contraditórias e muitos debates de sentimentos. Ganhou fama de ponderação, de cultura e de austeridade, que lhe conferiam a imagem de homem precocemente maduro.

Nos momentos de solidão, que amiúde buscava, lia por vezes aquele bilhete de Christine que viera entre as páginas do romance de Stendhal. Tinha-o por despedida definitiva. Mas só mais tarde iniciou a leitura do livro, porque no fundo de si mesmo receava encontrar nele mais similitudes ou mais diferenças do que aquelas que Christine assinalara na sua mensagem de adeus. Nas cartas que pontualmente escrevia a Margarida usava palavras que gostaria de ter dirigido a Christine e ficava, depois, remoendo o remorso de conciliar, nessas prosas, o amor perdido com o amor perseguido.

Acontecia-lhe deter com mais frequência o pensamento em Deus, sobretudo quando recebia carta de Margarida, daquelas em que ela polemizava sobre os agentes da religião e a ideia de um bem absoluto que coincidia com a justiça suprema, acima das mesquinhas contingências clericais. Verificava, então, que a religião era para ele a missa dominical

em Saint-Sulpice, com os Almeidas, pelo reconhecimento e dedicação que lhes devia, estando nela, porém, com o mesmo espírito que o levava na rotina de mudar a cor das luvas segundo a moda. Nuno disse-lhe, um dia em que abordara vagamente este assunto, que Deus era um hábito do passado que dava garantias suficientes ao futuro a que cada um aspirava. Por isso é que era eterno. E falou-lhe, com desenvoltura herética, dum Sr. Darwin que estava a dar a volta ao mundo para demonstrar que todos descendemos do macaco.

- Talvez eu venha a mudar de ideias - acrescentara. - Se vier a ser filado por uma dessas paixões dramáticas que te condicionam a vida. Mas tudo farei para que dure o mais possível a virtude da minha ligação com a bailarina da Ópera, como tem muito horizontalmente acontecido com as que a precederam e, espero, acontecerá com as que se seguirão.

Quando Filipe citava os versos de monsieur Maxime Vernois - Oh Peuple infortune qu'un tyran deshonnore. / Et qu'un monstre avilit, Peuple du Portugal... - Nuno respondia-lhe, depreciando «esse poeta menor», com dois versos de Victor Hugo em Feuilles d'Automne que acabara de aparecer nas livrarias - Quand Lisbonne, jadis belle et toujours en fête / Pend au gibet, les pieds de Miguel sur sa tête...

Ambos estavam por inteiro na aventura liberal, refreando os impulsos, inflamando o discurso com os heroísmos imaginados nos relatos dos acompanhantes do marquês de Palmela que tinham participado na conquista da ilha de São Miguel, em nome da rainha e da Carta.

Pelo correio que de lá viera receberam Nuno e Filipe notícias daqueles dois marujos, agora arvorados soldados, o Armando e o Peniche, que tinham combatido ao lado deles durante as jornadas de Julho, nas ruas de Paris, e haviam conseguido pouco depois embarcar para a Terceira. Contavam-lhes com rude ortografia os trabalhos passados na batalha da Ladeira da Velha, que julgavam piores que as descargas dos suíços no Pont Neuf. Informava o Armando que «aquele padre-nosso dos revolucionários que o Sr. Nuno de Almeida botara em português» tinha-o

ele rezado aos camaradas trocando Saint-Cloud por Queluz, Paris por Lisboa e suíços por carcundas.

Em meados de Novembro, Filipe informou Raimundo da Anunciação das pressões que Fernando VII estava exercendo sobre os governos de Paris e Londres. Pretendia o monarca obter garantias de que os radicais portugueses cessariam os tratos com os emigrados espanhóis para tentarem alargar à Espanha os seus desígnios liberais. Pediu ele ao pintor que aconselhasse moderação aos amigos do general Saldanha, que lhe parecia estarem a comprometer os apoios à expedição devido às suas conspirações com o general Mina.

Raimundo agradeceu-lhe o cuidado, mas não resistiu a dirigir-lhe um remoque:

- Pelos vistos, lá na corte de D. Pedro a liberdade tem fronteiras.

Filipe entristeceu-se com o sarcasmo e explicou pacientemente o labirinto das condições impostas pelos governos

e pelos banqueiros, que haviam concedido o empréstimo para a aquisição dos navios, armas, equipamentos e soldados.

- Pois é - regougou o artista. - Lord Palmerston, monsieur Périer e as apólices do Stock-Exchange têm mais importância no futuro de Portugal do que aqueles que querem dar a vida por ele.

E Raimundo insinuou ainda que tudo andava à volta de rivalidades maçónicas, que o general Saldanha era marginalizado pelo Palmela por ser do rito escocês. Bagatelas. Mas das que juncavam o caminho da volta e prediziam muitas turras a estorvar o passo aos ideais.

Agravaram-se, entretanto, os diferendos e as especulações com o estranho atentado contra a jovem rainha, que escapara dum tiro disparado contra a sua residência de Malmaison. Raimundo insinuava que só podiam desejar a morte de D. Maria os conservadores que queriam entregar a coroa a D. Pedro. Filipe refutou a ideia, muito generoso, garantindo não haver no campo liberal gente com tão baixos instintos. A política e os bons sentimentos entrechocavam-se, anunciando o que mais

tarde a mão poderosa dum grande escritor consagraria - que «a política dos poetas vale, por via de regra, tanto como a poesia dos políticos».

Ficou o abade Domingos muito abatido com a orfandade de ideias em que o deixava o padre Agostinho de Macedo, liquidado por um ataque de sezões, na sua residência de Pedrouços, aos primeiros de Outubro.

- Acabaram-no as privações, o muito trabalho, a falta de forças...

Interrompeu-o o rude capitão António de Almeida:

- Diga antes a falta de forcas.

- Lá isso também estava ele escrevendo em «O Desengano», falando da experiência que aos malvados nunca desengana, que, dizia ele, «os vemos prosseguir com a mesma pertinácia sem que os olhos fechados de muitos na forca abram os olhos aos que ainda passeam, sem darem ao menos volta à roda dela!» Fora na véspera aos ofícios de corpo presente na igreja do Convento das Trinas, ao Rato, nos quais estavam muitos nobres e ministros, a que se seguira o cortejo fúnebre com a urna transportada num coche de D. Miguel puxado por oito muares ajaezados, escoltado por estribeiros e mais gente da casa real empunhando archotes de cera, até à Capela de Santa Teresa, no adro da qual ficou sepultado, sendo a chave do féretro levada a el-rei.

Tudo isto narrou o abade à família Almeida, com cópia de pormenores e muito compungido, antes de passar à mesa do jantar onde não se lhe notou nenhuma moessa sensível no apetite. À sobremesa voltou ao tema, para recordar o combate de outros santos padres, destacando frei Fortunato de São Boaventura, campião que fora do «Punhal dos Carcundas» e agora arcebispo nomeado por D. Miguel, e aquele saudoso João Boaventura, frade também, o primeiro a apontar os modos melhores de acabar com os mações: «A forca, a fome, a prisão e o veneno.» E concluía a ver luzir a anisete no cristal:

- Santos homens...

No fim do repasto, José de Almeida empanou-lhe a sesta,

chamando-o ao escritório para assunto de confidência. Começou por tirar dos pegos do peito um fundíssimo suspiro e logo reconheceu que estava entristecendo com a longa clausura de sua filha, ia para três anos no Convento de Chelas; que certamente purgara já aquele amor prejuízo e o tempo secara a ferida do coração; em suma, que o encarregava a ele, padre Domingos, de ser o portador da alforria à encarcerada. Isto por estar convencido que o tal pedreiro-livre emigrado não voltaria a pôr os pés em Portugal.

O padre, muito solene, aceitou a incumbência e prometeu o maior zelo no acompanhamento da alma daquela menina, para a salvar por completo das tentações a que o Diabo a sujeitara.

José de Almeida confiou-lhe duas cartas, uma para a priora e outra para a filha.

Despachou-se o padre a caminho de Chelas, perguntando-se se as certezas de José de Almeida não vinham de lhes estarem os anos amolecendo a firmeza dos princípios - que, a julgar pelas informações do confessor, não dava Margarida de Almeida sinais de arrependimento e humildade que justificassem a benevolência paterna. Aquela espécie de perdão parecia-lhe um risco, porque entrara muito fundo na alma daquela jovem a lepra liberal e não se tinha por certo o que traria o futuro da banda dos malhados, infelizmente fugidos à força e ao cárcere. Ao abade Domingos não lhe adoçava os anos a rjeza do apostolado.

Margarida voltou para casa da família numa tarde chuvosa de Novembro, enxugando as lágrimas com que se despedira de D. Joana antes de secar as que a mãe verteu no seu colo, que não se entendia se eram de alegria ou de remorso por não ter podido evitar à filha três anos de clausura.

Reencontrados os recantos da mansão da Lapa que guardavam ecos da sua juventude e dos primeiros impulsos do amor, ninguém lhe viu um lampejo de emoção no olhar, um gesto ou uma palavra de reconciliação ou de ressentimento. Aparentava ter morrido para o mundo

das paixões, porque nada destecia a paixão sublimada na honra duma jura, num coração aferrolhado e também num orgulho tão secreto que era tido por virtude.

Tentou o pai despicar-se com alguma jucúndia forçada e inábil e um colar de diamantes lapidados na Holanda. Perante a frialdade do respeito distante da filha, que rentava um desdém cortês, José de Almeida embezerrou e fugia a confrontar-se com aquela serenidade teimosa que o acusava sem perdão. Não aceitava comissos subentendidos, mas sentia muito o desamor de Margarida. Distraíam-no então as tarefas prementes da reorganização dos esquadrões do general Póvoas, que o chamara para o Estado-Maior.

Margarida demandava pontualmente o Convento de Chelas todos os domingos à tarde, a visitar D. Joana a quem levava o consolo duma amizade solidária e os mimos da doçaria da Francisca.

Rendera-se a cozinheira novamente ao amor da sua menina, muito solícita. E, embora recalcitrando, crítica e medrosa, retomou, com muitas cautelas e conselhos que caíam em saco roto, a missão de alcofar contravontade, por tudo sacrificar ao «anjinho que criara», mesmo se rondava os infernos liberais. Irreconciliável com a Ti Rita, conformou-se com o intermédio do Sr. Inácio, apreciando-lhe o polimento e as contumélias que achava muito mal empregados naquela marafona que a desconsiderara. Encontravam-se na missa semanal de São Domingos, trocavam as missivas clandestinas como dois conspiradores, perante o testemunho hostil mas cúmplice da Rita da Silva, fingindo que não os conhecia, muito importante, de grenhas e ombros cobertos por uma rica mantilha com bordados de Manila que o seu Inácio lhe ofertara pelo segundo aniversário do casório.

Três anos transcorridos tudo voltava à mesma, no essencial. Parecia que o tempo só amolecera um coração, o do coronel José de Almeida. Mas, como nisto de entranhas maceradas, cada um sabe de si, deixara o tempo marcas indeléveis nos protagonistas desta teia, que já

entortou e endireitou destinos e não há-de ficar por aqui.

Como a escoima dos malhados era infinita, João da Silva não tinha mãos a medir no trabalho da secreta que lhe granjeara respeito, temor e, recentemente, as divisas de sargento impostas pelo comandante de Infantaria 16, que nem sequer o conhecia mas obedecia às ordens de cima.

Ao seu varejo diligente não escaparam sequer alguns clérigos degenerados, nem os desvãos dos conventos, de onde espremeu mais alguns penitentes para os calabouços, gente comprometida com os mentores da revolta de Agosto, protectores de foragidos, propagandistas da dissolução lá de fora, lacaios da maçonaria, hereges disfarçados com lobs e hábitos que não faziam cordeiros e monges.

Inspirara estas devassas a pena do padre Buela na Defesa de Portugal, a qual não tremia a sovar os oficiais do mesmo ofício transviados: «Espreito os conventos: também lá!, também lá! O malhadismo ou as trevas têm aparecido e vão aparecendo por toda a parte. O espírito de Satanás pôde já introduzir-se nas eleições seculares: uma abadessa malhada! - Pedreiros, constitucionais, malhados, nas igrejas, nos conventos, empolgando os maiores empregos! Toca a matraca! Trabalhe o cacete, a bem dirigida cacetada para curar o flato revolucionário...”

O João dava a entender à Gracinda o seu papel no fundamento daqueles primores literários. Ufanava-se, devastando o cozido de orelheira. Mas a mulata já não se regozijava com aqueles triunfos que também tinham vitimado o Zeca da requinta. Careteava, a disfarçar, mas sumira-se-lhe o riso de todos os dentes com que premiava os sucessos do João, o qual não dava pela diferença, muito imbuído da sua importância. E de monta era a diferença que começara a apertar-lhe a cinta das saias. Ocultara enjoos e vertigens, mas estava então na hora do anúncio, ao terceiro mês de grávida, escondendo os pruridos dum segredo que nem incluía no último desabafo de confessionário. Espiolhadas minuciosamente contas de luas e semanas, concluía a Gracinda que o pai

não poderia ser outro senão o músico de Infantaria 4, fuzilado na flor da vida e sem saber que se passava deixando descendência.

À novidade, o João engrolou uma interjeição admirativa, entremeada na flatulência, e ficou de boca escancarada, a digerir a paternidade com a feijoadada. Com muito boa vontade poder-se-ia discernir naquela postura pasmada um raio de contentamento e uma pitada de orgulho. Mirava a mulata com um ar banzado, de alto a baixo, como se tivesse recebido a revelação do mistério procriador. Ficou-se ele pela interjeição e a Gracinda por um leve encolher de ombros e uma séria expressão de pudicícia muito surpreendente, que ocultava talvez uma questão de consciência e outra de incerteza.

Naquela noite o João não lhe tocou. Deu muitas voltas na cama, fazendo ranger a palha do colchão, numa rara insônia que ela partilhou às escondidas,

recontando o tempo que a levava infalivelmente de volta aos transportes amorosos do falecido músico.

Remoído o assunto no desassossego nocturno, o João alvoreceu decidido e, depois de chapinhar a cara com a água fria do lavatório, ajustando as ceroilas de lã crua, tartamudeou com tímida coragem:

- Estive cá a pensar... E se passássemos pelo padre da igreja das Trinas?

A mulata virou para ele uns grandes olhos amendoados, mais pretos que a carapinha.

- Para nos casar? - murmurou, tremelicando-lhe a voz de incredulidade.

- Para que raio havia de ser?!...

A mulata encostou-se-lhe ao peito cabeludo e deixou correr as lágrimas. Chorava pelo Zeca da requinta, pelos remorsos das infidelidades e pela gratidão ao seu João, que, se a não fizera mãe, a fazia esposa. Já não era, claro, o enrabichamento que a tirara da vida, mas antes um apreço reconhecido que, se não a aliviava do secreto pecado, a metia nas

fileiras da gente respeitável, a ela, a quem a natureza sempre empurrara para fora do alinhamento das formaturas sociais. A ingratidão, porém, não constava da lista dos seus defeitos.

Por não ter adjectivado com «absoluto» os vivos a D. Miguel, que na revista dos presos ordenara o alferes Ascânio Jordão, que assim se chamava o acrisolado herdeiro do comandante da fortaleza, Francisco Alves foi outra vez recambiado para o segredo. Arrebanhando a manta, a travesseira e o capote de cima da enxerga da prisão grande, confidenciou aos Souza Atayde que era a ânsia de matar que o mantinha vivo e de saúde e que, antes ainda do Jordão, havia de esganar o tal João da Silva, a quem escancarara as portas do mundo, para ele, em paga, o fechar atrás das portas do cárcere. Após o que, entre baionetas, desceu à masmorra solitária.

Ao cabo duma semana, voltou para cima, lutando contra o tolhimento do reumático que lhe entrara nas juntas das pernas e dos braços, por via das humidades salgadas que escorriam das paredes, no meio do escuro e da solidão. Entrou na prisão comum muito direito, num esforço que só o orgulho mantinha, sofrendo as dores e assobiando uma malagena que aprendera no exílio espanhol. Agravava-se-lhe, no entanto, a cintilação do olhar que varava o presbítero Meneses a ouvi-lo em confissão confusa. Salteavam os arrevesados pecados do Alves o abandono duma rapariga de Villa Nueva de La Serena a quem tirara a virtude e a confiança de o terem visitado secretamente dois agentes de D. Pedro saídos do oco do lajedo que dava para o mar. Misturava tempos e acontecimentos, realidades e fantasmagorias, e anunciava que a liberdade estava a chegar numa nau navegando num rio de sangue. Eram acessos que alternavam com períodos de lucidez desesperada, recaindo em depressões durante as quais se acusava a si mesmo de ter gasto o mais da sua vida no bando absolutista, lamuriando então que era muito bem feito estar ali expiando tal crime. Adivinhavam-se-lhe as visões dementes que o haviam assaltado no segredo, sob a forma de diabos e marafonas,

sublimados na pessoa dum João da Silva mostrando uma língua de fogo que lhe iluminava os cornos de bode e «duma preta que andava com ele, abanando uma cauda de macaco e badalando umas tetas de vaca por ordenhar». Erguia-se, então, endireitando o tronco seco e rijo, e soltava uns guinchos oriundos das dores reumáticas e das ganas de dizimar a zoologia do seu inferno pessoal. Recordava ter-se deitado, ele também, com a mulata, no tempo das farsolices da Mouraria, mas afinal revia a opulência do traseiro que, a falar verdade, não ostentava nenhum apêndice simiesco, quando a memória, mais serena, lhe reproduzia a imagem dum perfeitíssimo corpo de mulher. Forçava essa visão quando, de noite, se masturbava debaixo da manta, imaginando as mãos a transformarem-se nas macias virilhas da mulata - unia ao desejo que lhe empenhava a garganta a grande vontade de ver crescer os cornos ao diabo João da Silva.

Mal ele sabia como, indiferente à infâmia e ao ódio que semeava, o João se aprazia na segunda vaga de amor sensual da Gracinda, muito grata pelo que ele mostrava de fumos de esposo e futuro pai, impune às maldições rogadas na Torre de São Julião da Barra.

Foi com uma sensação de alívio, como se o bafasse já o sopro da liberdade, que Filipe encetou a viagem de Paris a Belle-Isle, numa gelada manhã de Janeiro de 1832. É certo que se libertava da intrigalhada torpe da emigração excitada pela convicção de ter chegado a hora da desforra. Aturava mal a má-língua que, encenada de polémica, se dava de espectáculo a uma Europa que olhava, paternal, para os indígenas do extremo da Península, com curiosidade pelo exotismo daquelas paragens e respectivos habitantes oprimidos por um cacique doutras eras. Envergonhava-se dos folhetos jacobinos à moda antiga, com muitas citações romanas, e das réplicas pedristas, muito palacianas e pragmáticas, que rasavam os monturos das denúncias mútuas, das ambições, das divisões e da má literatura. Raimundo da Anunciação fazia coro com Rodrigo Pizarro, com Ferreira Borges, com os Passos, muito

radicais, tutano ideológico do osso Saldanha que La Fayette, moribundo e dando um sobrinho-neto à expedição, não salvou da exclusão das fileiras expedicionárias decretada por D. Pedro e cozinhada pelos palmelistas.

Despediram-se Raimundo e Filipe com a emoção de quem estava virando uma página em que se misturavam o romance e a história, isto é, embargadas as vozes e brilhantes os olhos pela emoção de se separarem, pai e filho que tinham sido, mas rivais no modo de levar a liberdade aos povos. Um, Raimundo, campeão de soberania popular, da Revolução Francesa sem a guilhotina e das trois glorieuses de Julho de 30 quando, nas barricadas, tornara dogmas esses princípios; o outro, Filipe, embalado num romantismo que punha a acção antes do governo e fazia da menina D. Maria II causa merecedora de rasgar à lançada a goela do dragão miguelista, sem esquecer aquela que julgava ainda, por deficiência da posta, encerrada num convento por amor dele.

De Christine não tivera mais notícias, nem as procurara. Incluiu na bagagem o volume de *Le Ruge et le noir* que lera, finalmente, como um libelo a que nem ele nem ela escapavam quando, em algumas páginas, reconhecera Julien Sorel e Mathilde como sócias mais autênticos que os modelos, como acontecia frequentemente nos romances da época. Acometia-o então uma espécie de descontentamento de si mesmo, um sentimento de quem se ficara pelas margens da coragem, detido por um compromisso dúplice: o que aceitara da sociedade em Paris e o que a sociedade lhe recusara em Lisboa.

E também disto fugia. Em nome da liberdade, claro.

Nas vésperas da partida fora com Nuno e outros companheiros de jornada ao Teatro Gymnase, ver um burlesco melodrama chamado *Le luthier de Lisbonne*. O objecto da peça era a caricatura grotesca dum rei tirano que facilmente se percebia ser D. Miguel, o qual expunha, através duma história de amores rascas, uma crueza primitiva e uma panóplia de barbaridades que levavam a assistência, maiormente de emigrados, a rir de troça ou a apupar de reprovação. Filipe e Nuno participaram nesses

coros. Mas, desprezando aquela choldra de saltimbancos, fizeram-no por mofa e trocando olhares cúmplices. Como sempre, a consciência sensível de Filipe tocou a rebate mas tarde, à saída, criticando-se a ele mesmo e a Nuno:

- Os nossos soldados não merecem o nosso cinismo...

Rira-se Nuno de Almeida e contestara:

- Cinismo era levarmos a sério esta bambochata.

E, sem mais remordimentos, tinham ido cear ao Procope.

E agora, enfim, aí iam aos tombos na diligência de Nantes, um fiacre onde viajavam também o capitão Goriot, que se alistara, na sua busca constante de aventuras justificadas por uma causa justa, e uns comerciantes com destino a Tours, que muito se surpreenderam ao saber que Portugal não era uma província de Espanha.

Pernoitaram em Orleães, com fracos cómodos e ceia parca. Manhã cedo retomaram a longada, até ao pôr do Sol, com pausa para refeição numa estação de muda de cavalgadas, chegando a Tours pelas cinco da tarde, sob uma carga de chuva gelada. Ali acharam-se merecedores do Hotel de l'Europe, vivamente aconselhados pelos comerciantes que se despediram com votos de muitos sucessos da «boa causa». Cearam copiosamente e dormiram sem sonhos, moídos pelo sacolejo de dez horas de diligência.

Entre Tours e Angers o tempo melhorou e mais se amenizou a etapa, com a paragem num albergue de bom bourgogne e apresigos de excelente qualidade, que lhes desataram um optimismo de paladinos, a preverem um passeio naval e um desembarque no litoral português entre foguetes e luminárias.

Jean Goriot, fazendo jus ao seu grão de loucura, dizia-se herdeiro directo de Robespierre, pelo que considerava o corte de cabeças reais um final feliz para qualquer aventura, mas que encontrara boas razões para abrir uma excepção quanto à linda menina em nome da qual ia liquidar um tio tirano. Contrariando as previsões, augurava guerra

longa, muito sangue, desenlace incerto, tudo quanto falhara na conquista de Argel, ainda por cima comandado pelo conde de Bourmont, realista ferrenho.

Nuno adormecera, mau grado a brusquidão do embalo da diligência, já para além de Saumur quando, subitamente, Filipe, aos brados, obrigou os cocheiros a pararem a traquitana. Parecera-lhe reconhecer, junto dum churrião carregado de alfaias, imobilizado na beira da estrada, a figura atarracada e o rosto congestionado, atravessado pela pala preta que cobria o olho esquerdo, do sargento Jeannot le Bavard. Chiaram as rodas da diligência resvalando na lama, apertadas pelos tacos dos freios, e Filipe saltou para fora, enquanto Nuno, estremunhado, se debruçava na portinhola a perguntar o que se passava.

Era, de facto, o sargento da Grande Armée que discutia acaloradamente com o cocheiro do carroção, que partira o eixo traseiro e tombara para a berma, imprestável.

Le Bavard, reconhecendo Filipe, emendou o bater de língua e o gesticular agressivo, abrindo os braços, com exclamações de alegria, o único olho muito arregalado, saudando o acaso que lhe punha outra vez no caminho o filho do capitão Villepin. Depois de conseguir a devolução duma moeda do que tinha pago adiantado àquele recoveiro de má raça para o levar de Saumur a Angers, explicou que se alistara na tropa do duque de Bragança para ir a Portugal pôr no trono la mademoiselle Dona Marie et la liberté, évidemment. Instalando-se na diligência, com a maleta de tapete sobre os joelhos, saudou muito efusivamente monsieur Almeida e, apontando-lhe a testa junto à fonte direita, gabou-lhe a perfeição da cicatriz ganha no combate da Ponte Suspensa, dezoito meses antes.

- Isso vale mais que as medalhas, que são de pôr e tirar.

Na estalagem onde pernoitaram, junto à estação da posta de Angers, ao pé duma lareira de fogo generoso, um trago de calvados a acamar-lhes a digestão da ceia, recordaram as andanças das três glorieuses com que acicatavam solidariedades futuras na aventura que

começava.

- Tiveram o topete, aqueles bigorrilhas do recrutamento dos voluntários, de torcer o nariz aos meus cinquenta e três anos e ao olho a menos! Figurez-vous, messieurs! Fiz dez anos de campanha com o imperador com um olho só. E velho não, idoso, respondi-lhes eu, levantando com esta mão apenas a mesa onde abancavam com as listas. Personne ne me verra jamais aux Invalides, messieurs! Um veterano de Austerlitz vale mais que dez cadetes do cerco de Argel. Que me perdoe o meu capitão Goriot, aqui presente, que ali ganhou muita glória, ao lado do seu ilustre pai que também foi um valente oficial da Grande Armée. Mas a mim, messieurs, com todo o respeito que me mereceis, nasceram-me os dentes nas zaragatas da grande revolução. Ainda não tinha dezasseis anos, já eu andava na unidade dos aeróstatos do exército da República...

- Nos aeróstatos?!... - admirou-se Nuno.

- Sim, monsieur. São histórias esquecidas... A Comissão de Salvação Pública decretara a formação duma companhia de cinquenta homens, sob o comando do capitão Coutelle, para a aplicação do aeróstato de monsieur Conté, un vrai sage et chimiste, às operações militares. Éramos todos filhos de Paris, sendo eu o mais novo e talvez o único que não armava em peralvilho da engenharia. Fomos de saco às costas até Maubege, onde construímos um grande forno para fabricar o gás de encher o balão, dentro das muralhas da fortaleza. A música era o troar dos canhões de fora e de dentro, que estava a praça de Maubege cercada pelos austríacos e pelos renegados. Foi ao som desta melodia mais dos hurras e vivas à República que se fez a primeira ascensão, com o balão cativo por cordas com mais de quatrocentos metros. Subiram o nosso capitão mais outro oficial de engenharia e, quando os puxámos das alturas, traziam eles todas as informações sobre as disposições das forças inimigas, várias léguas à volta de Maubege. Também usámos depois o aeróstato na defesa de Charleroy e na campanha do Wurtzbourgo. Um dia, creio que foi numa terra chamada Donawerth, o prior do convento dos Bernardinos mandou

pedir ao nosso capitão que o deixasse experimentar o balão, porque desejava muito ter uma ideia da sensação que se experimentava subindo aos céus. O capitão autorizou e, ao vê-lo, mandou esvaziar o lastro da barquinha, porque o prior tinha muito mais de cem quilos. A menos de cinquenta metros de altura tivemos que puxar o aeróstato para baixo, o prior estava muito indisposto, entontecido de vertigens e branco de medo, muito decepcionado por a subida aos céus se ter parecido com a descida aos infernos...

- E tu, nunca subiste no aeróstato? - perguntou Filipe.

Le Bavard coçou a cabeça, ensaiou um movimento de diversão.

- Eu? - Eu estava sempre às cordas... - gaguejou, para logo confessar, muito sorridente. - Só tive cagaço uma vez na vida. Foi quando o meu capitão Coutelle me propôs que eu subisse com ele. No dia seguinte pedi transferência e, como tinha um primo nos dragões... A vrai dire, messieurs, de cada vez que via elevar-se nos ares aquela caranguejola, dava-me cá um enjoio... Et puis, vous savez, je ne suis pás très doué pour la technique des machines...

- É o futuro, sargento... - observou Nuno de Almeida. - Já ouviste falar do comboio? Uma máquina a vapor que puxa umas carruagens sobre carris de ferro... Já faz viagens entre Manchester e Liverpool, a mais de vinte milhas por hora.

- Se é invenção dos ingleses não é coisa boa, de certeza.

- Vais ter que os aturar, sargento - disse Filipe. - Há muitos alistados no nosso exército libertador, até generais.

- Não digo que sejam maus soldados, que com eles tive que me haver nas campanhas da Península. Mas são ingleses, pronto. E olhem que não me alistei para andar ao mando deles.

Le Bavard fez jus à sua alcunha, tagarelando sobre episódios das campanhas napoleónicas, recriando lembranças mais recentes, sem desprezar nunca o que o presente lhe oferecia no outono da vida que ele se empenhava a florir como uma outra primavera.

Em Nantes, com o capitão Goriot separou-se dos companheiros, muito contrariado, juntando-se aos voluntários franceses que embarcavam no navio de transporte que lhes estava destinado para demandarem Belle-Isle. Os céus estavam de chumbo e deles caía com constância monótona uma chuva miúda e vertical, sem que a humidade salgada vinda da boca do Loire precisasse duma brisa para se colar aos corpos como um visco. Despedindo-se, após três dias de deambulações e tratos de uniformes e equipamentos, tendo observado a moxinifada que ia pelos albergues, tabernas, armazéns de cais e até casas particulares, o sargento Jeannot apurara que o exército liberal tinha quase tantos oficiais como soldados e parecera-lhe andar aquela solfa muito desafinada.³

Dias depois, Filipe de Villepin e Nuno de Almeida saíram também para Belle-Isle, com uma vintena de emigrados portugueses e quatro espanhóis, amontoados num barco à vela que aproveitou uma acalmia na borrasca que entretanto se levantara na barra do Loire. Ao porem finalmente pé no cais do ancoradouro de Belle-Isle, perante a curiosidade dum grupo de pescadores bretões, um soldado do Batalhão Naval que ali estava em displicente sentinela gritou-lhes um roufenho Cheers!, dando-lhes umas boas-vindas trapalhonas num inglês marginal e arreganhando um riso alvar a que faltavam dois dentes da frente. Tresandava a álcool e abanava ao sabor do vento e da bebedeira. Era um vadio do Soho de Londres que se alistara numa loja de George Yard, por dois anos, a duas libras por mês e mais seis meses de prémio à volta.

Ao largo, os navios da esquadra oscilavam, tocados pela vaga larga. Um deles, de maior gabarito, era a fragata Congress, comprada com o empréstimo do espanhol Mendizabal e dos banqueiros da City.

³ Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.

Decorriam ainda acesos tratos, polémicas, entre os cabeças da expedição, discutindo se haviam de baptizar o navio Constituição ou Rainha de Portugal. Estava destinado à chefia da esquadra. Comandava-o o almirante Sartorius e os marujos eram ingleses, como ele.

SEGUNDA PARTE

1832-1834 DE BELLE-ISLE AO PORTO

*«De par em par se abriu do inferno a porta
Sai das comuas a caterva torta»*

José Agostinho de Macedo, A Besta Esfolada.

*«Pelas ondas azuis,
correndo affoutos as praias
demandámos do velho Portugal,
e o balsão negro Da guerra despegámos;
Da guerra em que era infâmia
o ser piedoso Nobreza o ser cruel,
E em que o golpe mortal descia envolto
Das maldições no fel»*

Alexandre Herculano, Poesias.

Na maior parte daqueles dias longos de Belle-Isle o vento sul sesgara uma chuva persistente que mantinha a soldadesca nos armazéns e nos porões dos navios e os oficiais ao abrigo, acanhado e modesto, do único hotel que nunca dera tecto a tão cosmopolita freguesia. Comeram-se quintais de sardinhas, que eram o mais que os pescadores bretões tiravam daquele mar cinzento.

Nuno e Filipe arriscaram-se numa aberta, cavalgando duas azêmolas pachorrentas, à procura das ruínas romanas de Vindilis,

visitaram as escarpas vertiginosas do Noroeste, onde o mar escavava grutas havia milênios para que o seu bramido pudesse competir com o troar dos trovões. E, indo pelos alcantis varridos pelo vento áspero, atravessaram a aldeia de Cosquet e foram até ao cabedelo druida onde avultava a misteriosa lura da Apothécairie. Nuno chamou àquela excursão «manobras da cavalaria liberal» e voltou com os primeiros sintomas da carraspeira que se revelaria muito renitente à aguardente local.

Ao cabo de três semanas de intermináveis partidas de bisca, monte, esquineta, whist, segundo a especialização de cada um, os expedicionários acreditaram finalmente que o regente estava a chegar. Oficiais do Estado-Maior punham pé no cais e no tombadilho dos navios decrepitos arvorados em vasos de guerra, com impressionantes bagagens, e garantiam que sua majestade imperial se encontrava já em Nantes. Ouvindo narrativas da viagem desde Paris, Nuno de Almeida, ainda não refeito do bravo resfriado, comentou para Filipe de Villepin:

- Se veio dançando, não podia arribar mais depressa.

Exagerava, porque em Orleães apenas houvera uma serenata da banda do regimento de linha e em Angers um banquete oferecido por Monsieur le Maire - bailes só se assinalavam em Tours e Nantes.

O homem chegou, enfim, inflando o porte providencial sob o capote preto, de pé, à proa do vapor Superbe, entre as salvas da artilharia e o clamor dos cheers, hurras e vivas da maruja e da tropa, e a solfa imponente do Rule Britannia e da Marselhesa, com o que contrastou o modesto clangor do hino da Carta tocado pela música inglesa no tombadilho da fragata almirante.

Viu-se então o enxame dos cortesãos zumbindo à volta do paladino, o florentino Palmela, o aplicado Mouzinho, o Dr. Tavares, médico e poeta, o surrabante Xavier, monsieur de Lasterye, neto de La Fayette, o brasileiro Bastos, o marquês de Loulé, o conde de St. Léger e o inefável padre Marcos, esforçado representante da Madre Igreja, que se queria pelo

menos tão santa como a do usurpador.

Após mais uma semana de preparativos e muitos enjoos nos barcos parados no berço das ondas, partiram rumo aos Açores, no dia 10 de Fevereiro de 1832.

Aquele poeta que vimos em Lisboa escapando por um triz para a fragata Mélpomène, havia coisa de cinco meses, ruminaria depois a bordo da retardatária corveta Juno a arrevesada métrica do poema do regresso:

«Mas quando o pranto me sulcava as faces,
Pranto de atroz saudade,
Deus escutou do vagabundo as preces,
Dele teve piedade.
Armas! - bradaram no desterro os fortes,
Com bradar dum só;
Erguem-se, voam,
cingem ferros;
cinge-os Indissolúvel nó.
Com seus irmãos as sacrossantas juras
Beijando a cruz da espada,
Repetiu o poeta: "Eia partamos!
Ao mar"! Partiu a armada.»

Mais prosaico, arrimado à amurada de estibordo da escuna Terceira, enrolado numa manta, Nuno de Almeida suportava heroicamente o friacho e as ânsias dos vômitos, e pedia a Filipe de Villepin que lhe garantisse o Sol e um cavalo ligeiro lá na terra onde tinham nascido.

Da popa vinha a melopeia dum exilado, exorcizando as privações, o duro bife anglicano e as Christma's pies:

«Carvão, cerveja, batatas,
Triste de vós me despeço,
Adeus faces cor de gesso,
Dos raios do Sol intactas:

Nós vamos ver outras latas

De honesta, luzente cor.”

Era, no dizer de Almeida Garrett, um portuguese man of war off da barra de Plymouth.

Margarida andava pela casa de seus pais com passo de corça. Ágil e ativa, trouxera do convento um orgulho de resistente; e a grande serenidade da razão pairava à sua volta, com uma aura de autoridade natural.

Farto de arrostar com o confronto silencioso da filha, José de Almeida recebeu com muito agrado a ordem de seguir para Leiria a reunir-se à divisão do general Póvoas. António, que mal saudara a irmã com cerimoniosa distância, partira também a reforçar a guarnição de Peniche que as informações do exército davam como ponto preferido dos liberais para um eventual desembarque. E Leonor, refugiada nas novenas e nas obras pias, fizera da religião um reduto de obrigações e devoções, que a defendia do quotidiano doméstico e da superioridade que concedia à filha sem combate.

Com as hostes caseiras dizimadas, o padre Domingos Correia viu-se perante a humilhação de lhe servirem na copa os jantares das quintas e sábados, visto Margarida ter determinado que aquela refeição passaria a ser tomada nos aposentos privados, com sua mãe, apenas autorizando o pároco a acompanhá-las ao café rebatido com um dedal de anisete. Ele moderava o caceteirismo apostólico, fazendo-se muito untuoso, mais adamado no meio daquele auditório desencorajante. Quando muito referia-se, com unção de sacristia, ao patriotismo dos priores de Carrazeda e Calvão que haviam levado ao general da província de Trás-os-Montes o projecto de formarem um batalhão de eclesiásticos, e substituíra o chamear justiceiro das pupilas pelo olhar em alvo implorando a protecção da corte celeste para derrotar a hidra que silvava, sinistra, enroscando os seus anéis assassinos no acoito dos Açores.

Também com o abade Margarida usava, com intenção e

subtileza, a arma do silêncio, transformando-se em testemunha e vítima muda da cumplicidade do pároco nos seus três anos de clausura, e calava-o com os dardos dum olhar em que não se vislumbrava uma réstea de tolerância. E levou as ofensas ao extremo de o repudiar como confessor - que o era daquela casa havia mais de quinze anos-, dizendo-lhe, com a doçura sibilina com que esmaltava uma sólida perversidade, que a sua alma andava muito cuidada pelo que aprendera com as monjas de Chelas e que elegera confessor que melhor entendia o estilo conventual das agostinhas. O padre sabia quem era o frade beneditino das Janelas Verdes que lhe roubara aquela ovelha do rebanho, já o marcara com a suspeita de pacifismo e neutralidade disfarçados de beatitudes austeras, e afogava na anisete as desfeitas e os embaraços, apelando tímida e inutilmente para D. Leonor. Margarida governava a mansão da Lapa como se fosse já a mestra do seu destino. Couraçava agora o hábito de esperar o seu homem na teia doméstica, instruindo as tarefas dos criados, ordenando tudo, de tal modo que o procurador da casa, ao visitá-la, encontrava o orçamento talhado com rigor, desde as verbas da palha para os cavalos de tiro à dos soldos da criadagem.

Apenas na solidão do seu quarto ela se permitia o suspiro de ansiedade, que as paredes devolviam com ecos de nostalgia, habitadas pela saudade que ali se escondia dos olhos dos outros, enevoadas pelo pudor da esperança.

A Francisca, muito dada a bosquejos certos, soía dizer que «a patroa nova saía dali menina e voltara mulher». O carteio cessara, entretanto, que o tal Filipe meio francês saía dos Açores na tropa dos malhados e nem o Sr. Inácio nem a manhosa da Rita se arrifavam a procurar correio para as ilhas. E a cozinheira cismava, desfiando o terço do serão, que a teima de Margarida estava minando as suas certezas miguelistas, de modo que lhe era já difícil combinar a fidelidade realista e apostólica com os mistérios do amor, inquietação que nunca lhe surgira nos anos de subversão postal, quando as paixões não passavam de

fantasia impossível e não implicavam com a sua crença na pessoa do senhor D. Miguel I, rei do povo. Aplicava-se então em rezas desencontradas, incompatíveis, concluindo que a vontade de Deus é que havia de ditar a felicidade de sua majestade ou da sua menina. Subitamente, pôs-se a redescobrir o passado, recapitulando a brevidade dolorosa dos seus amores, dos seus mortos, que julgara ter enterrado mais fundo para que a sobrevivência não virasse loucura. Voltaram, portanto, a visitá-la o espírito rebelde de Olímpio Lobato, cabo de cavalaria morto à sabrada nas colinas do Buçaco durante a batalha de 1810, seu marido uns escassos três anos de tumultuosas cópulas, entre os rufos dos tambores e os rinchos dos cavalos da tropa do general Silveira, e a alminha imaculada da filha falecida de febres, ainda cheirando ao leite que também dera de mama à menina Margarida, e ainda a ausência vertiginosa do primeiro filho, que aos dezasseis anos embarcara clandestinamente para o Brasil, tendo-se-lhe apagado o rasto nas voltas dum rio navegado por índios nus, que se dizia ser mais vasto e traiçoeiro que o mar.

Curiosamente, era a força mágica de Margarida o que parecia empurrar a Francisca na sua marcha de regresso ao passado. Assim, começou dividindo, muito às ocultas, os seus ócios espirituais entre a capela das Janelas Verdes e a vidente da Rua de São Bento, que a fazia ouvir, de mãos espalmadas no tampo de uma mesa pé-de-galo, os vagidos da filhinha e o palavrório abarroado e picante do cabo Olímpio Lobato, o homem da sua vida e morte, garantindo-lhe ver na bola de vidro, onde oscilavam os reflexos das velas espalhadas pelo cubículo, o seu filho Horácio, só de tapa-rabos e muito tostado, partilhando com as índias amazónias os prazeres da caça com flechas e os equilíbrios do amor numa rede atada a duas árvores, suspensa sobre os cipós onde se enroscavam as serpentes da paixão.

Margarida surpreendia amiúde a ama cozinheira num pasmo visionário, esquecida do assado que esturricava ao lume ou deixando

talhar os molhos franceses. Repreendia-a mansamente, com afecto, e, sem querer nem saber, agravava-lhe a contemplação do passado ao assegurar-lhe o futuro do seu amor.

Empinando com orgulho a barriga do último mês, deslizava o andar reboludo, Rua Fresca abaixo, no sovaco a sombrinha de seda encarnada e cabo de vidro, no braço o cabaz das compras como um mostruário de prosperidade, Gracinda Silva, mulata e senhora. Varrera-se-lhe por encanto da cabeça ligeira o passado de croiagem na Mouraria e Alfama e já não recaía naquelas tentações de fadistics, tabernas e canalha maruja, que a memória ainda ditava, de quando em vez, como um conto acontecido a uma desconhecida.

Arrimado à cantaria da porta, de boné à facaia, samarra preta de burel, calça de surrobeco e botins ponteagudos polidos com muito sebo, está de espera o embarcadicho narigudo, de olhos malandros e tez curtida por muito sal e sol.

Pula o coração da Gracinda, filado pelo susto, estudando a defesa com recurso ao estado interessante, às vestes de dama e ao olhar seráfico nas pedras da calçada.

- Foi acidente ou barriga d'água?... - atira-lhe o parrana, sem disfarçar a decepção, à laia de cumprimento.

- Sou uma senhora casada, seu coiso! - reclama ela, sem conseguir a compustura estudada para a sua condição.

- Não havia de ser a primeira a quem amansava a virtude. Só se for esse pandeiro à frente a empecilhar...

O carmim das bochechas, combinado com a cor natural, oculta o rubor da mulata, uma raiva genuína a subir-lhe do peito à goela.

- Ora arrede-se para lá, que quero entrar em casa.

Sem desmanchar o sorriso refece que lhe arrepanha a beíça, o marujo é como se não a ouvisse.

- ... Mas por trás é só alcatra. E sem defeito...

E espalma-lhe uma manápula na nalga, sem mais cerimónias.

Repentista, a mulata aventa-lhe ao meio da testa tal arrochada com o cabo da sombrinha que lhe estilhaça o vidro e marca o rufia com um vergão sanguinolento, enquanto se espalham no chão as compras do cabaz. O marítimo cresce para ela, filando-lhe o pulso que estorcega na tenaz da mão.

- Sua puta gafada! Então até se esquece de quem fez o serviço de a desentupir!

Muito rápida, a Gracinda desata num berreiro desalmado:

- Ó da guarda! Ó da guarda, que é malhado!

A palavra mágica espanta o meliante, que lhe larga o pulso e acelera a fuga, quando especam passantes muito censórios e surgem à janela vizinhos curiosos.

- Hás-de pagar-mas, ó preta rascoa! Minha grande puta!

E safa-se na esquina, brandindo um punho fechado.

Transeuntes solícitos ajudam a Gracinda a arrebanhar os pertences, comentando que nem já nas ruas, em pleno dia, os deixam em sossego os agentes da pedreirada.

A versão da mulata, no serão doméstico, servindo ao marido uma caldeirada de bacalhau, é a de ter vindo ali à porta um tunante, malhado de certeza, a ameaçá-los de morte, por vingança duns presos na Torre por ordem de João da Silva. Entre duas garfadas, pergunta ele como era o mariola.

- Sei lá! Nem lhe olhei para as ventas, tal foi o cagaço que me pregou.

- Então... Como hei-de entalá-lo?

A Gracinda, com um ademanse farsola, dá-lhe lustro à toleima:

- Ora... Com a tua esperteza hás-de agarrá-lo, mais tarde ou mais cedo.

E reforça-lhe a dose do bacalhau, sorrindo sabiamente, a mostrar a alvura dos dentes.

O limbo bonançoso da maior parte da viagem não fez esquecer os

temporais dos primeiros dias e as borrascas dos últimos. Ao desembarcarem, com muitos trabalhos, na baía de Angra, Filipe e Nuno preferiam a crueldade da guerra às escaramuças do oceano.

Não os surpreendeu, portanto, a bebedeira colectiva que submergiu à chegada o batalhão naval inglês do coronel Hodges, trazendo à pacatez da ilha Terceira um abalo de mau agouro que foi preciso esconder fora da cidade para não dar azo a que os cépticos confundissem o liberalismo com o inferno. Para as zaragatas contribuíram também os soldados do batalhão francês do general Salazar Freire, que fora ajudante de campo do marquês de Alorna na Legião Portuguesa integrada nos exércitos napoleónicos, os quais, menos etilizados mas mais tenazes, logo puseram em prática os hábitos rufias dos basfonds de Paris onde tinham sido contratados. Integrado nesta unidade, o sargento Bavard, que já vira muito mundo e muita tropa, confessava, impotente para repor na ordem aquelas praças refeces, que nunca vira tão perigoso bando de malfeitores, segundo ele, «mais reles que as guerrilhas de Somosierra e mais selvagens que os cossacos do Dniepre».

Nuno e Filipe, colocados numa brigada de cavalaria que apenas compreendia o quadro de oficiais e não contava com uma única cavalgadura, andaram três dias e três noites em trapejos de polícias, chegando a vias de facto para conter os desmandos dos franceses e as bebedeiras dos ingleses, até que se acalmassem, longe das vistas dos assustados ilhéus.

Perderam, assim, parte dos festejos da chegada de sua majestade, que, por engano e mau tempo, aportara a São Miguel e só a 3 de Março chegou à vista da Terceira. Ouviram os vinte e um tiros da salva de artilharia ecoando nas encostas de Monte Brasil, ao ser hasteado o pavilhão real na fragata Rainha de Portugal, e chegaram a tempo de poderem discutir mais tarde, com conhecimento de causa, quais tinham sido os vivas gritados com mais convicção, se à rainha, a sua majestade imperial ou à Carta Constitucional, avaliação não despicienda para os

bandos políticos que serviam sobre a mesma bandeira.

Nuno fora intencionalmente mais explícito nos vivas à Carta e Filipe aclamara por igual, por lhe ser mais ou menos indiferente o que levasse de vencida o tirano Miguel e a priora de Chelas. E alinharam a tempo junto aos corpos da guarnição, ao pé de um arco de festões apodado de triunfal, vendo passar à sua beira o senhor duque de Bragança, ex-imperador, dador da liberdade e pai da rainha, mai-la corte da alta nobreza e favoritos emigrados e brasileiros, entre os estrondos dos tiros de peça disparados dos fortes de São João Baptista e de São Sebastião, o repique dos sinos, o foguetório e as aclamações de expedicionários e povo apinhados ao longo da rua principal de Angra, enquanto das janelas com colchas colgadas se debruçavam damas acenando com seus lenços, muito comovidas por verem ao vivo o primeiro príncipe de sangue que se dignava passar às portas da sua melancolia doméstica e insular. E estavam exaustos quando findou o Te-deum, cantado nas escadas da capela para que todas as classes testemunhassem a fé religiosa que os inimigos reclamavam só para eles, e enfim se retirou D. Pedro para os seus aposentos no palácio do governo. No dia seguinte, lá estavam os dois companheiros desfilando no heteróclito exército, diante do comandante supremo e, galhardamente, compareceram à noite no teatro, onde desabou sobre a sua fadiga uma chuva torrencial de patrióticos discursos, aclamações e versos. Oh, os versos!... Rebuscados alexandrinos e burilados sonetos metralharam-nos impiedosamente, prolixos, veementes, épicos e líricos, fustigantes. E concluíram que jamais houvera exército em que servissem tantos vates. Às prosaicas muralhas miguelistas prometiam bombardas de rimas inesgotáveis e adjectivação invencível. Ele eram «o porto desejado», «os amigos do peito», «a rubra aurora», «o Noto irado», «o arfar incerto do baixel», «a mão potente», «a acrisolada divindade» coincidindo com «a querida liberdade», sem que faltassem saudações muito heróicas e místicas: «Salve, ó Bravos lusos, permanentes / Valorosa Porção do Céu mandada.»

Mal refeitos, os dois amigos honraram depois o convite do ilustríssimo conselheiro Theotónio de Ornelas, assistindo a um baile de gala, a que se dignou comparecer sua majestade, e no qual, segundo o semanário terceirense *A Crónica*, estiveram presentes «mais de 120 senhoras». Nuno e Filipe não as haviam contado, mas pareceram-Lhes muito mais, por a qualidade ser excepção que lhes fazia ter saudades de Paris.

Jornadearam em dois dias luminosos que abriram tréguas nos céus cinzentos, seguindo o roteiro aconselhado pelo Dr. Simão José Luz Soriano, médico e erudito, muito ocupado na redacção da *Crónica*, que os cumulou de sábias instruções, frutos da experiência recolhida em mais de três anos de estada, desde que trocara o exílio de Plymouth pelas incertezas duma ilha liberal no meio do vasto mar. Escalaram a vereda íngreme do Monte Brasil e visitaram a fortaleza de São João Baptista que lhe coroava o cume, à qual deu fama o cerco que durante um ano os ilhéus montaram às tropas de Filipe IV, que acabaram rendendo-se - um episódio mais no longo historial bélico da Terceira. Dali avistaram as baías gémeas de Angra e do Fanal, a alvura do casario da capital e da vila da Praia, como o desenho vivo dum atlas em tamanho natural. Desceram à terra chã, onde as cortelhas de hortas e pocilgas davam lugar a formosas quintas de bons pastos e pomares de muita laranja, sem poderem, porém, esquecer que calcorreavam vulcões adormecidos, sobretudo nas furnas do interior, entre fumos de enxofre, resíduos de óxido de chumbo, de zarcão, de alvaiade, caminhando sobre pedras porosas e quentes que cobriam o borbulhar de cachões de água fervente e jactos de vapor, que ecoavam como o rufo de centenares de bombos nas câmaras atulhadas de veios de lava. A gente de Angra, abalada pelo cosmopolitismo bélico e pela presença da corte, esforçava-se por dar brilho à história, com bailes e saraus. Os salões ilhéus lassavam timidamente os costumes austeros e as donzelas aproveitavam para mostrar a diligência com que furavam o bloqueio natural do oceano, adaptando como podiam as modas da Europa e

aguentando conversas ilustradas, arrepiadas por uma leve brisa romântica que soprava de forma bizarra, no sotaque dos sons arrastados das vogais.

Em fins de Março chegou a Juno com cento e cinquenta voluntários, fardados com peças díspares de uniformes da Legião Estrangeira, calça vermelha, capote e barretina, mochilas de couro, cantil de pau e armados de patrona e espingarda francesa. Nuno de Almeida reconheceu de relance aquele caixeiro da sucursal da Casa Laffite no Havre, o Garrett, perto de quem vinha um moço que mais tarde viu registrar-se nos mapas dos Voluntários da Rainha como «Alexandre Herculano de Carvalho, de vinte e dois anos de idade, sessenta polegadas de altura, cabelos castanhos e olhos azuis». Não ficara no registo o ar sisudo e um tremor de queixo que lhe traía as emoções. Era o prófugo da Mélpomène, implicado na revolta do 14 de Infantaria em Agosto do ano anterior.

Nuno de Almeida foi daqueles que namoraram no Convento de São Gonçalo - uma noviça, criatura diáfana, de pouquíssimas palavras, mãos de dedos finos e um sorriso na fenda dos lábios acerejados que seria angelical se os olhos pretos não fervessem como os meandros vulcânicos da sua terra. Estas surtidas ao parlatório de São Gonçalo estavam condicionadas às do próprio duque de Bragança, que as intervalava com a frenética promulgação de decretos, a administração militar e civil e as revistas às tropas. Estabelecera ali sua majestade, a poucos dias da chegada, um discreto arranjo com uma Ana Augusta Peregrino Faleiro Toste, a monja sineira, com quem repicava um amor de passagem, a fazer jus e futura prova à sua reputação de mulherengo, com muitos frutos dispersos pelo Brasil, condignamente aureolados de baronatos e tenças.

Filipe de Villepin aborrecia-se com o arrastar dos preparativos militares, com uma ansiedade e uma urgência que eram a face idêntica do que experimentara nos primeiros tempos de emigrado. Impacientava-o não encontrar meio relativamente expedito de enviar umas letras a Margarida. Mas conseguiu mandar, num brigue com destino a Brest que escalara

Angra, uma carta para Raimundo da Anunciação, na qual tentava canhestramente mitigar o ostracismo a que ele fora votado pelo seu arrebatamento revolucionário e compadrio com os saldanhistas. As suas saudades bifurcavam agora na direcção de duas ausências, a de Raimundo e a de Margarida. Ansiava pela acção que desse finalmente um sentido à saudade.

Desde que soubera que Filipe se encontrava nos Açores integrado no exército liberal, Margarida decidiu que a união com ele apenas dependia dos desígnios caprichosos do tempo. Exercia sem peias essa inclemência feminina ordenadora do destino, pondo a mão forte do equilíbrio lógico na paz doméstica, servindo-se da disciplina inculcada pelas regras conventuais.

Sofreu, porém, um choque tremendo, nesse começo de Primavera, que a convocou para as realidades tenebrosas que ainda a separavam do futuro. O marido de D. Joana sucumbiu aos maus tratos dos esbirros da Torre de São Julião da Barra. Ao chegar ao parlatório do Convento de Chelas, na sua pontual visita de domingo, surgiu-lhe uma D. Joana de Souza Atayde assombrada pela morte. Envelhecera subitamente até à indiferença, enredada na teia de rugas que lhe velavam o rosto, um labirinto onde se perdiam as últimas lágrimas. Tinham-lhe permitido que fosse ao forte amortilhar o cadáver antes que o levassem numa procissão de sombras, através da noite deserta da cidade batida por uma nortada fria, até à Basílica da Estrela, com alguns familiares mais chegados e o capelão da família, mas nem sequer o filho, que apenas pudera abraçar durante um curto velório na capela da prisão, por especial favor do brigadeiro Teles Jordão.

Abraçada à amiga que lhe ensinara a serenidade, Margarida recaiu no furor que lhe renovava a decisão e a consciência dos sofrimentos que faltavam para alcançar o amor. Fortalecia-a igualmente o ódio constante que costuma temperar o aço das paixões contrariadas e excluía o perdão aos miguelistas que melhor conhecia - o pai e o irmão.

Também Francisco Alves se encarniçava no seu ódio mortal, mas como um afogado sem amor de salvação. Era um ódio puro que circulava sem freio nas artérias e nas reentrâncias do cérebro, como um veneno que não cessava de apodrecê-lo até ao infinito. A morte de Luís de Souza Atayde, muito sentida nos cárceres da Torre de São Julião, foi para o sargento mais um degrau da escada da vingança que subia com o passo determinado da demência. Fora ele quem o surpreendera na morte eleita, aos primeiros alvares da madrugada. Tinha o rosto arroxado suspenso um pouco abaixo das grades da janela, como se tivesse tentado, no último estertor, espreitar a alvorada, antes que o nó grosseiro do lençol, retesado pelo peso do corpo, lhe esmagasse a cerviz. O Alves contemplou-o, petrificado pelo desgosto, que não pelo espanto, porque vira o fidalgo começar a morrer nessa tarde, no momento exacto em que o Jordão filho espalmara naquele mesmo rosto, que buscava inutilmente a luz da aurora, uma bofetada, por qualquer razão tão mesquinha que do gesto infame apenas ficara, dentro do silêncio espesso da prisão grande do revelim, o insulto e o reflexo do olhar já ausente de Luís de Souza Atayde. Com uma delicadeza surpreendente, Francisco Alves amparou o corpo, enquanto a mão livre desprendia o lençol das grades e, como se embalasse uma criança, transportou lentamente o cadáver, depositou-o sobre a enxerga com afectuosa mansidão, alisou-lhe as cãs numa carícia demorada e murmurou-lhe ao ouvido os segredos do seu desespero e da sua compaixão.

Os prisioneiros acordaram com um grito que mais parecia um rugido de tigre, soergueram-se nos catres, estremunhados, e viram Fernando de Souza Atayde debruçar-se sobre o cadáver do pai, soluçando. Francisco Alves retirou-se para o mais escuro da masmorra. Não queria que vissem que as suas juras de vingança eram compatíveis com as lágrimas que lhe molhavam as asperezas da face.

Gracinda da Silva deu à luz, nos idos de Março, uma perfeita menina. Tendo esportulado umas razoáveis moedas à parteira, o João

acercou-se da recém-nascida e da mãe, fez a ambas uns tagatês comedidos porque, no fundo, preferia varão que acrescentasse alicerces nos cabocos da família que ali se esboçava. A mulata percebeu e calou-se, a meditar que se a menina saísse a ela não haveriam de lhe faltar meios para sobreviver e vingar. Chegou, entretanto, Rita da Silva, embuída dos deveres de avó, mas contrafeita e dando com alguma relutância os primeiros passos naquela casa da Rua Fresca onde, invocando as mais elaboradas desculpas, nunca antes entrara. Depositou nas mãos da Gracinda, que já sorria como sempre, reclinada no leito, uns babeiros bordados e uns coletinhos de malha, alargou com o indicador a fresta no cobertor que envolvia a criança, afagou com ele o rostozinho engelhado e concluiu, de si para consigo, que a neta era mais branquinha do que ela esperava. O Sr. Inácio, a quem muito afligiam os rumores fundamentados do passado gandaieiro da nora, pretextara os afazeres de lojista para se eximir às devoções familiares.

O João obsequiou a mãe com um copinho de jeropiga, subentendendo tréguas ou mesmo pazes nas quezílias políticas provocadas pela cumplicidade dela com o irmão de leite. Disfarçou a fraqueza dizendo que o dia era de festa, o que o descomprometia de qualquer futuro. A Rita sentou-se na borda da cadeira, muito cerimoniosa, a pensar que, por mais voltas que o coração e a vida dessem, aquele bigorrilha era o seu filho único e que o amor de mãe não era uma invenção para sossegar consciências, mas um bom motivo para todos os perdões. Então, esteve quase a dizer ao filho que era justamente por ser sua mãe que não podia orgulhar-se dele, que a sua prosperidade tinha um preço que a alma dela também pagava. Mas ficou muda e queda a fazer sala, não exactamente como uma estranha, porque procurava os olhos do filho na esperança de neles encontrar um qualquer brilho redentor. Mas nada achou porque o olhar dele tanto fugia para o tecto como se perdia nos tons amarelos da jeropiga no cálice de vidro grosso, pigarreando para aliviar o silêncio. Ele não queria reconhecer que sabia, ainda que nebulosamente, o que a mãe

estava a pensar, pois recusava confrontar-se com ela e consigo mesmo. A inveja de Filipe afogava os outros sentimentos, para mais achando-se legitimado pelo desígnio patriótico de servir a autoridade reinante, que lhe permitira subir na vida a partir do nada duma viela do bairro do Castelo.

O choro da criança no quarto ao lado fê-los levantar simultaneamente, os olhares cruzaram-se e ambos pressentiram o desencontro e o ressentimento que ainda estavam longe do desenlace que receavam de modo diferente.

- Ó João! Ó Ti Rita! - exclamou a mulata quando eles entraram no quarto. - A cachopa tem boa garganta. Ainda havemos de a ouvir cantar «o rei chegou» melhor que o Chula mais novo... Mas agora deve estar toda borrada, coitadinha.

O João resmungou, mirando de soslaio a Gracinda que ainda não consultara sobre a matéria:

- A gente pensou baptizá-la com o nome de Rita...

Rita da Silva, que começava a desatar a fralda à criança, mastigou a surpresa, deteve uma lágrima que lhe assomava ao canto do olho, e não disse nada com medo que a voz lhe tremesse.

Não bastou que Manuel de Sousa, acicatado pelo pai e pela vergonha de andar forro da tropa, saísse a apresentar-se ao exército realista, para que Cunegundes de Almeida abandonasse os sonhos de guerrilha.

Com o filho segundo dado à Igreja, como mandava a tradição, frade varatojano lá nos confins do Norte, Jerónimo de Sousa considerara que a honra lhe ficava em metade se não mandasse o morgado para as hostes de D. Miguel. A Caceteira repontara, criticando o Manuel por se submeter às bocas do mundo e às do pai, tendo que mostrar-lhes militância voluntária nos regulares e plantando-a a ela em exercícios solitários na serra do Gradil com o lobo Soberano como ajudante de campo.

Despediram-se com vigorosos orgasmos na cama de palha

coberta pelo xairel do zaino, no moinho da Cotovia, com muitas promessas de amor e guerra, estando o Soberano cochilando lá fora, atravessado à porta, de sentinela. O orgulho dela impedia qualquer carinho que excedesse o necessário ao bom entendimento de amante, à agilidade das justas amorosas e à sua prática em pé de igualdade das duas partes, de modo que ao alçar-se para riba do baio, preferiu virar as costas e a garupa, dar de esporas nos ilhais e abalar a galope, sem palavra, para que o Manuel, ainda de pé no estribo, lhe não adivinhasse a opressão que a sufocava como se tivesse levado um coice no meio do peito.

À boca da Primavera perdia o companheiro e, como isso não bastasse, o Soberano desapareceu da quinta pelas sendas secretas do cio que uivara à Lua três noites seguidas. Em casa, os pais julgaram que a melancolia desusada da filha, muito surumbática e suspirando pelos corredores, era apenas devido à deserção do lobo, e suspiraram eles mesmos, de alívio, por se extinguir naturalmente aquela relação incômoda de Cunegundes com uma fera dos matos que a credice popular e o zelo do padre Casimiro estavam avaliando como artimanha do Diabo. D. Bernardina, instruída pelo marido, ousou sugerir à filha noivado com um peralvilho titular que, havia quase um ano, no baile do conde da Ponte em Lisboa, a andara requestando a fungar rapé nas costas da mão. Ela repeliu a ideia, com gestos e palavras boçais que não deixaram margem para insistências e menos ainda para esperanças. Monteava, solitária e sem descanso, pelos matagais da serra, apeava-se numa clareira onde poisara com o Manuel e o lobo e, muito nostálgica, recostada no tronco duma azinheira, entretecia um ramalhete de mimosas e coroava com ele os cabelos pretos, proclamando-se rainha da solidão.

Quinze noites depois da sua escapada, o Soberano, saciado, veio uivar mansamente ao portão da quinta. E quando ela, alertada pelos criados, desceu do quarto e correu a recebê-lo, o lobo roçou-se pela fimbria do camisão de linho até aos pés, ganindo umas humildes desculpas. A Caceteira abraçou-se a ele, beijou-o, sentindo os odores silvestres do

instinto e, sob o pêlo áspero, o retesar dos músculos num espreguiçar de fidelidade contente.

Antes daquela estada no arquipélago dos Açores nunca Filipe de Villepin pudera avaliar tão intensamente o peso do ócio. Os exercícios militares no campo tinham qualquer coisa de jogo e as simulações das manobras assemelhavam-se a um sport. O tempo assumia uma dimensão saturante a que não era estranha a insularidade, que transmitia a premonição dum cerco inviolável, inspirando uma recapitulação do sentido da vida em que se introduzia subtilmente a inevitabilidade do absurdo. Nas suas conversas com os emigrados que haviam permanecido na Terceira desde 28 e 29, quando não se vislumbravam outros sinais além do bloqueio universal e do isolamento, percebiam que eles deviam mais ao desespero do que à esperança, e que se haviam agarrado como lapas àquele rochedo no meio do Atlântico com a ventosa da vontade de sobreviver. Tinham-se alapado como náufragos ao abrigo duma ideia a que chamavam liberdade, sendo os mais absolutos prisioneiros. As vitórias inverosímeis, sobre a esquadra miguelista em 29 e sobre as guarnições realistas do resto do arquipélago em 31, não relevavam da lógica militar, mas sim da insularidade profundamente transplantada naquelas almas à beira do abismo do abandono e da perdição, de tal modo que não haviam dispensado sequer a contribuição do milagre que, sendo embora gente rude e provada, não hesitavam em confirmar com a força de testemunhas - e fora o caso que na quinta-feira 11 de Agosto de 1831, após a feroz batalha da Ladeira da Velha que deu aos liberais a posse de São Miguel, o céu lhes mostrara de que lado estava, visto que, pelas quatro horas da tarde, apareceu sobre a ilha um Sol sem raios nem brilho, de cor parecida à da Lua, com umas manchas negras, e a fraca luz solar fez-se tão nitidamente azul que estabelecia sem dúvidas o presságio do triunfo da bandeira liberal. Havia entre eles homens instruídos e conhecedores dos mistérios positivos do mundo, nomeadamente dos eclipses, mas nem um só ousou macular a fé que movia a montanha da saudade em direcção à vitória.

Ouviam Filipe e Nuno, na ronda das povoações, as queixas dos diligentes lavradores da ilha, ainda obrigados a pagar dízimos pelos pastos, a sisa do açougue e quarenta réis anuais por vaca parida, e mais dízimos pelo bezerro que ela criava, e pela ovelha e sua lã, e pelas cebolas, alhos, abóboras, bogangas, inhame, frutas e madeira. Eles respondiam-lhes, embaraçados por aquelas verdades rasteiras, que esperassem pelo fim da guerra e iam requisitando os abastecimentos necessários aos Voluntários da Rainha para onde haviam sido provisoriamente transferidos.

Entrementes, multiplicava-se Mouzinho da Silveira no seu frenesim legislativo a que correspondia D. Pedro promulgando decretos, cartas régias e alvarás, que alguns denotavam boas intenções de justiça, entre eles o levantamento do sequestro dos bens dos perseguidos por motivos políticos e o da amnistia das pessoas expulsas da Terceira. Claro que a liquidação das compensações ficava para quando pudesse ser, que os tempos eram de muitos sacrifícios.

Nas festividades do aniversário da rainha, em 4 de Abril, com as salvas e as revistas do estilo, o solene Te-deum, a musicata, os foguetes e o inevitável baile, Nuno desabafou para o amigo inseparável: - O meu carnet social está mais cheio que em Paris no Outono. Mas a minha paciência e o meu fígado esgotam-se com tantas quadrilhas desafinadas e tanto vinho de cheiro...

Exagerava, porque ainda lhes sobrava tempo para matar em partidas de bisca com os baralhos que tinham o duque de ouros carimbado pela Alfândega contra cinquenta réis de taxa, o que excitava o radicalismo do Almeida, que, com a sua proverbial irreverência, apodava o duque de Bragança de «o Carimbado».

Finalmente embarcaram para São Miguel onde começava a concentrar-se o exército para a expedição final.

Filipe apurava, pouco a pouco, a ideia de que andavam alistados naquela tropa muitos desgostos de coração, o que em grande parte

aconteciam consigo mesmo. Alguns casos eram tão sombreados por misteriosas tragédias e tão tristes amores, que ele admitia que andassem os protagonistas buscando a morte com o mesmo empenho com que os outros procuravam a vida e a liberdade. Conheceu, pouco depois da chegada a Ponta Delgada, um voluntário acabado de promover a alferes de lanceiros, por excepcionais actos de bravura nas batalhas da Praia e da Ladeira da Velha. Chamava-se Tomás d'Aquino, vestia ainda a farda despojada dos Voluntários que pedira para conservar até se incorporar a sério nos esquadrões de cavalaria, quando achassem montadas no Continente. Era um moço possante, aproximadamente da mesma idade de Filipe, de farto bigode preto, e a lhaneza natural que se lhe avaliava à primeira vista era ofuscada por uns reflexos de profundíssima melancolia que frequentemente lhe embaciavam o olhar directo e franco. Era um frade egresso dos beneditinos, fugido do tronco dum mosteiro do Norte por causa duma paixão que mais lhe avivava a falta de vocação monástica. Resumira tudo isto, sonhando pormenores, e concluindo que a causa da liberdade lhe ia bem ao desgosto e haveria de restituir às pessoas como ele um destino natural, em vez de as moldar aos ditames das tradições familiares e sociais que semeavam indiscriminadamente nos conventos piedade e crueldade, vícios e virtudes, em partes iguais, sem a joia purificadora que os dogmas empecavam mas Deus pedia para ser melhor servido na sua infinita misericórdia.

Tiveram os dois amigos a alegria de reencontrar o Armando e o Peniche, mais gordo e de aspecto muito mais apresentável nas suas fardas de Caçadores. Contaram como tinham conquistado o Faial e São Jorge com meia dúzia de tiros e como haviam ganho a séria batalha que lhes dera a ilha de São Miguel. Mas reconheceram que não tinham voltado a sentir que eram os donos das suas vidas como acontecera nas barricadas de Paris durante as trois glorieuses.

Conseguidos três dias de licença, excursionaram Filipe e Nuno, na companhia de Tomás d'Aquino, que se revelava guia competente, às

Furnas e a Vila Franca do Campo, onde queriam visitar o sargento Jeannot e o capitão Goriot, que ali se encontravam aquartelados. O Dr. Luz Soriano, que também já chegara a São Miguel incorporado como artilheiro no Batalhão Académico, auxiliou-os de novo com os seus conhecimentos da topografia açoriana.

Partiram escarranchados em asnos, numa manhã enevoadade Maio, de frente da igreja matriz que era onde se alugavam as azêmolas. Àquela hora matutina não tinham que aturar a pesporrência dos senhores da ilha que tanto gostavam de exhibir o luxo das suas numerosíssimas seges. E lá foram, embalados pelo passo lento dos jumentos, na direcção de Alagoa e Água de Pau, recordando episódios recentes da etapa açoriana que se aproximavam do fim, sobretudo os burlescos que Nuno glosava com o seu humor contundente, imitando o tenente-coronel Bezerra de Infantaria 16a fazer de prima dona da «companhia lírica» do Teatro de Angra, acolitado por uns jovens alferes que se esforçavam honestamente por se parecerem com damas, nos coros em que avultavam muitos fâcies barbudos. Com mímica e gestos palacianos, Nuno de Almeida também farsanteava as veleidades marinheiras de sua majestade o imperador, que, ao tomar o leme do vapor Superbe no regresso da visita ao Faial, abalroara dois transportes e estivera em risco de ir a pique com o Estado-Maior. Riam os amigos, atravessando as povoações e os campos intensamente cultivados, terras de cor fosca que exibiam o seu passado vulcânico, junto ao mar, por caminhos incertos escavados entre barreiras, que mais pareciam leitos de ribeiras secas, até que arribaram a Vila Franca do Campo, onde aboletaram numa das casas destinadas à oficialidade do batalhão francês, por atenção do major Sá Camelo, que muito tinha em apreço o alferes Aquino.

Logo mandaram pedir licença ao comandante do batalhão para que se lhes juntassem à ceia o capitão Goriot e o sargento Jeannot. Foram, entretanto, num escaler, com o major Camelo, visitar a curiosidade local que era o ilhéu em frente da povoação, certamente resultado de uma

explosão vulcânica que lhe abrira no meio uma cratera por onde entrava a água do mar e onde eles se banharam, deliciados, ouvindo os ecos das suas exclamações repetidos pelas paredes rochosas que caíam a pique sobre o mar. Voltaram à vila ao pôr do Sol que avermelhava o céu limpo, transmitindo aquela angustiante sensação de infinito que apouca a dimensão humana até à sua escala mortal e empurra a alma para a defesa instintiva do grande mistério. - Como somos pequenos... - murmurou Filipe, de olhos no horizonte.

- Como somos grandes! - contrariou Nuno. - Que temos o privilégio de habitar esta beleza.

E Tomás d'Aquino mal se fez ouvir porque estava falando a uma ausência:

- Somos do tamanho da nossa saudade...

A noite levantou-se entretanto, tão transparente, vasta e povoada de estrelas, que eles pressentiam a antiquíssima pureza do céu que sucedera ao Dilúvio, um indefinível desafio à impossibilidade de avaliar a idade do mundo, sobre as rugas vulcânicas da sua inacabada criação. Estavam sentados num banco corrido, a uma mesa rude de tábuas de pinho a que não fora sequer arrancada do reverso a casca gretada e resinosa, ao ar livre, junto à parede da taberna do largo da igreja que presidia, com a sua brancura fantasmagórica, à assembleia assimétrica das casas dum só piso, a luz modesta e inútil de dois lampiões manchando de amarelado outras tantas esquinas. Chegaram Jean Goriot e Jeannot le Bavard, abancaram com os companheiros, com exclamações eufóricas. O tasqueiro colocou na mesa três garrafas vazias de escuro vidro grosso, com as respectivas velas de sebo espetadas nos gargalos, e outras tantas Chelas dum vinho cor de granada, aberto, que deixava nos copos um aro de espuma rosada.

Filipe de Villepin sentiu que estava a chegar ao outro lado da vida, como se a aura duma magia indefinível desse ao tempo a dimensão fantástica da memória eterna, sob um céu nocturno de que não era

possível medir o passado. Pressentiu que voltava ao amor e ao pecado original, faces coincidentes da imortalidade possível.

Desfez-se repentinamente aquela serenidade estranha com os sons de distúrbio numa viela vizinha, onde logo ocorreu o major Camelo, dispensando a ajuda de Goriot e Jeannot, mas certo de que se tratava de mais uma rixa com soldados franceses.

- *lis recommencent...* - suspirou o capitão Goriot, encadeando umas lamentações pela indisciplina da tropa recrutada em Paris, que eles não logravam meter nos eixos por muito tempo.

Jeannot e Bavard praguejou contra o desassossego, muito descontente:

- As coisas tinham melhorado... Mas desde que nos puseram neste povoado de má morte, tornaram-se piores que nunca. Se digo de má morte é porque tenho razões... Foi um erro aquartelarem o batalhão num lugar onde andam à solta os fantasmas dos franceses justiciados nesta mesma praça, há mais de dois séculos...

Ficaram os convivas pendentes daquelas palavras, menos o alferes Tomás d'Aquino, que resumiu a batalha naval que tivera lugar diante de Vila Franca, em 1582, na qual a armada de Filipe II, comandada pelo marquês de Santa Cruz, derrotara a dos franceses de Philippe Stroci que defendiam a causa de D. António Prior do Crato como herdeiro do trono de Portugal.

Le Bavard retomou o conto com a vivíssima narrativa da execução de mais de setenta prisioneiros da armada de Stroci, sendo os nobres degolados à espada e os restantes enforcados, como corsários e rebeldes, inimigos de sua majestade el-rei cristianíssimo. - Foi ali!

E apontava, peremptório, o meio da praça de Vila Franca do Campo.

Ele não ouvira mais do que o eco da memória popular que circulava, de boca em boca, havia várias gerações, a assustar os estrangeiros e a reavivar visões de corpos decapitados e de cabeças

arroxeadas pendentes dos nós corrediços das forcas. - Todos franceses - sublinhou.

A narrativa de Jeannot mostrava que as palavras do contador nato que ele era não precisavam da força do testemunho e que ele descrevia tão bem as coisas da vida como as da morte, não importando para nada a prova real, de maneira que os cinco sentidos dos ouvintes reconstruíam as cenas mais escabrosas e inverosímeis, e um sexto sentido as confirmava como algo que o passado estava ditando. A magia da noite ganhava assim o sentido da inclemência, habitada pelos fantasmas dos supliciados e pelas inquietações que calavam os oito mil expedicionários prestes a partir ao encontro dum exército dez vezes superior, segundo as notícias que chegavam da terra firme do reino.

A ceia dos cinco amigos na taberna do largo da igreja de Vila Franca do Campo foi menos gárrula e jucunda do que se poderia esperar. Ao outro dia cumpriram os viajantes o pouco que restava do caminho até às Furnas.

Entre os vapores sulfúricos e os jactos de águas quentes que brotavam em vários pontos do vale - outro centro vulcânico rosnando num sono intranquilo - encontraram mais um grupo de excursionistas escoltando a formosa condessa de Vila Flor, mulher do comandante do exército e libertador do arquipélago. Eram a nata da jovem nobreza liberal - o duque de Loulé, o marquês de Fronteira, António de Mello, o conde de Ficalho, Manuel da Câmara, acompanhados pelo castiço Dr. Vicente, vintista degredado para as ilhas onde fizera um riquíssimo casamento com uma viúva Machado, abastada fidalga angrense, Saudaram-nos com alguma efusão e seguiram caminhos diferentes, visto que os três amigos tinham que demandar a casa dum parente afastado de Tomás d'Aquino, juiz de fora de Vila Franca que ali se encontrava a banhos termais, esbravejando contra um invencível reumático. Ainda no vale, detiveram-se a prudente distância da pavorosa caldeira de Pêro Botelho, vendo o inferno a respirar pela goela medonha aberta numa caverna argilosa, onde rugiam

e guinchavam mil e um diabos, vomitando borbotões de água turva e lodosa eovelos de fumarada sulfurosa.

Com estas ameaças telúricas contrastavam os belos arvoredos e os terrenos ajardinados, rodeando airoas vivendas de banhos como a do cõsul americano, a do barão das Laranjeiras e a do morgado Gíl da Câmara.

Mais tarde, escalaram o Pico de Ferro, visitaram a Ribeira Quente, a Caldeira de Duarte Pacheco e os restos da avalanche do monte do Fojo provocada pela tremenda erupção da Lagoa Seca, dois séculos antes. Cearam e dormiram em casa do tal juiz de fora, primo de Tomás, e no dia seguinte regressaram a Ponta Delgada, com os burricos a trote por estar o instinto empurrando-os para palha mais conhecida. Aceleraram-se depois os preparativos para o embarque, sem que faltassem compromissos no carnet de Nuno de Almeida, que eram comuns aos do seu inseparável Filipe de Villepin, dos quais ressaltaram um jantar em casa de Mr. Read, cõsul de Inglaterra, vários bailes oferecidos pelas famílias de nomes mais sonantes, espectáculos de teatro.

Um dos estorvos na organização das unidades militares era a superabundância de oficiais que a emigração política tinha concentrado em Inglaterra, em França e na Terceira, ao longo dos anos. Havia-os idosos e jovens, barrigudos e esbeltos, com gota e escorreitos, quase todos aristocratas, e em todo o caso tantos que sobravam para mais cinco exércitos. Resolvera-se enfim criar uma unidade composta apenas por oficiais que se crismou solenemente Batalhão Sagrado. Nuno alcunhou-o logo Sacré Bataillon, designação que rapidamente se popularizou entre a tropa. Alguns oficiais gerais sem colocação acharam-se desprezados pelo imperador, entre eles o conde de Vila Real, que, muito desgostoso, pediu autorização para regressar a Paris. O general Azeredo, porém, picado no seu pundonor, assentou praça no Batalhão de Voluntários da Rainha, trocando o uniforme e a espada de marechal de campo pela farda de soldado raso e pela espingarda da ordem, mas não dispensando levar ao

peito as medalhas ganhas na Guerra Peninsular.

Eram muito numerosos os soldados ilhéus, sobretudo na Infantaria, grande parte dos quais feitos prisioneiros na campanha das ilhas e alistados compulsivamente nas tropas liberais. Contrastavam com os outros pela aflição própria e das famílias que deles se despediam com a fatal certeza do nunca mais, sabendo daquelas guerras apenas o que elas lhes levavam de afectos e homens válidos.

Quando Nuno e Filipe se encontraram finalmente a bordo da fragata D. Maria II, e viram o imperador subir do escaler ao tombadilho da corveta Amélia, e ouviram o tiro de peça do navio almirante dando o sinal da partida, e o cais de Ponta Delgada eriçado de braços erguidos agitando despedidas, consideraram que estavam encetando o caminho sem regresso.

Debruçados na amurada, mergulharam os olhos no horizonte, um mar chão que brandamente os levava do passado para o desconhecido, no meio duma armada drapejando as velas e os balsões da guerra, com oito mil angústias individuais, que iam das saudades da terra de que se apartavam às incertezas do futuro que emboscava por igual os ideais e as paixões, os conscritos e os voluntários, os mercenários e os paladinos. De olhos húmidos, Filipe e Nuno abraçaram-se, sem nada dizerem, como se promettessem a vida um ao outro e as palavras pudessem apoucar a grandeza da amizade.

Eram duas horas da tarde do dia 27 de Junho de 1832. Cada um dos expedicionários encerrava-se no silêncio da sua própria história à tona dum mar de esperança, a história de todos dependendo da sorte da guerra.

Filipe deteve o olhar numa escuna que, arvorando a bandeira francesa, estava lançando ferro diante do cais de Ponta Delgada. Não podia imaginar que ela trazia uma carta de Raimundo da Anunciação, anunciando-lhe que Margarida deixara o Convento de Chelas e regressara a casa de seus pais. Se pudesse ter lido essa carta ficaria também impressionado com a tristeza imensa que embebia a prosa, ocultando algo

mais trágico que a separação. Raimundo não ousava dizer-lhe que a epidemia de cólera que devastara Paris lhe levaria para sempre a sua Juliette. Mas o visco fatal do desgosto era quase visível na omissão, que não ocultava totalmente um abandono vertiginoso à espiral do destino. O pintor não pudera escrever sobre a morte de Juliette, mas falava da sua com a intimidade de quem conhecia todos os limites da ilusão.

Desde os primeiros sintomas da doença de Juliette, Raimundo da Anunciação esforçou-se quanto pôde para que a cólera o não poupasse. Não queria correr o risco de sobreviver estrangeiro e sozinho.

Conseguira empurrar para um desvão da memória a grande paixão impossível, enterrando de uma vez por todas aquela Mariana Maldonado que amara em segredo havia vinte e quatro anos. Juliette ganhara, nas agruras da emigração, o posto de mulher da sua vida. Quando a epidemia alastrava em todos os bairros de Paris e ela caíra prostrada, macilenta, agadanhada por todas as misérias do corpo, e só o resto do orgulho luzia nos olhos recolhidos na sombra das órbitas escavadas, ele dispensou a empregada do atelier de costura que voluntariamente assistia a enferma e passou ele próprio a cuidar da intimidade progressiva da morte. Lavava-a, mudava-lhe a roupa da cama, penteava-a, perfumava-a e descobria palavras que o surpreendiam para lhe dizer quanto a amava. Deitava-se a seu lado, perseguindo a impossibilidade de partilhar a rápida degradação do seu corpo, acariciando uma pele amarelada que engelhava quando lhe secava o suor. Não lhe era fácil esta devoção porque, até ao fim, ela recusara a compaixão e só uma ternura de extrema delicadeza vencia a resistência do orgulho de Juliette. Na véspera da morte amaram-se serenamente, com um único sobressalto pleno e apaziguador. Ela aceitou, então, com voz trémula e uma única lágrima, que ele era o amor da sua vida. Depois de tentar sem sucesso avisar do passamento da sobrinha Jacques Pomeret, aliás Jacot La Lanterne, único parente que lhe conhecia, Raimundo fechou-se no sótão durante três dias e três noites, sem comer nem dormir. Ouviu os rituais no

andar de baixo, o passadio dum padre chamado pelas costureiras, os gatos pingados com o caixão, o rápido pregar das tábuas, e chegaram-lhe os cheiros da cânfora e das fumigações de eucalipto com que alguém procurava esconjurar a devastação da epidemia. Depois, ficou atento ao silêncio, sugado pela ausência, esperando inutilmente que a cólera viesse visitar a sua solidão. Na manhã do quarto dia aceitou a vida sem Juliette Q sem a pátria, desceu à rua equilibrando-se entre vertigens pontuadas de luzes amarelas que se acendiam por trás das pálpebras, mal suportando as cólicas que lhe esbraseavam o estômago vazio. E reentrou no mundo possível que lhe pareceu um pesadelo de que jamais poderia despertar.

O coronel José de Almeida veio do aquartelamento de Leiria, em missão. Trouxe consigo um tenente de lanceiros, morgado duma antiga família de Pombal.

Após os deveres que o retiveram em Queluz com despachos para el-rei, deteve-se três dias em casa onde alojou o tal tenente, de sua graça Segismundo Avilez. Trazia o coronel fígada a ideia de fazer do moço pretendente da filha, não se coibindo de experimentar pôr a estopa ao pé do fogo, a ver se pegava, embora não confessasse a si mesmo a torpeza daquele método.

Revelava uma vez mais a sua incapacidade de conhecer Margarida, teimando em pôr a realidade de acordo com a sua vontade, tão inábil e sincero que a filha moderou por instantes o ódio que preservava no coração, quando ele se atreveu, numa ausência do tenente, a considerar que se tratava de «um celibatário de boa família e muito abastado» e que «nem com uma candeia se descobriria melhor partido». Segismundo revelou nesses dias o tacto com que velava a sensualidade que os olhos castanhos e húmidos e a boca carnuda traíam, com um comportamento natural e discreto, pontuado de atenções que não tinham nada de afectação palaciana, nem forçavam a distância sobranceira que Margarida mantinha e cujas razões ele conhecia sem jamais o dar a entender. Fazia uma corte diletante e competente, limitando-se a deixar um rasto de

encanto subtil e o cheiro do couro das botas humedecidas pelo suor do cavalo.

À segunda noite, quando soprou o pavio do velador e manteve os olhos abertos ao mergulhar na escuridão do quarto, Margarida começou a desejar a morte do tenente Segismundo Avilez. Irritou-se contra si mesma, na insónia em que recusava reconhecer o fim da indiferença. Obrigava-se a recompor durante a noite solitária a imagem de Filipe de Villepin e, como ela lhe surgisse esbatida, ressaltando pouco mais que os olhos de azeviche e os cabelos loiros, retilhou a memória em busca dos sentimentos e encontrou as sensações que ele despertara, havia tanto tempo, com a proximidade dum corpo que não era capaz de reconstituir com precisão. Quem lhe afagava o rosto afogueado, na insónia solitária e longa, eram as mãos morenas de dedos grossos e viris do tenente Avilez. Voltou a acender o velador para esconjurar a traição das sombras. Levantou-se e foi sentar-se ao toucador diante duma folha de papel e do tinteiro de prata, disposta a escrever uma carta a Filipe, sabendo de antemão que não haveria maneira de lha enviar nos tempos mais próximos. O espelho à sua frente acusou-a por nem uma palavra chegar ao bico da pena. Demorou-se ainda algum tempo em Lisboa o tenente, após o regresso do coronel José de Almeida a Leiria. Rara era a tarde em que não vinha ao chá da casa da Lapa, tomado na sala com D. Leonor e a filha, que pedia escusa mal mordiscava um bolo. Ia fechar-se no quarto, lutando contra a confusão da figura nebulosa de Filipe com a imagem nítida de Segismundo.

Margarida não duvidava ainda um instante do que decidira sobre o seu destino, mas remordia-se por não poder manter-se incólume à prova da presença dum homem a quem de tal modo reconhecia o encanto que não havia outro remédio senão desejar-lhe a morte. Chegava a ter saudades do convento. Obstinava-se a imaginar o percurso da esquadra libertadora, que se sabia ter deixado os Açores, na qual vinha o matador para ressuscitar a pureza da paixão tão vivamente sofrida havia quase quatro anos.

Como perdera a mão nos jogos de salão, refugiava-se no convívio da Francisca, escudada na cumplicidade postal que durara tanto tempo. A cozinheira deixara de querer salvá-la das garras liberais e desconfiava do suspirante disfarçado que agora vinha, muito pontual, à hora da merenda. A vidente da Rua de São Bento estava levando a palma ao confessor das Janelas Verdes porque insistia em ver na bola de cristal o seu filho Horácio, já não de tanga entre as índias, mas de fato cristão, atravessando o mar em companhia de gente fidalga. E interrompia o ditado das receitas para o caderno de Margarida com contos das campanhas contra os franceses, que acompanhara nos churriões das bagagens com o seu Horácio nos braços, no rasto do incomparável cabo Olímpio Lobato, pai dos seus filhos.

Margarida escutava aquele realejo da nostalgia, mais desatenta naqueles dias em que o tenente de lanceiros se impusera no quotidiano da casa. Interrompia a recolha das famosas receitas da Francisca quando um relâmpago lhe riscava o espírito, encadeada pela constatação, aparentemente anódina, de nunca o tenente Avilez lhe ter falado do que dividia a nação em bons e maus e da guerra que esperava por ele e por Filipe de Villepin.

Restituíram-lhe a niza de saragoça de forro e gola descosidos, já que agora escabujavam na roupa e na comida, à cata de conspirações de fora na forma de mensagens escritas. Francisco Alves tinha mandado finalmente lavar o bragal, a pedido dos companheiros que mal suportavam o fedor e por isso lhe emprestaram de que vestir-se durante o tempo da barreira encomendada às lavadeiras que prestavam serviço aos presos.

Estava agora exibindo os farrapos que recebera, recendentes a sabão mas imprestáveis, a pedir contas aos da mania da mundícia, os quais, ainda ecoava o estrondo da porta a fechar-se, lhe confiscaram a niza desmantelada, esticaram o forro acetinado diante da luz da janela gradeada e puseram-se a ler o penteado feito com bico de agulha, formando as palavras que lhe davam notícia do próximo desembarque das

tropas liberais. Tinham, portanto, razão os esbirros da Torre na busca dos recados, porque os presos estavam sobrevivendo pelos rumores de fora e não pelos favores que os de dentro lhes faziam. Foi nessa altura que mandaram para o Forte de Elvas uma leva de mais de vinte presos, entre eles o Torga filho, que estivera cinco meses no segredo entre a vida e a morte, muito ferido pelos espancamentos e sem tratamento duma perna varada por um tiro quando desafiara os guardas e lhes fizera frente, gritando vivas a D. Pedro e a D. Maria. O Alves tinha-o por herói e tirava da sua razão o melhor para mandar àquele mártir, por intermédio do pai igualmente ali encerrado. Ao ver os presos no pátio reunidos para a transferência, o sargento do 16 pôs-se a berrar agarrado às grades da janela da prisão grande. - Viva o Torga! Viva o homem!

Os arrochos que lhe choveram em cima, quando vieram os carcereiros a mando do capitão Jaime, não o calaram. Foi arrastado para fora e levado para o isolamento das caves, mas o seu vozeirão ouvia-se ecoando pelas abóbadas, sem desfalecimentos, e infiltrava-se nas celas como um tónico amargo de esperança indignada, e arrepiava por soar como um brado do instinto da espécie quando esta se encontra no limiar da razão e disputa às feras o domínio da natureza. Aqueles ecos pareciam demorar-se na pedra das paredes, nascerem numa memória anterior ao conhecimento e prolongarem-se até ao infinito da ideia pura, que estava muito para além das grades dos cárceres e se projectava em gerações perseguidoras da utopia. - Viva o Torga! Viva o homem!

Talvez o Francisco, na sua demência, pretendesse apenas glorificar a coragem e a valentia do Torga martirizado, mas o que se ouvia era um grito mais alto e mais vasto, que englobava os de dentro e os de fora e se ampliava em ondas sonoras, que começavam a percorrer o mundo inteiro e jamais se deteriam contra os muros das prisões, ou se diluiriam nas distâncias e nas indiferenças, galgando serras, mares e desertos, até ao mais recôndito do futuro.

Quando se soube de certeza que a esquadra de D. Pedro estava a

chegar a Portugal, começou em Lisboa uma vasta velada de armas. Na verdade não era apenas isso, porque desta vez as previsões se assemelhavam mais ao fim do mundo do que qualquer dos presságios formulados por necromantes, astrólogos, videntes e profetas, ao longo do vasto rosário de gerações de crédulos. Não porque trouxessem antecipações da vitória do Anticristo mas porque a sua simples chegada significava esconjures de rios de sangue e léguas de caminhos balizados por milhares de forcas. Era literalmente «aquela besta danada que vem do mar à terra, trazendo dez cornos e sete cabeças e sobre estas todas as blasfêmias contra Deus». Os frades assanhavam-se nos púlpitos das igrejas, em objurgatórias clangorosas, enxugando nas faces os suores da ira com os escapulários, agentes duma criatura crudelíssima que identificavam com Deus, insinuando que os hereges até traziam ferros para pôr aos clérigos e os chefes apostólicos a grelhar em fogueiras ateadas com a talha dos altares e as alfaias do culto. Trinta mil milicianos e voluntários acampavam na cidade, levando penduradas ao peito medalhinhas bentas que os defendiam da ruindade diabólica dos malhados. E as badernas dos arreeiros e malcatrefes, as joldas do cacete, berrando pelo Miguel, espiolhavam os derradeiros fojos dos pedreiros-livres, prometendo cobrar todas as vinganças com a viúva do Cais do Tojo, denunciando legiões de judas disfarçados ao serviço da burricada do Apocalipse embarcada na armada do imperador dos macacos. Era um morbo de lapuzes nas mãos de avatares de ocasião que anunciavam o céu a quem ateasse o inferno na terra em intenção dos incréus que vinham ser massacrados nas areias das praias. Enxames de beatas zumbiam nos templos, produzindo o mel dos exorcismos, azumbradas em devoções medonhas, diante de pagelas de D. Miguel com aura de santo. Nas tabernas, o vinho inflava as farroncas, em comícios entaramelados que concluía na certeza da destruição geral dos invasores. E as cróias não tinham descanso, vendendo os favores em catres de miséria e vãos de escada, porque não havia como as vésperas do

horror para excitar os ímpetos machos de futuros heróis e algozes.

Ofertando o úbere à sua menina, Gracinda da Silva adivinhava o João em diligências sinistras e deitava ao passado uma olhadela lânguida e nostálgica, que se detinha na face ridente do Zeca da requinta riscado pelo bigode de pontas, que lhe piscava o olho do outro mundo, matreiro, a sussurrar-lhe dúvidas daquela vitória anunciada nas ruas e nas igrejas - que os seus assassinos não haviam de ficar a rir-se, confidenciava, muito garboso, perfilado em frente do aparador. A Gracinda expulsava aquela visão com muita relutância, embalava a menina trauteando um fadinho, e suportava tão bem o peso do remorso de estar enganando o marido com um fantasma como o desejo de ver a vingança dos monstros que vinham do mar.

Muito raras eram as bonanças como aquela que os levava dos Açores às costas de Portugal. A esquadra vogava suavemente, sem sobressaltos, e à irreabilidade da calma acrescentava-se, nos crepúsculos que alaranjavam o horizonte e lentamente sombreavam o mar e o céu, o som metálico das charangas militares tocando músicas de paz nos tombadilhos dos navios. Era preciso forçar a razão para reconhecer os caminhos da guerra, porque tudo parecia conjugar-se para a reconciliação geral tutelada pelo pavilhão azul e branco e pela Carta Constitucional - o milagre liberal da multiplicação das vontades a aproximar-se dum fim feliz. E quanto mais perto estavam da pátria melhor disfarçavam as dúvidas que restavam, porque genuinamente acreditavam na grande festa do regresso, ou porque não encontravam modo melhor de iludir os perigos duma emboscada dos barcos miguelistas ou das barragens de artilharia que poderiam esperá-los no desembarque. Só os veteranos da aventura do Belfast, os de 28, lembravam o fracasso e, sem ousarem evocá-lo, achavam em tudo similitudes sinistras.

Filipe e Nuno estavam deixando crescer as barbas e, com muitos outros, haviam feito o voto de só as cortarem no fim da campanha, tão curta a previam. Entretanto, ouviam os hurras e os vivas no meio do

oceano e a banda de Infantaria 18, no convés da corveta Amélia - a velha Juno assim crismada -, a tocar uma polca que os jovens oficiais do Estado-Maior dançavam uns com os outros, sendo o regente D. Pedro o mais bailão de todos.

Quando a noite caía, escondendo melhor tantos sentimentos secretos que ali iam à tona do mar chão, e se acendiam os candeeiros das vigias e os fanais de guia, soavam os lamentos inquietantes do cordame nas vergas, do drapejo das velas, das enxárcias roçando os anéis das bigotas, toda uma panóplia de gemidos fantasmagóricos que pareciam trair o que calavam os peitos, no pudor das angústias de abandonados à imensidão do desconhecido que lhes talhava o destino. Ao décimo dia acharam terra portuguesa e tão perto se lhe chegaram que viram distintamente o casario baixo, debruçado sobre a boca duma pequena enseada que entrava pela terra dentro. Era a tarde de 7 de Julho e estavam diante de Vila do Conde e da foz do rio Ave. Os navios pairavam, à mercê da indecisão, até que desceu um escaler da corveta Amélia, com a bandeira branca arvorada, o qual deu de remos, afastou-se e em breve ficou reduzido a um ponto mínimo, acostado ao molhe da povoação. O tempo passava tão devagar, travado pela ansiedade, que a conta dos minutos parecia diluir-se no silêncio estático duma espera sem fim.

Entretanto, os escribas retocavam proclamações decisórias, como se estivessem prefaciando crônicas do triunfo - «Soldados! Vindes trazer a paz a uma nação inteira e a guerra somente a um Governo hipócrita, despótico, usurpador. Não me obrigueis a empregar a força para vos libertar!» Voltava o escaler com o parlamentar, o major Bernardo de Sá Nogueira, demandando a corveta, e adensou-se o mistério sobre a esquadra baloiçando nas ondas. A noite aproximava-se sem resposta à impaciência geral. Soube-se então que o comandante do contingente miguelista aquartelado em Vila do Conde, o brigadeiro Cardoso, mandara embora o parlamentar, recusando quebrar o juramento a D. Miguel I, rei legítimo, e ameaçando fuzilar quem lá voltasse a propor-lhe a traição; não

puddera, no entanto, evitar que Bernardo de Sá trouxesse na bolsa um punhado de terra portuguesa que era a primeira ínfima porção a passar para o lado da liberdade.

Ao pôr do Sol as bandas tinham permanecido mudas e, agora, a quietude era tal que se podiam ouvir os suspiros da incerteza. Não estoiravam os foguetes de festa nem se mostravam deputações de boas-vindas. A luz dos fanais reduziu-se ao mínimo e o ruído das ondas a desfazerem-se na praia eram a nova voz do silêncio.

O alferes Tomás d'Aquino aproximou-se de Filipe e de Nuno que rumavam, calados, junto à amurada de bombordo, com os olhos perdidos na pátria invisível que não dera sinal de querer abrir as portas à liberdade.

- Por certo estão a rezar... - disse ele, erguendo o mento para a banda da terra. - E como lhes meteram na cabeça que não somos criaturas de Deus, imploram a nossa perdição.

Os dois amigos reconheceram aquela silhueta pelo timbre das palavras peremptórias que lhes sugeriam uma realidade sombria para quando o Sol nascesse. Tomás conhecia por experiência os sentimentos que ressumavam dos mosteiros e dos templos para as almas desamparadas e rudes, que só podiam com o peso dos mistérios se eles continuassem indesvendáveis até ao fim dos tempos. Sentiram o medo antecipado que se misturava com as trevas, o medo no mar e na terra, o medo do dia seguinte, o medo da luz.

Na antemanhã levantou-se uma brisa áspera, temperada de sal, e os carneiros começaram a espumar contra os cascos dos navios que dançavam pesadamente no seu abandono. Escaleres com oficiais abordavam a fragata almirante, para mais uma conferência de comandos, prolongando a incerteza que atravessara a noite.

Pelas dez os navios manobraram e foram postar-se menos de uma milha ao sul de Vila do Conde. Vozeavam, enfim, os oficiais as ordens para os preparativos do desembarque. Estavam diante dum areal extenso de que não sabiam o nome e, nas colinas que o dominavam, podiam

distinguir claramente as vedetas da cavalaria miguelista em movimentos de observação.

Então, a fragata Stag de sua majestade britânica, que escoltara a esquadra, deu uma salva de vinte e um tiros a que respondeu a corveta Amélia. Os transportes chegaram-se à costa mais do que mandava a prudência, soltaram-se deles as primeiras chalupas, abarrotadas de soldados, erichadas de fuzis, ao sabor das vagas e do imprevisto, sem critério perceptível a não ser o da decisão de cada um. Mostraram-se, nesse ímpeto inicial, mais ágeis os ingleses, que remavam à compita, os do coronel Hodges e os do coronel Shaw - varavam os escaleres quase ao mesmo tempo, soltando triunfantes hurras a Dona Maria. Só então as embarcações se apressaram a vomitar na praia os portugueses legítimos, para cobrir a humilhação de terem sido estrangeiros os primeiros a tocarem naquele solo sagrado, a que agora se arrojavam, com lágrimas e beijos que mais pareciam ânsias de comer a areia da praia, para exorcizarem a má sina de a verem maculada pelos pés heréticos e anglicanos, como se o bafo húmido e cálido da pátria lhes restituísse todas as crenças divinas que se tinham proposto derrotar. Quanto mais longas haviam sido as ausências mais fúrias rituais se encarniçavam nas emoções dum reencontro tão simbólico, tão adiado, tão sofrido, tão prenhe de privações, de nevoeiros, de saudades e de distâncias, que se esboroava a compostura militar e a custo se refazia a disciplina mínima dos pelotões, dos batalhões, e a hierarquia dos postos mal impunha uma ordem frágil que evitasse a auto-fagia do regresso. Que era milagre concluíam, paradoxais, os de cabeça fria, os profissionais, os guerreiros com memória, porque o inimigo não se mostrava para desferir o golpe fatal naquela praia ocupada pela paixão, naquele caos de atordoados pelas aflições passadas, naquela esperança tão excessiva que pretendia abreviar os passos intransigentes da volta a casa. Cravaram as bandeiras dos regimentos na areia do Pampelido, frente às dunas, e não acharam ninguém a quem mostrar as proclamações.

Filipe de Villepin perdeu de vista o companheiro, mas conseguiu arrebanhar os soldados do pelotão num magote de fraca aparência marcial a que não chegavam ordens claras. Ouviu dois ou três tiros para lá das dunas, por onde haviam desaparecido os ingleses e uma força comandada

pelo coronel Shwalbach, abrigou os seus homens nos cômodos arenosos, até que tiveram notícia de que os disparos se deviam à restolhada dum cão vadio oculto numa moita de cardos. As vedetas da cavalaria inimiga, essas, tinham desaparecido numa nuvem de pó.

Perto do fim da tarde desembarcou o regente, ecoaram os vivas da tropa já em posição nas colinas dominantes, de espingardas erguidas e atirando ao ar as barretinas.

A praia tornara-se uma feira de bagagens, cunhetes, selas, arreios, equipamentos. Um dos dois únicos cavalos que puderam desembarcar, espantado com a força da ressaca, empinava-se e escouceava, furtando-se à rebentação e ao cabresto que seguravam dois homens; acabou por soltar-se e galopava desatinado, de ventas fumantes e olhos dilatados, no meio da balbúrdia. E a pandilha dos criados dos nobres e dos políticos, ajoujados com os baús dos uniformes de gala, as pastas dos decretos, os estojos da barba e os de escritório, as escovas, as botas de montar, atropelavam-se, molhando as bragas e as nizas com a espuma que branqueava a orla da pátria. Um moço agigantado, muito moreno, de colete de riscas amarelas e pretas, levantava acima dos salpicos da rebentação duas malas e uma enorme gaiola onde zaragateava uma arara branca de penacho eriçado, muito arrenegada, bicando as grades - era o criado dum brasileiro rico alistado nas hostes de D. Pedro por amor à aventura. Os do Corpo Académico desciam dos botes de calça arregaçada até ao meio da perna, botas ao ombro, e as barretinas redondas presas pela correia sob o queixo conferiam-lhes o aspecto de estudantes em excursão -lá vinham os jovens escritores, os poetas da esperança romântica que a guerra fazia cúmplices que nunca viriam a ser, Almeida Garrett e Alexandre Herculano. Às cavalitas de soldados do

Batalhão Provisório de Infantaria atravessavam a rebentação alguns notáveis, o marquês de Palmela sopeando a gota, muito apreensivo, Mouzinho da Silveira, solene e calado, de espada à cinta, o maravilhado Silva Carvalho, que na noite anterior confundira os sinais luminosos da tropa miguelista com foguetes a festejarem a chegada, o conde de Paraty, meio anão e obeso, de chapéu armado e erguendo um sabre do seu tamanho, o José Xavier, amarelento do enjoo e muito apajeador, o padre Marcos, capelão do imperador e chefe da Igreja liberal, taful e gralhador, mostrando os canelos lívidos sob a batina sofraldada e enrodilhada na cabeça do soldado picoto que o levava. Com muitos trabalhos, cordame, roldanas e força de braço, prolongava-se o transporte para terra da artilharia liberal: um obus e duas peças de campanha - uma rapalha.

Lá mais para diante seguia a coluna de Shwalbach, estrada de Leça fora, por sua conta e risco, olho vivo que não descortinava nem inimigos nem amigos, atravessando aldeias de casinhotos lúgubres e portas trancadas, acenando a uns poucos camponeses que vinham da lida nos campos e não lhes respondiam às saudações, quando não se escondiam entre o folhame dum milheiral ou se acachapavam atrás dum cômodo, sem quererem saber dos vivas que lhes gritavam. Era natural que eles achassem tudo aquilo insensato porque do abstracto apenas acreditavam nas iras fulminantes de Deus; e as guerras, dizia-Lhes a memória, eram sempre ajustes de contas entre senhores. Toda a ideia de progresso era a de uma colheita melhor que a do ano anterior e isso dependia da chuva a seu tempo - se a Dona Constituição protegesse as uvas do granizo e os trigos da seca melhor que D. Miguel, eles não tinham dúvida em fazer-se liberais. Se não, não - que era arriscado contrariar a natureza e os santos nos altares.

Entretanto, na praia, Nuno e Filipe no meio das fileiras dos Voluntários da Rainha faziam coro com as aclamações ao duque de Bragança que vinha entregar-lhes o estandarte azul e branco recebido pelas mãos trémulas de Tomás de Mello Breyner, soldado veterano, de

barba embranquecida caindo sobre o peito revestido do jaleco cor de saragoça, de gola alva avivada de azul-claro e canhão orlado de branco, de olhos molhados de lágrimas, como quase todos, até ao mais empedrenido de coração e ao mais céptico de espírito, arrepiada a pele curtida pelas privações e a alma roída de saudades submersa por um sentimento de grandeza, único, que era o de estarem fundindo os curtos limites da história das suas vidas com a história sem limites que ajudavam a fazer.

Mais tarde, já noite cerrada, lá chegaram a Leça Filipe de Villepin e Nuno de Almeida com os seus homens, que a muito custo venceram a relutância local em os aboletar. Souberam ali que a divisão do general Santa Marta, forte de treze mil homens, muita cavalaria e artilharia, tinha retirado inexplicavelmente e constava que estaria àquela hora a atravessar o Douro para a margem esquerda. Os optimistas encontraram as razões daquele movimento absurdo no apoio popular à causa de D. Maria, os outros admitiam tratar-se duma armadilha táctica previamente estudada. Enganavam-se todos, e nenhum queria acreditar que tinham desimpedido, à sua frente, o caminho do Porto, enquanto postavam sentinelas e emboscavam secções nas entradas da vila. Os contingentes de Caçadores 2 e 3, ao mando de Shwalbach, tinham tomado posições ao longo do rio Leça, enquanto o 5 estava já próximo de Pedras Ruivas e os ingleses do Batalhão Naval tinham segura Perafita.

- Estamos a ganhar... - vangloriou-se Nuno de Almeida, com tímida convicção.

- Mas, afinal, não há festa nenhuma... - comentou o companheiro. Nuno já não o ouviu, adormecera pesadamente e o sopro da sua respiração pausada era como um metrónomo ecoando nas paredes do estábulo abandonado que lhes servia de quarto. Estavam deitados sobre uns restos de palha meio apodrecida pela humidade, num casulo de bafio atravessado por algum rato de campo, sob as mantas de campanha. Filipe estava tão extenuado que não conseguia alcançar as margens do sono, pendente do alerta das sentinelas gritado ritmadamente de posto em

posto. A imagem de Margarida desenhava-se agora com a mesma nitidez da viagem do exílio e dos primeiros tempos da emigração, como se a qualidade do tempo transcorrido se alterasse com a distância que, encurtada, resumia a intimidade da paixão, a audácia da vontade, a força do sentimento, a convicção com que regressava ao rumo mais firme da vida. Via-a de vestido branco e chapéu de palha com uma fita cor-de-rosa caída sobre as costas, no caramanchão do jardim da casa da Lapa, diante do cavalete de mestre Raimundo que ele então elegera como pintor de maravilhas, e fixava-se no brilho do olhar dela que derrotava todas as ameaças da solidão, marcando o trajecto certo no extenso labirinto da memória. Christine cruzava aquelas trevas como um relâmpago de volúpia que o ofuscava como mãe do seu filho, turbando-lhe a insónia na primeira noite do regresso. Revolvía-se sobre a palha, cerrando as pálpebras, sem saber ao certo se queria ou não afugentar as duas imagens, a da lembrança e a do esquecimento.

Daí a poucas horas, na manhã resplandecente, marchava na estrada do Porto, roendo meio pão duro que por dó lhe dera a caseira da quinta onde pernoitara, às escondidas do marido, que não queria nada com os estrangeiros que vinham para lhe roubar os bois, devassar as courelas, os baús do aforro, e matar os frades e as monjas. Era o primeiro alimento sólido que tragava desde a chegada e, como ele, os soldados penavam fome de rabo pelo que lhes autorizou um alto, à vista dum pomar que eles logo saquearam com muita limpeza e rapidez, regressando ao trilho, aos que marchavam pelo caminho poeirento, debaixo dum grande sol sulista que alegrava aquelas almas simples, a recuperarem os frutos da terra com que sonhavam diante duma malga de porridge em Plymouth, ou duma frigideira de beignets, em Brest ou Paris, comidas bárbaras que não lhes matavam o apetite rústico. Retomaram, pois, a marcha, gárrulos, relaxados da tensão das primeiras horas, confiantes, imunes, dando à taleiga com a rude verborreia portuguesa, reconhecendo em altas vozes o vernáculo que rosnavam baixo no exílio.

A estrada era agora bordejada por tufados renques de hortênsias, e Filipe recordou que se pareciam com as do jardim da Lapa e com as que mestre Raimundo pintara em fundo no retrato de Margarida. Deteve-se e colheu uma grande flor azul que enfiou no cano da espingarda, os soldados imitaram-no e os que vinham atrás fizeram o mesmo, de modo que, às portas do Porto, as matronas que ousavam chegar às varandas das casas viam uma nuvem de flores azuis em movimento ondulante deslocando-se na direcção da cidade e persignavam-se, crendo que o milagre mudara de campo e que o céu lhes mandava uma chuva de flores em vez do dilúvio de sangue que auguravam os padres nos púlpitos e os senhores às portinholas das liteiras, fugindo da peste liberal e maçónica. Rouquejaram os primeiros vivas à Carta, a D. Maria, a D. Pedro, à liberdade, ainda tímidos, espaçados, reticentes de incredulidade, e estoiraram os primeiros foguetes quando os soldados apontaram à Rua da Cedofeita, inchando os peitos num esforço marcial, comovente, porque as fardas eram paupérrimas, o calçado de refugo, a fominha roaz e as penas pesadas de vários anos estrangeiros. Surgiam finalmente magotes de povo a saudá-los, com muitos laços e fitas bicolores, a bandeira oculta com muitos medos nalgum desvão, cestas de comida, lágrimas nos olhos, muitos vivas e algumas vociferações de vingança contra os esbirros do usurpador e o pessoal apostólico que se ciscara de noite para Vila Nova, no rasto da divisão do Santa Marta, ou ao longo da margem direita do Douro, rumo a Alpendurada e Magrelos. Com excepção de alguns negociantes ingleses, que juntavam fleumáticos hurras à algazarra, era a arraia-miúda que fazia a festa, entremeada de gente da classe média, comerciantes da Calçada da Natividade, pasteleiros de Santa Catarina, ourives dos Clérigos, peixeiras da Ribeira, colarejas da Rua Escura, regatões, farpeleiros, aguadeiros, almocreves, arreeiros. Havia, porém, naquelas expressões jubilosas uma vaga moderação, um certo maternalismo piedoso nos comentários das mulheres que avaliavam os soldados, lamentando-os por maltrapidos e frouxos; e os burgueses, entendidos e prudentes,

achavam-nos poucos e mal equipados, doseavam o entusiasmo, retiravam para casa a palpitar de que lado estaria o vento nos dias seguintes. Os que nada tinham a perder haviam ocorrido, de noite, às forças da Praça Nova e à cadeia da Relação a soltar os presos. E a soldadesca exausta e mal nutrida desfilava perante os destroços do patíbulo destruído à machadada e do cadáver esventrado do carrasco João Branco, exposto à porta da prisão, única vítima da conquista da segunda cidade do País. Mais se retraíram os entusiasmos populares quando viram passar, puxados por homens, as duas peças e o obus, toda a artilharia liberal. E, embora vitoriando a entrada do imperador, notavam com cepticismo que ele era o único que vinha montado e, mesmo assim, num ridículo garrano que lhe tinham oferecido nas imediações de Leça.

Filipe, mandando ensarilhar armas em frente do colégio dos Grilos, pensava no dia seguinte, no que fariam do Porto libertado oito mil homens com tão poucos recursos, tendo pela frente um exército regular de oitenta mil soldados. Sentiu que a esperança se transformava na cegueira da fé. E achou-se a perguntar a si mesmo como ajudariam os homens, em nome da liberdade, os insondáveis desígnios de Deus.

O CERCO

*«Deixa ir o mundo seu passo e, contra si mesmo armado, corta
c'um braço o outro braço» Nicolau Tolentino, A Guerra*

A mata-cavalos ia a divisão do general Póvoas, rumo ao Norte, e com ela o coronel José de Almeida, cavalgando um ruço de sua casa, peninsular de jarretes grossos e pescoceira larga, com onze anos e algumas cumplicidades equestres e bélicas, nas quais se contava a campanha contra os renegados do Belfast, quatro anos antes.

Pelas informações recolhidas, previa o coronel uma vitória decisiva e rápida, que o tímido Santa Marta deixara escapar escapulindo-se do Porto em desordem suspeita. Já a divisão do visconde

de Montalegre manobrava para isolar o Porto pelo norte, e era tão grande a supremacia das armas realistas que desta vez haveria de se cumprir a promessa de não escapar um só dos malhados. Ensombravam-lhe, porém, o optimismo os pensamentos íntimos, quando ia cruzando já o rio Douro com a cavalaria real - a lembrança do irmão Carlos, renegado, na abastança que a traição lhe proporcionara em Paris, e a notícia que Pedro lhe revelara - que o filho mais novo de Carlos vinha na expedição dos aventureiros liberais. Cavalgava o coronel miguelista, pensando a imaginar a morte do sobrinho às mãos dos seus soldados, se não à sua própria. E refreava-lhe o entusiasmo essa ideia do sangue da família a resgatar a independência da pátria, o trono que tinha por legítimo e a religião que era o seu cabouco mais fundo. Na monotonia da marcha, os olhos semicerrados viam rios de sangue afogando o orgulho da filha. E o sabor antecipado da vitória tinha um travo amargo de tragédias pressentidas, um preço tão elevado que, sem vacilarem as suas convicções, lhe cruzava o espírito a súbita fé no milagre duma paz insensata. Repelia a fraqueza com um esforço de vontade, recusando-se a ver parentescos com aqueles que ia derrotar e aniquilar, mas perguntando-se quantos dos seus soldados não teriam irmãos nas fileiras inimigas, quantos fratricídios os esperavam no confronto que ia retalhar o corpo da nação. Impunha-se firmeza, na sua direitura de cavaleiro, herói das batalhas contra os exércitos de Napoleão, que nessas ninguém vacilara nos sentimentos e na vontade, dissimulando o cansaço triste com que ia lutar pela justiça do rei legítimo.

Um oficial veio colocar-se a seu lado, sacou do sabre-tache o mapa e foi consultando as incidências do caminho, aconselhando-se sobre o lugar adequado para o próximo alto. Era o tenente Segismundo Avilez.

Despachado o assunto e transmitidas as ordens, José de Almeida desembolsou o lenço de quadrados, limpou com ele o suor da testa e do pescoço, voltou a metê-lo na algibeira do dólman, suspirou e resolveu dar conta das suas preocupações:

- Tenente Avilez... Como sabe, abri-lhe sem formalismos a porta

de minha casa porque o tenho na conta de pessoa bem-formada e homem de honra. Pelas mesmas razões lhe abro também o coração, que já dobrou há muito o cabo das paixões mas sangra pelo da filha que tem andado hipotecado à maldição dum inimigo da pátria. Sinto-me envelhecer e mais me alquebra o desgosto de ver a família dividida, não só por via dum sobrinho que está além, no bando liberal, mas também no seio dos meus, porque sei bem que a minha filha reza a Deus pela vitória dos nossos inimigos...

- Não creio, meu coronel, que a virtude de D. Margarida conviva com tão sinistros desígnios - atalhou Segismundo.

José de Almeida, vagueando o olhar pelo infinito, prosseguiu:

- As mulheres, tenente, têm uma lógica própria quando mergulham na paixão. A virtude confunde-se então com a perversidade, sempre que vêm perigar os seus objectivos. Mas... O que pretendo dizer-lhe é que, mesmo para além da minha morte, não há-de a minha família ser desonrada e que conto consigo e com a sua amizade.

O tenente Avilez agradeceu a confiança e deu garantias. Era sincero e também tinha ideias firmes sobre as mulheres e o amor. Com fundamento, porque a sua discrição e requinte de maneiras disfarçavam uma carreira de aventuras juncada de corações despedaçados. O caso de Margarida era, porém, um novo desafio que se fora transformando primeiro numa tentação de bargante, depois num espinho cravado no orgulho e, finalmente, no desconforto dum amor autêntico não correspondido.

A verdadeira batalha por Margarida começara quando ele percebeu que a indiferença dela se substituíra pelo ódio. Ele também sabia - talvez melhor que o coronel José de Almeida - que é nos extremos da tal lógica feminina, quaisquer que eles sejam, que se forjam os desenlaces mais contraditórios. Estava muito seguro de si.

Sob a chapa do Sol e levantando baforadas de pó, cruzaram-se com os cavaleiros duas seges com as bestas a trote. Vinham ajoujadas de

malas, seiras e trastes e, no meio deles, umas famílias em que se adivinhavam os medos duma fuga improvisada. Algumas liteiras aproximavam-se igualmente, envolvidas pela poeira levantada pelos cavalos dos vedetas que traziam notícias da vanguarda. O povo de Penafiel estava a fugir da tropa dos malhados que haviam entrado na cidade, pondo em debandada os do general Santa Marta, apanhados de surpresa. Da retaguarda da coluna chegou a galope um ajudante de campo do general Póvoas a ordenar um alto e a convocar o coronel Almeida para conferência de Estado-Maior. O eco distante da fuzilaria, a que se juntavam espaçados tiros de peça, chegava distintamente aos ouvidos de José de Almeida e de Segismundo. Estavam a menos de uma légua da povoação. Aparecia mais gente em tropel fugitivo e, entre eles, os primeiros militares feridos, misturados com outros que visivelmente resvalavam nos algares do pânico. Penafiel estava perdida, diziam com o espanto nos olhos e as faces congestionadas pelo calor e pelos sustos, acrescentando que haviam os hereges saqueado e incendiado o Convento do Bostelo, o que confirmavam civis espavoridos e frades de saquitéis e trouxas ao ombro, parando a agadanharem as botas dos cavaleiros, a implorarem a desforra e tropejando maldições contra os enviados do inferno para conspurcarem o trono e o altar com igual ferocidade. Alguns monges vinham incorporados na matula das guerrilhas, de jaquetas brancas e chapéus bragueses com fitas azuis e vermelhas, clavinaços de outros tempos, chuços, facões, escupetas de calibres vários, pistolões, navalhas, num mistifório grulhento que procurava chefes e ordens.

O calor de fornalha que tudo aquilo envolvia excitava os desesperos sem derreter os ódios.

O coronel José de Almeida olhava a estrada atravancada pelas ânsias do desastre, assombrado, incrédulo. E pressentia que a guerra entre irmãos, que ora começava, seria mais cruenta que todas as outras guerras conhecidas, porque a esquentava o turbilhão das paixões ardendo nas veias onde corria o mesmo sangue.

Em Penafiel deserta vagueavam os ingleses do coronel Hodges e os portugueses de Infantaria 18 e dos Voluntários da Rainha. Sob o caramanchão dum jardim, conferenciavam o comandante inglês, o tenente-coronel Pinto de Mendonça, dos Voluntários, e outros oficiais. Nem eles nem ninguém sabiam o que fazer com a vitória.

Os alferes Almeida e Villepin estavam postados com as suas tropas, ao abrigo de umas devesas, na entrada da povoação, dominando a estrada para Valongo e para o Porto, conquistada a golpes de bravura romântica, sem plano de campanha, atrás da inspiração ousada dos chefes, ao troar das duas peças dos Académicos e da fuzilaria das escupetas que devastaram as mal organizadas hordas miguelistas muito superiores em número. Na encosta norte, sobranceira a Penafiel, deambulava um grupo de mulheres a recolher os mortos, que os havia soldados de linha, guerrilheiros e até frades surpreendidos de clavina e punhal atado às contas do rosário, e os choros delas, que arrepelevam os cabelos e queriam arranhar o céu com as unhas dos dedos enclavinados, procurando os bentinhos e as relíquias que não haviam salvo os seus homens, esses brados e gemidos rolavam pelo declive verde do prado como agoiros jogados de cima sobre os soldados liberais portadores do fim da vida.

Calados e exaustos, Filipe e Nuno reviam as imagens tormentosas daquele dia sem fim, de Valongo a Penafiel, um dia que cheirava a morte e a pólvora; e a sangue, a sangue e a vinho morno correndo das pipas da adega do Mosteiro do Bostelo, em golfadas vermelhas que os ingleses, morrendo de sede, engoliam antes de morrerem de embriaguez, esganados pela canícula infernal; a sangue e a suor, do que pingava das baionetas na carga derradeira e do que encharcava os uniformes manchados e encarvoados das explosões das buchas nas recamaras das armas; a sangue e a incenso derramado dos turíbulos durante o saque do convento, devastada a livraria, as alfaias, escachadas as portas a machado; a sangue e a cinzas quando o fogo tomou conta dos

despojos e os soldados, enlouquecidos pelo calor e pelo vinho, se atiravam, inconscientes, às linhas inimigas que a demência rompia e punha em debandada. Depois, tinham entrado na vila esquadrinhada por uns quantos cães vadios, abandonada à liberdade de que o povo fugira, atrás das cruzes dos frades e das espadas dos guerreiros em fuga.

Os comandantes liberais tiveram que conformar-se, após um breve reconhecimento dos vedetas a cavalo, com a única saída possível, perante a proximidade de mais de duas divisões miguelistas - o regresso ao Porto.

- Mas isto foi uma insensatez! - exclamou Filipe. - Para quê esta batalha? Todos estes mortos...

- Para mostrarmos a força que não temos - respondeu-lhe o companheiro.

Na dura caminhada do regresso, o alferes Villepin ia meditando nos sucessos do dia. E recordava, inquieto, que no aceso do combate, quando o rentavam as balas e viu um soldado cair a seu lado morto por um tiro no peito, se alapara ao chão à cata de defesa, murmurando a palavra mãe como se estivesse conversando com a terra da pátria, enquanto se lhe perfilavam no espírito com fulminante nitidez, saídas da intimidade pavorosa da morte, as imagens de Margarida e de Christine. Revia-as, agora, interrogando o coração sobre essa confusão de sentimentos, sem esperar resposta, porque a vida se ia transformando numa ininterrupta cadeia de perguntas.

Aqueles primeiros dias de campanha haviam passado num frenesim laborioso, recolhendo e pondo em posição as peças abandonadas pelo inimigo e as dos navios, transportadas para terra com muitos trabalhos, arrebanhando os cavalos e muares que fora possível encontrar. Do Trem de Ouro à Ribeira, no entanto, arriscava-se quem lá passasse a ser alcançado pelas surriadas dos fuzis miguelistas em posição na margem esquerda do Douro. A divisão ligeira comandada pelo coronel Shwalbach conseguiu atravessar o rio e pôr os realistas em debandada, barricando-se

no Alto da Bandeira, no convento da Serra do Pilar e em Santo Ovídio. Mas faltavam efectivos e o único plano de campanha era ainda o que se baseava na esperança de aliciar as populações e os soldados inimigos a quem se prometia uma moeda de ouro por infante, dez moedas a cada cavaleiro com montada, mais os prês atrasados. Os desertores, porém, não apareciam e o que prevalecia era o cepticismo dos simpatizantes da causa e a hostilidade dos povos que se acolhiam à protecção das divisões miguelistas.

Assim, a coluna do coronel Hodges, inutilmente vitoriosa em Penafiel, recolhia ao Porto, noite alta, em silêncio, com os soldados no extremo da fadiga.

Filipe de Villepin e Nuno de Almeida desataviaram-se de talabartes e mochilas e arrojaram-se sobre a palha espalhada nas lajes duma sala do Colégio dos Grilos, quartel dos Voluntários, sem forças nem ânimo para demandarem a casa de família onde estavam aboletados. Antes do sono os submergir, pressentiam o grande cerco que lhes estavam montando.

Com altivo desdém, Margarida de Almeida atirara para a boca do fogão as três primeiras cartas do tenente Avilez, sem se dar ao trabalho de lhes romper as obreias. A Francisca aprovara o gesto, pois pusera definitivamente a fidelidade do coração à frente de tudo e embirrava com as contumélias do oficial, quando ele andava por ali ao chá das tardes e à babugem dum bom partido.

- Um sabidão! - concluía.

De maneira que estranhou que a quarta missiva, que vira chegar dois dias antes, não seguisse o destino radical das outras.

Margarida justificara a si mesma a excepção com a curiosidade de verificar se o estilo epistolar de Segismundo Avilez conferia com os modos de salão e o aparente polimento com que a cortejara. Surpreendeu-a a elegância e o despojamento da prosa que lograva transmitir sentimentos calorosos e nobres. Deixaram, assim, as cartas de

Segismundo de ser imoladas no lume do fogão. Chegavam regularmente, com a letra inclinada para a direita, caligrafia fina condizendo com a semântica rigorosa e muito comunicativa, duas vezes por semana, sem falta, transportadas com o correio militar que mantinha as ligações entre as margens do Douro e as do Tejo. Eram cartas de amor, obstinadas mas serenas, transmitindo uma grande segurança que ora espicaçava a irritação de Margarida, ora a punha meditando no contraste com as tiradas arrebatadas da prosa romântica de Filipe de Villepin, de quem estava sem notícias desde que ele saíra de França para os Açores. Perante os seus lamentos por tão longo silêncio, a cozinheira atrigou-se a propor-lhe os serviços da vidente da Rua de São Bento que lhe estava assegurando notícias regulares do seu filho Horácio, que tão subitamente reaparecera na sua vida quando o regresso a casa da sua menina lhe reacendera a memória dos afectos. Margarida conteve um sorriso de incredulidade e de mofa, e perguntou-lhe que novas lhe dera ultimamente a bruxa das cartas e da bola de vidro.

- O meu Horácio anda em companhia de gente fina, já está muito longe do tal rio por onde andava meio nu, na companhia de marafonas tão desvestidas como ele. Atravessou o mar e ainda me há-de aparecer aí à porta, de grilhão de ouro pendurado na algibeira do colete, fato de boa fazenda e chapéu alto como o do seu paizinho quando andava à paisano.

Margarida farsanteou:

- Quem sabe se ele não veio com os emigrados que estão cercados no Porto...

A Francisca recaiu na veia apostólica, benzeu-se e arrenegou tal ideia:

- Ai menina! O filho do meu sangue metido com os Anticristo que andam a matar os frades e a incendiar os conventos! Agora não!...

O conflito entre as missas das Janelas Verdes e as adivinhações da mulher de virtude era, porém, profundíssimo, pelo que se apressou a moderar ambas as crenças:

- Bem sei que andam lá no bando dos hereges senhores fidalgos, para não falar do tal rapaz que já deve à menina três anos de convento. E isto da vidente também não é assim tão certo como o milagre da Senhora da Rocha...

O semblante de Margarida turvou-se à alusão da Francisca à dívida de Filipe. Retirou-se para o quarto, de consciência magoada pela frivolidade de dar conversa à cozinheira e atenção às letras dum inimigo. Chorava silenciosamente, olhando da janela do quarto o recanto do jardim onde pousara para mestre Raimundo e vira, pela primeira vez, os olhos pretos de Filipe de Villepin e a sua figura esbelta recortada no renque de hortênsias azuis. Achava-se ignóbil pelos pensamentos que lhe acendiam as cartas de Segismundo, mesmo se o detestava, porque o ódio que lhe dedicava era já construído pela razão e pelo tributo do sofrimento de mais de três anos de paixão contrariada. Nestes instantes, tinha saudades do convento, porque a austeridade e o isolamento do mundo preservavam todas as coerências e juras, incluindo a de amor eterno a um banido da sociedade pelas leis da monarquia absoluta e das famílias organizadas para durarem até à eternidade.

Os presos da Torre de São Julião da Barra andavam embebidos em esperanças desde que tinham sabido do desembarque de D. Pedro. Francisco Alves, que estava uma vez mais nos subterrâneos, ouvira da boca do Teles Jordão em pessoa, quando ele passeava por cima da abóboda em conversa com o capitão Carvalho, o desabafo grosseiro que confirmava tudo.

- Ora aí está - dizia ele. - Deixaram-nos meter o cu dentro, agora aturem-nos. Se não foi traição, parece.

A guerra acendera uma luz ténue na mente perturbada do Alves, de modo que passara a partilhar com os companheiros de infortúnio uma espécie de prudência de quem tinha razões e um alento novo para suportar os maus tratos de que estavam prevendo o fim. Quando o tiraram para cima, meteram-no numa enxovia que dava para a parada do forte, de

onde se avistava o telégrafo que o Francisco sabia ler, pelo que durante alguns dias todos tiveram por ele notícia das batalhas à volta do Porto. O Jordão, ao descobrir a manigância, mandou trancar e pregar as janelas, pelo que se agravou a condição dos detidos, sem ar nem luz, que alguns deles padeciam de doenças graves e foram piorando. Encontraram, no entanto, os infelizes outros meios de ler o telégrafo e o seu próprio funcionava às maravilhas, com pancadas nas grades correspondendo às letras do alfabeto, compondo as mensagens que se espalhavam por toda a prisão como fogo na palha, evitando que as falsas informações dos carcereiros tivessem crédito e lhes corroessem o moral. Os esbirros, porém, não aturavam ver os detidos em melhor disposição, sobretudo quando as esquadras inimigas se enfrentaram na barra do Tejo. Faziam então incursões aterradoras nas celas, com ameaças, insultos e pancada, sobretudo um tal Marinónio, o Carvalho e o Jaime e ultimamente um padre Albuquerque, frade Bernardo egresso, que de todos se destacava pelo ligeiro da taleiga, tendo um dia invadido a cela onde se encontrava Fernando de Sousa Coutinho e Francisco Alves a berrar:

- Pedreiros-livres, filhos da puta, cornos do diabo! Já se acabou tudo! Agora pagarão caro o que têm feito. Lá se foi a vossa Maria zabumba e o imperador dos macacos. Morram os malhados]

O sargento do 16 de Infantaria mordia os beiços, nas pausas dumas rezas murmuradas em que entremeava o nome de Deus com os mais nefandos epítetos aos algozes, querendo salvar a alma e enviar as dos inimigos aos mais tórridos infernos. Era o modo que achava de calar os gritos que sufocava e atender aos rogos de os não soltar que os companheiros lhe dirigiam, receosos das consequências.

Numa tarde de Setembro, nevoenta e fresca, já anunciadora do Outono, o Alves divisou da janela do novo poiso para onde o haviam transferido, junto à cisterna, o João da Silva em palestra com o brigadeiro Jordão. A vista do beleguim foi como um vergueiro zurzindo nas chagas da vítima do tirano - atirou as manápulas às grades, fincou-as como se

estivesse ciente de as arrancar e vozeou as mais hediondas qualificações na intenção do secreta, as quais ecoavam nas vetustas pedras da fortaleza como o clangor das trombetas do último juízo. Acrescentou os clássicos vivos proscritos à liberdade, à rainha menina e ao senhor seu pai, e passados minutos esperneava entre dois grilhetas que o arrastavam, novamente a caminho do segredo, nomeando em altos berros as malfeitorias do João aos liberais e augurando-lhe castigos humanos e divinos, se os homens e os santos fossem capazes de tanto arreganho e imaginação.

Tinha o João da Silva sido convocado pelo brigadeiro por ter este obtido o comando da segunda divisão do exército miguelista e haver requisitado o Silva para o seu Estado-Maior com o posto de alferes.

Na noite seguinte, já a Gracinda estava cosendo num dólman bem talhado, a estrear, os galões de oficial do seu João, que palmilhava a saleta de cá para lá, fazendo ranger o couro das botas altas que andava a domar. Levantou a vista da costura para o berço onde dormia a filha e, depois, para o homem que ensaiava a autoridade e os modos marciais, e sentiu que a vida lhe estava a preparar uma volta que não sabia ela qual. Não era pessoa para interrogar o futuro, mas a menina no berço paliava-lhe agora o seu modo de viver o presente como se fosse o tempo inteiro. Mas perguntava-se como seria a casa da Rua Fresca, as outras ruas da cidade e o mundo misterioso, sem o seu homem que ia para a guerra. Dava balanço àqueles três anos e concluía que arremedavam a uma mágica de teatro, em que o fingimento era ofuscado pelas vistosas casquilhices dos cómicos, e que começava a correr o risco de encetar o regresso à verdade que não morava na Rua Fresca.

-Que tens tu? - interrogou João, especando diante do banco onde a Gracinda estava sentada, com o uniforme no regaço e os olhos em alvo.

- Nada... Estava cá a pensar se não era melhor eu ir contigo para a guerra. Deixávamos a menina à tua mãe...

- Nem penses! - zangou-se ele, parando a mirar o porte militar no

espelho do aparador. - Julgas que sou algum praça assaloiado e tu alguma vivandeira?! Sou oficial do Estado-Maior do general Teles Jordão. Entendes?!

Ela, nem que sim nem que não, repôs o dedal no indicador, pegou na agulha e baixou a cabeça retomando o cosicar. Antes fosse vivandeira do cabo fuzilado, pensava, com uma grande tristura nos olhos que escondia do João, se ele acaso os procurasse.

Ao redor do Porto os inimigos mataram-se uns aos outros, durante todo o Verão, sem que houvesse verdadeiras vitórias dum lado ou do outro. Ponte Ferreira, Souto Redondo, as batalhas da serra do Pilar semearam de mortos as duas margens do Douro. As baterias miguelistas varriam boa parte da cidade e o cerco instalou-se, visível nos entricheiramentos que riscavam os arrabaldes e as ruas. O humor da população e dos soldados variava segundo o vento dos boatos, dos rumores, das informações viciadas e dos factos

- tão depressa repicavam os sinos a cantar vitórias como emudecia tudo com o pavor das derrotas. O fantasma da belfastada pairou várias vezes sobre as hostes liberais, houve quem chegasse a fugir para os barcos ingleses e constava que o próprio D. Pedro admitira fazê-lo. No regresso da luta de Ponte Ferreira, uns frades miguelistas deitaram fogo ao Convento de São Francisco, adaptado a quartel de Caçadores 5, tendo perecido nas chamas três soldados. Verificaram-se as primeiras deserções. Mas os expedicionários mais determinados, como o Shwalbach, o Hodges, o famoso Bernardo de Sá, o Shaw, o Costa de Artilharia, o denodado Torres, defensor da serra do Pilar, teimavam desesperadamente e incutiam nos tíbios a coragem de se aguentarem. Como possessos, a quem D. Pedro dava finalmente exemplo de extrema galhardia, atiraram-se à obra de barricar o Porto, cavando trincheiras, erguendo redutos, instalando baterias, traveses, parapeitos, mantendo a todo o custo a posição da serra do Pilar e aberta a foz do Douro por onde entravam os víveres, as munições, o dinheiro e mais uns punhados de mercenários. Até o

imperador, com brava tenacidade, empunhava a enxada para abrir os fossos dos baluartes e mandara embora os barcos de transportes para evitar tentações.

Nuno de Almeida e Filipe de Villepin, com os Voluntários da Rainha, cobriram-se de glória, sobretudo em Ponte Ferreira, onde o Peniche e o Armando, que já haviam sido heróis portugueses na revolução de Paris, encontraram a morte lado a lado, durante uma carga do Batalhão de Caçadores 5. O sargento Bavard tinha sido gravemente ferido no contra-ataque do Alto da Bandeira, após a debandada de Souto Redondo. O capitão Jean Goriot falhara a morte que parecia buscar no mais aceso das fuzilarias. E Tomás d'Aquino dera exemplo de bravura em todos os combates, no intervalo dos quais recolhia ao oásis modesto duma casinha de dois quartos, à Torre da Marca, onde instalara uma Angélica Florinda que, mal chegara, tinha resgatado de serventa no Convento de Santa Clara, a qual Angélica era o óbvio motivo da sua perdição como frade e da sua redenção como paladino da liberdade.

Numa tarde de fins de Setembro, desobrigados por algum tempo dos deveres militares, Filipe e Nuno foram ao hospital visitar o sargento francês. Le Bavard estava já em convalescença e, na véspera, haviam-no finalmente liberto das talas que lhe imobilizavam o braço direito quebrado por uma bala. Estava ele gozando uma réstea de sol junto aos claustros para onde sobravam os feridos ligeiros, estando peçadas as enfermarias. Saudaram-se com grande efusão e o sargento bonapartista descreveu, uma vez mais, com cópia de pormenores, a batalha em que ganhara mais uma cicatriz. Mas queixava-se:

-Estou nostálgico de vitórias... Em cercos só estive no de Maubege, era ainda um garoto. Não gosto, falta-me espaço, sufoco. Quando passámos aquela ponte do Douro onde os malvados me vararam o braço, devíamos ter continuado atrás deles, por ali fora até Lisboa. O nosso general Villa Flor é um bom militar, mas enredam-no os políticos, que tantas vezes causam a perda dos soldados, juntamente com os outros

gerais de palácio que Monsieur (assim se referia sempre a D. Pedro) protege nas manobras dum governo em que só há um esperto, le marquis (como designava o marquês de Palmela), e um honrado, le philosophe (o ministro da Fazenda Mouzinho da Silveira).

Sorriram os dois alferes da severa análise de le Bavard, que era exorbitante mas fazia coro com a maledicência que tinha outras vertentes de intriga e de poder, as quais tinham levado o imperador a chamar a si o papel de general-chefe e a fazer de Villa Flor, por compensação, duque da Terceira.

Nuno comentou:

- O pior é que o marquis é um florentino, sem popularidade, e o philosophe um idealista obcecado pela legalidade...

- Que está erguendo um belo edificio jurídico, uma nova ordem social, moderna, que com tanta diligência começou na Terceira e está prosseguindo aqui. Acabar com o monopólio da Igreja no ensino, casamento civil, por aí fora... É obra! - atalhou Filipe.

-Não desdigo. Mas o seu legalismo chega a ser casmurrice e inconsciência, em tempo de guerra. Pois não é que o Mouzinho teima em não deixar que se traga de Vila Nova esse tesouro dos vinhos da Companhia, porque são propriedade alheia! Ele que já decretou a abolição dos bens da coroa e a extinção dos dízimos. Propriedade alheia, imagine-se!... Quando aquilo pertence ao inimigo e está ao alcance das nossas baionetas do outro lado do rio, antes que nos enxotem de lá as divisões do usurpador! E isto sem ter dinheiro para pagar os prés...

O alferes Villepin cofiava a barba hirsuta, que já aparara ao admitir que o fim da guerra distava meses ou anos, e muito determinado afirmou que não senhor, que haveriam de saber defender os vinhos de Gaia, lá onde eles estavam.

- Nunca tinha combatido numa guerra do vinho - interveio o francês. - E, nesta, já muitas baixas ele fez naquela canícula do caminho de Penafiel, onde eu vi os corpos duns ingleses que deram a vida por umas

goladas no dos frades.

Não digo que esta não é uma guerra a valer. Pelo contrário. Nunca vi nenhuma sem mais solução que matar ou morrer.

Nuno de Almeida estendeu-lhe, então, uma garrafa de verde que trouxera de lembrança. O sargento apressou-se a desrolhá-la e, antes de ajustar a beíça ao gargalo, disse que nunca fora cornetim mas que naquela gaita tocava muito bem.

- E, afinal, os senhores alferes sempre passam para a cavalaria? Diz-se que montadas já existem...

- Parece que sim - respondeu Filipe. - Vieram com a leva de ingleses, alemães e belgas, à volta de trezentos cavalos.

- Só que, cercados dentro da cidade, não lhes vejo por ora grande préstimo - observou o Almeida.

Saindo do hospital, Nuno confidenciou ao companheiro:

- Enquanto não vier o homem, não há saída para esta situação...

- Qual homem?

- O Saldanha. Quem haveria de ser?

- E como?...

- Há um grupo dos Voluntários e dos Académicos dispostos a exigir que se chame o general. Temos correspondência com ele, com os Passos, com o Pizarro.

Estavam já a caminho da Praça Nova e do pasmatório dos botequins, onde se praticava a má-língua e a boataria. Beberam ali umas limonadas, ouvindo o grulhar da politiquice de mesa de café e puseram-se a andar para o hotel do Cosme mulato, à Cordoaria, onde aboletava um capitão inglês que os convidara para jantar. Nos intervalos dos ataques e mesmo durante os bombardeamentos, a vida na cidade arremedava estranhamente a uma certa normalidade e, apesar das faltas que começavam a sentir-se, o quotidiano não se modificara muito. Nuno mantinha a prática das suas artes de homem mundano e conservava na algibeira do dólman o carnet social bem recheado de compromissos.

Nos aposentos do capitão encontraram os dois amigos mesa farta e requintada, e umas garrafas de Bordéus trazidas pelo comandante duma corveta britânica surta na Foz, o qual era também dos convivas, bem como um oficial escocês, que estivera na Guerra Peninsular, e um barão brasileiro feito major de infantaria que andava sempre acompanhado por um criado de libré, matulão moreno de grossas patilhas, que o vestia, alombava com o equipamento, lhe carregava as pistolas e lhe enchia os copos. À sobremesa, no meio duma algaraviada de inglês, espanhol e português de muitos sotaques, bateram à porta. Era uma ordenança a convocar os militares para se apresentarem de imediato nas suas unidades porque se estava na iminência dum grande ataque dos realistas. Saíram todos em tropel, com o brasileiro a berrar ao criado:

- Seu Horácio, não esqueça a arara que tá no quintal do seu Cosme! O aio precipitara-se já a recolher a gaiola enorme onde a bicha esbravejava como no desembarque do Pampelido. E, por trancos e barrancos, lá se precipitaram para o boleto felizmente próximo a buscar os equipamentos da ordem e a largar a avejã que não gostava nada de solidões, o Horácio e o patrão que era de muitos ademanes, mas conhecido por fazer jus ao gosto pela aventura com uma extrema valentia. Rumo ao Colégio dos Grilos, Nuno separou-se de Filipe - que fosse andando, ele só tardava uns minutos mas tinha que fazer um desvio... Desapareceu numa travessa mal alumada - ia despedir-se duma burguesinha chamada Clara, que o desintoxicava das mundanices e do cheiro da pólvora, progredindo subtilmente na conquista do coração muito vivido do alferes Almeida.

Estava-se na véspera do dia de São Miguel. E talvez aquele 29 de Setembro de 1832 tenha constituído inspiração para os versos sombrios do soldado-poeta Alexandre Herculano:

«Morrer, morrer que importa?

Final suspiro ouvi-lo?

Há-de a Pátria.

Na terra Irei dormir tranquilo!”

Estimaram-se em muito mais de dois mil miguelistas e perto de setecentos liberais os que tombaram nesse sono final, que o poeta adivinhava tranquilo e cujos últimos suspiros a pátria de uns e outros ouviu, exangue, mas imparável no caminho dos vastos abismos de ódios e fanatismos que a retalhavam.

Filipe e Nuno foram poupados ao mais mortífero da refrega por os seus pelotões estarem consignados à bateria da Aguardente, entre as estradas de Vila do Conde e Braga. Assim mesmo, trocaram tiroteio demorado com a coluna que atacou as suas fortificações, sem sucesso, mas sujeitando os defensores a intensas granizadas de balas que provocaram algumas baixas.

A luta, que começou com impetuosa ofensiva por dentro do denso nevoeiro da manhã, foi crudelíssima na parte oriental da cidade, nas posições ocupadas pelos franceses sob a chefia de Saint-Léger, chegando os miguelistas a entrar na cidade, em combates de rua, quase até ao Poço das Patas.

Saint-Léger, sobrinho de Hyde de Neuville, já então conde da Bemposta, foi gravemente ferido, igualando-se-lhe na coragem, entre outros, o capitão Jean Goriot, um dos oficiais feridos. Só cem homens sobraram dos trezentos que defendiam os baluartes da Quinta da China e a estrada de São Cosme, perante duas brigadas inimigas com mais de mil e quinhentos homens. Goriot foi o primeiro a colocar-se à frente dum magote de franceses, quando a situação era desesperada, de espada em riste e ordenando o pás de charge com que retomaram as trincheiras e paliçadas perto de Banhos-Lima, com a fuzilaria dizimando-lhes as fileiras e saltando sobre os mortos inimigos que juncavam as posições anteriormente perdidas. Um grupo de seis homens do Batalhão Académico arrancou da bateria do Lombo, no flanco dos franceses junto à igreja do Bonfim; atiraram-se ao inimigo reconquistando sozinhos a barreira de São Cosme, tendo dois sido mortos na carreira e aguentando os restantes quatro as posições até à chegada do batalhão de Infantaria do coronel

Pacheco. Também os ingleses do major Shaw se bateram valentemente, bem como os Patacos, como eram conhecidos os do recém-criado corpo de Voluntários Portuenses, que encarniçadamente defenderam a bateria do Fojo.

No fim desse dia longuíssimo desfizeram-se por uma vez as dúvidas dos dois campos - os liberais acharam em si mesmos uma capacidade de resistir em que pouco acreditavam e os miguelistas desesperaram-se por verificarem que andavam numa guerra e não em montaria aos malhados.

Estava, portanto, consolidado o cerco. Isto é, os de dentro e os de fora olhavam-se e sentiam-se prisioneiros uns dos outros.

Morrer por uma causa não deixava de ser um absurdo como qualquer outra morte - era sobretudo um destino de cão vadiando por dentro da noite miserável, focinhando os lixos mais ou menos abundantes, segundo a condição de cada um que só as bombas e as balas nivelavam, na grande impostura da guerra prenhe de vitórias definitivas, só até ao desmentido de dias seguintes e às miragens de paz e de justiça tão incertas e etéreas como os caprichos mais torpes e infalíveis inerentes à natureza humana. Sobreviver era um programa sublime mascarado pelo futuro, um uivo disfarçado de tirada gloriosa, um quotidiano camuflado de história, um pavor de heroísmo, com um uniforme por mortalha. O cerco era mais vasto que o cerco, na versão irremediável da coroa de espinhos na frente de todos os homens martirizados por serem filhos de Deus. E o esgar da dor consciente podia ser, por opção, o sorriso irónico saudando o valor dum momento em que se reconhecia a riqueza sublime da respiração, o adiamento do inevitável que tanto podia estar sitiado como sitiando, na prisão absoluta, atrás das grades do infinito. As estrelas eram universos mortos e a sua luz uma ilusão solitária gelada nas galáxias desertas. Toda a morte era um embuste e todo o sofrimento o preço duma mentira. Deus era grande por não ter contas a prestar a ninguém.

Em Lisboa estava assente que o dia de São Miguel seria o da

estocada final dos renegados metidos no Porto. Santo do rei não podia falhar a justiça celeste, pelo que os Te-deum e as missas de acção de graças pela vitória começaram ainda na véspera. Na igreja dos Anjos, pregava aos fiéis amontoados frei Fortunato, iluminado, em êxtase, bradando:

«Vitória! Meus caríssimos irmãos, vitória! Entrámos no Porto! Te-deum laudamus!»

Os homens batiam no peito e as mulheres na face, murmurando Te-deum laudamus e salmoneando, depois, os acordes celestiais de graças ao Altíssimo. No Palácio da Ajuda, o rei rezava diante do sacrário.

À boca da noite do dia seguinte o telégrafo, muito lacónico, ditou, implacável: «Fogo até às oito. Não há novidade.»

Então, a fúria rancorosa do cacete voltou às ruas da capital e D. Miguel estoirava cavalos em galopadas doidas, à desfilada com os seus antigos camaradas do cacete. Cacete que reaparecia, varejado pelos arruaceiros que acusavam Gaspar Teixeira, o novo comandante do exército corrido no ataque ao Porto, de alta traição. Corria o vinho das tabernas, não o vinho da alegria mas o de afogar o desespero e desatar as mais desalmadas iras. E corria a tinta da prosa hedionda dos frades que escoravam e ataçavam a opinião geral - a «Defesa de Portugal» estampava furibundos apelos ao crime: «... Não devem escapar as malhadas, ou velhas ou novas, ou desembaraçadas ou grávidas, e estas, não só em razão de si mesmas, como pelos fetos de indignidade marcados já no ventre com o ferrete da malhadice.» E mais - continuavam endemoinhando as mulheres, origem primeira dos males heréticos: «Que todas as fêmeas pertencentes a famílias constitucionais devem ser fúrias ou prostitutas, e então, tanto por suas abomináveis opiniões, como por suas paixões e prostituição, merecem a morte».

Era um ódio espesso, patológico, seral, ladrado como o vadiar de matilhas de cães e caceteiros cruzando a noite da cidade, onde os lampiões das ruas estavam apagados por se ter acabado a verba do azeite.

- D. Miguel preparava-se para ir para o Porto mostrar como se manejavam os canhões tão bem como os cajados de marmeleiro. E uma fé idolátrica tomava conta das gentes, que já rezavam pelo «santo canhão-pexão» (Paixhans de sua marca) da artilharia pesada que havia de ir com o rei, mais o mata-malhados João Paulo Cordeiro, que tinha oferecido aquela arma decisiva, o Santa Marta reabilitado, o Teles Jordão, os verdadeiros fiéis das razias. E as infantas também, porque era a estirpe que se mudava para o campo de batalha, enquanto o povo nas ruas e os padres nos púlpitos reanimavam a adoração do monarca, indiferentes à ruína, ao atraso de dez meses nos soldos dos oficiais e de cinco no pré dos soldados, tudo hipotecado e os cofres vazios. D. Miguel era não só o salvador de todos, o desejado, a reencarnação sebastianista, mas também o mártir e a vítima da perversidade do irmão, culpado de tudo. Atropelavam-se as gentes para o ver de abalada, dando e pedindo bênçãos, adorando-o e ditando preces para o altar da cavalgadura de onde ele acenava, despedindo-se. Os párocos, ao postigo dos confessionários, distribuía um bilhete condicional às absolvições: «Isabel, rainha de Portugal, livra o teu reino dos ímpios pedreiros, e conheça o mundo que o teu neto Miguel está sob a tua protecção.»

Para a frente do Porto marchou igualmente o alferes João da Silva, após patéticos adeuses na Rua Fresca, com muito negros pressentimentos da Gracinda, aconchegando a filha ao seio quando o homem a lambuzou com um beijo de barba áspera. Levava num saquitel preso ao arção do cavalo as melhores morcelas e chouriços que encontrou na loja do Sr. Inácio, na visita que fez para despedir-se da mãe e receber o tributo do seu patriotismo.

Por esse então, recebeu Margarida notícias que mais a confundiram, na batalha de sentimentos que travava consigo mesma. Duas cartas coincidiram na chegada às suas mãos - uma era de Filipe, fora escrita ainda nos Açores e dera uma complicada volta pela França, até que Raimundo a enviou, com notícias mais recentes que davam como certa

a presença do afilhado nas tropas liberais desembarcadas em Portugal; a outra era de Segismundo, que lhe anunciava ter sido ferido no dia de São Miguel, seriamente, a julgar pela letra vacilante e pela insistência em minorar a gravidade do ferimento. Filipe excedia-se em protestos de paixão e promessas de heroísmos libertadores; Segismundo dizia serenamente estar muito agradecido a Deus por lhe ter prolongado a vida para lutar pelo rei e lhe dar a esperança que o coração guardava para os tempos de paz. Entre a paixão heróica e a fé pacífica escaramuçava Margarida, sem querer admitir que as certezas e as juras periclitavam e que os projectos se enovelavam com as peripécias da guerra e os meandros labirínticos dos afectos. Chegou a pensar que a perplexidade das dúvidas, das hesitações, das armadilhas da solidão, lhe estavam secando a capacidade de amar, e que a tentação era agora a de deixar que o destino se cumprisse, sem veleidades de o entortar ou endireitar, consoante o ponto de vista e o humor do dia. O que a perturbava era ter acreditado na sua própria candura e encontrar agora os sons diferentes da alma, fora da redoma do Convento de Chelas. Experimentava um travo de pudor quando pensava nas cartas que escrevera a Filipe, os laços mais sólidos do noivado que assumira - era como se o espírito estivesse enfim unindo-se à carne; e a novidade do palpar da matéria constituía o fiel da balança onde balouçavam dois pratos em espantoso e assustador equilíbrio. O que ela muito naturalmente procurava era a felicidade, e começava timidamente a descobrir que esse era também um assunto da razão - o que a ajudava a fazer esse caminho não era o chamejar da paixão de Filipe de Villepin, mas o racionalismo obstinado e seguro de Segismundo Avilez. Encapelava-se-lhe dentro a virtude, de que também desejava o triunfo, e o instinto punha-lhe diante os escolhos perigosos das imperfeições da memória. Desejava ardentemente satisfazer as suas paixões, mas queria a todo o custo decidir-se pela paixão feliz. Qual delas seria?

Assim se transformava o altivo e subtil passo de corça com que tomara conta da mansão da Lapa. A sua intrepidez era agora menos

selvagem - Margarida descia às minúcias da razão, escorregando na suspeita de não haver amor inocente.

Premeditadamente, guardou na mesma gaveta do toucador as duas cartas, com a intenção de as reler quando de todo passasse a emoção das novidades.

No Gradil, as notícias do Porto azedaram a pasmaceira bucólica em que se compraziam Pedro e Beatriz. Não que eles tivessem tomado partido, mas porque havia Almeidas engalfinhados na guerra, capazes de se matar uns aos outros. Mediam aqueles ódios arreganhados pela mesma bitola da demência e deitavam conta ao arroteio dos poisios, provando o mosto do lagar onde havia moçoilas e velhos a pisar as uvas, por escassearem os homens válidos que andavam a cascar uns nos outros por causa da Carta, da santa religião e do raio que os partisse.

Cunegundes, porém, só não botou luto pelo 29 de Setembro porque achava a guerra no princípio e ainda não pegara nas pistolas nem aticara o lobo contra os inimigos do senhor D. Miguel. Cavalgava pela serra, que se vestia com as cores ferrosas do Outono, seguida pelo Soberano, que filava o seu láparo, de quando em vez, enquanto ela se desenfastiava a afinar a pontaria chumbando umas perdizes com muita habilidade.

Recebera umas letras do Manuel de Sousa, alferes de cavalaria da Divisão do Algarve, às ordens do visconde de Molelos. Em rude ortografia, contava-lhe ele, sem adjectivação nem hipérboles, a chateza das patrulhas sem novidade pelos cabeços do Espinhaço de Cão e de Monchique e pelas praias de águas mornas entre Lagos e Faro. E a Caceteira do Gradil pensava que não tinha valido a pena levarem-lhe o homem atrás do rufo das caixas do exército para lugares onde não havia inimigos.

As relações de Cunegundes com o padre Casimiro mudaram para uma fase diplomática, no sentido mais rústico do termo. O que os dividia - o Soberano - não se nomeava e o miguelismo que os unia prevalecera, a

ponto de ela sugerir motes para as bravíssimas práticas das missas dominicais, nas quais os lapuzes embasbacados chegavam a visionar labaredas diabólicas a assar os malhados, no Porto cercado ou onde se alapardassem a architectar o inferno terrestre. O púlpito da igreja do Gradil era o bailéu mais alto onde se pregava o absolutismo em terras saloias. E o povo, vendo no genuflexório da primeira fila a menina Almeida, ia esquecendo o pacto dela com o Belzebu com pele de lobo, que talvez não passasse de patranha de benzedeiras ou resultado do medo que o abade tinha à fera, no tempo em que a Caceteira se divertia a deixá-lo arrimar-se à sotaina. Concluíam, portanto, que a água benta diluía os enxofres bafejados pelos narizes do lobo de companhia.

Cunegundes, conciliada com o altar, estava no caminho da conquista das asas arcangélicas, que espada justiceira já a tinha, na forma duma escupeta de fradetes bem brunidos e alma sem pico de ferrugem, que manejava melhor do que os generais do senhor D. Miguel as colunas que não entravam no Porto sitiado.

Com o Inverno, o reforço do cerco pelos miguelistas endureceu, a vida da cidade decaía na mais lastimável miséria. O frio e a fome aliaram-se aos obuses e às bombas, à fuzilaria que saraivava sobre o casario mais exposto e sobre a foz do Douro onde poucos abastecimentos chegavam à praia, de lá se arrancando a maior parte do sustento, com risco de vida de quem o desembarcava e recolhia. Então, o povo do Porto cerrou fileiras com a solidariedade do desespero, e quase todos se despojavam de quase tudo para minorar as penas dos soldados, que alguns eram já garotos de treze e catorze anos, que mal podiam com as espingardas e iam postar-se ao lado dos homens feitos, nas seteiras das barricadas e nos fossos dos baluartes, com as casacas encarnadas na mira e os pés descalços regelando na lama. As mulheres levavam roupa às trincheiras e lençóis aos hospitais, fabricavam ligaduras e chegavam a cruzar o rio, na cauda das surtidas militares ao campo adverso, indo pela farinha, pelos verdes que escasseavam na cidade, onde já se vendia o trigo

a mil e quinhentos réis o alqueire e a carne a duzentos o arrátel. Destas solidariedades e chibanças se destacavam as exceções feitas pelo açambarcamento e a ganância de alguns burgueses de comércio abastado, a quem o Silva Carvalho, novo ministro da Fazenda, sem as amenidades e escrúpulos de Mouzinho da Silveira, mandava sujeitar a rusgas que punham à mostra, debaixo de lajes e sobrados, pequenos tesouros escamoteados às taxas e disfarçados com muitos vivas à senhora D. Maria II e à Carta Constitucional. Andava tudo desregulado - o chefe da polícia escrevia ao Ministério para que tomasse providências e desse destino às pipas de vinho abandonadas numa arrecadação da Rua Nova dos Ingleses e que «muitos soldados e outra gente bebem o que querem sem que seja possível evitá-lo, não obstante ter uma guarda, seguindo-se disto, além do estravio e roubo, a embriaguez que tem dado lugar a muitas desordens». Por esta altura, organizavam os soldados montarias a cães e gatos para os vender às mesas das hospedarias, contrabandeando tabaco, rapé e outros luxos, que era o modo que tinham de suprir os atrasos do pré, que o frio esconjuravam-no com madeiros escanhotados nas ruínas e caixilhos de janelas alimentando as fogueiras, e com o vinho generoso dos armazéns de Gaia. O marquês de Palmela demandara Londres, acolitado por Luís Mouzinho de Albuquerque e por Almeida Garrett, que trocara o uniforme dos Voluntários da Rainha pela chefia das Repartições dos Negócios Estrangeiros e do Reino - tinham ido em busca de dinheiro, armas, mercenários e dum general providencial que obrasse milagrosas vitórias. Entretanto, nas linhas, os mortos contavam-se às centenas, em escaramuças e golpes de mão suicidas, praticamente inúteis. No reduto da serra do Pilar, os homens do general Torres prodigalizavam valentia, repelindo sucessivos ataques que deixavam um rasto de feridos e mortos, entre as trincheiras inimigas e os muros esboroados do convento inexpugnável. Numa tarde gelada e sombria de Novembro, Filipe de Villepin deambulava sozinho nas imediações dos Congregados. Acabrunhava-o uma tristeza profunda, pensando no seu amigo Nuno de

Almeida lutando pela vida, sobre uma enxerga do Hospital dos Terceiros do Carmo, o peito rasgado por uma bala que, com muito trabalho, lhe extraíra um cirurgião do Regimento de Caçadores, que ainda se guiava pelo manual de 1800 sobre a cura de «feridas de pelouro ou armas de fogo», traduzido do espanhol por um médico de Lisboa e da Academia Real de Medicina de Madrid.

Filipe olhava à sua volta e avaliava a decadência abraçando a cidade, os lixos amontoados, as fachadas das casas escalavradas pelas balas, as janelas sem vidraças, as calçadas desempedradas e umas sombras gementes que eram as de soldados feridos que demandavam a retaguarda pelo seu pé ou estendidos em padiolas baloiçando ao trote dos maqueiros. Desencadeara-se mais um ataque às linhas de defesa daquele bairro. As mulheres, que tinham ido às trincheiras levar uma sopa e um naco de pão para reforço da meia ração a que estavam reduzidos os seus homens, estugavam o passo, embrulhadas nos xales, por dentro do nevoeiro que antecipava a noite. Filipe debatia-se numa angústia que lhe oprimia o peito - era um sentimento de abandono, de incerteza, a intimidade da morte, o desespero ameaçando submergir a esperança ciosamente guardada no coração e construída nas peripécias da emigração, que ele evocava, quando a causa da liberdade começara a confundir-se com a paixão que o expulsara da pátria. Dois dias antes uns franceses recém-chegados haviam-lhe dado uns jornais de Paris. Caíra sob os seus olhos uma notícia necrológica que o fizera sobressaltar - o barão de T., marido de Christine, tinha falecido. Desde então, mergulhava instintivamente na insensatez de projectos que tinha pudor em confessar a si mesmo, mas que colocavam Christine em todos os pensamentos, sobretudo quando a morte o rentava na fúria dos combates. Remordia-se, depois, forçando a aparição da imagem de Margarida, que lhe surgia fluida e acusadora. No rasto das sombras que desembocavam do lado das barricadas, vinha uma mulher de negro, rojando os tamancos, bioco pela cabeça, um filho pela mão que teria os seus seis ou sete anos e segurava

um cantil e uma barretina dos Voluntários Portuenses, trazendo às costas um correame de soldado que lhe chegava aos pés. A mulher chorava silenciosamente, aconchegando ao peito um volume envolto em trapos.

Filipe, movido por um impulso de compaixão, cortou-lhe o passo, questionando o que lhe tinha acontecido. Que fora levar uns nicos de comer ao marido, que estava com os patacos a defender as barreiras, e quando lá chegara lhe disseram os companheiros terem-no enterrado na véspera, quando uma bala perdida o fulminara; e lamuriava, sem perder uma réstea de dignidade que não lhe abandonara o brilho dos olhos, pedindo contas à vida e deitando-as à aflição de não ter nada que dar àquelas duas bocas, e apontava o garoto enfarruscado que roía a pala da barretina do pai e o embrulho ajustado ao colo, que vinha a ser um menino de ano, ou menos, que começou soltando um choro débil e soluçado e a quem a mãe, lavada em lágrimas, dava a chupar a bainha dum pano. Condoeu-se Filipe, acariciando com o nó dum dedo, através da fresta da roupa, o rostozinho amarelento que ardia em febre. Teria aquela criança, pensou, a idade do seu filho. Humedeceram-se-lhe os olhos, sacou da algibeira interior do dólman os doze mil réis do soldo que acabara de receber e meteu-os na mão da mulher, que, espantada, boca entreaberta, ficou primeiro imóvel como se um raio a tivesse siderado, e logo saiu do torpor rojando-se ao chão e tentando, de joelhos, beijar as mãos do benfeitor, enquanto o filho mais velho arrepelava o correame, que fora do pai e os soldados lhe tinham dado, e choramingava, entaramelando uma ladainha em que só se percebia a palavra pão. Filipe ajudou a mulher a levantar-se, cobriu melhor o menino que ela tinha nos braços e acompanhou-os à casita de piso térreo onde moravam, na Rua Escura, para as bandas da Ribeira, forjando na mente uma promessa - a de proteger aquela criança que lhe lembrara o filho e ajudá-la a sobreviver na cidade sitiada. Deixou a mulher carpindo o desgosto no catre miserável, com os filhos à beira. E prometeu voltar. O alferes Villepin vagueou depois, sem rumo, pelas ruas desertas. Achou-se passando em frente da luxuosa

residência do conde de Terena, à Torre da Marca, onde estivera aboletado o marquês de Palmela antes de partir para Inglaterra. Os hóspedes eram agora outros, mas bem animados estavam, a julgar pela música da pianola e pelo som das gargalhadas que ecoavam cá fora. Filipe tinha à sua disposição duas ou três das mesas melhor guarnecidas da cidade, daquelas em que pouco se sentiam as faltas e se consumiam os ótimos vinhos de caves bem providas, entre as baforadas azuladas de charutos havanos, ao aconchego de lareiras para que quase sempre se achava lenha. Matutava ele no contraste de tudo isto com o que acabara de viver e admitia haver alguma coisa a acrescentar à Carta e à liberdade que se prometia ao povo. Sabia reconhecer, no entanto, que nos salões dos generais e dos fidalgos se viviam pausas fugazes que a morte podia cortar no dia seguinte, igualando tudo e todos na mesma cor vermelha do sangue derramado. Pensava na valentia incomparável desse divino diletante chamado Nuno de Almeida e na de muitos aventureiros que forçavam a barra do Douro para virem jogar a vida no voltarete das batalhas, como o velho John Doyle com os seus vinte cavalheiros, Estado-Maior dum exército fantasma perfilado nas penumbras da imaginação, como o extravagante coronel Bacon, herói de Waterloo, organizando o corpo de lanceiros com os melhores arreios ingleses mas sem campo para manobrar, como o conde de Paraty, a quem um galego tinha de pegar ao colo para o escarranchar no garrano, como o major Shaw, um escocês romântico sem nenhum respeito pelas balas inimigas. E pensava no sargento Jeannot, le Bavard, regressado às trincheiras, mas muito preocupado por causa da distância a que servia Filipe, que, mesmo assim, sentia a sombra tutelar do veterano das campanhas do império tentando proteger-lhe a vida. Aquela noite, porém, mostrava-lhe que nem a guerra nivelava as misérias. E aferrava-se à ideia de praticar uma parcela de justiça, na pessoa daquele menino esquelético, ao colo da mãe desesperada que buscava pão para os filhos. E, no entanto, repetia a si mesmo que não estava tangendo a toeira da caridade, que afinal acarinhava aquelas

tenções benfazejas por causa de questões que trazia no coração, desde Paris, fugindo de encará-las frontalmente. De modo que já não sabia dizer se o gesto generoso com que contemplara a viúva e os órfãos teria sido esboçado, se não andasse, havia dois dias, a empreender na viuvez de Christine, que imaginava mostrando-lhe, de longe, o filho do amor dos dois.

Do Ramalho à Infesta, com o quartel-general em Custóias, o general Teles Jordão, liberto do governo do forte de São Julião, mandava. A sua divisão fechava a ocidente, na parte norte da embocadura do Douro, o sítio montado aos pedreiros-livres. Lá estava com ele o alferes João da Silva, muito versado nos secretismos informativos, pagando a espiões que traziam notícias verdadeiras misturadas com as falsas sobre o estado das defesas do inimigo. Batiam como podiam, com canhoneios repetidos, os fortes de Luz e de São João da Foz. Nos intervalos, quando o fastio da imobilidade e a impotência para romper as linhas assanhava a soldadesca, cruzavam chufas e insultos com os do outro lado, sendo o João muito imaginativo a inspirar as escaramuças de boca que provocavam, aliás, respostas muito prontas.

- Ó migalhas! Migalhas não é pão!

- Se tendes fome, vinde cá! Hemos de encher-vos as barrigas de balas!

- Desgraçados! Nem padres têm para vos confessar!

- Desgraçado és tu! Manda-nos um boi, mandamos-te um padre!

- Ó malhado, o teu rei numa cadeira vê o reino inteiro!

- Andas há seis meses para o tirar da cadeira e nem uma perna lhe partes como a gente fez ao teu!

- Pedreiros! Diabos vos assem nos infernos!

- Carcundas! Caipiras!

Seguiam-se surriadas de fuzil de escassas consequências.

Em 28 de Novembro, pouco depois do meio-dia, as posições do Teles Jordão sofreram um violento ataque. Duas colunas de mil homens

cada saíram de Carvalhido e acometeram pela estrada de Ramalde e pelo Padrão da Légua, apresentando-se frente ao inimigo, em estreia, os lanceiros do coronel Bacon, de reserva perto de Lordelo. Num primeiro tempo, os liberais obtiveram um sucesso surpreendente, pondo em debandada os realistas. Lançaram fogo aos acampamentos, destruíram obras de defesa e armamento e apreenderam grandes quantidades de material de guerra, gado e cereais. No meio da refrega, o general Jordão e parte do seu Estado-Maior, João da Silva incluído, chegaram a estar envolvidos pelo destacamento dos Caçadores 5 do major Xavier e tiveram então que fugir, tão ligeiros como os restantes, não sem que o alferes desse provas de grande decisão, abrindo passagem às cutiladas que deitaram por terra quatro inimigos. O contra-ataque levado a cabo pelas tropas do general Santa-Marta atingiu extremos de ferocidade, obrigando à retirada precipitada dos liberais, já no fim do dia. As perdas foram enormes, trezentos mortos nas colunas comandadas pelo general Brito e setecentos nas forças miguelistas, para além dum número considerável de desertores e prisioneiros. Esta questão dos desertores era muito polémica, ambos os contendores vangloriando-se de receber no seu seio centenas deles. Informações insuspeitas davam como equilibrada a balança, computando-se em cerca de quatrocentos para cada lado. A surtida de 28 de Novembro terá, no entanto, inaugurado no bando dos fiéis de D. Miguel um novo tipo de abandonos - os que desertavam para casa, fartos de padecimentos e de arrifarem a vida em riscos de que não vislumbravam o fim.

O alferes João da Silva subiu muito no conceito dos seus homens, coisa muitas vezes perigosa quando se tem razão contra os chefes.

Ufanava-se ele de ter fornecido na véspera ao comandante informações sobre os preparativos duma ofensiva de envergadura sobre aquele sector, sem que lhe tivesse sido dado o crédito que teria evitado tantas perdas. O general Jordão aparentou engolir as jactâncias do

subordinado que lhe devia os galões de alferes, mas acabou por lhe aplicar o cautério que lhe pediam as farroncas, colocando-o nas primeiras linhas onde esfuziavam a toda a hora projecteis de vários calibres. O João saiu prestigiado junto da tropa, mesmo se escolhia o buraco mais fundo das trincheiras quando começava a cantar o assobio das balas, à espera que passasse a borrasca, a dos tiros e a do despique do comandante da divisão. Andava com uma carta da Gracinda na algibeira do lado do coração, para encarecer uma aura romântica que era um embuste para lhe reforçar a lenda. Era uma missiva laboriosa, lavrada com fartos equívocos ortográficos, em letra gorda, que parecia um emaranhado de patas de aranha e de relatos triviais, que iam duma «caganeira da nossa menina» ao aumento do preço das batatas e ao destempero da mulher do Pires destilador que saía à rua com um chapéu que parecia «a jarra da nossa mesa no tempo das dalias». Mais informava, como prova de férrea fidelidade, guardar o jejum das sextas-feiras, dia em que ajoelhava diante da imagem de São Sebastião na Igreja de São Domingos, para implorar-lhe que protegesse o marido na guerra do Porto. As súplicas pareciam estar resultando, que o santo era da confiança e intimidade da Gracinda. Quanto à fidelidade, apenas a alanceavam uns olhares matadores do novo hóspede do terceiro, segundo-oficial nas Alfândegas, que não passavam de leves dardos dramatizados por uma ligeira miopia, sendo duvidoso que viessem a transformar-se em estocadas substanciais. Nessa carta ao esposo não reincidia ela - para não lhe desagradar - no refilanco contra a sangria suplementar do orçamento doméstico, causada por aquele decreto real taxando as janelas que deitavam para as ruas, travessas e becos, e que, no caso deles, com duas sacadas de primeiro andar, se cifrava no montante de 960 réis. Não era por ser muito, meditava a Gracinda, mas por lhe parecer aleivosia cobrar imposto pelo ar que era dom de Deus mesmo em tempo de guerra. Entretanto, relia os folhetos dos monstros, o último dos quais adejava umas excrecências cartilaginosas nos costados, que disfarçava com uma capa preta, raptando virgens distraídas para lhes

chupar o sangue do pescoço, lá para as bandas dumas montanhas chamadas Cárpatos, que ela sempre lia carrapatos por via dos feijões com que engrossava a sopa.

Segismundo Avilez recuperava lentamente do chuveiro de balas que lhe caíra em cima no dia de São Miguel, derrubando-o do cavalo que fora morrer vinte passos mais longe. Dava-se por muito feliz, pese embora o alancear das dores, por ter escapado com vida ao impacto de três projecteis de andarme 16 apontados pelos hereges do imperador caipira. O furo na perna direita era uma ferida que mal roçara músculo e saíra abaixo da coxa sem encontrar osso, a bala que entrara no ombro do outro lado, lascando a omoplata e fracturando a clavícula, era coisa mais complicada e demorada, mas o mais vicioso dos tiros fora o que lhe arrancara a parte superior da orelha esquerda e lhe ofendera tão seriamente o tímpano, que poucas esperanças havia de evitar a surdez definitiva. Fora evacuado para o Hospital da Misericórdia de Braga, onde o operaram com sucesso e lhe imobilizaram o ombro com talas, cosendo o que era de coser, cobrindo as chagas com bálsamo samaritano e apostando nas tisanas com nitro e na amendoada alcanforada com um grão de ópio à noite. A robusta constituição do doente colocou-o na via da convalescença em algumas semanas. E quando D. Miguel chegou a Braga, vindo da capital para se pôr à frente do exército, entre festões de buxo, chuva de flores, música, aclamações e muitas missas, concedeu igualmente a graça da sua augusta presença no Hospital da Misericórdia, em visita aos feridos. Detendo-se mais de um minuto junto à cama do tenente Avilez e seguindo a sugestão do comandante da divisão, promoveu-o a capitão e condecorou-o com o grau de cavaleiro de Santiago, distinguindo-o com sentidas palavras de louvor e agradecimento. Infelizmente sua majestade fidelíssima estava postada do lado do ouvido estropiado do seu vassalo, pelo que não pôde este provar a honra dos elogios. Mesmo no mais agudo dos padecimentos, Segismundo não abdicou da carta semanal a Margarida, sabedor de que a persistência

epistolar era trunfo forte no assalto a corações solitários ou fatigados das nostalgias mórbidas, dos desgostos e das incertezas. Pelos finais de Novembro, já em franca convalescença, viu compensada a teimosa esgrima da pena contra os orgulhos feminis e a semente maçónica vilmente arremessada ao fértil terreno dos Almeidas, ao receber cinco linhas secas a desejar-lhe as melhoras. Exultou o capitão Avilez com mais este sinal de que Deus e Cupido estavam do seu lado, e com maior diligência se esmerava, com o auxílio do barbeiro, a ensejar um penteado onde previa uma airosa melena a cobrir a falta de meio apêndice auricular, e também a ensaiar movimentos naturais que pusessem as deixas dos interlocutores ao alcance do ouvido incólume.

O coronel José de Almeida visitou-o das duas vezes em que se deslocou a Braga a tratar assuntos de intendência relacionados com os esquadrões de lanceiros, que tinham quartel a menos de quinhentos metros do lugar onde tombara Segismundo Avilez. Achou-o, na última ocasião, na melhor das disposições, impaciente pelo regresso às fileiras e com ditos subentendidos que muito animaram o coronel na sua aliança para meter a filha no que considerava o bom caminho. Está visto que esta segunda visita se verificou já depois da chegada dos lacónicos desejos de melhoras enviados por Margarida.

José de Almeida teve ainda o gosto de ver chegar o filho com a sua bateria ao mesmo sector das imediações de Valongo, ficando ambos servindo sob as ordens do novo comandante da divisão, o general Guedes. António era um caso de esfuziante energia, aplicada a um ódio inexcedível aos mações e estrangeiros, a quem apontava as peças com raiva e competência, na esperança de, por milagre, acertar no pedreiro que distraíra a irmã das suas obrigações patrióticas e familiares.

A saída do Teles Jordão de governador do Forte de São Julião da Barra provocou nas centenas de presos ali então encarcerados um alívio generalizado, vendo as esperanças justificadas pelo comportamento humano do sucessor, o marechal de campo Diogo da Cunha Sottomaior.

As condições de vida melhoraram consideravelmente e quase todos os requerimentos apresentados pelos presos tiveram despacho favorável. Foi levantada a interdição à entrada de livros, liberalizada a correspondência particular dos detidos, autorizado o recebimento de charutos, sabão, escovas de dentes, drogas e medicamentos, concedendo até que se tocassem instrumentos nas celas. Foram igualmente tomadas disposições para prover o sustento da maioria dos presos, que não tinham recursos sequer para a alimentação diária e aquisição de roupa por terem deixado de receber os seus vencimentos ou lhes haverem confiscado os bens e as rendas.

Duraram estas benesses menos dum mês, já que no último de Outubro fora o comandante substituído pelo brigadeiro Raimundo José Pinheiro, conhecido pelas suas extravagâncias, homem de pouca instrução e modos boçais, imprevisível pelo seu refinado fanatismo e algum desequilíbrio mental, o qual brigadeiro sempre assinava os despachos sob a frase «ao serviço de S. M. El-Rei Nosso Senhor Senhor D. Miguel I e da Santa Religião que professamos», tendo também decretado que ao anoitecer se rezasse em todas as celas o terço de Nossa Senhora. Os esbirros mais feros, sobretudo os capitães Jaime,

Carvalho e Stocler, voltaram às suas práticas arbitrárias e brutais. Passaram a pente fino muitas celas, apreenderam objectos, livros e manuscritos, tendo estado em risco de perder os seus papéis o Dr. Borges Carneiro e o João da Silva Lopes os apontamentos sobre a vida no cárcere e as traduções que andava fazendo da História de Inglaterra de Goldsmith e das Campanhas de Napoleão do barão de Fain. Logo os esbirros inventaram uma conspiração para matar os oficiais carcereiros e revoltar a guarnição. Voltaram a abrir o segredo e a enfiar nele os supostos suspeitos. Não escapou novamente o Francisco Alves, que apertaram com longos interrogatórios e a quem mandaram despir para lhe examinarem minuciosamente as roupas e o corpo. O estoicismo quase delirante do homem irritava-os sobremaneira - recambiaram-no para o segredo número

cinco, onde a humidade gelada escorria pelas paredes. Ali esteve dez dias, sem ver a luz do Sol, mas tendo-se-lhe acabado as moedas que o seu protector Sousa Atayde lhe dera para comprar de comer, a fome, a raiva e a determinação de vingança deram-lhe o engenho necessário para forçar a fechadura da porta com um arame e, a coberto da noite, foi mendigar umas migalhas pelas celas próximas, recolhendo à sua sem que os guardas descobrissem esta deambulação. Perto do fim daqueles dias tormentosos, quando tiritava de frio, as articulações tolhidas pelo reumático, e procurava conciliar o sono, coberto com uma manta sobre uma enxerga pegajosa e dura, um dos esbirros veio importuná-lo - se ele já rezara o terço de Nossa Senhora. Respondeu, com pachorra estudada, que sim, que o rezara em voz baixa por estar sozinho. Pois que o rezasse de novo, ordenou-lhe o carcereiro, mas em voz alta, conforme as ordens do senhor governador do Forte. O Francisco recitou, num vozeirão solene e cavo, a oração - mas estava rogando à virgem, do fundo do coração, que concedesse uma morte lenta e horrenda ao Teles Jordão, ao menino alferes, aos seus fiéis sequazes e às respectivas gerações até que não houvesse sequer a menor recordação da passagem das suas sombras pela Terra. E nesta blasfémia, profundamente sentida a coberto da prece, reservava um lugar especial para o João da Silva, delactor de infelizes e alferes de carcundas.

Filipe de Villepin, vendo em Nuno de Almeida sintomas de recuperação do seu gravíssimo ferimento, pretendeu poupá-lo ao espectáculo dantesco do Hospital do Carmo e levá-lo para a casa onde ambos estavam aboletados. A sangueira e os brados de dor dos desgraçados, a quem se regateavam anestésicos por muito escassearem,

as amputações e outras intervenções de cirurgia complicada, que eram praticadas nas piores condições de higiene e equipamento, adormecendo-se os pacientes com aguardente e ópio, faziam do hospital um museu vivo de horrores que em nada ajudavam o restabelecimento dos feridos.

A Clarinha da Rua da Sovela, que Nuno cortejava umas semanas antes de ser baleado, era a mais extremosa das enfermeiras e a sua dedicação contribuía em muito para que o alferes Almeida vencesse a morte, já que o amigo dilecto se batia na defesa do Forte da Luz. Ela e Filipe puseram-se de acordo para levar dali o ferido de modo que já pudesse passar o Natal em casa. O cirurgião, que inicialmente acedera, recusou autorização ao constatar que o doente voltara a ter febre. Clara e Filipe arrostavam quase todos os dias com os bombardeamentos que caíam em muitos pontos da cidade para passarem o máximo do seu tempo à cabeceira de Nuno. Ali estavam na consoada, à luz das velas projectando sombras fantásticas nas grossas paredes de pedra da enfermaria, engorgitando muito simbolicamente uns pastéis de doce de grão e umas poucas filhós rateadas pelos três, desembuchados com uns goles de vinho do Porto.

Entretanto, Filipe fora várias vezes à Rua Escura visitar aquela viúva que esmolara na noite do ataque aos Congregados, a Maria da Glória e os filhos, a quem levava mimos raros de encontrar e alguma coisa de comer e vestir.

Finalmente, no dia 30 de Dezembro, os médicos permitiram o transporte para casa do alferes Almeida. Filipe viu-se em palpos-de--aranha para alugar uma campana para o efeito - conseguiu, na Ribeira, uma carroça de transporte de víveres, puxada por um macho famélico com aspecto de ter escapado às invasões francesas, a qual lhe custou os olhos da cara. Já de noite, arribou à porta do hospital. Clarinha e um enfermeiro ajudaram Filipe a içar o ferido para a caixa da carroça, com dificuldade, por ele estar ainda muito fraco. Lá partiram aos solavancos para os lados do Postigo do Sol onde se situava a casa modesta dum casal de velhotes que era o boleto de Nuno e Filipe. A Alfândega tinha sido atingida pelos obuses inimigos e pegara fogo, as labaredas tingiam de vermelho o céu cinzento-escuro da cidade e as faúlhas misturavam-se com o traço das balas e com as bombas lançadas da outra margem do Douro,

sobretudo as paulo--cordeiros, como eram conhecidas no Porto as de grande calibre vomitadas pelo canhão-plexão dos miguelistas. Densos rolos de fumo envolviam o casario, espalhando um cheiro de pólvora e lenha queimada.

A carroça sacolejava como chalupa em mar picado, as rodas ferradas empecando nos buracos da calçada, no meio da balbúrdia dos populares correndo ao fogo, dos guinchos das mulheres em pânico, das explosões das granadas e dos clarões dos foguetes incendiários. Nuno, tremendo de frio, levava o rosto muito pálido no colo de Clara, expondo um sorriso que os olhos desmentiam a cada solavanco do carroção, enquanto Filipe invectivava o cocheiro, que parecia escolher o percurso mais acidentado, o qual, por resposta, chicoteava o macho decrepito. Aquele sorriso de Nuno era igualmente o esboço da ironia com que enfrentava os percalços de coração, apertando nas mãos, que pareciam ter-se alongado e afilado, a mão de Clara. A sua beleza era uma espécie de desafio tranquilo às damas palacianas e às donzelas dos teatros que povoavam a panóplia amorosa do alferes. Tinha cabelos pretos apanhados atrás numa trança rematada por uma fita vermelha, era trigueira, e os olhos verdes reflectiam as luzes daquele fim do mundo onde andavam à solta, num bailado louco, a morte e o fogo, os seus lábios eram carnudos e, não fora a cor acerejada, dir-se-ia terem saído dum cinzel da Grécia antiga, o pescoço fino parecia capaz duma mobilidade de cisne e os seios pontudos mantinham uma firmeza de frutos sadios a cada salto da carripana nos buracos das ruelas. Nuno sorria, olhava-a nos olhos e constatava que não era apenas a gratidão que estava colocando a filha dum pequeno vinhateiro do Douro, pilhado no Porto pela chegada dos liberais, no caminho duma vida iluminada pelos lustres dos salões e ritmada por aventureiros lances de libertinagem. A quem estariam destinados o azar e a sorte daquele encontro à beira da morte e da guerra? A sobrevivência tinha um preço - meditava Nuno de Almeida -, doce preço que lhe estava embaciando o passado com as tonalidades iriadas duns olhos verdes que o vigiavam com

a feroz fidelidade de mastins.

Dias depois chegou ao Porto um general de França chamado Jean-Baptiste Solignac - era o comandante-chefe escolhido para ganhar a guerra e foi logo elevado a marechal. Já combatera em Portugal, às ordens de Junot, e fora ferido na batalha do Vimeiro, o que estava longe de ser uma recomendação ou atributo de popularidade. Trazia três ajudantes de campo e quinhentos belgas, franceses e escoceses. Queria mudar tudo, a tática, a disciplina, os comandos. Mas não conseguia mudar a fé, que alastrava, na vinda do general Saldanha.

O dia 28 de Janeiro de 1833 foi de festa no meio das ruínas. Até parecia que a derrota dos miguelistas se adivinhava nas bocas caladas dos seus canhões, quando o general Saldanha desembarcou na foz do Douro com os seus fiéis, os Passos, o José Liberato, o Cabreira, o Stubbs. Trouxeram-lhe à praia um cavalo branco, ele montou-o, pondo-se à frente dum pequeno cortejo, o povo foi-se juntando pelo caminho, sem medo às peças da Outra Banda, deram-se vivas, mulheres erguiam os filhos acima das cabeças para lhes mostrar o salvador, das janelas acenavam-se lenços e lançavam-se bênçãos. Muito sereno, o general foi hospedar-se no Estanislau, à Batalha, deitando um olhar oblíquo pelo vidrado das lentes aos editais que D. Pedro mandara afixar proibindo os vivas e as manifestações. O imperador vergara-se ao peso do prestígio do general mas queria, ao menos, que o regozijo público se calasse e que a introdução da vertente revolucionária não acentuasse as clivagens dos grupos e das pressões. Nomearia Saldanha para o lugar mais exposto, aquele que poderia ditar a sorte do cerco e da guerra, para o comando da terceira divisão, que detinha a chave do Porto entre Lordelo e a Foz. Stubbs e o duque da Terceira ficaram à frente das outras duas. Solignac era ainda o marechal, mas escapavam-se-lhe das mãos as alavancas do mando e o prestígio - cedo os miguelistas começaram a chamar-lhe o Batata, enquanto os liberais o punham ao nível do diminutivo com que o apodavam, o Solinhas.

Nuno de Almeida melhorava a olhos vistos, já pouco guardava o leite durante o dia e trocou os breves passeios pelo quarto acanhado por pequenas excursões até ao fundo da rua. Eram os efeitos dos caldos que Clara vinha preparar-lhe e da chegada do general. Ganhava cores, ânimo, vontade de combater para ganhar.

Apareceram por lá o Tomás d'Aquino com a sua Angélica pelo braço; já guerreava a cavalo e esperava tudo do futuro, inclusive um filho. De outra vez, veio Jean Goriot, sempre estouvado, com tanta bondade para distribuir pelos amigos como exigência para se impor a si mesmo um destino que lhe fugia.

E veio também o sargento le Bavard, claro. Estava magro como um quixote, de humor inalterável e tratando sempre Filipe, que na ocasião estava presente, por mon capitaine. Vous devez cette promotion, monsieur, à votre malheureux père - lembrava. Surpreenderam-se de o ver tão escanifrado, um pelem.

- Não como bife todos os dias, messieurs. Mas não passo fome. Já comeu gato, mon capitaine? Bem temperado é petisco. Parece coelho alimentado com papelão. Melhor que as ratazanas que provei na travessia da Polónia, mas menos bom que os gafanhotos do deserto do Egipto.

Tenho boa boca, se não ia para casa... Isto é, se calhar, não ia, por causa do meu capitão de Villepin. Que o marechal Solignac conheço eu da campanha de 1808 na Península. Nunca foi nenhuma águia. Bom, mas o que interessa é marchar direito contra o inimigo e não tremer a mão do fuzil. O resto... Pois, messieurs, se um dia quiserem experimentar gato de fricassé, é só dizerem. Mas tem os seus riscos. Na semana passada um soldado do meu batalhão deitou a mão a um, que estava enroscado a dormir no parapeito duma janela de rés-do-chão, o bichano assanhou-se e estava difícil de meter no bernal, quando acudiu de dentro da casa uma velha que tinha grande estimação no animal. Também era da raça dos gatos, porque arranhou o pescoço e a cara do tarata, tal a gana com que se atirou a ele. Engalfinharam-se, na confusão o gato escapuliu-se aos

pinchos e a bufar, enquanto a velha rogava pragas de todos os infernos. Nessa noite, ceámos um quarto de pão meado e uma sopa aguada com três feijões a boiar. Não gosto de cercos, já disse. Campo aberto e à carga é outra coisa.

Riam todos com a taleiga pitoresca do francês, que já misturava com a propósito muitos vocábulos portugueses nos solilóquios. Apenas Filipe sorria a contragosto, disfarçando a preocupação, cioso em ocultar um rumor que corria desde a véspera - declarara-se um surto de cólera morbus a bordo da esquadra, que demandara o abrigo dos ilhéus de Baiona, e tinham aparecido na cidade os primeiros casos.

Bateram à porta do quarto. Filipe foi abrir. Viu um velho de cabelos todos brancos, curvado, nariz afilado no meio dum rosto sulcado de rugas, um brilho fosco no olhar. Era Raimundo da Anunciação, embuçado num vasto capote preto. Chegara com as bagagens do Saldanha.

Eternizava-se a espera, como o cerco do Porto. E Margarida encrespava-se contra o tempo que lhe estava roubando a juventude. Esgotava-se-lhe o estoicismo de que dera tão firmes provas no Convento de Chelas. Azedava com as parvoçadas da Francisca, tinha arremedos de mau humor e remordia o freio do sestro adverso, recusando convites para os bailes que estavam cada vez mais pacóvios, para o São Carlos, onde a temporada musical nunca fora tão suporífera. Reagia, desabrida, à mais inócua observação da mãe, que, aliás, se calava cada vez mais, a não ser para os santos com quem falava todo o tempo, a pedir que os seus ausentes fossem salvos de todos os diabos, sobretudo os estrangeiros. Dominavam a mansão os odores da santidade, a incenso, ao ranço do azeite das lamparinas e à cera das velas a consumirem-se em grossas lágrimas brancas, no oratório onde avultava um grande Cristo de marfim penando numa cruz de ébano e um painel do Sagrado Coração de Jesus que parecia ilustrar um curso de anatomia; e no quarto de cama de D. Leonor também ardiam luminárias à volta duma Santa Teresinha com a

palidez austera de quem triunfara sobre os pecados do Sol. Margarida irritava-se com os excessos pios da mãe, muito apaparicada pelo padre Domingos, com quem parecia estar sempre a conspirar contra as baforadas satânicas sopradas pelos sitiados do Porto e a fé duvidosa da filha que parecia hostilizar igualmente as delícias celestes e a artilharia pesada do Paulo Cordeiro. Margarida passava horas ao espelho, investigando a sombra duma ruga, imaginando um cabelo branco, suspeitando dum ligeiríssimo descair da boca na comissura dos lábios, examinando o bojo dos quadris, palpando os seios na previsão de decepções flácidas, vendo a tristura que lhe embaciava os olhos. E, chegando-lhe aos ouvidos o murmurar do terço a duas vozes, a do abade e a da mãe, tinha rebates de pânico místico, por causa daquele duelo entre o boudoir e a sacristia. Nas brumas da incerteza e do tédio degladiavam-se, já sem vergonha nem disfarces, a pura ideia de Filipe e a nítida realidade de Segismundo. Este duelo angustiava-a porque a punha cara a cara com a ética e os sentimentos, com o passado e com o futuro. O mando doméstico não a distraía como antes, porque a rotina encruava tudo, roaz, como as horas pesando chumbo nas penumbras dum Inverno severo. Regressara àquela casa com passo de corça, a tomar conta do seu destino, e parecia-lhe agora colear pelos corredores com o rastejar sibilino das serpentes. E o espelho mostrava-lhe alguém que não correspondia ao que tinham visto os olhos de Filipe de Villepin. Isto assustava-a, culpando-a e atenazando-a tanto que instintivamente se abrigava à sombra segura de Segismundo Avilez. A Francisca moderara os desabafos, que a menina andava de má lua, num desassossego que pedia altar e cama para dois. Benzia-se a cozinheira perante a ousadia do diagnóstico, e guardava para si as notícias das cartas da vidente e da bola de vidro sobre o limbo terrestre onde pairava o seu filho Horácio, portador de esperanças e memória. Entretanto, as habilidades do Sr. Inácio no trato das coisas da vida tinham obrado o milagre da reconciliação com a Rita da Silva, desembaraçadas ambas dos sustos da alcovitice e carteio clandestino.

Encontravam-se na missa dominical de São Domingos e batiam língua passeando no Rossio, muito matinais.

E todos davam palpites sobre os namoros da menina Margarida e do menino Filipe, a quem teimosamente chamavam seus. Evitavam o tema da guerra por desconfiarem do partido uma da outra, mas seguiam, contritas, as objurgatórias que do púlpito arremessavam os padres sobre os pedreiros-livres, que queriam matar Deus e os seus ministros. Aquelas três almas, porém, reunidas semanalmente sob as abóbodas do mesmo templo, não eram paradigmáticas da histeria geral. A Francisca orava pela aparição do Horácio, a Rita dividia-se em preces contraditórias em intenção de Filipe e João, e o Sr. Inácio pedia pela boa marcha dos negócios de mercearia, que andavam encalhando em toda a casta de carências e de especulações. Não havia notícias da guerra, ladradas pelos pasquins e pelos padres, que os desviassem dos seus interesses particulares.

Nas fortificações miguelistas em frente da foz do Douro, o alferes João da Silva transformara-se em diligente formiga, aplicando nas obras dos redutos e trincheiras alguns conhecimentos que tirara das suas episódicas actividades de empreiteiro, iniciadas na remodelação da capela de São Julião da Barra. Reforçara as posições nos baluartes, do Crasto a Serralves, e estava a ponto de conseguir o efectivo bloqueio da barra quando lhe surgiu pela frente o carismático general Saldanha, republicano renegado, diabo de muitas artimanhas, que incomodava os trabalhos e tinha engenho de contrapor, com rapidez incrível, medidas que lhe davam vantagens na defesa. Artilhou melhor o Forte da Luz, anulando as aparentes vantagens do monte Crasto, avançou uma bateria para o Pinheiro a dois passos de Serralves, e a do Pinhal para a frente da Ervilha; não contente, meteu em cunha o reduto do Pasteleiro, tão exposto que passou a designar-se por Flecha dos Mortos por serem poucos os que de lá voltavam.

O João arrepelava-se, queixando-se dos sapadores, uns

medricas, que ainda por cima regateavam as picaretas, as pás, as enxadas. Pediu barragens de artilharia que impedissem o inimigo de abrir novos fossos e erguer novas banquetas, e queria que arrasassem os muretes e devesas que dividiam os campos, os quais permitiam aos do Saldanha cruzar o fogo sobre o seu pessoal. Mas houve atrasos, trocas nos calibres das munições e teima dos comandos em massacrar a mole da cidade, muito fiados na bala rasa das peças Pexhan.

Os espões traziam ao alferes Silva informações sobre os movimentos das tropas liberais, mas as mais apreciadas eram as que davam conta da fome, do descontentamento, dos prés atrasados, das reclamações dos mercenários, dos hospitais cheios e sem remédios e médicos suficientes. E da cólera, que grassava sem antídoto, pavorosa, mortífera. O João acreditava neste apocalipse progressivo que havia de fazer cair o Porto de maduro ou, melhor, de podre. Mas, pelo sim pelo não, obstinava-se a melhorar a solidez dos traveses e dos parapeitos, que os satanazes eram de muitas manhas, mesmo quando tinham pela frente os soldados de Deus.

Entretanto, do outro lado, grandes ratos esfaimados chafurdavam nos dejectos das comuas, nas valetas das ruas, aventuravam-se no dédalo das trincheiras farejando morte fresca, exploravam a terra--de-ninguém em aventuras vorazes. Em frente do reduto do Pinhal, um cavalo morto empestava os ares, e eles, os ratos, cevavam-se nas entranhas, até ficarem os farrapos de pele sobre o esqueleto e depois nem isso, apenas os ossos esburgados e muito brancos que, cobertos pela geada, brilhavam sob uma Lua pálida a que uivavam rafeiros vagabundos cujas sombras deslizavam entre restos de pinheiros despedaçados pela metralha.

Ricos e pobres obravam em uníssonos dentro da cidade, nos seus estilos diferentes, mas tendo decidido que a salvação estava na resistência geral. Os comerciantes ingleses tomaram a iniciativa de organizar uma sopa económica, os portugueses abastados seguiram-nos, e em breve se

distribuíam mais de mil e quinhentas rações diárias. E, embora a morte rondasse, com os vendavais tempestuosos que interditavam a barra, vomitada pela boca dos canhões e pela epidemia implacável, abriam-se alguns salões, e funcionavam, nos famosos jantares da viúva Teixeira Melo, nos saraus dançantes das senhoras Machadinhas, nos bailes de Mrs. Sandeman, nas recepções do Paço, toda esta actividade social ritmada muitas vezes pelas explosões dos obuses e granadas, cujos estilhaços eram disputados pelos gandulas de pé descalço.

Raimundo da Anunciação aboletara-se para os lados da Foz, para ficar mais próximo do general Saldanha, a quem queria transpor para a tela em poses heróicas, intenção que justificara a sua vinda para o Porto. Já o pilhara debaixo de fogo, no reduto de Serralves, e apontara um esboço promissor enquanto as balas assobiavam à sua volta. O pintor era muito íntimo dos irmãos Passos, que o haviam feito rosa-cruz em Paris e em casa de quem jantava a miúdo, lá encontrando por mais de uma vez o general Saldanha. Palestrava com Filipe, sempre que este se libertava dos deveres militares, e com ele discutia a marcha da guerra e as incidências da política que fervilhava mais que nunca. Essas conversas tinham lugar num botequim da Praça Nova ou em casa de Raimundo, que não ficava longe das posições onde servia Filipe- Eram esses debates muito apaixonados e inconclusivos, crepitando mais viva a chama republicana de Raimundo que o constitucionalismo morno do afilhado, muito fiel à trindade D. Pedro, rainha e Carta. O artista desmentia formalmente a coincidência das suas ideias com as de Saldanha; admirava-lhe a determinação e a coragem de soldado, mas criticava-lhe a tibieza política de se ficar pela oposição ao imperador e a Solignac e admitir a solução da Carta Constitucional com D. Maria II - era um espartano, faltava-lhe a subtil ambição ateniense. E confessava os seus receios de ver o general à solta nos labirintos da política quando se aligeirassem as preocupações militares. Exacerbara, portanto, o voltairismo, aderindo às teses dos filósofos franceses que estavam teorizando o romantismo e preparando a

trama ideológica que haveria de enlear o rei Luís-Filipe. Defendia a criação de batalhões populares, com chefes eleitos e comissões políticas, inflamando-se, sem a menor prudência, se Filipe lhe lembrava que a prioridade era ganhar a guerra, argumentando que a vitória seria certa se se usasse também a arma da consciencialização política dos cidadãos.

- Isto não são as barricadas das trois glorieuses, pai Raimundo! Aqui não há cidadãos. O Porto não é Paris!

- Os homens são iguais! - indignava-se o artista. - Talvez não haja gente suficiente da fibra do Manuel e do José Passos, do juiz Costa Cabral... Queres maior infâmia que a de continuar proscrito o coronel Pizarro?! Exilado ainda!...

- Como quer o pai Raimundo que o deixem vir, se ele ofende o imperador nos jornais lá de fora, comparando-o ao usurpador, chamando aos ministros camarilha de ladrões e ao marquês de Palmela vampiro do tesouro português?

- É um homem de bem. Diz alto o que a maioria pensa sem dizer. E é um bravo. Com chefes como ele a guerra ganhava-se num instante. Em 1798, os dez mil republicanos de Championnet derrotaram numa penada os sessenta mil soldados do rei Fernando e proclamaram a República em Nápoles!

- Imagine o pai Raimundo as ironias do destino... Anda por aí a pavonear-se, sem a menor utilidade, um peralvilho que é filho do Murat ex-rei de Nápoles, usa o mesmo chapéu do tio Napoleão I e tem dado imenso azar a todas as revoluções onde mete o nariz... Nápoles, pai Raimundo, tem sido tudo...

- Falo-te do futuro e do que a história tem de bom para nos ensinar.

Brilhavam-lhe os olhos, com áscuas visionárias, sonhador, porque a realidade lhe era insustentável sem a quimera e sem Juliette. Pouco falara de si mesmo, desde que chegara; escondera na manga do gibão um punhado de lágrimas quando lhe anunciara a morte da

companheira. Dera-lhe duas cartas antigas de Margarida, que tinha retido por falta de portador para o Porto cercado. Filipe soube finalmente que ela deixara o convento, havia mais de oito meses, pouco depois de ele ter desembarcado nos Açores. Sobressaltara-se, alertado pelo instinto, detestando-se por permitir que crescesse a erva daninha da suspeita, mas germinando já no subconsciente motivos para se abandonar ao sonho insensato protagonizado por Christine. Começava a crer mais no destino que na paixão.

E o destino era-lhe favorável quanto se pode desejar num campo de batalha. No grande ataque desencadeado pelos miguelistas, nos primeiros de Março, contra os baluartes da Foz, estando ele em armas no reduto do Pinheiro, caíram mortos dois soldados que o ladeavam, tendo um projectil quebrado pelo punho a espada que empunhava, quando já avançava a marche-marche uma coluna inimiga em carga de baioneta. Repellido o ataque, estando ele exausto, recostado contra o espaldar dum parapeito, tendo nos olhos e nos ouvidos o clarão e o eco das explosões, rodeado de feridos gemendo e implorando que os arrancassem àquele inferno, os mortos de ambos os lados confundidos, à espera de remoção, surgiu-lhe à frente um garoto dos seus dez anos, esfarrapado e descalço, que, muito ladino, lhe trazia recado do mestre Raimundo que o chamava com a maior urgência. O rapaz não adiantou razões, muito vivo e machucho, a mirar as espingardas, as peças, os horríveis despojos do combate. Filipe atrigou-se logo, inquieto, com negros pressentimentos e, obtida permissão, correu ao boleto do pintor, que vira pela última vez cinco dias antes, muito macilento e queixando-se de cólicas no ventre. Estugou o passo pela estrada da Foz, expondo-se ainda aos tiros da artilharia que protegia a retirada dos derradeiros atacantes, divisando primeiro, no alto das escarpas da margem esquerda do Douro, as nuvenzinhas de fumo branco e, só depois, rolando como trovões por cima do rio, ecoavam os estrondos dos disparos e as explosões dos obuses e dos foguetes incendiários por cima do casario. Raimundo da Anunciação estava

perdido. Mas lúcido, após um delírio de dois dias, a pele azulada colada aos ossos, os lábios brancos e gretados, os olhos encovados. Era um dos pestiferados da epidemia que ceifava muitas centenas de vidas.

Filipe sentou-se à beira da cama, retendo a emoção e as lágrimas, pediu aos hospedeiros que os deixassem sós e tentou, tão convicto quanto lhe era possível, convencer o doente a transferir-se para o hospital.

- Não vale a pena... - murmurou ele, o fôlego entrecortado, a voz muito fraca. - Imagina tu como o destino é perverso... A cólera que levou a minha Juliette poupou-me quando eu queria partir com ela e, agora, mata-me quando eu queria viver para a vitória da liberdade.

- Não diga isso, pai Raimundo... Há-de viver.

O velho relanceou um olhar húmido pelo quarto, deteve-o na pequena aguarela do busto de Juliette, que pintara logo após reencontrá-la em Paris, e prosseguiu como se não tivesse ouvido o afilhado.

- Deixo-te tudo. Que é nada... Recordações... Atormenta-me não ter podido salvar do atoleiro o teu irmão de leite. Mas peço-te que sejas com ele indulgente como eu talvez não pudesse ser. As novas que dele tenho dão-no como espião e esbirro feroz do usurpador. E também quero dizer-te...

Arfava. Filipe chegou-lhe à boca o copo de água que estava à cabeceira, limpou-lhe o suor gelado que lhe perlava a testa.

-... Dizer-te... Amei tua mãe com o sentimento mais puro que pode guardar um coração humano, sem esperança, porque ela amou teu pai até à perdição. Ao fim de vinte anos, um afecto feito de lembranças equívocas arrancou-me do coração esse espinho. E voltei a amar. Mas tu és como um filho, desde que te vi nascer. Se é possível alongar a vida na memória dos outros, sei que viverei na tua, porque te quis com o melhor de mim mesmo e te dei tudo o que podia e sabia, em todo o caso menos do que gostaria...

Perdiam-se na barba cerrada de Filipe de Villepin as lágrimas

silenciosas que lhe corriam dos olhos. Raimundo quis forçar um sorriso que não passou duma cristação dos lábios.

- E sobretudo não me tragas um padre... Ao menos nisso aperfeiçoarei Voltaire. A luz do futuro é brilhante de mais para iluminar uma incerteza, é propriedade do dia claro que nasce para todos...

A voz do pintor tornava-se quase inaudível, um sopro, mas o seu espírito raramente dera provas de tanta firmeza e lucidez. Pressentia-se que todos os ideais, toda a experiência, todas as contradições duma vida inteira desfilavam na sua memória.

- Nunca pretendi imitar Deus... - continuou. - Se pequei, e pequei, foi pelo orgulho de querer emendar-lhe a obra, porque a miséria das suas criaturas me despedaçava o coração.

Cerrou os olhos e sussurrou quase imperceptivelmente:

- Morro como um homem que...

Perdeu a consciência. E Filipe abraçou aquele corpo exangue, mirrado, o corpo dum pai, arrefecendo, procurando adivinhar o que ficara incompleto nas suas palavras - o que sempre ficava incompleto na vida dum homem.

D. Pedro «rei do Porto» e D. Miguel «rei de Braga» - boa fórmula que a voz popular consagrava, mostrando ao que chegara um reino de sete séculos, que a ambição e a cegueira fanática retalhavam, atirando carroçadas de mortos para as valas comuns e sangrando uma nação que rapava os últimos créditos a uma Europa que descreia dos juro dum desenlace qualquer. Irmãos inimigos, jurando vitória ou morte e renegando tratos de duvidosa diplomacia com que ainda se tentava uma reconciliação, um arranjo, um ponto final no massacre, mas irmãos na desgraça, na impotência, na corrida para abismos vertiginosos, irmãos de sangue que se olhavam por cima das barricadas, com uma nostalgia vinda dum passado exausto - estando D. Miguel em revista às suas tropas na margem esquerda do Douro, um artilheiro liberal localizou-o e teve-o na mira da sua peça; D. Pedro estava próximo e o militar pediu-lhe

autorização para disparar, ao que ele respondeu: «Se lá estiver meu irmão, não!» - irmãos, sim, como outros a quem separavam as ideias e as balas dos canhões, que trocavam com ódio encarniçado e com o mesmo apego à terra e à memória.

Em Braga, o capitão Avilez convalescia junto da corte e, vindo das linhas onde a morte o rondara de tão perto, via com olhos críticos como os áulicos, os padres e as damas amolecendo o rei, garantindo-lhe o triunfo que antecipavam nas missas, nos bailes, nos banquetes, nas caçadas. D. Miguel, impante, adulado, castiço, engorgitava as hóstias, rodopiava nas contradanças, atufava-se de virtualhas, derrubava javalis e povoava a cama, a eito, até que disciplinou um pouco os pulos do coração volúvel nos braços duma D. Emília Correia, irmã da condessa de Basto, garbosa matrona que lhe insuflou nas pimponices certa dose de elevação espiritual, de tal forma que, dizia-se, chegou o rei a admitir tê-lo alanceado a paixão. Coisas de alcova e salão. E ainda e sempre o recreio das chibanças rascas, das cavalgadas e montarias, o convívio com frades boçais que o recebiam à porta dos conventos com a clavina em bandoleira, medalhinhas benzidas e mesa posta onde fumegavam terrinas de feijoada com orelheira; e ainda e sempre

a confraternização com guerrilheiros oriundos de bandos de meliantes e varredores de feiras, labrostes à espera do saque da cidade dos malhados, como o temível Cachapuz, que muito divertia sua majestade com contos de trapações e projectos de estripar liberais.

Segismundo Avilez não se iludia com os privilégios cortesãos, desgostava-o aquele desmazelo das coisas da guerra, despachadas em cima do joelho real, ao sabor de súbitos caprichos arrogantes, de inspirações, ora místicas ora toureiras, que atiravam para a morte centenas de soldados, em investidas bestiais que se desfaziam de encontro ao desespero rabioso dos sitiados. Os estrangeiros, tão detestados por servirem nas hostes de Pedro, faziam a sua aparição no exército de Miguel. Mercenários como os outros, recrutados na melancolia realista decadente,

ingleses, franceses, austríacos e espanhóis eram ao princípio gerais como John Campbell, mas deslizavam, numerosos, até aos postos de tenente e alferes.

Ainda mal feito, o capitão Avilez pediu para regressar às linhas. Tinha pressa de acabar a guerra e marchar, triunfal, para Lisboa, à conquista do despojo mais desejado - Margarida.

A visita semanal ao Convento de Chelas colocava Margarida de Almeida diante da austeridade das juras do seu passado recente. Fiel à amizade que a ligava a D. Joana de Souza Atayde, aí estava pontualmente no parlatório do mosteiro, mas desfeiteada pelos rebates da consciência, ao ocultar à amiga o duelo declarado entre o alferes liberal e o capitão miguelista pela posse duma alma que plangia pelos paladinos do Porto, sem que o coração mantivesse a firmeza coincidente. A nostalgia lugente de D. Joana como que a acusava de vacilar à beira da voragem da traição. A bondade daquela senhora, que a amparara na solidão e nos momentos em que o abandono mais a desesperava, trazia-lhe aos olhos lágrimas por não poder vencer a pusilanimidade com que a iludia com os restos duma paixão trépida. E mais se arrebatava na íntima repugnância por si mesma, quando ajoelhava com D. Joana, às avé-marias, para rezarem juntas pela salvação do filho encarcerado em São Julião e pelo noivo clandestino que combatia contra os tiranos. Voltando a casa, revoltava-se Margarida por via da sua falta de coragem, com o que entretinha, num equívoco, a amiga, que só merecia lealdade, mesmo a duma confissão que a decepcionasse.

Acendia-se-lhe uma cólera malsã, se vinham cartas da frente, e rosnava, se eram do pai ou do irmão, apodando-os entredentes de «beatos carcundas». Num desses acessos queimou, sem a abrir, a última missiva de Segismundo. Ficou muito arrependida e à espera da seguinte, impaciente. Voltou à devoção, mas furiosa, exigindo que os santos lhe perdoassem a duplicidade dos sentimentos e lhe desassombrassem o caminho. Quase lhes ralhava, orando, como à cozinheira, que se assustava com a transfiguração da sua menina, tendo já consultado a bruxa de São

Bento, que diagnosticara luta mortal entre um anjo e um diabo que lhe disputavam a alma onde estavam entrincheirados - este palpite bebia, ao menos formalmente, no estilo da Gazeta reportando as novas da guerra, mas não era diferente do que a Francisca concluía sem consultas aos astros.

Entretanto, Margarida desconhecia-se, distribuindo culpas a torto e a direito - ao pai, que a metera em convento; ao irmão, que jurara matar Filipe; a Filipe, por ter fugido para França, a Segismundo, por estar baralhando as cartas do destino. Fechava-se no quarto e começava epístolas a romper com tudo e com todos - não acabava nenhuma, ficava a cismar, com saudades da segurança paciente dos tempos da clausura.

Com tudo isto, murchava como uma flor sem ar nem sol, muito pálida e olheirenta; desleixava o trato da casa e nem já o passo era de serpente, mas hesitante e sujeito às fraquezas da sua verdadeira natureza. Veio o médico da família, aconselhou viandas magras, extracto de genciana e mudança de ares. Ficou assente, com o consentimento do pai consultado nas linhas de Valongo, que partiria para o Gradil, pela Páscoa, na companhia da mãe e do padre Domingos. Tirante o fastio da escolta, a ideia agradou-lhe.

Em Lisboa, muita gente avisada começara duvidando das instruções divinas que davam a vitória por certa. Tantas vezes ela fora anunciada pelos pasquins e celebrada nas igrejas, que se gastava a certeza e se apostava tudo num milagre que, mais que nunca, era a razão de Deus e do rei. À boca pequena, para que os malsins e os exaltados não levantassem suspeitas ou denúncias, diziam muitos que a capital era o ponto mais fraco do reino. O mais e o melhor do exército andavam à volta do Porto sem poderem entrar; o resto, espalhava-se por algumas praças e fortes do litoral, numa dispersão arriscada mas necessária, estando Lisboa entregue à polícia e a milicianos que mal sabiam recarregar uma espingarda a tempo de se salvarem duma carga de baioneta antes do segundo tiro. Gemiam os burgueses sob a carga dos impostos e os pobres

esgrimiam desarmados contra os preços bárbaros da comida. Murmurava-se, com fundamento, que D. Miguel mandara requisitar aos bispos os dinheiros das suas tesourarias, vender objectos de ouro e de prata depositados nos cofres públicos e canalizar para o exército as importâncias das bulas da Santa Cruzada. Gracinda da Silva era daquelas que meditava com raro realismo no esmihrar das rendas e na indefesa da capital. Não era letrada, mas era esperta, ladina, e conhecia a vida por sempre ter andado nela de olho arguto e exercitando um sexto sentido que lhe dava, num relance, o retrato prático do pequeno mundo onde se movia. Não acreditava em fantasmas e dava aos milagres o desconto que não fazia aos monstros dos folhetos porque vira muitos, ao vivo, disfarçados com figura de gente. Com base nestas vivências, pouco seleccionadas mas muito didácticas, confirmava só poder contar consigo mesma, praticando em conformidade desde que se conhecia. O João deixara-lhe magro pecúlio para as despesas dos primeiros tempos, e, desde então, nem uma moeda chegara da frente de batalha de onde ele só lhe mandara uma carta a contar os seus feitos de armas e os triunfos arrasadores. Poupava quanto podia, mantendo de reserva os ouros e quanto de valor lhe alfiava a casa, numa economia de guerra que pudesse fazer face tanto às vitórias proclamadas pelo João como às derrotas caladas por toda a gente. Insinuava-se aos sogros, pondo-lhes à cara a neta e sacando abastecimentos da mercearia de onde, aliás, nunca passava. Sabia muito bem que a cor da pele e o passado de gandaia lhe interditavam muita coisa, inclusive o subir a escada da loja para a residência do Sr. Inácio e da Ti Rita, com a filha nos braços ou sem ela. Ocultava as desfeitas com alegrias postiças, garrulices e tagatés dengosos, apontada ao objectivo substancial do feijão, do bacalhau, das cebolas, do açúcar, da farinha e do mais necessário para a «vossa netinha», como dizia, passando-a para o colo da Rita, com ademanos de ternura e espírito de família. Chegava a audácias de candura e afecto que faziam efeito na sogra, que lhe atulhava a cesta com mimos suplementares, mas não derrotava as renitências do

Sr. Inácio. Depois, ia à vida, com um encolher de ombros e uma resignação à sua condição que roçava o desprezo pela galeria de monstros da raça humana. Entretanto, o míope das Alfândegas, apoiado no terceiro andar, nada... Também porque a Gracinda não dava a trela de que o tímido precisava. Um instinto surpreendente impunha-lhe fidelidade ao João ausente. Parecia-lhe mal aproveitar-se da guerra para o enfeitar, porque achava que não tinham valor justas de cama naquelas circunstâncias. Entretinha-se com a Ritinha, com a lida da casa e com os monstros inevitáveis. E, à exceção das visitas dum único fantasma que lhe habitava uma ou outra noite, o do falecido Zeca da requinta, pai da sua filha, era a mulata modelo de virtudes no tempo em que o marido guerreava lá longe pelo senhor D. Miguel, nas hostes do general Teles Jordão.

A morte de Raimundo da Anunciação deixava a Filipe a solidão do vasto mundo. Nuno de Almeida dedicava-lhe a amizade solidária dum irmão, mas o pintor era afinal a última raiz arrancada do passado. Sem certeza nenhuma, nem da sorte da guerra nem do amor, atufava o desaparecimento do futuro esmerando-se a arriscar a vida em empresas suicidas. Com as linhas tortas de Deus escreveu direito páginas de glória. Foi condecorado e promovido a tenente de lanceiros para onde transitara com o inseparável Nuno, homem de fortes influências. O desgosto, a intimidade da morte, a severidade crescente das privações do cerco tinham talhado no seu rosto umas arestas de dureza, nos seus olhos uma profundidade e uma acutilância que pareciam escurecê-los ainda mais, e no seu espírito enquistava-se uma rigidez estóica, temperada por uma determinação serena que o distinguia na firmeza do comando dos seus soldados e no trato exigente e franco dos seus amigos. O sofrimento amadurecera-o e o amor deixava gradualmente de ser um sonho embalado na distância para se tornar um espinho cravado no coração, por admitir que ele batia por Christine contra o compromisso que o ligava a Margarida.

Um oficial do Batalhão de Atiradores Franceses, que perdera um

braço em combate junto das Antas, regressava a França num transporte que furara o bloqueio com um reforço de trezentos irlandeses, munições e víveres. Filipe pediu-lhe que fosse portador duma carta para Christine. Antes de apurar meia dúzia de linhas escreveu inúmeras versões, que pecavam por transmitir a confusão que lhe ia na alma e acabavam sempre por dizer de mais ou de menos. Quando a entregou ao camarada que, inválido, voltava a casa, a missiva já lhe parecia insípida. Eis a tradução.

«Madame, Se estais ainda interessada em saber que estou vivo, eis a prova. Não me tenho empenhado demasiado nisso. O bravo soldado que vos leva esta carta confirmará a minha excelente saúde. Amanhã veremos. E vós? Tomei conhecimento do vosso novo estado por um jornal francês que veio parar à minha mão por mero acaso. Não é verdade que o acaso arranja bem as coisas? Pelo menos algumas vezes. Se ousar escrever-vos, não vejo porque não haveria de pedir-vos notícias da criança.

Tentai pelo portador encontrar um meio de me fazer chegar algumas palavras, se pensais que mereço ainda um pouco da vossa atenção.

Vosso dedicado Filipe.» Depois de entregar a carta ao tenente francês ficou em ânsias por não ter escrito tudo quanto lhe ia dentro, por causa do orgulho que não queria pôr à prova. Por isso se estava entregando, inteiro, à guerra. Para esquecer a própria vida, que, porém, teimava fazendo heróis no meio da sementeira da morte. E heroínas, que eram essas corajosas mulheres do Porto, enchendo cartuchos à beira das trincheiras, cuidando dos feridos, confeccionando roupas, tirando da boca o que levavam aos maridos, aos filhos, aos irmãos, metidos nos fossos dos baluartes mais perigosos. Já andava a Francisca da Silva Neves, de Miragaia, condecorada com a Torre e Espada por ter pegado em armas nas fileiras de Caçadores 5, no horrendo dia de São Miguel; já a Ana Damásia, do Cais da Ribeira, vencia o soldo de furriel por levar às linhas inimigas as proclamações do imperador e convencer os soldados a desertarem para os liberais; já outras acartavam barris de pólvora - mesmo os que andavam

cheios de areia para fingir que a pólvora abundava -, e espingardas limpas, e cartuchame, e exemplos de bravura. Ah! E havia as rameiras, que formavam a mais aguerrida das legiões da noite, arriscando valentemente os seus atributos até aos baluartes mais expostos, com uma versatilidade tão ágil e generosa que faziam do fundo das trincheiras camas de prazer. Atacavam solitárias ou em bando, segundo tácticas secretas que lhes asseguravam incontestáveis vitórias. O moral dos homens espiados pela morte levantava-se infalivelmente na horizontal ou mesmo em contorsões verticais contra os parapeitos dos traveses, se o inimigo dormia ou tratava igualmente do seu moral. Quando essa legião avançava, derrotando alegremente as hierarquias até aos rudes braços dos soldados, todos os pecados ficavam equiparados ao de se matarem uns aos outros - portanto, absolvidos. Era mais uma fome provisoriamente saciada, tão mordente como aquela que as rações reduzidas deixavam nos estômagos, asperezas dos caminhos da liberdade prisioneira no Porto e à volta do Porto. Então, quando as agentes serais dos consolos da carne entravam em acção, despertavam até heroicidades de ternura que as transformavam em noivas e esposas que a saudade estava roendo com o seu habitual apetite. Eram mais que diligentes - redentoras. Patriotas dos dois lados, tão generosos quanto o medo da morte lhes permitia, davam o sêmen e o sangue, até a própria alma ficar vazia, exposta nos rostos espectrais da exaustão das noites apavoradas pelas alvoradas, que podiam trazer a ressaca fatal dum combate sem misericórdia.

Quando os políticos se enredavam nas suas tramas, e quando os generais confessavam que aquilo não podia durar muito mais tempo, D. Pedro sacudia os desanimos, abalava da sala do Conselho, envergava a farda castanha de coronel de Caçadores e ia purificar-se nas primeiras linhas, agarrava numa picareta, cavava os fojos das trincheiras, ou demonstrava com as próprias mãos como se colocava o reparo duma peça. Podia ser general medíocre, político inábil, «rei do Porto», mas era um austero soldado que o povo como tal respeitava; mesmo se os ímpetos da

desesperança o ensombravam em reacções de crueldade inconsequente, como na ocasião em que mandou fuzilar um artilheiro que abandonara uma peça, expulso pelo fogo intenso do inimigo, logo voltando ao seu posto para encarar a morte, sentença impulsiva anulada pelo general Saldanha, que presenciara a cena - por estas e outras andavam os radicais tentando fazer do general marquês o émulo do imperador.

Filipe de Villepin convivia agora mais com Nuno e Tomás d'Aquino, por estarem os três servindo nos lanceiros. Tomás e Angélica celebraram entre dois combates o nascimento do filho. Nuno foi o padrinho do baptizado; e os convivas do arremedo de festa na casinha da torre da Marca reduziram-se àqueles dois camaradas do pai do recém-nascido mais o sargento Jeannot. Arroz-doce não faltou, porque, com fartura, só havia arroz e açúcar. Cada um trouxe o que conseguiu desencantar na penúria geral, e até le Bavard fabricou um presente, uma roca de latão com chumbos de zagalote dentro. Sobre os petiscos que arredondavam as paupérrimas rações, informou que um cão valia já uma libra e um caixilho de janela para o lume três mil réis, que os ratos estavam baratos, por haver muitos, e que gatos nem vê-los. Beberam uma garrafa de Porto, do antigo, e saíram alegretes, a trautear o hino da Carta, com o acompanhamento das explosões e dos impactos das bombas que caíam para as bandas da estrada da Foz. Encontraram o brasileiro Moraes atravessando a Praça Nova, atrás dum carro de mão ajoujado de bagagens que um galego empurrava, seguido do fiel Horácio, alombando com a mochila dele e a do patrão e a gaiola da arara como contrapeso; vinham ambos fardados, o Moraes de major, o Horácio de cabo, os dois no mesmo batalhão de infantaria, que nem nas trincheiras se separavam; caíra-lhes na casa do boleto mais uma granada e tinham acordado com vista para a rua por ter ruído a parede da fachada - estavam de mudança. Saudaram de continência e lá rumaram para novo poiso.

Le Bavard separou-se, estugando o passo para os lados das Antas; ia entrar de piquete. E os dois companheiros, Filipe e Nuno,

vaguearam ainda sob as estrelas duma noite que já bafejava a Primavera, pelas ruas desertas onde se escondia a fome, o frio e o medo.

- Não digas a ninguém... - confidenciou Nuno. - Só temos oitenta cartuchos por praça e rações para seis dias, se as pouparmos.

- Como sabes isso?

- Tenho amigos no Ministério...

- E a esquadra?

- Conseguiram finalmente pagar ao almirante Sartorius e à maruja, que andavam sublevados ao largo de Vigo. Mas o Sartorius está despedido. O Palmela lá está em Londres, à cata de outro inglês para chefiar a armada. Chegámos ao extremo da desgraça. Se lhe dobrarmos o cabo...

Filipe estacou. Adivinhava-se-lhe o chamear dos olhos e os vórtices da raiva em que fervia.

- Estou pronto a morrer. A render-me, nunca. Não tenho muito a esperar desta vida...

O amigo desconfiou que ele ocultava algum percalço mais íntimo.

- Está tranquilo que não hás-de morrer sozinho... Mas quererás dizer-me o que é que já não esperas da vida?

Filipe vacilou, retomou o passeio ao lado de Nuno e, após um breve silêncio, soltou o desabafo, todo - Margarida liberta do convento, Christine viúva, as angústias do confronto entre o amor e a honra, em tiradas solenes de tragédia à Shakespeare, que aos ouvidos do companheiro chegavam como deixas de Molière. Nuno de Almeida deixou-o esvaziar o balão das emoções e, quando o viu regressando à terra que pisavam, pôs-lhe a mão no ombro e silabou com calma olímpica:

- Olha, irmão... Mesmo que não estejas a pedir-me um conselho, mesmo que não haja duas criaturas com a mesma organização, sempre te lembro que não há impulsos mais dignos que os do coração. Eu que o diga, que o trago agora mesmo trespassado pelos dardos da minha Clarinha vinhateira...

Os canhões de Gaia e do Cabedelo tinham-se calado subitamente.

Nuno sorria. Filipe mantinha o cenho tenebroso. E por cima deles uma Lua branca parecia um rosto vivo, mofando de tudo, inclusive da calma estranha que envolvia a cidade cercada e os que lá viviam as dores e os amores, mais fugazes e menos fulgurantes que a poeira dos astros mortos.

Leonor, Margarida e o padre Domingos chegaram à quinta do Gradil nas vésperas da Páscoa. Bernardina e Pedro receberam a parentela com predisposição fidalga mas sem excesso de entusiasmos, sobretudo quando constatarem logo de entrada o beatismo seráfico da cunhada, os delíquios suspirosos e macilentos da sobrinha e o cabeção sebento do melifluo abade.

Cunegundes mirou o trio empoeirado que descia da sege, marcado pela provação de um dia de jornada, e concluiu que Lisboa não deixara de respirar o ar fétido dos caneiros, os bafios dos salões palidamente iluminados, os eflúvios de incenso e cera das igrejas e o bodum dos cocheiros das carruagens de aluguer. Disfarçou o desdém pelos produtos da morbidez da capital e exagerou o abraço com que sufocou a prima, que mais delida ficou na prensa rústica duns braços afeitos a montarias serranas.

- Ai prima Margarida! - scandalizou-se. - Que por pouco lhe sobrou o pelame que lhe curtiam lá no convento! Inda bem que estamos no tempo dos anhos e das cerejas que lhe hão-de avivar essas cores de Senhor dos Passos.

Face àquela rudeza campestre, começou logo a colorir-se a palidez de Margarida, mas por enrubescer à lhaneza da parenta desbocada. O padre Domingos, sofrendo temperaturas dignas das margens do Letes, por via do capote de briche com três golas que escolhera para a viagem, bufava entre as medidas aos donos da casa, espalhando uma pitada sudorípara com o abanicar do chapéu de abas largas diante do

peito.

E Leonor, ao apear, benzeu-se três vezes e deu graças ao Altíssimo por os ter conduzido escorreitos ao termo da viagem.

Bernardina ajudou a cunhada a subir a escada de pedra da mansão, vendo-a mais ofegante que as mulas da carripa depois de paparem um petisco de onze léguas.

Pedro de Almeida esperava ao cimo da escada, como comandante ao portaló do navio a avaliar o gabarito dos passageiros, com um sorriso que doseava bem a bonomia e o tédio. Tinha engordado um pouco mais. No dia seguinte veio o padre Casimiro a cumprimentos e remques ao colega que ocultava a enxofração, por via das senhoras. As confissões de fim de Quaresma choviam por uma telha e os preparativos pascaes aceleravam-se, com destaque para a procissão da Paixão.

Padre Domingos viu-se na contingência de dar uma mão ao zelo apostólico do pároco do Gradil, que outra coisa pareceria mal a toda a gente. Abalaram os dois para a igreja matriz, adejando pelas curvetas da estrada as batinas pretas, como um par de abantesmas, gesticulando muito a sublinharem divergências sobre as vantagens do campo sobre a cidade e vice-versa. A Caceteira arregimentou Margarida e levou-a a toque de caixa num passeio pela quinta. Queria, disse, «ensinar-lhe o campo», e já que vinha pelos bons ares, que comesasse a tomá-los quanto antes. Foram primeiro pelo Soberano, que pernoitava numa casota rodeada por uma devesa de espeques em seta desde que se dedicara a expedições punitivas ao galinheiro. Acompanhou as duas jovens, cordato como um cão e obediente às vozes da dona. Margarida não pôde evitar um gesto instintivo de retracção quando o lobo se demorou a cheiriscar-lhe o vestido, desde a bainha da saia à cinta vincada por um laço de cetim. Na horta, Cunegundes identificou as ervas de cheiro, a salsa, o serpão, os coentros, a hortelã, a beldroega; e, de canteiro em canteiro, apresentou-lhe a panóplia das couves, as galegas, as tronchudas, as flor, os repolhos, e os verdes todos da época, mais desvendando os segredos das regas, das

mondas, do sachar. Detiveram-se depois nas pocilgas, onde os bácoros coinchavam de susto por fariscarem o lobo que os olhava, arrogante, sem dignar-se sequer arreganhar-lhes o dente. Numa corte, estavam apartados o varrasco e três porcas, o macho cumpria naquele exacto momento as obrigações de cobridor, esforçando os quilos de banha empinado por cima duma fêmea, que grunhia com relativa paciência, mastigando um resto de maçaroca, sem se furtar à rosca rosada que procurava o alvo. Cunegundes ria e a prima corava.

- Ó rapariga! Olha que a natureza só é pecado para os humanos. Os bichos são criaturas de Deus, mais do que nós, que não lhes pede Ele satisfações.

- Eu sei, prima, eu sei. Mas... - titubeava Margarida, purpurina, desviando os olhos do lameiro onde chafurdavam a porca e o varrasco.

- Sabes nada... - disse, incrédula, a Caceteira, com um tom de súbita nostalgia.

Debandaram para o jardim, ciscando-se ao cheiro da pocilga e à curiosidade pascária do porqueiro, cada uma de seu modo meditando naquelas facetas da natureza que lhes avivam umas melancolias mornas oriundas de vivências diferentíssimas. Com o lobo estirando-se-lhes aos pés, sentaram-se no banco de pedra do caramanchão das buganvílias já salpicadas de flores grená.

- E o teu príncipe encantado? Sempre veio no bando dos malhados!

Margarida optou por desconhecer a rudeza daquele estilo.

- Nem sei se é vivo ou morto...

Cunegundes mordeu o lábio inferior, para não dizer que esperava que ele estivesse bem morto às mãos dos soldados do senhor D. Miguel.

A prima fez apelo à coragem para a questionar, com uma malícia forçada e insípida:

- E a menina não tem príncipe?

- Príncipe não. Que aqui nos saloios até escasseiam fidalgos de

pendão e caldeira. Mas não me queixo...

As reticências eram alegres, se bem que retransidas por um pique de saudade, e tão comunicativas que deixaram à parenta margem para suspeitar e imaginar.

- Ah!... - murmurou Margarida, subentendendo.

Sentia o desconforto de se encontrar desterrada do seu ambiente, insegura perante o carácter de Cunegundes que talhava a direito nos labirintos da alma, como se também fosse a corta-mato através do enredo dos sentimentos. Como poderia entender aquela labrega, confinada ao trato das bestas e, talvez, perdida como manceba de algum rústico igualmente abarroado, o drama de paixão e honra que ela vivia? Dominou a ira ao ouvir as palavras cruas da Caceteira.

- Ai, prima, credo! Não se atriste assim tanto com saudades de nada, antes de saber como elas mordem quando são saudades dum bafo de homem no gasnete...

Não resistira Cunegundes, portanto, a invocar a própria mágua, ao seu modo, que, de tão claro e directo, deixou a prima confundida a perguntar-se se entendera bem aquela linguagem que reduzia o amor a uma pepineira de gozos carnaís.

Despachada a Páscoa com muita igreja e compensações de abadágios, bulas e tenças, plantaram-se os dois abades, com muita pachorra, no chão macio da generosidade dos Almeidas. Um dilúvio de engarrafados e uma avalanche de comezainas inspiravam os despiques dos párocos, ameaçando Casimiro concorrer a uma conezia vaga em Lisboa e prometendo Domingos ocupar a freguesia do outro. Concordantes só ficavam quando celebravam a certeza da vitória definitiva de sua majestade D. Miguel I. Pedro de Almeida divertia-se à grande, picando-os, e as sobremesas e serões eram de bobices que faziam as vezes de teatro que não havia no Gradil. As damas fartavam-se daquilo, iam-se aos bordados, menos Cunegundes, que abalava a cuidar da dressage do baio. E eles sempre nos debates que invariavelmente desembocavam no

exorcismo dos malhados.

No rescaldo duma janturada de coelho com molho de vilão, o Padre Casimiro recostou-se no cadeirão para meter a mão na algibeira da loba e sacou um número amarrotado de «O Zabumda - folha política», endireitou-se, oleou a beíça com um golinho de bagaço, desdobrou a folha, bateu-lhe com as costas da mão, travou uma flatulência e pediu licença para ler a correspondência que mandara, sob a forma de soneto, a qual merecera honras de publicação. Pigarreou e declamou:

- Fazes da Lysia a sólida ventura, Imagem Imortal, do Omnipotente, Grande, Invencível Rei da Lusa Gente, Luzeiro cintilante em Noite escura!

Inda Brilha entre nós, inda fulgura Lealdade, dos céus doce presente; Ela baseia o Sólido Teu Luzente:

Escuta a sua voz estreme e pura:

Amor, Fidelidade ao Soberano:

Nunca mais os grilhões dum Estrangeiro, Nunca mais outro Rei, nenhum Tirano.

Ou o Trono manter MIGUEL Primeiro Ou o Povo acabar-se Lusitano.

E ser Ele entre nós o Derradeiro.

Ficaram os outros mudos pela súbita revelação daquele vate que embuchava o recital com outra fatia de pão-de-ló.

- Não sabia que era poeta, senhor padre Casimiro - disse o anfitrião, dando voz à surpresa.

- Poeta não... - atalhou o pároco, modesto, sacudindo as migalhas da batina. - Versejador de horas vagas... E patriota.

E vesguiava na direcção do colega, a avaliar o efeito do triunfo. Domingos embatucara e percorria, muito sério, o soneto impresso em «O Zabumba», que a seu pedido o outro lhe passara para a mão.

- Pena não vir assinado... - observou. - Diz aqui «um português, verdadeiramente digno desse nome»... É pena.

Havia já a insídia duma dúvida pairando sobre a autoria da versalhada, com o abade Domingos, muito velhaco, concentrado na releia, com fumos de crítico literário.

- Que queres dizer com isso, ó Domingos? - melindrou-se o outro.

- Que te conheço do seminário e nunca te vi poetar. Bem podias ter entrado na história das letras pátrias com este soneto, e deixas escapar a oportunidade. Se bem que...

- Se bem que... O quê? - indagou o abade do Gradil, avermelhando-se-lhe mais as bochechas.

- Ó homem, pois tu pões o senhor D. Miguel no condicional?! Pois tu admities que ele possa ser o derradeiro?! Pois tu duvidas, Casimiro?!

- Do que eu não duvido é da tua dor de cotovelo por veres letras minhas in oitavo - retorquiu o outro, à beira da apoplexia.

- Eu?! É que não conheces as minhas diatribes no periódico de frei Fortunato. Que essas estão assinadas.

O padre Casimiro parecia à beira de rebentar, estorcegando o lenço de quadrados com que limpava o suor do pescoço.

Pedro de Almeida teve de intervir para que a disputa não fosse mais longe, concedendo aos contendores iguais virtudes patrióticas e literárias e mandando servir mais pão-de-ló.

Após um curto mandato do coronel Santa Bárbara, confirmou-se a má nova do regresso do Teles Jordão, removido do comando da segunda divisão do exército realista, para governador do Forte de São Julião da Barra.

O temor dos presos levou-os a removerem das celas ou a ocultarem o que pudesse desatar as iras e a repressão do baxá, como chamavam ao Jordão. Passaram eles mesmos revista miúda à papelada, alguns queimaram cartas e apontamentos, outros enterraram-nos no chão das celas, como fez o Silva Lopes às memórias do cárcere embalando-as

previamente em boiões de barro vidrado que serviam à manteiga que vinha de fora, sepultados igualmente ferramentas e dois pequenos tornos usados em obras de entretém. O homem vinha marechal, muito ufano dos feitos heróicos que dizia ter praticado no Porto, e logo pôs em prática os seus métodos, com o antigo sadismo. Acabaram-se os livros, o correio livre, reabriram-se todas as celas do segredo e foram expulsas as mulheres de alguns cativos, que ali viviam com os maridos em quartos vagos cedidos pelos governadores precedentes. O Branco, o Prado, o Caleça e os outros malandros recuperaram os antigos privilégios de delactores e ajudantes dos carcereiros, do Jaime, do Carvalho, do Stocler, do Caserneiro, mastins do Teles Jordão que voltavam a aguçar o dente, disfarçado na ausência do chefe bem amado.

E vinha ainda mais hipócrita e beato o Jordão, mais exigente nos dogmas e rituais do que os frades fuinhas que regateavam absolvições e pregavam sermoas de três ao vintém, a torto e direito. Decretou nova fórmula da salvé-rainha diária e obrigatória, que passou a ser dita «pela conservação da vida de S.M.El-Rei, o Senhor D. Miguel I, para que Nossa Senhora lhe dilate o Seu Reinado por muitos anos, para felicidade da Nação Portuguesa», impôs jejuns severos no fim da Quaresma e missas com os dois joelhos em terra, porque um só era meia devoção.

As notícias da marcha da guerra, lá longe no Norte, passaram a circular muito dificilmente entre as celas. A ânsia delas criava engenhos de comunicação. Um deles inventou-o o Francisco Alves, num dos momentos de lucidez, que eram breves clarões na apatia soturna ou na iracúndia feroz com que alternava os humores. Foi o caso de se ter lembrado de aproveitar o Rapaz, que assim se chamava o gato amestrado do Sr. Velho Costa, bicho ladino e bem treinado que divertia os prisioneiros com habilidades de circo, pondo-se de pé, fazendo de morto, saltando para o ombro, às simples ordens do dono. Dava a pata a todos os presos e assanhava-se à vista de qualquer dos beleguins da Torre. O Francisco fabricou-lhe uma coleira forrada, com uma abertura interior onde se podia

colocar um papel enrolado. Foi assim inaugurada, com absoluto sucesso, a época do gato recoveiro, que ia de cela em cela com as novidades do dia.

Nos finais de Abril começaram a correr rumores sobre a epidemia que grassava em Lisboa. Era a cólera morbus, que não se ficara afinal por maldição exclusiva de Deus sobre os malhados, e cujo o nome não se podia sequer proferir. A oficial e parda Gazeta chamava-lhe «a moléstia» e receitava procissões de penitência, preces e fogueiras de alcatrão. As famílias abastadas começaram a debandar para os arrabaldes, para as quintas de Sintra, para os ares marinhos de Pedrouços; e os cegos vendiam às esquinas, juntamente com os folhetos das cantigas, um papel bento com uma cruz impressa e umas letras de decifração complicada para coser na roupa de dentro, como preventivo radical. As igrejas enchiam-se. E o andor da Senhora da Conceição, santa tida por avisada nestas circunstâncias, saía à rua com frequência, com acompanhamentos fervorosos, mas sem o manto, por ser azul, cor dos diabos malhados.

A «moléstia» chegou ao Forte de São Julião. Começou pela guarnição - os soldados caíam como tordos, com vômitos e cólicas, e houve que recorrer aos próprios médicos e cirurgiões presos, os Drs. Azevedo e Bernardino, enquanto o Silva Reis, boticário de Portimão, preparava remédios na prisão grande do revelim.

Em Maio, a «moléstia» alastrou, houve umas quantas mortes e os cárceres foram finalmente contaminados. A devoção dos médicos reduziu os efeitos da epidemia, que não moderava o regime de terror do Teles Jordão, com castigos de segredo, vergastadas na parada, apreensão de mantimentos, escusa de medicinas. Nas noites mais tenebrosas, entre os gemidos dos doentes e a azáfama dos clínicos, o Francisco Alves soltava da goela seca pelo ódio e pelo calor o De Profanais, a Miserere, coisas que lhe andavam perdidas na memória, desde o tempo em que, soldado raso, ajudara de sacristão o capelão do quartel de Estremoz. Entre dois cânticos, entoados com o rosto encostado às grades da janela, assobiava o hino da Carta, mas mal algum esbirro zeloso fazia menção de acudir a

calá-lo, ele recomeçava o cantochão, a voz de baixo, os olhos dilatados, os punhos fechados nos ferros. Ninguém lhe via umas lágrimas que lhe corriam pela cara, que eram do arrependimento infinito por ter andado no bando dos que não conheciam o valor da liberdade e se escondiam atrás do santo nome de Deus.

No fim do mês, subitamente, veio ordem para evacuar as prisões. Era o medo de que elas vomitassem a «moléstia» lá para fora. Tudo se fez num torpel de urgências e berros, escondendo os presos precipitadamente entre as roupas e dentro dos colchões os pertences mais preciosos, sem que ninguém lhes dissesse que destino levavam. E numa cambulhada pavorosa, assustada, apartados os mais doentes que demandavam a enfermaria da feitoria, foram conduzidos à porta do mar, saíram para a praia e embarcaram numas fragatas que, apinhadas, fizeram vela rumo à barra do Tejo, conhecendo-se então que demandavam a fortaleza de Cascais, o novo cárcere.

De pé, à popa da última embarcação, Francisco Alves mirava as águas prateadas do rio e desabafava para o companheiro mais próximo:

- Soubera eu nadar... Ninguém havia de me pilhar a ferros outra vez!

Foi por intermédio do coronel Hugh Owen que Filipe e Nuno passaram a frequentar a feitoria dos ingleses. Owen era uma figura popular no Porto onde se instalara após a Guerra Peninsular, em que teve brilhante comportamento. Casara com uma senhora portuguesa de quem tinha quatro filhos. Era conhecido simplesmente como o coronel e, embora não se alistasse no exército liberal, prestava valiosos serviços, inclusive como conselheiro de D. Pedro. Tivera que abandonar a sua vivenda de Vale Paraíso e recolhera à cidade, onde era ma espécie de figura tutelar da colónia inglesa, composta de ricos negociantes sobretudo da área da comercialização do vinho do Porto, e de elo de ligação com as autoridades liberais durante todo o cerco. Era um homem de perto de cinquenta anos, vendendo saúde, calva circundada por tufo de cabelos ralos, brancos

como o bigode caído sobre os cantos da boca, rosto vermelhusco e olhar directo. Nuno e Filipe foram algumas vezes recebidos na sua casa, desfrutando um convívio em que entravam histórias das campanhas da Península contra os exércitos de Napoleão, das batalhas em que participara, Grijó, Salamonde, Talavera, Abuera, Vitória, na última das quais comandara uma famosa carga de cavalaria, tendo sido promovido pelo duque de Wellington no próprio campo de batalha. Contava estas coisas com grande fleuma, sem chibanças, enquanto os filhos cirandavam pela casa, impressionando a beleza diáfana da filha mais nova, a Fanny, uma criança loira, de olhos cintilantes, em que se não podia adivinhar o destino trágico que viria a ter como mulher.

O coronel fora, desde o início do cerco, o elemento estabilizador da comunidade inglesa, que permanecia na cidade para melhor defender os seus bens e cujas simpatias foram sempre para a causa de D. Maria e da Carta Constitucional. No mais aceso dos combates viam-se respeitáveis súbditos de sua majestade britânica, como Mr. James Harris, Mr. James Forrest, Mr. John Noble e outros, aplaudindo junto das linhas os brave gentlemen que defendiam a liberdade, saudando com hurras e enérgicos shake-hands os feitos dos soldados. Os conselhos do coronel Owen na organização do corpo de lanceiros - fora ele, aliás, quem formara e treinara o célebre regimento dos dragões de Chaves, que muito se distinguiu na guerra contra os franceses - mostraram-se da maior utilidade. Estimava muito o tenente Villepin e o alferes Almeida, que, nessa unidade, se estavam comportando da melhor maneira. Eles chamavam-lhe carinhosamente «o nosso mestre» e, em algumas pausas dos deveres militares, tomavam chá na esplanada do green do clube inglês, onde damas e cavalheiros se apresentavam com toilettes idênticas à duma recepção nos jardins de Buckingham, trocando as últimas notícias do desenrolar das batalhas como se comentassem episódios dum jogo de cricket ou duma corrida de cavalos. O coronel preferia ao chá um bom copo de Porto velho. Era o menos inglês de todos eles, que a maioria vivia

no mundo fechado da feitoria com os hábitos inalteráveis de antes do cerco.

Os meses de Abril e Maio haviam sido terríveis, com os hospitais cheios e os bornais vazios, os bombardeamentos intensificaram-se e a cidade vivia dependente dos feitos dos barqueiros do Douro, que forçavam o bloqueio da barra de noite, para irem aos navios que pairavam para lá da Foz buscar mantimentos, munições e alguns contingentes de soldados irlandeses, belgas, polacos, ingleses, açorianos. Solignac esgotara-se no primeiro ataque, à chegada, e era já coisa nenhuma. Saldanha, carismático, era a esperança contida pelo imperador e pelos conselheiros que o temiam.

Falava-se então da ideia duma expedição ao Sul, ao Algarve ou mesmo à capital para a tornar num golpe de mão, por não haver outro meio de evitar a morte lenta na cidade sitiada. Mas o estado da esquadra, sem comandos, falta de equipamentos, de pólvora, com os marujos insubordinados, rotos e descalços, desbastados pela cólera, levantava os mais descoroçoantes cepticismos.

Por esta altura recebeu Filipe de Villepin uma carta de Christine, trazida em mão por um oficial belga incorporado num grupo de mercenários acabados de desembarcar. Dizia assim:

«Monsieur, Regozijo-me pela vossa saúde. A minha parece-me comparável à vossa, no entanto menos exposta aos perigos. O acaso, em que confiais talvez demasiado, ainda nada resolveu. A criança está bem. Cresce e ninguém lhe encontra a menor parecença de família. Bizarro mas não misterioso! Desejo-vos um fim feliz para a vossa guerra, incluindo a libertação dos conventos, se ainda detestais a opressão religiosa. Vossa dedicada Christine.» Filipe sonhara outra resposta - a suavidade duma esperança mais explícita, um aceno de carinho, uma disponibilidade. Mas, agora, relida a carta, visionava o retrato de Christine de que aquela prosa era o esboço. E, reconhecendo que a expectativa não tinha saído senão das suas ilusões, lembrava-se do orgulho dela, da dureza do seu carácter, e

punha-se a amá-la com uma raiva brava, como um desafio idêntico ao que lançava à morte em cada batalha. Vencer ou morrer tornava-se o mesmo que amar ou morrer. Ah, mas o filho parecia-se com ele! E quase encontrava nisto o prazer duma vingança. Queria expulsar da memória os quatro anos de suspiros por Margarida, lavar a desonra dum compromisso a romper, agarrando-se ao pretexto de lhe terem aberto a porta do convento e imaginando cedências a ignóbeis arranjos de família. Detestava-se por estar apostando em possíveis fraquezas de Margarida, mas desesperava-se por não ter tido a franqueza de revelar os seus sentimentos a Christine, por lhe ter escrito uma carta palaciana que provocara uma resposta de estilo idêntico, mas apimentada por uma ironia altiva, ferindo-o, mas despertando-lhe um desejo furioso que avivava imagens dum sensualismo que superava os delírios de alcova do hotel particulier dos Sauvigny. Entregava todas as energias à luta insana pela defesa da cidade e o coração era uma chaga aberta pela paixão e pela incerteza.

Chegaram então, nos primeiros de Junho, com cinco vapores e quinhentos homens, Palmela, Mendizabal e Napier - isto é, a política, o dinheiro e a guerra. Traziam um ultimato da Europa liberal à regência de D. Pedro - sair do Porto para uma acção decisiva.

Demoraram os tratos com o imperador e o Estado-Maior uma longa semana. Soube-se que Solignac se demitira, por não concordar com os planos, e que o comando do exército fora finalmente entregue a Saldanha. O duque da Terceira foi nomeado chefe da expedição, cujo destino exacto ficava à sua consideração, e o contingente deveria ser de cinco mil homens.

Exultaram Nuno e Filipe, ambos incluídos com Tomás d'Aquino num destacamento de lanceiros apeados que participaria na operação, bem como o sargento Bavard, incorporado no batalhão francês comandado pelo coronel barão de Schwartz.

Começaram os preparativos e cresceu a metralha miguelista

sobre a Foz, já que no campo dos realistas se sabia tudo quanto se passava na cidade. O embarque do pessoal e do material só podia fazer-se de noite e, assim mesmo, sob os espirros dos obuses, das peças, dos morteiros, cujos projecteis voltavam a riscar o céu da cidade como nos piores momentos.

Filipe e Tomás foram na primeira leva, numa noite de breu, apinhados nos batéis. O bater dos remos na água era o único som que maculava o silêncio, rumo à barra onde os esperavam os navios. Iluminou-se o céu subitamente com os foguetes incendiários vomitados de Serralves e do Crasto, e logo as bombas caindo na água lisa do Douro levantavam repuxos que se desfaziam como um chuveiro recaiando na superfície, e os ecos das explosões ecoavam nas escarpas da margem esquerda sucedendo ao fogo que saía da boca dos canhões. As baterias liberais respondiam, tentando cobrir o embarque, e os barqueiros, ala-ala, marcavam o ritmo acelerado das remadas, guiando-se pelos clarões dos disparos. Uma bomba rebentou a curta distância do bote onde iam Filipe e Tomás e a embarcação oscilou perigosamente, enquanto lhes caíam dentro espadanadas de água levantadas pelo impacto. Ala-ala. Santa Bárbara e São Sebastião lhes valessem, se não bastasse a fraca pontaria dos carcundas. Recerrava-se à volta a escuridão e os olhos forçavam a noite, à cata dos navios da esquadra que haviam extinto a luz dos fanais para que os artilheiros os não localizassem. O cheiro da maresia abafava o cheiro da pólvora. Vogavam no escuro. O ruído da ondulação contra um costado vultoso revelou-lhes a proximidade dum navio, quase o abalroaram. De cima gritaram-lhes que aquela era a fragata D. Pedro, que os vapores estavam mais para norte. E novamente ala-ala, por dentro da noite e o fogo das peças ao longe iluminando como relâmpagos a cidade mártir. Inda abordaram o brigue Villa Flor, antes de acertarem com o vapor que lhes estava destinado. Os marinheiros lançaram as escadas e eles, tropeçando, encharcados, lá foram içando-se para bordo.

Estiveram parados três noites e três dias, no baloiço da ressaca

que lhes revolviam as tripas e a muitos arrancavam vômitos que derramavam da amurada, perante as chufas dos marujos ingleses, à espera que de terra chegassem a água doce e a pólvora para os canhões.

Entretanto, o imperador, receando desguarnecer demasiado as defesas da cidade, mandara suspender a meio o embarque da tropa. Le Bavard ficou em terra. Nuno de Almeida também; e Filipe imaginava que ele encontraria na sua Clara o consolo que Tomás d'Aquino perdia e se adivinhava vendo-lhe os olhos marejados postos no casario do Porto onde deixava a mulher e o filho, levando consigo o receio medonho de não voltar a vê-los.

Ao levantarem as âncoras dos navios, eram pouco mais de dois mil soldados a caminho do desconhecido.

Ao passar pelo Gradil, escarranchado no albardão da mula, em diligência a caminho de Mafra, o escrivão das sisas do Turcifal contou ao abade Casimiro, que andava na horta do passal a conferir os pés dos melões, o que na véspera lhe garantira o capitão-mor de Torres Vedras. Estiveram os dois a trocar palpites, muito apreensivos, até que o escrivão deu de calcanhares nos ilhais da luar e abalou, deixando cair umas «santas tardes» muito mal-humoradas. O pároco foi a casa buscar o chapéu braguês, trocou os tamancos pelos sapatos ferrados e meteu-se ao caminho da quinta dos senhores Almeidas.

Estava-se nos finais de Junho, o céu andava muito azul e o tempo calmoso de mais para a época. Numa volta da estrada, atrás do muro de pedra duma courela, labutavam uns homens a abrir uns regueiros.

Desbarretaram-se e deram as boas-tardes, o padre acenou-lhes com a mão onde levava o lenço encarnado de enxugar os suores.

- E que tal aí uns vivas bem gritados ao senhor D. Miguel e à Santa Religião?!

- Viva! - gritaram os saloios.

E um mais manhoso, poisando as mãos no topo do cabo da

enxada:

- O que o senhor abade disser, cá prà gente tá bem. Viva! Vivo senhor D. Miguel e a Santa Religião!

- Que bem precisam, suas bestas - murmurou de si para consigo o padre, engrolando a arrelia das notícias do escrivão das sisas.

Ao cimo da escada de pedra da mansão dos senhores Almeidas ia já muito afogadiço, em suores. E quando entrou na sala, a família e o Casimiro leram-lhe logo na cara a gravidade das novidades antes de ele as dar.

- Os malhados desembarcaram no Algarve! - Mas logo atabafou o comunicado com considerações estratégicas que davam a vitória absolutista mais certa que nunca. - Agora é que eles vão saber como elas mordem! Enfraqueceram o Porto e foram meter-se nas unhas do senhor visconde de Molelos e dos patriotas do Sul do Reino. Estão acabados!

A convicção daquelas conclusões não pareceu produzir os efeitos triunfais que pressupunham. D. Leonor benzeu-se, pôs os olhos nas traves do tecto pensando no céu que estava mais acima e pediu a Deus que valesse ao marido e ao filho. Pedro esboçou um gesto de enfado que significava estar farto da contenda. D. Bernardina manifestou receio que a prima de Silves deixasse de lhe mandar as habituais duas sacas de amêndoas. Padre Domingos bufou e trovejou quatro sentidas maldições aos malhados. Cunegundes sobressaltou-se e saiu em pé de vento, muito contrariada por não poder juntar a sua gana à do Manuel de Sousa, que devia estar açacalando a espada para esquartejar a pedreira.

O abade Casimiro revirou uns olhos de pargo, abriu a boca para acrescentar um argumento, desistiu e espapaçou-se num cadeirão pregueado.

Margarida fora, de todos, a que ficara impassível; percorreu com um olhar analítico a família e os abades e só então a ensombrou o receio de se prolongar mais ainda a estada na quinta, que começara a ser uma grande seca. Primeiro, fora a cólera em Lisboa e a carta do pai com

instruções para que não se expusessem à moléstia e se deixassem ficar. Agora, era a possibilidade de que a luta subisse do Algarve,

Alentejo acima, até desembocar em Lisboa. No meio destas reflexões, perfilavam-se face a face, medindo-se, com as espadas desembainhadas, Filipe de Villepin e Segismundo Avilez. Só então suspirou, detestando mais do que nunca a guerra dos homens e a que ela travava consigo mesma.

Já se ouviam lá fora os cascos do cavalo de Cunegundes no empedrado do pátio. Desalvorava a galope, derrancada por Deus a ter feito mulher e lhe ter roubado o direito de espadeirar nas fileiras do absolutismo. Ia carpir estas mágoas e outras nas profundas dos matos da serra do Gradil. O Soberano ao menos já fora e voltara, três semanas lá na gandaia com as lobas, a aplacar os arrancos da natureza. E ela nada, abandonada nas brenhas, enfado doméstico, labrotes sem veia nem garra, bravas saudades do homem, longe da guerra pelo rei de todos.

A tropa do duque da Terceira desembarcara em Cacela, entre o estuário do Guadiana e Tavira, a 24 de Junho, após três dias de viagem sem novidade ao longo da costa. A esquadra miguelista era um mistério bem guardado dentro da barra do Tejo.

Após quase um ano metido numa cidade cercada, Filipe de Villepin tinha a sensação de estar redescobrendo o vasto mundo naquela partícula a que chamava pátria, muito mais ideia que rincão, mais fantasia que realidade. Ao passar em frente dos recortes do litoral, dava ao que via os nomes que ouvira antes e deslumbrava-se por descobri-los - a Figueira, alvo e longínquo casario arrimado à foz do Mondego; Peniche e os alcantis fragorosos do cabo Carvoeiro, com o círculo alaranjado do Sol avermelhando o céu e o mar com o seu lento mergulho, para lá das Berlengas, e as sombras em que, depois da Roca, ecoava mais forte o marulhar da vaga larga no costado do vapor; e, ao dobrar a massa imponente e mais negra que a noite do promontório e do cabo de São Vicente, as silhuetas dos frades do Hospício do Cabo recortadas na

fogueira que tinham acendido para celebrarem a véspera do São João; e Lagos branquíssima na antemanhã; e Faro, e Tavira, e a boca prateada da baía de Cacela. Nem os tiros soltos de algumas baterias de costa, que os não puderam atingir, o distraíram da contemplação maravilhada duma aura de espuma e areia pontuada por coroas de rochedos e cortada por arribas que anunciavam o ocre da terra. E era o palpitar do coração dessa terra que ele sondava, com a esperança renovada no verdadeiro regresso povoado pelas promessas forjadas no exílio e nos grandes sofrimentos do Porto.

Os navios de guerra, a Rainha de Portugal, a D. Pedro, a D. Maria, o Portuense, o Vila Flor e a Faro, toda a frota liberal, formados em linha diante dos vapores, dispararam uma salva contra a única peça postada em Cacela, pondo os artilheiros em fuga. Sem mais, desembarcaram.

Depois duma noite de bivaque ao relento, escaramuçaram junto à ribeira de Almargem com tropas do visconde de Molelos, que pareceram bizonhas e tímidas, e entraram em Tavira deserta. Filipe recordou Penafiel, nos primeiros dias da campanha. Viria outra vez a mostrar-se o fantasma duma pátria afinal madrastra, em que o povo que queriam livre se sumia sob a tutela do mais forte e dos santos da sua devoção, para salvar a pele e a fazenda? O general duque espalhou proclamações e, como pardais assustados à cata duns bagos de milho, foram aparecendo pela tarde os habitantes de Tavira. Desculpavam-se dizendo que os tinham convencido que estavam sendo assaltados por uma quadrilha de bandidos dispostos a pilhá-los. Já gritavam vivas à Carta e à rainha, que aqueceram quando chegou de Vila Real uma deputação para cumprimentar o duque e informá-lo da aclamação de D. Maria na sua terra que os milicianos miguelistas tinham desertado. Filipe queria crer que o povo levantava finalmente a cabeça, porque isso lhe honrava as ideias e a memória de Raimundo e dos camaradas mortos. Mas ouvia-os dizer «haja quem mande». E, no fundo, verificava o que Tomás d'Aquino, sem paixão, dizia:

«O povo? Nem bom nem mau. O povo é católico e bronco.» E Nuno, o diletante, lutava sem ilusões, para mostrar que não precisava de ser delegado da vontade geral que não existia. Não o tinham visto, o povo, trancar as portas e arrotear as leiras, à passagem dos exércitos, sem querer saber de Pedro ou Miguel, desbarretando-se quando convinha ou virando as costas, se podia? Quantos tinham sido eles nas trois glorieuses? Um punhado de idealistas, a reboque a canalha e na cauda os políticos a colarem os cacos do Poder. Quantos tinham sido eles? A explosão popular parecera imensa, mas a maioria também ficara à espera atrás das portas fechadas, a olhar pelos tarecos e pelas economias escondidas debaixo dos sobrados. E mesmo se tivesse sido Paris inteiro, o que fazia o resto da França? No Porto, só fora diferente porque a vida não valia nada e o desespero e o medo eram de todos por igual - todo o instinto de sobrevivência parecia um acto de heroísmo. E, agora, em Tavira muitos vivas e foguetes. Pela liberdade ou pelos mais fortes? O povo aclamava-os quando ganhavam e fazia o mesmo aos inimigos: e também era capaz de lágrimas sinceras e inúteis pelos vencidos. Filipe olhava os grupos de camponeses levantando ao ar os chapéus pretos e os pescadores desbarretados saudando o senhor general e o Estado-Maior, como muito provavelmente haviam feito aos governadores de D. Miguel, e os dedos das duas mãos chegavam para contar os que se ofereciam para pegar em armas contra o tirano. Olhava-os e pensava que só os legitimava, a ele e a alguns companheiros, a convicção de que faziam avançar o mundo para a luz e os homens para a dignidade. Não podiam era esperar o mesmo sucesso de Deus, que não precisava de dar a conhecer-se. Nem sequer viviam um equívoco, porque andavam descobrindo incessantemente a realidade duma luta implacável e desigual - a do futuro que não podia demonstrar-se contra o presente monolítico, fatal, brutal e fanático, que invocava um passado imóvel e a cólera de Deus.

Avançaram até Faro, sem encontrarem resistência. Estiveram dois dias a recompor-se; a cólera morbus fazia o mais das baixas, como

nas terras por onde passavam - só num mosteiro, onde lhes deram os melhores figos do mundo, restavam da confraria o frade guardião e o donato. Morreu o major David e quatro soldados de Infantaria 6. O calor sufocava e nem a vista do mar sereno e das copas verdes das alfarrobeiras e das amendoeiras, nos outeiros ondulados para o interior, os aliviavam da canícula de que buscavam refúgio na sombra das paredes caiadas do Paço Episcopal onde se instalara o duque da Terceira. Aí viu Filipe pela primeira vez aquele homem que entrava no limiar da lenda - o almirante Charles Napier. Era atarracado, cara larga, patilhas tufadas, nariz comprido de cana alteada, olhar vivo e firme. Estava conversando num razoável português com o major Loureiro, quartel-mestre general, e com os capitães marquês de Fronteira e Manuel da Câmara, ambos do Estado-Maior. Os seus modos eram rudes e directos, mas transmitiam uma confiança e uma segurança quase magnética, porque era grande o contraste com as hesitações e demorados debates dos comandos portugueses. Fumava vorazmente um havano e talhava, com um gesto da mão em cutelo, um rumo, que não se perdesse tempo, só a audácia poderia demonstrar que o inimigo era um fantasma protegido pela própria sombra. Eram só dois mil? Não importava, que a vitória seria de quem tivesse a decisão que faltava a todos. E Filipe, observando-o, pensava que o inglês, excêntrico e romântico, estava percebendo muito bem que pátria era aquela que ele perseguia com uma nostalgia antiga e se lhe escapava quando julgava possuí-la - como uma conquista sempre inacabada.

Atados com cordas finas nos pulsos, dois a dois, marchavam os presos políticos para fora da Fortaleza de Cascais, de regresso a São Julião da Barra, ao fim da tarde de 9 de Julho. No último momento tinham-se alterado as ordens de transporte pelo rio e agora tinham pela frente duas léguas de calçada em mau estado, com troços de areia solta. A alguns pesavam os anos, a fraqueza, as enfermidades, e a esses concederam direito de alugar por conta própria umas azêmolas que os levassem. Eram mais de duzentos e outros tantos os soldados da escolta, comandados pelo

facínora capitão Carvalho, que viera da Torre e já ameaçava repetir por lá os maus tratos que o tinham tornado famoso. Alguns soldados, visivelmente embriagados, iniciaram a marcha aos vivas a D. Miguel, mal haviam passado o portão da cidadela, e repetiam-nos ao atravessar a vila de Cascais, onde alguns curiosos se agrupavam a observar o cortejo, mas com ar constrangido, mulheres enxugando uma ou outra lágrima, por verem o aspecto em que ia a leva dos presos, amarrados uns aos outros e suportando os motetes e chufas que lhes lançavam o Carvalho e os bêbados.

Francisco Alves ia aparelhado com Fernando de Souza Atayde, cabeça bem erguida, que totalmente encanecera nos anos de cárcere, passo firme, que forçava para disfarçar o tolhimento do reumático, tentando acertá-lo pelo do fidalgo para que a um e outro não danassem demasiado os laços corrediços que ligavam o seu pulso direito ao pulso esquerdo do Atayde.

- Encoste o braço ao meu, fidalgo, e não o baloice, que é o modo melhor de não incomodar - disse num murmúrio, que o Carvalho proibira que falassem durante a caminhada.

- Que nos espera, depois de tanta vergonha?... - lamentou-se o fidalgo.

- A vingança, senhor! - rosnou o outro. - Não hão-de ficar sem castigo estes malvados. Tantos mortos já... Só nestes dias levou-nos a cólera mais de trinta companheiros.

- Pobre Sr. Borges Carneiro, que lá se finou em Cascais depois de cinco anos de masmorra.

- Muito sábio e bom homem - juntou o Francisco.

- Grande jurisconsulto, magistrado, deputado às Cortes, pedagogo, patriota sem mácula que conheceu a prisão pela primeira vez quando os franceses do Junot invadiram Portugal. Perda irreparável...

E o Sr. Mello Breyner, o prioste Arvelos, o Lourenço galego, o major Mesquita, o Teixeira, o tenente-coronel Magalhães, tantos, tantos...

E o senhor seu pai, que Deus tenha a alma em descanso, a quem tanto devo a minha redenção de malandro e carcunda que fui...

- Há muito que te redimiste, Francisco. Assim nos vejamos livres deste tormento e nunca mais te há-de faltar nada, nem tecto, que será o da nossa casa.

O Francisco pareceu perder-se num devaneio e disse, misterioso e sombrio, que estava muito agradecido a sua senhoria, que não merecia tanta bondade, mas que antes havia de acertar umas contas. Um soldado ordenou que se calassem. Ao Alves fulgurava-lhe o olhar a visionar planos de desforra. Entretanto, as cordas lassavam e um tenente que ia na escolta e que se mostrara de grande humanidade sugeriu que as fossem desatando e que pegassem nas pontas com as mãos para iludir o esbirro que comandava a coluna. Tempos andados, descobriu o Carvalho a batota e esbravejou, furibundo:

- Ora aí está! Já vão sem cordas. Não importa. Se mexem um pé para fora da forma, hei-de mandar atirar-lhes uma balada!

O Francisco sussurrou uma lamentação:

- Ah, fidalgo! Se tivéssemos vindo de barco...

E sonhava com um plano que delineara com outros presos -assaltar os da escolta quando fossem embarcados, tomar as fragatas, vogar para fora da barra e rumar ao Algarve, onde sabiam ter desembarcado uma força liberal. E mais suspeitavam de outras boas novas, por via de frases soltas ouvidas aos oficiais, coisas graves, sucessos sobre o curso da guerra que os traziam com cara de caso e menos pimpões que o costumado.

À boca da noite arribaram à malfadada Torre de São Julião, mas tiveram o gosto de saber que já lá não mandava o baxá Jordão. Voltara o beato das indecisões, o mais suave coronel Santa Bárbara.

O que os prisioneiros não sabiam era que a esquadra miguelista fora derrotada quatro dias antes diante do Cabo de São Vicente. Com seis navios contra dez e cento e setenta e seis peças contra trezentas e

cinquenta e quatro, o almirante Napier tomara a iniciativa do ataque, lançando-se à abordagem seguido de oficiais e marujos, um bando devastador de ingleses bravos e aventureiros, também na mira de verem o brilho das libras atrasadas, e levava de vencida esses damned natives, que embrulhavam as virtudes antigas com os complexos novos, numa inércia que não era cobardia, porque muitos se bateram bem, até à morte, mas com um fatalismo que lembrava o desastre dos areais do Norte de África, não muito distantes, onde um dia haviam deixado o cadáver dum rei e o futuro duma nação.

Duas horas de combate, no mar de que os portugueses haviam triunfado como ninguém antes de se esquecerem da ambição, em frente do Promontório onde a lenda fizera nascer o sonho da descoberta e do império, e a balança da guerra pendia finalmente para o lado do futuro. Por força dum punhado de estrangeiros que, por não viverem dilacerados pela memória e pela paixão dos que vertiam o sangue do seu sangue, entenderam ter chegado o momento de iniciar o remate duma luta que parecia não ter fim. Cem deles perderam a vida, como duzentos da armada miguelista. E os hurras dos marujos britânicos soavam aos ouvidos da marinhagem da nau almirante, a D. João VI, arreando bandeira, como um dobre de finados pelo Portugal velho, rendendo-se àqueles que descobriam as suas fraquezas e se descobriam a si mesmos - só, we became liberators...

O general Teles Jordão tinha, portanto, deixado a Torre uma vez mais, nomeado à pressa comandante da brigada móvel colocada em Setúbal, para defender do outro lado do rio o caminho de Lisboa. Logo enviara para o Norte mensagem a requisitar o alferes João da Silva para o seu Estado-Maior. Apesar das suas jactâncias, reconhecia-lhe a esperteza na recolha de informações e a fidelidade à realeza. Foi assim que, numa tarde calorosa de meados de Julho, teve a Gracinda a surpresa de ver irromper pela casa dentro, todo urgências, coberto de pó e de suor, o seu João. Na rua, debaixo das sacadas, escarvavam as pedras da calçada os

cavalos resfolgantes do alferes e das duas ordenanças que o haviam escoltado, espiados pela vizinhança e por uma chusma de gandulas descalços. O João desafiou o sabre do boldrié, o cinturão e o talabarte, atirou-os para cima da mesa da saleta juntamente com o shako e o sabretache, esparramou-se numa cadeira, baixou dos ombros os elásticos dos suspensórios e perguntou pela Ritinha. Que estava a dormir muito regalada, respondeu-lhe a Gracinda, observando os modos marciais do homem e a secura daquela aparição. Só então sentiu os olhos dele, gulosos, postos na sua boca, nos seios, nos quadris arredondados, ao que se seguiu uma palmada na coxa que levantou a poeira da calça, e uma convocação:

- Então, não me cumprimentas?...

Ela foi assentar as nádegas rijas e fornidas no colo dele, lambuzou-o com um beijo voraz que lhe deixou na boca o gosto salgado do suor.

- Do que estou a precisar é dum banho. E depressa, que ainda tenho que passar para a Outra Banda antes do pôr do Sol.

Mas metia-lhe a mão por dentro do corpete, respondendo com ardor moderado, mas muito lúbrico, às beijoquices da mulata, que sentia a manápula a sopesar-lhe os seios e aqueles calores de cio reprimido a entupirem-lhe a garganta. Foram de cambulhada, desabotoando-se, colados um ao outro, para o quarto de cama, onde a menina dormia no berço com o polegar entre os lábios. O João mirou-a de relance e achou-a crescidinha e formosa. Espojaram-se na cama com cabeceira de bilros, muito bicharrões, enrolados em jogos de mãos e outros, com ela a ciciar-lhe «meu idolatrado» e ele a responder-lhe com rosnadelas e acometidas menos calorosas do que seria de esperar de um soldado chegado das trincheiras. Cumpriram o inevitável, já com a menina a choramingar, desperta pela bulha e pelo ranger do leito. A Gracinda cobriu-se, numa reacção de pudor instintivo, surpreendente, puxando a coberta para o rego dos peitos. Revestiu a blusa e foi dar à filha a ponta de

um pano de linho molhado com água açucarada. Depois, atrigou-se a preparar a celha para o banho do João. Viu-o então cruzar em coiros a sala, invadir a cozinha e meter-se na água que espadanou para as lajes. Ela observava-o, a pensar que aquele despacho não era só por via das obrigações militares. Achara-lhe um não sabia o quê de diferente, assim a modos que uma distracção de quem cumpre dever de ofício de casado. E aquela marca arroxeadada ao pé da veia do pescoço não lhe parecia equimose de combate, mas antes vestígio de dente de fêmea, por sinal bem desenhado, e imaginava as patrajonas que lhe andavam comendo o homem nos intervalos das batalhas. Não gostou e questionava-se se valera a pena tantos escrúpulos de fidelidade naqueles meses de solidão. Dentro da celha, ele ensaboava o peito cabeludo e urrava contra o frio da água, pedindo à Gracinda que lhe desencascasse os costados. De mangas arregaçadas, esfregava ela os ombros boleados do homem e, passando os dedos pelo vergão do grogomilo, não resistiu a dizer-lhe que esquisita que era aquela amolgadela.

- Um balázio que me rentou e não me matou por acaso... - explicou, muito valente.

- Rai da bala parece que tinha dentes! - repontou ela.

Ele, calando-se, pensava naquela leoa de Vigo, muito branca, escachando uns pernões formidáveis em contorsões circenses, não daquelas zabaneiras para soldados, mas entretém de oficiais de major para riba, que o consolara nas noites do bivaque em frente do Porto cercado. E apressava-se para apanhar a barca para a Outra Banda e furtar-se a comparações que lhe traziam saudades do Norte.

No campo de D. Miguel, a consternação disfarçava-se com bravarias, com a expectativa da vinda dum marechal francês e o Te-deum mandado rezar pela «vitória» da esquadra, porque era preciso enganar o povo, a tropa e eles mesmos, o monarca, a corte, os padres, as guerrilhas, todos.

Na frente de Valongo, em serão numa casa de quinta em que

estavam instalados, José de Almeida e Segismundo Avilez não ocultavam a apreensão e perguntavam-se como era possível estarem perante uma situação militar tão complicada, após uma superioridade esmagadora no começo da campanha.

- Ainda nada está perdido - animava-se a si mesmo e aos outros o capitão Avilez. - Dizia Filipe da Macedónia que não havia fortaleza inexpugnável enquanto lá pudesse entrar uma mula carregada de ouro.

- Mulas ainda temos, mas ouro...

António de Almeida, muito sanguino, recusava conceder-lhes fundamento àquelas dúvidas, praguejando contra os mações e garantindo que ia expulsá-los do Porto à força de bala rasa, bombas de 9 e granadas de 6, sem parar, até arrasar por inteiro a cidade infiel. Os outros deixavam-no falar e o pai deitava-lhe um olhar sesgado, de comiseração, porque o via enevado pelos copázios de vinho verde que consumira à ceia e pela aguardente da sobremesa, a camisa muito engorovinhada, com uma ponta da bainha a sobrar do cós das calças de sarja azul do uniforme de artilheiro, a sacudir a cinza da cigarrilha com o mindinho para dentro dum prato rachado onde secava a casca de um pêssago. O coronel José de Almeida, vincando-se-lhe mais as rugas da fronte, mostrava uma expressão severa, por assistir àquele monólogo de projectos de esfancar malhados, que o cansava por repetido e sem resultados, e também por desconhecer o filho naquele desmazelo fadista que lhe parecia o retrato do estado a que chegara o exército do rei legítimo. Muito direito na cadeira tosca, o capitão Avilez disfarçava o embaraço, sem encontrar deixa que aliviasse a tensão que crescia entre a garrulice avinhada do filho e o silêncio taciturno do pai. Até que José de Almeida disse secamente, com uma entoação azogarrada, severa:

- Domine esses ímpetos. Reserve-os para as batalhas e... não beba tanto vinho.

Um brilho ruim cintilou no olhar do capitão Almeida, mas desviou-o das áscuas autoritárias que brilhavam no do pai, dobrando-se

ao respeito, mas retrincando, engolindo argumentos bestiais.

- Agora, a vinda do marechal Bourmont é uma esperança consistente... - disse Segismundo, tentando aplanar a aspereza do silêncio ameaçador que se fizera.

- Um francês... Também se tinha contratado um inglês para a esquadra, mas esse nem chegou a tempo - resmungou António, desdenhoso. - E nós que nos gabávamos de portugueses a expulsar os estrangeiros que nos conspurcam a pátria com as botas e as ideias...

O pai fez um esforço para repor o tom natural da conversa:

- Bourmont é um bom cristão, banido por defender os direitos do rei Carlos X expulso pela canalha em 1830, realista convicto, vencedor da batalha de Argel. É digno de comandar o nosso exército... E traz consigo um punhado de oficiais da melhor estirpe, o general Clouet, o Larochejoquelin e outros, herdeiros dos heróis da Vendaia, esses bravos que levantaram o pendão da monarquia para salvar a França decapitada.

- Heróis mas vencidos, meu pai - protestou o capitão, dominando a ira. - Já que chamamos os de fora, sempre vos digo que se o rei de Espanha quisesse acabava-se de vez com os pedristas...

- Sua majestade Fernando VII está gravemente enfermo e tem ele próprio um problema sério, o infante D. Carlos... - contrapôs o coronel.

- Que aí está em Coimbra e grandes embaraços está causando a el-rei - lembrou o Avilez.

- É boa, essa! - voltou a zangar-se António. - Toda a gente sabe que o chefe dos republicanos espanhóis, o tal general Mina, esse cão maçónico, esteve ali no Porto, muito em segredo, tão mal guardado que até nós o soubemos. Foi lá conspirar com a escumalha revolucionária. E agora andam todos ralados com a nossa hospitalidade ao senhor D. Carlos, um paladino apostólico, inimigo jurado dos jacobinos, digno herdeiro dos reis católicos.

- Ocupa-te dos teus canhões, António, que a política não é da nossa conta.

- A política, a política... - regougava António com um grande desdém.

Veio um ordenança espezinhar o pavier do velador. José bocejou, António acendeu outra cigarrilha. E Segismundo Avilez devaneava, a repetir de memória as passagens mais animadoras duma carta muito formal de Margarida, que, sem lhe abrir a porta do coração, não lhe fechava a das esperanças. Assim se acabasse a guerra. Com honra, se possível.

Bom conhecedor dos povos ibéricos e bastante lido nas coisas da História, o coronel Almeida estava pensando naquela célebre tirada do velho duque de Lafões, em 1804, no arremedo de guerra com os espanhóis, picada pelos interesses de fora: «Para quê batermo-nos? Portugal e Espanha não são mais que mulas de carga. A Inglaterra mete-nos a nós na dança, a vocês aguilhoa-os a França, saltemos e agitemos em boa hora as nossas campainhas se não é possível ir por outro caminho. Mas - por Jesus Cristo! - não nos façamos mal, porque faremos rir e não pouco.» Seria que, novamente, estavam a ponto de ser mulas de carga? De certo modo... Mas, desta vez eram a carne para canhão dum confronto mais vasto, o das velhas ideias das nações com as novas ideias que abarcavam todas as pátrias. José de Almeida experimentava o sentimento vago mas emocionante de se encontrar à beira dum abismo de suspiros, o pressentimento de ter chegado a uma encruzilhada do mundo. Agarrava-se à fé em Deus, que era o único resistente fiável às contingências que faziam a terra girar loucamente para um futuro muito mais obscuro que o da crença na eternidade. Lá fora, a noite caíra já, mas adejavam ainda as sombras mais escuras dos hábitos dos frades em procissões exorcistas, cruzando os acampamentos, de crucifixos alçados, garganteando a Miserere, de trabucos ao ombro, medievais, soturnos, fazendo soar nas carracas o terramoto do Juízo Final, fanatizando a tropa com uma sementeira de maldições e bênçãos, à luz de archotes cujos reflexos prenunciavam a cor do muito sangue que ainda havia de correr.

«Era o monge que bradava,
Era o monge que corria,
Era o monge, que blasfemo
Preces vãs a Deus fazia;

Vãs, que à tarde, n'esse plaino No sangue de irmãos retinto Só restava o moribundo, O cadáver só do extinto.» Era este o lamento de Alexandre Herculano, o poeta dos Voluntários da Rainha, resistindo no Porto, quando no refúgio do seu bolete na Rua do Largo da Fábrica, usufruindo do costumado direito a água, luz, lenha, sal e cama - havendo -, agora segundo bibliotecário da Real Biblioteca, mas esgrimindo a pena na Crónica Constitucional e o fuzil nas trincheiras, quando todos eram poucos para não deixar extinguir-se a chama da causa. E tempo havia ainda, nos intervalos dos bombardeamentos e dos combates, para o cenáculo da Rua dos Loyos, com Martins da Cruz, Bernardino Gomes, Carneiro da Silva e o Leitãozinho, o petit nom de Almeida Garrett, que vinha dos tempos de Coimbra, o qual iniciara a laboriosa feitura do seu Arco de Sant'Ana, nos poucos ócios que sobravam dos despachos nas secretarias do Governo. Os efectivos desviados para a expedição ao Sul faltavam agora nas linhas de defesa, a desproporção de forças aumentara e a concentração de artilharia e tropas do inimigo não passava despercebida a ninguém. Pela primeira vez os ingleses andavam visivelmente alarmados, sabendo da iminência dum ataque geral comandado pelo general Bourmont. Foi o coronel Owen quem os acalmou. Tinham reunido na Feitoria e queriam todos ir-se embora. O coronel estava consciente de que, se tal sucedesse, o pânico e a desmoralização haviam de generalizar-se. Arengou com fleuma, muito seguro de si - que se Bourmont anunciara que ia atacar três dias seguidos, era porque contava ser derrotado pelo menos duas vezes, que oferecera ao imperador um dos filhos como voluntário e que tencionava lutar ao lado dele, se fosse necessário. Os ingleses reanimaram e não partiu nenhum. Os gritos de júbilo e as arriscadas luminárias da celebração da vitória da esquadra

haviam-se sumido. Restava o último fôlego, o pressentimento de que se viviam os derradeiros dias do cerco. Num arreganhado impulso popular desprezava-se o perigo com a esperança renovada na aproximação do fim, e os civis acorriam numerosos a pegar em armas com uma vontade desesperada de acabarem com os tormentos dum ano inteiro.

O Sr. Fonseca da Rua da Soveia, muito lhano, disfarçava mal o gosto que fazia no namoro da filha com o alferes Almeida, rapaz com maneiras de palácio e bom partido. Apaparicando aquele que já olhava como possível genro, com ceias em que consumia o resto que ainda havia capaz na despensa, tinha simplicidades tocantes que punham no rosto magro de Nuno uns sorrisos de bonomia que auguravam uma espécie de reforma dos salões.

- Ó Sr. alferes, veja se me acaba com a guerra a tempo das vindimas, que o ano passado foi uma desgraça. Nem um baguinho, que mos comeram todos os carcundas, e nem a vista ponho nas vinhas há uns doze meses bem contados. O meu Quim já arriscou o pêlo umas quantas vezes, a furar o cerco para ir lá dar conta da empa, da monda, de outros tratos. Mas isto assim não dá...

O Quim era o sobrinho da mulher, uma senhora gorda e bem-disposta, filha dum juiz de fora do Marco de Canaveses.

- Felizmente que o rapaz é coxo e ficou forro da tropa. De outra forma não sei como seria... Bem que ele ajuda muito o exército, sempre a acarretar pólvora e cunhetes com a carroça e o macho que pus ao serviço do senhor D. Pedro...

- Eu sei, eu sei... - confirmava Nuno de Almeida, provando um engarrafado do tempo do Massena.

Clarinha dilatava a venta e os olhos, a ver se calava aquelas considerações muito chãs de seu pai, próprias da cavaqueira com o boticário e o abade de Paredes, em cujas encostas se criavam as videiras que o traziam tão ralado. Adoçava-os, os olhos, que eram amendoados e verdes, ao encontrar os de Nuno, e então faiscavam como as girândolas de

fogo-presos das festas de Viana, Ele via tremer-lhe o pé calçado de tamanquinha de verniz, no extremo da perna cruzada, a espreitar da saia de crepe, mostrando o calcanhar da meia de linha branca - era do nervoso pela taramela do pai e pelos pulos que o coração dava.

A mãe empaturrava o alferes com sobremesas substanciais, sempre lamentando as faltas e prometendo requintes gastronómicos para quando «esses doidos acabarem de se matar» - e dizia isto virada para a gravura desbotada da Senhora da Conceição, colgada ao lado do aparador, numa prece íntima e automática.

Naquele oásis de paz, bastante raro, Nuno descobria-se a amar de namoro rústico, surpreendia-se a saborear uma simplicidade caseira, morna, e prometia à Clarinha levá-la a Paris, que também a ele se afigurava já capital da luxúria, onde se ia com volta marcada para a romaria do Bom Jesus e os passeios a cavalo pelas encostas do Douro. Arrancava-se dali a custo, enfiava o talabarte pela passadeira do ombro, pendurava à cinta a espada de lanceiro, abotoava a gola do dólman junto à maçã de adão, despedia-se, a Clarinha vinha até à porta da escada, ele roubava-lhe um beijo ao pé da orelha, ela corava, furtava-se. E ele ia para a guerra respirando os vestígios dum perfume de mulher e de essência de lavanda. Debaixo do bombardeio, acachapado nos fojos da bateria das Antas, sofria a impaciência e soltava suspiros muito fundos, no meio dos assobios das balas e do estilhaçar das granadas. Entre o fumo das explosões, divisava um fim feliz de que não constava o rumorejar dos cafés, dos teatros e dos salões de Paris. O amor que o filara, quando a morte o agadanhava na enxerga do Hospital do Carmo, era uma espécie de despedida.

Concluía que a aventura que o trouxera se afogara no próprio sangue e nos olhos verdes da Clarinha da Rua da Sovela que o arrancara às unhas da Parca.

Atravessado o rio Sado em Porto do Rei, o alferes Villepin trotava na vanguarda da coluna do duque da Terceira no caminho de Alcácer, na

companhia duma guerrilha de lavradores que se apresentara com excelentes cavalos. Em vez do murzelo nervoso a que tivera de ajustar o freio e trazer à rédea curta, parecia-lhe montar o tempo e o sonho, plaine alentejano fora, debaixo dum sol inclemente, queimante, porque tudo se estava cumprindo com uma limpidez ofuscante, como ditado no limite da realidade, na vertigem das horas que nem se podiam contar.

Tudo se passara no tempo fictício duma história narrada ao pé duma lareira de Inverno. Em Faro, havia passado para o lado liberal um destacamento da cavalaria miguelista comandado por um oficial - aclamaram a rainha e a Carta e queixaram-se que um alferes do esquadrão, de nome Manuel de Sousa, realista ferrenho, morgado do Gradil, lhes fugira para se ir juntar à guerrilha dum certo Remexido, que estava montando emboscadas nas serras de Monchique e da Mesquita. Em Lagos, estava a esquadra vitoriosa ancorada, majestosa, ostentando orgulhosamente as cicatrizes da batalha do cabo de São Vicente, acrescida dos navios inimigos aprisionados, tremulando no mastro da nau D. João VI a bandeira azul e branca. O hospital enchera-se de marinheiros feridos, a cólera continuava a sua razia, os franceses da Brigada do barão de Schwartz, ladrões e bêbados, eram um bando de malfeitores que muito contribuíram para o caos que provocava na cidade a súbita concentração de tantos soldados -mais de cem, os piores da escumalha, foram embarcados num vapor, à força, e enviados para as Berlengas, e os restantes ficaram de guarnição em Faro, enquanto duzentos marinheiros ingleses da esquadra se juntavam voluntariamente à expedição, que começou a marcha para o Norte, após a remonta que arregimentou os cavalos para os lanceiros e para toda a oficialidade, que, até aí, fizeram a campanha a pé. O Estado-Maior demorou-se a decidir o rumo, em São Bartolomeu de Messines, mas perante o movimento extemporâneo da divisão de Molelos, retirando sobre Beja, Terceira ordenou um gambito, optando por evitar essa força muito superior em número e apontando ao caminho mais curto para Lisboa, por Santa Clara, Garvão, Messejana, Rio

de Moinhos, Porto do Rei. Entretanto, o major Mello e o alferes que comandavam os cavaleiros miguelistas desertores tinham sido aprisionados pelo Remexido, durante um reconhecimento ao norte de Messines. Era isto, com pormenores muito nítidos, o que desfilava no espírito do alferes de Villepin, quando um magote de gente armada de cacetes e trabucos chefiada por um burguês exaltado, que era o juiz de fora de Alcácer, se apresentou a barrar o caminho, numa ordem de batalha trapalhona - eram os voluntários realistas da vila que, enganados, vinham dar combate ao que julgavam ser uma débil guerrilha. Sem grandes cuidados de manobra, Filipe, Tomás d'Aquino, os lanceiros, o quartel-mestre general e alguns dos lavradores espantaram os do bando numa carga que os fez depor as armas e declarar de imediato a adesão à causa da rainha. Passaram Alcácer e foram bivacar na Herdade de Palma, dos senhores condes do Sabugal. Na madrugada do dia seguinte, que era 22 de Julho, tinham Setúbal à vista. Os lavradores alentejanos que faziam a vanguarda assustaram-se ao vislumbrar a bateria de quatro peças, enquadrada por mil e quinhentos soldados de linha e milicianos, que defendiam a cidade. Voltaram para trás a toda a brida, atropelando alguns soldados e dizendo que eram carregados pela cavalaria inimiga. Tal cavalaria era um fantasma, como em fantasma se tornou a tropa em frente, que, em vinte minutos de escaramuça, se rendeu, entregando artilharia e bandeiras, fugindo alguns, perseguidos até à Quinta do Escoural, onde se reorganizou a divisão e se instalou para a noite o Estado-Maior. O duque da Terceira foi a Setúbal para comunicar com a esquadra que acompanhava o movimento da tropa ao longo da costa, lutando com o vento contrário, as avarias na mastreação e um formidável surto de cólera morbus que dizimava as tripulações.

Na manhã seguinte, dia 23, retomaram a marcha. Avançavam como possessos, com uma confiança inexplicável, sem pensarem um instante na força inimiga que os esperava na Piedade e em Almada, sob o comando do tenebroso general Teles Jordão. Atravessaram Azeitão, sem se

deterem, entre ralas filas de povo que os olhava como a um espectáculo a que era alheio. Desceram o vale de Coína. Na Amora deparam com uma força de reconhecimento do inimigo. Organizaram-se as colunas de ataque, os atiradores formaram as linhas nos flancos da estrada para a Cova da Piedade, mais atrás os tambores rufando as caixas com as baquetas, as bandeiras drapejando, o duque à frente de Caçadores 2, os lanceiros, o general Shwalbach seguido de Caçadores 3, o Estado-Maior, os marujos ingleses. Desembocaram no vale, acolhidos pelo fogo lateral de duas peças e pela fuzilaria nutrida que saía das janelas e portas das primeiras casas do povoado onde se ocultavam os infantes inimigos. Ao longe, dois esquadrões perfilavam-se, em formação. Os caçadores respondiam ao fogo, tombaram alguns, mas continuavam a avançar por entre a fumarada da pólvora e as saraivadas de balas. Então, os cavaleiros inimigos largaram à carga. Shwalbach ordenou alto a armar baionetas, e a voz de fogo só a deu quando se reconheciam as feições dos lanceiros sob os shakos emplumados. A descarga, uníssona, derrubou uma quantidade de cavaleiros e montadas e, numa nuvem de pó, os restantes fizeram meia volta, reagruparam-se e voltaram ao ataque com ímpeto renovado. Os cascos dos cavalos a galope faziam tremer a terra, com um ruído surdo, as espadas faiscavam ao sol rasante do fim da tarde, no meio dos novelos de poeira e do fumo das granadas. Abriram-se clareiras naquele tropel à nova descarga dos caçadores, que receberam os mais adiantados na ponta das baionetas, entre os rinchos dos cavalos empinados, das ordens, das pragas, do rufo dos tambores, do estalar dos tiros, dos gemidos dos feridos, por cima dos quais saltavam os soldados dos pelotões de Caçadores 2 e 3. Os artilheiros, sem tempo para recarregarem as peças, renderam-se, os lanceiros realistas que haviam sobrevivido às duas cargas apearam e vieram ao encontro dos infantes, aos vivas à rainha e à Carta.

Anoitecera já. Filipe e Tomás d'Aquino, com um grupo de oficiais e soldados, carregavam sobre aquela debandada, escaramuçando aqui e além com os que ainda resistiam, à beira da praia do Tejo e do cais de

Cacilhas, berrando aos catraeiros para que acostassem as barcas em que queriam fugir. No meio dos tropeços, do terçar de armas, dos tiros, no espaço acanhado em que lutavam, Filipe viu um oficial realista apear-se do cavalo, estava a menos de dez passos, à mercê da sua espada, procurando abrir passagem para os botes que esperavam à volta do cais. Filipe alçou-se nos estribos, espada em riste, avançou, ia acutilá-lo. Então, o outro voltou para ele o rosto enfarruscado em que os olhos eram fogueiras de pavor - reconheceu o João da Silva fardado de alferes de Infantaria. Filipe refreou a montada, desviou o golpe da espada e, num relance, cruzaram-se os olhares dos dois irmãos de leite, e não havia neles mais que o espanto esfriando a raiva calorosa da refrega. O João ciscava-se já, abordando um catraio, de água pelos joelhos, disputando um lugar para a salvação.

As primeiras sombras escurentavam as águas do rio, mas ainda se divisava, na outra margem, a mole do casario de Lisboa, enquanto prosseguia o pandemónio da briga corpo a corpo e a algazarra dos que acutilavam e dos que queriam fugir para o enxame de barcos que os recolhiam e começavam a afastar-se para o meio do Tejo. O sangue empapava a areia e a vasa escorria pelas escadas do molhe, numa moxinifada fragorosa de maldições, do som dos metais das armas, do zunir das estocadas. O general Jordão, esbirro famoso, um dos próceres realistas mais odiados, repuxava as rédeas da montada que escabreava à beira do cais. Reconheceram-no. Caiu logo, acutilado pelo coronel Romão, e era já levado de rojo, moribundo, até que o acabaram junto à muralha do Castelo. Sumiam-se na escuridão das águas as últimas barcas dos vencidos e, na margem, misturavam-se os vivas dos vencedores com os lamentos dos feridos.

Filipe de Villepin apeou do cavalo. As lágrimas corriam-lhe pela cara quando abraçou com força o seu camarada Tomás d'Aquino, murmurando, com arrancos desesperados um desabafo que a si mesmo horrorizava.

- Quase matava o meu irmão de leite!... Quase o matava... Que vitória é esta que ganhamos contra os nossos próprios irmãos?!...

E Tomás, puxando-o contra o peito, procurava consolá-lo com uma constatação que, afinal, generalizava o pavor daquela luta.

- Irmãos somos nós todos, Filipe. Estamos numa guerra entre irmãos.

Grupos de soldados acorriam ao cais de archotes em punho, vozeando. Iam ver o cadáver ensanguentado do general inimigo. E já cantavam, dementes, ébrios da vitória, dançando, chafurdando na vasa e no ódio:

«Já morreu Teles Jordão.

Nas profundas do inferno

Os diabos lá disseram

Temos carne pró Inverno.”

Ao abrigo do castelo de Almada, a derradeira posição a render-se, os cirurgiões pareciam carnicheiros, manchados do sangue dos feridos, à luz amarela dos candeeiros e das cordas de esparto untadas de breu, entre os gritos e os gemidos.

O cansaço era imenso, mas muitos não puderam conciliar o sono. E, na antemãhã do dia 24 de Julho, um grande coro de vivas e aclamações saudou a descoberta de um vigia - sobre a capital do reino, emergindo da névoa, tremulava no Castelo de São Jorge a bandeira azul e branca.

Os primeiros botes que chegavam da Outra Banda traziam a boa nova - o exército do Miguel tinha abandonado Lisboa.

Na madrugada de 25 de Julho, dia de São Tiago, menos de vinte e quatro horas depois da queda de Lisboa, que ainda não era conhecida, as tropas miguelistas comandadas pelo marechal Louis-Auguste-Victor, conde de Bourmont, na sua maioria concentradas na margem direita do Douro, tomaram posições para o que viria a ser o maior ataque aos sitiados do Porto, enquanto uma impressionante barragem de artilharia se

abatia sobre as posições liberais, sendo o bombardeamento particularmente violento contra as linhas entre o Lordelo e o Pasteleiro e as comunicações entre a Foz e a cidade. A superioridade dos atacantes não era inferior a quatro para um. O Estado-Maior, bem como os comandos das principais unidades, estava entregue a numerosos oficiais franceses com provas dadas nas grandes batalhas do império e na campanha de Argel, todos ardentes adeptos do absolutismo.

O coronel José de Almeida tinha sido relegado para a reserva dos lanceiros, mas o capitão Avilez comandava um esquadrão de primeira linha e o capitão António de Almeida chefiava uma bateria de artilharia ligeira na frente de Valongo.

Quando o estrondo dos obuses e das peças que faziam estremecer a terra e levantavam rolos de fumo e saraivadas de estilhaços e destroços sobre as posições do exército do general Saldanha se suspendeu, soou o rufo de dezenas de tambores e a fuzilaria de milhares de infantes que se lançavam em vagas de assalto com uma decisão nunca antes demonstrada. Durante várias horas o Porto pareceu perdido, suportando uma, duas, três, quatro vezes as investidas da infantaria e as cargas da cavalaria, numa luta ferocíssima que prosseguia dentro e para aquém das trincheiras, à baioneta, à espada, ao sabre, à coronhada. No Carvalhido, no Lordelo, na quinta de Wanzeler, no Pasteleiro, amontoavam-se os cadáveres de ambos os lados. Por volta das dez da manhã os ataques abrandaram e os foguetes de congrève dos liberais, bem dirigidos, começaram a forçar a retirada do inimigo. Porém, tendo este iniciado movimentos para uma nova concentração na extrema-direita das linhas, entre a Quinta da China e o Bonfim, Saldanha antecipou-se e, num impulso súbito, saiu a galope contra o inimigo, seguido do Estado-Maior e dum destacamento de vinte lanceiros. Foi uma loucura feliz que lançou o pânico nas colunas em formação. Nuno de Almeida foi um dos que acompanharam essa carga patética, mas antes de alcançar os soldados inimigos, o cavalo tombou, enrolado numa nuvem de pó, atingido por um

tiro no meio do peito. Nuno rolou por terra, quase não pôde erguer-se porque um dos pés, preso no estribo, ficara debaixo da montada. Conseguiu enfim libertar-se e voltou às linhas à garupa do cavalo dum companheiro. O sargento le Bavard, repelindo à baioneta o segundo assalto à Quinta do Mirante, foi novamente ferido pelo bote destro dum alferes que o injuriava em francês, tal como ele lhe respondia. Sangrando do rosto cortado, continuou a combater, e só horas depois consentiu que o conduzissem ao hospital de sangue.

Segismundo Avilez carregou por três vezes a bateria do Pasteleiro, à terceira perdeu o cavalo, que partira as patas dianteiras dentro das trincheiras inimigas. Escapou-se para a retaguarda com muita sorte. A reserva do coronel Almeida foi chamada a bater-se e fê-lo com inaudita bravura, recuando quando as perdas eram demasiado pesadas. E António de Almeida, inflamando de frenesim os seus artilheiros, quase reventou as peças com o ritmo intensíssimo do fogo com que procurava abrir caminho aos infantes.

Antes do meio-dia, sua majestade o senhor D. Miguel, que seguira do posto de observação de São Gens o desenrolar das operações, atirou o óculo ao chão, raivosamente, montou o cavalo sem auxílio do escudeiro e partiu à desfilada, provavelmente para onde lhe não vissem o desespero pela derrota que tudo comprometia.

Chegou, então, a espantosa notícia da tomada de Lisboa pelo duque da Terceira. E mal se tinham extinto os ecos do fragor dos combates, jaziam ainda no campo de batalha os cadáveres de mais trezentos liberais, o povo do Porto começou a sair à rua, agitando flâmulas azuis e brancas, aclamando os soldados, estoirando foguetes, cantando e dançando, a celebrar a vitória das duas cidades e adivinhando o fim dos seus padecimentos. A banda de Caçadores 5 rompeu pela Cedofeita, pela Praça Nova, a tocar o hino da Carta e a Marselhesa. Os músicos tinham acabado de sair dos fossos dos baluartes e muitos deles vinham contusos, enferruscados, rotos, mas apelavam ao resto das energias para

partilharem a alegria do povo, dando chama e garbo à charanga.

Ao fim da tarde, Nuno de Almeida subia com dificuldade a escada da casa da Rua da Sovela, apoiado em Clara, que o vira da janela, coxeando muito e amparando-se à parede. Tinha a farda rasgada, coberta de pó, a testa esfolada e a face direita arranhada. O Sr. Fonseca bufava de emoção, D. Felismina juntava as mãos em prece por cima da vastidão do colo, formando ambos a guarda de honra à porta do lar, com muitas exclamações e graças a Deus. A Clarinha abriu passagem, ajudou o alferes a sentar-se na chaise-longue e foi a única a mostrar decisão e espírito prático. Despachou a criada, muito embasbacada a espreitar da porta da cozinha, a chamar o Eusébio ferrador, que ali havia entorse a sério, se não fractura. Mandou ao pai que trouxesse do sótão a tesoura de podar para cortar a bota e à mãe que aquecesse água e buscasse na botica de ervas, de que era tão curiosa e ciosa, alguma medicina que pudesse servir. Nuno forçava um sorriso e garantia que estava melhor, que aquilo não era nada; mas quando a Clarinha, muito desembaraçada, lhe cavalgou a perna magoada e deitou mãos ao tacco e ao peito da bota no intento de a descalçar, ele não pôde evitar um gemido que contradizia claramente as melhoras anunciadas. D. Felismina voltou da despensa com um pote de unguento de basilicão e outro de pomada da Madre Tecla; o Sr. Fonseca quase se despenhava na escada do sótão com a tesoura de podar, antes de a apontar, muito suado e vermelhusco, ao cano da bota do Sr. alferes, gracejando: - Tal está a poda, tal está a poda...

E lá ia cortando o coiro com a peúga por junto, até ao joanete onde o inchaço era de monta e doloroso.

Nuno tinha sido mandado numa carroça carregada de feridos para o hospital. Ao lá chegar, o pandemónio era tal, as recordações tão más, o cheiro dos desinfectantes tão intenso e os gemidos tão lancinantes que resolvera ir em busca de Clara, já que a lesão era ridícula perante o espectáculo dos estropiados que, deitados nas lajes dos corredores, esperavam quem lhes acudisse. Ele via ainda o horror exposto à volta dos

redutos, o estreitor dos moribundos, a rigidez branca dos cadáveres, nos seus ouvidos ecoavam os brados dos soldados, o silvo das balas, o rufar das caixas, o esfuziar das bombas, o trovejar das explosões. E aquela boa gente à sua volta incomodava-o, violavam-lhe a intimidade duma dor muito funda, em que avultava a visão dos camaradas mortos e dos sofrimentos incontáveis que custara a vitória. Pediu que o deixassem sozinho com Clara. Fora ela e só ela quem procurara, porque apenas um sentimento se podia partilhar com a crueza da morte que o cercara, e esse sentimento era o amor. Ela compreendeu-o, sem palavras nenhuma, quando os pais se retiraram, compungidos mas sem entenderem, e ele lhe pegou nas mãos, puxou-a para si, e chorou, sem um arranco ou sequer um sobressalto, apenas com lágrimas grossas que molhavam os lábios que ela lhe pousava nas pálpebras, como se quisesse secar a fonte das suas penas. E quando a penumbra os envolvia já e no pudor com que ambos, calados, se agradeciam essa partilha do desgosto pela ferocidade dos homens e pelos custos afrontosos das suas paixões e das suas fraquezas, Nuno perguntou-lhe se aceitava casar-se com ele. Clara pôs os olhos no chão e as mãos no regaço, demorou a resposta, como se estivesse pesando o valor duma vida a dar e a receber. Disse que sim. Ficaram abraçados, imóveis, rodeados pelas sombras da noite. Até que umas tímidas pancadas na porta da sala os separaram.

Muito prosaico e rude, o Eusébio ferrador, chegando o candeio à canela do Sr. alferes, palpou o osso e a articulação mais abaixo e concluiu que não havia fractura. Rejeitou com desdém as drogas da botica de D. Felismina, aplicou unguento seu, secreto, enfaixou o pé com ligaduras feitas dum lençol de linho, receitou sopas e descanso, gabou a boa ossatura do lesionado e desandou.

O Sr. Fonseca, com muitos circunlóquios, informou que o quarto das visitas já estava preparado e que ficaria muito honrado se o Sr. alferes aceitasse o abrigo do seu tecto, «com todo o respeito, está claro». Na manhã seguinte, Nuno de Almeida demandou o quartel de lanceiros,

levando no pé inchado um chinelo de tapete do Sr. Fonseca e apoiando-se numa bengala de castão de prata que fora do pai do dito, o qual falecera havia muito padecendo de gota. O Sr. Fonseca e a D. Felismina fizeram-lhe calorosas despedidas e muitas recomendações de prudência. Não disfarçavam a alegria de ele lhes ter pedido, após o café e as torradas com compota, a mão da Clarinha. Entretanto, o imperador partiu de vapor para Lisboa, com alguns reforços, e a cidade permaneceu ainda sujeita a esporádicos bombardeamentos. O cerco mantinha-se, mas a força dos sitiantes, desfalcados de alguns milhares de homens que já iam a caminho do Sul com D. Miguel, deixara de ser a ameaça de antes.

Assim passaram três semanas, durante as quais as notícias da gesta do duque da Terceira na marcha forçada para a capital do reino, da vitória de Almada e da morte de Teles Jordão eram tónicos para a resistência final.

O alferes Nuno de Almeida foi abraçar o sargento Bavard, no rosto do qual uma cicatriz mais marcava a história duma vida balizada de batalhas. O alferes, sempre que podia, precipitava-se a caminho da Rua da Soveia, com o coração docemente prisioneiro quando começavam a romper-se as duras cadeias do cerco.

O general Saldanha, informado de que o inimigo começara a retirar importantes efectivos das posições da frente ocidental, concentrou três colunas nas alturas de Valongo, na madrugada de 1 de Agosto. Os liberais iam atacar, enfim, e a sua surtida ia marcar o rompimento do sítio que lhes fora montado havia mais de um ano. Apanhados de surpresa, quando procediam à desmontagem de baterias e ao levantamento de parte dos acampamentos, os miguelistas não puderam oferecer resistência organizada.

Com o seu esquadrão, Nuno de Almeida investiu contra o inimigo, espalhando o pânico, destruindo o bivaque, conquistando bagagens, cunhetes, canhões. Junto a uma peça de escouceava um cavalo enredado nos tirantes dum armão; um grupo de soldados comandados por

um capitão, que tinham tentado em vão atrelar a carreta, batiam-se valorosamente, já quase isolados do grosso da tropa, que fugia ou se entregava. O oficial era um molosso, sanguíneo, suíças fartas, fronte larga; esgrimia com mais violência que habilidade, acabara de derrubar um cabo com uma estocada bestial que lhe trespassara um ombro, não arredava pé do canhão e varejava o sabre como quem varre uma feira, espumando, com a cabeça ensanguentada e um olhar demencial, feroz. Nuno foi-se a ele, o bote que lhe desferiu, de cima a baixo, foi aparado com a champa e replicado com uma cutilada tremenda que acertou no arção, porque Nuno se desviara a tempo mas, por via do impulso da furta e da pancada na sela, o cavalo encabritou-se e derrubou-o. O capitão artilheiro cresceu para ele e atirou-lhe um golpe, aparado com a espada, Nuno ergue-se com dificuldade, porque ainda mancava do pé direito, evitou um bote mas perdeu o equilíbrio, o inimigo saltou de sabre em riste com a convicção da estocada fatal, o alferes evitou-o de novo e recebeu o peso do corpo do capitão na ponta da espada que sentiu a enterrar-se no peito do adversário, que caiu sobre ele. Nuno levantou-se, sentindo na mão e no braço o visco do sangue do inimigo que, de borco, agadanhava a terra com as unhas, rugindo de dor. Os soldados serventes da peça largaram as armas - rendiam-se. Uma força dos Voluntários Portuenses que chegava a marche-mar-che mostrou aos prisioneiros as pontas das baionetas. Nuno pudera agarrar as rédeas do cavalo e estava tentando acalmá-lo para o montar. O combate cessara. E o campo retalhado de fossos e parapeitos estava juncado de bagagens, equipamentos, carroças viradas, alguns mortos e feridos a que acudiam os maqueiros. Cavalos trotavam sem norte, relinchando, e um cheiro acre a pólvora e a sangue pairava sobre os despojos. Um cabo artilheiro, no meio do magote dos presos que começavam a ser conduzidos para a retaguarda, disse, numa voz trémula e esganiçada, que ao menos acudissem ao capitão Almeida, que ainda não estava morto. Nuno estacou, fulminado por um pressentimento.

- Qual capitão?

- Aquele, além - regougou o cabo, apontando o oficial artilheiro, inanimado, junto às rodas da peça que defendera. - Aquele que vossa senhoria acabou de acutilar e está a esvair-se em sangue.

- Como se chama ele? - perguntou Nuno, ansioso.

- Saiba vossa senhoria que o nome dele é António de Almeida, filho do coronel de lanceiros José de Almeida, que inda há minutos se batia neste mesmo lugar.

Àquelas palavras, o alferes sentiu uma vertigem, apoiou o rosto, ocultando a perturbação, contra a sela do cavalo que resfolgava, nervoso. Entregou as rédeas a um soldado e encaminhou-se para o corpo do capitão que não aparentava sinal de vida. Com extremo cuidado, virou-o lentamente da posição de bruços em que o encontrou, estava empapado em sangue que já não corria da chaga tremenda que lhe rasgara o lado esquerdo do peito, os cabelos e o rosto cheios de terra, no olhar uma cintilação cega e na mão direita, que fincou a manga do uniforme de Nuno, um arranco desesperado de quem se apegava ao resto da vida. Nuno limpou-lhe as pálpebras, os lábios onde coagulava um fio de sangue e murmurou-lhe junto ao ouvido:

- Perdão, meu primo.

António pareceu recuperar o conhecimento. Foi um instante em que reuniu forças para erguer a cabeça, segurando com força inaudita o braço de Nuno.

- Deus... Deus nos perdoe - sussurrou.

Deixou cair a cabeça, com um suspiro, estremeceu e deixou de respirar.

Nuno fechou-lhe os olhos vítreos e reparou que, ao lado esquerdo da cabeça do cadáver de seu primo, floria um tufo de margaridas dos prados. Restos de fumo subiam no ar leve da manhã e, quase ao topo duma colina sobranceira, uns camponeses que tinham interrompido a ceifa para assistirem ao combate perfilavam-se ao lado das longas foices roçadeiras, como figurantes de uma tragédia bíblica.

Na noite de 20 de Agosto, tendo finalmente decidido retirar da margem esquerda a divisão comandada por D'Almer, deram os miguelistas fogo aos rastilhos dos armazéns de Vila Nova de Gaia, que estavam minados.

Foi tremendo o fim do cerco. Durante horas, arderam mais de dez mil pipas de vinho e aguardente e cerca de quatro mil cascos vazios.

O Porto estremeceu com o fragor das primeiras explosões que abrasaram o céu, e as chamas que logo se ergueram na margem fronteira, reflectidas nas águas do Douro, acenderam a noite, numa fantasmagoria horrível. Torrentes de fogo desciam das encostas escarpadas de Gaia e, ao alcançarem o espelho do rio, transformavam-se em cachões de sangue fervente que a corrente levava a caminho da foz. O vento fazia dançar as labaredas, os estrondos dos rebentamentos abafavam a própria memória das salvas dos canhões que se iam embora e os rolos de fumo espesso enovelavam-se por cima das girândulas de faúlhas e das línguas-de-fogo que pareciam nascer da própria terra. As silhuetas dos soldados debandando recortavam-se naquela luz avermelhada, diabólica, como gnomos obreiros da grande fornalha do ódio.

O CAMINHO DE ÉVORA-MONTE

«Combateu-se larga e encarniçadamente - como entre irmãos que se odeiam de todo o ódio que já foi amor - o mais cruel ódio que tem a natureza!»

Almeida Garrett, Viagens na Minha Terra.

«christine, Escrevo-vos de Lisboa liberta da tirania. Aqui cheguei, vai para um mês, depois de calcorrear meio Portugal, do Sul para o Norte, e de ter ajudado a derrotar as forças inimigas à beira do Tejo que revejo após quatro anos e meio de ausência. Fomos recebidos com cortejos e aclamações, muitas bandeiras azuis e brancas, as cores da liberdade, e

gente que nos cantava hinos de alegria, com perpétuas ao peito, fitas nos chapéus e flâmulas colgadas nas janelas. Houve excessos reprováveis, que a guerra está longe do fim e a lembrança do muito sangue que correu adobou os ressentimentos e os ódios. Como todos os outros conventos, o Hospício dos Oratorianos, onde estudei, esvaziou-se, expulsos ou fugitivos os monges, e lá instalou o Paço o imperador, que aqui está com o Ministério a preparar a defesa da capital. Que de perigos, de sofrimentos, de violências, de amigos mortos, de horrendas crueldades, desde que pusemos o pé nesta nossa terra que viemos libertar e tão madrasta algumas vezes se nos revela! Há ano e meio que deixei Paris, que calei a esperança de vos ver, de vos estreitar nos braços. Agora, que a liberdade está ao alcance de um derradeiro esforço, todas as grilhetas que me tinham prisioneiro do mundo velho eu as despedaço, com o vigor redobrado da minha razão e com todas as fibras do meu coração que, livre também, pulsa por vós. Não é mais legítimo nenhum motivo para arrastar este engano em que me enleei, nem nada pode já abafar o amor que vos tenho, dissei-me que vos mereço ainda, que poderei chamar meu ao nosso filho, que os meus erros não destruíram o vosso afecto, que o futuro nos está prometido. Concedei-me o bálsamo dumas palavras de esperança, com a mesma liberdade com que vos abro o coração para vos dizer que

ser livre é ser vosso escravo e amante. Se esta guerra fratricida me serviu para alguma coisa, se a causa por que me bato tem algum sentido, é também para que possamos viver segundo o nosso coração Sempre vosso. Filipe.”

Foi esta carta entregue pelo remetente ao imediato do brigue Normandie, arvorando bandeira tricolor, que deixou a barra do Tejo em 20 de Agosto de 1833.

Tanta coisa calava Filipe de Villepin de quanto se passara em Lisboa, desde que ali desembarcara três semanas antes como vencedor, que lhe parecia estar escrevendo para uma região fantástica onde o amor pretendesse exilar-se das mais torpes paixões humanas. Era o coração que

parecia querer exilar-se também, novamente, perante a histeria reinante em que se confundiam a generosidade e a vileza, o desinteresse e o oportunismo, a grandeza e a miséria, dentro duma cidade em que metade policiara a outra metade, anos a fio, e exhibia agora a unanimidade sem rosto das grandes e irresistíveis mudanças. Filipe de Villepin emocionara-se com o canto da sereia popular, mas a baixeza e a mesquinhez que a acompanhavam turvou-lhe depois a alegria. A volta do exilado era também um regresso ao passado. Mitigada a saudade, prevalecia um desconforto apátrida que se revia no espelho das perseguições que ele próprio sofrera e o tinham empurrado, expulso para a emigração.

Ao romper do dia 24 de Julho, tendo começado a fuga vergonhosa duma divisão de seis mil infantes, seiscentos lanceiros e duas baterias, comandados pelo duque de Cadaval, e ainda antes dos primeiros destacamentos liberais terem atravessado o Tejo, o povo de Lisboa aclamara a rainha e a Carta e içara bandeiras azuis e brancas. O primeiro acto foi o de arrombar as cadeias, o Limoeiro, o Aljube, o Castelo, e soltar milhares de presos, os políticos à mistura com os criminosos comuns. O rio enchera-se de embarcações de todos os calados, embandeiradas e muito guarnecidas de gente que queria ver os vencedores, vitoriá-los, trazê-los depressa para a capital livre do despotismo. As forças do Cais do Sodré erguiam-se ainda, sinistras, preparadas para as duas execuções marcadas para esse dia. Tão bem e tanto trabalhara esse símbolo horrendo do regime absolutista, que ainda na véspera, já se ouvia o troar dos canhões na Outra Banda, estrebuchava na corda assassina um jovem tenente que não renegara o juramento à rainha D. Maria II. Os conventos eram abandonados, esvaziavam-se. E os mais dos frades, espalhando anúncios apocalípticos, fugiam da cidade, com bandos de famílias assustadas, uns comprometidos outros apenas levados pelo pavor da chegada dos Anticristo, metendo-se às estradas, de cambulhada, começando os furgões do exército em retirada, novos e velhos, mulheres,

crianças. E antes que o duque da Terceira pusesse pé no Terreiro do Paço, os que ficavam estavam na rua, o Poder esboroara-se e o cacete mudava de mãos. Tinha sido uma festa, claro, o desembarque do general duque e das suas tropas, às onze da manhã, já apertava um calor sulista, entre as alas duma multidão que vitoriava, tumultuosa, detida a custo, banzada pela força diminuta que tinham por uma simples guarda avançada. Dificilmente, o duque conseguiu montar um cavalo e, seguido pelos comandos, pelos lanceiros e pelos pelotões de Caçadores, de espadas desembainhadas e baionetas caladas, subiu a Rua Augusta, quando ainda alinhavam no Rossio dois esquadrões da cavalaria inimiga, que o povo apupava, até que retiraram atrás do exército vencido sem combate por um contingente de menos de mil e quinhentos homens com o fosso do Tejo pelo meio. O general foi conduzido ao Senado da Câmara, onde os mesmos desembargadores da véspera lhe deram as boas vindas e lavraram o auto de aclamação - «Aos 24 de Julho do Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1833, o povo, reunido em numerosa corporação, livre de toda a influência externa e interna, sem constrangimento, achando-se a Cidade abandonada pelas tropas, reunindo-se na Casa da Câmara desta mui nobre e sempre leal Cidade de Lisboa, de sua livre e espontânea vontade, e por uma unanimidade nunca antes vista, aclamou e declarou por sua Legítima Rainha a Senhora Dona Maria Segunda, filha do imortal D. Pedro IV, por quem todo o povo está pronto a derramar a última gota de sangue, como sempre estiveram prontos todos os leais Portugueses a respeito dos seus Legítimos Soberanos; e para constar, se lavrou o presente auto, que por todos foi assinado.»

O povo apinhado na Câmara, extravasando para a praça que era um mar de gente, rugiu uns vivas impressionantes, e começaram depois a desfilar milhares de pessoas diante da mesa do Senado, a apor os seus nomes, que apareciam entremeados de cruzeiros dos que não sabiam escrevê-lo, nas laudas que se apensavam ao documento. Os navios ingleses surtos no Tejo salvavam, estralejavam foguetes, enchiam-se as

varandas e as janelas de mulheres aplaudindo, aos vivas, enquanto os homens e a garotada se atropelavam atrás do Estado-Maior que ia instalar o Quartel-General em casa do barão de Quintela, à Rua do Alecrim.

O desvario, porém, corria já à solta pelas ruas. Sovavam-se padres e frades, gente que alguns apontavam como notáveis do miguelismo e, ao M de malhado, que antes marcava as costas dos visados pelo cacete, substituía-se agora o B de burro como alvo dos arrochos que derrubavam as novas vítimas. Mãos zelosas, guiadas por ódios acumulados ou pelo simples despeito das classes, traçavam a giz cruces nas portas das casas a saquear. Quantos daqueles diligentes justiceiros não se teriam rojado pelas lajes dos templos ou salmodiado em procissões taciturnas, a exorcizarem os infiéis, os mações, que agora vitoriavam? E à canícula que fazia das ruas fornhalhas juntavam fogueiras ateadas aos pertences das casas miguelistas pilhadas.

Filipe acorrera com os lanceiros até ao Campo Grande, a tempo de ver as garupas dos cavalos dos inimigos, fugindo.

Num ápice, formavam-se batalhões de voluntários, alguns comandados por oficiais acabados de libertar de anos de cárcere. Assaltaram o Arsenal, o Castelo de São Jorge, e bandos desordenados brandiam fuzis, de talabartes riscando os jalecos e patronas cheias de cartuchos a tiracolo.

Chegaram depois Napier e Palmela, de escaler porque a calma adia a entrada da esquadra que pairava ao largo de Cascais. Repetiram-se as manifestações, o almirante e o duque foram passeados em triunfo. Nos dias seguintes voltaram os Te-deum, mas de sinal contrário, quando desembarcou, entre fanfarras e guarda de honra, o imperador, e a esquadra, majestosa, ancorou finalmente diante da capital.

O tenente Villepin engolfara-se no ar mórbido da cidade descompota, trotando em diligências, arrolando voluntários, procedendo a reconhecimentos. E remordia-o aquele reencontro dramático com os lugares familiares onde vadiara em rapaz, onde crescera, estudara, se

fizera homem, onde conhecera Margarida. Mal tinha tempo para dormir e comer e só ao cabo de cinco dias logrou disponibilidade para ir em busca da Rita. Consolidava-se, porém, a determinação de pôr a consciência e o coração de acordo com a honra, acabar com o pun-gimento que o dilacerava, resolvido a aclarar tudo, pôr-se em paz consigo mesmo, de modo que, num transporte de coragem muito urgente, dirigiu-se à Lapa, em busca de Margarida - queria dizer-lhe a verdade toda, desquitar-se, romper, confessar-lhe que amava a mãe do seu filho, destroçá-la talvez de dor e de vergonha. À vista da mansão de José de Almeida, estugou o passo, correu depois, segurando a bainha da espada, ao ver um ajuntamento que altercava ao portão com o cocheiro e os criados. Viu brilhar a lâmina dum terçado, um machado levantado acima das cabeças, ouviu uns gritos de «carcundas, burros, Miguelistas», enquanto o bando ondeava a abalançar-se ao assalto. Rompeu, então, aos encontrões, de espada nua, e logrou entrepor-se, defendendo a entrada. A farda de tenente dos lanceiros liberais impôs uma relativa contenção, susteve a acometida, mas voltaram a chover os impropérios. Um malcatrefe, de boné à facaia, beata ao canto da boca, camisa esbargalada, fazendo cintilar uma navalha toledana de ponta-e-mola, arengou - que queriam fazer justiça, desferrar-se daqueles ladrões, oficiais dos carcundas, burros malandros que eram senhores daquele palácio. Filipe ergueu a espada, que dali não passava ninguém, que a justiça se faria nos tribunais se houvesse demanda, que os verdadeiros patriotas não deviam promover a desordem, que respeitassem as propriedades e, se quisessem bater-se, fossem apresentar-se aos quartéis e alistar-se nos voluntários, A pequena multidão vacilou e Filipe mandou aos criados que fechassem o portão. Logrou que os outros dispersassem, rosnando, agitando os cajados, as facas, o machado, talvez buscando já outros lugares mais à mercê das suas ânsias vingadoras. Pela frincha da porta espreitava a cozinheira, aquela Francisca confidente e mensageira de Margarida, esquadrinhando com o olho vivo o tenente guapo arvorado em anjo-da-guarda.

- Os donos da casa?...

- Não estão, meu senhor - retorquiu a mulher, esforçando a memória, a tentar reconhecê-lo.

- E a menina Margarida?

Aí alumiou-se a curiosidade da Francisca. Não se conteve:

- Ai, o Sr. Filipe!... Não é?... Por via das barbas não o conheci logo. A menina... A menina está na quinta dos tios, no Gradil. Deus nosso senhor o abençoe, Sr. Filipe, que nos salvou dessa canalha, mais a casa dos patrões.

Juntaram-se os criados todos, muito agradecidos, enquanto o cocheiro apagava com um esfregão molhado o sinal branco que alguém tinha traçado no portão de carvalho pregueado.

Filipe despediu-se, aliviado da tensão da escaramuça e de ver adiado o confronto que o levara àquela casa. Correu ao Castelo, do outro lado da cidade, à cata da ama Rita, em cujos braços se abandonou, misturando as suas lágrimas com as dela, perante as exclamações embaraçadas e comovidas do Sr. Inácio. Atravessaram a mercearia, pelo meio dos cheiros intensos das especiarias e dos bacalhaus pendurados atrás do balcão, subiram ao primeiro, ao andar nobre, onde a sala ostentava uma sólida mesa de castanho com oito cadeiras de espaldar torneado, um aparador de colunas com chávenas chinesas penduradas nas prateleiras e um relógio de campânula de vidro com uma Diana e dois galgos pirogravados, uma jardineira com um pote de loiça branca onde tufava um manjerição, sofá e senhorinhas - uma abastança avaramente guardada, sem sombra de pó e de soalho protegido por passadeiras de trapo. A Rita chamava ao tenente «meu menino», palpando-lhe a barba hirsuta com os dedos gorduchos, «quem o viu e quem o vê», expelindo muitos ais e suspiros, enquanto o Sr. Inácio, agachado junto à portada do aparador, escancarada, desencravava uns cálices de cristal entalados atrás dos pratos. Depois quis que molhassem o reencontro e «a santa liberdade que vossas senhorias nos trouxeram», com um abafado de

Azeitão, sem preço nem comparação.

A Rita suspirou, ao proferir dificilmente o nome do filho, com muitas reticências intencionais. Filipe disse-lhe que ele era vivo, que o reconhecera no Cais de Cacilhas a embarcar num catraio. E ambos suspenderam a alegria, num silêncio que dizia muito e os magoava. E a Rita rompeu em pranto quando ele lhe participou a morte de Raimundo da Anunciação.

Quando Filipe, tendo provado e aprovado o néctar de Azeitão, lhe perguntou notícias de Margarida, a ama pôs uma cara de dama de paus, fungou, limpou os olhos e disse que o mundo dava cambalhotas e que nada era como dantes. Ele apertou-a com perguntas, menos fervoroso do que ela imaginara. A Rita divagou, muito mulher, insinuando que o seu menino por certo também as pregara, e grossas, lá no Paris da França. Enfim, descoseu-se - que andava um peralvilho, oficial do Miguel e amigo do pai de Margarida, a rondar o partido, e que a Francisca dava palpites de incertezas, desde que a menina saíra do convento. Mas que ela, Rita, não sabia «nada de sustância», só suposições pelas meias palavras da cozinheira. E quando viu no rosto de Filipe desenhar-se um sorriso irónico, atreveu-se a repetir aquela filosofia sobre as cambalhotas do mundo.

A ansiedade dos presos da Torre de São Julião, naqueles dias do fim de Julho, em que fora batido e morto o algoz Jordão e abandonada Lisboa pelos miguelistas, tinha sido uma extrema provação, perante as discussões que alguns ouviram aos esbirros sobre o plano de os matarem a todos, antes de abandonarem o forte. Aos escrúpulos do coronel Santa Bárbara e aos hábeis tratos do tenente Gama Lobo, da guarnição da fortaleza, mas simpatizante da causa constitucional, deveram eles a vida e a liberdade.

Chegaram os mais exaltados dos beleguins a carregar uma peça de calibre 3 para massacrarem os prisioneiros, mas o Gama correria ao governador a entregar-lhe as chaves das celas e a pregar-lhe moderação.

Até que viram alguns, pelas frinchas das janelas ainda fechadas, que andavam soldados e oficiais a encravar os canhões e a prepararem-se para retirar. O tenente Gama logrou ficar para trás quando os outros debandavam e voltou, dando vivas à rainha e ao imperador e empunhando uns machados que passou para dentro das celas, com os quais os detidos arrombaram as portas, tomando conta da praça. Choraram abraçados uns aos outros, juntando-se no pátio a vitoriar D. Pedro e a liberdade, mal crendo que era chegado o fim dos seus padecimentos.

A esquadra, arvorando a bandeira bicolor, imobilizada pela calma, estava concentrada para o lado da barra. Decidiram os novos donos de São Julião içar sinais nos pontos altos, com trapos azuis e brancos, e o Francisco Alves mais um oficial das milícias de Faro e o tenente Gama Lobo conseguiram reparar uma das peças e deram com ela uma salva de vinte e um tiros, ao que respondeu uma das naus que estava mais perto. Cinco de entre eles meteram-se num batel e remaram para o Bugio, onde estava uma guarnição de quase cem homens; puderam persuadi-los a juntarem-se à causa, após demonstrarem estar de posse da fortaleza e da Torre e eles isolados no meio do rio e com a esquadra à vista. Na manhã seguinte, a maioria dos soldados passara do Bugio para São Julião, os presos libertos armaram-se também com algumas espingardas abandonadas e mandaram mensageiros à esquadra e ao Quartel-General em Lisboa. De bordo da nau D. João VI escreveu-lhes o duque de Palmela, saudando-os, agradecendo-lhes os serviços e prometendo providências. Finalmente, a 26 pela manhã, desembarcara em frente do forte uma força de setenta soldados ingleses comandados por um capitão que tomou posse do governo da praça. À porta do mar estavam os ex-presos formados, com uma improvisada banda de flautas a tocar o hino constitucional. Só depois os cerca de duzentos e quarenta libertos embarcaram em escaleres rumo ao Cais do Sodré, onde saíram no meio duma multidão emocionada que os vitoriava. Sufocavam-nos com abraços, queriam tocá-los como a miraculados regressados do outro mundo e em triunfo os conduziram, Rua

do Alecrim acima, até ao Quartel-General do duque, que os saudou com um discurso comovido.

Mal começaram a dispersar, Francisco Alves sumiu-se por entre os magotes de povolêu e estugou o passo para as bandas de São Bento, já noite cerrada.

Gracinda tinha-se trancado em casa, nesses dias de desordens e festas, com muito maus presságios e receios de vinganças pelas malfetorias que o seu João tinha praticado naqueles anos de abastança. Apenas saíra a comprar leite para a menina e alguma coisa de comer. E espiava da janela, se ouvia na rua algum tropel ou movimento suspeito. Adormecida junto ao berço, ergueu-se dum salto, estremunhada, ao ouvir duas fortes punhadas na porta da escada. Passou pela cozinha, deitou a mão à faca de amanhar os coelhos, hesitou, trocou-a pelo ferro de espevitar o lume do fogão e, afeita e felina, pisando cuidadosamente o soalho com os chinelos de ourelo, que garantiam o andar silencioso, aproximou-se da porta, que estremeceu com dois novos murros.

- Quem é? - questionou, admirada da firmeza da voz.

- É o sargento Francisco Alves. E se não abres, ó Gracinda, arrombo!

Ela destrancou, correu os fechos duplos, rodou a chave, abriu. Não havia na sala mais que a luz fraca do velador, mas bastou para que ela divizasse no limiar uma espécie de fantasma em que se transformara o sargento Francisco Alves, ex-compincha do João da Silva antes de ser sua vítima, um pelem de ossos grossos, amarelento, com umas cãs ralas no alto da cabeçorra talhada a terçado e um faiscar ruim nos olhos encovados. A mulata deu três passos atrás, chocou com as nádegas na quina da mesa.

- És lobisomem ou alma penada?! - exclamou, enquanto se lhe perfilava na ideia a galeria dos seus monstros mais íntimos.

- Sou aquilo que fez de mim o canalha João da Silva.

O vozeirão era o mesmo que ela conhecera, porém mais cavo,

profundo, arranhado pelo ódio e pelas penas do cárcere.

- Não me acorde a menina, ó sargento - sussurrou.

- Deita para lá esse ferro que tens na mão, que quem há-de pôr o teu homem a grelhar sou eu.

A Gracinda, muito cordata, poisou o espevitador no tampo da mesa.

- Onde está o facínora?

- Sei lá! Anda na guerra, com o posto de alferes.

O Alves passeou os olhos pelos esconsos, foi espreitar à porta do quarto e à da cozinha.

- Dos burros até general podia ser - disse. - Pois se o topares primeiro que eu avisa-o que há-de morrer às minhas mãos. Está escrito.

Só de vê-lo de punhos fechados, de olhar ensandecido, de palavras rijas como seixos, a Gracinda acreditou no aviso e, sem esperança, entre dengosa e sofredora, quis amolecê-lo.

- Não nos desgrace, sargento, pelo amor que tenho àquela menina E pelos tempos da gandaia em que vossemecê era um lobo, que também me abocanhou sendo eu cordeira... O Francisco reagiu à fábula, muito severo.

- Cordeira tu, minha mulata rascoa?! Tu que eras a mais loureira do Quebra-Costas e da Mouraria toda!...

Do quarto veio o choro da criança, manso primeiro e logo estridente.

- Pronto! Já me acordou a cachopa.

O Francisco pareceu vacilar, apoiou-se às costas duma cadeira, rosnou algo ininteligível, empertigou-se, dirigiu-se para a porta e, sem se voltar, repetiu a ameaça com um tom de profissão:

- O canalha tem os dias contados. Está escrito.

Então, vagueara pela noite da cidade, a sorver em grandes haustos o ar da liberdade. No caminho para a Praça das Flores, andava um bando a defenestrar os móveis duma casa de miguelistas que,

lançados do primeiro andar, rebentavam fragorosamente na calçada, aos pés dum magote que, em baixo, dava urros tresloucados, enquanto outros corriam a pauladas um homem idoso que a mulher e duas filhas, desgrenhadas e de vestes rasgadas, procuravam proteger.

- Burro! Miguelista!

- Carcunda!

Um bêbado, grandalhão, que parecia inspirar a turba, foi-se ao jumento dum saloio que parara para ver, arrancou-lhe a albarda e estava a querer pô-la no dorso do homem, que, de cabeça ensanguentada e já sem forças, se arrimava à parede, indefeso. A manápula do Francisco Alves filou pelo ombro o cabecilha do bando, abanou-o.

- Quem trata os homens como bestas são os esbirros do Miguel! Gerou-se um movimento hostil. Invetivaram-no. E ele, muito calmo:

- Estive preso na Torre de São Julião. Três anos e meio. Tenho contas com um canalha que lá me meteu. A esse não hei-de botar a albarda no lombo, mas a navalha no coração. Que mal vos fez esse homem?

Os outros acalmaram, impressionados pela solenidade daquela figura marcada pelos sofrimentos padecidos na Torre lendária. Ninguém respondeu. Largaram os que perseguiam, dispersaram alguns com produtos do furto feito na casa daquela família que, muito junta, se mantinha encostada à parede, chorando todos baixinho, num abandono apavorado, fariscados por um cachorro escanifrado, que se pôs a uivar sinistramente à Lua que derramava uma luz azulada sobre as pedras húmidas da calçada.

Francisco Alves prosseguiu o seu caminho sem rumo. Pensava nas serranias nevadas da Estrela, no tempo em que, garoto e pastor vira os lobos a rondarem-lhe o rebanho. Concluía que feras assassinas havia-as em toda a bicheza que Deus pusera a bulir sobre a Terra - sem excepção.

Na manhã do dia seguinte foi alistar-se nos batalhões de

voluntários.

Os do Gradil viram passar ao portão da quinta os primeiros refugiados e acreditaram no desastre de Lisboa - umas seges e carroças carregadas de pessoas e caixotes, depois grupos a pé, famílias inteiras, com crianças, algumas de colo, ajoujadas com sacos e cabazes, sendo muita daquela gente «da melhor sociedade da capital», conforme reconhecia o padre Domingos, benzendo-se, a espreitar da janela da sala do solar dos senhores Almeidas. À mistura, desfilavam desordenadamente armões e equipagens do exército, soldados dispersos, a pé e a cavalo, à toa, correame desapertado, camisas desabotoadas sob as fardas cobertas de poeira, debaixo dum calor tremendo que levantava reverberações de miragem na fita castanha da estrada de Torres.

Mal se deu conta, Cunegundes escancarou o portão e saltou para o caminho, de bilha de água na mão e três pães meados entalados no sovaco. Pôs-se a mitigar a fome e a sede dos infelizes. Do rosário de desgraças que desfiavam concluía-se que quase todas as bestas do Apocalipse tinham alcançado Lisboa - as casas saqueadas e incendiadas, o ferro e o arrocho dos hereges semeando morte, a epidemia de cólera dizimando gente, os santos padres expulsos das igrejas e dos mosteiros, os mais feros criminosos libertos das prisões, as mulheres enxovalhadas na sua virtude; os Anticristo, enfim, desbargados no seu ódio a Deus, ao rei, à pátria, às famílias. E, se alguns dos sacos dos fugitivos traíam pelo tilintar as pratas e ouros que salvavam do desastre, outros transportavam imagens e retábulos dos santos da sua devoção e outros ainda, como a senhora condessa de Atalaia, traziam por bagagens os filhos pequenos.

O calor abrasava, sufocante. Um alferes sopeou o garrano em que vinha montado diante da Caceteira, arrancou-lhe da mão a bilha e bebeu a largos tragos, a água a escorrer-lhe pelo dólman imundo. Ela repontou, irada:

- Não vos basta a vergonha de fugir, sendo soldado, e ainda tirais a água da boca das mulheres e das crianças. Aí alçado na cavalgadura, e

os fracos a pé!...

O oficial devolveu-lhe o cântaro, mirou-a com suspeita, tenebroso, e virando-se para um grupo de soldados que o seguia, disse:

- Tão certo como eu chamar-me João da Silva é termos aqui uma malhada disfarçada de samaritana. Prouvera que a água não estivesse envenenada.

Os soldados rodearam Cunegundes, ameaçadores. Ela, de punhos na cinta, desafiante, arrependia-se de não ter ao menos saído com o cajado. O abade Casimiro correu do portão da quinta adejando a batina, muito afogueado.

- Ó senhores! Ó senhores! Esta dama é uma fiel realista, tem o tio e o primo no exército do senhor D. Miguel. Por Deus!

Os soldados rosnaram e retomaram a marcha. Casimiro reconheceu, então, dois frades bernardos do Convento dos Olivais, seus amigos de muitos anos. Levaram-nos para dentro, mais uma senhora das relações de D. Leonor com uma filha, um laçao e uma criada velha que trazia ao colo um grande menino Jesus de madeira pintada. Deram-lhes ceia, roupa e calçado; Pedro de Almeida mandou atrelar a sege e conduzi-los até Torres Vedras, onde as senhoras tinham casa de família. Antes de partirem, o padre Domingos propôs que rezassem o terço, pela salvação do senhor D. Miguel e deles todos. Observando aquela companhia de clérigos e mulheres, ajoelhados diante do oratório, Cunegundes achava que a fé não bastava para defender a causa de Deus, mas sim soldados que quisessem bater-se e morrer por Ele. Dias passados, fulminou-os a notícia da morte de António de Almeida. Com a carta de José, vinha outra de Segismundo para Margarida, apresentando sentimentos e fazendo o elogio do falecido, da bravura com que lutara até ao fim. Embiocaram-se de luto, botaram crepes no portão da quinta, mandaram rezar missas na matriz do Gradil, choraram muito. E a Caceteira esbravejou em cavalgadas loucas pelos matos, com o Soberano atrás, duas noites e um dia. Admitia que o céu estrelado, por cima dela, estava vazio e que Deus abandonava a

terra dos homens aos ímpios - só o gládio poderia abrir-lhe o caminho do regresso. Ao voltar à quinta esperava-a um criado da casa do Manuel de Sousa com uma carta que lhe entregou, muito em segredo, conforme as ordens que recebera. Contava ele, na sua escrita chã e esforçada, que andara umas semanas na guerrilha do Algarve, quando os do seu esquadrão tinham desertado para os malhados. Alcançara depois a divisão de Molelos, a caminho de Coimbra, de onde lhe escrevia. Falava de traições que haviam enganado o general e aberto o caminho de Lisboa aos pedreiros.

Pressentia-se naquelas palavras rudes uma grande raiva, sobretudo quando ele dizia que a esperança estava nas guerrilhas, que se batiam sem cerimónias, sem mapas, sem postos, sem quartel. Que o exército era uma corja de empenachados a sabujarem sua majestade, mas de olho posto na caixa do exército e nas promoções, acusava. E mais acrescentava que as saudades dela o roíam tanto como a vergonha de andarem a fugir do imperador dos macacos. Cunegundes, relendo a missiva, imaginava-se guerrilheira, nos braços do Manuel à luz das fogueiras dos biva-ques e a seu lado no aceso das emboscadas aos malhados.

Ódios furiosos escandeciam aquele Verão queimante, um caos abrasador espalhava-se por toda a parte, e a crueldade bronca, medieval, selvática, campeava indiscriminadamente. Uma faúlha ateava incêndios de violência inaudita, horrenda.

No castelo de Estremoz, quando se conheceu a queda de Lisboa, um bando de facínoras chefiados pelo juiz de fora, por um major de cavalaria e por um tal Alturas estalajadeiro, chacinou à machadada trinta e três presos políticos liberais.

Noutros pontos, formavam-se guerrilhas que tinham tudo de quadrilhas de salteadores, abutres à rapina dos que achavam fracos e tendo de que roubar. Andavam à babugem dos exércitos, à espreita do saque. Onde a força se diluía e passava, pululavam e mandavam. O

Alentejo e o Algarve, após a expedição triunfante dos liberais, voltavam a ser miguelistas.

Entre as esperanças que se renovavam no campo absolutista contava-se agora a cumplicidade com o infante D. Carlos, também presente em Coimbra, a quem já chamavam «o D. Miguel espanhol». Sonhavam-se alianças devastadoras, projectos ibéricos de eternização do passado, muito escorados na perspectiva do passamento iminente de Fernando VII e desafiando os protestos do ministro Córdova, que queria a vitória do miguelismo, por temer a subversão liberal, mas com a marginalização do pretendente D. Carlos.

Entretanto, os retalhos do exército cosiam-se à volta de Coimbra, com os contingentes retirados da frente do Porto, a divisão de Molelos que vagueara inutilmente pelo Alentejo e a tropa do duque de Cadaval fugida de Lisboa.

- A nossa superioridade é ainda grande, meu coronel. É certo que não temos a esquadra, mas é em terra que a guerra se decide. E, por esse reino fora, ninguém pegou em armas para se aliar ao infante D. Pedro.

O capitão Avilez formulava estas considerações porque acreditava nelas mas também porque se empenhava em recuperar o moral do coronel José de Almeida, muito abatido pela morte do filho.

- Sim, mas... Estamos aqui a perder um tempo precioso, a permitir que o inimigo se entrincheire em Lisboa, como fez no Porto. Devíamos avançar imediatamente, em marchas forçadas, não os deixar respirar, esmagá-los.

Arrancaram finalmente para o Sul, a divisão de Larochejacquelin para Salvaterra, a de Lemos para Santarém, D. Miguel e Bourmont para Leiria, com planos para um ataque conjunto, maciço, a Lisboa. As populações acorriam à estrada, ajoelhavam à passagem do rei, atapetavam-lhe o caminho de flores, pediam bênçãos, vitoriavam-no, e a soldadesca recobrava ânimo e prometia expulsar os malhados da capital e do reino.

Dissipava-se uma ténue bruma matinal e o Sol ameaçador já dardejava, assegurando outro dia de fornalha. Os lanceiros do coronel Almeida, acompanhando a divisão do conde de Bourmont, ostentavam um brio renovado, os arreios engraxados, os metais acendrados, os dól-mans reparados e limpos, as botas reluzentes, firmes nos estribos, lanças apontadas ao céu azul, formados em coluna aos dois lados do caminho. Cavalgavam cantando "o rei chegou". Os sinos duma igreja, no centro da aldeia que se erguia como a coroa branca duma colina, repicavam e os camponeses desciam a encosta, agitando nas mãos os chapéus de abas largas. Os cavaleiros respondiam-lhes com acenos. O capitão Avilez, colocando-se a par do coronel José de Almeida, disse:

- O povo está por nós. Sempre esteve.

- É verdade. Mas não é o povo quem ganha as guerras. Naquela réplica do coronel havia uma entoação de amargura, uma lassidão, uma espécie de fatalismo.

Nos finais de Agosto haviam, por fim, começado as obras de defesa da capital, perdido um mês a celebrar uma vitória, quando o País era um barril de pólvora e os constitucionais só mandavam nos lugares onde estavam os seus soldados. É certo que os Batalhões Nacionais formados em Lisboa contavam já uns vinte mil homens, esperavam-se mais três mil mercenários ingleses, irlandeses e belgas, o que perfazia um efectivo, contando com as tropas do duque da Terceira, de perto de trinta mil homens.

Filipe de Villepin e Tomás d'Aquino, que havia sido promovido a tenente e condecorado pelo imperador, estavam instalados numa casa em Falhava, a São Sebastião da Pedreira, onde se construía uma rede de fossos e parapeitos que fechava as linhas de fortificação, as quais, à esquerda, subiam do Tejo pela ribeira de Alcântara, Águas Livres, Quinta do Lourical e Campolide, e à direita, vinham da Madre de Deus, Alto de São João, Arroios, Arco do Cego e Cruz do Tabuado. No rio, a esquadra, de Belém a Vila Franca, completava o dispositivo. Os dois oficiais

reconheciam que a proporção de forças era com-pletamente distinta da que eles tinham suportado com sucesso no Porto. Não faltavam, porém, motivos para preocupações e críticas -descurara-se a continuação da campanha, estando as atenções viradas para a baixa política, Stubbs no Porto voltava a estar sujeito às investidas da divisão de Almer, desde que Saldanha se mudara para Lisboa, sem esperar instruções de D. Pedro, que, para não o punir nem perder a face, mandara lavrar uma ordem antedatada.

- O homem é danado! Cheirando-lhe a pólvora e a glória... -disse Filipe, admirando a cor de rubi que, no copo de cristal, reflectia um belo vinho de Colares desencantado na adega da quinta.

- O imperador suporta-o, apenas. Porque precisa dele. Mas, por outro lado, sempre imaginei o senhor D. Pedro mais tolerante. Sabes o que ele escreveu no túmulo do pai, em São Vicente, quando lá foi recolher-se? «Um filho te assassinou, outro te vingará.» Deu corpo aos velhos rumores de envenenamento de D. João VI, por conspiração da rainha Carlota Joaquina e D. Miguel. E parece dar rédea solta às vinganças dos radicais. Demasiados funcionários demitidos... E expulsa o Núncio, corta as relações com Roma, confisca os conventos...

- Disso não tens razões para te queixar, Tomás, que a ti mesmo te confiscou o destino o fanatismo religioso. Pois que não andassem os frades a disparar trabucos e a amotinar os povos contra nós, quando o seu dever era pacificar os ódios entre os portugueses.

- Claro que sim. Mas acho que seria a nossa política mais avisada a da concórdia, a da reconciliação. Assim, estão-se cavando abismos de ódios cada vez mais profundos e repelindo para o inimigo gente que poderia servir bem no nosso campo. Anda aí à solta muita ambição de poder e dinheiro, adivinha-se um perigoso regabofe. A começar por muitos que estão no Ministério... Julgam que a guerra já acabou. Muito se enganam. As guerras civis são incêndios em que o rescaldo parece não ter fim.

Filipe levou aos lábios o seu copo de Colares e, com ar grave, disse: Não sei se estás ao corrente da doença de D. Pedro...

- Desconheço se é coisa séria.

- Muito séria. De fonte segura me garantiram que, há poucos dias, voltou a expectorar sangue. Já lhe acontecera no Porto. Está tísico. Tomás d'Aquino empertigou-se na cadeira.

- Daí a pressa em mandar vir a rainha e a imperatriz?!...

- Pouco falta, ao que se diz, para que façam vela para Lisboa.

- O imperador... - murmurou Tomás. - Cem vezes correu perigo de morte no Porto, e agora... Que ele pode não ser um grande general ou um hábil político, mas é um soldado infatigável e corajoso.

O que é o destino...

O amigo desvendou-lhe no semblante uma grande nostalgia.

- Estás a pensar no teu destino, Tomás, na tua mulher e no teu filho...

- Quase voltei à fê inocente da minha juventude, antes da crueldade e da intriga dos claustros a terem secado. Tenho rezado muito pelo futuro deles e pelo futuro com eles. Em que ocupamos nós o nosso espírito se não com as fidelidades do coração para darmos corpo à vontade de vencer cada batalha? E tu, Filipe? Também é o amor que...

O tenente Villepin interrompeu-o bruscamente.

- Não como tu, Tomás, não com a tua certeza serena. Agora que estou a dois passos daquela a quem jurei amor eterno, o coração trai-me, com saudades da outra, da mãe do meu filho que deixei em Paris.

Adivinhando-lhe a angústia, Tomás incitou-o a desafogar, se algum bem lhe podia fazer a atenção dum amigo. Filipe contou-lhe tudo. E as suas palavras transmitiram melhor a paixão por Christine que o compromisso com Margarida.

- Se eu acreditasse nos poderes de que a Ordem não me desobrigou, absolvias-te já, porque não é possível haver confissão mais límpida! - exclamou o alferes d'Aquino.

- Melhor bálsamo é o conforto da amizade.

Olhavam em silêncio a chegada da noite, muito serenos, devaneando entre os seus afectos, mas escutando os alertas das sentinelas nos postos das trincheiras, chamando-os à realidade que faltava enfrentar para alcançarem o futuro.

Irrompeu então pela sala o alferes Nuno de Almeida. Chegara dois dias antes com os reforços do Porto, que incluíam os lanceiros do coronel Bacon. Desde então não pudera procurar os amigos, ocupado com as tarefas de requisição de cavalos e remonta. Estava mais magro, rosto anguloso, tinha cortado a barba quando achara acabado o cerco e porque a Clarinha lhe pedira. Os lances da vida dos últimos meses, estreitando no mesmo abraço o amor e a morte, haviam-lhe moderado a bonomia, e o seu diletantismo, tantas vezes laivado dum cinismo subtil, dera lugar a um remansoso discorrer a que não faltavam projectos bucólicos e sonhos de alma e corpo pacificados. Os amigos viam-no mais tolerante com as fraquezas e mais severo com as arrogâncias. A sua fleuma, antes eivada de distanciação crítica, era agora um estilo discreto de interesse pelos outros, uma compreensão mais profunda e empenhada na generosidade com que escutava e na parcimónia com que se fazia ouvir. Fora visitar Angélica Florinda e o menino à Torre da Marca, antes de embarcar para Lisboa. Deu a Tomás notícias das muitas saudades que dele tinham a mulher e o filho, e entregou-lhe um embrulho com três pares de peúgas de lã, duas camisas de linho e um lenço bordado com um monograma - um T e um A que, segundo recado dela para o seu homem, tanto queria dizer Tomás d'Aquino como Tomás e Angélica. O tenente permaneceu muito tempo com aquelas prendas sobre os joelhos, afagando-as, como se procurasse o rasto das mãos que as tinham preparado, um nó a atar-lhe as palavras na garganta. Nuno anunciou-lhes então o seu noivado com a Clara da Rua da Soveia. Filipe quase não reconhecia nele o dandy dos boulevards e dos teatros de Paris.

Falaram da guerra, contaram as aventuras, os perigos, as

privações, as vitórias e o seu preço. E viram os olhos do alferes Almeida marejarem-se de lágrimas ao descrever a morte do seu primo António.

Entretanto, sabia-se que o marechal Bourmont estava dispondo as suas tropas para um próximo ataque a Lisboa, nos acampamentos que estabelecera no Campo Pequeno, no Campo Grande e em Benfica, com grande acompanhamento de guerrilhas e um temível corpo de cavalaria, tudo enquadrado por uma centena de oficiais franceses.

Nuno retirara-se, a juntar-se aos seus lanceiros. E, após uma noite tranquila, rodeados pelo fretenir das cigarras, Tomás e Filipe foram inspeccionar os redutos, na antemanhã brumenta daquele dia 5 de Setembro. Tudo lhes pareceu tranquilo, os homens nos seus postos, os trabalhadores que andavam nas obras de fortificação chegando para o trabalho. Pouco passava das seis horas quando começou a ouvir-se, ao longe, o rufar dos tambores, o toque das cornetas e a música marcial, cujos sons cresciam lenta e regularmente. Estouraram as primeiras salvas de artilharia e, em breve, os redutos de São Sebastião estavam sob uma vivíssima fuzilaria. Divisaram-se as primeiras colunas de infantaria a marche-marche, descendo sobre o reduto da Atalaia que barrava a estrada de Campolide. Os homens corriam para as suas posições, patrona à tiracolo, espingarda em punho, no meio das explosões, do silvar da bala rasa, do estridor dos clarins e do rufo surdo dos tambores batendo o toque de generala. Ao granizar dos disparos inimigos que faziam as primeiras baixas, respondiam os liberais com salvas nutridas que, abrindo clareiras dispersas nas colunas atacantes, não as impediam de progredir, de baionetas caladas, a coberto do fogo cruzado que saía das seteiras abertas numas casas e muros diante dos fossos de São Sebastião, que não se tinham derrubado atempadamente. Filipe e Tomás, que dirigiram o fogo, mandaram armar baionetas, e viram à sua esquerda, na zona do Louriçal, os soldados de Caçadores 5 saltarem das trincheiras, contra-atacarem e repelirem os miguelistas na ponta das baionetas, outeiro abaixo, envolvidos num feroz corpo a corpo. Recrudescu de novo o fogo, os

maqueiros não paravam de evacuar feridos para a retaguarda, estoiravam as granadas dos obuses fustigando as defesas. Os lanceiros apeados, com Tomás e Filipe à frente, saíram em reforço dos caçadores, envolveram-se na luta tremenda à volta das posições do Lourical. Ao seu redor caíram muitos soldados e oficiais, entre eles Tomás de Mascarenhas e Alexandre de Sousa Coutinho, oficial muito estimado por todos e amigo de Tomás d'Aquino.

O ataque absolutista foi contido, retomadas as posições inicialmente perdidas, mas o fogo de artilharia e a fuzilaria dos infantess não diminuía de intensidade, varejando os parapeitos e escalavrando a fachada das casas, sendo o terreno disputado palmo a palmo. Um calor sufocante abatera-se sobre o campo de batalha. Cerca do meio-dia o combate pareceu abrandar.

Foi então que, na frente do Aqueduto das Águas Livres onde se batia, o sargento Francisco Alves teve na mira do fuzil o alferes João da Silva, que reconhecera a menos de setenta metros de distância. Surgira subitamente a empurrar para o ataque um destacamento que hesitava. O Francisco tinha a arma escorvada, a caixeta armada, o peito do inimigo riscado pela saliência da mira - tirou a folga do gatilho. Ocorreu-lhe então não ser aquela a vingança que idealizara, porque era preciso que o facínora conhecesse quem era o dono da sua vida e como iria perdê-la - desviou a pontaria para uma silhueta que se perfilava ao lado do esbirro e disparou.

O alferes João da Silva viu cair a seu lado com uma bala no meio da testa o tenente Guichard, filho dum lendário herói da Vendeia, quando se punha à cabeça duma coluna que vacilava na carga. O campo estava juncado de corpos, o João coseu-se ao chão, abrigado atrás dum cadáver. O ataque abortava.

A vitória liberal desenhava-se claramente, o fogo começara a diminuir. Eram duas horas da tarde quando os defensores de São Sebastião da Pedreira viram destacar-se das linhas inimigas um esquadrão de cavalaria que se lançava para a frente, a galope. A carga era um

desespero louco, não a apoiava qualquer movimento da infantaria, mas o ímpeto com que os lanceiros realistas chegaram às linhas adversas foi tremendo. Misturavam-se homens e cavalos, choviam cutiladas, o sangue jorrava. Tomás, o pulso esquerdo varado por uma bala, arrebatou uma espingarda das mãos dum moribundo, desfechou-a, animou os soldados ordenando-lhes firmeza e, de espada em riste, enfrentou dois lanceiros, derrubou um deles, viu cair o comandante do esquadrão inimigo atingido por várias cutiladas - era Louis Larochejacquelin, sobrinho do general do mesmo nome. Foi neste momento que uma bala rasa varou o peito do tenente Tomás d'Aquino. Filipe de Villepin, vendo-o tombar, correu para ele, abrindo caminho entre vivos e mortos. Quando se debruçou sobre ele, gritando-Lhe o nome como se estivesse a chamá-lo para a vida, já Tomás d'Aquino era um cadáver mais, um dos noventa liberais caídos em 5 de Setembro. De joelhos, junto ao corpo do camarada, Filipe ergueu para o céu um punho fechado.

- Este não! Era o melhor de nós todos!

Não se poderia dizer contra que justiça protestava o tenente Villepin, se a dos homens matadores, se a divina que se dizia redentora - que ambas eram cegas e implacáveis no manejo do gládio e da foice. Cavalos doidos galopavam em círculos, desatinados, sem cavaleiros, pisando os cadáveres, os grandes globos aquosos dos olhos dilatados em busca de prados perdidos, espantados pelos lamentos dos feridos e pelo clamor dos vencedores que emergiam das trincheiras, à vista dos inimigos retirando, derrotados.

O alferes João da Silva ouvia o regougar enervado dos seus homens, regressando em desordem ao acampamento de Benfica, e fazia ouvidos de mercador. Barafustavam eles contra os sapatos rotos e a meia ração, contra a sorte madrasta e os estrangeiros que mandavam tão mal como os portugueses e até contra os frades que zumbiam rezas, rondavam em procissões e lhes prometiam o céu mostrando-lhes o inferno. O João deitava contas à vida, observando aquele lento vasquejar do exército, o

trastejo inconsequente do Estado-Maior, as discussões mal escondidas da tropa, e amadurecia uma decisão, muito eivado de futuro, manhoso, de nenhum ponto sem nó.

Voltara ao palácio ocupado, lá para São Domingos, onde se instalara com os chefes duma guerrilha muito povoada de bêbados e facínoras fugidos das cadeias. O saque da chegada tinha-lhe sido favorável e pudera ocultar nas caves algumas peças de prata que contava salvar daqueles trapejos bélicos em que andava metido e iam muito mal ensejados, desde o Porto até ali, sem descontar a sangueira do Cais de Cacilhas de onde escapara por um cabelo da espadeirada do irmão de leite, que felizmente o reconhecera à beira do lance fatal. Era justamente nele que pensava, no Filipe, que, além de lhe comer as papas na cabeça em tempo de paz, o batia na guerra e se dava à fidalguia de lhe poupar a vida. Pois então que calasse o despeito e aproveitasse os escrúpulos do finório. E como estivesse palpitando sem pejo a vitória dos liberais, empreendia no plano de se passar para eles, contando com a protecção do «mano doutor», que não havia de a regatear. Pelo meio da noite foi cavar um buraco ao pé duma figueira da cerca, trouxe do subterrâneo os dois sacos onde chocalhavam as pratas, botou-os no fojo, tapou tudo com cautela, e só depois voltou a espojar-se no colchão de lã carneira, dos que tinham escapado ao vandalismo da guerrilha que escaqueirara o que não pudera roubar do recheio do palácio.

Ao outro dia, pela tarde, foi mandado em reconhecimento ao sector do Aqueduto das Águas Livres. Fez alto num olival, dispôs o pequeno grupo de soldados à sua volta e perguntou-lhes se não estavam cansados da guerra. Um cabo, muito pachola, pôs a esperteza a encurtar razões, e disse ao alferes que não se esforçasse a convencê-los, que convencidos já eles estavam - era pôr um pano branco a trapejar no ferro dum espontão e direitos às linhas inimigas a berrar vivas à Carta e à D. Maria. Sem mais. Assim fizeram, sendo recebidos à beira das trincheiras com abraços calorosos e apelidados de irmãos. O João, muito ufano do seu

papel de chefe dos desertores, concordava, que sim, que eram irmãos e ele mais que todos, pois tinha daquele lado um mano tenente de lanceiros. E mostrava as feiras brancas dos dentes, num sorriso glorioso, liberal, de quem sempre jurara pelos benefícios da Constituição.

O sargento da guarda no sector de Palhavã veio chamar Filipe de Villepin - que havia desordem com uns militares do Miguel que se tinham apresentado aclamando a rainha, intitulado-se um deles, um oficial, parente do tenente.

Fora o caso que dois voluntários dos Batalhões Nacionais haviam reconhecido o João da Silva como delactor e espião do conde de Basto, acusavam-no de ter andado abandonado com o Veríssimo e o Sedevém nos tempos mais assanhados do regime do cacete, responsabilizando-o pelos anos de cadeia que tinham sofrido na Torre de São Julião. Queriam fazer justiça pelas próprias mãos e um deles botara-Lhas já na cara, estando os soldados de serviço em dificuldade para conterem o conflito.

Acorreu Filipe e viu o João da Silva no meio da escolta que o protegia rodeado por um magote de voluntários que o ameaçavam. Estava muito branco e com uns arranhões na face, gritou que ali vinha seu irmão pôr tudo em pratos limpos e estendia os braços, num transporte de afecto muito teatral. Filipe abriu caminho, correspondeu ao abraço, contrafeito, sem poder evitar o embaraço que lhe causava tal situação.

- Este homem é meu irmão de leite. Respondo por ele. Se cometeu as faltas de que o acusam, será julgado e condenado em tribunal militar.

Vozearam os ofendidos, testemunhando contra o esbirro, contando casos, inconformados. Filipe procurou serenar os ânimos, disse que o sujeito ficaria detido para averiguações e deu ordens peremptórias para que dispersassem. Instruiu o sargento para que mantivesse o alferes realista sob prisão num barracão que servia de casa da guarda, até à manhã seguinte, quando deveria ser entregue às autoridades militares do Castelo de São Jorge, que decidiriam o que havia a fazer. Acompanhou ele

próprio o detido, certificou-se dos cómodos para a noite e mandou que lhe dessem de cear. Viu o João reclinar-se numa enxerga arrimada a um canto, espreitou um candeio pendurado dum prego e sentou-se num mocho, junto ao catre.

- É verdade o que afirmavam aqueles homens sobre a tua cumplicidade com os esbirros do usurpador?

O João suspirou, revirou os olhos para o tecto, muito enfasiado.

- Julgas que arranjar sustento para minha mãe e para mim não foi custoso, quando tu e o mestre Raimundo abalaram e nos deixaram à míngua?

- O pai Raimundo, que Deus tenha, deixou-vos a casa e as economias...

- Pois quê?! Mestre Raimundo morreu? - admirou-se o João, muito formal.

- Fechei-lhe os olhos há meses, quando estávamos cercados no Porto. Morreu martirizado pelas más novas que tinha de ti e pedindo-me que te protegesse - disse Filipe, vendo nos olhos do outro um brilho matreiro.

- Pois protege-me, então!... Eu cá nego tudo. Aderi à causa da rainha e da Carta. Que mais querem de mim?

Filipe calava-se, atormentado por ver o João sublimando, naquela posição extrema, os dislates do tempo em que, meninos, já divergiam nos brinquedos e nos sentimentos.

- Estou a proteger-te, João. Fomos criados juntos, com igual afecto e tratamento... Estou a proteger-te dos outros e de ti próprio.

- Grande ajuda é esta de me teres aqui preso!...

- Preferias que te deixasse nas mãos daqueles que desgraçaste?

- Preferia é que me deixasses livre de ir à minha vida. Tenho mulher e uma filha para criar.

- Muitos dos que mandaste para as enxovias tinham mulher e filhos. O João sentou-se, de costas contra a parede, as mãos pousadas nos

joelhos, mordendo uma palha e contemplando o irmão de leite com um ar desafiante.

- Porque não me mataste lá no Cais de Cacilhas?

Filipe estremeceu, lutando com os sentimentos confusos que lhe chegavam do passado, recordando todos aqueles anos em que a bondade de mestre Raimundo e a dedicação da Rita se haviam repartido por ele e pelo João com tão diferentes resultados. Lembrava-se das muitas vezes em que lhes ocultara as ruindades do companheiro, a inveja dele quando os mestres elogiavam um e repreendiam o outro, as lutas bravas em que se envolviam e que ele escondia ao pai Raimundo e à mãe Rita. Sentia-se uma profunda tristeza na resposta que deu.

- Sempre te considereei um irmão. E tu? Terias sido capaz de me matar em idênticas circunstâncias?

João permaneceu um instante calado, desviou o olhar e resmungou com voz surda:

- Tu foste sempre o melhor. Porque não haverias de o ser na hora da morte?...

Filipe avaliou a espessura do ódio que se consolidava à volta do outro, como um indestrutível halo de maldição. Ergueu-se.

- Vais-te embora? Viras as costas ao meu destino? - questionou o João, num tom sarcástico. - Pois olha que, se me matarem, hás-de carregar os remorsos até ao último dos teus dias.

- Serei a tua mais fiel testemunha de defesa, João. Mesmo que te reconheça culpado.

Filipe saiu para a noite. Corriam-lhe dos olhos grossas lágrimas, pensava em Raimundo da Anunciação e pedia que a sua memória o inspirasse a salvar o irmão inimigo.

A manhã clareou lentamente, coada pela neblina, e as silhuetas das sentinelas, indo e vindo, à beira das trincheiras sugeriam uma dança espectral. Filipe não dormira, várias vezes fora espreitar o barracão e vira o irmão de leite ferrado no sono. Mandou chamar o sargento de serviço,

nomeou uma escolta de um cabo e quatro soldados para conduzirem o preso ao Castelo, entregou-lhes um auto de participação dos acontecimentos da noite anterior, e foi ele próprio acordar o João da Silva. Ele rosnou, enfadado, esfregou os olhos, empurrou a manta enrodilhada, soergueu-se, e pareceu agradado por ver Filipe junto a si. Pôs-se de pé, foi chapinhar o rosto com a água gelada da celha, enfiou os braços nos suspensórios, descolgou o dólman de oficial de infantaria, sacudiu-lhe o pó, envergou-o, e disse que estava pronto. Saíram ambos. Apresentou-se a escolta de fuzis em bandoleira, meteu-se no meio dela o preso. Meia volta, em frente marche. Só então Filipe viu nos olhos do irmão de leite uma cintilação de compaixão, um apelo de socorro, um fulgor de medo. Quis dizer-lhe que lhe salvaria a vida, hesitou, deu uns passos na direcção que a escolta seguia e, mal os viu desaparecer, dando a volta à esquina do barracão, ouviu um urro tremendo, um entrechocar de armas, a voz do sargento que praguejava. Correu para lá, sobressaltado. Um militar dos seus cinquenta anos, ossudo, esquelético, cabeleira branca, um brilho demente no fundo das órbitas encovadas, deixava-se dominar pelos soldados da escolta, tendo ainda na mão uma baioneta ensanguentada. João da Silva jazia no pó, de rosto virado para a luz, uma grande chaga sangrando no lugar do coração.

- Estava escrito! - dizia com voz cava, soturno, Francisco Alves, sargento voluntário dos Batalhões Nacionais.

- Estava escrito! - repetia, rangendo os dentes, o olhar perdido no infinito.

O alferes João da Silva teve honras de funeral cristão, carreta e urna de mogno com embutidos e fecharia de metal branco - privilégio em tempo de muita morte.

Filipe cuidara de tudo, desde o velório na Madre de Deus à missa de corpo presente. Só o acompanhamento fora escasso - a mãe Rita, o Sr. Inácio, a Gracinda, com a filha ao colo, a Francisca dos senhores Almeidas, o tenente Villepin e o vigário da Madre de Deus. Golearam pelas

ruelas que subiam até ao Alto de São João, ao longo das linhas de defesa, quase só frequentadas por soldados, e o corpo desceu à terra com cerimonial muito resumido por terem começado a troar os canhões de Xabregas. À Rita como que se lhe secara o pranto de dois dias, mas a mulata arrepelou-se toda à beira da sepultura, carpindo sonoramente uma sentida viuvez que a assombrava Com fantasmas da sua natureza incompatível com solidões demoradas. Filipe a todos ocultara as circunstâncias da morte do irmão de leite; parecera-lhe piedosa a mentira de ter ele morrido em combate, com fumos de valente. Não deixava de o magoar a ironia de também na morte prevalecer um embuste, a juntar aos que o João semeara numa vida cheia deles. Pensava na sorte vária que os juntara e separara, nos extremos do destino que abrira a um as portas do mundo e ao outro fechara a boca do sepulcro, sem que se tivesse apartado das sombras das vielas onde tinham crescido pares.

Subiram todos ao Castelo, tendo o Sr. Inácio franqueado a residência, numa generosidade excepcional que incluiu bolos de espécie e o abafado de Azeitão. A Rita e a Francisca tiveram desvelos maternos para com Filipe, a primeira por já não ter com quem repartir tais afectos, a outra por se achar eternamente reconhecida pela intervenção providencial do senhor tenente na hora em que os bigorrilhas tinham querido escaqueirar a casa dos patrões. E recordaram ambas, entre suspiros, os arriscados episódios de mensageiras dos seus «meninos». Sentiu-se Filipe pouco à vontade com aquelas reminiscências, que lhe remexiam nas feridas da honra e do coração. A expressão séria e fechada que assumiu devassara-a o olhar vulcânico da mulata, a achá-lo uma perfeição de rapaz e a arrenegar-se, cheia de remorsos, por estar ali pasmada a apreciá-lo, quando o seu João mal arrefecera de todo. Não pôde, porém, enevoar o olhar langoroso que lhe deitou quando ele próprio se despediu, de regresso aos seus deveres de soldado.

No dia 24 de Setembro, desembarcou em Lisboa com a imperatriz sua madrastra uma formosa menina de catorze anos, que viria a ser o

vigésimo nono soberano de Portugal sob a designação de D. Maria II. Ancorou o vapor ao largo do Cais da Pedra, saudado pelas salvas das esquadras portuguesa, inglesa e francesa surtas no Tejo. O imperador e o marechal Saldanha foram a bordo. Ao leme da galeota que conduziu suas majestades a terra vinha o almirante Napier, que D. Pedro já fizera visconde do Cabo de São Vicente. Todos os barcos estavam embandeirados, com a marinhagem nas vergas, o ambiente era de festa e regozijo geral. O cortejo partiu do Terreiro do Paço com grande pompa, incluindo numerosos coches e carruagens da Casa Real, escoltados por lanceiros, percorrendo as ruas entre alas duma grande multidão, sob as janelas ornadas com colgaduras e flâmulas azuis e brancas, até à Sé onde se cantou um solene Te-deum e, depois, até ao Paço das Necessidades onde houve beija-mão.

Reinava a jovem D. Maria II, no momento em que punha o pé no seu reino, nas cidades de Lisboa e Porto e nas praças de Marvão e Peniche, que o resto ainda era dos miguelistas, dos frades e dos bandos de salteadores.

O povo, que na capital dançava nas ruas à luz dos fogos-de-artifício e ao som das bandas militares, era o mesmo que rodeara as forças absolutistas, que se submetera ao fanatismo fradesco e aplaudira as montarias aos liberais, durante anos a fio. Não seria necessário arranhar aquele verniz de festa para ver o que estava por baixo, e era a alma acomodando-se aos moldes da história que os vencedores escreviam, ainda que os corações pulsassem ao ritmo secreto das nostalgias, dos mistérios, das superstições. Os decretos não mexiam nas consciências, e a nobreza, em grande parte repudiada pelos ressentimentos do regente, rosnava na sombra uns sarcasmos mordazes que circulavam em papéis que destilavam o veneno das divisões e dos interesses que escapavam ao milagre da liberdade. Quando se pretendia convocar as câmaras, apareceu um «decreto» irónico que dizia «... sou servido a baixar à indignidade de pares as criaturas seguintes...», assinava-o « Pedro, ex-imperador, ex-rei,

ex-duque e ex-cidadão português».

No campo de D. Miguel caía em desgraça o derrotado Bourmont, recambiado, e o novo salvador era o marechal Macdonell. Havia delírios extraordinários, intervenções milagrosas, mas já vinham de fora, do estrangeiro, porque se esgotava a veia nacional da providência -era a Áustria que acorria a ajudar, era uma esquadra russa mandada pelo czar com tropas de desembarque, era a Espanha enfim que a morte de Fernando VII havia de fazer bascular para o lado de D. Miguel. Tudo quimeras que mantinham a chama bruxuleante que ateava os fogos fátuos do miguelismo, de arma ao ombro às portas da capital e de guerrilhas calcorreando inutilmente o interior do reino.

No dia 10 de Outubro, os liberais, tendo finalmente uma considerável supremacia de efectivos, desencadearam um ataque geral às posições inimigas diante de Lisboa. Derrotaram-nas em toda a linha, após combates sangrentos que duraram todo o dia, revelando o general Macdonell indiscutível habilidade táctica na única manobra que podia prestigiá-lo - uma retirada bem organizada.

Quando a noite caía, D. Miguel e Macdonell seguiam já com o grosso das tropas na direcção de Santarém e o imperador regressava às Necessidades.

Os morros escavados dos arrabaldes da cidade, entre Loures e a Mealhada, estavam juncados de despojos e mortos, que a luta fora ali violentíssima. Junto a um armão abandonado, o corpo de um lanceiro miguelista, confundido com os cadáveres que o rodeavam, estremeceu e, como que regressando das trevas da morte, soergueu-se. Emergindo do pesadelo, encostou-se ao rodado do armão, palpou o corpo, o rosto, a cabeça, cujos cabelos estavam empastados em sangue. Latejava-lhe a nuca numa dor tremenda. Era o alferes Manuel de Sousa, morgado do Gradil, que se achava ressuscitando no meio dos mortos, da noite e da solidão. Arrastou-se até ao corpo de um soldado, abriu-lhe o dólman, rasgou-lhe a camisa e, lutando com uma vertigem que quase o prostrou,

enfaixou a cabeça naquele pedaço de trapo. Com um esforço muito gemido, levantou-se, apoiado à coronha duma espingarda e, fazendo dela bordão, pôs-se a descer a colina, cambaleando, em direcção às luzes dispersas da vila de Loures.

Manuel de Sousa tinha ali perto, na igreja do Barro, o filho dum criado da casa de seu pai, que para lá fora ao serviço do pároco. Tropegou até lá, desviando-se das fogueiras dos bivaques liberais e das ruelas do povoado, das cainçadas açuladas e de algum cajado ligeiro, que os havia sempre prontos em noites de desassossego. A igreja parecia deserta e nem uma luz denunciava presença de vivalma. O Manuel, arrostando com as dores e as tonturas, deu duas coronhadas no madeiro roble do portão, respondeu-lhe um cão ladrando furiosamente atrás de uma devesa. Deu a volta ao muro do passal e descobriu uma porta estreita que dava para a cortelha duma choupana de onde se escoava uma luz fraca. Bateu. Surgiu pela frincha o rosto tisonado dum saloio de barrete.

- Tu não és por acaso o filho do Bodegas! - titubeou, enevoando-se-lhe a vista.

O outro abriu a boca falha de dentes, muito pasmado.

- Saiba vossa senhoria que sim. E rais ma partam se vossa senhoria não é o morgado do Gradil onde o meu pai era cocheiro! Ora entre lá, que me parece vir bem moído das arrochadas dos malhados... Bem fizeram os curas destas freguesias, que fugiram todos.

Meteu o morgado dentro, ajudou-o a sentar-se no catre, deu-lhe a beber da água da bilha, fresca, com um travo a barro.

Que se deixasse estar enquanto ele ia buscar Júlia Crava, mulher de virtude, que também sabia de cabeças rachadas.

O alferes Manuel de Sousa delirou três noites e dois dias, resistindo, sujeito aos emplastros da Crava sobre a brecha da cabeça e aos chás de ervas esquisitas para lhe «purgar os sangues». Ao terceiro dia recobrou o siso e ao quarto, teimando contra a curandeira e o filho do Bodegas, meteu-se numa farpela velha do anfitrião, esportelou umas

moedas escapadas à guerra, escarranchou o burro abandonado pelo padre, atirou para as costas um alforge com boroa e chouriço, encafuou nas grenhas enfaixadas um chapelão sebento, deu duas chibatadas na garupa do jumento e apontou-o às oito léguas que o separavam de casa.

Não lhe eram estranhos os atalhos por onde forçava a azêmola, de tal modo que, tendo saído do Barro a matinas, estava à vista do Gradil ao lusque-fusque. Ao dobrar a curva da estrada, de onde se divisava o muro da quinta dos Almeidas, adivinhou a sombra dum cavaleiro seguido dum perro. O coração deu-lhe um grande coice no peito, repuxou a arreata do burro e perguntou-se se não era sonho. Reconhecera aquela trindade cujo apartamento o amolecera de saudades nas areias algarvias, nos plainos alentejanos e nos outeiros estremelhos.

- Cunegundes! Ó Cunegundes! Minha Caceteira de mil diabos!

E aventava-se do jumento abaixo, a correr de braços abertos para os dela, que já desmontara o baio, indo à frente o lobo Soberano, que reconhecera o outro bípede a quem distinguia com respeito e fidelidade.

Diziam uns que fora dos eflúvios do sangue da vingança, outros dos tormentos das masmorras, que os havia padecido dos piores. O certo era que nem a afectuosa protecção da família Souza Atayde nem as semanas de convívio nas trincheiras liberais haviam salvo Francisco Alves da loucura.

Consumado o crime nas linhas das Águas Livres, intervieram o capitão Souza Atayde, que comandava o batalhão fixo em que o Alves se incorporara, para livrá-lo das consequências do seu acto, secundado por outros companheiros dos cárceres de São Julião da Barra. Não tinham, porém, sido necessários muitos argumentos, porque o sargento transpusera visivelmente aquela última fronteira entre a razão e a demência de que tão próximo estivera na Torre. Era uma loucura mansa, povoada de silêncios e insónias, primeiro nos aposentos dos criados da casa dos Souza Atayde, no bairro da Sé, mas logo trocados por uma incansável vagabundagem pela cidade, com poiso nos portais das igrejas e

nas távolas das tabernas onde, solitário, comia umas sopas, um naco de pão, recusando toda a espécie de vinho e tratos fosse com quem fosse. À entrada dos templos soltava a voz cava e roufenha:

- Esmola para um penitente! E ao mostrador das tascas:

- Caldo para um pecador!

Em breve a roupa se transformou em andrajos, os cães uivavam-lhe às canelas, os gandulas maltrapidos perseguiram-no com surriadas. Não se conhecia o seu nome e ele próprio parecia tê-lo esquecido, como se tivesse queimado a memória e apenas restassem vestígios do fumo em que se evolaria o passado. Chamavam-lhe o Tio Ninguém, deixavam cair uma moeda no chapéu de abas largas e passavam. Ele levantava os olhos aos céus, num agradecimento mudo, e uma breve cintilação nos olhos vítreos parecia romper o seu mundo de névoa, num instante que logo se extinguia.

- Misericórdia para um condenado!

Num domingo de Outubro, bafejado por uma brisa fria, precursora, a Rita da Silva, saindo da missa de São Domingos, desembolsou três vinténs e deixou-os cair no chapéu dum mendigo velho e de barbas encanecidas, acorrido ao cimo da escadaria de pedra. Ele arrebanhou, pressuroso, as moedas com a mão trémula, quis devolvê-las e, rolando-lhe pela cara uma fiada de lágrimas, vozeirou:

- Não as quero! Não as quero! Leve-as, pelo sangue do seu filho!

A mulher arrepelou a fimbria da saia que ele agadanhava e estugou o passo, muito nervosa. Atrás dela ecoava a voz soturna do Tio Ninguém:

- Misericórdia para um pecador! Compaixão para um penitente!

A Rita não reconheceu o antigo compicha do filho que abancara um par de vezes à sua mesa do bairro do Castelo. Mas passou a evitar aquele pobre de Deus com olhos de doido, que lhe recusara a esmola pelo sangue do seu filho.

O marechal perseguia o inimigo, à distância, vale do Tejo acima, Alverca, Vila Franca, Castanheira, Vila Nova, Azambuja. Chegou ao

Cartaxo e parou, estabeleceu o Quartel-General, tinha cinco dias de atraso e os miguelistas barricavam-se em Santarém.

Por trás dos óculos de aros de metal redondos, os olhos do marechal João Carlos de Saldanha Oliveira e Daun tinham um brilho quase agaiatado que nada lhe descontava na firmeza. Era um olhar que dissimulava a aventura, que não o gosto de viver. Por trás desses óculos de aros de metal redondos cintilavam ainda outras contradições, talvez a cobiça e a atracção do perigo, certamente o prazer de cultivar a paixão dos homens, a dos seus. A cavalo, de braço estendido, horizontal, rematado num indicador carismático, ambicioso, ganhador, o marechal estava ultrapassando a vontade das vitórias com a vontade do Poder. A guerra haveria de durar o suficiente para lhe dar ambas as coisas. Portanto, Quartel-General no Cartaxo, um olho nos mapas, o outro nos políticos. De Espanha, por uma vez, vinha bom vento - Isabel, uma menina de três anos, no trono, a mãe Maria Cristina regente, D. Carlos preterido, metido com o Miguel, de corte pindérica, em Abrantes. Em Lisboa, Palmela, como uma raposa à espera de ver franqueada a capoeira, acusava, «aqui fazem-se as maiores asneiras possíveis governamentais» -começara a carreira diplomática em Florença, nos braços de madame de Stàel; era um émulo com duas sérias desvantagens, ser um europeu e não ter um exército. Logo: Saldanha demorando o Quartel-General no Cartaxo. Terceira não tinha ambições, contentava-se com a honra dos louros. Napier agitava-se, impaciente, acudindo ao Algarve, a Setúbal, a Santiago - era um marujo aventureiro, queria ganhar a guerra depressa e voltar para casa ou para outra aventura. Silva Carvalho era um agiota útil. Os outros não contavam. Depois o marechal pensava nas suas criaturas, Liberato, os Passos e o próprio Palmela - porque não? - que só não queria ficar para trás e era bom para sossegar Londres, Paris, Madrid. Entretanto, o Inverno instalava-se.

No Cartaxo, Nuno de Almeida e Filipe de Villepin contavam os dias, as semanas. Do Porto vieram duas cartas de Clara, Nuno respondeu

com outras tantas - os projectos dos dois tornavam a guerra mais lenta, mais longa. Filipe disfarçava a inveja daquela serena promessa de felicidade, ele que se agarrava desesperadamente à esperança de rever, de recuperar Christine. Bebiam um vinho espesso, com excesso, como se estivessem a afogar o tempo, recordando Paris, os salões e as barricadas, as mulheres, o cancan de Minilmontant, os bailes dos Sauvigny, o Tortoni, o Café Lamblin, os bilhares do Café Français, a estreia do Hernani, a casa de madame Juliette, Raimundo da Anunciação, o Armando e o Peniche, ambos combatendo em nome dum ideal que, quando a morte os ceifou, tinha o nome simples de saudades da terra. Da guerra não queriam trocar lembranças nenhuma, estava demasiado viva e sangrenta nos seus espíritos e eles haviam já perdido o sentido que os empurrava para a luta e custava-lhes reconhecer que a banalidade da morte, a rotina dos acampamentos, o silvar da metralha, a lama das trincheiras, o cintilar das lâminas das baionetas e dos sabres, as cargas da cavalaria tinham pouco a pouco esmagado, retalhado, trespassado, estropiado a ideia que eles cantavam nos bistrots de Paris, três anos antes, nas estrofes da Parisienne, na Ode à La Jeune France, nos versos de Béranger. Estavam sentados à mesa rústica duma casa camponesa, de chão de terra batida, um bolete modesto, no meio do grande bivaque da vila do Cartaxo, e bebiam compenetradamente um vinho escuro, forte, grosseiro, em tigelas de barro vidrado onde se incrustara um sarro antigo. E ocultavam um ao outro a galeria dos mortos que se perfilavam nas suas memórias, quando se calavam buscando o modo urgente de os sepultar sob as palavras, de os dissolver no álcool, de os incinerar nas fogueiras do tempo que escorria com uma lentidão viscosa sobre as suas vidas adiadas. Também o capitão Goriot caíra para sempre, numa escaramuça perto de Braga...

A noite chegara e lá de fora vinha o grulhar dos soldados, o rolar dum carro de bagagens, uma colher percutindo o metal duma marmita, o relincho dum cavalo. Subitamente, o estrépito duma carruagem refreando a marcha, o resfolgar das bestas de tiro, o estalar dos tirantes, o ranger

dos tacos dos freios e umas gargalhadas agudas, um cristal de vozes femininas, uns gritinhos. Nuno disse ao impedido que lhes enchia as tigelas que o dispensavam, que se apressasse, se queria desfrutar das rameiras que estavam a chegar. O rapaz resmungou que aquelas não eram para dente de soldado, mas mancebas finas, sobremesa de oficiais. Filipe ergueu-se impulsivamente, enevoado pela tonteira do vinho.

- A elas, alferes Almeida! À carga!

E disparou porta fora, com o dólman pelos ombros, tropeçando, numa euforia vertiginosa. Nuno seguiu-o lentamente, dizendo de si para consigo que eles já não eram mais que soldados em campanha.

Em Santarém, uma corte trapalhona, guardada por soldados esfarrapados e descalços e uma multidão de fugitivos, nobres, funcionários, magistrados, clérigos. Um rebanho de quarenta mil balindo ao pastor Miguel, acossados, de terra em terra, lutando por um tecto, uma enxerga, um pedaço de pão de munição. E rosnando aos adutores, os das traições insinuadas, que o rei protegia por não haver outros e de quem ouvia os conselhos, de derrota em derrota. Correram com o velho duque de Cadaval, que se deixara enganar em Lisboa. E dava crédito a novos áulicos ainda mais incapazes, o Galvão Mexia, o Gaudêncio Torres, e a fiéis sem rasgos Molelos que deixara abertas as portas de Lisboa, o Mascarenhas, o Gaspar Teixeira, feroz e bronco, o general MacDonell, o das retiradas estratégicas; e andava saudoso do conde de Basto, o polícia, melífluo, que chafurdara na vasa mais reles da vingança, a da desgraça geral - «se a pescada cair nas mãos dos malhados, tão moída será que mal a poderão comer.» Porém...

«D. Pedro vai, D. Pedro vem. Mas não entra Em Santarém.»

Não era uma trégua, porque nos postos avançados se continuava a morrer e a matar. Do Vale de Santarém à Zambujeira cavava-se mais uma trincheira de ódios renitentes. Na margem sul, a cavalaria miguelista operava à vontade, ocupara Salvaterra, descia sem oposição nem objectivo em reconhecimentos até Aldegalela e à Moita. O grosso da tropa apodrecia

em Santarém, onde a cólera e o tifo grassavam, as ilusões alternavam com as intrigas e, no fundo, apegavam-se as gentes à esperança dum milagre qualquer, do milagre de quase todo o povo continuar a ser miguelista, inutilmente.

O coronel José de Almeida olhava para o futuro sem contemplações nem equívocos.

- Sempre estive disposto a dar a vida pelo meu rei. Agora, estou disposto a dá-la para lhe não ver o fim.

- Há outras saídas honrosas, meu coronel... - contemporizava o capitão Avilez.

- Negociar?

- Porque não? - ousou Segismundo.

- Porque não somos já sequer parte para negócios, capitão. Do outro lado já não está só um bando de canalhas revolucionários, está a Europa nova.

Assistimos daqui, do meio destas pedras velhas cheias de história, ao fim dos reis. Mais umas décadas e acaba-se a raça. Vem aí o governo dos banqueiros, os impérios do dinheiro. E a tal liberdade para engodar o povo, que esse nunca há-de ser livre.

Daquelas vetustas muralhas das Portas do Sol, onde palestravam, derramavam um olhar outoniço, melancólico, sobre os campos planos até Almeirim, para lá da fita prateada do Tejo escurecendo sob os cirros.

- Ó meu coronel, reis existirão sempre. Os Braganças também estão do outro lado e juram por uma rainha.

- A eternidade... - murmurou desdenhosamente o coronel. - Nem sei já se Deus é eterno, se tanto o estão ofendendo os seus inimigos mortais, os sacrílegos que andam a saquear os templos e a perseguir os padres...

Veio uma ordenança chamá-los. El-rei decidira passar revista aos postos avançados.

O coronel Almeida comandava a escolta de lanceiros, descendo a encosta do morro onde se alçava a vila de Santarém. Seguia atrás do Estado-Maior, no qual já não se via o último salvador, o Macdonell, despedido como os outros, deixando o lugar ao indeciso Póvoas. José de Almeida olhava o rei, muito direito sobre o cavalo a passo, taciturno, envolvido no capote preto, bicorne com a roseta tricolor ocultando os cabelos negros encaracolados - o rapaz tornara-se um homem de rosto vincado, de nariz mais adunco, olhos mais sombrios, lábios mais estreitos. José de Almeida olhava o rei e experimentava uma espécie de compaixão, um sentimento que nenhum rei deveria nunca inspirar aos seus súbditos, mas que lhe surgia tão forte como a raiva aos incapazes que o rodeavam e que haviam tido nas mãos um destino diferente.

Chegados ao reduto duma bateria de 9, em frente das terras alagadas da Asseca, o coronel José de Almeida ergueu-se nos estribos, desembainhou a espada e clamou com voz firme:

- Viva o senhor D. Miguel II! Viva el-rei de Portugal! Os artilheiros, os infantes, os cavaleiros vozearam dois clamorosos vivas, dois urros de fera alanceada, que ecoaram pelo pantanal até às linhas inimigas.

O coronel deixou correr duas lágrimas que se perderam nas barbas estriadas de fios brancos. Estava jurando a si mesmo que tudo faria para não sobreviver ao fim dos reis, ao fim da História.

Notícias de Lisboa chegaram à quinta do Gradil pela mão dum recoveiro mandado pelo procurador da casa. Por ele se ficou a saber que a intervenção providencial dum tenente pedrista evitara o saque da mansão da Lapa. O diligente procurador, servil integralista no tempo das perseguições aos liberais, não regateava agora elogios a um tal tenente Filipe de Villepin, que, segundo a criadagem, enfrentara sozinho uma turba de meliantes que se preparavam para assaltar a residência de José de Almeida. D. Leonor deu a carta a ler ao padre Domingos, que vivamente aconselhou que se ocultasse de Margarida tal informação para não lhe reavivar esperanças insensatas. Segundo o seu judicioso parecer, aquilo

não passava de mais uma artimanha diabólica do mação para perder a menina, introduzir na família o germe da malhadice e interferir perniciosamente no crisol da expiação que parecia estar produzindo efeitos redentores na alma de Margarida.

Não puderam, porém, os esforços combinados do abade e de D. Leonor evitar que chegasse às mãos de Margarida, dias depois, pela posta de Torres Vedras, uma carta de Filipe. Se tivessem conhecimento do seu conteúdo, não se afadigariam a escamoteá-la. Era uma epístola que ressumava uns mordentes remorsos e comunicava o rompimento dum noivado clandestino que durara uns bons cinco anos. Margarida fechou-se no quarto, chorou de indignação e de orgulho ofendido e destruiu furiosamente a carta, rasgando-a em mil pedaços que se entreteve depois a queimar um a um na chama da vela. Revia os anos de convento, tanto tempo perdido, e surpreendia-se por não restar daquele repúdio mais que um travo de desdém, em vez do desgosto ou mesmo do ódio que a consumiria, se os seus pensamentos não se alvoroçassem por Segismundo Avilez, que não seria o pêlo do mesmo cão mas interpretava com elegância e delicadeza o fim dos sobressaltos. Aguilhoava-a também o não ter tido a coragem de se antecipar à ruptura. Sondava os mistérios do coração e já não encontrava as causas profundas do seu abandono de anos a fio a uma quimera e começara mesmo a admitir que tudo não passara dum desafio à autoridade paterna, ao despotismo com que se traçavam os destinos e ao arbítrio com que se metiam as almas nas baías da religião interpretada por padres venais e ignorantes. Empurrava assim para o esquecimento a paixão que sofrera no convento, architectando uma lógica que lhe salvasse o orgulho e lhe desse a ilusão de agir segundo a sua vontade.

- Sabes, prima... Estou decidida. Acabando a guerra caso-me com o Segismundo.

Cunegundes mirou-a com malícia. Soubera que ela recebera uma carta misteriosa e achava bizarra a coincidência daquele desabafo.

- Muito folgo, prima Margarida! Que mais vale um realista

alfe-nim que um malhado letrado. Antes um noivo na mão que um amante a voar - congratulou-se com muita ironia.

Cunegundes, que só não era águia por não poder voar, reavera o seu homem e estava matando energicamente as saudades do seu «bafo no gasnete», adoçando-lhe a convalescença nos ardentes encontros amorosos do refúgio da Cotovia. Os rudes relatos que ele fazia das coisas da guerra e as insinuações de traição e falta de coragem dos generais e dos conselheiros do rei revoltavam-na e incutiam-lhe um furor bravio de despiques decisivos. O que mais a fascinava eram os contos das andanças da guerrilha do Remexido no Algarve, com quem andara uns tempos o Manuel de Sousa. Revia neles os agrestes atributos do povo miguelista, o escachar impiedoso dos estrangeiros, a inflexibilidade duns taliões rústicos que sabiam mais da justiça das suas mãos que todos os meirinhos e magistrados do reino. O Soberano estremecia nuns sonhos de lobo, esteirizado num sono inquieto aos pés deles, cantando lá fora uma chuva poderosa, único som duma noite de Inverno, amenizada pela fogueira de gravetos que punha reflexos amarelados nas paredes meio arruinadas do moinho abandonado.

- Ó Manuel, mal tenhas a cachola sarada, vamos para o Remexido... Ou então lá para o Norte, que os Mendonças de Vila Real, os meus cunhados, andam a armar umas guerrilhas para acabar com a raça dos malhados..

E chegava-se para ele, debaixo da manta merina, encontrando no corpo maciço do homem mais calor que no lume cujas chamas faziam dançar nas pedras a sombra dos gestos com que se amavam. Ele acolhia-a nos braços possantes, dava-lhe umas marradinhas ternas como que a demonstrar o bom estado em que já tinha as juntas da caixa craniana, e prometia:

- Arrebentando as primeiras giestas, a gente vai...

Estava-se em Janeiro. A Caceteira calculava de cabeça uns dois meses de espera.

Depois do Natal de 33, a Gracinda aliviara o luto, despeitada por se lhe ter voltado a fechar a casa da sogra, que se limitara a enviar por um mandarete umas broas de mel e umas prendas de vestir à neta. Os crepes, aliás, nem lhe iam à feição nem ao temperamento. Tendo deixado a menina entregue à vizinha do segundo entrou o ano a dançar uma polca com um sargento inglês da tropa embarcada do almirante Napier, num barracão devoluto ornamentado com festões e luminárias, a Alcântara, num revêillon muito molhado de vinhos e genebra. Encontrou duas companheiras da gandaia de outras eras, bem acomodadas com estrangeiros do exército libertador. Saudaram-se como damas de situação. Mas, no auge da festança, abrilhantada por uma partida de músicos da esquadra que até metia gaitas-de-foles, estalou-se-lhes o verniz e andaram envolvidas numa querela de apalpões ilícitos, que degenerou em tapona entre portugueses e ingleses. A Gracinda pôs-se neutra, num canto, a ver o que dava o duelo entre o sargento inglês, fininho e ruivo, e um patilhudo atarracado dos batalhões móveis. A agilidade simiesca do ruivo e a bruteza tourina do moreno equivaleram-se. E a coisa acabou de madrugada, na casa da Rua Fresca, com o Smith entre lençóis, após aplicação de pachos de água fria no olho negro. A Gracinda, no rescaldo do incêndio extinto pelo sargento, que roncava um sono solto a seu lado, estava de espertina, a deitar contas à vida, que, pelos vistos, não se dava com solidões que ela aguentara aqueles poucos meses, na esperança vaga de fazer jus às aspirações do defunto quando a promovera a senhora e a levava aos teatros e a Belém de carruagem. Provara e gostara daquelas casquilhices finas, das sedas caras e dos chapéus da Rua do Almada, mas, por mais voltas que desse, a sua natureza acabava sempre puxando-a para de onde viera, arisca aos fingimentos do teatro da vida, rebelde às conveniências, dócil aos impulsos do sangue mesclado, honra e maldição, herança de império feito por artesãos e degredados - mulher da vida, talvez, mas certamente mulher de muita vida.

Manhã alta, ouvindo a restolhada do papagaio que a vizinha

arejava na sacada do segundo, deu pressa ao Smith, que se pusesse a andar. Prometeu-lhe sem dificuldade repetição da brincadeira, se o navio não zarpassse numa das expedições súbitas do almirante Napier. Para tal, não hesitou o homem em declarar-lhe amor eterno. Vendo-o pelas costas, correu à vizinha, tomou a menina nos braços, meteu-se em casa, mudou-lhe os cueiros, deu-lhe a papa e pôs-se a soletrar de alto os folhetos dos monstros, talvez para habituar a filha àqueles seres excepcionais, horrendos, mas mais inocentes que os homens que juravam paixões que se esqueciam mais depressa que Os espasmos duma cópula.

Jamais detivera a Gracinda a sua galopada desenfreada para dar balanço ao futuro. O dia-a-dia bastava-lhe para se maravilhar com surpresas plenas e a única coisa que desejava do provir era que se lhe acabasse a corda de repente, antes que os seios amolecessem, que as rugas lhe vincassem a face, que algum cabelo branco a traísse, que a vida, enfim, começasse a acabar-se antes da morte chegar.

A menina pairava, amarrotando com as mãozitas abertas a literatura monstruosa, como que a contrariá-la. Ela abraçava-a, embalava-a e dizia-lhe:

- Está sossegada, Ritinha. Hei-de durar sã que nem um pêro, até que possas ir-te à vida sozinha. Como eu.

No dia 12 de Janeiro, os lanceiros do general Bacon tiveram ordem de acompanhar o marechal Saldanha, que partia do Cartaxo em campanha contra Leiria e provavelmente Coimbra, ficando o duque da Terceira à frente das tropas diante de Santarém.

Nuno e Filipe foram, portanto, com o marechal, seguidos por um destacamento da Cavalaria 10 em protecção da artilharia e pelos regimentos de Infantaria Ligeira da Rainha e Caçadores 5, tendo alcançado a Batalha, após dois dias de marcha penosa sob uma chuva diluviana. No dia 15 pela manhã estavam em frente de Leiria. Perante o ataque conjugado das colunas do coronel Xavier e do general Shwalbach, a guarnição do castelo decidiu-se pela retirada na direcção da estrada de

Coimbra. Partindo da aldeia de Poisos, de onde observavam os movimentos do inimigo, os homens de Cavalaria 10 e os lanceiros carregaram os miguelistas em retirada, destruindo-lhes equipamento e bagagens e fazendo numerosos prisioneiros. Perseguidos mais de uma légua, os realistas foram destroçados, perdendo cerca de mil e quinhentos homens entre mortos, feridos e prisioneiros.

Foi nesta acção que Nuno de Almeida ganhou os galões de tenente, impostos pelo marechal Saldanha em ordem promulgada após a batalha.

Tendo deixado o coronel Vasconcelos como governador da cidade, com parte da infantaria e artilharia, inflectiram a marcha para Ourem, e a 25 atacaram Torres Novas, onde se encontrava, além de duzentos voluntários realistas, um forte contingente dos temíveis dragões de Chaves. A cavalaria liberal da vanguarda aguardou que se lhes juntasse a coluna de Shwalbach, avançando depois sobre a cidade por duas direcções. O inimigo, em inferioridade retirou protegido pelos dragões, que por duas vezes tentaram formar os esquadrões para o contra-ataque, batendo-se com grande bravura mas saindo derrotados e perseguidos com muitas baixas. A Cavalaria de Chaves era justamente considerada como uma unidade de elite dos miguelistas e a sua derrota constituía para eles um rude golpe.

Depois do confronto de Torres Novas, Saldanha destacou forças para a Golegã e Pernes. Era sua visível intenção aumentar a pressão sobre Santarém pelo norte e obrigar o inimigo a empenhar parte das suas forças para tentar opor-se-lhe, enfranquecendo a frente sul e a própria cidade. Mas, uma vez mais, as rivalidades entre os chefes militares, temperadas pelos interesses políticos, inutilizaram os objectivos estratégicos da campanha, sobretudo após a vitória obtida em Pernes no dia 29, em que as forças liberais venceram os cinco mil homens dos generais Canavarro e Bressaget. O duque da Terceira, porém, não aproveitou a ocasião para atacar a Ponte de Asseca, consideravelmente desguarnecida, o que poderia

ter aberto as portas de Santarém. Como isto não se verificou, Saldanha regressou ao Cartaxo em 1 de Fevereiro, depois de três semanas de campanha vitoriosa, mas sem nenhum decisivo fruto estratégico, para além da ocupação de Leiria e das perdas causadas ao inimigo.

Ao voltarem ao Cartaxo, Filipe e Nuno demandaram o boieto, na mesmíssima casa camponesa, onde os esperava um bom fogo de azinho na lareira e uma lauta refeição preparada pela senhora Amélia, a mulher do caseiro, uma alentada matrona que os tinha adoptado com um afecto esmagador e reconhecida competência em matéria de gastronomia rústica. Saudou-os, muito gárrula, pediu licença para abraçar o senhor Almeida quando soube que ele tinha sido promovido e, embora mostrasse um genuíno contentamento por ver de regresso os seus hóspedes, não resistiu a resumir-lhes em verso, que andava por bocas impacientes e mordazes, os trapejos militares que se arrastavam sem fim à vista:

- Saldanha para cima, Saldanha para baixo.

Mas não passa do Cartaxo.

- A Ti Amélia deu em poeta... - comentou Nuno.

- Valha-me Deus, Sr. tenente! Poeta? Então isso inda não é pior que chamorra?...

Riram-se os dois homens e ela disfarçava a confusão, muito vermelha, atulhando-lhes os pratos com mais umas conchas de feijoada.

- Está vossemecê aqui a empanturrar dois malhados e com medo de ser chamorra?! - observou Filipe, com uma garfada a caminho da boca.

- É por via do abade, que fugiu para Santarém com o senhor D. Miguel e nos fazia rezar por ele nas missas do domingo, pelas endoenças e ao terço. Que eu de reis e de franceses nunca entendi nada, graças a Deus. E, por falar de reis, o senhor D. Pedro está cá no Cartaxo, dormiu a noite passada na quinta do Dâmaso, onde está o Quartel-General. Dizem que lhe deu um translomanglo por via duma doença do peito, que até cuspiu sangue e tudo.

Os dois amigos entreolharam-se com ar grave. A senhora Amélia

encheu-lhes as tigelas de cartaxano e confidenciou:

- A Maria d'Azenha, que é benzedeira, mulher de virtude e lê a vida da gente nas cartas, até disse qu'aquilo é do Berzebu andar aos pulos dentro do imperador, que Deus guarde, com licença dos senhores tenentes. Quem o diz é ela... Que eu de crendices estou na mesma como com os reis. Não entendo népia.

E benzeu-se três vezes, rematando com um beijo no polegar. Entrou um grupo de oficiais, dos que não tinham participado nas operações comandadas pelo marechal Saldanha. Traziam mais umas garrafas de vinho para «molhar os galões» de Nuno de Almeida. Filipe descreveu-lhes o destemor da investida do novo tenente na carga que desbaratara os miguelistas à saída de Torres Novas, sobretudo quando ficara isolado, no meio dum pelotão de caçadores, levando com o seu exemplo atrás de si todo o esquadrão.

Um jovem alferes de infantaria perguntou-lhe o que sentira nesses momentos de glória. Nuno olhou-o com ironia, muito sereno, e decepcionou-o:

- Um grande medo, meu amigo... Senti um medo desesperado que só podem confessar aqueles que são olhados como heróis.

- Pois sim - atalhou Filipe. - Mas é mais difícil e meritório dar a volta ao medo que ignorá-lo.

Fez-se um breve silêncio e só os veteranos daquela guerra entendiam bem o sentido das palavras dos dois tenentes. Romperam em brindes e o tilintar dos copos parecia um simbólico rebate com que pretendiam esquecer a fragilidade das suas vidas, as contingências dos heroísmos e das reputações.

Confirmaram os oficiais que o imperador pernoitara no Quartel-General, por ter sofrido mais uma hemoptise, parecendo estar-se agravando o seu estado de saúde. O duque da Terceira enfardelava bagagens para voltar a Lisboa, comprovando-se os desentendimentos com

o marechal Saldanha, que, cada vez mais, impunha a sua lei e vontade nos negócios da política e da guerra.

No dia seguinte, Filipe de Villepin recebeu uma carta do Porto. Era do sargento Bavard e contava, na sua linguagem colorida, episódios da resistência das tropas do velho general Stubbs, muito desfalcadas das melhores unidades que marchavam para o Sul e enfrentando alguns assaltos da divisão miguelista do general Almer. Informava sobre as surtidas que haviam feito e como, numa delas, tinham chegado a Penafiel quase da mesma forma como no começo da guerra. Segundo ele, o que mais temiam era as guerrilhas, não porque se batessem bem mas porque massacravam quase todos os prisioneiros que lhes caíam nas malhas. Contava que a dois soldados franceses tinham pregado as mãos a uns madeiros, dentro dum palheiro a que deitaram fogo, perecendo aqueles desgraçados queimados. Acontecera isto entre Valongo e Paredes, estando eles a tão pouca distância que ouviam os gritos lancinantes dos supliciados. «Quando eu era rapaz, vi coisas horrendas durante a revolução de 93. Mas nada que se parecesse com a crueldade das guerrilhas espanholas, durante a campanha peninsular do exército do imperador Napoleão e agora com a destes facínoras, que fogem de enfrentar-nos cara a cara e seguem com cego fanatismo as cruzes dos frades e saltam como abutres sobre carne podre quando farejam alguma coisa de que roubar» - dizia Jeannot na sua missiva. Mais acrescentava que aquele major brasileiro qui se promenait avec cet enorme oiseau emplume et un géant qui le suivait toujours fora morto durante uma escaramuça nas posições da Foz, constando que deixara ao rapaz uma considerável fortuna. Pedia a Filipe que informasse Nuno que mademoiselle Clara se encontrava bem, sempre muito diligente no tratamento dos feridos do Hospital do Carmo -On voit dans l'ombre de son regard et dans la tristesse de ses soupirs combien elle est nostalgique de son fiancé. Revelava as preocupações que lhe dava a distância que o separava do seu capitaine de Villepin e insistia para que ele lhe mandasse

notícias, também de monsieur d'Almeida e da marcha da guerra no Sul do Reino. Julgando ir ao encontro dos interesses literários dos ilustres messieurs, enviava-lhes junta une feuille poétique que, meses atrás, celebrara a inauguração dum moderno café na Rua Nova dos Ingleses, que ele frequentava nas pausas do serviço:

SONETO.

PUBLICÁDO E DISTRIBUÍDO A 12 DE OUTUBRO DE 1833, POR OCCASIÃO DA ILLUMINAÇÃO, Que na Rua Nova dos Ingleses da Cidade do Porto se patenteou nesse dia de abertura DA CASA DE CAFÉ DO COMMERCIO.

Se brama pelos Ceos da Liberdade O espantoso trovão da Tyrannia;

Se cobrem trevas a Lusa Monarquia, Fulge o clarão da antiga Heroicidade.

Quanto cresce a despótica maldade, Assim dos Povos o valor porfia;

Com o CHEFE HE BRAGANÇA por seu guia Enchem d'assombro a vindoura idade.

Dias felizes , dias venturosos , Augura-nos o Ceo, em dons fecundo!

MARIA e PEDRO nos farão ditosos!

Daremos nobre exemplo á Europa, ao Mundo;

Que os Póvos de ser livres sequiosos, Calção do Despotismo o rosto immundo.

NA IMPRENSA DE GANDRA & FILHOS, 1833

«Eu não sei, messieurs», concluía ele, «qual o mérito do poema mas encontro-o certamente mais impressionante e sobretudo mais sério que o de algumas cantigas picantes das que nós cantamos à volta das fogueiras dos acampamentos.» Rematava enviando respeitosos cumprimentos ao tenente Tomás d'Aquino.

Filipe e Nuno olharam-se, avivando-se-lhes o desgosto, ao lerem

aquela frase final que lhes fazia presente a saudade do amigo perdido e o cuidado que lhes dava o destino da mulher e do filho de quem não conseguiam notícias.

Dias depois, veio a carta tão anelada meses a fio por Filipe de Villepin, a qual dizia o seguinte:

«Mon Cher, «Eu não precisava das labaredas que crepitavam nas linhas da carta que me mandastes para me aquecer com a vossa lembrança. Não sei, porém, de que serviria o triunfo da liberdade por que lutais sem a liberdade que o destino trouxe com o passamento do pobre barão de T., meu marido. Apesar de não vogar - sobre as águas revoltas do romantismo na moda, saúdo a vossa vitória iminente, que, suponho, poderá significar o nosso reencontro. Estas palavras de esperança não precisais vós de as mendigar como bálsamo para as vossas penas; se o coração as não ditasse, jamais cairiam sob os vossos olhos, porque a compaixão é a bastarda da paixão.

Por aqui vamos vivendo este novo reinado dos franceses, por intermédio do cavaleiro que ajudásteis, por meio de barricadas e tiros nos guardas suíços, a colocar no trono. Os vossos companheiros de 1830 fazem tudo para o demolir e as pessoas como eu comparam-no a um boutiquier du Marais. Sá Majesté Louis-Philippe julga pôr-se ao nível dos seus concidadões disfarçando-se, com muito mau gosto, de burguês, com uma casaca azul de botões dourados, colete branco, calça de nanquim com polainas e, à laia de ceptro, um chapéu-de-chuva, símbolo dos seus instintos pacíficos e do seu temor pelos temporais. É admirador incondicional de Monsieur Casimir Delavigne, um Racine de pacotilha, e de Monsieur Paul de La Roche, que é um Delavigne da pintura. Não se entende, em suma, o que no nosso soberano é mais ofuscante, se as boas intenções ou a falta de talento. Apesar da sua tolerância, ou fraqueza - segundo os pontos de vista -, os republicanos e bonapartistas não lhe perdoam que ele tivesse ousado colher a coroa dos Bourbons que atiraram para a sarjeta em 1830. Por outro lado, a conspiração da marquesa du

Berry, há cerca de um ano, foi uma dolorosa boufonnerie que, segundo consta, produziu um grande contingente de oficiais legitimistas para o vosso inimigo D. Miguel de Portugal, entre eles o também aí infeliz marechal de Bourmont. A História vai e vem, como as vagas do oceano, pelo que se achou perfeitamente natural a reposição da estátua do imperador no cimo da coluna da Praça Vendôme, em Julho deste ano. As obras do Arco do Triunfo da Étoile continuam o que sempre foram desde que me conheço - intermináveis.

Tudo aqui se torna, mais ou menos évasé, mesmo os chapéus da moda, que se assemelham aos da Restauração, mas, evidentemente, de dimensões mais reduzidas, e conhecidos por um nome que diz tudo, sobre os chapéus e sobre o resto; são os bibis, que mantêm um animado duelo com uma outra versão feita de palha a que chamam cabas oapaillassons. As boas, também conhecidas por infidèles, estão a cair em desuso e a tornarem-se décors du cancan, que no nosso tempo era uma dança clandestina - como de certo vos lembrais - e agora é um número obrigatório do vaudeville.

Desculpai-me, mon cher, estas futilidades, mas, se com frequência a moda é espelho da sociedade, desta vez ela é um espelho que amplia. De facto, o estilo Louis-Philippe arrisca-se a ficar na história como le triomphe de la laideur. Poder-se-ia dizer simplesmente que é o estilo burguês, pelo que não excluo que, um dia, se faça uma grande revolução universal contra a burguesia. Ela merece-o.

Madame Récamier continua a receber na Académie du Bois -é um matusalém mundano e Abbaye-aux-Bois uma Meca decadente dos literatos onde persiste monsieur de Chateaubriand, claro. Começa, porém, a estar muito ultrapassada pelo salão de madame Sophie Gay, onde pontificam Lamartine, Balzac, Eugène Sue, o harpista Labarre e dois talentosos pianistas chamados Liszt e Berlioz.

A eterna mademoiselle Mars, que tanto vos entusiasmou no Mouro de Veneza e sobretudo no Hernani, reapareceu. As mulheres não

lhe perdoam por parecer mais nova que a sua verdadeira idade. Uma palavra para a debutante talentosa do Théâtre Italien, une minette trèsjolie chamada Julia Grisi. Ah! Ia-me esquecendo de sublinhar a grande invasão dos palcos por uma avalanche de peças sobre Napoleão Bonaparte - compreende-se, porque como as glórias se nos tornam ariscas e raras, contentamo-nos em encená-las.

Vai esta carta excessivamente longa e espero que as minhas frivolidades não tenham submerso as primeiras linhas em que, contrariamente ao meu costume, vos expus com bastante clareza os meus sentimentos, a que agora acrescento a impaciência de esperar que se cumpram em breve les hasards du déstin.

Vossa, Christine.

Paris, 12 de Dezembro de 1833.”

Filipe reagiu a esta prosa com o fascínio e a indefesa das almas puras e apaixonadas. A alegria que lhe tornava o rosto transparente só tinha paralelo na pressa impetuosa com que queria terminar a guerra e precipitar-se para os braços de Christine. Não resistiu à tentação de mostrar a carta a Nuno, reftreando mal o triunfo. Este pontuou a leitura com dois sorrisos, um de satisfação pela felicidade do amigo, o outro pelo prazer daquela manifestação de espírito, de estilo, de personalidade. Calou alguma apreensão pelas futuras consequências do reencontro de tão forte carácter com o temperamento generoso de Filipe. Não conseguiu, porém, evitar o tom irónico com que exclamou:

- Já ganhaste a guerra, Filipe de Villepin!

- E tu também, Nuno de Almeida - respondeu o outro, com um alvoroço que fazia lembrar os melhores momentos dos seus combates pela liberdade, nas trois glorieuses, no cerco do Porto, na frente de Lisboa.

Nuno meditava nos tortuosos caminhos da liberdade e no modo como se entrelaçavam com os impulsos do coração. E concluía, com o seu clássico diletantismo, citando Dante:

- L'amor che move il Sole e l'altre stella...

Cerca das seis horas da manhã de 18 de Fevereiro, começaram os canhões miguelistas das posições à volta de Santarém atirando os ares brumosos que enregelavam os soldados dos piquetes, em frente da Ponte de Celeiro e, mais tarde, despejavam metralha sobre os redutos da Ponte de Asseca. O general Póvoas tinha cedido o comando ao general Lemos, a divisão de Almer e os contingentes de Reboxo haviam chegado do Norte, e tudo se conjugava para um ataque em forma às linhas liberais, com o objectivo de abrir o caminho para Lisboa.

Um clamor de vivas a D. Miguel ecoou sobre as posições liberais, como se os gritos dos homens estilhaçassem os cristais húmidos da neblina que transformava os soldados em sombras, quando as colunas de infantaria e os esquadrões de cavalaria se puseram em marcha. Manobraram as tropas de Saldanha para o flanco esquerdo, ao perceberem as intenções do inimigo e o principal lugar do assalto que intentavam, deslocando três regimentos para as colinas da Atalaia e para o Casal do Paul, perto de Almoester, colocando duas peças num outeiro que dominava a Ponte de Celeiro, mantendo o grosso da artilharia frente à Ponte de Asseca.

O choque das tropas ligeiras só se verificou pela tarde, quando as colunas de milhares de homens avançavam em linha na planície diante da Ponte de Santa Maria e a cavalaria progredira pela esquadra de Almoester, com os lanceiros de Bacon acompanhando-lhe o movimento do lado oposto dos cabeços, à espera de chegarem a terreno propício para o confronto.

A batalha foi renhida e violenta, mas o génio de Saldanha e a melhor disciplina e comando das suas tropas começaram a pesar e a abrir-lhe as vias para mais uma vitória. Os assaltos foram repelidos com baixas pesadas. Já ao pôr do Sol, nas alturas de Vila Nova, a cavalaria miguelista, com o intuito de proteger a sua artilharia ameaçada de envolvimento, carregou sobre as tropas da rainha. Os lanceiros liberais acorreram e o seu contra-ataque desbaratou os inimigos, quando a noite

caía e o marechal Saldanha mandara fazer alto, retirando as forças de Lemos derrotadas para dentro de Santarém. Foi nesta fase que Filipe de Villepin combateu com mais vigor e entusiasmo. Jamais o tinham visto com valor tão sereno, tão ousado, tão perspicaz na manobra e, sobretudo, nunca o haviam vislumbrado com a cara iluminada por um sorriso triunfante, nos instantes em que enfrentava os perigos do mais aceso da batalha. Dir-se-ia que o guiava uma misteriosa inspiração, um renovado ardor, uma incomensurável confiança em si mesmo. Carregando sobre o inimigo, aparando destramente os botes que lhe dirigiam os cavaleiros miguelistas, indiferente às balas perdidas que sibilavam à sua volta, em vez da coragem desesperada de quem esgrimia contra a morte, mostrava uma vontade indomável de quem abria um caminho à vida.

O comandante dos lanceiros, no relatório que apresentou posteriormente ao marechal Saldanha, não encontrou palavras ajustadas para descrever o comportamento do tenente Villepin. Nem podia achá-las, por não saber que ele estava também combatendo por sua dama, que a tinha finalmente prometida à sua paixão. Limitou-se o general a propor a sua promoção por actos de bravura e comando exemplar. Na carta que escreveu para o Porto, dizia Filipe ao sargento Jeannot que podia finalmente tratá-lo com legitimidade por capitaine e que pressentia estar a guerra perto do fim com a vitória liberal na batalha de Almoester. A sua urgência era a causa do exagero, porque o desespero miguelista recusava reconhecer a marcha inevitável para a derrota e as mediações para uma rendição honrosa. Mais sangue haveria ainda de correr na luta fratricida que exauria a nação e a sufocava com ondas de ódio que, esse, não se extinguia de norte a sul do Reino.

Conforme prometido, quando os arbustos das giestas começaram a salpicar-se com os rebentos amarelos das flores, Manuel de Sousa comunicou a Cunegundes que estava pronto. Aliciara três soldados da região que se lhe haviam apresentado após a debandada de Pernes, arrolara cinco clavinas, um bacamarte recuperado à ferrugem três

terçados e a espada da ordem salva do desastre de Loures. Expropriou por sua conta o murzelo e três mulas da casa, mais duas borrachas de vinho tinto, fez mão baixa a dois muares em golpe nocturno à cocheira dos Viegas de Freiria, que tinham fama de malhados, comprou nas vendas do Turcifal uma quantidade de bacalhau, uns sacos de feijão e arroz, uma pouca de sal e açúcar, e declarou-se apto a descarregar iras vingadoras nos lombos chamorros, onde quer que eles levantassem a grimpa animados pelas vitórias do seu exército. Cunegundes contribuiu com o baio, com o burro que puxava a nora, um parco trem de cozinha desviado de casa, o fuzil, a faca de caça e o inestimável lobo Soberano.

Partiram furtivamente numa noite sem lua, em meados de Março, rumo à Enxara do Bispo, a corta-mato, sem plano certo mas com o objectivo imediato de juntarem ao grupo a gente do padre Ferreira, cura da Enxara, furibundo miguelista que prometera mundos e fundos. No meio da noite, bateram-lhe à porta do presbitério, desencadeando uma bulha de cães. O abade, estremunhado e toscanejando, apareceu-lhes em fralda de camisão, de barrete de lã branca nas grenhas e candeio na mão. Deu-lhes guarida no palheiro. E, de manhã cedo, surgiu de capote de três golas, botifarras cardadas, equipado com uma pistola de pedreneira e uma grande cruz de pau-brasil, trazendo uma burra à arreata e o sacristão armado de chuço - era tudo o que pudera arregimentar em Enxara.

Apontaram ao norte, guiados pelo Manuel de Sousa, que ia encrencado na serra d'Aire por ter ouvido dizer que lá andavam outras guerrilhas e conhecer o terreno onde já estivera monteando com uns primos de Minde. Seguiam em coluna, sempre que possível pelos acmes dos montes, dominando as vistas dos vales e os povoados, evitando estradas e caminhos, com o Soberano adiante farejando sendas só conhecidas dos da sua igualha. Cunegundes ordenava, segundo a sua natureza, decidindo das horas e lugares dos altos, repartindo as rações que o sacristão, de alcunha o Torto, cozinhava na panela de ferro sobre a trempe armada por cima duma fogueira de gravetos. O cura dizia graças

pesadas sobre a maneira de guizar malhados, de os assar no espeto e encomendá-los ao Diabo, mas teimava em pôr a companhia a rezar o padre-nosso, antes das refeições, pela saúde e longa vida do senhor D. Miguel I. Os soldados extraviados que se haviam alistado no bando chamavam-se Pedro, Paulo e Tomé e alcunharam o sacristão de Judas, por verem-no a resmungar contra as tinetas do amo e a fazer-lhe momices nas costas quando ele o atenazava, o qual Torto lhes retorquia apelidando-os de falsos apóstolos, umas vezes, e outras de três reis magros, numa grande confusão bíblica, solenizada pelo peso da cruz com que alombava por o abade Ferreira ter achado o chuço mais leve e bom para bordão, quando as asperezas do caminho os obrigavam a avançar a pé, com as bestas à arreata. Ao terceiro dia estabeleceram quartel numa casa de adobe com tecto de colmaço, um abrigo de pastores abandonado, protegido dos ventos por uns fraguados, do cimo dos quais se divisava o casario da Mendiga, do Serro Ventoso e a estrada de Leiria, e onde a Caceteira impôs um posto de sentinela.

À noite, à volta da fogueira, houve conselho de guerra para se delinear um plano de operações. Cunegundes, a quem os três reis magros já haviam crismado comandanta Caceteira, conduziu os debates, ficando decidido que atacariam os malhados reconhecidos e as suas propriedades, aliciariam os homens válidos que se lhes quisessem juntar e intentariam golpes de mão na retaguarda das tropas inimigas sempre que surgisse ocasião propícia. Manuel de Sousa partiria para Minde ao amanhecer, a estabelecer contacto com os primos, tidos por fiéis legitimistas. Deveria recolher ali informações sobre os movimentos das tropas inimigas, elaborar uma lista dos liberais da região e comprar mais vinho, pão e sal. Tiraram-se sortes para os quartos de sentinela e tocou primeiro ao Judas-Torto, os outros enroscaram-se nas mantas, sendo muito rijo o friacho naquelas alturas desoladas, passando melhor a Cunegundes e o Manuel, que, alapados um ao outro, só estranharam os incómodos quando, ao romper da alva, ele foi arrear o cavalo e partiu encosta abaixo a

cumprir a missão. Voltou quando tangiam as trindades na capela duma aldeola acachapada no fundo do vale, fora das vistas. Ocultou a todos os receios com que os parentes o tinham recebido e mais ainda que um deles andava na tropa do Saldanha. Mas trazia, pendurados no arçã, dois sacos de provisões e as borrachas cheias. Segundo ele, em Minde não havia liberais notáveis, mas reportou a fama de malhados dum morgado de Mira e do juiz de fora de Assentiz. Das opiniões que recolhera, mais férteis em oportunidades de fazer funcionar os trabucos eram as faldas da serra da Lousa, mais uma data de léguas para norte, pois constava estarem as tropas do duque da Terceira com o fito em Coimbra e não custava prever que daí viriam para sul ao encontro da divisão do Saldanha. Pedro, Paulo, Tomé e o Judas-Torto pouco se distraíram da bisca sueca que jogavam à luz do fogo, depois da ceia delegando tudo, mas pondo os três primeiros como condição das expedições punitivas a Mira e Assentiz direito a saque que se visse, que não andavam ali por bucha e caneca. A Caceteira consentiu nas presas de guerra, mas avisou que a táctica seria sempre, imperativamente, a marmeleiro responder-se com marmeleiro, à faca com faca, ao fuzil com o fuzil, ao dente com dente «como na lenda», e não se fazerem nunca vítimas inocentes, por ser contra a verdadeira religião e o prestígio da causa. O abade disse «ámen» e cabeceou, o Torto arrebanhou uma vasa e o Soberano apareceu com os restos sangrentos de um coelho que tinha surpreendido na toca. Caíram os primeiros pingos dum aguaceiro sobre o tecto de colmo e foi preciso buscar poiso onde não lhes chovesse em cima. O Tomé resmungou contra o quarto de sentinela que lhe cabia e saiu a chapinhar nas poças, com a manta pela cabeça.

No dia seguinte, a guerrilha, enregelada e húmida, levantou o bivaque e começou a descer das montanhas em direcção à vila de Mira.

Entretanto, na quinta do Gradil, reinava a consternação. Dado o alarme, ao descobrir-se no quarto de Cunegundes um bilhete lacónico - «Vou para as guerrilhas com o Manuel de Sousa» -, despachara Pedro de

Almeida dois lacaios a cavalo no rasto da filha. Não acharam. De casa de Jerónimo de Sousa obteve confirmação que o morgado abalara com o cavalo, as mulas e os trabucos. Pedro, dando mais crédito aos atributos amorosos do Manuel de Sousa que às aventuras guerrilheiras, suspirara e dissera de si para consigo:

- Cá me queria parecer que a moça não ficava alfeira...

A vidente de São Bento vislumbrava com crescente clareza o Horácio da Francisca, nos reflexos luminosos da bola de vidro e no valete de copas que sempre se perfilava no sítio certo ao tirar das cartas. Era um Horácio próspero, de gordos cachuchos nos dedos a chisparem ouro e brilházios, de alfinete com pedra coralina espetado no plastrão e grilho pendente da algibeira do colete debaixo da sobrecasaca de lemistre. Com ele sonhava a Francisca no nada que fazer daquele casarão desertado pelos patrões, mas pontualmente paga pelo procurador meticoloso. Só não eram, ela e a vidente, capazes de descortinar por que caminhos travessos andava o rapaz para vir lá dos confins das florestas das feras até terra de gente. Mas tão certa estava a Francisca das profecias que falava à Ti Rita do filho, como se ele fosse dobrar a esquina da Rua Augusta para o Rossio, na direcção do Micola, a assobiar um lundum. A Rita não dava troco e suspirava, a pensar que o seu filho estava perdido sem remédio, com sete palmos de terra por cima, coisa mais pesada e definitiva que sete sertões por atravessar. Passeavam, domingueiros, pela Praça do Rossio, a aproveitarem as primícias da Primavera, o Sr. Inácio à frente, de polegares nas cavas do colete e a casaca desabotoada com a Crónica Constitucional a espreitar da algibeira, muito ostensivamente liberal, sobretudo desde que tinham assentado na capital o Ministério e a senhora D. Maria II. Fizera-se saldanhista e apoiava o amigo Silvestre, lojista no Largo de São Paulo, quando ele afirmava ser muito necessário haver «quem mande na nossa santa liberdade». Esperava que o fim da guerra pusesse o marechal «a meter nos eixos aquela choldra». A «choldra» era o Silva Carvalho a esmifrar-lhe impostos com mão pesada, como se não houvesse miguelistas

a quem sugar os dinheiros para pagar aos funcionários e aos soldados; os pares com muitas farroncas de liberalismo impoluto, a reboque das picardias do conde da Taipa; o Agostinho José Freire, muito misterioso e conspirador; os nobres liberais a espoliarem os nobres miguelistas; um tal Lord Howard a meter o bedelho, a Inglaterra pela sua mão traçando o destino do País, como acontecia sempre desde o tempo do Beresford, Gralhavam atrás dele as mulheres, embicando para a Rua dos Condes, onde se evolavam os fumos calorosos dos fritos requentados das casas de comidas. A Rita teimou em comprar uma escova a um preto de colete amarelo que também vendia vassouras e cestos. E o Sr. Inácio, esgotadas as lucubrações políticas, meditava na ideia que a mulher lhe andava impingindo - trazer para casa a filha do João, dar-lhe educação, futuro. A Rita tinha artes de o amolecer, ele não lhe dissera que não, que a garota não tinha culpa das galderices da mãe e sempre podia adoçar-lhes a velhice e ajudar na loja quando crescesse. A Gracinda havia de voltar para onde tinha vindo, muito marafona, nas croiagens da Mouraria, pelo braço dum inglês da esquadra, segundo rumores que lhe tinham entrado no estabelecimento pela língua afiada de freguesas intriguistas mas bem-informadas.

Havia naqueles boatos alguma exageração, porque a Gracinda só excursionara uma vez ao Quebra-Cabeças, com o Smith, que reincidira. Apertavam-na, porém, as economias depauperadas e já tivera de vender os brincos de ouro para pagar a última renda de casa. Daí que deitasse o barro à parede da Ti Rita, a ver se a velha aceitava criar a neta.

Partia-se-lhe o coração com a ideia que se impunha, mais premente de dia para dia, mas logo amansava o saltitão que lhe pulava no peito, aos acordes da guitarra a acompanhar as desgarradas, nas horas mortas nas tascas da Mouraria, onde acontecia tanta coisa capaz de lhe afogar as tristezas e de enevoar convenientemente o dia seguinte, que Deus daria e ela receberia de bom grado, com os carvões dos olhos acessos e a fieira branca dos dentes enfeitando um sorriso guloso.

O barão de Sá da Bandeira, entretanto, obrava prodígios no Algarve, onde as guerrilhas miguelistas faziam lei. Com um punhado de soldados corria os bandos do Remexido e dos outros das vilas e dos montes, mas eles voltavam sempre, como vagas que se recerravam depois de cortadas pela proa dum navio. Assim mesmo, restaurava o pendão da rainha em muito sítio e mantinha atarefados importantes contingentes dos Voluntários Realistas e de muitas outras unidades.

No Alto Minho, o excêntrico Charles Napier operava por sua conta e risco, levando atrás um pequeno bando de marinheiros ingleses e portugueses; mais parecia um almocreve mascarado cavalgando um rocim lazarento - de chapéu armado de plumas brancas, sobrecasaca velhíssima e poeirenta, uma grande espada à cinta, pernas ao pendurão e meias caídas - que o almirante da esquadra e conde do Cabo de São Vicente. Como o seu atrevimento não conhecia limites e as guarnições dos fortes eram bizonhas, tomara Caminha, Valença, Viana, Ponte de Lima, com golpes de mão, intimações, proclamações lacônicas, aclamações da rainha e Carta e umas poucas escaramuças, e mandava para casa os soldados inimigos a contarem a magnanimidade dos liberais. Descia já, a ajudar o barão do Pico de Celeiro, o velho general Torres da Serra do Pilar, no combate da Lixa, na conquista de Braga, rodeado por um Estado-Maior de dois pilotos escarranchados em machos de arreeiro. A esquadra vinha ao longo da costa e ele, com a sua desregrada e valente brigada naval, continuava por terra, rumo ao sul.

A guerra, como um tumor que progredia num corpo minado e enfraquecido, ia-se concentrando no meio do Reino. A divisão do duque da Terceira já chegara a Coimbra e preparava-se para, de cima, sufocar os de Santarém, que Saldanha mantinha lá fechados pela banda do sul.

Na sequência imediata da aliança entre a França, a Inglaterra, a Espanha e o Portugal de D. Maria II, que obrigava à manutenção de instituições parlamentares, a regência espanhola, mantendo-se o conluio de D. Carlos com D. Miguel, ordenara às suas tropas que entrassem em

Portugal e coordenassem movimentos com as forças de D. Pedro. Uma divisão comandada pelo general Rodil, que estivera em observação ao longo da fronteira ocidental, entrou em Portugal e marchava pelas Beiras, paralelamente às tropas de Terceira.

Entretanto, após um mês de tropelias, a guerrilha da Caceteira já dava que falar, de Figueiró a Penela, de Ourem a Pombal. Os primeiros golpes, em Mira e Assentiz, tinham rendido uma carga de arrocho em costados liberais, um saco de pratas aos falsos apóstolos, um óculo de grande alcance à comandanta, três espingardas caçadeiras, uma pistola e o recheio de despensas bem fornidas.

Rondavam, então, Coimbra, aventuraram-se às imediações de Miranda do Corvo e, entre Vila Seca e Condeixa, emboscaram uma patrulha da divisão de Terceira que se mantinha em Coimbra. Mataram dois soldados, fizeram um prisioneiro e puseram os outros em fuga. Cunegundes conduziu o ataque, disparando a clavina e a pistola de pedreneira, vindo atrás o abade Ferreira, que, à voz de fogo, se pôs a cantar a Miserere com tonalidades de barítono, levando às canelas o Judas-Torto de cruz alçada. Retiraram pela estrada de Penela e foram meter-se nos matos das alturas de Sicó. O abade apavorava o soldado preso, um rapaz da ilha do Pico, de fala estranha para eles, muito mazombo, ameaçando cortar-lhe as orelhas e informando-o ter prática de «confessar e enforcar». O rapaz lamuriava e prometia preparar-lhes bons pitéus, que tinha sido cozinheiro de Caçadores 5 e sabia da poda. Por esta altura já o bando andava acrescentado de quatro sicários que se tinham apresentado na Lousa. Vinham fugidos de Braga, com o fito de se juntarem ao Remexido. Pelo caminho ouviram falar da Caceteira, a coisa soou-lhes e ficaram por ali. Eram tunantes e um, a quem chamavam o Miguel Segundo, o pior de todos, queria que se enforcasse o prisioneiro à beira da estrada de Coimbra, para mostrar à tropa malhada o destino que a esperava. Que era o que eles faziam no Minho à «corja pestilenta», insistia. O pulso firme da Caceteira deteve-lhe o braço quando ia a

caminho de chibatar o pobre do picoto. Que na guerrilha dela não era assim e quem não estivesse bem que se mudasse; já o Soberano mostrava o dente, de pêlo eriçado, a rondar os jarretes da cavalgadura do Miguel Segundo, que, muito encarniçado, na dúvida se havia ou não de fazer frente à mocetona, resmungava:

- Rai da comandanta tem os cascos rijos. Ficou-se. E seguiram, com o picoto nomeado cozinheiro, amarinhando as encostas, a pé, repuxando os cabeções das bestas.

Um dia em que passaram o Mondego, numas barcas pilhadas num choupal, com vista numa incursão ao Buçaco, quase eram descobertos pela escolta do duque da Terceira, que se deslocava com o Estado-Maior na direcção da Ponte da Murcela. Seguiram-nos à distância, escondidos nos pinhais; postaram-se numa altura que dominava a povoação e viram a flamante cavalgada de muitos oficiais superiores deter-se e vir ao seu encontro um esquadrão de cavalaria enquadrando outro Estado-Maior. A Caceteira, de óculo apontado, divisava até os botões das fardas, as insígnias e os galões.

- São os espanhóis que vêm conferenciar com os malhados do Terceira - revelou aos companheiros acachapados entre os fetos que cresciam à beira duns esguios pinheiros bravos.

O duque da Terceira, com solene elegância, apeou-se do cavalo e dirigiu-se a uma personagem que parecia saída dum espectáculo de opereta. Vinha montado num macho de albarda e, ao pôr o pé em terra, viu-se que era um homem pequeno, magro, de uniforme flamejante, chapéu de três bicos, uma espada enorme que quase arrastava pelo chão e umas botas altas que pareciam a base dum pedestal. Era o general Rodil, comandante da divisão espanhola aquartelada em Mangualde. Apartaram-se os dois generais para a sombra dum castanheiro da beira da estrada, acompanhados apenas pelos ajudantes de campo. Conversaram menos de meia hora, muito cordiais; despediram-se, montaram de novo e saíram com as escoltas para as bandas de onde tinham vindo.

Cunegundes conferenciou com o Manuel de Sousa. Resolveram enviar o Paulo com uma mensagem às tropas realistas que ocupavam o Convento de Tomar, umas quinze léguas para o sul, dando conta dos tratos da Ponte da Murcela. A rebenta cavalos e com desvios dos pontos vigiados, haveria de pôr-se lá em dois dias. Marcaram-lhe encontro nas alturas de Aire, para onde marcharam a estabelecer quartel, logo que acharam desimpedidas as margens do Mondego.

Involuntariamente, Cunegundes estava contribuindo para o pânico da guarnição de Tomar, que haveria de interpretar a informação como a iminência de algum ataque conjugado das divisões portuguesa e espanhola. Na verdade, Terceira pedira a Rodil, no encontro da Ponte da Murcela, que se mantivesse em observação e se abstinésse de intervir no confronto entre portugueses.

Marchou a guerrilha de noite para o acoito da serra da Lousa e, numa quinta dos arredores de Góis, Miguel Segundo e os sicários deram golpe num galinheiro, estando a ponto de incidente grave quando saíram duma janela dois disparos de zagalotes. Responderam com tiros para o escuro, torceram o pescoço a quatro frangos e retiraram, à retaguarda do bando, calando-se aos impropérios da comandanta, que lhes chamava «súcia de malcatrefes» e «reles pilha galinhas». O cura, mais transigente com eles e mais severo com os dos galinácios, dizia que os da quinta deviam ser chamorros e que quem rouba a ladrão...

No dia seguinte, após um alto de algumas horas, seguiram de longada para o Monte de Aire.

Em frente de Santarém, prosseguia a rotina dos piquetes e das patrulhas, enquanto se esperava o resultado dos movimentos do duque da Terceira no seu avanço para sul.

A hospitalidade da Ti Amélia aumentava na razão directa do tempo que passava, sempre afectuosa e boa cozinheira, também estimulada pelas moedas que esportelavam o capitão Villepin e o tenente Almeida. Aquele mandara para o Porto, por correio seguro, algumas

economias, numa carta ao Bavard, pedindo-lhe que entregasse à Maria da Glória da Rua Escura, para comprar roupa e comida para o pequenito. Lembrava-se muito do encontro com eles, naquela noite soturna e gelada do cerco do Porto, quando vagueava pelas ruas, meio perdido e sem esperança, a morte na alma e em cada esquina.

Virando-se para Nuno de Almeida, envolveu-o num olhar fraterno, reviu os tempos da emigração, a camaradagem na guerra:

- Quanto te devo, Nuno! Se tivesse um irmão, não haveria ele de ser mais amigo que tu. Deste-me a mão em Paris, fizeste de mim alguém. Nunca te poderei pagar...

- Quem espera contas da amizade, meu Filipe? Sobradas vezes mostrámos o que muitos irmãos nunca chegam a mostrar uns aos outros.

- Tantos mortos pelo caminho... - suspirou o capitão. - Mestre Raimundo, Goriot, Tomás d'Aquino... Prouvera que a guerra acabasse já!

- Está por um fio.

- Até ao lavar dos cestos... - disse Filipe, transparecendo nas suas palavras um sentido ambíguo, que tanto poderia ser um último receio como um pressentimento. - Lembras-te daquela noite, em São Miguel, na taberna de Vila Franca do Campo? Restamos nós e o Bavard... Nessa noite, senti qualquer coisa de magia no ar, uma premonição que nem era capaz de confessar a mim mesmo. Era uma noite de cristal e eu sentia o infinito do universo para além do brilho fátuo das estrelas. Foi quando dei a volta à vida...

- Que volta? - questionou Nuno, intrigado com a palestra poética do amigo.

- Ora.. Eu tinha tantas ideias grandes e generosas na cabeça, que não me ocupara a conhecer-me melhor. Foi como se começasse a perceber de que lado batia o coração...

- Foi quando ele começou a bater mais forte por Christine - adivinhou o outro.

- Sim... Mas não era só isso, eram as raízes divididas, as que me

cresceram em Portugal e as que engrossaram no exílio. Nessa noite de cristal, Nuno, eu já não sabia se tinha saudades de Portugal, se de França.

Nuno tirou uma fumaça da cigarrilha e soprou umas argolas de fumo.

- A julgar por mim, acho que o adubo de tais raízes é a felicidade. Onde se ama elas agarram-se como à terra fértil.

Depois, Filipe falou dos seus projectos e todos apontavam para o regresso a Paris. Nem uma vez admitiu a possibilidade de trazer Christine para Portugal. Eram ainda castelos no ar, sonhos que procuravam ancorar numa realidade fugidia, tudo esforçado pela vontade, pelo desejo tumultuoso.

Nuno, esse, mostrava a calma das certezas que descobrira no Porto e que eram, afinal, mais simples do que pensara. Considerava, muito terra a terra, que o refúgio rústico que o esperava era a forma mais sábia de se proteger da vitória, porque já entendera que os louros haveriam de ser rasteiramente disputados e que os veriam aureolando mais facilmente a malícia que a bravura, a habilidade que o talento. Saboreava com serenidade o gosto do amor singelo que o encontrara disponível e levantava à sua volta o reduto que o defendesse da ambição burguesa que iria substituir-se à cegueira monárquica.

- Ah, Filipe! Como eu gostei de bater-me pelos nossos ideais! E como eles são rutilantes, nobres, generosos! Até às vésperas de os vermos reduzidos a leis e feitos trampolins das novas luminárias... Mas, por outro lado, que belas histórias haveremos de contar aos nossos netos!

De fora, vinham os brados de alerta das sentinelas que os chamavam para a realidade duma guerra civil por acabar.

O coronel José de Almeida cavalgava no rasto do general Guedes de Oliveira em inspecção das tropas nos outeiros da Asseiceira. Fora transferido para o Estado-Maior e amargurava-se por não estar no meio da cavalaria realista, formada à passagem dos comandantes, à frente dela o brigadeiro marquês de Puisseux, impressionante figura de legitimista duro,

bom militar, secundado pelo coronel Clacy. Divisou mais atrás, diante do seu esquadrão, o capitão Avilez, que, hirto como uma estátua, o seguia com os olhos e em sua intenção apresentava armas ao general em revista. A banda de Infantaria 12 atroava os ares com os metais e as caixas, muito marcial, quando o comandante passou pelos regimentos de infantes, os batalhões de caçadores e os voluntários realistas de Lamego, Penafiel, Minho e Trás-os-Montes, formados em colunas de quatro. Visitaram depois, acompanhados pelos brigadeiros Soares de Moura e Paulo Soares e pelo coronel Corvo Camões, os postos avançados e os de aviso, que se estendiam até à Ribeira de Paialvo e ao Nabão, a Santa Cita, Quinta do Lima, Quinta do Vale e Ponte do Maxial. Foram, por fim, inspeccionar as baterias, com as peças montadas no cimo dos cabeços. A frente de batalha tinha a sua meia légua bem medida, da sacada norte do planalto do Grou às faldas da serra da Neta. Com excepção das reservas, das ambulâncias, dos destacamentos de intendência e bagagens e do Estado-Maior, o resto dos seis mil homens de infantaria e caçadores ocuparam as posições previamente destinadas, e os quinhentos cavaleiros de Puisseux concentraram-se entre a Oliveirinha e o cabeço do Barbeiro, diante duma ampla charneca inculta e quase plana. A noite caiu e os soldados velavam armas, consultando os oráculos do medo e do destino, que são os mais solicitados nas vésperas das batalhas, os infantes deitados junto das pirâmides das espingardas ensarilhadas, artilharia em posição e de morrões acesos, cavaleiros com as montadas aparelhadas e rédeas no braço. Era a noite de 15 para 16 de Maio de 1834. Tendo observado de longe, com a preciosa ajuda do óculo da Caceteira, a entrada do duque da Terceira em Tomar e a debandada inesperada da força que guarnecia o convento, a guerrilha, acoitada nas matas frondosas da margem direita do Nabão, liquidara um espião de Santa Cita que levava informações aos liberais e, ao começo da noite, assaltara um carroção da intendência que, desgarrado do grosso das tropas, demandava a entrada da cidade. Tinham retirado a galope, embrenhando-se nos pinhais, a caminho das alturas da

serra da Neta. Ali, exaustos, os tirou do sono ao relento, na manhã de 16, o rufar dos tambores e o clangor da música da guarda avançada das forças liberais. Eram sete horas, a fazer fé na cebola do abade e no Sol que já estava fora.

Então, revelou-se-lhes o espectáculo impressionante e terrível dos dois exércitos que iam defrontar-se, na extensa planície ondulada que se espalhava a seus pés. E viram, à direita, nas elevações da Oliveirinha, quase por baixo deles, e mais longe no morro do Barbeiro os clarões cuspidos pelas bocas-de-fogo e, instantes depois, o eco tro-vejante das bombas e dos obuses que levantavam repuxos na terra e pedras no meio da infantaria liberal que avançava, umas vezes a mar-che-marche, outras em ordinário, com o matraquear do tiroteio das espingardas pontuando os disparos da artilharia. Parecia uma vaga do mar avançando para a praia e já se via, aqui e além, a primeira baba duma espuma de corpos tombando pelo caminho. A progressão dos caçadores do coronel Queirós e dos regimentos que o seguiam até às primeiras linhas inimigas demorava, em lanços alternados, companhia por companhia, debaixo de fogo nutrido.

O Manuel de Sousa mandou ao picoto que lhes desse café e preparasse o almoço, que a coisa estava demorada, e voltou para o pé da Cunegundes de óculo assestado ao combate.

- Que fazemos?

- Por enquanto estamos em observação - respondeu ela, passando-lhe o óculo. - Logo se verá, conforme o que isto der...

O padre e o Miguel Segundo já disputavam o óculo que o Manuel lhes cedera, com safanões bruscos, ávidos de ver a guerra. Espreitaram-na e, à ordem da comandanta, passaram o instrumento aos outros companheiros.

- Desta, não nos escapa a vitória! - exclamava o padre a esfregar as mãos engelhadas ainda pela orvalhada da madrugada.

- Ó abade! - gritou-lhe Tomé. - Então hoje nem breviário, nem terço...

- Em tempo de guerra não se limpam consciências - retorquiu-Lhe o outro, contentando-se em admirar as manobras dos exércitos a olho nu.

Os liberais levaram duas boas horas a percorrer os mil e duzentos metros que os separavam das primeiras linhas inimigas, no sopé dos cabeços. Aí se repartiram em três colunas. A batalha cresceu de violência, quando a força de Queirós concluía a ascensão do morro do Barbeiro iniciada pelo vale de Cambra, a de Nepomuceno de Macedo ameaçava a aldeia de Asseiceira paralelamente à estrada da Atalaia e a de Bandeira de Lemos flanqueava a direita realista pelo Pocilgão. O ritmo do tiro da artilharia dos dois lados aumentou, os impactos semeando estilhaços e terra entre as colunas de ataque e as posições de defesa, as saraivadas de fuzilaria sucedendo-se sem interrupção. Nuvens de fumo e pó pairavam sobre o campo de batalha e o cheiro da pólvora chegava aos narizes dos guerrilheiros acoitados na encosta da Neta. A cavalaria miguelista fez várias surtidas, saindo do pinhal e desembocando na charneca; viram-se cair três, quatro cavaleiros, as ondas dos infantes oscilavam, hesitavam, dispersaram alguns, formaram ali em cruzeta, mais além em quadrado, aparando o peito dos cavalos nas pinhas de baionetas, esgrimindo contra as espadas, mas logo retomavam o avanço, a fogo solto, vacilantes, alapando-se entre urzes e cardos, a tomarem alento.

Passavam as horas, as massas de homens fluíam, refluíam, deixando rastos de sangue e morte no restolho e na terra seca. A luta decrescia de intensidade num flanco, reacendia-se no centro, os oficiais gritavam ordens que mal se ouviam entre o troar dos canhões, a estridência dos clarins, o clamor dos soldados, o gemer dos feridos. E o equilíbrio dos recontros gerava a indecisão dos chefes. Finalmente, a última carga do marquês de Puisseux. Duzentos e cinquenta cavalos em linha e a voz forte do comandante, num português esforçado, mal pronunciado.

- Soldados! É o vosso comandante francês que vai à vossa frente.

Segui-o sempre! Viva o rei! A galope!

Respondeu-lhe um clamor de vivas, os cavalos dispararam, de rédeas soltas, como se seguissem o gume prateado das espadas em riste faiscando ao sol. O solo da charneca tremeu sob os cascos dos cavalos e o marquês ia na vanguarda da carga, seguido de perto pelo coronel Clacy, pelo capitão Avilez, por todos os outros. Caíram sobre a infantaria inimiga, os atiradores dispersaram, correndo a abrigar-se; os cavaleiros constitucionais deram meia volta e os de Puisseux destroçavam as fileiras à cutilada. Das posições realistas saíam brados de «Vitória! Vitória!»

Eram idênticas as exclamações da comandanta Caceteira e dos seus guerrilheiros, que batiam palmas, no galarim da serra da Neta. O cura, possesso, muito vermelho, gritava:

- Viva D. Miguel II! Vitória! A eles, por Cristo! Que não escape nem um!

De orelha fita, sentado atrás do bando que gesticulava e bradava as suas manifestações de alegria, o lobo Soberano rosnava baixinho, a mirar com olhos coruscantes e severos aqueles desconcertos humanos.

Os cavaleiros subiam agora uma encosta suave, as montadas firmando-se nos jarretes, num esforço decisivo. E eis que no cume davam de frente com a última muralha que não ruíra, a linha de caçadores do coronel Queirós que lhes desfechou uma descarga à queima roupa, mortífera. O brigadeiro Puisseux foi dos primeiros a cair, varado fatalmente por uma bala. Corriam cavalos sem cavaleiros, enquanto alguns escouceavam por terra em desesperados estertores, rolavam corpos pela encosta, tintos de sangue. O ímpeto da carga extinguia-se, o inimigo eriçara-se de baionetas, cerrando fileiras. Clacy berrava ordens em francês que ninguém entendia. À surpresa, sucedeu-se uma paragem confusa, uma aglomeração de montadas empinando-se, resistindo às esporas, e por fim a fuga desordenada, de salvar-se quem pudesse. Não era o reagrupar para nova carga, longe disso; era o princípio da derrota quando a vitória parecia certa havia uns instantes. Já os lanceiros liberais se afoitavam a

trote, sobre eles, e logo a galope, mais que um contra-ataque, o esboço duma perseguição sem quartel. O coronel José de Almeida, no mirante onde o Estado-Maior dirigia as operações, compreendia que a sorte da batalha começara a dar a volta. Mordia os lábios, desesperado. De súbito, saltou para o cavalo, desembainhou a espada, deu de esporas furiosamente e lançou-se a toda a brida na direcção do desastre. Sabia que aquela era a última batalha, que após ela vinha o fim de tudo; queria estar com os seus ginetes, animá-los, fazê-los voltar à luta. E morrer. Porque não? Mais que a vergonha da derrota era-lhe insuportável a vida à mercê da lei dos vencedores. Galopava loucamente, cruzou-se com os cavaleiros em debandada, que pareciam doidos ou fantasmas assoprados pelo pavor. O coronel rouquejou os seus nomes, os nomes dos seus leais companheiros de outras batalhas, envolvidos em novelos de poeira.

- Ó Simão! Ó Zé da Sota! Ó Tagarro! Firmes! Formar esquadrões!

Ninguém o ouvia, ninguém queria ouvi-lo, corriam para a salvação. O capitão Segismundo Avilez logrou deter a montada desalvorada junto do coronel.

- Capitão, os homens fogem. Detenha-os! Forme os esquadrões! O inimigo vem sobre nós.

- Sim, meu coronel.

A voz do capitão era um murmúrio quase inaudível, os olhos esbugalhados virados para o infinito. Quando o cavalo, a espumar, voltejou, soltando um relincho rebelde, José de Almeida viu a face esquerda de Segismundo rasgada por uma cutilada, o sangue escorria-lhe pelo pescoço, ensopava a gola do uniforme.

- Você está ferido, homem. Passe à retaguarda.

Ele parecia não o entender, mantinha-se na sela com esforço ou por inércia, vacilou, dobrou o corpo sobre o pescoço do cavalo, o shako e a espada rolaram para o chão. Desmaiara. Uma nuvem de pó crescia para eles, levantada pelos esquadrões inimigos. O coronel hesitava, relutante em decidir-se pelo sacrifício do capitão e esperar ali o último recontro.

Com as lágrimas correndo-lhe pela cara, pôs o seu cavalo a par do de Segismundo, amparando o corpo inerte, tomou-Lhe as rédeas bambas e trotou para a retaguarda, deixando atrás de si um tracejado de sangue, assobiando-lhe à volta a granizada das balas dos caçadores liberais.

No seu refúgio, a Caceteira atirou ao chão o óculo de longo alcance, o Manuel de Sousa chorava de raiva, o abade ajoelhava, de mãos postas, implorando aos céus um milagre.

- Corja maldita! Que os leve o Diabo! - resmungou um dos sicários.

- Eu cá vou pra casa - disse o Paulo, baixinho.

E Cunegundes, virada para a planície, brandia um punho fechado e clamava:

- O povo fará justiça! O povo é por D. Miguel! E tu, Pedro, não vais para casa. Estás na tua casa, que è Portugal.

Ordenou que montassem e, daí a pouco, conduzia a sua tropa pela vertente contrária à da charneca da Asseiceira. Resolvera fazer um desvio, seguir a retaguarda do exército de Terceira, desferir alguns golpes de mão e tentar aliciar soldados extraviados da divisão de Guedes de Oliveira.

Entretanto, lá para baixo, na charneca revolvida e trilhada pelos guerreiros, ecoava outro clamor de vitória, o da vitória definitiva que libertavam das gargantas enrouquecidas pela sede, pela poeira, pelo calor, pelo esforço e pelo medo, os soldados da rainha, vencida a derradeira e tenaz oposição dos homens do coronel Corvo Camões. - Se não morre o francês ainda o Miguel não perdia!... - desabafava um soldado do 2.º Regimento de Infantaria Ligeira da Rainha. Ao lado dele, um sargento, ajustando a pala preta sobre o olho cego, resmungava entre dentes:

- Il ya des français et... des français. DEs bons et dEs méchants, Era Jeannot IE Bavard, que marchava com a sua companhia em linha, direitos às tropas inimigas, que, nalguns pontos, ainda retiravam combatendo.

A cavalaria miguelista, decapitada do seu chefe e atordoada com a violência da resposta, caía de roldão sobre a sua própria infantaria e artilharia.

O general Guedes, ajudado por José de Almeida, que reentrara nas linhas a entregar Avilez ao cuidado dos médicos, tinha um último arranco - que a cavalaria voltasse à carga. Mas era um esforço baldado, face à desmoralização geral que dava a batalha e a guerra por findas e perdidas. Os artilheiros procuravam atrelar carretas e armões, nervosamente, brigando com o tempo que, por escasso, os tentava abandonar as peças; e a infantaria ciscava-se ou formava débeis quadrados, batida agora pelos tiros bem dirigidos da artilharia de Terceira. Um cheiro enjoativo, mesclado, a pólvora, a sangue, a suor de cavalos e homens prevalecia sob os rolos de fumos e poeira que pareciam apressar o ocaso. Os cavaleiros de Nepomuceno acutilavam sem piedade os infantes realistas, sem lhes dar tempo a calcarem as buchas no cano dos fuzis.

Consumava-se a debandada miguelista, no meio de ordens e contra-ordens que os homens não escutavam, desorganizados e sem ânimo, escapando-se na direcção da Barquinha, Punhete, Tancos, Golegã, Torres Novas, derramando-se e espalhando-se como a água dum dique arrombado. Soldados arrojavam-se para os pinhais das bermas das estradas exaustos, muitos desarmados, sem correame nem mochilas, sem nada além do abandono à fome, à sede, à indiferença para tudo o que não alertasse o instinto da sobrevivência. Alguns não escapavam às lanças e espadas liberais empunhadas por cavaleiros que, em grupos, surgiam como por encanto do meio do arvoredado ou por trás duma aba do terreno, enquanto magotes largavam as armas, entregavam-se e agrupavam-se em levadas de prisioneiros. O campo de batalha e as beiras dos caminhos estavam juncados de mortos, de feridos que imploravam socorro, de cavalos esventrados em que avultavam os globos brancos dos olhos vítreos, e viaturas, reparos, parelhas perdidas arrastando os tirantes, barretinas, charlateiras, mochilas, jaezes, espingardas, sob o avermelhado

do Sol descendo para as bandas do mar. O capitão Segismundo Avilez encontrou-se aos baldões na caixa dum churrião apinhado de feridos. Latejava-lhe toda a face do lado esquerdo e a dor provocava-lhe vertigens; levou a mão ao rosto fundamente lanhado e constatou que se encontrava enfaixado em ligaduras que passavam sob o queixo e envolviam parte da cabeça. Ao longe, soavam ainda tiros dispersos e o som festivo de uma charanga liberal, celebrando e animando os soldados empenhados nas derradeiras escaramuças. As primeiras sombras da noite adensavam-se lentamente. O churrião estacou, detido pela aglomeração dos carros de bagagens, na confusão da fuga. Segismundo libertou-se dos companheiros feridos, um dos quais parecia vasquejar, patinhou sangue até alcançar o taipal do carro, pôs pé em terra, amparou-se ao aro duma roda, lutando contra uma tontura e as guinadas de dor, e caminhava agora, com dificuldade, o dólman aberto e rasgado, a camisa impregnada das bostelas de sangue seco, a bainha da espada arrastando pelo chão por desprendida do boldriê. O Estado-Maior, com o general Guedes de Oliveira no meio, afrouxou o passo dos cavalos ao ultrapassar as colunas desordenadas que retiravam, passou junto do capitão, a caixa dum estribo roçou-lhe o ombro. Um dos cavaleiros deteve-se brevemente junto dele - era o coronel José de Almeida.

- Capitão, porque não vai numa ambulância?

- Porque são poucos os lugares para os feridos mais graves - respondeu, num fio de voz. - O meu coronel salvou-me a vida...

- E você salvou a minha. Sem importância...

E já tocava com as esporas os ilhais da montada para se juntar ao Estado-Maior, não sem desabafar:

- Vamos a Santarém informar el-rei de que estamos derrotados e que não fomos capazes de morrer por ele.

Disse isto com voz forte, de modo que as suas palavras pudessem chegar aos ouvidos do general, que o mirou de través, baixou a cabeça e seguiu, abrindo caminho por entre os furgões e os bandos de

soldados esfarrapados e famintos, a rapalha do seu exército que atravancava a estrada da Golegã.

À passagem daquele desolado cortejo calava-se o fretinir das cigarras.

Quando, na manhã do dia seguinte, cruzaram o Tejo, quiseram os oficiais que se mantivessem na Chamusca, para ocultarem à população de Santarém o desastre irremediável. Animou-os a chegada dum contingente comandado pelo brigadeiro José Urbano, com os famosos dragões de Chaves. Viram-nos abordar a margem do rio, dispostos a contra-atacar as vanguardas liberais, atravessaram o Tejo. E, então, a todos siderou o espanto, quando o brigadeiro saiu a trote com os oficiais, levando com eles os engodados dragões, e foi entregar-se ao inimigo, aos brados de «Viva a rainha! Viva a Carta!».

Era a derrocada.

Em Santarém, já de nada valiam as notícias falsas de vitória, nem as missas, as acções de graças, a raiva fradesca. Enfardelavam-se trouxas, à pressa, para a fuga sem rumo. O rei ordenou às tropas que evacuassem a cidade e retirava por Almeirim, seguido dos restos do exército, embrenhando-se no Alentejo, rumo a Évora, germinando ainda planos fantásticos de aliança com os espanhóis carlistas que pusessem a Península a ferro e fogo. Eram já sonhos fugazes relampejando nas trevas do pesadelo.

O coronel José de Almeida era um dos fiéis que trotava para o desconhecido, fustigado pela humilhação de se sentir fugindo e pela recordação lancinante de terem deixado na Asseiceira mil e quatrocentos prisioneiros, incontáveis mortos e extraviados, quase toda a artilharia e quatro bandeiras. O capitão Segismundo Avilez teimara em acompanhá-lo. Renovados os pensos, montara a cavalo e juntara-se ao coronel, a caminho do fim que, do fundo do coração, desejava próximo, para que se realizasse a esperança de encontrar nos braços de Margarida bálsamo capaz de lhe sarar as feridas e lhe cauterizar a memória.

No Quartel-General da Chamusca, as tropas liberais celebravam a vitória e saudaram a chegada do popular almirante Charles Napier, que deixara o cerco de Ourem com parte da sua brigada, ao apelo dos canhões que lhe anunciavam a batalha de Asseiceira. Vinha montado numa impressionante égua de lavrador, a grande trote, barbas longuíssimas, coberto de poeira, seguido dos seus dois pilotos ajudantes de campo e duma escolta de quatro marujos vermelhuscos, todos escarranchados nos albardões sem estribos dos muares, com cordéis fazendo as vezes de correame, clavinas à tiracolo e compridas espadas de abordagem.

O sargento Bavard, integrado na guarda ao Estado-Maior que se banqueteara lautamente em casa do proprietário Honório, com amplas provas de vinhos da sua bem provida adega, franziu o sobrolho à aproximação da bizarra cavalgada e, ainda mais, quando ouviu bradar às armas e as ordens de apresentar honras militares. Não queria acreditar que aquele era o célebre almirante da esquadra, que derrotara os realistas no mar e em terra e que vinha de libertar o Minho, a Figueira, Ourem - para aí meio Portugal. Confirmou não se parecer aquela guerra com nenhuma outra e, instintivamente, fazia comparações entre o que testemunhava e o pomposo cerimonial da Grande Armée. Ainda não tinha visto tudo porque, após ter jantado e descrito parte das suas últimas aventuras ao duque da Terceira e aos que estavam com ele, o almirante e duque do Cabo de SÃO Vicente mandou à música do regimento de infantaria que tocasse o reel e outras contradanças inglesas, que bailou, muito ligeiro, tendo por pares, à falta de damas, oficiais do Estado-Maior do marechal duque. Arregalando o único olho, o Bavard dizia a um cabo seu compatriota:

- lis sont fous, cEs anglais! E, meditativo, acrescentava:

- Lá que nos tenham ganho em Trafalgar, ainda vá... Mas em Waterloo!...

Nos bivaques do Cartaxo o regozijo não conhecia limites e também as bandas militares não davam descanso aos metais e às caixas,

comemorando a vitória da Asseiceira. Nuno e Filipe entraram em danças de roda e o nível dos tonéis atestados do vinho espesso da região desceu consideravelmente. A alegria de Filipe era reforçada pela chegada de duas cartas de Christine, duma assentada, em resposta a outras tantas que ele lhe enviara. Ainda não lhe transmitia planos, mas as promessas eram explícitas, se bem que temperadas por aquela subtil lucidez, cheia de espírito e argúcia, que era um dos seus fascínios. Era tal a euforia que trazia a convicção do fim próximo da guerra, que escaparam a Saldanha os movimentos que indicavam a súbita retirada de Santarém do exército de D. Miguel.

No dia 19, entrou o imperador D. Pedro na cidade com as tropas de Saldanha, ali se lhes reunindo o duque da Terceira. Decidiu-se lançar no encalce do inimigo as divisões dos dois rivais, mantendo D. Pedro o comando, mesmo se o agravamento da tuberculose O obrigava a regressar à capital.

As forças de Terceira atravessaram o Tejo para Almeirim, Saldanha voltou ao Cartaxo e cruzou o rio para Salvaterra, o primeiro com destino a Estremoz e o segundo rumo a Évora.

Poucos dias depois, atravessado parte do despovoado Alentejo, vastos e monótonos montados, azinheiras e sobreiros erguendo frondes de pouca sombra, calor, terra seca, desolada, Filipe e Nuno estavam aboletados em Arraiolos, perto do Quartel-General, onde tiveram notícia da proposta de D. Miguel para uma suspensão de hostilidades, à qual o marechal Saldanha já respondera de Montemor dando o seu acordo.

- D. Miguel tem em Évora mais de doze mil soldados fiéis... - dizia o capitão Villepin. - O Alentejo quase todo e o Algarve são por ele. E anda-lhe grudado o tio, o infante D. Carlos de Espanha, que tem grandes apoios para lá da fronteira como pretendente ao trono.

- Eu acho que chegou ao fim - retorquiu Nuno. - Quando ele tinha um exército superior ao nosso, na proporção de dez para um, não pôde mais que encurralar-nos no Porto durante um ano. Agora, nós somos

três vezes mais fortes, anda a rondá-lo o exército espanhol e tem contra ele a quádrupla aliança.

Além disto, já pensaste como estarão aquelas tropas depois de tantas derrotas? O nosso marechal sai daqui a pouco para Azaruja, creio que a encontrar-se com o duque da Terceira e com um general miguelista. Como fui designado para a escolta, vou passar revista aos cavalos e verificar se aqueles danados ferradores os calçaram convenientemente. Depois desta estafa pelo Alentejo fora...

- Pois também eu vou preparar-me, que temos ordem para ir ocupar Estremoz.

Despediram-se.

A menos de quatro léguas de Arraiolos, Azaruja era apenas uma etapa de caminho para Évora-Monte, e lá estava o Quartel-General do marechal duque da Terceira, instalado na casa de campo do conde das Galveias. As últimas duas léguas até Évora-Monte fizeram-nas juntos os dois marechais, acompanhados pelo general Rodil e pelo secretário da Legação Britânica John Grant.

A planície encrespava-se primeiro em leves ondulações, logo em vertentes mais agrestes, de chão duro, coberto de restolho ressequido, algumas oliveiras e sobreiros, uma seara de centeio a ondear batida pela brisa, as encostas cortando um horizonte de verdes-pálidos e amarelos, alternando com o castanho-escuro de algumas courelas arroteadas. Nuno de Almeida viu ao longe, para o norte, a torre de menagem dum castelo e, pouco depois, a menos dum quarto de légua, as muralhas e junto delas um pequeno aglomerado de casas brancas. Era Évora-Monte.

À entrada da aldeia estava a escolta de cavalaria do general Azevedo Lemos, chefe do Estado-Maior do Exército miguelista. Garotos descalços e maltrapidos espreitavam nas esquinas, duas velhas sentadas à soleira duma porta olhavam, pasmadas e imóveis, os uniformes coloridos dos soldados, um grupo de homens, muito matutos, espiava à porta da taberna, e um pastor tocava para fora da aldeia um rebanho de meia dúzia

de ovelhas. Dirigiram-se os oficiais para uma casa modesta, dum só piso, muito alva, como todas as outras caiada com esmero. Nuno vislumbrou pela porta entreaberta as paredes nuas dum quarto acanhado, uma tosca mesa de pinho, umas cadeiras rústicas, uma arca ao canto. Para lá entraram os dois marechais, o general Lemos, o general espanhol Rodil, o diplomata inglês, os ajudantes de campo e um escrivão.

Como o calor era áspero e as conversações se arrastavam, Nuno atravessou a rua poeirenta da aldeia, em direcção à taberna, acompanhado por um oficial da escolta miguelista que apurara estar ligado à sua família do Gradil. Era o capitão Tomás de Mendonça, de Vila Real, casado com uma prima de Nuno chamada Adamância, um homenzarrão de grandes patilhas unidas ao bigode, aloirado, lhano e rude.

- Já se acaba a contradança, senhor tenente... - disse com um travo de amargura no tom da voz, ao aproximarem-se da taberna.

- Não era sem tempo, que já nos matámos o bastante. Cruzaram a porta da baiuca, tendo-se afastado os basbaques que os miravam demoradamente, os olhos na sombra dos chapéus pretos. Pediram um canjirão de vinho e algo de comer, amesendaram-se. Os homens haviam desertado a tasca e o dono, um gordo muito afogueado, destilando grossas bagas de suor que da fronte lhe escorriam para a papada e para o cachaço, trouxe-lhes, com um tinto agressivo e forte, um punhado de azeitonas, um chouriço vermelho e meio pão escuro, dentro dum grande prato de barro vidrado onde brilhavam as lâminas de dois cuchilhos de cabo de corno.

- Pois, senhor capitão, é bem melhor estarmos aqui a comer do mesmo pão e a beber do mesmo vinho que aos tiros uns aos outros - adiantou o tenente liberal, levando à boca uma côdea com uma rodela de chouriço.

- Trate-me por primo, que a guerra está finda. É claro que se fôssemos nós os ganhadores também eu falava assim...

- Então não lhe parece melhor sermos primos que inimigos?

- Lá isso... - concedeu o Mendonça, rilhando a polpa duma

azeitona e levando aos beijos a tigela do briol. - Praí tanta família desavinda, a guerrearem irmãos contra irmãos... Mas oiça cá, se o primo é filho daquele senhor Almeida que emigrou para França no tempo dos franceses, saiba que seu tio José de Almeida é um bravo coronel do exército real e que se tem batido como um leão.

Nuno estremeceu. Acudiu-lhe à memória, com uma nitidez dolorosa, o duelo com António de Almeida, o seu rosto muito branco nas crispações da agonia. Emborcou meia tigela de vinho, dum trago, a afogar a tentação de revelar àquele homem que era o matador do filho do coronel seu tio.

O Mendonça prosseguiu:

- Muitos desgostos tem ele tido com esta malfadada guerra. Morreu-lhe o filho, quando levantávamos o cerco do Porto. Era capitão de artilharia e tombou a defender sozinho a sua peça. A filha andou estouvada de amores por um liberal que fugiu para o estrangeiro, em 28. Teve de metê-la em convento quase quatro anos. Mas, vá lá...

A moça redimiou-se, está noiva dum capitão de lanceiros que tem servido com o futuro sogro. É prima direita da minha mulher, está claro. Boa gente...

Ao menos, a consciência de Filipe de Villepin poderia sossegar definitivamente quando lhe contasse aquele desenlace, pensou Nuno, que se ouviu dizendo umas banalidades de que só ele conhecia o sentido autêntico:

Deus escreve direito por linhas tortas. Só a morte não tem remédio...

- Tem vivido em França? - perguntava Tomás de Mendonça.

- Sim.

- E agora, acabada esta tragédia... Calhando, volta para lá.

- Não, não volto. Encontrei aqui a alma gémea. Esta é a minha nação.

- Todos estes estrangeiros... - repontou o capitão realista, muito

anojado. - Pergunto-me o que estão lá a fazer com os nossos generais o espanhol e o inglês.

- Lá nisso tem razão o senhor meu primo. Também me pergunto o mesmo e as respostas que encontro não me satisfazem. Já há muito tempo que o País anda tocado pelas badines de fora. Era bom que nos reconciliássemos entre nós, sem estas ajudas que não nos abonam a independência...

- E quem começou, desta feita? Vocês! - respingou o outro.

- Então? Somos primos ou não?

O Mendonça regressou à lhaneza, muito inocente na sua rudeza natural. Pagou ao tasqueiro, sem querer repartir, invocando posto mais alto e palmeando as costas de Nuno, ao saírem para o sol. E cantavam-lhe na voz saudades de casa e uma grande sinceridade quando disse:

- Pois, se fica por cá, apareça em Vila Real, quando isto acalmar. Temos lá uma pinga e uns enchidos que não se parecem nada com esta bodeguice que o tasqueiro nos serviu.

- Olhe que um dia apareço.

- Será bem-vindo.

Havia já um certo movimento de oficiais junto à porta da casa onde os generais conferenciavam. Nuno viu D. José de Mascarenhas, o marquês de Fronteira, que era ajudante de campo do duque da Terceira, com quem privara durante o cerco do Porto, saindo com uma pasta cheia de papéis. Abordou-o, chamou-o de parte; ficou a saber que a Convenção tinha sido assinada e estabelecida a rendição das tropas miguelistas, o exílio e uma pensão para D. Miguel, garantia de perdão e liberdade para os que reconhecessem o novo regime, amnistia dos crimes políticos e preservação da posse dos bens pelos absolutistas sob condição de não os alienarem sem autorização das Cortes.

- Magnânicos... - murmurou o tenente Almeida, avaliando o longo trajecto que o trouxera de Paris a Évora-Monte.

Sentia um estranho vazio à sua volta e assaltava-o aquela

questão embaraçosa que surge ao virar das esquinas da história - se valera a pena. Buscava, perplexo, uma resposta, ele que esgrimira com tanto ardor as ideias novas, que ajudara a erguer as aras da liberdade. Ver-se-ia - contentava-se ele com um futuro condicional. O que era definitivo era a sua Clara à espera na Rua da Sovela, no Porto. E a realidade, prosaica, infalivelmente portuguesa, era a guerra ter chegado ao fim estando ele à mesa duma baiuca, a partilhar o mesmo pão e o mesmo vinho com um parente com quem furiosamente se batera dois anos a fio.

Saíram os chefes daquela pobre casa onde as batalhas fratricidas se acabavam num murmúrio, quase escondidas da memória que parecia envergonhar-se já de reconhecer uma guerra civil.

Montaram os oficiais nos cavalos que os impedidos seguravam pelas guardas-faceiras, formaram as escoltas.

Tomás de Mendonça acenou a Nuno uma despedida, de mão estendida, numa continência informal a que ele respondeu.

- Então, primo, lá o espero em Vila Real.

GRITOS E SUSPIROS

«Temo muito a liberdade nos discursos, mas pouco nos corações.»

Passos Manuel (Discurso de 10 de Novembro de 1834)

José de Almeida vê a água correndo na fonte da Praça do Geraldo, como se estivesse a dissolver o olhar ou a afogar a memória que, implacável, fazia desfilarmos no seu espírito aqueles anos de cavalgada a caminho da perdição dos reis. Não concebia o mundo lavado da História de tantos séculos, porque acreditara na eternidade. Esperara até ao fim que Deus o poupasse àquele desengano e que, não podendo evitá-lo, o fulminasse com o gládio da sua misteriosa justiça. Mandavam-no agora que entregasse as armas e regressasse a casa como um vilão. Um homem pode morrer muitas vezes, pensava. E ele, como tantos, envergara a farda

de gala para enfeitar mais uma morte. A primeira acontecera na estrada de Valongo quando lhe trouxeram, baloiçando numa padiola, o cadáver do filho; a segunda quando detivera a sua carga solitária sobre o inimigo, na batalha da Asseiceira. A terceira chegava naquele dia 27 de Maio em que olhava a água correndo da fonte da Praça do Geraldo, indiferente aos gritos de raiva dos que, como ele, estavam morrendo também. Então desprende a espada do boldriê, tirou-a lentamente da bainha e, num súbito impulso, quebrou-a furiosamente contra a borda de pedra boleada do tanque da fonte, atirou para o chão a bainha e a guarda que tremiam nas suas mãos e ficou-se a ver a lâmina partida, submersa pela água que não podia afogar-lhe a memória.

Seguindo o exemplo do coronel José de Almeida, o capitão Avilez e outros oficiais partiam espadas e sabres nas arestas das esquinas, correndo pelo rosto de alguns lágrimas de desespero. E logo o frenesim destruidor das próprias armas alastrou a soldados que despedaçavam os fuzis contra as pedras da calçada.

Depois, José de Almeida e Segismundo Avilez, que o assistia naqueles tranzes dolorosos como um filho, foram requisitar as guias que os autorizavam a recolher a suas casas sem serem importunados. Porém, até ao dia 30, quando partiu sob escolta D. Miguel a quem aclamaram pela última vez, permaneceram em Évora, junto do seu rei, com a maior parte dos militares, que deambulavam pelas ruas, como vagabundos ou fantasmas, num mundo sombrio que se extinguia.

Saíram a 31 de Maio para Lisboa, numa carruagem alugada a meias com outros oficiais, por terem sido obrigados a fazer a entrega dos cavalos. Custou-lhes reunir as moedas precisas para pagar ao alquilador.

Exibindo roupa nova, colete acetinado, sobrecasaca de lemist e plastrão de seda, o Sr. Inácio rolava um charuto da Companhia nos dedos grossos e inflamava os fregueses duma mesa do Parras, com tiradas radicais, vindicativas, indignadas. Que se estava cometendo uma atroz injustiça, para não dizer uma infame traição, poupando ao Miguel a força

do Cais do Sodré. Catão de botequim, com lugar num clube maçônico prometido por um tabelião, cliente da mercearia com rol e contas atrasadas, o Sr. Inácio fulminava o regente e o Ministério pela complacência em deixarem sair o usurpador para o estrangeiro, «com choruda pensão, e tudo», os generais e os áulicos para casa, muito sossegados, quando deviam expropriar-lhes os bens e julgá-los pelos crimes. E sussurrava, conspirativo, debruçando-se sobre o tampo da mesa:

- Mas os patriotas não dormem. Há gente disposta a fazer justiça. O Miguel e o espanhol que andava com ele não hão-de sair vivos para os exílios dourados!

Os outros assentiam, muito graves, que era preciso «liquidar a peste» e que D. Pedro... Bom, que D. Pedro era irmão do outro e lhes roubara o Brasil.

À noite, havia gala em São Carlos. O imperador decidira estar presente, e o capitão Villepin, que se incorporara na sua escolta desde o dia em que D. Pedro deixara Santarém de regresso à capital, cavalgava ao lado da carruagem, com um destacamento de lanceiros, no percurso do Palácio das Necessidades até ao teatro. A meio caminho, um magote de arruaceiros berrou improperios contra D. Pedro e, mais adiante, atiraram punhadas de lama à carruagem, gritando que voltasse para o Brasil, que andava conluiado com o irmão a que recusara pôr o barão ao pescoço. Filipe carregou sobre os manifestantes que debandaram para as vielas, correndo como coelhos para as tocas.

À porta do São Carlos, iluminado como nas grandes noites, Filipe viu o imperador colocar um pé vacilante no estribo do coche, notou-lhe no rosto perlado de suor uma palidez de cera. Com lentidão, visivelmente fatigado e triste, entrou no teatro, dando a mão a beijar a alguns notáveis que o esperavam. Lá dentro, mal assomou ao camarote real, choveram improperios, vindos da plateia e galerias, insultos semelhantes aos que haviam proferido os que lhe tinham atirado lama à

carruagem. Até traidor lhe chamaram. O hino da Carta abafou a voz dos exaltados, que os havia vindos das fileiras dos que mais tinham sofrido o despotismo miguelista, mas também dos que se haviam dobrado à borrasca da tirania, sem arriscarem um cabelo e muito menos terem pegado em armas pela liberdade que agora lhes enchia a boca, vomitando-a com fel e ódio.

O imperador, acomodando-se na poltrona forrada de veludo vermelho, desabafou a sua indignação para os que lhes estavam próximos:

- Canalha! O mano Miguel é que os conhecia bem!

Retirou-se pouco depois, bolsando sangue.

Filipe de Villepin foi despachado a grande galope para o Palácio, à frente do coche, a prevenir os médicos.

Os caprichos dos comandos militares fizeram com que, estando Filipe na escolta de D. Pedro, fosse Nuno nomeado para a escolta de D. Miguel, durante a viagem de Évora a Sines, onde o infante deveria embarcar para o exílio.

Saíram com um forte contingente a 30 de Maio, indo D. Miguel no meio deles acompanhado dum pequeno grupo que emigrava também; envergava o habitual uniforme de fazenda azul, com barretina de soldado, e era tudo o que levava consigo, pois até o resto do dinheiro distribuía por alguns dos seus fiéis. Na adversidade é que ele impressionava e, se a tristeza lhe enevoava o olhar, conservava o resto da dignidade que desperdiçara sem nenhum talento, atrás dos conselhos duma corte de incapazes, monteando gomos nas tapadas, picando toiros nas lezírias. Saía vencido e despojado de tudo. E, naquela via sacra de dois dias, pelo Alentejo fora até ao mar, teve a vida ameaçada por mais de uma vez.

Nuno de Almeida olhava espantado o povo das aldeias que saía aos caminhos a comprazer-se com a desgraça do infante, ou mesmo a exigir que o matassem, a culpá-lo de todas as desgraças. Vinham mulheres mostrar-lhe os filhos órfãos ou os crepes de viúvas, responsabilizá-lo pelas misérias, os homens a enxovalhá-lo com gritos de

assassino e traidor.

O capitão Almeida sabia, como todos os outros que se tinham batido naqueles dois anos pavorosos e como os que tinham padecido a perseguição, a cadeia e o degredo, que aquele era também o povo miguelista que os hostilizara, que se posternara diante do altar e do trono, que aplaudira o espectáculo das forcas. Sentia a amargura a ensombrar-lhe a paz conquistada, como se a grande esperança que estava para além das contingências da pequena história se evolasse definitivamente. Redescobria um povo cruel e volúvel, o povo, essa criatura volátil que tantas vezes o comovia e outras tantas lhe repugnava. Via-o pedir a morte de infesos e lembrava-se de como dava a vida a seu lado nas barricadas de Paris e nas trincheiras do Porto. O que era o povo? Vasta questão que ele enfrentava, experimentando sentimentos inconciliáveis e pensamentos contraditórios, enquanto vigiava a guerrilha liberal do Batalha e do Galamba, que os seguiam como chacais à espera que a presa fraquejasse. Queriam assaltar aquele cortejo fantasmagórico e assassinar D. Miguel. Quer durante a epopeia da campanha do duque da Terceira no Alentejo quer nas valentes incursões de Sá da Bandeira no Algarve, ninguém dera pelos famosos guerrilheiros. Mostravam-se agora, como abutres cheirando carne podre. O tenente-coronel Lacerda, que comandava os lanceiros da escolta, ordenou ao capitão Carlos de Mascarenhas que fosse dizer ao tal Batalha e aos seus que, se teimassem, carregava-os. Não teimaram.

O plaino alentejano era um deserto abrasador e, às vociferações dos raros povoados, sucediam-se os longos silêncios taciturnos, em que apenas soavam os cascos dos cavalos calcando a terra dura, o chiar das rodas dos furgões, o percutir das bainhas das espadas nos arçãos.

Em Sines, juntara-se uma multidão a apupar o infante - dizia-se que arregimentada pelos clubes de Lisboa. A custo abriam os lanceiros alas para a passagem da caravana do silêncio. Os brados à sua volta aumentavam, os insultos choviam e a isto seguiram-se as primeiras

pedradas. O comandante da escolta mandou apelar meio esquadrão para conter o povo, desembainharam-se as espadas, um oficial atingido por uma pedra limpava o sangue do rosto. A um homem válido, dos mais furibundos, olhos injectados, que gritava «À forca! À forca! Mata! Mata!», Nuno de Almeida perguntou, ameaçador e com a voz tremendo de emoção, segurando-o pelo gasganete:

- Em que batalhas estiveste, canalha?! Em que cadeia foste preso?!

O outro, estarrecido pela surpresa, engoliu a indignação, atirou-Lhe um olhar subitamente toldado de rancor submetido e calou-se.

D. Miguel e os seus embarcaram finalmente nos escaleres que os levavam para a fragata Stag, de pavilhão inglês. Nuno de Almeida pensava, vendo o navio fazer vela rumo a Génova, que mais digno seria se fossem portugueses a levar o infante vencido. Um barco português o trouxera, triunfante, em 28, saudado pelas aclamações entusiásticas do povo órfão e crendeu, gritando festivamente «O rei chegou! O rei chegou!»

- Ó Ti Rita! Ti Rita! - gritava, estridente, alarmada, a Francisca cozinheira, de bofes à boca, às punhadas à porta da mercearia.

- Lá vai - respondeu o Sr. Inácio, descendo a escada, a abotoar o casaco de cotim de estar na loja. - Há fogo ou quê, mulher?

E destrancava, dava a volta à chave, levantava a lingueta, interrogativo.

- Fogo, não. Mas preciso de falar à Ti Rita, de muita urgência. A dona da casa, que acabara de dar de comer à neta e ainda estava de roupão e touca branca nas grenhas por ser hora muito matutina, foi recebê-la, picada pela curiosidade. O caso era o seguinte:

- A Ti Rita tem que me ajudar nesta aflição, por todos os santinhos e pelas almas dos seus que lá estão. O meu patrão chegou ontem à noite, mais aquele oficial que anda no engodo da menina Margarida e que, coitado, está de cara retalhada embrulhada em panos e com meia orelha a menos. Vieram lá daquele sítio onde assinaram os

papéis para acabar a guerra. Mas, ainda era escuro, começaram a juntar-se ao pé da casa uns malcatrefes, que andam com arrochos e facas, e a Ti Rita sabe o que vai aí de vinganças e despiques e, inda ontem, houve um caso de morte no chafariz de Santos-o-Velho. Vai daí, o senhor D. José e o outro estão de pistolas carregadas de guarda às janelas e o Joaquim cocheiro, todo tolhido de reumático, de trabuco no gatázio, a fazer sentinela ao portão. Aquilo promete sangue. Então lembrei-me, Ti Rita, que vossemecê podia pedir ao seu menino Filipe, que é capitão dos lanceiros, que fosse lá meter medo àquela jolda de vadios... Já da outra vez ele me safou da enrascada...

- Vadios serão os que andaram ao serviço do Miguel - belfou o Sr. Inácio, muito carbonário.

- Ó senhor, não diga isso! Então não fizeram uns e os outros aquele papel das pazes, a dizer que as brigas estavam findas?!

- Isso são manhas do brasileiro. Não vale nada - insistiu o homem. Deixa a mulher falar - temperou a Rita, autoritária.

- Ai Ti Rita! Acuda ao meu amo, quando não até a mim me desgraçam, que fico sem trabalho e sem pão... Por amor de Deus!

- Ó Inácio, diz ao marçano, que já deve ter chegado, que venha cá acima.

- Pra quê?

- Para mandar recado ao menino Filipe. Para que havia de ser? Somos uns para os outros. E seja pela alma do meu João, que tinha fraca cabeça e se deixou matar por D. Miguel.

- Lavo as mãos - amochou o Sr. Inácio, fazendo o gesto condizente. E desceu, resmungando coisas, a cumprir o capricho da mulher.

Filipe de Villepin foi alcançado pelo marçano da mercearia quando entrava no quartel. Convenceu o comandante a ceder-lhe três lanceiros, invocando questão de honra e as disposições da Convenção de Évora-Monte. Trotou para a Lapa com os soldados e, ao chegar às

imediações da mansão dos Almeidas, deparou com um bando de quarenta a cinquenta homens, entre os quais guinchavam mais ardentes ameaças algumas mulheres e pinchavam uns tantos gandulas. Muitos eram os cacetes de marmeleiro que se levantavam sobre as cabeças apinhadas junto ao portão e não escapou a Filipe o cintilar duma ou outra arma branca. Em duas das janelas entreabertas, adivinhava-se a silhueta dos sitiados de pistolas aperradas.

Bastou uma arenga moralizante e, sobretudo, um decidido mostrar das espadas nuas para que a turba dispersasse, vociferando, com muitos punhos fechados sublinhando as promessas de darem cabo dos miguelistas e das suas propriedades.

Abriu-se então uma das janelas e surgiu a cabeça encanecida do coronel José de Almeida.

- Obrigado, capitão - disse, com voz firme.

Filipe fez-lhe a continência e volteou o cavalo, numa tentativa de ocultar o rosto e não ser reconhecido. Despontava na esquina uma patrulha da guarda municipal, convocada entretanto pelo comandante dos lanceiros para se substituir à pequena força de Villepin. Este ordenou o regresso a quartéis. Vinha, então, muito afogueada, a Francisca, de volta a casa, a qual, pondo as mãos e revirando os olhos para o céu, declamou a sua gratidão:

- Deus lhe pague, Sr. capitão, que hei-de rezar dez padres-nossos e outras tantas avé-marias pela sua eterna felicidade!

- Cinco chegam, cinco chegam... - respondeu-lhe, chocarreiro, refreando a montada. - Mas também eu tenho que lhe pedir um favor em troca. Não diga ao seu amo quem eu sou. Entende?

- Desta boca para fora nem uma palavra! Juro pelas cinco chagas de Cristo!

O capitão tocou o cavalo e, seguido pelos soldados, desapareceu ao fundo da rua.

José de Almeida chamou à sala a cozinheira. Junto dele estava o

capitão Avilez ainda de rosto enfaixado de ligaduras.

- Ó Francisca, quem era aquele honrado oficial? A cara não me é estranha...

- Não sei, meu senhor.

- Tu não estás a dizer a verdade, Francisca.

- Eu cegue já, se alguma vez vi aquele homem, a não ser agora mesmo!

O coronel franziu o sobrolho e, subitamente, pareceu ter-se-lhe iluminado a memória.

- Ó Francisca, aquele não era o tal que andou a querer namorar a minha filha?

- Credo, senhor! Este é mais alto e mais magro, e não tem os olhos pretos como o outro. Eu cegue já, se era ele!

- Ó mulher, olha que um dia Deus castiga-te e acordas na escuridão eterna.

Mas não insistiu, preferindo a dúvida à certeza de ficar em dívida com quem pretendia desonrar-lhe a família.

O capitão Avilez permaneceu mais uma semana com José de Almeida, até o libertarem dos pensos e dos pontos. Quando se viu ao espelho apertou-se-lhe o coração - um fundo golvaz descia-lhe da orelha cortada até à asa do nariz, em meia-lua, e a imperfeição da costura deixara em relevo os bordos da ferida e uma depressão onde talhara o gume do sabre. Achou-se desfigurado e estremeceu, pensando em Margarida. Aprazara, em princípio, o casamento para meados de Outubro, admitindo que até lá cessasse a agitação reinante. O coronel mandara recado ao Gradil instruindo a mulher, a filha e o padre Domingos para que regressassem a Lisboa, por estarem as estradas mais seguras. Segismundo, perante a perspectiva do encontro com Margarida, fraquejou e decidiu partir para Pombal, pretextando não poder adiar por mais tempo a visita aos pais, que não via ia para dois anos e a quem queria informar do seu noivado. José de Almeida fingiu não perceber o motivo autêntico

daquela súbita partida. À despedida, abraçou-o com emoção, confirmou as disposições para a boda e disse-lhe que, depois da batalha da Asseiceira, o considerava como um filho.

A guerrilha da Caceteira minguava. No refluxo do desastre de Asseiceira ainda tinham recuperado um sargento de caçadores e um soldado artilheiro, extraviados nos matos durante a retirada trapaLhona. Haviam encontrado outros em idêntica situação, os quais encolhiam os ombros ao aliciamento, entregavam-lhes as armas, se as tinham, e buscavam nas estrelas o rumo para as suas terras, dando a guerra por concluída. Voltaram às alturas da serra d'Aire e, na manhã seguinte à batalha, faltavam os três sicários do Miguel Segundo, também ele traído pelos seus homens de mão. Fariscaram depois a estrada Ourém-Tomar, mas a única acção ofensiva fora o assalto a um churrião do exército carregado de farinha. Tendo fugido os soldados, esventraram as sacas à baioneta e levaram a parelha de mulas pela serra acima, mal divisaram uma patrulha de cavalaria denunciada pelos redemoinhos da poeira que levantava no caminho.

Passados dias, desaparecera o Soberano. A comandanta, porém, não se ralou - o cio viera mais tarde naquele ano de tantas aventuras. Havia de voltar. Mas as deserções autênticas prosseguiram. Faltaram, primeiro, o Tomé e o Paulo, depois o sacristão, farto das pregalhas do cura e de alombar com a cruz. Ciscavam-se sem dizer água vai - o sacristão, de noite, com passinhos de ladrão; os outros dois, quando desceram à Benedita com um macho de reserva, em busca de provisões. Mais tarde, foi o soldado artilheiro quem faltou à chamada; descobrira que não estava longe das Caldas da Rainha, onde tinha família - desviara-se do carreiro, a desabotoar as calças e agachara-se atrás duma piteira; afinal, as necessidades eram outras e nunca mais lhe puseram a vista em cima. O Miguel Segundo, no seu estilo rufia, explicou que o rapaz se tinha «transformado em cagalhão». O Manuel de Sousa fizera-lhe ver que seria bom vigiar melhor a taramela. E o cura considerou, mirando o picoto que

herdara a cruz e a burra, que afinal o preso era dos mais fiéis.

Tendo admitido que o projecto de juntar-se ao Remexido, no Algarve, era empresa problemática devido à distância e à vigilância dos caminhos, Cunegundes decidiu que iriam acoitar-se no pinhal de Leiria, para organizarem emboscadas na estrada Coimbra-Lisboa. Contaram-se - eram seis e dispunham de dois cavalos, cinco muares, da burra do abade e de armas para mais do dobro.

Envergonharam-se de se considerarem poucos e de haverem rasgado os editais da Convenção afixados nas povoações, para nada.

Deambulando na densa mata de pinheiros, fizeram um assalto rendoso a casa dum malhado da Marinha Grande e foram ver o mar, entre São Pedro de Muel e Vieira. O Soberano dera-lhes com o rasto, tinha reaparecido, mas recusou-se a sair do pinhal, fitando de longe, pela primeira vez na sua vida de lobo, a vastidão inquietante do oceano e uivando ao marulhar das ondas.

Estava-se nos primeiros de Julho, o tempo adoçara e os ares limpos pelas brisas do Norte punham os que de entre eles ainda de tal eram capazes a sonhar com o regresso do senhor D. Miguel, com a esquadra russa e as divisões austríacas que, pelos vistos, se tinham atrasado.

Então, o cura mandou ao picoto que cravasse na areia da praia a cruz de pau-brasil, arrebanhou uns madeiros, empilhou-os à laia de altar, nomeou o picoto sacristão e, virado para o mar, disse missa pela salvação e volta de sua majestade fidelíssima o senhor D. Miguel I, rei de Portugal.

Entrado o Verão e tendo as parentas mais o padre saído para Lisboa, chegou a Pedro de Almeida um rumor alarmante lançado por um comerciante de Torres, liberal da última hora. Segundo o fulano, a quadrilha que assaltara a posta em que ele viajara de Condeixa para a capital, por alturas do pinhal de Leiria, era chefiada por uma tal Caceteira, que já dera que falar nos povos das faldas da serra d'Aire. Não pudera vê-la, por ser de noite, mas não lhe restavam dúvidas de que a

quadrilheira não era outra senão a menina da quinta do Gradil, que desaparecera de casa havia meses em companhia do morgado do Sousa. Daí até virar os ânimos contra as duas famílias foi um passo a que a voz popular acrescentou contornos pícaros e feitos facinorosos. E logo voltou a convicção de andar a rapariga conluiada com o Diabo na pele do lobo que se tinha sumido com ela.

Dizia-se que, em Lisboa, se preparavam leis para repartir pelos vencedores os bens dos vencidos e já se previam leilões de propriedades da Coroa e da Igreja, da Patriarcal, dos conventos e capelas e das casas da rainha e do Infantado. Depois viriam os dos particulares. E muitos eram os olhos gulosos que se voltavam para as coisas dos Almeidas e dos Sousas. Não tinha Pedro de Almeida protegido a família do irmão que combatera pelo Miguel? Não alistara Jerónimo de Sousa o filho no exército do usurpador?

Os gananciosos que se encostavam à ala radical do partido ganhador faziam contas às talhadas do Gradil e lambiam os beijos, aguados.

Pedro chamou Jerónimo de Sousa, a pretexto de tratos relativos a uma charneca que lhe tinha arrendado. O desnível das posições sociais mantivera sempre uma distância, polida mas bem marcada, entre um e o outro. Mas aproximava-os agora o rosar das gentes, picadas pelos novos liberais da região, ameaçando perturbar-lhes a tranquilidade que tinham preservado, abstando-se de comprometimentos irremediáveis.

O fidalgo expôs os seus receios ao próspero rendeiro e sugeriu que juntassem esforços para se defenderem. O Sousa arreganhou um sorriso manhoso, acomodou-se na cadeira de forro de cabedal com pregos amarelos, coçou a cabeça de machacaz, debruçou-se para a secretária do senhor Almeida e disse que pela força não iriam lá, mas que havia outros modos. Tirou a carteira do bolso de dentro do jaleco, extraiu dela um papel amarrotado e amarelecido e estendeu-o ao interlocutor, esclarecendo que a assinatura era do Damásio, o tal comerciante de Torres

que andava a espalhar as balelas. O documento era, nem mais nem menos, um recibo de chorudo donativo à Ordem de São Miguel de Ala, incluindo protestos de servir como membro sem grau honorífico.

- Ora, como o Sr. D. José tem aqui um trastejo mais seguro do que o meu, guarde-me cá o papel. Eu vou a Torres meter um susto ao bigorriha, mas como arrisco alguma carga de cachaporra no caminho, não quero levar isso comigo. Copiei a coisa e, se o tratante armar em finório, peço ao Pinto da tipografia, que me deve uns favores e uns dinheiros, que estampe umas folhas de colar nas paredes com a história do Damásio, miguelista de sempre e liberal de ontem.

Pedro assentiu, gozando a esperteza do outro, passou os olhos pelo documento e não conteve a pergunta:

- Como é que você arranjou isto, ó Jerónimo?

- Isso não importa para o caso. Não sou santo nenhum, nem parvo. Tinha e tenho amigos que me ajudam tanto como as cautelas de meu natural.

O Almeida, que tencionara ficar por ali, decidiu subitamente abordar questão mais delicada.

- E os nossos filhos? Tem novas deles?

Era a primeira vez que tal tema entrava nas resumidas palestras agrícolas dos dois homens e fora preciso ao pai de Cunegundes um impulso de coragem para tal iniciativa.

- Para falar verdade, Sr. D. José, o Damásio não anda a dizer patranha nenhuma, embora eu esteja capacitado que o faço engolir a verdade e o ponho a tocar outra solfa. Saiba que os moços estão bem de saúde e que as tropelias em que se meteram pouco estrago têm feito. Coisas de rapazes que escandeceram a cabeça com os brios do senhor D. Miguel. Mas já agora que vossa senhoria trouxe à baila o caso, e com sua licença... Sempre quero dizer que o meu Manuel e a senhora sua filha... Bom, vossa senhoria sabe o que acontece quando está a estopa ao pé do lume... Quero eu dizer, com todo o respeito, que, mais lua menos lua,

temos o caldo entornado, se é que já não ferveu... De maneiras que é melhor vossa senhoria ir-se preparando para colarmos os cacos da tigela... Quer-se dizer que não há-de tardar muito inda temos que os levar ao senhor Padre Casimiro para as bênçãos próprias destes epílogos, ou eu não me chame Jerónimo de Sousa.

O outro embezerrou, carregou o cenho e deu a conversa por finda, dobrando cuidadosamente o recibo do Damásio. Irritava-se pelo sossego ameaçado e debatia consigo mesmo duas faces contraditórias da questão - negar a filha ao vilão e reconhecer a competência dele em matéria de política.

D. Bernardina, posta ao corrente, acomodou-se melhor à ideia, muito pragmática - que já tinham duas filhas bem casadas e que à terceira não servia nenhum freio e bridão. Assim ela escapasse daquelas tonteiras arrapazadas das guerrilhas e voltasse ao redil, que o morgado do Sousa era tão guapo como os Mendonças de Vila Real e de brasões já estavam servidos. Aquele ámen de conformação pareceu endireitar a honra fidalga que empenhava a consciência do marido e restituir-lhe a santa calma rural perturbada pelas lutas civis e pela ressaca das invejas que viera espumar-lhe à porta.

Passados três dias, o Jerónimo veio informá-lo que passara o Rubicão de Torres Vedras e que o Damásio se cagara de medo ao vê-lo aparecer. Mudara a cantiga, afinado pela pauta certa, e que estavam «desarriscados da lista das roubalheiras que se andavam a tramar».

Da Cunegundes e do Manuel não voltaram a falar. Estava tudo dito.

Filipe de Villepin, então aquartelado em Queluz, obteve licença para passar uns dias em Lisboa, com o fim de se encontrar com Nuno de Almeida e com o sargento Bavard, que ali se tinham finalmente reunido.

Num dia abrasador de Agosto, alugaram uma sege e bateram para Belém, a banquetear-se no Retiro da Pardala, cujos guizados eram

famosos.

O Bavard fora já licenciado, que os estrangeiros do exército eram os primeiros a obter a alforria. Teimou com os senhores oficiais para que o autorizassem a arejar os soldos atrasados que lhe cantavam na algibeira e deixassem a farra por sua conta. O seu humor oscilava entre a risonha perspectiva de voltar a França e a nostalgia de abandonar o seu capitaine de Villepin. Este propôs-se conciliar os dois sentimentos, anunciou-lhe que ia regressar a Paris e que, se ele quisesse esperar dois ou três meses, viajariam juntos.

- Grande alegria me dá, mon capitaine! - exclamou, brilhando-Lhe o olho de emoção e levantando o copo de vinho. - Bebo por isso e pela sua felicidade. Et vous, mon lieutenant! Adivinho que vai para o Porto, para as delícias daquela amável senhora... Não há como o coração para arranjar os destinos. O meu já anda cansado, mas é bom saber que tenho patroa à espera que se me parta o realejo da aventura. E, pensando bem, noutra não me meto. Reforma e descanso... E para todo o serviço de que me achar capaz continuo às ordens de mon capitaine. Se o céu tiver janelas, muito há-de ter gozado o senhor seu pai a ver a bravura do filho no campo de batalha. Mais um trago pela memória dele!...

E, deitando a unha à asa do jarro, atestava os copos, muito faceiro.

Conversaram depois sobre os trapejos dos políticos, dos ódios e invejas que se soltavam pelo Reino, os baixos despiques dos liberais de última hora e de alguns que até lhes mereciam respeito, deitando a mão às fortunas dos miguelistas, com assassínios e outros crimes à mistura. Como a sublinhar o tema, apareceram junto à sombra da parreira onde estavam amesendados dois frades, que, expulsos do seu mosteiro, lhes pediam esmola pelo amor de Deus. Deram-Lhes umas moedas.

- Andam os povoados e os caminhos cheios deles - disse Nuno.

- Era bem desnecessário este espectáculo de miséria que só acirra os ressentimentos.

- Ó meu tenente! Lembre-se de como estes safardanas clamavam contra nós e das mafeitorias que fizeram aos nossos soldados!

- protestou o Bavard.

- Eu não esqueço - interveio Filipe. - Mas há entre eles santas criaturas e alguns que estiveram do nosso lado também vão pagando pelos outros. A extinção das ordens religiosas não é apenas uma medida revolucionária, mas também uma maneira de encher as algibeiras de alguns ambiciosos e de substituir a nobreza antiga por uma aristocracia liberal.

- Dessas trapalhadas políticas não sei... - insistiu o sargento. - O que sei é que até na Espanha, onde eu vi a religião mais fanática, já andam a matar frades como quem vindima, por eles ajudarem os tais carlistas, que são os miguelistas de lá.

Falaram das notícias da matança dos monges de São Francisco el Grande e de como se cantavam nos botequins de Madrid, com acompanhamento de gutianadas flamencas, coplas heréticas que nunca se tinham entoado do lado de cá - Muera Cristo! Viva Luzbel! Muera D. Carlos! Viva Isabel!

- Há muito absolutista inconsolável e desesperado que está emigrando para o exército de D. Carlos. E já correm boatos de estar D. Miguel a preparar a volta, ajudado pelos carlistas, com um exército de quarenta mil homens - dizia Filipe.

- Fantasias... - atalhou Nuno de Almeida. - Esta nação está exangue, sem forças para empunhar os fuzis. Mesmo as guerrilhas que ainda assolam muitos lugares já se parecem com quadrilhas de bandoleiros. A desordem ainda vai durar mas as energias hão-de esmorecer pouco a pouco.

Tudo haveria de se esgotar, até a perversidade universal, essa maré inevitável que sempre submergia as ilhas do bem, exceções rousseauianas que ele materializava nos socalcos durienses onde amadureciam as uvas da Clarinha.

Filipe invejava cordialmente a bonomia de Nuno, por estar próximo do licenciamento e o dele demorar, pelo menos enquanto estivesse destacado na guarnição do Palácio de Queluz, para onde se dizia que voltaria em breve D. Pedro. Aconselhado pelos médicos, o imperador procurara alívio em Sintra, após a abertura solene das Cortes, a que comparecera já em estado de grande fraqueza, pálido, tossindo constantemente e marchando com dificuldade, e estava então nas Caldas da Rainha, cada vez mais depauperado. Segundo Filipe, ele sofria igualmente com as críticas que crepitavam na Câmara dos Deputados, tanto vindas de alguns que apoiavam o Ministério chefiado por Palmela, como da oposição que tinha à frente o marechal Saldanha e a oratória incansável de Passos Manuel.

- Não era preciso mandar prender o Rodrigo Pizarro... - observou Nuno.

- É verdade que foi eleito por Trás-os-Montes - reconheceu Filipe.

- Mas como estava banido do Reino, a eleição não parece válida. E entrou sem licença...

- Ora, ora, Filipe! As eleições foram uma mágica de saltimbancos. Mais ilegalidade, menos ilegalidade... Reconheço a D. Pedro a coragem de soldado, que de muito nos valeu nos apertos. Quanto ao resto...

Filipe tornara-se um estrênuo defensor do imperador, talvez por ter assumido muito a sério o lugar na sua guarda pessoal. Discutiram ainda os dois amigos, com argumentos pobres, amolecidos pela digestão da caldeirada e pelo calor. Quando naturalmente chegou a trégua e se demoraram a ver o Sol a pôr-se para o lado da barra, Nuno sintetizou os sentimentos que em ambos prevaleciam naquele rescaldo das paixões incendiárias.

- A vitória na guerra da liberdade é a vitória da saudade. Conquistámos o regresso à terra mãe. E estamos a arrumar no sótão da memória as armas juntamente com as razões. Não tarda que os das novas

gerações nos desprezem e tenham zanga, por de pouco lhes servir a nossa experiência de fazedores da história que já não será sua. Está bem assim... Nunca haverá dique capaz de deter as águas do tempo.

Olhando a prata do rio e o alaranjado do poente, o sargento Bavard, alheio aos devaneios filosóficos, atreveu-se a intervir com a sua simplicidade:

- Perdoem-me... Mas os senhores parecem uns velhos a regougar ao serão. Eu, quando me ponho a recordar a minha vida, desde a grande revolução, passando pelas campanhas do imperador Napoleão e por tudo o mais... Eu... Eu só me lembro de ter andado com gente nova, que combatia até ao fim, indo direitos ao inimigo com a certeza de serem os melhores e de não lhes escapar a vitória... Gosto das minhas lembranças quase todas. E não me arrependo de nada.

Os outros sorriram. Também eles não se arrependiam, mas...

A criada de quartos chamava a Francisca cozinheira - que viesse à porta, estava lá à pergunta dela um moço bem parecido, todo alfenim, com um falar muito farsista. Ela foi, intrigada. Quando empurrou a porta e o viu, caiu-lhe o mundo em cima com tão fulminante fragor, que lhe girou a cabeça em espirais vertiginosas que a puseram à beira do fanico. Era o filho, o seu Horácio, tal e qual como a bruxa de São Bento o vira nas cartas e na bola de vidro, mais o chapéu alto, a mala de tapete na mão e o corpo espigado e musculoso de quem vencera a Amazónia, o Rio de Janeiro e os miguelistas, que o resto era ele chapado, o valete de copas, com anéis chispantes,

a corrente de oiro a faiscar, entre a algibeira do relógio e o terceiro botão do colete, e a coralina no plastrão. Acordou do choque nos braços dele, a olhar-lhe para o sorriso agaiatado, e a ouvi-lo dizer: - Sou mesmo eu, o seu Horácio, mamãe Francisca - com um sotaque caipira, já com asperezas ganhas em dois anos e tal de Porto e de guerra.

Juntou-se a criadagem, grunhindo espantos, a trazê-los para dentro, para a cozinha, muito curiosos do milagre. O filho-pródigo ria e a

mãe, mão espalmada no peito, pedia água para o desentopir do flato que lhe entrecortava as exclamações. - Meu rico filho! Meu rico filho!

A Tomázia lavadeira foi tirar do lume a sopa do jantar, que já cheirava a bispo, o Joaquim cocheiro cofiava o bigode à procura de defeito na maravilha e a criada dos quartos soltava gargalhadas estridentes, com o copo de água na mão tremulenta e olhos postos no guapo. O acontecimento chegou ao andar de cima, pelo atraso do jantar dos amos, atingido pela desordem feliz. E a cozinheira oscilava entre o amor maternal e a fidelidade devida aos seus senhores, deixando pouco a pouco que o coração optasse pela proposta do filho para que dissesse adeus à condição de serva e fosse com ele ocupar uma bela casa que alugara na Rua da Palma, na baixa de Lisboa. O sonho era um dilema com solução natural - a Francisca aprontou a janta, atrapalhada pelas emoções, com grande chocalhar de tachos e panelas e mão incerta nos temperos, enquanto o Horácio esquiava aventuras tropicais e bélicas, respondendo às perguntas que a audiência pasmada disparava à queima-roupa. A⁴cozinheira, dando a obrigação por pronta, fez o passo definitivo para fora daquela vida, com o gesto solene de desatar o avental, dobrá-lo com minúcias, pousá-lo no escano da copa, e subir as escadas com o coração à boca para anunciar aos patrões o fim do seu mundo.

Mãe e filho saíram, saudados pelo adeus dos outros criados e vigiados, por trás das cortinas da janela da sala, pelos olhares espantados de D. Leonor e da filha Margarida, a admirarem o garbo do mocetão dando ordens ao cocheiro duma sege que arrumava na boleia o baú da Francisca, a qual envergava o vestido preto de baetão e ostentava os oiros nas orelhas e no peito, despedindo-se dos colegas com muitos acenos e lágrimas de

⁴ Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.

felicidade e nostalgia de muitos anos de leais serviços a picar cebolas e a lardear lebres.

A miragem progredia com realidades palpáveis, Lisboa fora, aos baldões da carruagem, o filho a explicar-lhe a herança do «siô Moraes», um bonzão solitário, sem familiares, nada dado a mulherio, que o fizera mais que filho e morrera trespassado por uma bala no baluarte das Antas. E depois, o assombro do espectáculo das duas carroças a despejarem mobílias de salão à porta da casa da Rua da Palma, onde até bailes se podiam dar, na grande sala ainda vazia, no meio da qual pairava uma enorme avejã branca com penacho, dentro de uma gaiola imensa. Os galegos carregavam os trastes pelas escadas acima, seguindo as instruções do Horácio, que os tratava por «moleques». E a Francisca, sentada no baú ao pé da gaiola, fazia tagatés à arara que o filho lhe dissera chamar-se Baiana. Ela não sabia por onde começar os arranjos, mas já cirandavam pelos quartos duas criadas de vestidos negros, cristas, golas e punhos brancos, encerando, espanejando, polindo. A Francisca levantou-se instintivamente, pôs a sombrinha por riba do malotão e por cima o casaco, foi-se a uma vassoura arrimada a um canto. Aí, o Horácio interrompeu o comando da tropa de galegos e, rindo, tomou-lhe o cabo da vassoura, encostou-a à parede, e repreendeu-a afectuosamente.

- Mamãe já não é criada de ninguém, não!

Os dias seguintes foram uma sucessão de acontecimentos estonteantes. Entraram baixelas, cómodas de estilo, cristais, lustres, cadeirões estofados, baterias de cobre; e a Francisca tomava gradualmente o leme daquele barco desarvorado na rota da opulência. O Horácio ausentava-se a miúdo e ela pensava, não sem razão, que andava moira na costa, vendo-o ridente e suspirante.

A moira era tudo o que de mais parecido havia em Lisboa com uma mulata do Rio. O Horácio engalanara-a com roupas caras, jóias de preço, pusera-lhe uma casinha, ao Castelo. Já a levava ao Teatro do Salitre e a Pedrouços, e treinava-lhe os modos para São Carlos - pois então! -, que

ela só precisava de polimento para espantar os «grãos-finos» e de perder as farsolices brejeiras da vida para onde a tinham empurrado os azares do destino.

Remediado o transtorno da deserção da cozinheira, a casa da Lapa agitava-se em preparos de acontecimento - a chegada de Pombal da família Avilez, a formalizar o pedido da mão de Margarida.

Era gente de pergaminhos, mas de fortuna abalada pelo desenlace da guerra, o Segismundo, os pais e a irmã que, numa tarde nevoenta de Setembro, desceram, sacudindo a poeira dos trajes, diante da mansão dos Almeidas, duma carruagem puxada por uma parelha de mulas.

Embora preparada pelo pai, Margarida não pôde evitar um estremecimento e a palidez que lhe alvejou as faces, quando viu o rosto desfigurado de Segismundo Avilez que a mirava, com olhos melancólicos e uma timidez que ele próprio desconhecia, angustiado pelo instintivo gesto de repulsa da noiva a quem beijava a mão. Dominado a custo esse sentimento, que parecia ameaçar romper-lhe as fibras do coração, Margarida recobrou o sangue-frio e, voltando a cara para onde já conversavam as duas famílias reunidas, murmurou uma resposta trémula ao cumprimento de Segismundo, que, sem tempo para se colocar do lado da orelha sã, a não ouviu, daí resultando um instante de equívoco que a ela não passou despercebido.

Concluída a primeira entrevista, Margarida retirou-se para o quarto, ansiosa de reencontrar a sua solidão, que molhou de lágrimas, deitada de costas sobre a cama fitando o infinito que estava para além do tecto de caixotão deformado pelos cristais da amargura. Avaliava a sua vida como um duelo entre o orgulho e a compaixão, e maldizia a hora em que os seus olhos haviam encontrado os de Filipe de Villepin, seis anos antes, tocados pelas reverberações luminosas duma manhã de Primavera, no caramanchão do jardim de sua casa, tendo ao fundo a mancha azul das hortênsias em flor. Essa imagem regressava do fundo da memória, como

um sinete que autenticasse todo o futuro com a beleza indizível que haveria de imprimir no rosto devastado de Segismundo e no de todos os demónios que viriam tentá-la nos seus pesadelos. O ódio, que adormecera com a visão amável e esbelta de Segismundo Avilez antes da guerra civil, voltava com uma violência feroz que lhe pesava no peito como a pedra dum túmulo em que queria encerrar-se. E assaltava-a o arrependimento dessa fraqueza que a distraíra do destino, tão bem imposto e fortalecido nos anos de convento, e que desdenhara quando cedera às mesquinhas tentações duma liberdade ilusória. Acudiam-lhe aos lábios, com estranho rigor, frases inteiras das cartas que tinha queimado e cujas cinzas adubavam os juramentos de amor eterno no sequestro do mosteiro de Chelas, onde conservara intactas vontade e paixão. As lágrimas corriam-lhe dos olhos abertos e tomava-a uma febre de revolta, que lhe incendiava o corpo. À beira dum súbito delírio, via as pequenas labaredas das cartas a arder crescerem em chamas alterosas que ganhavam os contornos movediços das faces de Filipe e de Segismundo, transformados no bem e no mal, envolvidos nos mesmos reflexos avermelhados do lume crepitante, os seus corpos agitando-se numa dança selvagem e sensual, em que ela participava com contorsões lascivas e um riso sardónico a arrepanhar-lhe os lábios escarlates.

Quando D. Leonor, preocupada com a longa ausência da filha, foi chamá-la ao quarto, ouviu umas gargalhadas estrídulas entrecortadas de soluços de choro.

Mais tarde, franqueada a porta, chamaram o médico para dar remédio à febre altíssima e ao delírio de Margarida. O clínico diagnosticou sezões. Na sala, as famílias dissimulavam a apreensão. E Segismundo, que escolhera o canto mais escuro, procurava ocultar, de semblante carregado, a infelicidade que se perfilava, imperativa e inevitável, no horizonte da sua vida.

Entretanto, a boda ficara marcada para o último domingo de Outubro.

D. Pedro morreu no dia 24 de Setembro de 1834, quatro meses depois da assinatura da Convenção de Évora-Monte. Expirou num quarto do Palácio de Queluz, uma sala quadrada, com oito colunas sustentando o tecto circular pintado com alegorias das artes e medalhões de sanca nas sobreportas. Nas paredes, as pinturas de episódios do D. Quixote de La Mancha conferiam um melancólico simbolismo ao passamento daquele que fora bandeira e chefe do liberalismo.

O corpo do imperador esteve exposto em câmara-ardente no palácio, até ao dia 27, data em que se realizou o funeral, com as honras dum simples general. Escortados pelos oficiais generais, pela guarnição de Lisboa, pelas deputações das Câmaras, os restos mortais, colocados num coche da Casa Real, atravessaram a cidade entre alas de povo e, quando o féretro passou junto a São Sebastião da Pedreira, vieram das barreiras ao seu encontro as colunas cerradas dos batalhões nacionais prestar-lhe a última homenagem.

Postados abaixo da Sé, no caminho para o Panteão de São Vicente, o Sr. Inácio, a Rita e a Francisca, com trajes enlutados, aturavam os empurrões da turba para verem o cortejo, o espectáculo imponente dos uniformes medalhados dos marechais e da escolta, os ministros, os pares do Reino. Viram pela primeira vez as lendas vivas da vitória liberal, o marechal Saldanha, o duque da Terceira, o duque de Palmela, o maneta Sá da Bandeira. E o Sr. Inácio, muito superior ao lacrimejar das mulheres, distanciou-se das emoções, repetindo o que ouvira aos letrados do Parras:

- Morreu a tempo...

Um veterano dos voluntários da rainha, que por acaso estava ao lado dele, deu-lhe troco e pôs os pontos nos is, contendo a indignação:

- Não foi por não ter procurado a morte no cerco do Porto, quando dava exemplo de coragem a todos nós!

O merceeiro embatocou, meteu a viola no saco e tirou o chapéu. Foi então que a Rita sentiu um baque no peito e, espetando o indicador para o outro lado da rua, interpelou a Francisca:

- Aquele arganaz, ali em frente, ao pé do polícia de bigodes...

Não é o seu filho?

Era. E a comoção da Francisca foi ainda mais intensa do que a subentendida na voz engrolada da amiga. Era o Horácio e tinha filada ao braço, muito bem-posta, de chapéu armado com rendas pretas, a Gracinda!

O Sr. Inácio, que também reconhecera o par, exclamou:

- A fulana tem pacto com o malino!...

As duas mulheres, nem chus nem bus, evitavam olhar uma para a outra. O cortejo fúnebre acabava de desfilar e desaparecia lentamente para os lados de São Vicente, e o grupo apressou a retirada, abrindo caminho entre o povo apinhado, para evitar um encontro que tinham por embaraçoso, a justo título. A Francisca queria disfarçar o desgosto e o desconsolo, não dar parte de fraca e não mostrar a importância que dava ao caso. E a Rita pensava, não sem uma ponta de satisfação, que a fortuna não dava tudo, muito menos protecção da leviana, que, se servira ao seu filho, havia de prestar para o ricaço caído da árvore das patacas.

Calhou naquele fim de tarde aparecer o Horácio para a ceia, o que nem sempre acontecia. A Francisca achou-o muito bem-disposto, pródigo em cumprimentos pelo peixe de escabeche. Vendo-a a tasquinhar, desganada, as febras duma posta, calada e meditabunda, o Horácio perguntou-lhe se era do desgosto pelo senhor D. Pedro. Ela disse que sim, mas que outros desgostos também não lhe faltavam. Ele quis saber quais, se estava descontente com as criadas, se lhe faltava alguma coisa - e abria os braços exibindo a fartura das alfaias expostas. Ela protestava, que não era nada disso. E ele insistia em saber onde estava o dente de coelho. A Francisca cedeu, por fim.

- Vi-te hoje no funeral do D. Pedro...

- Sim?... Eu não a vi. E daí?

- Sei quem é aquela mulher que levavas pingada no braço...

- A Gracinda? Mulata mais gostosa...

A mãe enrubesceu, sentiu o sangue subir-lhe à cabeça, empurrou o prato para o meio da mesa, com grande estardalhaço de talheres.

- E maluca! Maluca... para não dizer pior, que enfeitou de chifres o João da Ti Rita, que já lá está e também não era boa peça!...

O Horácio deixou o sorriso em metade, esmaecendo de través no carão trigueiro.

- Não dou cheta para contos de vizinhas, mamãe. E a senhora também não dê. São invejas delas.

A convicção do filho deu-lhe asas à dúvida que queria pôr a voar. Teria a mulata andado na vida, lá nas tabernas da Mouraria, conforme a crónica, ou tudo não passava de ligeirezas de taramela e do gingar natural da mulher?

- Com os teus teres e haveres, bons partidos não te faltam... Porque hás-de andar a perder tempo com uma mulata alevantada?

- Perder tempo, mamãe?! Perco nada...

E revia, sonhador, os dengues sábios da Gracinda, as suas redondezas firmes e escorregadias, o seu riso malandro, com um desejo imparável de correr para os braços dela, mal ultrapassasse a sobremesa e os reparos da mãe.

Nuno de Almeida pouco se correspondera com a família desde que se alistara na expedição a Portugal. Que não tinha a veia da escrita, costumava ele dizer a Filipe quando o via redigindo as cartas a Christine. À medida que o tempo passava, mais sentia alargar-se a distância de Paris e as poucas letras que mandava pareciam forçadas, arrancadas às obrigações de família, pouco revelando da metamorfose que nele se operara desde o grave ferimento no cerco do Porto e da descoberta da Clarinha. Quando decidira casar com ela, e instalar-se no Douro, escrevera ao pai uma longa carta em que dava conta da sua resolução, na qual falava mais da descoberta das suas origens que do amor que o prendia. Recebeu em Lisboa a resposta, que o surpreendeu pelo tom

aprovatório e por uma certa nostalgia que nunca vislumbrara nas atitudes e no carácter do pai. Carlos de Almeida admitia viajar a Portugal, de onde saíra havia vinte e seis anos, com o conde de Ega, na retirada do general Junot, levando a mulher, um filho de sete anos, Diogo, e outro de dois, Nuno. Confessava melancolicamente, num estilo imprevisto, que gostava de rever Portugal e os irmãos antes de morrer e que o casamento do filho era um bom pretexto para deixar os negócios por uma temporada, mas contradizia-se, dizendo que iria directamente ao Porto onde precisava de acertar assuntos com o agente que lá tinha. Envelhecia, concluiu Nuno, abafando a alegria por aquela resposta do pai. Não o admiravam as reticências que o irmão mais velho formulara - era um snob que nunca entendera o dandy que o irmão fora e muito menos a sua opção de futuro provinciano, através dum casamento que, de certo, classificaria de desigual.

Nuno de Almeida despediu-se dos amigos, nos princípios de Outubro, depois de liberto dos seus deveres militares, com um baile no palácio da família Meneses, onde ele e Filipe estavam instalados, desde o regresso a Lisboa, devido à amizade que se fortalecera durante as últimas batalhas da guerra com o morgado da casa, o capitão Fernando Duarte de Meneses.

Uma despedida, tout-court - assim definiu a festa o tenente Almeida, à qual compareceram muitos camaradas de armas com as famílias. Os jardins e os terraços do palácio, a Chelas, estavam pontuados de luminárias, e os oficiais amigos tinham levado consigo três bandas militares que, colocadas em diferentes pontos do jardim, se alternavam num estrondoso despique musical. O marechal Saldanha honrou-o com uma breve presença e não faltou um só dos oficiais do regimento de lanceiros, com os seus uniformes de gala, bem como o conde de Morder, novo Ministro da França.

- É o enterro da minha outra vida... - confidenciava a Filipe de Villepin o sargento Bavard, que, ocultando sob a sisudez calada a timidez

daquele convívio com os senhores, muito impressionava pela pala negra no olho esquerdo, as cicatrizes de veterano de inúmeras batalhas e a sobrecasaca nova que o seu capitaine lhe oferecera e na lapela da qual ostentava a fita vermelha da Legião de Honra. Contrastava com a serenidade discreta e quase melancólica do anfitrião, a euforia esfuziante, dançante, mundana, do capitão Villepin, que parecia em tirocínio para a rentrée de Paris, atrasada para Dezembro devido à reestruturação do corpo de lanceiros e às burocracias da desmobilização. Se não era o único centro das atenções, por ali estarem muitos vultos famosos, a sua figura esbelta, o loiro dos cabelos, o grande uniforme com as condecorações e o brilho dos olhos pretos fizeram arfar e suspirar muitos peitos femininos. Sentia-se dono do futuro e não tinha mais que o coração de Christine, o soldo de capitão e o de descoberto em Orleães. Mal lhe moderava a sofreguidão com que se atirava à maravilha de viver a impaciência com que contava as semanas, os dias, as horas que o separavam da felicidade plena. Nuno velava por ele, sem o dar a entender, e tencionava pedir ao pai que o interessasse nos negócios da casa quando ele chegasse a Paris, colmatando assim a despreocupação inocente com que o via disposto a enfrentar a vida desarmado.

Findas as despedidas dos últimos convidados, recolhendo aos aposentos, Nuno pôs a mão sobre o ombro de Filipe e perguntou-lhe:

- Gostaste da tua festa? -Minha?...

- Sim, a do começo da tua segunda vida...

- Mas...

- Sim, sim. Eu só festejei a minha partida, enquanto tu celebras a chegada àquilo que eu abandono... Trata-me bem as midinettes do Vaudeville e as damas lúbricas dos salons littéraires, meu amigo.

- Ora Nuno... Todas as horas serão poucas para Christine.

- Não exageres. E sobretudo não desperdices a fama que te dará o charme com que pisas as salas de baile.

- És injusto.

- Talvez. Mas Paris não é uma quinta do Douro. É outro planeta, como dizia mestre Raimundo.

Filipe tomou aqueles remoques por preconceitos de irmão mais velho.

As neblinas do Outono traziam-lhes aos corações uma nostalgia de proscritos tentados pela redenção. Cunegundes e Manuel olharam-se um dia, sem que lhes toldassem os olhos os fumos do desespero pela derrota do seu rei e reconheceram que estavam caminhando para o fim da aventura. Pedro, Miguel Segundo e o sargento de caçadores desapareceram juntos, acreditava-se que com destino ao Norte, a engrossarem as hostes do temível Cachapuz, tornado quadrilheiro de cruel fama. E o abade, muito sorumbático, architectava planos de fuga airosa, que ocultava mal, com descoroçados encolher de ombros e silêncios que contradiziam o seu natural. Afeiçãoara-se ao picoto, que seguia, escarranchado na burra, o macho de albardão amarelo que o cura adoptara como cavalgadura. À frente, o baio da Caceteira e o murzelo do Manuel de Sousa davam os últimos laivos de aparato aos restos da guerrilha, avançando cautelosamente para o Sul, sem objectivo certo, levando à retaguarda a vigilância instintiva do Soberano.

Atravessaram os campos de Aljubarrota e, depois, os vergéis abandonados dos monges de Alcobaça, quando avistaram o portão de ferro entreaberto duma quinta senhorial, já a noite vinha por eles e buscavam poiso para um alto reparador. Subitamente, surgiram da banda da quinta três mastins de feros dentes arreganhados, rosnando, pêlo arriçado, músculos retesos. A cavalgada manteve o passo, pretendendo evitar hostilidades.

Mas os molossos visavam o Soberano que parara, de orelha fita, cabeça baixa, mostrando as presas, enfrentando-os. Cunegundes chamou-o, mas o lobo olhou-a como que a desculpar-se do orgulho e aguentou firme, suportando a distância que se alargava entre ele e os cavaleiros que se afastavam. Foi então que os perros atacaram, com

latidos roucos e coléricos e pinchos que acoassavam o Soberano, de quartos traseiros encostados ao tronco duma velha oliveira. Um dos cães, um castanho de malhas brancas, protegido pelos que assaltavam de frente, saltou de flanco e abocanhou a parte superior do pescoço do lobo. Este debateu-se, ágil, levando-o de rastos para o outro lado da oliveira e, firmando-se nas patas de trás, rojou o inimigo pelo chão de urzes secas contra o tronco da árvore, livrando-se da dentada. Os cavaleiros tinham detido as montadas, pendentes da luta, e Cunegundes levou o fuzil à cara, fez pontaria, mas o Manuel dissuadiu-a de arriscar um tiro para a confusão em que já se envolviam os quatro animais. O cão preto, que parecia comandar, gania, um dos flancos rasgados, fora de combate, mas os outros recrudesciam de fúria, enrolados com o lobo, volteando pelo chão, com roncões e rosões surdos, iguais em ferocidade. Saiu, enfim, da moxinifada, um ganido estridente, de dor e desespero, um lamento roufenho que soava a despedida - era o amarelo-torrado que jazia golfando borbotões vermelhos do gasnete. Os outros dois reconheceram a derrota, retiraram de rabo entre as pernas, coxeando, cobertos de mazelas. O Soberano levantou-se com esforço, empertigou-se, vacilou, olhou com pundonor a dona e acachapou-se, deitado sobre o ventre, a lamber o sangue das feridas. A Caceteira apeou, seguida por Manuel, aproximaram-se dele, secaram e lavaram as chagas, enquanto o lobo agradecia, babujando as mãos de Cunegundes com a língua áspera. Ergueu-se finalmente, mostrando-se pronto para seguir viagem e lá foi, mancando, atrás das cavalgaduras que retomavam a marcha. Mas havia nos seus olhos castanhos raiados de cintilações amareladas um brilho triste, um presságio que o instinto lhe anunciava.

Na manhã seguinte, o padre Ferreira cedeu aos apelos das origens e à tensão dos sustos. Que desistia. Como receava voltar à paróquia de Enxara, resolvera voltar à aldeia natal, para os lados de Castelo Branco, e não lhe convinha afastar-se mais no rumo que levavam. Adoptava o picoto, para substituir o Judas-Torto, sacristão traidor, que o

rapaz mostrava-se acólito capaz de o ajudar na salvação de almas tentadas pelas ideias dissolutas dos malhados heréticos que estavam no poleiro. Deu-lhes a bênção, de cima do macho, e abalou a corta-mato na direcção Nordeste, com o picoto atrás, na burra ronceira, carregando a cruz de pau-brasil.

Cunegundes e Manuel puderam, enfim, confessar um ao outro que os corações os conduziam de volta a casa. Desciam para o Sul, evitando os povoados e, ao pôr do Sol, aconchegavam-se debaixo das mantas, aguentando as primeiras geadas outoniças, em camas de folhas cor de cobre. Embrenharam-se por fim na serra do Gradil, reconhecendo cada cabeça, cada escarpa, cada árvore. A última noite foram passá-la já à vista da povoação, no moinho da Cotovia de boa memória, sítio inaugural dos amores e dos sonhos. O Soberano velou-os, deitado ao través da porta arruinada. E, aos primeiros alvares da madrugada, virou-se para as montanhas, levantou a cabeça, soltou um uivo prolongado, dolente, como se estivesse respondendo a um apelo irresistível que vinha no vento gelado, através do nevoeiro. Era a despedida. E assim o entenderam, passivos e tristes, Cunegundes e Manuel, vendo-o afastar-se, trotando, gingão, farejando os ares, no rumo da liberdade e das alcateias com quem bravamente haveria de pelejar para reconquistar o seu lugar no mundo dos lobos.

Cunegundes foi recebida no solar de seus pais com uma alegria severa. Aliviada, trocou as calças de surrobeco e a samarra de burel por um vestido de lã verde-escura, o que disfarçava melhor uma gravidez de cinco meses.

Chegava a hora da partida. Na véspera, Filipe fora ao bairro do Castelo despedir-se da mãe Rita. Chorara muito, abraçada a ele, e dissera que nunca mais o veria. O Sr. Inácio liberalizara o abafado de Azeitão e a Ritinha rabujara, a gatinhar em cima da passadeira de trapo.

- Só me fica esta pobre de Cristo, sem pai...

- Nem mãe - acrescentara o Sr. Inácio, muito severo e um pouco

ofendido por ela não o incluir no que sobrava.

Agora, acorreados os últimos malotões e, enquanto esperava o Bavard com os galegos e a sege que os levasse ao cais, relia a última carta de Christine.

«Meu Filipe, Ensino a criança a dizer o teu nome. O de pai já ela conhece, mas como uma ausência que o futuro transformará provavelmente numa verdade inacessível. Os cabelos loiros não surpreendem ninguém, mas os olhos pretos são objecto de buscas genealógicas que me divertem ou me enfadam, consoante as intenções dos investigadores.

Espero-te com impaciência, achando demasiado longo esse rescaldo da guerra. Encontrei, em casa dos meus primos de Argenteuil, Louis de Bourmont, o filho do azarento general barão que durante algum tempo comandou os teus inimigos. Regressou de Portugal há uns meses e está inconsolável por ter sido mais uma vez vencido na sua cruzada, aliás condenada de antemão. De certo modo, admiro estes quixotes que se obstinam em não ver o olho vesgo das suas dulcineias. Mantêm vivo o charme outonal da decadência e animam a *rentrée* com as histórias das suas batalhas perdidas. O romantismo não pode dispensá-los, como realce das suas vitórias e montra das suas virtudes, porque eles são a outra face dos lordes Byron. Desde a Vendeia que se afadigam de derrota em derrota. E já apostam na guerra de Espanha, prometendo galopar nos seus rocinantes em auxílio do infante D. Carlos. São muito capazes de o fazer.

O que me contas sobre o casamento de Nuno de Almeida não me surpreende. Ele foi sempre bastante blasé e a sua opção pela burguesinha do Porto é tanto un *coup de coeur* como un *coup de tête* - amor e desencanto em partes iguais. Far-nos-á falta, porque é uma pessoa de espírito e os salões estão infestados de manequins sem alma nem cérebro. Tenho por ele uma sincera amizade - aproximou-nos sem ser nunca um *go-between*. O seu romantismo liberal foi sempre temperado por uma grande lucidez - percebeu muito bem que estava ajudando a mudar a

história mas que nunca será possível mudar os homens. Não nego que as transformações em curso são radicais na forma - a substituição do egoísmo em nome de Deus pelo egoísmo em nome próprio. Todas as convulsões sociais, a partir de agora, resultarão de conflitos dentro da própria escolástica liberal.

Não penses que estes devaneios resultam da influência perniciosa das teorias de monsieur Guisot ou da memória de elefante de monsieur Thiers. Resultam apenas da observação do que se passa à minha volta.

Estou ansiosa de te ter comigo, de recuperar tanto tempo perdido e de te ouvir contar como o ganhaste, porque tu és como que o salvador querido de todas as ilusões. Conto contigo. Porque te amo.

Tua Christine.”

Filipe reflectia sobre essas distâncias que Christine colocava entre eles e a realidade. Era incapaz de secar a fonte dos ideais, mesmo se considerava como uma cadeia de equívocos as motivações da aclamação⁵ do trono-altar ou da liberdade. A idolatria parecia impor-se sobre a ideia pura - durante a luta, o povo ainda confundia D. Maria II com a Carta Constitucional e julgava que a guerra era entre D. Miguel e Dona Constituição. Era justo o que Christine dizia sobre o egoísmo e a inalterabilidade do homem, mas, embora reconhecendo as razões deste diagnóstico, ele não se sentia defendido dos coups de coeur que resultavam da sua natureza. Era como se tomasse consciência de que, no dia em que não se apaixonasse, em que não vibrasse de entusiasmo ou de indignação, morreria.

Na amurada do brigue Le Havre, levantando os ferros diante do

⁵ Este livro foi digitalizado e distribuído GRATUITAMENTE pela equipe Digital Source com a intenção de facilitar o acesso ao conhecimento a quem não pode pagar e também proporcionar aos Deficientes Visuais a oportunidade de conhecerem novas obras.

Cais da Pedra, Filipe de Villepin e Jeannot le Bavard olham o casario de Lisboa envolvido numa neblina húmida. É o primeiro de Dezembro de 183, seis anos depois da partida para o exílio dum jovem de vinte anos e dum pintor que sonhara ver o mundo sem que para tal tivesse que ser expulso da sua terra. Agora como então, Filipe sabe que os príncipes ainda não aprenderam o exemplo de bem morrer dado pelo Rei dos Reis e Monarca Supremo do Mundo - apenas se extinguem lentamente, como velas ardendo até ao fim, até o pavio se apagar afogado na cera liquefeita. Revê esses anos em que o seu coração oscilou entre a esperança e a desesperança, excessivamente, nas intimidades caprichosas do amor e da morte. Quando julgara voltar às origens, já outras origens o chamavam, e a suposta chegada não passara duma etapa de batalhas em que combatera o tempo que o separava do verdadeiro regresso.

- Avez-vous de la saudade? - perguntou-lhe, pensativo, o Bavard, com o único olho cintilando de emoção.

- Sim. Tenho saudade do futuro...

NOTA BIBLIOGRÁFICA

Para além de preciosos pareceres de alguns amigos familiarizados com vários aspectos da história do século xix, o recurso a numerosos documentos foi naturalmente parte essencial deste trabalho. Este romance deve muito à imprensa da época, à legislação promulgada por D. Miguel e pelo regente D. Pedro e, entre muitas outras obras, sobretudo às que a seguir se nomeiam:

Portugal Contemporâneo, Oliveira Martins.

História da Guerra Civil, Luz Soriano.

História do Cerco do Porto, Luz Soriano.

Memórias, Marquês de Fronteira e Alorna.

O Cerco do Porto, Hug Owen.

Memórias, José Liberato de Carvalho.

História do Cativoiro dos Presos de São Julião da Barra, J. B. Silva Lopes.

Guerra da Sucessão em Portugal, Almirante Napier.

Diário da Guerra Civil, Sá da Bandeira.

A Mocidade de Herculano, Vitorino Nemésio.

Relações Francesas do Romantismo Português, Vitorino Nemésio.

La révolution de Juillet, Jeans-Louis Bory.

La révolution de 1830 en France, G. de Berthier de Sauvigny.

Mémoires d'outretombe, Chateaubriand.

Mes mémoires, Alexandre Dumas.

Memórias dum Miguelista, F. de P. Ferreira da Costa.

D. Miguel e a Sua Época, Paul Siebertz.

A Vida do Duque de Palmela, D. Pedro de Sousa e Holstein, Maria Amália Vaz de Carvalho.

Viagens na Minha Terra, Almeida Garrett.

Revelações da Minha Vida, Luz Soriano.

Mémoires, Madame de Chateaubriand.

Mémoires de ma vie, Charles Rémusat.

Liberais e Miguelistas, Mário Domingues.

História do Romantismo em Portugal, Teófilo Braga.

História da Maçonaria em Portugal, A. H. Oliveira Marques.

Memórias de José Agostinho de Macedo, Inocêncio F. da Silva.

A Besta Esfolada, José Agostinho de Macedo.

O Desengano, José Agostinho de Macedo.

Portugal na Balança da Europa, Almeida Garrett.

Madame Récamier et ses amis, Eduard Herriot.

Choses Vues, 1830-1854, Victor Hugo.

Le rouge et le noir, Stendhal.

A Europa de 1815 aos Nossos Dias, Duroselle.

O Século XIX em Portugal, António Machado Pires.

História de Portugal, Pinheiro Chagas.

Silva Carvalho e o Seu Tempo, António Viana.

Inéditos, Cartas e Outros Escritos, Marquesa de Alorna. Arquivo dos Açores.

Campagnes du Portugal en 1833 et 1834, Barão S. Pardoux.

A Batalha da Asseiceira, Cap. F. Sá Chaves (Arq. Hist. Militares).

La Espana del siglo XIX, Gonzalo Menéndez Pidal.

A Engeitada, Camilo Castelo Branco.

A Bruxa de Monte Córdova, Camilo Castelo Branco.

Mário, Silva Gaio.

Obras de Álvaro Guerra OS MASTINS (1967)

O DISFARCE (1968)

A LEBRE (1970)

MEMÓRIA (1971)

O CAPITÃO NEMO E EU (1973)

DO GENERAL AO CABO MAIS OCIDENTAL (1976)

REFLEXÕES SOBRE A CHINA (1977)

CAFÉ REPÚBLICA (1982)

CAFÉ CENTRAL (1984)

CAFÉ 25 DE ABRIL (1986)

CRIMES IMPERFEITOS (1990)

RAZÕES DO CORAÇÃO (1991)

A GUERRA CIVIL (1993)